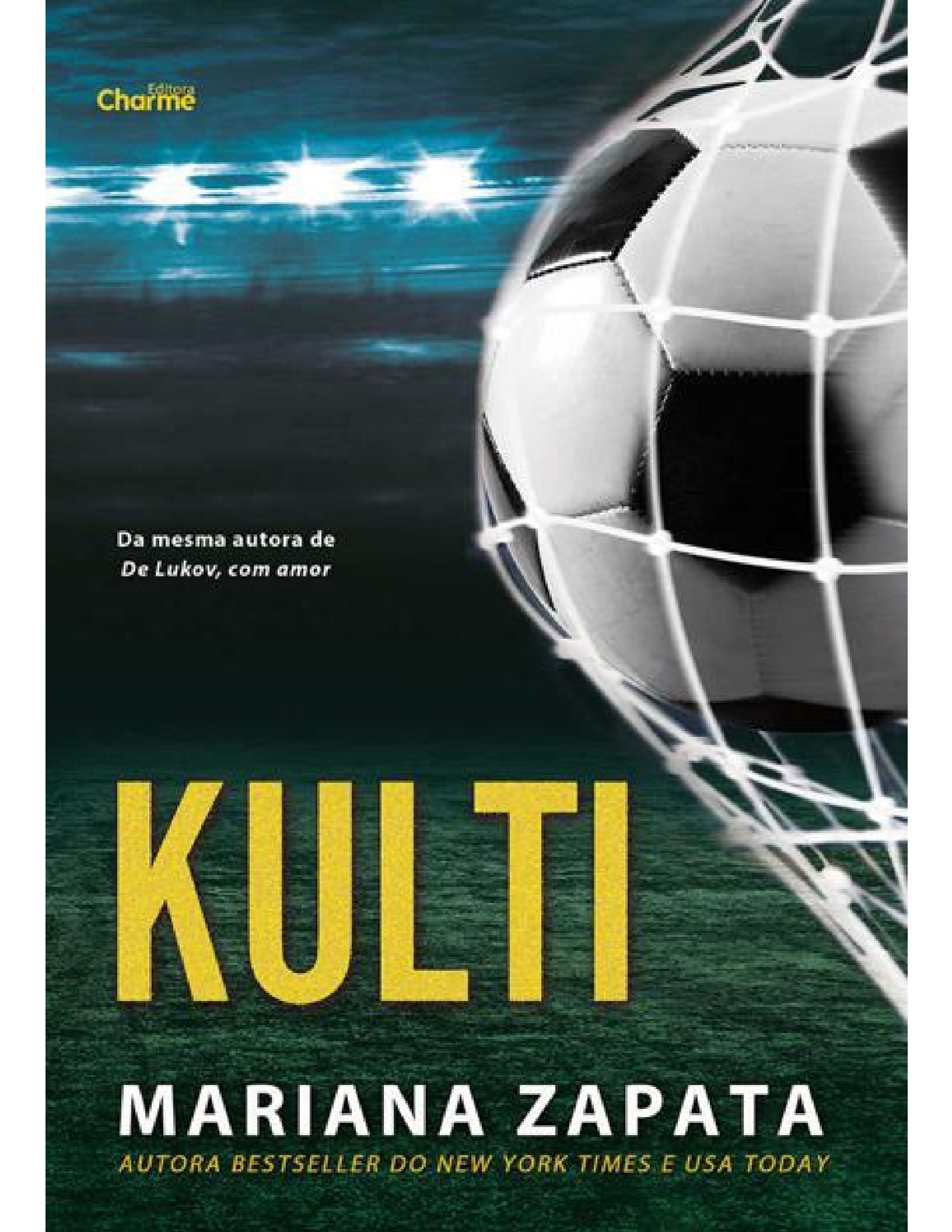




Editora
Charme

Da mesma autora de
De Lukov, com amor

KULTI

MARIANA ZAPATA

AUTORA BESTSELLER DO NEW YORK TIMES E USA TODAY

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

Copyright © 2015. Kulti by Mariana Zapata.
Direitos autorais de tradução © 2022 Editora Charme.

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida sob qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo fotocópias, gravação ou outros métodos mecânicos ou eletrônicos, sem a permissão prévia por escrito da editora, exceto no caso de breves citações consubstanciadas em resenhas críticas e outros usos não comerciais permitido pela lei de direitos autorais.

Este livro é um trabalho de ficção.

Todos os nomes, personagens, locais e incidentes são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com pessoas reais, coisas, vivas ou mortas, locais ou eventos é mera coincidência.

1ª Impressão 2022

Capa e Produção Editorial - Verônica Góes

Tradução - Mariana C. Dias

Preparação - Monique D'Orazio

Revisão - Editora Charme

Imagens - AdobeStock

Esta obra foi negociada por Agência Literária Riff Ltda, em nome de
DYSTEL, GODERICH & BOURRET LLC.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Z37k

Zapata, Mariana
Kulti / Mariana Zapata ; tradução Mariana C. Dias. - 1. ed. - Campinas [SP] :
Charme, 2022.
568 p. ; 23 cm.

Tradução de: Kulti
ISBN 978-65-5933-094-2

1. Romance americano. I. Dias, Mariana C. II. Título.

22-80593

CDD: 813
CDU: 82-31(73)



Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

Editora
Charme

www.editoracharme.com.br

DEDICATÓRIA

Para meu pai.

*Meu amigo, meu companheiro,
meu campeão, meu cúmplice e
meu parceiro sempre que precisei de você.
Qualquer pai que eu tente escrever vai ser
uma imitação malfeita sua.*

Eu te amo, cara.

*(Então pare de dirigir como um louco,
preciso de você aqui por um bom tempo.)*



Pisquei, e então pisquei de novo.

— O que foi que você disse?

O homem sentado do outro lado da mesa se repetiu.

Mesmo assim, encarei-o. Eu tinha entendido direito da primeira vez; ele havia falado em alto e bom som. Sem problemas. No entanto, meu cérebro não conseguiu entender a frase que tinha saído da boca dele. Compreendi cada uma das palavras, mas uni-las, naquele momento, estava além da minha capacidade.

Basicamente, era impossível.

— Eu preciso de você, Sal — insistiu o treinador Gardner, o homem que estava me pedindo o impossível.

Recostei-me na cadeira do escritório e analisei o cabelo grisalho, o rosto macio e sem rugas e a camisa polo do Houston Pipers que ele vestia. Para alguém com seus quarenta e poucos anos, ele continuava bonitão. Louco e fora de si, mas bem jeitoso.

Só que o assassino em série Jeffrey Dahmer também tinha sido bonito, então boa aparência não era exatamente a melhor escala para se medir a saúde mental de uma pessoa.

Relaxe, respire fundo e se recomponha, Sal. Foco. Eu precisava focar em outra coisa para relaxar. Escolhi as paredes da sala.

Uma fileira organizada de diplomas pendurada à direita. De cada lado, fotos com o filho e outras fotos emolduradas das atletas do Pipers em campo, ao longo dos anos. Minha preferida era a do time do ano anterior, quando ganhamos o campeonato da Liga Profissional Feminina: ele, no meio do grupo com o troféu que era uma monstruosidade de quase um metro de altura, bem alto sobre a cabeça. Eu estava ao lado dele, segurando a bola do

jogo debaixo de um braço e o outro ao redor de Jenny, a goleira do nosso time. Eu tinha a mesma foto na minha casa, uma lembrança constante dos frutos de vinte anos de trabalho duro. Além disso, era minha motivação nas manhãs em que me sentava na beira da cama, parecendo — e me sentindo — mais morta do que viva, para me levantar e correr meus oito quilômetros diários.

— Sal — disse o treinador principal do time, repetindo meu nome. — Você nunca me decepcionou antes. Fala sério — ele me repreendeu com a voz baixa e brincalhona que passava a impressão de que eu tinha escolha.

Só que não.

Pensar no que ele queria que eu fizesse bastou para deixar o meu coração acelerado. Meu sistema nervoso enfraqueceu no instante em que ele disse as palavras “você” e “coletiva de imprensa” na mesma frase, minutos antes. Então, quando falou “hoje”, meu cérebro me desejou boa sorte e desligou. Eu não sabia mais o que fazer além de olhar para ele com o rosto pasmo.

Eu. Coletiva de imprensa. Hoje.

Preferiria fazer um tratamento de canal, doar um rim ou ficar constipada. É sério.

Não dei muita bola para o fato de Gardner ter me ligado na noite anterior. Não pensei duas vezes quando me pediu para ir até seu escritório na sede do Pipers por que havia algo que queria conversar comigo pessoalmente. Eu deveria ter alegado algum tipo de intoxicação alimentar ou cólicas terríveis, na tentativa de escapar, mas agora era tarde demais.

Eu tinha caído direitinho na armadilha dele — física e emocionalmente.

Câmeras. Muitas câmeras.

Ah, Deus, eu estava prestes a vomitar só de pensar naquilo.

A primeira coisa em que pensei foi: não. Por favor, *não*. Algumas pessoas tinham medo de altura, do escuro, de palhaços, de aranhas, de cobras... Nunca zombei de ninguém quando ficavam com medo, mas o medo assombroso que eu sentia de falar na frente de uma câmera com um grupo de pessoas me observando tinha feito com que me chamassem de “banana” pelo menos umas cem vezes, principalmente o meu irmão — o que, ainda assim, machuca.

— Vai me falar que não consegue? — Gardner levantou a sobrancelha,

cimentando o fato de que não me daria escolha enquanto me fisgava com palavras que sabia que eu não ia ignorar. Ali estava eu, na sala dele às dez da manhã, porque ele queria que fosse eu e mais ninguém.

Filho da mãe.

Se eu fosse uma pessoa mais fraca, meu lábio inferior teria começado a tremer. Poderia ter até piscado e olhado para o teto para não chorar, porque nós dois sabíamos muito bem que eu não conseguiria lhe dizer não. Eu não recusaria.

Mesmo se acabasse comigo, faria o que o treinador queria. Era no que ele também estava apostando. Porque eu era a idiota que não fugia de uma provocação. O braço quebrado que ganhei depois que me disseram que eu não conseguiria escalar aquela árvore gigante quando eu tinha onze anos deveria ter me ensinado que recuar de vez em quando era a coisa a certa a se fazer, mas não ensinou.

Mentalmente, calcei minhas Meias de Garota Crescida — o equivalente aos Saltos de Mulher Adulta, porque meu pai achava a expressão exagerada.

— Deixe comigo. — Fiz uma careta, o que provavelmente me deixou com cara de que estava sofrendo uma lavagem intestinal. — Mas... G, por que não pode ser a Grace? Ou a Jenny? Você sabe que elas costumam fazer todas as entrevistas e coisas assim. — Afinal, eu, sem qualquer sombra de dúvida, evitava aquele tipo de coisa, pelo menos as que me colocavam na frente das câmeras.

— Não chamei a Grace porque pensei que seria uma boa ideia ser você dessa vez — ele explicou, referindo-se à capitã veterana do time. — E a Jenny só chega no domingo.

Pisquei mais algumas vezes, quase vomitando e me molhando toda ao mesmo tempo. Minha perna já tinha começado a balançar. Apoiei a mão nela, tentando pará-la.

Gardner deu um sorriso manso, inclinando-se sobre a grande mesa de vidro, com as mãos entrelaçadas.

— Você não me perguntou o motivo da coletiva.

Como se eu desse a mínima. Poderia ser porque alguém tinha encontrado a cura para o câncer — ainda assim, não importaria. Eu ainda tentaria não me descontrolar. Meu coração batia mais rápido por causa da menção da palavra

com C, mas me obriguei a parecer que não estava lutando contra um ataque de pânico.

— Tudo bem, qual é o motivo da coletiva? — perguntei, devagarinho.

O treinamento do nosso time de futebol para a pré-temporada começava dali a uma semana e meia, então acho que presumi, no meu subconsciente, que seria esse o motivo.

Mas a frase anterior mal tinha saído da boca do técnico quando ele começou a sorrir, olhos castanhos arregalados. Inclinou-se para a frente e disse algo que era igualmente ruim, se não pior, do que me pedir para participar da coletiva de imprensa. Dezenove palavras que eu não estava preparada para ouvir. Dezenove palavras que eu não fazia ideia de que estavam prestes a mudar a minha vida.

— Acabamos de receber a confirmação de que o Reiner Kulti vai assumir a vaga de auxiliar técnico nesta temporada — explicou Gardner, seu tom implicando que “essa é a melhor coisa que poderia acontecer na vida”.

Mas meu rosto disse: “Não, é claro que não é”.

Levou um tempo para o sorriso dele minguar e para uma expressão confusa dominar seu rosto, mas aconteceu. Desmoronou como uma torre de Jenga, devagar e completamente.

Ele me olhou feio.

— Por que você está com essa cara?



Eu tinha sete anos quando vi Reiner Kulti pela primeira vez na televisão. Ainda me lembro do momento exato em que ele apareceu na telinha. Era a semifinal da Copa Altus — o torneio que acontecia a cada três anos e incluía todas as seleções nacionais de futebol ao redor do mundo, que se eliminavam ou se qualificavam em rodadas de mata-mata. Era o evento esportivo mais televisionado no mundo.

E por que não seria? Futebol, também conhecido como “futebol de verdade, não o americano”, ou *fútbol* em espanhol, era o esporte mais jogado em todos os continentes habitados. Não era discriminatório. Era possível ser alto, pequeno, magro, pobre ou rico. Só era preciso uma bola que estivesse ao menos meio cheia e algo para servir de gol — o que poderia ser qualquer

coisa: latinhas de refrigerante, garrafinhas de água, chinelos. Literalmente qualquer coisa. Era possível ser menino ou menina. Ter ou não uniforme. E, como o meu pai dizia, tecnicamente, não era necessário nem mesmo estar calçado.

Como o meu irmão jogava e amava — e, por alguma razão, naquela época, eu achava que ele era a pessoa mais legal do mundo —, fiz os meus pais me colocarem em um time quando eu tinha uns seis anos. Minha mãe, por outro lado, ficou um tanto horrorizada e também me matriculou no karatê e na natação, mas uma pequena parte de mim sempre soube que gostava mais de futebol do que de qualquer outra coisa.

Pela família do meu pai, vim de uma longa linhagem de fanáticos por futebol. Os Casillas não jogavam muito, mas eram fãs de coração. Com a exceção do meu irmão mais velho, que aparentemente demonstrava interesse e talento naquele esporte desde que tinha dado o primeiro passo, todos os outros apenas assistiam.

Mas pelo que me lembro, e pelas centenas de vezes que meu pai recontou a história, meu irmão e ele estavam discutindo, antes do jogo começar, se a Espanha acabaria com a Alemanha ou não. E, pouco depois do intervalo, a maioria dos jogadores da Alemanha teve que ser substituída por causa de uma ou outra lesão.

Eric, meu irmão, já tinha dito: “Acabou para a Alemanha”. Mas meu pai argumentou que ainda havia tempo para qualquer um dos times marcar um gol.

Ainda claro como a luz do dia, vejo na minha mente o adolescente de dezenove anos, com seu rostinho jovem, entrando em campo. Era o último jogador do time que teria a chance de ser escalado, a primeira vez do cara jogando no cenário internacional. Com cabelo castanho-claro que parecia ainda mais claro por causa da nossa televisão velha cheia de estática, rosto sem barba, corpo longo e esguio e... Ah, cara, ele era o jogador mais jovem e bonitinho que eu tinha visto na Copa Altus até então.

É verdade, era para estar acabado para a Alemanha. Tudo conspirava contra eles. Caramba, até mesmo os próprios fãs deviam estar contra eles àquela altura.

Mas, ainda assim, parecia que ninguém tinha passado o recado ao time.

Em algum momento entre os quarenta e cinco minutos do começo do

segundo tempo e os noventa minutos que marcavam o fim do tempo regular, aquele garoto magricela de rosto bonito — que não poderia ser muito mais velho do que eu, mas era — conseguiu roubar a bola de um espanhol quase no gol da Alemanha e correu. Correu, correu e, por algum milagre, desviou de todos os adversários que vieram atrás dele.

E marcou o gol mais lindo e implacável do mundo no canto superior direito da rede. A bola pareceu viajar pelo ar com uma passagem só de ida para os livros dos recordes.

Meu pai gritou. Eric berrou. Droga, o estádio todo e os narradores enlouqueceram. Aquele cara, que nunca tinha jogado em um campeonato daquele nível, fez algo que ninguém esperava dele.

Foi um daqueles momentos que levantavam o ânimo de qualquer um. É claro, não fomos nós que fizemos algo especial, mas parecia que tinha sido. A impressão era de que poderíamos fazer qualquer coisa por causa do que aquela outra pessoa tinha realizado.

Aquele momento me lembrou de que tudo era possível.

Sei que fiquei parada lá, gritando junto com o meu pai, porque ele estava berrando, e aquilo parecia ser a coisa mais apropriada a se fazer. Mas, mais do que isso, sei que pensei que aquele Kulti, o número oito da seleção alemã, que mal parecia ter idade para dirigir, era o jogador mais incrível do mundo naquele ano.

Fazer algo que ninguém acreditava que você conseguiria...

Jesus. Agora, adulta, consigo olhar para trás e entender por que aquilo me marcou tanto. Faz total sentido. As pessoas ainda se lembram daquele gol quando falam dos melhores momentos da história da Copa Altus.

Qual foi o momento exato que me fez tomar a decisão de correr atrás daquele sonho nos gramados com dois gols e uma bola axadrezada branca e preta? Aquele momento. Foi aquele gol que mudou tudo. Foi o exato instante no qual decidi que queria ser igual àquele cara. Eu queria ser a heroína.

Dediquei minha vida, meu tempo e meu corpo ao esporte, tudo por causa do jogador que comecei a acompanhar, apoiar e amar com todo o meu pequeno coração. Meu santo patrono do futebol: Reiner Kulti. Para ele, foi o momento que mudou sua carreira. Transformou-se na salvação da Alemanha, a estrela do país. Nos vinte anos seguintes de carreira, ele virou o melhor, o

mais popular e o mais odiado.

E também houve toda aquela coisa de tenho-pôsteres-dele-em-todas-as-minhas-paredes até eu fazer dezessete anos, e aquela outra de eu-falar-para-todo-mundo-que-ia-me-casar-com-ele.

Antes dos pôsteres e dos anúncios de casamento, houve as cartas que me lembro de lhe escrever quando criança. “Sou a sua fã número um”, rabiscado em cartolina com canetinhas e giz de cera. Nunca recebi resposta.

Mas guardei esse fato só para mim.

Afinal de contas, fazia dez anos que eu havia arrancado os pôsteres em um ataque de raiva, bem quando o homem que se tornou Reiner “O Rei” Kulti — pela boca dos fãs, porque era um dos atletas mais explosivos e criativos no esporte — se casou.

Quero dizer, será que ele não sabia que deveríamos ter nos casado e tido super-bebês-jogadores-de-futebol? Que ele deveria se sentar ao meu lado em um avião um dia e se apaixonar por mim de imediato? É, aparentemente, ninguém o tinha avisado, e ele acabou se casando com uma atriz cujos seios pareciam desafiar a gravidade.

E, menos de um ano depois, ele fez outras coisas que eu não poderia perdoar.

Gardner não sabia de nada daquilo.



Endireitei a postura na cadeira, diante do mesmo treinador com quem eu trabalhava nos últimos quatro anos, e dei de ombros. *Por que eu estava com aquela expressão?* Aquela expressão de alguém que não estava nem um pouco animada?

— G, você sabe o que aconteceu entre ele e o meu irmão, não sabe?

Àquela altura, esperei que ele não soubesse, porque tinha ficado animado demais ao me contar da contratação de Reiner Kulti.

Mas Gardner assentiu e sacudiu os ombros. No rosto, uma expressão ainda confusa.

— É claro que sei. Por isso você é a pessoa ideal para a coletiva, Sal. Além da Jenny e da Grace, você é a jogadora mais conhecida e adorada da equipe. Do que eles te chamam mesmo, de “a queridinha do estado”?

Queridinha do estado. Credo. Aquilo me fazia sentir que estava no ensino médio, concorrendo ao prêmio de rainha do baile, em vez de ter sido a garota que faltou a todos os bailes porque, na maioria das vezes, tinha um jogo.

— O Kulti quebrou...

— Eu sei o que ele fez. A assessoria de imprensa mencionou o que aconteceu entre o Kulti e o Eric na reunião ontem à noite, quando nos contaram que ele tinha sido contratado. Ninguém quer que a temporada vire uma novela. Você nas câmeras, mostrando aquele seu sorriso a todos, é exatamente do que o time precisa. Não é nada complexo, e todo mundo tem que estar no mesmo barco para podermos focar na equipe e não no drama que aconteceu já faz anos. São dez, vinte minutos no máximo. Você, eu e ele. Você vai responder a algumas perguntas e pronto. Não vou fazer você passar por isso de novo, eu juro.

A primeira coisa que veio à minha mente foi simples: é tudo culpa da tíbia e da fíbula do Eric.

Eu quis bater a cabeça na mesa que me separava de Gardner, mas consegui me controlar. Em vez disso, o medo congelou minha barriga. Senti até dor, e tive que pressionar a mão contra ela, como se fosse ajudar a amenizar o sofrimento. Então suspirei outra vez e aceitei a realidade por trás das palavras de Gardner.

A liga se tratava de valores familiares, moral e tudo que era íntegro. Eu havia aprendido aquela lição do jeito difícil, e a última coisa que eu queria era ignorar o que precisava ser feito para manter a fachada. É sério, havia garotas pelo mundo que cortariam a minha garganta para estarem no meu lugar. E, talvez, encontrar Kulti logo antes de uma coletiva de imprensa fosse exatamente do que eu precisava.

Acabar logo com aquilo, superar e seguir em frente. Não acompanhei a carreira dele na última década, e o cara havia se aposentado da Liga Europeia fazia dois anos. Desde então, perdera o posto de celebridade conquistado com todos os seus feitos. Teve uma época em que não dava para ir ao shopping sem se deparar com o rosto dele na propaganda de alguma coisa.

— Eu entendo — resmunguei e joguei a cabeça para trás, encarando o teto. — Deixe comigo.

— Essa é a minha garota.

Quase não venci minha luta interna contra a vontade de chamá-lo de babaca sádico por me obrigar a fazer algo que quase me dava urticárias.

— Não posso prometer que não vou gaguejar durante toda a coletiva, nem que não vou vomitar na primeira fila, mas farei o meu melhor.

E, depois, puta merda, eu socaria Eric bem em seu maldito rim na primeira chance que eu tivesse.



Você consegue, Sal. Você consegue.

Quando eu era mais nova, e o meu pai me pedia para fazer algo que eu não queria, o que geralmente só acontecia se fosse alguma coisa que me deixasse horrorizada — por exemplo, tentar matar alguma daquelas baratas voadoras gigantes que se esgueiravam para dentro de casa —, ele apontava o dedo para mim e dizia, em espanhol: “*¡Sí, puedes!*”. Você consegue. Então, mesmo se eu estivesse chorando ao entrar no cômodo armada com um chinelo, bem onde estava o inseto vindo do quinto dos infernos, eu fazia exatamente o que não queria fazer.

“Eu posso e eu consigo”, era o mantra que eu levava no coração o tempo todo. Não gostava de pessoas me dizendo que eu não conseguia fazer algo, mesmo se eu não quisesse fazê-lo. Foi assim que o treinador Gardner me fez aceitar participar da entrevista.

Eu conseguiria. Conseguiria estar na mesma sala que Reiner Kulti. Acomodar-me a alguns assentos dele pela primeira vez na vida, diante de diversos canais televisivos. Não seria nada de mais.

Por dentro, eu estava me encolhendo em posição fetal como um tatu-bola, desejando que, por favor, eu virasse cinzas mais cedo ou mais tarde. Aquele terror, minha fobia, eram totalmente absurdos. Ninguém nunca diz que o medo é racional, porque não é. É idiota e irracional. Numa escala de zero a dez, merecia a nota cinquenta quanto a ser uma merda.

— Pronta? — Gardner perguntou enquanto esperávamos o começo da coletiva. Os jornalistas e repórteres faziam tanto barulho na sala ao lado, que estavam me fazendo passar mal. Como é que eu tinha ido parar ali? Geralmente, eu não era a primeira escolha na fila de jogadoras requisitadas para eventos de imprensa como esse, e havia uma razão para isso.

Eu até podia jogar na frente de milhares de pessoas; mas, assim que as

câmeras chegavam a trinta metros de mim, eu simplesmente desligava. Era que nem o Ricky Bobby, em *A Toda Velocidade*. Eu tinha certeza de que existia um vídeo meu fazendo gestos terríveis com a mão durante uma entrevista em algum lugar. Três coisas sempre apareciam e me faziam parecer uma idiota: gagueira, suor e tremedeira. Tudo de uma vez.

Parecia que eu tinha acabado de passar as mãos pela minha lombar depois de uma longa corrida, as axilas suadas... a perna tremendo. As duas pernas tremiam. Eu sabia que as coisas estavam prestes a ficar complicadas quando minhas pernas tremiam.

Mas, em vez de admitir que estava nervosa, enfiei as mãos nos bolsos, agradei a Deus que o moletom que vesti pela manhã era folgado o bastante para ninguém notar que minhas pernas tinham vida própria, e forcei um sorriso.

— Pronta — menti através dos dentes cerrados.

Infelizmente, ele me conhecia bem demais para notar que eu estava mentindo na cara dura, porque Gardner gargalhou. Uma mão se apoiou no meu ombro, e ele me deu uma sacudidela.

— Você está um caco. Vai dar tudo certo.

Uma mulher da assessoria de imprensa espiou pelo canto do corredor e franziu a testa antes de desaparecer outra vez.

Eu não conseguiria.

Eu conseguiria.

Depois de uma tosse seca, disse a mim mesma: *Eu consigo. Eu consigo, sim.*

Minha perna chacoalhou ainda mais quando alguém se aproximou do microfone na outra sala.

— Precisamos de um minuto, por favor.

Ah, Deus.

— Acho que acabei de golpear na boca — murmurei mais para mim mesma do que para Gardner.

— Vai dar tudo certo — ele me assegurou com um sorriso compreensivo.

Pigarreei e assenti para ele, implorando a mim mesma que me acalmasse. Inspirei e expirei rapidamente algumas vezes antes de, por fim, sugar o ar em uma inspiração profunda e segurar, como eu fazia quando estava agitada

demais antes de um jogo.

É, não ajudou.

Minha barriga inchou com a náusea e tive que engolir a bile.

— Falando nisso, onde ele está? — indaguei.

Gardner deu uma olhada ao redor da sala, como se a pergunta o tivesse pegado de surpresa.

— Olhe, eu não faço ideia. Talvez o tenham colocado em uma sala diferente?

Descobrimos a resposta um segundo mais tarde, quando a mesma pessoa da assessoria de imprensa voltou, os cantos da boca curvados para baixo.

— Temos um problema.



— Sal, não.

— Sim.

— Sal, eu não estou brincando. Nem um pouco. Por favor. *Por favor.* Diga que você está brincando.

Encostei a cabeça na cabeceira e fechei os olhos, permitindo-me dar um sorriso triste de derrota. Estava tudo perdido. Aquela tarde tinha sido real, e não havia escapatória. Então contei a verdade para Jenny.

— Ah, mas aconteceu.

Ela resmungou.

Jenny era uma amiga de verdade, daquelas que sentia a pior parte da dor por você, que sofria junto. Ela soltou um resmungo que eu poderia ter ouvido a milhares de quilômetros de distância. Minha humilhação também era a dela. Jenny Milton e eu nos tornamos amigas no instante em que nos conhecemos na concentração da seleção dos Estados Unidos — as “melhores” jogadoras do país —, há cinco anos.

— *Não* — ela resmungou, engasgando-se. — *Não*.

Ah, sim.

Suspirei e revivi meus vinte minutos na frente das câmeras naquela tarde. Eu queria morrer. Não iria tão longe ao ponto de dizer que tinha sido a pior coisa que me aconteceu, mas, com certeza, tinha sido um daqueles poucos momentos em que seria ótimo poder voltar no tempo e agir de forma diferente. Ou, pelo menos, poderia ser como em *Brilho Eterno de uma Mente sem Lembranças* e eu tivesse como fingir que nada daquilo havia acontecido.

— Vou pintar o cabelo, mudar de nome e me mudar para o Brasil — disse a ela, sem emoção.

E o que ela fez? Riu. Riu e, depois, bufou. Então riu mais um pouco.

O fato de que não tentou me falar que estava tudo bem significava que eu não estava tendo uma reação exagerada ao que havia transcorrido algumas horas antes.

— Quais são as chances de ninguém nunca chegar a ver a coisa toda?

Jenny soltou um barulho que me deu a impressão de que ela estava realmente considerando a resposta.

— Acho que mínimas. Desculpa.

Curvei a cabeça e enchi o peito em uma risada sofredora, um choro seco.

— Em uma escala de zero a dez, quanto estou ferrada?

Não houve nenhuma resposta até que ela veio. E foi aguda e rápida. Um riso estridente me avisou que Jenny sentia a gargalhada da cabeça aos pés. Ria como todas as outras vezes em que eu tinha feito algo terrivelmente vergonhoso. Como acenar para um estranho que eu achava estar acenando para mim; não estava, e havia outra pessoa atrás de mim. Ou como aquela vez que escorreguei no piso recém-lavado e bati com a bunda no chão.

Eu não deveria ter esperado nada diferente.

— Sal, você realmente... ?

— Sim.

— Na frente de todo mundo?

Grunhi. Não conseguia nem pensar naquilo sem querer jogar tudo para cima e procurar uma caverna onde pudesse hibernar para sempre. Aquilo, agora, estava no passado, e a vida continuaria. Dali a dez anos, ninguém se lembraria, mas...

Sim. Eu me lembraria.

E Jenny. Jenny se lembraria, ainda mais se ela, algum dia, encontrasse a gravação. E encontraria, eu sabia. Ela provavelmente já estava fuçando sites em busca do vídeo de Sal Casillas em uma daquelas compilações que o pessoal fazia — Vídeos da Semana.

— Dá para você parar de rir? — explodi no telefone quando ela continuou rindo.

E gargalhou ainda mais alto.

— Um dia, eu paro!

— Vou desligar na sua cara, sua vagabunda.

Ouvi um riso agudo seguido de outro e, depois, ainda mais um, só que, agora, estridente.

— Me... dê... um... segundo — ela disse, ofegante.

— Sabia que eu te liguei porque você é a pessoa mais legal que conheço? Pensei: “Quem será que não vai me zoar?”. A Jenny. A Jenny não vai me zoar. Muito obrigada mesmo.

Ela arfou, então, riu mais. Eu não tinha qualquer dúvida de que ela estava repassando meu dia em sua cabeça e, finalmente, apreciando o humor naquilo — o humor que qualquer um apreciaria, desde que não fosse você mesmo a ter se envergonhado na frente da imprensa.

Afastei o celular do rosto e posicionei o dedo acima do botão vermelho, imaginando como seria desligar a chamada.

— Certo, tudo bem. Estou bem agora. — Ela fez uns exercícios de respiração esquisitos para se acalmar antes de, por fim, recuperar-se. — Certo, *certo*. — Um chiado escapou pelo nariz dela, mas durou apenas meio segundo. — Tudo bem. Então ele não apareceu? Explicaram por quê?

Kulti. Aquela tarde todinha havia sido culpa dele. Tudo bem, era mentira. Tinha sido culpa minha.

— Não. Disseram que teve algum problema com a viagem ou algo assim. Por isso obrigaram o Gardner e eu a darmos a coletiva sozinhos.

Insira aqui o meu choro imaginário.

— Suspeito demais — Jenny comentou, soando quase normal. Quase. Já a imaginava apertando o nariz e mantendo o telefone longe do rosto enquanto se acabava de rir. Babaca. — Aposto que ele estava almoçando e dando uma olhada nas próprias propagandas on-line.

— Ou revendo gravações antigas e se autocriticando.

— Contando quantos relógios tem em sua coleção...

Pelo que me lembrava, Kulti tinha mesmo um contrato com alguma marca de relógios.

— É provável que tenha ficado sentado em uma câmara hiperbárica lendo matérias sobre ele mesmo.

— Essa foi boa. — Eu ri, parando só quando o celular apitou duas vezes. Um número longo com o código de área 52 piscou na tela, e levei só um segundo para compreender quem me ligava. — Ei, tenho que desligar, mas

vejo você no treino segunda-feira; seu melhor amigo está me ligando.

Jenny riu.

— Tudo bem, fale para ele que eu disse oi.

— Pode deixar.

— Tchau, Sal.

Revirei os olhos e sorri.

— Até. Tenha uma boa viagem — desejei, antes de clicar na tela para atender a ligação.

Não tive chance de dizer nada antes de uma voz masculina do outro lado da linha dizer: — Salomé.

Ah, Deus. Ele estava sério. Foi o jeito que disse, mais para dentro do que para fora, todo *Sa-lo-meh*, em vez do “Sal!” que sempre irrompia de sua boca quando eu tinha quebrado algo insubstituível. Ninguém nunca me chamava pelo meu nome inteiro, muito menos meu pai. Acho que, sempre que ele fazia isso, falava seríssimo... como quando tentava me dar uma coça porque minha mãe achava que eu tinha feito algo idiota e queria que ele tomasse uma atitude. Teve aquela vez em que me envolvi em uma briga durante um jogo, quando tinha quinze anos, e fui expulsa. Para ser sincera, ele nunca me puniu de verdade. A ideia dele de disciplina eram afazeres — muitos e muitos afazeres enquanto, em segredo, elogiava meu gancho quando minha mãe não estava por perto.

Então, quando meu pai continuou falando, não consegui segurar o riso: — É um sonho? Eu estou sonhando?

Puxei a coberta para baixo, tirando-a do rosto, para falar com ele. A primeira coisa que eu disse foi: — Não. Você só está enlouquecendo.

E ele era louco. Louco de amor, brincava minha mãe. Sendo um arrogante no mundo do futebol, meu pai era igualzinho aos estrangeiros: não era fã de futebol nos Estados Unidos, se eu ou meu irmão não estivéssemos envolvidos. Ou Reiner Kulti, também nomeado “O Rei”, pelos fãs, e “O *Führer*”, por quem o odiava até o último fio de cabelo. Meu pai gostava de dizer que não conseguia evitar gostar de Kulti, que era bom demais, talentoso demais. O cara havia jogado no time preferido do meu pai pela maior parte da carreira, com a exceção de uma passagem de dois anos no Chicago Tigers. É,

isso também tinha que ser levado em conta. Meu pai vestia quatro camisas: a da seleção mexicana, a de cada clube ou equipe em que o Eric havia jogado, a minha e a do Kulti. Não preciso nem dizer que ele vestia a do Kulti com muito mais frequência do que alguém com dois filhos jogadores de futebol profissionais deveria, mas nunca levei para o lado pessoal.

Nós três — sem contar minha mãe e minha irmã mais nova — tínhamos passado horas e mais horas assistindo a todos os jogos do Kulti. Gravávamos no videocassete os que não conseguíamos ver na hora e, depois, no DVR. Eu ainda era jovem o bastante para o alemão de quase um metro e noventa causar o maior impacto possível na minha vida. É claro, Eric jogava bola desde que eu me entendia por gente, mas a influência do Kulti foi diferente. Era como se uma força magnética me atraísse ao campo dia após dia, fazendo com que eu acompanhasse Eric sempre que podia, porque ele era o melhor jogador que eu conhecia.

E aconteceu que meu pai embarcou naquilo comigo, alimentando minha adoração por aqueles heróis.

— Eu estava sentado aqui, comendo, quando sua prima entrou correndo em casa... — Meus pais estavam visitando minha tia no México — ... e me mandou ligar a TV.

Lá vinha...

— *Por que você não me contou?*

— Eu não podia! Ninguém podia contar para ninguém até ser oficial, e descobri logo antes de me obrigarem a fazer a coletiva.

Houve uma pausa, então, um engasgo do lado dele da linha. Meu pai disse algo como *Dios mío* baixinho. Em um sussurro, perguntou: — Você fez uma coletiva de imprensa? — Ele não podia acreditar.

Meu pai não tinha visto nada. Obrigada, Deus.

— Foi tão ruim quanto você deve estar imaginando — avisei a ele.

Meu pai fez outra pausa, absorvendo e analisando o que eu tinha dito. Aparentemente, decidiu ignorar o anúncio de que fui uma idiota na frente das câmeras antes de perguntar: — É verdade? Ele é seu novo técnico? — ele fez a pergunta de forma tão hesitante, tão lenta, que, se fosse possível amar meu pai ainda mais, mas não era, eu sabia disso, eu amaria.

Por alguma razão estranha, tive um vislumbre mental do rosto do Kulti,

com seus vinte e poucos anos, no meu caderno de matemática do segundo ano do ensino médio. Aff.

— Sim, é verdade. Ele vai ser nosso novo auxiliar, já que a Marcy foi embora.

Em meio a um suspiro esquisito e trêmulo, meu pai murmurou: — Eu vou desmaiar.

Irrompi em ainda mais risos na mesma hora que um bocejo tentou rastejar para fora de mim. Fiquei acordada maratonando comédias britânicas na Netflix até reunir forças para ligar para Jenny e contar minha história. Eu sabia que era quase meia-noite, e que isso era tarde demais para minha habitual hora de dormir, como a velha senhora que eu era: às dez ou até onze horas da noite, se eu estivesse realmente muito doida, mas sabia que ela ficaria em Iowa por mais dois dias e que estaria acordada.

— Você é tão dramático.

— Sua irmã é mais — ele se queixou.

Meu pai tinha razão.

— Você não está mentindo? — ele continuou falando em espanhol. E, por falando, na verdade, quero dizer que parecia mais que estava ofegando.

Resmunguei, empurrando a coberta para baixo da cintura.

— Não, pai. Caramba. É verdade. O sr. Cordero, nosso diretor-geral, aquele idiota de que falei para você, enviou um e-mail para a equipe logo depois — expliquei.

Meu pai ficou quieto por um momento; o único som pelo alto-falante era sua respiração. Eu estava morrendo um pouco com a reação dele. Quero dizer, não fiquei surpresa com ele estar lidando com seu próprio revirar de estômago. Acho que haveria algo errado se ele não estivesse agindo como se esse não fosse um dos melhores momentos de sua vida.

— Estou meio zozzo...

Aquele homem era patético.

Houve uma pausa, e, com uma voz baixinha que não combinava em nada com a pessoa que podia ser ouvida gritando *GGGGGGGGGGOOOOOOOOOLLLLLLLLLLLL* por todo o quarto, meu pai coaxou: — Minhas mãos... minhas mãos estão tremendo... — ele voltou

a falar em inglês, a voz aflita.

Meu corpo todo chacoalhava com o riso.

— Pare com isso.

— Sal. — O tom dele afinou, baixando demais para um homem cuja voz só tinha dois volumes: alto e mais alto ainda. — *Voy a llorar*. Você vai estar no mesmo campo que ele.

Eu tinha que parar. Minha barriga começou a doer de tanto que meu pai estava me fazendo rir. Não mencionei Eric, não era como se algum de nós fosse esquecer pelo que ele havia passado; mas aquilo ali, do outro lado da linha, era amor verdadeiro — cego e incondicional.

— Pai, pare. — Não consegui parar de rir porque eu o conhecia e sabia que ele estava sendo totalmente honesto.

Ele não era de chorar muito. Chorou quando fui convocada para a equipe do Sub-17, a seleção nacional para garotas abaixo dos dezessete anos, e quando fui para o time do Sub-20. A única outra vez que me lembro de tê-lo visto com lágrimas nos olhos foi no dia em que o pai dele morreu. Quando fui convocada para a liga profissional, ele só comemorou e pareceu muito mais confortável com a situação toda do que eu. Tenho quase certeza de que fiquei tão nervosa que havia manchas de suor na minha bunda.

— Ele vai ser seu técnico — ele guinchou, e guinchou *mesmo*.

— *Eu sei*. — Eu ri dessa vez. — Recebi uns dez e-mails de pessoas que conheço me pedindo confirmação. Vocês são todos loucos.

Meu pai simplesmente se repetiu: — Ele vai ser seu técnico.

Apertei o nariz para me impedir de fazer qualquer barulho.

— Eu te aviso quando tivermos algum treino aberto, assim você vai poder conhecê-lo.

Então ele fez o que eu esperava: passou dos limites de novo.

— Sal... Sal, não conte para ninguém, mas você é a minha favorita.

Ah, meu Deus.

— Pai...

Ouvi um grito ao fundo que suspeitei ser da minha irmã mais nova, o que foi seguido pelo que imaginei ser o meu pai segurando o telefone longe do rosto ao responder, gritando: — *Eu estava brincando! Você disse que me*

odiava ontem, ¿te acuerdas? Por que você seria minha favorita se disse que queria que eu não fosse seu pai? — Então, ele começou a gritar ainda mais. Por fim, voltou para a linha com um suspiro resignado. — Essa garota, *mi hija*. Não sei o que fazer com ela.

— Desculpa. — Fui sincera, pelo menos em parte. Não conseguia imaginar como era difícil para a minha irmã mais nova ser tão diferente de Eric e de mim. Ela não gostava das mesmas coisas que nós: esportes. Se bem que, na maior parte do tempo, ela parecia não gostar muito de nada. Meus pais tentaram matriculá-la em um monte de atividades, mas nunca durava, e ela nunca se esforçava. Como eu disse para os meus pais, ela tinha que se descobrir sozinha.

— *Ay*. Acho que não posso reclamar muito. Espere aí. Ceci, *¿qué quieres?* — Então, ele sumiu, gritando mais um pouco com a minha irmã.

Fiquei sentada, o telefone ainda colado no rosto, na cama, a trezentos e vinte quilômetros de onde cresci, absorvendo a ideia de que Reiner Kulti — o Reiner Kulti — seria meu técnico. Engoli o nervosismo e a ansiedade.

Nada de mais.

Até parece.

O que eu precisava fazer era me recompor e focar em sobreviver ao treino da pré-temporada para garantir uma vaga como titular. Teria que fazer algo muito ferrado para não começar a temporada em campo, mas, às vezes, o inesperado fazia questão de acontecer. De qualquer forma, eu não gostava de testar a sorte.

E, pensando nisso, desliguei a chamada com o meu pai, deitei na cama e me fiz desistir de sair para uma corrida noturna de oito quilômetros de última hora. Meu corpo pedia descanso. Só precisei de dez minutos encarando fixamente a parede para decidir que eu poderia esperar para correr pela manhã e que, com certeza, tudo ficaria bem.

Um dos meus treinadores preferidos quando eu era mais nova sempre dizia, quando nos motivava a treinar: *Estar preparado para a guerra é um dos jeitos mais efetivos de preservar a paz.*

Não haveria qualquer paz na minha vida se eu não fizesse bonito quando os treinos comesçassem, com ou sem O Rei estando lá.



— A reunião hoje é no quinto andar, Sal. Sala de conferência 3C. — O guarda me deu uma piscadela ao deslizar meu passe de visitante pela mesa de granito.

— Obrigada. Vejo você mais tarde. — Lancei a ele um sorriso aberto e assenti, de olho no mural enorme na parede atrás dele. Era uma obra de técnicas mistas, multicolorida e vibrante, com dezenas de fotos das atletas do Pipers e também os do Wreckers, o clube profissional masculino de Houston. Éramos a equipe de expansão deles, criada e gerida pelo mesmo dono. Ou, como eu gostava de pensar com carinho, éramos as crianças adotadas, as que tinham chegado anos depois do histórico de sucesso masculino, enquanto os donos tinham esperanças e sonhavam com o potencial feminino. Porque deram o nome de Pipers para o time, eu não faço ideia. Provavelmente, era o pior nome que eu já tinha ouvido, e tudo em que me fazia pensar, por algum motivo, era em uma ereção.

Uma das jogadoras naquela obra era eu, bem no centro, braços abertos sobre a cabeça depois de ter marcado um gol duas temporadas atrás. Teria que contar ao meu pai sobre o mural, disse a mim mesma, apreciando a nova obra de arte que tinham adicionado ao saguão, porque não havia prestado muita atenção quando vim falar com o técnico Gardner há alguns dias. A sede do Wreckers e do Pipers era um prédio impressionante, inaugurado poucos anos antes e localizado em um bairro em desenvolvimento bem perto do centro da cidade.

Fazia três dias desde a coletiva de imprensa, e, até agora, eu não tinha ouvido nada de ninguém em relação ao meu papel de idiota. Nada. Nenhuma ligação, mensagem ou e-mail de pessoa alguma me dizendo que tinham visto o que aconteceu. Estava acostumada a ser o alvo de piadas, a ser zoada pelas coisas de que eu gostava ou pelo jeito como eu me vestia, então estava

calejada.

Mas ainda assim...

Tem o dia em que a gravação vazaria, mas, de novo, empurrei a preocupação para o fundo da mente. Prioridades. Eu tinha prioridades, como hoje.

A equipe e o time marcaram uma reunião introdutória antes dos treinos começarem. Era mais para apresentar aos novatos a nossa agenda, as regras e um monte de outros detalhes que costumavam entrar por um ouvido e sair pelo outro.

Foi fácil encontrar a sala de conferências. Ainda havia poucas pessoas esperando, e me sentei no meio da sala depois de acenar para algumas garotas ali perto, cumprimentando-as. Vi alguns outros auxiliares técnicos e o treinador Gardner, que tinha me dado um abraço depois da coletiva de imprensa enquanto se esforçava ao máximo para não rir, conversando em um canto da sala.

Alguém deu um gritinho.

— Sal! — Era Jenny, minha goleira preferida no mundo. Era meio japonesa, meio um punhado de outras nacionalidades europeias. Tinha a melhor pele que vi na vida, era alta, bonita e sua personalidade era ótima. Eu costumava odiá-la (de um jeito amigável) porque ela defendia quase todos os meus chutes quando estávamos em equipes adversárias. Era injusto pra caramba quando alguém era boa em tudo, e ainda por cima inteligente e bonita, mas ela era uma pessoa tão gentil e educada que meu ódio tinha durado só uns vinte segundos.

— Jen-Jen. — Acenei. Ela apontou para a cadeira ao seu lado e tentou me convencer a ir para a frente. Gesticulei para algumas outras jogadoras ali perto que eu conhecia, a maior parte olhando desconfiada ao redor. Ah, caramba. Dei outra olhadela na direção dos treinadores para me certificar de que Kulti não estava escondido ali no meio.

Não estava.

Pare com isso, Sal. Foco.

Jenny se endireitou na cadeira e me deu um abraço.

— Estou muito feliz em ver você — ela disse.

A maioria das jogadoras não morava o ano todo em Houston. Jenny era

uma delas, sempre voltando para o estado natal de Iowa quando a temporada acabava. Esse seria nosso terceiro ano juntas no time. Ainda que eu não estivesse exatamente longe dos meus pais — era uma viagem de carro de mais ou menos três horas até San Antonio —, eu não ligava de morar em Houston, apesar da umidade.

Todo mundo na sala de conferências parecia ansioso. As jogadoras estavam todas de olho, uma sensação de expectativa por toda parte. Tive que me lembrar outras vezes de parar de fazer aquilo também. Peguei Jenny olhando ao redor enquanto fuçava a bolsa em busca de um batom, e ela corou quando percebi o que fazia.

— Eu realmente não acho que seja algo tão importante assim — ela disse, e eu acreditei. — Mas... olhe, estou meio que esperando que ele entre aqui com as asinhas de Hermes no sapato e uma auréola na cabeça porque todo mundo acha que ele é algum tipo de deus. — Jenny pausou por alguns segundos antes de adicionar às pressas: — No campo, eu quero dizer.

Pisquei e assenti, dizendo, só para brincar com ela: — Aham, se você diz.

Eu sabia muito bem quem era o tipo dela, e não eram homens de cabelo castanho que jogavam bola. Fazia dois anos que ela tinha um namorado enorme de quase um metro e noventa, ele era o velocista que havia ganhado uma medalha de bronze e outra de prata nas últimas Olimpíadas e que tinha quadríceps do tamanho da minha caixa torácica. Exibido.

Jenny franziu a testa.

— Não me obrigue a falar das fotos que vi.

Droga. Ela havia me pegado e, pelo seu sorrisinho, Jenny sabia. Durante uma das visitas em que Jenny havia me acompanhado até em casa, minha mãe tinha mostrado as fotos de quando eu era mais nova. Em diversas, minha obsessão pelo Kultu estava muitíssimo bem documentada. Acho que foram os três bolos de aniversário seguidos com o rosto dele que deram conta do recado.

— Oi, Jenny — uma voz familiar falou acima da minha cabeça. Quase na mesma hora, duas mãos agarraram meu rosto por trás e espremeram minhas bochechas. Então, dois olhos castanhos apareceram sobre minha cabeça.

— Oi, Sally.

Cutuquei o espaço entre os dois olhos castanhos. O cabelo louro-escuro

estava curto como sempre, em um estilo que seria chamado de corte pixie em qualquer outra pessoa no mundo, menos nela.

— Harlow, que saudade — eu disse para a melhor zagueira do país.

Harlow Williams realmente era a melhor, e por um bom motivo. Era um pouquinho assustadora. Incrivelmente gentil fora de campo, mas, nele, fazia aqueles nossos antigos instintos de sobrevivência, com os quais todos nascíamos, implorar e nos obrigar a correr na direção oposta quando ela disparava para cima de qualquer um.

Nós a chamávamos de Fera — com razão.

A resposta dela foi apertar minhas narinas com uma das mãos, cortando meu suprimento de ar.

— Também senti saudade do seu rostinho. Trouxe alguma coisa para comer? — Harlow perguntou, ainda espreitando acima da minha cabeça.

É claro que eu tinha trazido comida. Tirei três barrinhas de cereal da bolsa e entreguei a ela a de manteiga de amendoim, sua preferida.

— É por isso que eu sempre defendo você — ela falou com um suspiro alegre. — Obrigada, Sal. Vou encher seu saco mais tarde para me contar o que andou aprontando.

— Pode deixar.

Harlow deu um tapinha um pouco forte demais no topo da minha cabeça antes de se sentar à ponta da mesa. Inclinou-se sobre a borda e sacudiu os dedos para nós enquanto mordida a barrinha. Jenny e eu trocamos caretas. Nós três tínhamos jogado na seleção nacional quando eu ainda fazia parte do time, então, mais do que qualquer outra pessoa, nós nos conhecíamos muito bem.

— Ela é doida.

Jenny assentiu.

— Sim, é mesmo. Lembra aquela vez que ela te derrubou puxando sua gola por trás no treino?

Meu ombro estremeceu ao lembrar. Era culpa da Harlow eu ter dor crônica ali até hoje.

— Fiquei três semanas sem jogar depois disso. É claro que me lembro. — Ela deslocou meu ombro quando tentei jogar a bola por trás dela. Nunca mais. Por mais que eu não tivesse o costume de fugir de jogadoras agressivas, Harlow estava em outro nível.

Gardner bateu palmas assim que todos haviam chegado e nos deu as boas-vindas aos preparativos dos treinos da temporada. Quase todos olharam ao redor, surpresos com o fato de ele ter começado, sendo que, obviamente, ainda faltava alguém. Ou o treinador não percebeu que não havia ninguém prestando atenção, ou não se importou, porque foi direto ao assunto.

Se mais alguém achou estranho que o homem que havia entrado em partidas gripado e com ossos quebrados não estava presente em nossa primeira reunião de equipe, ninguém disse nada. A assiduidade dele sempre tinha sido impecável. Seria preciso algum tipo de desastre para mantê-lo longe do campo.

— A treinadora Marcy aceitou uma vaga na Universidade de Mobile este verão, então a direção entrou em contato com algumas pessoas para ocuparem o cargo de auxiliar que ela deixou em aberto. Tivemos a sorte de receber uma resposta positiva há alguns dias. Reiner Kulti, que todos sabemos não precisar de nenhum tipo de apresentação, vai assumir as responsabilidades de auxiliar técnico.

Houve um prender coletivo de respiração antes de Gardner voltar a falar. As pessoas não tinham mesmo aberto os e-mails ou pelo menos ligado a televisão?

— Sei que todas vocês, meninas, são profissionais, mas vou avisar mesmo assim: é treinador Kulti. Não Reiner, não *Rei*. E se eu ouvir qualquer uma de vocês o chamando de *Führer*... expulsão, entendido? A Sheena, da assessoria de imprensa, virá aqui mais tarde clarificar o que vocês podem ou não postar nas redes sociais, mas, por favor, usem o bom senso.

Eu nunca chamaria Kulti de *Führer*, para começo de conversa, mas com aquela ameaça, não quis nem mais pensar no cara, só para garantir. Pelo silêncio constrangedor que dominou o grupo no restante do discurso, ficou claro que todo mundo também se sentiu daquele jeito. Éramos profissionais. Nunca conheci um grupo de pessoas mais competitivas na vida, exceto o grupo com que eu havia jogado na seleção nacional.

Era como se fôssemos uma turma do jardim de infância, todas sentadas ali, olhando fixamente e acenando enquanto Gardner nos avisava de nosso possível extermínio.

Ir para o banco? Durante a temporada toda? Ou ser trocada? É, não. Isso, com certeza, não ia rolar.

Peguei o finalzinho da lenga-lenga quando ele anunciou as seis novas adições ao time e, depois, comunicou suas expectativas em relação ao que esperava que alcançássemos: uma combinação vitoriosa de talentos que levasse o time ao pódio em mais um ano seguido. Algo sobre o acesso à academia da universidade regional e uma lista do que esperavam que fizéssemos quando não estivéssemos em campo foi passada ao redor da mesa. Era a mesma conversa que eu ouvia todas as vezes que uma nova temporada começava.

Exceto quando fui ameaçada de ser expulsa do time por falar mal de um treinador que tinha ganhado mais dinheiro em um ano do que a maioria de nós ganharia na vida.

Trabalhei duro demais, por um tempo longo demais, para que algo tão idiota arruinasse minha carreira.

Não, muito obrigada e que se dane.

Gardner se alongou um pouco mais sobre qual seria nosso foco durante as seis semanas entre o começo do treinamento e o início da temporada. Apresentou o restante da equipe e, por fim, Sheena, a mesma assessora de imprensa que esteve ao meu lado o tempo todo enquanto eu me fazia de idiota, assumiu o palanque.

Era só Kulti, tudo Kulti e ainda mais Kulti.

— ... presença vai chamar mais atenção ao time. Temos que aproveitar o movimento da imprensa e a animação do público e direcioná-los para a organização. É uma ferramenta positiva e valiosa para que a liga continue crescendo...

Eu sabia! Eles o tinham contratado sobretudo pela publicidade que isso ia gerar.

— ... se forem abordadas, desviem do assunto e foquem no time ou na liga. Fiquem animadas...

Ficarmos animadas?

— ... o sr. Kulti deve chegar amanhã...

Jenny me chutou debaixo da mesa.



Não estavam brincando quando disseram que o time receberia mais

atenção por causa do jogador alemão aposentado. O que costumava ser um evento discreto e pacato com jogadoras chegando em minivans, agora, era saturado de carros de aluguel e vans da imprensa. Malditas vans da imprensa. Um pequeno grupo de pessoas estava disperso no estacionamento quando entrei. Reconheci algumas jogadoras, mas o restante era um grupo de estranhos: jornalistas, repórteres, blogueiros e até possivelmente fãs do Kulti. Pelo menos, eu esperava que fossem fãs em vez de qualquer outra coisa, mas não estava otimista.

Aquilo não era nem mesmo o início dos treinos; era a nossa avaliação física anual antes do treinamento de verdade começar, só para ver como todas estavam. Nada muito importante, mas, ainda assim, havia tanta gente...

A ansiedade queimou meu estômago, e eu respirei fundo para afastar a sensação.

Não funcionou.

Mais uma inspiração profunda, mais outra e, na terceira, estacionei. Por sorte, meu nervosismo tinha abrandado o suficiente para eu sair do carro sem parecer que estava lutando contra um enjoo matinal. Cerca de cinco segundos depois que tirei a bolsa do porta-malas, ouvi o grito: — Casillas!

Que droga.

— Sal Casillas! Você tem um minuto para falar comigo? — chamou uma voz masculina.

Joguei a bolsa sobre o ombro e olhei ao redor. Encontrei um homem se afastando do grupo de estranhos. Ele acenou, e senti meu estômago afundar ao mesmo tempo que coleí um sorriso no rosto e acenei de volta. Não era culpa de ninguém eu ficar tão ansiosa e agir de forma tão estranha na frente de uma câmera.

— É claro — respondi de forma convincente. Mesmo que nossa avaliação fosse começar dali a vinte minutos, eu ainda teria que me arrumar.

— Tudo bem? Sou o Steven Cooper, do *Sports Daily*. — O homem me cumprimentou com um aperto de mão. — Tenho algumas perguntinhas, se não se importar.

Assenti.

— Manda bala.

— Vou gravar nossa conversa para documentar tudo. — Mostrando o

gravador em mãos, ele apertou o botão para começar. — Com o que você está mais animada nesta temporada? — perguntou.

— Estou muito, muito animada para começarmos. Temos algumas novidades no time e na equipe, e estou bem curiosa para ver como vai ser o nosso desempenho. — O fato de que falei como se fosse um ser humano equilibrado, em vez de parecer prestes a molhar a calça, deixou-me orgulhosa.

— O que você acha de Reiner Kulti ter sido contratado como auxiliar técnico do Pipers?

Era a mesma exata pergunta que eu havia respondido naquela coletiva dos infernos dias antes.

— Ainda é muito surreal. Estou animada. Acho ótimo termos alguém chegando com tanta experiência para nos ajudar.

— Ele é uma escolha inesperada para treinador, não acha?

Enterrei as mãos nos bolsos quando as senti começar a suar. Na maior parte do tempo, estavam sob controle, mas, de vez em quando, viravam bombas-relógio. Eu tinha enfiado o pé na jaca mais vezes do que podia contar, o que não ajudava em nada no meu medo de dar aquelas entrevistas.

— É diferente, mas não tem nada de errado. Ele foi nomeado o Melhor Jogador do Mundo mais vezes do que qualquer outra pessoa, e com razão. Ele sabe o que é necessário para ser o melhor, e isso é algo que todo jogador almeja. Além disso, acho injusto desmerecê-lo antes mesmo de dar a ele uma chance de se provar — concluí.

O jornalista me lançou um olhar descrente, como se achasse que eu estava falando um monte de besteiras, mas não discutiu comigo.

— Certo. E qual é sua previsão para a temporada? O Pipers vai para a final de novo?

— Esse é o plano. — Sorri. — Eu tenho que ir, você tem mais alguma pergunta?

— Sem problemas. Mais uma: você tem alguma intenção de voltar para a seleção em breve?

Abri a boca e a deixei aberta por um segundo antes de fechá-la. Me balancei para frente nos calcanhares e esfreguei as palmas no short.

— Não tenho nenhuma intenção de fazer isso em breve. Quero focar na

temporada daqui por enquanto. — Engoli em seco e estendi a mão na direção dele. Um segundo depois, eu estava marchando em direção ao campo, observando algumas das outras garotas serem encurraladas em conversas com outros repórteres. Mais dois jornalistas me chamaram, mas recusei com um pedido de desculpa. Tinha que me aquecer antes da avaliação começar.

Aquele dia seria praticamente tiros de corrida por uma hora e testes de resistência da parte superior do corpo. Eu faria uma variedade de flexões e agachamentos infinitos vindos direto do terceiro círculo do inferno, dentre outras formas de tortura, que nossa preparadora física velhota tinha inventado nos últimos tempos. Algumas pessoas realmente temiam aquilo tudo, mas eu não era totalmente oposta aos exercícios. Se era divertido? Não, mas eu malhava muito. Eu dava duro o ano todo para não ser a única ofegando no primeiro tempo da partida, e gostava de ser a mais rápida. Então, vá em frente e me processe.

Havia uma razão para eu treinar mais do que qualquer outra. Eu era rápida, mas não estava ficando mais jovem, e meu tornozelo ruim também não estava melhorando. E tinha meu joelho, um problema na última década. Tínhamos que compensar esse tipo de coisa sem nunca amolecermos; priorizar nosso bem-estar sem nunca tomar nada como garantido.

Tinha acabado de largar minhas coisas na lateral do campo quando finalmente aconteceu.

Foi o “*Ai. Meu. Deussss*” de uma das garotas que eu não conhecia que, de repente, obrigou-me a prestar atenção.

Eu o vi. Ele estava ali. *Bem ali*.

Ah, caramba. Achei até que eu tivesse morrido.

Todo aquele quase um metro e noventa de cabelo castanho, cinco vezes o Melhor Jogador do Mundo, estava bem ali conversando com a preparadora física do time, uma velha senhora diabólica que não tinha pena de ninguém.

Ah, droga. Ergui as mãos para averiguar se meu cabelo não tinha frisado todo nos últimos cinco minutos desde que saí do carro, então, parei. O que eu estava fazendo? Deixei as mãos caírem na mesma hora. Nunca me importei com minha aparência em campo. Bem, eu raramente me importava com a minha aparência e ponto final. Enquanto meu cabelo não estivesse no rosto e minhas axilas e pernas estivessem raspadas, tudo certo. Arrumava a sobrancelha algumas vezes por semana e era viciada em máscaras faciais

caseiras, mas isso, geralmente, era tudo o que eu fazia. As pessoas me questionavam por que eu estava toda arrumada quando me viam de jeans — pois é, o nível era baixo assim mesmo.

Passei um hidratante labial e usei uma tiara no meu último encontro. Agora, ali estava eu arrumando o cabelo. Caramba.

Para constar e em prol do meu orgulho, acho que nunca agi como uma fã descarada na vida. Houve alguns poucos jogadores de futebol que acho que me fizeram corar, e teve aquela vez, quando eu tinha catorze anos, no show do Justin Timberlake, em que ele tocou minha mão, e eu derreti um tantinho e... nada mais, mas ver o mestre do controle de bola parado na lateral do campo em uma camisa branca e azul de treino e uma calça com faixa lateral foi... demais.

Demais. Da. Conta.

Reiner Kulti assentiu em resposta a algo que a velha demônio sádica falou, e me senti... esquisita.

Para meu horror absoluto, meu eu adolescente de treze anos, que havia planejado se casar com aquele cara e ter super-bebês-jogadores-de-futebol, reapareceu e me lembrou de que, um dia, havia existido. Juro pela minha vida que meu coração ficou apertado e que minhas axilas começaram a suar, tudo ao mesmo tempo. O melhor termo para descrever o que estava acontecendo comigo era: fascinada. Totalmente fascinada.

Porque... *Reiner Kulti*.

O Rei.

O melhor jogador europeu desde...

Tudo bem. Aquilo não ia funcionar, não mesmo, nem sequer um pouquinho. Racionalmente, eu sabia que suspirar por ele era idiotice. Eu era velha demais para essas coisas e havia superado minha quedinha por ele fazia uma década, quando tinha dito “vá se foder” para o homem que se casou com outra e, depois, quase acabou com a carreira do meu irmão logo no começo. Kulti era só um homem. Fechei os olhos e pensei na primeira coisa que poderia me tirar do estado *carambaéoKultiparadobemali*.

Cocô.

Ele faz cocô.

Ele faz cocô.

Certo. Aquilo era tudo de que eu precisava para voltar à realidade. Imaginei-o sentado em um trono de porcelana para me lembrar de que não passava de um homem comum com as mesmas necessidades que todos. Eu sabia disso — sabia havia muito tempo. Ele era só um homem com pai e mãe que faziam cocô e xixi e dormiam como todos nós. Cocô, cocô, *cocô*, *cocô*, *cocô*.

Tudo bem.

Eu estava bem. Eu estava mais do que bem.

Até Jenny encostar o cotovelo nas minhas costelas sem qualquer aviso, seu rosto se aproximando do meu até exhibir aqueles olhos gigantes e tolos, quase sem inclinar a cabeça na direção de Kulti. Era o sinal universal entre amigas para *o cara de que você gosta está ali. Viu ele?*

Aquela vagabunda. Arregalei meus olhos e sussurrei um “cale a boca, cacete” para ela, movendo os lábios o mínimo possível.

Como qualquer boa amiga, ela não fez o que pedi. Continuou me dando cotoveladas e me lançando aquele olhar doido e ridículo e inclinando a cabeça, toda dura, tentando ser discreta e falhando miseravelmente. Não me permiti olhar para Kulti mais do que o necessário — foi só aquela olhadela inicial a mais de quinze metros de distância e, logo em seguida, outra olhada rápida.

Cocô. Lembre-se: cocô. Tudo bem.

O silêncio no campo dizia mais do que o suficiente sobre o que todos estavam pensando e não podiam dizer em voz alta.

Mas a idiota da Jenny bateu o pé no meu enquanto passávamos protetor solar, sorrindo quando encontrou meus olhos, algo que eu estava tentando ignorar de propósito, porque ela me fazia rir. Eu sabia, lá no fundo, que nunca me safaria daquilo. Nunquinha. Eu tinha superado minha quedinha/paixonite aos dezessete, quando finalmente aceitei o fato de que não teria nenhuma chance de algum dia jogar contra ele — obviamente — e... não havia nenhuma chance de algum dia ele se interessar por mim, a moleca argentina-mexicana-americana treze anos mais nova do que ele. Não haveria casamento algum no meu futuro, nem super-bebês-jogadores-de-futebol.

Foi o pior “não término” na história dos relacionamentos imaginários com

um homem que não sabia nem que eu existia.

Meu pobre coração inocente não foi capaz de lidar com o único amor da minha vida se casando com outra — Reiner Kulti não sabia que deveria ter se apaixonado perdidamente por mim um dia.

Mas, como todo primeiro amor não correspondido, eu superei. A vida seguiu em frente. E, então, toda aquela merda com o Eric aconteceu logo depois, e os pôsteres na minha parede se transformaram em uma traição ainda maior ao cara que sempre tinha estado presente na minha vida e me deixado acompanhá-lo nas partidas improvisadas de futebol com seus amigos.

— Ande logo, caramba — sussurrei para Jenny, enquanto ela passava o protetor nas partes das minhas costas que eu não alcançava.

Ela bufou e me acertou com o quadril quando fomos juntas à zona designada para alongamento. Já havia um pequeno grupo esperando, vozes ainda soando muito mais baixas do que o normal. É claro, Kulti estava ao lado do treinador Gardner e Grace, capitã do nosso time e zagueira veterana que jogava profissionalmente desde que eu ainda estava no fundamental. Nesse início de temporada, faria quatro anos que ela estava no Pipers, igual a mim.

— Ele é mais alto do que pensei — Jen sussurrou alto o suficiente para só eu ouvir.

Olhei de soslaio para onde os treinadores e Grace estavam parados, tentando não dar na cara. Com apenas seis metros de distância entre nós, estávamos mais próximos do que eu poderia ter imaginado na vida, e assenti porque ela tinha razão. Ele era incrivelmente alto em comparação à grande parte dos atacantes — também chamados de centroavantes por outros, ou, como minha irmã descrevia a posição: “as pessoas que ficavam perto do gol do outro time e tentavam mandar a bola para dentro”. Os melhores atacantes tendiam a ser muito menores e não tinham um metro e noventa, dependendo, é claro, de a qual analista ou sabe-tudo você perguntasse. Considerando como o trabalho de pés dele era inigualável, aquilo era uma...

Pare, Sal. Pare.

Certo.

Cocô.

Eu poderia olhar para ele sem ficar fascinada. Eu sabia ser imparcial.

Então dei meu melhor para fazer exatamente aquilo. Ele parecia mais corpulento do que havia alguns anos, quando se afastou dos holofotes. Como a maioria dos jogadores, costumava ser musculoso, mas magérrimo e esguio por conta da correria sem fim. Atualmente, estava um pouco mais pesado; o rosto, mais cheio; o pescoço parecia mais grosso, e os braços...

Cocô. Peido. Xixi em um mictório. *Certo*.

Tudo certo.

O cara estava mais musculoso. Um pedacinho da tatuagem espreitava sob a manga da camisa, e ainda havia aquela pele uniforme e impecável de um tom entre um branco-amarelado e um bronzeado claro perfeito.

O cabelo era daquele mesmo castanho sem defeitos de sempre, e, se não fossem os toques de cinza nas têmporas, aquela característica particular continuaria igual. Basicamente, era óbvio que ele havia envelhecido e que não era mais tão ativo quanto na maior parte da vida. O corpo se tornara mais parecido com o dos viciados em academia do que com o dos nadadores, e não havia nada de errado com isso.

Mas, quando foquei em seu rosto, algo simplesmente pareceu... errado. Ele sempre havia sido bonito, muito bonito, do seu jeito nada tradicional. Kulti não tinha as características marcantes e simétricas que as empresas geralmente procuravam quando patrocinavam atletas. Sua estrutura facial era mais bruta, e certa sagacidade escorria da boca volumosa e do tom claro dos olhos. Sempre tinha sido um atleta tão superior que nunca importou durante sua carreira o fato de não ter um rosto aristocrático. A confiança era ofuscante. Sem barba, para variar, os ossos que saltavam da mandíbula e da bochecha, deixando seu perfil tão masculino, estavam todos expostos. Algumas rugas novas vincavam mais o canto daqueles olhos castanho-esverdeados do que antes.

Eu tinha me esquecido de que ele faria quarenta anos naquele ano.

Todas as peças do quebra-cabeça estavam ali, mas pareciam não ter sido colocadas em seu devido lugar. Eu sabia que o problema não era que havia algo diferente no exterior. Por tentar ser discreta, não consegui descobrir o que era, e isso me incomodou. Minha intuição via algo diferente nele, mas meus olhos, não. O que seria?

— Alguém poderia me dar um elástico? — uma garota ali perto perguntou, tirando minha atenção do cubo-mágico humano que eu tentava

resolver.

Percebendo que eu era a pessoa mais próxima das faixas elásticas que usávamos para nos alongar, agarrei uma e entreguei-a para minha colega de time.

— Todo mundo em círculo! — Gardner nos chamou como um pastor chamava suas ovelhas.

Algo que acho que nenhuma de nós gostava, mas tudo bem. Como zumbis e em silêncio, o grupo se reuniu ao redor dele, todas hesitantes. Éramos insetos sendo atraídos por um mata-mosquitos, a coisa brilhante que tinha o potencial de nos matar, só que a isca era um homem. Gardner e Kulti estavam parados ao lado da preparadora física e de alguns outros membros da equipe, todos trocando apertos de mão e se cumprimentando.

Lutei contra a vontade de engolir em seco, porque eu sabia que uma das idiotas ali perto veria, e não queria dar mais nenhuma chance para Jenny me encher o saco por causa da minha antiga obsessão por Kulti.

— Senhoras, estou muito feliz em apresentá-las ao novo auxiliar técnico da temporada, Reiner Kulti. Vamos quebrar o gelo rapidinho antes de começarmos. Se puderem, uma depois da outra, apresentem-se e digam a ele em qual posição jogam... — Gardner parou de falar e ergueu uma sobrancelha que nos desafiava a dizer o quão idiota era aquela atividade de escola primária. Naquela época, eu já odiava fazer isso, e hoje eu continuava não sendo fã.

Sem perder tempo, uma das garotas mais próximas a Gardner deu início ao círculo de apresentações.

Eu o observei, seu rosto e suas reações. Ele piscava e inclinava a cabeça toda vez que uma jogadora terminava de falar. Uma depois da outra, o grupo avançou, e percebi que eu estava no meio do semicírculo quando chegou a vez de Jenny.

— Sou Jenny Milton. — Ela sorriu daquele jeito que sempre me fazia sorrir de volta, não importando meu humor. — Goleira. É um prazer conhecê-lo.

Não deixei de notar a forma como a bochecha dele subiu um milímetro a mais em reação ao cumprimento. Era preciso ser o maldito Grinch para não gostar de Jenny. Ela era uma daquelas pessoas que acordava com o humor

excelente e ia dormir com um sorriso no rosto. Mas, quando estava brava, eu não duvidava de sua capacidade de matar alguém.

Então, chegou minha vez e, quando aqueles olhos claros pousaram no meu rosto, cheios de expectativa, pensei em cocô. Em muito cocô. Em cocô o bastante para entupir uma privada.

Como profissional, surpreendi a mim mesma ao não dar nenhum gritinho nem gaguejar. Aquelas esferas castanho-esverdeadas que diziam ser a janela da alma estavam focadas em mim.

— Oi, eu sou a Sal Casillas. Sou atacante. — Mais meio-campista, mas qual era o ponto de ser objetiva?

— Foi a Sal que fez sua coletiva de imprensa — Sheena, a relações públicas, comentou.

Eu me encolhi um pouco por dentro, e não deixei de notar o pequeno bufo que escapou de Jenny. Ignorei-a. Babaca.

Quando voltei a olhar para onde Kulti estava, eu já tinha sido dispensada. A atenção dele se voltara para a garota ao meu lado sem tempo a perder.

Bem. Tudo bem.

Acho que eu deveria estar grata por ter cancelado os nossos planos de casamento anos atrás.

Olhei para Jenny pelo canto do olho.

— Cala a boca.

Ela esperou até a jogadora seguinte parar de falar antes de responder: — Eu não falei nada.

— Mas pensou.

— Não falei nada que não pensaria — ela afirmou em um sussurro próximo demais de um riso.

Meu olho tremeu sem receber ordem alguma. Nem eu falei, Jenny.



Eu tinha acabado de me deitar na cama depois do jantar quando meu celular tocou. Minhas pernas doíam por causa da corrida matinal, do nosso teste de aptidão física e, depois, do trabalho de paisagismo no qual ajudei Marc pela maior parte da tarde. Considerando que eram oito da noite e que eu tinha um número minúsculo de amigos que me ligavam de vez em quando,

tive uma boa ideia de quem era. Como esperado, um número de área seguido de um número de fora apareceu na tela.

— Oi, pai — atendi, deslizando o celular na dobra entre o pescoço e a orelha.

O homem não tentou sequer enrolar. Sem perder tempo, deixou escapar: — Como foi?

Como foi?

Como eu diria ao meu pai, um fã de carteirinha de Kulti, apesar de não ter direito algum de ainda se chamar de fã, que o dia tinha sido uma enorme de uma decepção?

Uma decepção. Eu só poderia culpar a mim mesma. Ninguém jamais me deu a impressão de que Reiner Kulti faria nossa mente explodir com truques e dicas que nunca tivemos a chance de imaginar antes — especialmente não durante um dia reservado para testes de aptidão física, também conhecido como exercícios-de-cárdio-o-dia-todo-até-você-quase-vomitar. Ou, talvez, eu tivesse antecipado que aquele temperamento infame que o fizera levar cartões vermelhos — e ser expulso dos jogos —, mais vezes do que o necessário, viria à tona? Havia um motivo pelo qual era chamado de *Führer* quando jogava, e era parte da razão pela qual as pessoas gostavam ou desgostavam tanto dele.

Mas, hoje, ele não tinha sido babaca, avarento nem condescendente. Todas as características que ouvi de pessoas que haviam jogado com Kulti pareciam não existir. E era a mesma pessoa que havia sido suspensa de dez jogos por ter dado diversas cabeçadas contra outros jogadores durante um amistoso — um jogo que não valia para nada. E houve aquela vez que ele havia se metido em uma altercação com um jogador que havia descaradamente tentado chutá-lo na parte de trás do joelho. Era como um trem desgovernado ao qual você queria continuar assistindo para descobrir onde pararia... pelo menos, costumava ser.

Em vez disso, ficou lá parado enquanto nos apresentávamos e, então, depois, observava-nos quando não estava falando com o técnico Gardner. Acho que ele nem tocou na bola. Não que eu estivesse tão de olho assim.

A única coisa que tenho certeza de que todos o ouvimos dizer foi: “Bom dia”. Bom dia. O cumprimento simples veio do mesmo homem que havia se metido em uma enrascada ao berrar “Vai se foder!” durante a transmissão da

Copa Altus em uma das maiores redes de televisão.

O que havia de errado comigo para eu estar reclamando de Kulti ser tão distante? Tão educado?

É, havia algo de errado comigo.

Tossi no celular.

— Deu tudo certo. Ele não conversou muito com a gente nem nada do tipo. — E por “não conversou muito”, eu quis dizer “não conversou nada e ponto final”, mas não diria isso ao meu pai.

— Ah. — A decepção dele ficou evidente na forma como deixou a consoante se encolher de forma brusca.

Bem, eu me senti uma babaca.

— Tenho certeza de que ele está só tentando se acostumar com a gente. — Talvez. Certo?

— *A lo mejor*. — Talvez. Foi isso que meu pai disse no mesmo tom que usava quando eu era criança e pedia algo que ele sabia muito bem que não me daria. — Não aconteceu nada, então?

Não tive nem que fechar os olhos e me lembrar do que havia acontecido naquele dia. Nada. Kulti tinha simplesmente dado um passo para trás e nos observado correr pelo campo fazendo uma variedade de exercícios para verificar se estávamos todas em forma. Ele não havia sequer revirado os olhos, muito menos nos xingado de um grupo de idiotas incompetentes — outra coisa pela qual ele era conhecido por fazer aos colegas de time quando não estavam jogando no nível que ele esperava.

— Nada. — E essa era a verdade. Talvez Kulti tivesse ficado tímido com o passar dos anos?

Improvável, mas poderia tentar me convencer disso. Ou, pelo menos, dizer aquilo ao meu pai para ele não parecer tão desanimado depois de ter ficado empolgado quando descobriu que Kulti seria nosso técnico.

— Mas, ei, tive o melhor tempo nos tiros de corrida — adicionei.

O riso dele soou baixo e, talvez, um tanto decepcionado.

— Essa é minha garota. Está correndo todo dia pela manhã?

— Todo dia pela manhã, e tenho nadado mais. — Parei de falar quando ouvi uma voz ao fundo.

Tudo o que escutei foi meu pai murmurando: — *É a Sal... você quer falar com ela? Tudo bem...* Sal, sua mãe disse oi.

— Fale para ela que eu também disse oi.

— *Minha filha disse oi... Não, ela é minha. A outra é sua... Rá! Não!* Sal, você é minha ou da sua mãe? — ele me perguntou.

— Eu sou adotada.

— Eu sabia! — Meu pai finalmente riu com um suspiro profundo e satisfeito.

Eu estava sorrindo como uma completa idiota.

— Também te amo, velhote.

— Eu sei, mas eu te amo mais — ele gargalhou.

— Sei, sei. Me liga amanhã? Estou muito cansada e quero colocar gelo no pé por um tempo.

Um suspiro rouco veio do meu pai, e eu soube que ele não diria nada. O suspiro falou tudo e mais um pouco; foi um lembrete gentil e silencioso de que eu precisava cuidar mais de mim mesma. Havíamos conversado sobre aquilo centenas de vezes pessoalmente. Meu pai e eu nos entendíamos de um jeito diferente. Se fosse meu irmão dizendo algo sobre precisar de gelo, eu provavelmente teria perguntado se ele achava que sobreviveria e meu pai teria dito para ele engolir o choro. Essa era a beleza de ser filha do meu pai, acho. Bem, essa era a beleza de ser eu e não minha irmã mais nova, com quem ele estava sempre brigando.

— Tudo bem. Amanhã. Durma bem, *mi hija*.

— Você também, pai. Boa noite.

Ele se despediu outra vez, e desligamos. Sentada na cama da casa que eu alugava fazia dois anos, eu me deixei pensar em Kulti e em como ele simplesmente tinha ficado parado lá, parecendo uma gárgula dourada, observando, observando e observando.

Foi então que me lembrei outra vez dele fazendo cocô.



Os dias subsequentes passaram sem grandes acontecimentos e, ainda assim, foram tão agitados como costumavam ser. Tivemos que testar a aptidão física do time em um dia e, no outro, tiraram nossas medidas para os uniformes. Depois de cada manhã, eu ia trabalhar e era importunada por Marc me perguntando se eu já havia arranjado um autógrafo do Kulti para ele. Então, cada tarde, eu praticava ioga, nadava ou fazia um pouco de musculação, dependendo do meu nível de cansaço. Depois, ia para casa e falava com meu pai ou assistia à televisão.

Todos queriam saber como Reiner Kulti era, e eu não tinha nada para contar. Ele aparecia durante seja lá o que estivéssemos fazendo e ficava parado em qualquer canto que estivesse disponível, observando. Não falava nem interagia muito com ninguém. Não fazia *nada*.

Então... era meio decepcionante para todo mundo que me perguntava.

Uma pequena parte de mim ficou surpresa pelos abutres ainda não terem pousado em seu corpo imóvel. Se precisasse de dinheiro, ele poderia se pintar em cores metálicas e trabalhar tirando fotos como uma daquelas estátuas vivas na Times Square, em troca de gorjetas. A apatia de Kulti estava nesse nível.

Apesar disso, ninguém disse nada sobre a coletiva de imprensa dos infernos, nem trouxe à tona a questão entre Eric e Kulti, e não houve mais perguntas sobre minha volta à seleção nacional. No geral, não havia muito do que eu reclamar. Poderia agir como um ser humano normal com alguma dignidade, não como uma idiota gaguejante que, há uma década, tinha uma quedinha pelo homem de quem todos estavam falando.

Então, é sério, havia alguma razão para reclamar?



Na manhã dos nossos ensaios fotográficos individuais, quando a primeira coisa a sair da boca do jornalista foi um “Salomé!” mal pronunciado — Sã-lo-me —, eu deveria ter imaginado como seria a entrevista. E, mesmo depois de tê-lo corrigido, ele continuou falando errado. O que não foi grande coisa; eu estava acostumada com as pessoas esfrangalhando meu nome. Acontecia o tempo todo.

Sã-lo-me. Sá-lo-me. Sa-lou-me. Salame. Salamandra. Salmão. Salmonela. Sauna. Sally. Samantha.

Ou, no caso do meu irmão: Idiota.

No caso da minha irmã mais nova: Otária.

Ainda assim, quando alguém não para de errar seu nome mesmo depois de você ter corrigido... é um sinal. Nesse caso, era um sinal que eu deveria ter imaginado que aquele cara era um panaca.

Havia tentado fugir dele. Geralmente, eu tentava escapulir, mas nos últimos dias havia tantos que era impossível. Assim que vi um grupo de repórteres e jornalistas televisivos no campo onde as fotos seriam tiradas, meu estômago revirou. Eu não via problema em caminhar por aí com meu top esportivo na frente de todo mundo. Eu também podia jogar tranquilamente na frente de milhares de pessoas, mas no segundo em que uma câmera aparecia e eu não estava fazendo nenhuma dessas coisas...

Não. Não, não, não.

Então, assim que eu vi os repórteres, comecei a desviar meu caminho para o mais longe possível de onde estavam. Era melhor tirarem as fotos das outras garotas primeiro. O grupo mais afastado da entrada parou Grace, capitã e veterana do time. Obrigada, Jesus. Então, vi outro grupo apanhar Harlow, e senti um choque de alívio percorrer meu estômago.

Mais quatro metros e meio. Mais quatro metros e meio, e eu estaria livre. Meu coração começou a bater muito mais forte e fiz questão de manter os olhos fixos em frente. Nada de contato visual.

Três metros. Meu Jesus Cristinho, por favor...

— Salomé!

Merda.

Olhei naquela direção e soltei o ar, aliviada, quando o repórter que havia gritado não tinha nenhuma câmera ou cinegrafista com ele. Era um blogueiro.

Eu poderia tê-lo beijado.

As primeiras perguntas foram normais. Como tinha sido meu tempo fora da temporada. Como o treino estava indo. Quem eu achava que seriam nossas maiores rivais.

Foi quando eu terminava de responder a última pergunta, preparando-me para dizer que eu tinha de ir, que ouvi os repórteres que eu havia evitado começarem a tagarelar alto. De novo, não foi grande coisa. Os olhos do jornalista começaram a se voltar para a área atrás de mim enquanto eu falava, observando e esperando sua próxima vítima. Geralmente, não havia repórteres nem jornalistas esperando ali antes dos treinos, a não ser que estivéssemos perto da final. Pelo menos, era assim antes da antiga superestrela alemã aparecer.

Agora, aparentemente, quando ele estava por perto, todos só tinham olhos para Kulti. E pelo olhar do jornalista quando viu seu próximo alvo, eu soube quem havia chamado sua atenção.

Dois olhos oscilaram de seja lá o que o jornalista observava atrás de mim... para mim e, de novo, para trás.

Uma onda de raiva aterrorizante saturou minha barriga quando Kulti passou por ali, afastando as três pessoas da imprensa que tentavam chamar sua atenção fazendo perguntas e empurrando câmeras e gravadores em sua cara.

Ele poderia se safar por ser antissocial, mas eu não?

— Seu irmão também não é jogador profissional? — o jornalista perguntou, sem pressa.

Engoli em seco e me forcei a esperar que aquilo não estivesse indo na direção que parecia ir. Mesmo assim, eu sabia que estava.

— Sim. Ele é zagueiro. — Ou, como eu o chamava, um zaguidiota. — Ele geralmente joga no Sacramento, mas foi emprestado para um time europeu. — Essa era a única razão pela qual eu tinha certeza de que ele ainda não havia me ligado para reclamar de Kulti. Será que ele sabia? Tinha que saber, mas era pão-duro e não me ligaria até o dia da nossa ligação usual a cada dois domingos.

Os olhos do homem se voltaram para mim, tão semicerrados que eu soube que estava ferrada.

— Não quebraram a perna dele há alguns anos?

Foi a tíbia e a fíbula esquerda, para ser exata. Só de pensar naquilo fazia meus próprios tornozelos doerem, mas me contentei com um aceno em resposta. Quanto menos eu falasse, menores eram as chances de me incriminar ao dizer algo idiota.

— Há dez anos.

— Aconteceu em um jogo? — Foi uma pergunta, mas nós dois sabíamos muito bem que ele sabia a resposta.

Imbecil.

Eu parecia burra? Não o deixaria me fazer passar por idiota. Quando eu estava na faculdade, faziam os atletas de todo e qualquer esporte cursarem uma matéria de oratória. É claro, quase não passei, mas me ensinaram uma coisa da qual não me esqueci: o quanto era importante manter a entrevista sob controle.

— Sim. Há dez anos, ele foi atrás de uma bola perdida em um jogo contra o Tigers e foi atingido na perna por um jogador rival. — Os olhos do jornalista tremeram. — Ele ficou seis meses sem jogar.

— O jogador recebeu um cartão amarelo, não foi?

E... pronto. Desde quando blogueiros esportivos eram uns merdinhas intrometidos em busca de drama despropositado?

Colei um sorriso no rosto, dando a ele um olhar que dizia: “É, eu sei exatamente o que você está fazendo, seu idiota”.

— Sim, mas ele está muito bem agora. Não foi nada grave. — Bem, era mentira, mas não importava agora. Meu sorriso cresceu ainda mais. Dei um passo para trás. Ser babaca não era algo natural para mim. Eu não gostava disso, mas não ia me render tão fácil assim. O treinador Gardner já tinha deixado mais do que claro que eu precisava focar minha atenção no time e não em Kulti, principalmente não em Eric e Kulti. — Eu tenho que ir. Você tem mais alguma pergunta sobre o treino?

Os olhos do repórter deslizaram na direção em que Kulti e seus seguidores tinham ido.

— Não, já acabamos. Obrigado.

— Fico à disposição. — Só que não.

Dei outro passo para trás, tirei minha bolsa do chão e comecei a andar na

direção do campo. Ainda tinha que pegar o uniforme que pediram para a gente usar nas fotos de perfil e vesti-lo. Alguém da organização havia montado duas barracas na lateral do campo, uma com abas longas para oferecer um pouco de privacidade para a troca de roupa, e a outra mais básica, sem nada nas laterais, onde os uniformes estavam.

— Sal! Venha buscar suas coisas! — alguém gritou de sob a barraca menor.

Caminhei até lá, olhando ao redor para ver quem havia sobrevivido à contenda, também conhecida como imprensa, e acenei para as jogadoras e membros da equipe que fizeram contato visual comigo. Havia apenas algumas pessoas embaixo da tenda de uniformes onde deveríamos passar antes das fotos como jogadoras — dois funcionários da gestão, que estavam entregando os uniformes, duas jogadoras e três membros da equipe.

Um dos membros era Kulti.

Cocô.

Certo, eu estava bem.

— Bom dia — eu disse ao me aproximar do grupo na barraca, esfregando as mãos na frente da calça.

Cocô, cocô, cocô, cocô, cocô.

Um coro de cumprimentos de “bom dia” me respondeu, vindo até mesmo do demônio ancestral conhecido como nossa preparadora física que estava outra vez parada ao lado da antiga superestrela alemã.

O superatleta alemão que, agora, estava a apenas um metro e meio de distância.

Fui ao Louvre uma vez há anos, e me lembro de olhar para a Mona Lisa, depois de ficar parada na fila do lado de fora do museu por horas tentando entrar, e acabar decepcionada. A pintura era menor do que pensei que seria. Sinceramente, era só uma pintura. Não havia nada nela que a fazia ser tão melhor assim do que qualquer outra, pelo menos não para o meu olho destreinado. Era famosa e era velha, só isso.

O fato de simplesmente estar parada a poucos metros do homem que havia levado seu time a ganhar campeonato atrás de campeonato... parecia estranho. Era como se fosse um sonho, um sonho muito estranho.

Era um sonho com um homem que estava melhor do que qualquer pessoa

com 39 anos tinha o direito de estar.

— Casillas? É sua vez, querida. Pegue o uniforme aqui — me chamou uma das mulheres atrás das mesas, com um sorriso.

Pisquei, então, sorri de volta, envergonhada por ela ter me flagrado sonhando acordada.

— Desculpa. — Desviando dos treinadores, peguei o pacote embalado em plástico que ela me entregou. — Preciso assinar alguma coisa?

Ela me entregou uma prancheta e fez que sim.

— Que número você calça? Não consigo ler se é 38 ou 39.

— É 38 — respondi, assinando o espaço ao lado do meu nome.

— Espere aí, vou achar suas meias. — Ela me deu as costas e começou a vasculhar um contêiner organizado atrás dela.

— Sr. Kulti, separei uma camisa média e um short grande, é isso mesmo? — perguntou a outra funcionária que não estava ocupada, a voz meio aguda, meio ofegante. As mãos estavam cerradas e pressionadas no peito, os olhos fazendo um péssimo trabalho para esconder o brilho da animação ansiosa.

— Sim — foi a resposta simples que retumbou grave; a enunciação clara com apenas uma pitada de sotaque, atenuado pelo fato de ter vivido em tantos países diferentes ao longo dos anos.

Senti o tom dele bem entre as omoplatas. Lembrei-me de ouvir aquele homem falando dezenas de vezes sobre qualquer partida que ele tivesse acabado de jogar. *Cocô, peido, hemorroida. Sal, controle-se.*

Engoli em seco, incapaz de assimilar o quanto ele estava diferente. Na época em que eu era fã, ele experimentara todos os estilos de cabelo — desde pontas tingidas até um moicano. Agora, parado ali, o cabelo estava aparado bem curto, braços soltos ao lado do corpo, coluna ereta. Um vestígio da tatuagem de cruz pátea — também chamada de cruz de Malta, uma cruz com linhas que afinavam em direção ao centro — espreitou sob a barra da manga da camiseta. Não era enorme, pelo que eu me lembrava, tinha talvez uns doze centímetros de altura e de largura, e fazia muito tempo que ele a tinha. Quando era mais nova, eu a achava charmosa. Agora... não. Eu gostava de tatuagens em homens, mas dos desenhos grandes, não de uma coleção de pequenos símbolos aleatórios.

Mas, tanto faz, ninguém tinha perguntado minha opinião.

— Prontinho, Sal, aqui está — disse a mulher da equipe, e eu a vi pelo canto dos olhos me entregando outra embalagem fechada. — O resto do equipamento vai chegar mais tarde.

— Tudo bem. Obrigada, Shelly. — Segurando o uniforme debaixo de um braço, dei outra olhada em Kulti, que continuava inabalável mantendo a atenção em frente, e lutei contra a ansiedade que se acumulava no meu peito. Meus pés não queriam se mover, e meus olhos idiotas também não. Em momento algum da minha infância realmente pensei que estaria tão perto daquele homem. Nunca. Sequer uma vez.

Mas, depois de um segundo parada ali, sem jeito, esperando uma olhadela ou talvez uma palavrinha? Percebi que ele não me daria nada daquilo. Ele estava provando algo ao manter os olhos no horizonte, perdido em pensamentos; talvez quisesse ficar sozinho, ou talvez propositadamente não quisesse perder seu tempo falando comigo.

Aquela ideia pareceu um golpe fatal no meu peito. Senti como se eu fosse uma garota pré-adolescente que queria a atenção do cara mais velho quando ele não sabia sequer de sua existência. A esperança, a expectativa e a decepção em sequência eram uma droga. Uma bela de uma merda.

Ele fingiria que eu não existia. Isso estava claríssimo.

Tudo bem, então. Eu não era nenhuma Jenny que virava amiga de todos, mas gostava de ser amigável com as pessoas. Obviamente aquele cara não ia ganhar nenhum prêmio de sr. Simpatia, porque nem se importou em olhar para mim, que estava parada a meio metro de distância.

Então... é, isso não magoou nem nada. Nem senti nada esquisito no coração.

Então, lembrei-me da droga do efeito que a atenção do jornalista lá fora poderia ter sobre mim. Eu dava meu melhor para ficar longe dos holofotes. Só queria jogar futebol, nada mais.

Com outra olhada rápida para o homem que estava parado, alheio a tudo ao seu redor, peguei todas as minhas tralhas e fui me trocar. Não precisava que Reiner Kulti falasse comigo. Nunca precisei dele antes, e não precisaria no futuro.



Se pensei, por um segundo que fosse, que as coisas ficariam menos

caóticas com o passar dos dias e que a presença de Kulti se tornasse águas passadas, eu teria estado redondamente enganada.

Não ficaram.

Todo dia, havia pelo menos meia dúzia de repórteres do lado de fora do campo ou da sede. Não importava onde estaríamos durante o dia, eles também estariam lá. Cocei tanto o pescoço que quase o deixei em carne viva de tanta coceira que eu sentia nas caminhadas até onde seriam nossas reuniões.

Tentei ficar o mais longe possível deles.

Exatamente como eu tentava ficar o mais longe possível do novo treinador do time.

Para ser sincera, ele facilitava as coisas. O alemão ficava no canto do universo que havia cavado para si mesmo — um cantinho solitário que incluía ele e apenas ele. Parecia que só Gardner, o morceção conhecido como nosso preparador físico e Grace eram convidados de vez em quando. Kulti ficava parado, observando; então, movia-se um pouco para o lado e continuava observando.

— Parece que estamos na jaula do leão em um zoológico — Jenny sussurrou para mim, no intervalo de uma de nossas reuniões. Estávamos sozinhas no banheiro depois de ficarmos sentadas por duas horas ouvindo detalhes da programação, e eu estava prestes a querer me apunhalar no olho com a caneta. Eu estava impaciente sentada naquela cadeira sem fazer nada.

Minhas preces foram ouvidas quando nos deram dez minutos para usar o banheiro e pegar algo para beber.

Olhei para ela no reflexo do espelho e arregalei meus olhos. Acho que não fui a única que notou o homem mudo que passou a reunião toda com as costas na parede e os braços cruzados no peito.

— Parece mesmo, não é?

Ela assentiu, como se abatida por aquilo.

— Ele não disse nada, Sal. Quero dizer, isso não é estranho? Até a Phyllis... — Phyllis era a velhota maldosa, nossa preparadora física — ... fala de vez em quando. — Jenny encolheu os ombros bem no alto. — Esquisito.

— Muito esquisito — concordei com ela. — Mas não podemos dizer

que...

A porta se abriu, e três das novas garotas no time entraram, trocando piadas entre si.

Jenny me olhou pelo reflexo do espelho, porque o que era mais óbvio do que parar uma conversa no mesmo instante em que outras pessoas chegavam? Era como se eu tivesse a palavra “culpada” tatuada no meio da testa. Então soltei a primeira coisa que me veio em mente: — ... que você pediu para não colocar cebola no hambúrguer sem parecer uma babaca...

Uma das garotas sorriu para mim antes de entrar na cabine, e as outras duas nos ignoraram.

Visivelmente, Jenny mordiscou o lábio enquanto as novatas entravam nas cabines.

— É, não dá para reclamar desse tipo de coisa... — E então articulou, sem fazer som, assim que as garotas sumiram: — E o que foi isso?

— Falei a primeira coisa que me veio em mente! — respondi para ela da mesma forma, dando de ombros.

Jenny apertou as narinas enquanto o rosto corava.

— Pois é. — Ergui os braços ao lado, em um sinal de “o que você queria que eu falasse?”, mesmo ela estando ocupada demais tentando não cair no riso para me ver no espelho. Deus, ela não estava ajudando em nada na nossa conversa inventada. — Deixei bem claro que não queria cebola, mas tanto faz. Eu acho. Não é que eu seja alérgica.

Àquela altura, Jenny estava com a testa no balcão de pias do banheiro e as costas, arqueadas, reprimindo o riso.

Dei-lhe um chute de leve na parte de trás do joelho quando uma das descargas soou. Ela olhou para cima, e eu murmurei: — Pare com isso. — Mas ela parou? Não. Nem de longe.

É, ela era um caso perdido e não ajudaria a manter a farsa. Uma olhada e as outras garotas veriam Jenny perdendo o controle por causa da cebola. Deus, como eu mentia mal.

Empurrei-a para fora do banheiro no mesmo instante em que um dos trincos foi girado.



— Tem um rumor circulando por aí de que você vai voltar para a seleção em breve. Algo a comentar?

Era o primeiro dia oficial de treino, e meus pés estavam coçando. Depois de quase seis meses jogando futebol com amigos e familiares, enquanto treinava e me condicionava por conta própria, eu estava pronta.

E é claro que um escritor da famosa revista digital *Training, Inc* tinha acenado para mim.

Até agora, duas perguntas, e estava correndo bem.

Mas ainda não significava que eu abriria minha boca enorme e contaria a ele todos os meus segredos mais profundos. *Respostas vagas, Sal. Nunca confirme nem negue nada.*

— Acho que não. Meu tornozelo ainda não voltou a ser como eu quero, e estou ocupada com outras prioridades.

Tudo bem, não foi tão ruim assim.

— Ah, é mesmo? — Ele ergueu a sobrancelha. — Tipo quais?

— Estou trabalhando em acampamentos juvenis. — Deixei de fora os outros detalhes da minha vida, as partes que não eram glamourosas e que não tinham nada a ver com futebol. Ninguém queria ouvir sobre nossos salários miseráveis ou sobre como a maior parte de nós tinha que complementar a renda com outros empregos. Isso não combinava com a imagem que a maioria das pessoas tinha de jogadores profissionais em qualquer esporte.

E, mais do que isso, ninguém queria ouvir que eu trabalhava com paisagismo quando não ficava superocupada com o Pipers. Eu não tinha vergonha disso. Até gostava, e tinha um diploma em Arquitetura Paisagista. Não era lustroso nem bonito, mas até parece que eu deixaria qualquer um falar mal do que eu fazia. Meu pai havia sustentado nossa família sendo “o cara do gramado” ou “o jardineiro” e qualquer outra coisa que colocasse comida na mesa. Não havia vergonha alguma em trabalhar duro — ele e minha mãe haviam me ensinado isso desde nova, quando eu ainda me importava com o que as outras pessoas pensavam. As pessoas riam e faziam piadas quando meu pai ia me buscar na escola com a máquina de cortar grama e outras ferramentas na caçamba da caminhonete, que estava caindo aos pedaços, seu chapéu engraçado e as roupas manchadas de suor que pareciam ter visto dias melhores.

Mas como eu poderia achar ruim meu pai me buscar na escola para me levar para o treino de futebol? Ou então ele me buscava, eu o acompanhava em um ou dois trabalhos e, depois, ele me deixava no treino. Ele nos amava e se sacrificou para que Eric e eu pudéssemos estar naqueles times cheios de taxas e uniformes caros. Havíamos chegado aonde estávamos hoje porque ele havia trabalhado muito.

Na minha infância e adolescência, as pessoas foram achando mais e mais motivos para encherem meu saco e rirem de mim. Fui chamada de CDF, arrogante, vagabunda, lésbica e machona mais vezes do que eu poderia contar. Tudo porque eu amava jogar bola e levava isso a sério.

Um dia, um dos treinadores do Sub-20 me puxou de lado depois de algumas das minhas colegas de time terem sido agressivas comigo. Recusei a oportunidade de ir para casa e descansar um pouco. Ele costumava dizer: “As pessoas vão te julgar independentemente do que você faça, Sal. Não dê ouvidos ao que elas dizem, porque, no final das contas, é você quem vai ter de viver com suas escolhas e com aonde elas vão te levar. Ninguém mais vai viver sua vida por você”. Na maioria das vezes, era mais fácil falar do que fazer, mas ali estava eu. Eu havia conquistado tudo aquilo porque havia trabalhado duro, então não tinha sido em vão.

Haveria centenas de festas às quais eu poderia ir quando fosse mais velha e tivesse passado do meu ápice atlético, mas eu só tinha a primeira metade da minha vida para fazer o que amava para me sustentar. Fui sortuda o bastante para encontrar algo de que eu gostava e com o que poderia trabalhar. Não desperdiçaria a chance que recebi.

Mas, às vezes, não gostava de ter que defender aquilo de que eu gostava, ou o motivo pelo qual eu fazia questão de dormir tanto, ou porque não comia aquela refeição gordurosa que me daria uma indigestão durante uma corrida mais tarde, ou por qual razão não gostava de ficar perto de fumantes. Esse cara era uma das pessoas com quem eu gostaria de economizar saliva. Então não elaborei.

As sobrancelhas do blogueiro subiram quase até a raiz do cabelo.

— E como estão seus acampamentos de futebol?

— Ótimos.

— Como você se sente com os críticos dizendo que o Pipers deveria ter contratado um treinador com qualificações melhores do que Reiner Kulti?

Eu sabia muito bem como as irmãzinhas da série *A Família Brady* se sentiam. Kulti, Kulti, Kulti. Puta merda. Sinceramente, uma parte de mim estava surpresa com o fato de eu não estar sonhando acordada com ele, mas será que eu poderia dizer aquilo em voz alta? Sem dúvida alguma que não.

— Disseram que eu era baixa demais para ser uma boa jogadora de futebol. Você pode fazer tudo o que *quiser*, desde que se importe o suficiente. — Talvez tivesse sido algo ruim a se dizer quando Kulti não parecia se importar nem um pouco com a gente, mas as palavras pularam para fora da minha boca, e eu não tinha como pegá-las de volta. Então...

— Kulti é bem conhecido por suas performances solo — ele afirmou, com naturalidade.

Eu simplesmente o encarei, mas não disse nada. Se houvesse um jeito de responder àquilo, eu não sabia como.

— Ele também quebrou a perna do seu irmão. — Pelo menos o cara não estava fingindo amnésia ao mencionar Eric, diferente do outro com quem eu havia conversado.

— Acontece. — Dei de ombros, porque era verdade. — Uma vez, Harlow Williams deslocou meu ombro. Outra amiga minha quebrou meu braço quando eu era adolescente. Não é incomum esse tipo de coisa acontecer. — E também havia as outras dezenas de lesões que meu irmão havia me causado ao longo dos anos.

Se eu estava mentindo? Um pouco. Era verdade que Harlow tinha deslocado meu ombro e que uma colega de time me atingira com tanta força durante um amistoso que acabei com uma pequena fissura, mas essas duas coisas foram acidentes. O que aconteceu entre Eric e Kulti... não muito, e esse era o problema. Kulti tinha jogado sujo — muito sujo — e tudo o que recebeu foi um cartão amarelo. Um cartão amarelo naquela situação era igualzinho a receber uma advertência depois de ter atropelado alguém com o carro, dado a ré para atingi-lo de novo e dado o fora. Era ultrajante.

Isso quase tinha arruinado a carreira do meu irmão, e tudo o que Kulti tinha recebido havia sido a porcaria de um cartão amarelo. Era o maior disparate do último século. As pessoas haviam enlouquecido por causa daquilo, alegando que ele havia sido perdoado por causa do status e da popularidade. Não era a primeira vez que uma superestrela tinha se safado de

algo, e não seria a última.

Mas eu poderia dizer aquilo oficialmente? Nem pensar.

— Eu tenho mesmo que começar a me aquecer — eu disse com cuidado antes que ele tivesse a chance de perguntar outra coisa.

— Obrigado pela atenção. — O repórter da *Training, Inc.* sorriu ao estender a mão para trocarmos um aperto.

— Sem problemas. Tenha um bom dia.

Aquele cara tinha causado o suficiente na minha vida.



— O que está acontecendo com você? — Jenny me perguntou enquanto estávamos na lateral, esperando o resto do time finalizar o treino de toque de bola.

Puxei a camisa para cima e usei a bainha para enxugar o lábio superior e a boca. A temperatura e a umidade estavam altíssimas em Houston — nenhuma surpresa. A dor de cabeça tensional que me acompanhava a manhã toda também não ajudava; a conversa com o repórter continuou me irritando.

— Estou bem — garanti a ela antes de pegar uma garrafa de água no chão.

Ela ergueu apenas uma sobrancelha, as bochechas estufando ao passo que um sorrisinho descrente atravessava o rosto. Quem eu estava querendo enganar? Independentemente de sermos amigas há cinco ou quinze anos, ela ainda me conhecia melhor do que qualquer um.

— Você sabe que pode falar comigo sobre qualquer coisa.

Ela me fazia entrar nas piores espirais de culpa porque era sempre gentil, só que mesmo assim... tinha vezes que eu não queria conversar sobre nada.

— Estou bem.

— Você não está bem.

— Eu *estou bem*.

— Sal, você não está bem.

Tomei outro gole de água enquanto algumas outras poucas jogadoras se dirigiam ao mesmo lugar que nós para esperarem.

— Estou bem, sim — insisti, a voz mais baixa para que apenas ela pudesse me ouvir.

Ela não acreditou em mim, e por uma boa razão.

Eu estava um pouco chateada e um pouco irritada.

Eu queria jogar, não queria pessoas desenterrando coisas do meu passado. Isso não era pedir muito. O máximo que eu havia ganhado jogando tinha sido um contrato com uma grande empresa de roupas que basicamente tirou fotos minhas em campo e me pagou por isso, mas nada mais. A presença de Kulti tinha o potencial de me colocar em risco, sendo que o passado não havia sido culpa minha.

Ele machucara seriamente meu irmão, e fim de conversa. Eu poderia aprender a deixar aquilo para trás por enquanto, ainda mais porque ele parecia não saber nem se importar com quem era ou não meu parente.

Com isso em mente, olhei sem querer na direção em que o sr. Superestrela Mudo estava. Braços cruzados no peito impressionante de tão grande, observando as jogadoras no campo com uma expressão neutra. Era o mesmo comportamento inexpressivo que vinha exibindo desde sua chegada. Ele me irritava, mas eu também ficava irritada comigo por deixar aquela atitude me afetar. Tudo de que eu precisava era focar em sobreviver ao treinamento da pré-temporada.

Não fiquei muito surpresa quando Jenny piscou devagar.

— Você está olhando com cara de bunda para lá. Você só fica com essa cara quando alguém a enfurece durante um jogo.

Ela tinha razão. Eu senti que estava com cara de bunda. Mostrar os dentes e dar sorrisinhos cínicos eram duas expressões com as quais meus músculos faciais estavam acostumados. Franzir o cenho era um território desconhecido. Respirei fundo e tentei relaxar o rosto ao alongar a mandíbula e a boca. Como esperado, a tensão diminuiu naqueles pequenos músculos, e senti melhoras até a altura das sobrancelhas.

— Eu falei. — Jenny me deu um pequeno sorriso. — Você estava com a mesma cara daquela partida contra o Cleveland no ano passado, lembra?

Como eu poderia esquecer? Uma zagueira do Cleveland havia torcido meu mamilo até o limite quando caí em cima dela depois de uma jogada, e não a pegaram em flagrante. Aquela vagabunda. Não me vinguei no primeiro tempo, mas com certeza o fiz no segundo, marcando dois gols contra o time dela. Não consegui usar sutiã por uma semana sem sentir dor, mas, pelo

menos, vencemos.

— Meu mamilo ainda dói — eu disse para Jenny, com um sorriso cansado.

Ela ergueu a sobrancelha.

— Seu tornozelo está incomodando? — ela perguntou, olhando ao redor mais uma vez para se certificar de que não havia outras jogadoras por perto. Lesões eram como iscas de tubarão. Por um lado, éramos todas colegas de time com o mesmo objetivo, mas em nenhum segundo perdi de vista que alguém poderia tentar tirar proveito de uma lesão para benefício próprio. Pessoas competitivas eram assim.

Enxuguei o rosto de novo e tomei outro gole de água.

— Um pouquinho — respondi, honestamente, porque era verdade, só não toda a verdade.

Jenny fez uma careta.

— Sal, você precisa tomar cuidado.

Essa era a diferença entre desabafar com Harlow e desabafar com Jenny. Harlow teria me dado um tapinha nas costas e me mandado superar. Jenny se preocupava, se estressava. De agora em diante, ficaria de olho em mim, e essa era parte da razão pela qual eu gostava tanto dela.

Esfreguei o rosto com as costas da mão.

— Estou bem.

Ela me olhou com seriedade antes de perguntar: — O que mais está acontecendo?

Jenny não pararia de me importunar sobre aquilo. Cocei a ponta do nariz e me certifiquei de que não havia ninguém por perto para me ouvir.

— Hoje cedo um blogueiro mencionou o incidente entre Kulti e Eric. — respondi, frustração borbulhou na minha garganta. — Estou um pouco preocupada com isso.

Minha amiga soltou um assobio baixo, muitíssimo ciente da situação.

— Pois é. — Concordei com o rosto franzido dela.

— Por quê? Isso não é novidade.

Dei de ombros. Não, não era.

— Pois é, né?

Ela assentiu, concordando.

— Acho que isso me deixou um pouco mal.

— Respire fundo — ela pediu, sem me pressionar. — Só podemos ter uma pessoa no papel de *serial killer* em campo.

No mesmo instante, nossos olhos se moveram em busca de Harlow. Quando voltamos a nos olhar, nós duas sorrimos. Harlow era incrível, mas... ela se parecia mesmo com uma assassina. Não era difícil imaginá-la como uma princesa viking, saqueando vilas e espetando a cabeça das pessoas em lanças.

— Quem está pronta para um treino de três contra três? — o treinador Gardner gritou.

Treino de alta intensidade, meu preferido.

Devo ter sorriso ou deixado algo transparecer, porque claramente ouvi Jenny murmurar baixinho: — Você é terrível.

Tirei meu tornozelo, o Rei e Eric da cabeça, e dei um tapa na bunda de Jenny logo antes de eu sair correndo em direção aos treinadores.

— Você vem?

Ela suspirou e balançou a cabeça antes de vir atrás de mim.

Separamos três pequenos campos diferentes para nossos jogos. Fui até o primeiro grupo para uma partida de cinco minutos. O jogo terminou em um piscar de olhos, e os grupos trocaram de lugar, com as meninas que estavam fora de campo substituindo as que tinham acabado de jogar.

Vi Harlow caminhando até as laterais e comecei a ir em sua direção, desviando de Kulti e do treinador Gardner, que estavam juntos. O segundo estendeu o punho para eu fazer um toquinho com o meu em um cumprimento.

— Você tem treinado o pé esquerdo?

Sorri. Eu vinha treinando muito. Muito *mesmo*. Aquilo era o resultado de horas e mais horas correndo com a bola durante o intervalo entre as temporadas. Sempre fui decente, mas queria ser melhor.

— Tenho, sim. Obrigada, G. — Encostei o punho no dele mais uma vez e, honestamente, não sei por que fiz uma pausa depois.

O que eu estava esperando? Talvez um elogio do Rei, ou pelo menos uma

olhadela, um pouquinho de reconhecimento? Qualquer uma das opções bastaria, mas me demorei um milésimo de segundo a mais do que o necessário, tempo suficiente para ser notada, para Gardner lançar um olhar pelo canto dos olhos ao alemão como se estivesse esperando que o outro também dissesse algo.

Mas não disse.

Aqueles olhos quase castanhos, como uma lagoa turva, nem sequer *olharam* para mim.

Constrangimento inundou meu interior — minha barriga e minha garganta mais especificamente. O que poderia ter sido apenas acidez ou terminações nervosas hiperativas nas minhas bochechas as deixaram esquisitas quando forcei um sorriso despreocupado que dizia a Gardner que tudo bem que eu tivesse acabado de ser ignorada. Mas, na verdade, eu estava fervilhando e morrendo por dentro.

Eu sabia como era. Caramba, *eu sabia como era*. Ele já não tinha feito a mesma coisa comigo antes?

Não conseguia me lembrar da última vez que alguém havia resolvido fingir que eu simplesmente não existia, e não falo isso de um jeito presunçoso e vaidoso. A maioria das pessoas que eu conhecia eram amigáveis, e, mesmo se fossem um pouco tímidas no começo, pelo menos me encaravam antes de desviar o olhar. A maior parte dos babacas agia pelo menos de maneira indiferente depois de uma olhadela rápida, mas aquele otário não tinha nem gastado as calorias necessárias para virar o pescoço na minha direção.

Nada, ele não fez nada.

Meu sorriso para Gardner ficou um pouco mais tenso, e dei a ele outro aceno de cabeça rápido antes de caminhar na direção de Harlow, uma sensação horrível cerrando meu estômago.

— O que aconteceu, Sally? — Har me perguntou com a voz preocupada no instante em que cheguei ao lugar onde ela esperava.

Eu sempre dava tão na cara? Acho que sim.



Duas semanas se passaram em um piscar de olhos, do jeitinho que eu sabia que passariam. Os dias viraram uma repetição um do outro. Eram uma batalha diária, consistente e sólida que tinha de ser perfeitamente planejada.

6h15 — Corrida.

7h00 — Café da manhã.

7h20 — Preparar o almoço.

7h45 — Tentar fugir da imprensa/se eu falhar: falar por dez minutos.

8h00 — Treino do Pipers seguido de um shake de proteína.

11h30 — Almoço no carro.

12h00 — Esperar o Marc vir me buscar para nossos compromissos da tarde.

18h00 — Ioga/levantamento de peso/jardinagem/talvez natação/qualquer outra coisa.

19h00 — Jantar.

20h00 — Banho.

20h30 — Lanchinho/televisão/hora da leitura.

22h00 — Dormir.

Se fosse preciso especificar o que acontecia nos treinos, seria possível adicionar: me certificar de ganhar os tiros de corrida diários, passar um tempinho com Harlow, receber ordens de Jenny, ajudar as garotas mais novas e encarar o mudo que ficava parado num dos cantos de vez em quando. *De vez em quando* mesmo. Ninguém tinha tempo de fazer isso o tempo todo durante todos os treinos.

Quero dizer, fala sério.

Então, lá ia eu torrar sob o sol, apesar de estar vestindo camisa e chapéu

feitos com proteção contra raios UV. O único banho à noite era provavelmente a razão pela qual eu continuava solteira, mas qual era o ponto em tomar mais de um banho se eu sabia que ia suar no treino e no trabalho? Não era nada sexy vestir jeans, camisa de manga comprida e botas de borracha. No trabalho, Marc enchia meu saco por causa de Kulti, perguntando se eu tinha alguma fofoca para compartilhar. Não preciso dizer que ele ficou decepcionado com o fato de eu não ter nada do que reclamar.

O homem sobre o qual todos estavam curiosíssimos não tinha me dito palavra alguma. Que peninha.

Dentre todas as maneiras pelas quais o Rei havia saturado minha vida, estava a conversa irritante que finalmente tive com Eric, meu irmão, que foi algo tipo: “Blá, blá, blá, aquele cara é um idiota, blá, blá, blá, não dê ouvidos a merda nenhuma que ele te disser...” Não tive nem chance de contar para ele que Kulti não sabia mais falar. “... blá, blá, blá, ninguém aqui acredita que ele resolveu ser treinador na Liga Profissional Feminina. Alguém me disse que ele recebeu uma oferta de oito dígitos para treinar uma equipe espanhola...” Mais blá e mais um pouco de blergh.

E a cereja do bolo de tudo que não tive a chance de contar a ele na conversa quinzenal era que eu havia começado a receber mensagens passivo-agressivas de fãs de Kulti... tudo por causa do meu irmão e sua maldita perna.



— ... *um idiota*. — Ergui os olhos para Gardner e apontei: — Ele é um idiota. Não vou discutir isso. — Então, continuei lendo o e-mail que eu havia recebido na noite anterior: ***O Casillas mereceu. Estou cansada de o Kulti receber a culpa sendo que ele estava fazendo o que precisava ser feito. Você parece ser uma mocinha sensata, então espero de verdade, pelo seu bem, que não comece a falar um monte de baboseiras sobre o Rei, das quais você venha a se arrepender mais tarde.***

Gardner se reclinou na cadeira, balançando a cabeça.

— Jesus, Sal. Sinto muito. — Ele piscou algumas vezes. — Vamos

chamar alguém para pensar em uma estratégia e acabar logo com essa merda, porque isso está além da minha alçada.

— Sinto muito também, G. Odeio incomodá-lo com isso, mas não sei se tem algo que eu deveria fazer, ou se eu deveria continuar ignorando as mensagens.

Ele me dispensou com um aceno de mão, já digitando os números no telefone de conferência em sua mesa.

— Nem perca tempo pensando nisso... Sheena? Você poderia dar uma passada no meu escritório? Sal Casillas está aqui. Ela tem recebido alguns e-mails estranhos com relação ao Kulti, e não sei qual é o melhor caminho a seguir. — Um segundo depois, o telefone voltou ao gancho, e ele ergueu as duas sobrancelhas até a raiz do cabelo. — Ela vai chegar daqui a um pouquinho.

Assenti e sorri para ele.

— Tudo bem.

Gardner me deu aquele sorriso gentil que sempre me reconfortava.

— Como anda sua família?

— Tudo bem. E como anda sua fam... — *E* esqueci que tinha ouvido a fofoca de que o divórcio dele tinha sido finalizado em janeiro — ... seu filho?

— Ótimo. Tem doze anos, mas acha que tem dezoito — respondeu com um sorriso tranquilo. — E você? Está pensando em fazer uma pausa para ter filhos?

Eu o encarei. Então, encarei-o mais um pouco.

Mas que merda...?

— Estou brincando com você, Sal. — Gardner deu uma risada rouca.

— Eu realmente achei que você estivesse falando sério — respondi, devagar. Caramba. Não que fosse preciso um namorado para se ter um filho, mas... Minhas sobrancelhas se ergueram. — Mas, é, não.

Eu não tinha um encontro fazia... um ano? E eu não transava fazia...? Muito, muito tempo. Não que eu não quisesse, porque eu queria, mas porque eu tinha um vibrador, e o vibrador nunca nos deixava na mão. Também não tinha uma esposa ou namorada de quem você não sabia. *Enfim*.

Ele bufou.

— Estou só brincando. Você ainda é jovem.

Pensei nas outras garotas do time e dei uma leve estremecida. Não fazia muito tempo, eu era uma das novatas, uma das bem jovens que tinham acabado de sair da faculdade e sido convocadas. Agora, eu era uma das mulheres que servia de inspiração para elas. Girei o tornozelo e senti a rigidez em resposta, lembrando-me de como o estado dele era precário.

Alguém bateu à porta, e Gardner pediu para entrar.

Sheena enfiou a cabeça na porta entreaberta.

— Oi. — A porta foi escancarada. Um segundo depois, vi a cabeça que apareceu acima da dela.

Meu coração traidor e muito, muito, muito idiota se lembrou de como era ter treze anos.

Meu cérebro, aparentemente o único órgão lógico no meu corpo, disse para todos os seus irmãos e irmãs: “Recomponham-se e acalmem-se!”.

Calcei minhas Meias de Garota Crescida, respirei fundo para me acalmar e consegui sorrir para as duas pessoas que entravam na sala, indo bem em direção às cadeiras ao lado da minha. Engoli em seco e disse: — Oi, Sheena. Oi, treinador Kulti. — Tudo bem, soou bem mais estúpido do que eu teria gostado. Minhas bochechas resolveram naquele exato instante que ficariam muito quentes.

Droga. *Controle-se, Sal!*

— Oi, Sal — Sheena me cumprimentou se sentando ao meu lado, então, olhou sobre o ombro por alguns segundos e disse: — Pedi ao sr. Kulti...

Sr. Kulti? Sério mesmo?

— ... para vir junto.

Pisquei na mesma hora que todos os meus ossos congelaram.

O homem de cabelo curto, que parecia servir em algum ramo do Exército, balançou a cabeça, ainda em silêncio.

Senti meus joelhos endurecerem e me traírem quando grudei os pés com força no chão e me levantei, forçando uma mão surpreendentemente firme na direção do homem que já havia apertado a mão do...

Cocô. Cocô, cocô, cocô.

Por que eu deveria me importar com a mão de quem ele havia apertado?

Eu não me importava.

Respirando devagar, discretamente pelo nariz, ergui o queixo, como se fosse ajudar a manter minha dignidade mais intacta. E como se aquilo não fosse suficiente, ainda soltei: — Oi, sou a Sal Casillas, uma das atacantes...

Se era hora de calar a boca? Sim. Com certeza.

Uma mão grande, quente e masculina agarrou a minha quase na mesma hora, e eu enchi os pulmões com outra respiração calmante, sorrindo para o homem parado do outro lado de Sheena. Foi um aperto de mão normal; não foi fraco, mas ele também não tentou quebrar minha mão. Ele era apenas um homem. Apenas um homem normal com olhos interessantes e um rosto sério.

— Poderia me contar um pouco mais sobre os e-mails que você anda recebendo?

Puxando de volta a mão que havia acabado de tocar Reiner Kulti, foquei os olhos na mulher ao lado e assenti. Resumi as mensagens que eu tinha recebido. Insultos direcionados ao meu irmão, avisos de que eu deveria fazer tudo o que pudesse para aprender o máximo possível com o alemão, e um monte de outros disparates que me deixaram estressada.

A bochecha de Sheena se levantou bem alto, e foi fácil ver em sua pele negra o que estava pensando. Então, assenti bruscamente.

— Certo. Entendi...

— Aquele imbecil era seu irmão?

“Aquele imbecil” havia sido meu irmão de catorze anos quando eu tinha sete, quem segurava minha mão quando eu atravessava a rua, quem me deixava acompanhar seus jogos de futebol com os amigos mesmo quando ele resmungava e ficávamos chutando bola de um para o outro no quintal antes de ele sair, e era ele a mesma pessoa a estar em pé na arquibancada, gritando a plenos pulmões quando a arbitragem tomava uma decisão errada contra mim. Eu *amava* meu irmão. Se ele era um idiota arrogante que acreditava ter sido abençoado com um talento vindo direto dos céus? Sim.

Mas foi ele quem segurou minhas pontas quando, mais jovem, eu tinha feito uma jogada horrível que custou o campeonato ao meu time. Foi ele quem me disse que não era o fim do mundo. Enquanto eu via Kulti como alguém foda a quem eu aspirava ser um dia, foi Eric quem me garantiu que eu poderia ser melhor.

Quando Kulti quebrou a perna do meu irmão, tomei uma decisão.

Eu ficaria sempre do lado do meu irmão.

Só que, quando meus lábios tomaram forma para enunciar a letra V de “vagabundo”, eu *me lembrei*.

Eu me lembrei do que Gardner tinha nos avisado há duas semanas durante a primeira reunião do Pipers. *E se eu ouvir qualquer uma de vocês o chamando de Führer... expulsão, entendido?* Merda.

Chamá-lo de vagabundo não era melhor, era?

Um pé no saco também não seria muito melhor.

Meus lábios se fecharam e, em resposta, minhas narinas dilataram.

— Ele não é um imbecil, mas Eric *é* meu irmão — respondi com cuidado, meu olho começando a tremer.

A três metros de distância, os olhos castanho-esverdeados de alguém se semicerraram.

— Do que mais você chamaria alguém que...

Meu olho agora tremia como nunca e, antes de pensar duas vezes, eu o interrompi: — Alguém que acertou de propósito a perna do adversário com mais força do que o necessário? — Dei de ombros. — Você deveria saber.

Minha garganta se fechou na mesma hora, e o tremor na minha pálpebra piorou depois que as palavras saíram. Eu tinha mesmo feito aquilo. Jesus Cristo. Eu acabara de insinuar que ele era um imbecil, mas insinuar não era o mesmo que xingá-lo na cara dura, certo?

Sheena emitiu um riso agudo e baixo cheio de uma energia constrangedora.

— Tudo bem, tenho certeza de que podemos evitar os insultos, não é mesmo? — Ela não esperou a resposta de nenhum de nós dois antes de continuar: — Tenho uma ideia, e não vejo por que não funcionaria para baixar um pouco a poeira. Falei com o assessor do sr. Kulti na semana passada, e ele deixou bem claro que o lado dele tem recebido algumas mensagens parecidas, mas esperávamos que tudo fosse desaparecer alguma hora. Já que não desapareceram, faremos o seguinte: Sal, vamos liberar sua parte na coletiva de imprensa que fizemos há algumas semanas...

Meu queixo caiu, e eu tinha certeza de que meu coração havia deixado de

bater por um segundo. Engasguei em alto e bom som com minha própria saliva.

A assessora me olhou feio. Ela estivera presente. Ela tinha visto o papel de idiota que fiz.

— Posso garantir que será editado. Alguns cinegrafistas estão vindo filmar parte dos treinos para o site. Com certeza, podem gravar vocês dois se dando bem. Também temos sessões de foto planejadas, e, com alguns posicionamentos estratégicos — ela sorriu e sacudiu os dedos como se não tivesse acabado de dar uma das piores ideias que ouvi na vida —, problema resolvido para vocês dois.

Ruminei meus pensamentos por um minuto, encarando o alemão sentado a um metro de distância. Abrindo e fechando a boca, desisti dos xingamentos que giravam na minha cabeça.

O vídeo da coletiva de imprensa? Não. Nem pensar.

A gravação? Olhei para Kulti de novo e quase bufei, lembrando-me de como ele ainda não havia falado com ninguém que não fosse um funcionário — além de Grace. Então, quais eram as chances de aquilo acontecer? Nenhuma.

As fotos? Dava para fazer.

Mas...

A coletiva de imprensa. Um arrepio usou suas pernas fininhas para subir rastejando pelas minhas costas. Pigarreei.

— Sheena — eu disse com firmeza, esperando não soar arrogante. Ela estava tentando; eu sabia disso e apreciava o esforço. — Aquele vídeo... — Tentei me lembrar de todas as palavras de que eu era capaz, mas tive que me contentar com um sacudir de cabeça. Então, só para garantir que ela tivesse mesmo entendido, balancei a cabeça muito rápido, decerto com veemência demais. — Talvez essa não seja a melhor das ideias, você não acha?

Gardner nem se importou em tentar silenciar o riso. Ele mergulhou de cabeça.

— Vai ficar tudo bem. Não vou permitir que usem as partes com as quais você está preocupada. Prometo.

Interpretando meu silêncio pelo que era — receio e desconfiança —, Sheena disse: — Prometo, Sal. Vai ficar tudo bem. Confie em mim.

Confiar nela? Eu tinha uma regra a respeito de confiar nas pessoas até elas me darem razão para não o fazer. Quando se joga futebol com estranhos quase todos os dias, quando se coloca sua saúde e segurança na mão dos outros por necessidade, ser cínica demais não ajuda em nada. Se aquilo tudo era um pouco intimidador? Sim, mas, como minha irmã dizia: “Só vivemos uma vez”.

— Tudo bem — coloquei para fora, ainda que parte da minha consciência estivesse me chamando de idiota por não lutar com mais afinco.

O sorriso que ela me deu em resposta foi grande e luminoso.

Sorri de volta. *Idiota, idiota, idiota.*

— Sr. Kulti, o senhor também topa? — perguntou a mulher simpática.

Por fim, ele assentiu. O rosto levemente bronzeado não o fazia parecer que estava pulando de alegria, mas ele não a mandou se foder como eu apostaria minha vida que ele faria anos atrás. Não tive certeza se deveria ficar decepcionada ou não.

— Vamos resolver isso num piscar de olhos, Sal. Não se preocupe — Sheena complementou.

O que ela não sabia era que me dizer para não me preocupar era como me dizer para não respirar.



Eu estava dormindo havia pelo menos uma hora quando o celular tocou. Durante alguns toques, considerei não atender. Porque, fala sério... quem estaria me ligando quase meia-noite em um dia de semana? Todo mundo sabia que eu dormia cedo.

O nome de Marc piscou na tela, e semicerrei meus olhos sonolentos. Ele não costumava fazer ligações quando estava bêbado... E se fosse uma emergência?

— Salamandra? — disse o homem que era mais um amigo do que chefe. Crescemos juntos. Ele era amigo do Eric desde que eu me entendia por gente e, de alguma forma, havia passado de melhor amigo dele para uma figura fraterna e um grande amigo meu. Ele tinha se mudado para Houston por causa do doutorado, e assim que também me mudei, ele disse: “Por que não abrimos nosso próprio negócio?”. Com duas pessoas com agendas loucas e

meu diploma e experiência para nos ajudar, era uma maneira fácil de ganhar dinheiro e não ter um chefe que não entendia que tínhamos outras prioridades.

Bocejei.

— Oi, tudo certo? — perguntei com medo.

— Salame — ele silvou, soando só um pouquinho bêbado enquanto o som de vozes altas imperava no fundo, dificultando que eu o conseguisse ouvir.

— Oi, sou eu. O que foi?

Mais barulho no fundo, pessoas rindo e o que devia ser copos tilintando em um brinde.

— Eu não sei o que fazer.

Na mesma hora, sentei na cama e coloquei as pernas para o lado. Marc não sabia o que fazer? Minha intuição dizia que ele não tinha ligado para jogar conversa fora.

— Certo. Você está bem? Do que você precisa?

— Ah? Eu? Eu estou bem. Desculpa. Na verdade, eu liguei, porque... Espere aí, estou tentando entrar no banheiro antes... — De repente, o som de fundo foi completamente abafado e a voz do meu amigo soou clara na linha: — Oi, ele está aqui.

Esfregando os olhos com as costas da mão, bocejei.

— Quem está onde? — Então, minha ficha caiu. — Você não deveria estar dormindo? — Ele tinha aula às oito da manhã.

— Meu professor vai faltar.

— Certo...

— Estou naquele bar perto de casa, sabe? — Ele nem me deu a chance de responder, mas eu sabia. Tínhamos ido lá algumas vezes na pré-temporada. Marc continuou: — Kulti está aqui. Esteve aqui. O bartender o expulsou faz um tempo, mas acho que ele dormiu. O bartender está perguntando se alguém o conhece, mas acho que sou o único. — Ele respirou alto, então, continuou: — É sério, Sal. Pensei em tirar uma foto dele para vender, mas seria maldade. Imagine se alguém o reconhecesse.

Imaginei e estremeci. O foco da Liga Profissional Feminina em moral e valores familiares atravessou minha mente. Se descobrissem que nosso novíssimo auxiliar técnico famoso tinha desmaiado de tanto beber em um bar

antes de a temporada começar... seria um desastre.

— Achei que você pudesse saber o que devo fazer — Marc concluiu, por fim.

Jesus. Que confusão. Uma pequena parte minha não queria se envolver. Ele não era meu amigo, e também não dava para dizer que ele era exatamente amigável ou gentil de qualquer forma, mas o ponto era: Kulti era membro do meu time. Aquela parte minha que batalhava entre ser uma babaca e dizer que ele não era problema meu perdeu para a parte maior, que me obrigava a fazer a coisa certa. Minha mãe ficaria horrorizada se eu agisse como uma imbecil. Eu não queria dar a ela outra razão para ficar decepcionada comigo.

Engoli um resmungo e me levantei suspirando, já procurando uma calça na cômoda.

— Dá para você chamar um táxi para ele? — Por favor, Jesus. Por favor.

— Pedi para o bartender que verificou o documento dele, e ele me disse que não era uma habilitação do Texas. Ou não estava prestando atenção, ou não se importa com quem ele é — Marc explicou. — Acho que ele também não está com nenhuma chave de carro.

Se eu estivesse bêbada, fosse famosa e me encontrasse praticamente sozinha em um país estrangeiro, ia gostar que alguém tivesse vasculhado meus bolsos? Ou, sei lá, de alguém ter me gravado mesmo eu dizendo que minha condição não era das melhores? Com certeza não.

Subindo as calças, suspirei.

— Chego em quinze minutos.



Enterrei o celular outra vez no bolso e dei um suspiro cansado, um pouco frustrado. Sheena não atendeu à ligação, nem Gardner; mas o que eu deveria ter esperado? Era quase uma da manhã e, aparentemente, eu era a única idiota que deixava o som do aparelho ligado durante a noite.

As luzes amarelas e quentes de dentro do bar me fizeram suspirar de novo. O que eu estava fazendo? Um homem que eu mal conhecia estava sentado lá dentro, bêbado e provavelmente prestes a fazer papel de idiota, caso as pessoas o reconhecessem. Eu não era ignorante a ponto de acreditar que, se o fizessem, não lhe dariam bola. Não era assim que as pessoas

funcionavam. Já podia até imaginar os vídeos sendo postados, viralizando e todo o inferno que resultaria disso.

Se era totalmente injusto? Sem dúvida alguma. A maioria das pessoas acabava bebendo demais uma ou outra vez, e ninguém nunca nem pensava duas vezes nisso.

Merda.

Suspirei e abri a porta com tudo, sem pensar no fato de que eu estava com uma calça de moletom de seis dólares e uma blusa de moletom velha e manchada que eu havia jogado por cima da camiseta folgada com a qual costumava dormir. Acho que Marc estava de olho, esperando meu carro chegar, porque encontrei-o na porta me esperando. De camiseta e jeans, ele parecia uma versão limpa do homem com que eu passava quase todas as tardes. Havia tomado banho, o cabelo estava penteado e exibia seus óculos de armação cara, tudo muito chique. Tinha uma semelhança assustadora com Ricky Martin quando não estava vestido com roupas de trabalho. Cabelo escuro, olhos escuros, pele bronzeada, e era... bem, muito bonito.

— Aqui — ele disse, me chamando com a mão até um espaço nos fundos.

A figura debruçada sobre a mesa era inconfundível, pelo menos para mim. Aquele cabelo curto de tom castanho era o mesmo que eu tinha visto pessoalmente nas últimas duas semanas. Com certeza, era Kulti. Era uma pequena bênção, acho, que se ele não estivesse vestindo nenhuma peça relacionada ao time, como a camisa polo de mais cedo naquele dia. O gorro estava puxado bem para baixo na cabeça, outro bônus.

Pela primeira vez me perguntei sobre o que ele estaria fazendo se embebedando em um bar no Oak Forest. Aquela parte da cidade era predominantemente um bairro de classe média que, aos poucos, vinha sendo tomado pela classe média alta, que demolia casas pequenas para construir verdadeiras mansões. Era um bairro familiar, não um bairro em que se esperaria encontrar um homem rico e solteiro morando.

— Desculpa — Marc disse sobre o ombro.

— Não, tudo bem. Você fez a coisa certa ao me ligar. — Bem, eu ainda não estava convencida de que aquilo era verdade, mas... se fosse Harlow me ligando porque precisava de carona depois de exagerar na bebida, eu a teria buscado sem pensar duas vezes. Caramba, se qualquer uma das garotas do time se desesperasse a ponto de me ligar pedindo carona, eu teria ido. Éramos

um time. Era o que fazíamos. Quando se jogava em um time com pessoas que guardavam rancor umas das outras, as coisas acabavam muito mais difíceis do que precisavam ser.

Ai, ai.

— Certo. — Olhei para Kulti e tentei adivinhar o quanto ele pesava. Se pudesse jogá-lo sobre o ombro, talvez conseguisse levá-lo para fora, mas não seria exatamente discreto. Dei um tapinha no braço dele, depois, bati com mais força. Nada. Então, sacudi o braço todo. *Nada.* — Ei, acorde — eu disse, chacoalhando-o mais ainda.

Ainda nada.

Suspirei.

— Ajude-me a levá-lo até o carro lá fora.

Marc nem piscou, só assentiu.

Por um momento, eu me perguntei se a conta dele ainda estaria aberta ou não, mas decidi que ele mesmo poderia lidar com isso pela manhã quando estivesse sóbrio.

— Pronto?

Marc e eu puxamos meu treinador para fora do assento e o levamos até a beira do banco. Agachando-me, peguei o braço que estava colado à mesa e ergui todo o peso para apoiá-lo nos meus ombros. Acima da cabeça de Kulti, vi Marc fazer a mesma coisa.

Como eu sempre acabava me metendo naquelas situações terríveis?

— Pronto?

No três, a gente levantou; bem, Marc e eu levantamos. E, Jesus Cristo, eu estava acostumada com pessoas pulando em cima de mim, mas nunca com carregar nenhum peso morto. Também nunca tinha havido alguém quase trinta centímetros mais alto do que eu se apoiando em mim.

Ofeguei e ouvi Marc soltar um resmungo baixo. Ele estava acostumado a arrastar sacos de terra, sementes e adubo, então isso já era algo. De alguma forma, conseguimos dar a volta e, devagar, caminhamos até a porta. Ignorei os clientes que nos observavam, curiosos e reprovadores ao mesmo tempo. Não importava. Mantendo os olhos em frente, me foquei em garantir que estava suportando a maior parte do peso de Kulti para poupar Marc do trabalho. A porta traseira do lado do passageiro do meu carro estava

destrancada, e, sem pressa, demos um jeito de colocar o homem gigante no assento, deixando-o tombar de lado.

Daria para o gasto.

Esfreguei a sobrancelha com as costas da mão, fechando a porta com o quadril ao mesmo tempo.

— Tentei ligar para o treinador Gardner, mas ele não atendeu, então não sei se devo levá-lo para minha casa ou para um hotel, talvez.

Ele me lançou um olhar que dizia “boa pergunta”.

— Você vai ficar com ele?

Ficar com ele? Olhei para o banco traseiro e dei de ombros.

— Não sei. Você acha que eu deveria?

Marc também ergueu os ombros, olhando para dentro do carro.

— Se fosse você quem eu tivesse vindo buscar, diria que sim, porque é você. Se fosse o Simon, eu teria fingido que a ligação caiu porque ele é um homem crescido que não deveria ter se embriagado.

Eu entendia o argumento dele. Marc tinha me ouvido contar dia após dia que eu não conversava muito com meu treinador.

— Vou dar um jeito, acho.

— Precisa de ajuda?

Ele não saía muito, e percebi que já tinha feito bem mais do que o esperado me ligando. Balancei a cabeça.

— Não se preocupe com isso. Posso deixá-lo em algum lugar.

— Mas ligue para mim se precisar, tudo bem?

Eu me inclinei para a frente e segurei o punho de sua camisa.

— Pode deixar. Vejo você amanhã.

Ele sorriu, dando um passo para trás.

— Até amanhã.

— Boa noite! — gritei para ele antes de entrar no carro e vê-lo desaparecer ao voltar para dentro do bar.

Um único ronco grosseiro no assento de trás me lembrou do tesouro que eu tinha ali. O que eu faria com ele? Levaria Kulti para casa?

Não demorou nem cinco segundos para eu decidir que era uma ideia horrível.

Eu não o conhecia. Ele não era meu amigo. Não seria estranho para ele acordar no meu sofá, no apartamento de uma jogadora com quem ele havia falado uma única vez?

Depois de uma rápida pesquisa no celular e de digitar os dados do meu cartão de crédito, segui pelas ruas vazias e escuras a caminho do hotel mais próximo. Levou cinco minutos para chegar ao hotel de uma rede, mais quinze minutos para fazer o *check-in* porque minha reserva com desconto ainda não tinha sido processada; então, eu estava de volta ao carro, olhando para o que deveria ser quase cem quilos esparramados no banco traseiro.

Graças a Deus pelos agachamentos e levantamentos de terra.

Foi preciso uma boa quantidade de bufadas e arquejos, de suor, de tapas nas bochechas dele, na esperança fútil de acordá-lo, e de xingamentos a cada cinco segundos antes de colocar seu braço sobre meus ombros, meu braço ao redor de sua cintura e, por fim, havia um homem quase inconsciente se arrastando ao meu lado.

— Vamos — implorei a ele, chegando à escada no que parecia ser meia hora mais tarde.

Eu estava morrendo. *Morrendo*. E isso deveria significar algo, porque mulheres enormes pulavam em cima de mim e eu conseguia mandá-las girando para longe.

Putá merda.

Todas as outras vezes que fiz algo parecido com aquilo, tive ajuda.

Por algum milagre, o quarto disponível ficava bem ao lado da escada.

O rosto sonolento dele estava fechado, e lentamente eu o deixei escorregar pela minha lateral para se sentar no chão. Abri a porta, segurei-a entreaberta com o calcanhar e enfiei os braços sob as axilas de Kulti, arrastando-o para dentro.

Sem dúvida, eu o arrastei para dentro, as pernas longas e os pés esticados em frente. Três bufadas e uma içada brusca mais tarde, eu o coloquei na cama e o ajeitei de lado com um joelho dobrado e o braço esticado no comprimento do colchão. Puxei uma pálpebra para cima, mas não sei do que eu queria me certificar. Enfiei um dedo debaixo do seu nariz para garantir que ele respirava normalmente. Então, observei-o por uns bons trinta minutos, sentada na cadeira bem ao lado da cama. Eu tinha passado tempo demais com beberões

durante a vida, e ele não me passava a impressão de que vomitaria sangue nem nada assim.

E agora?

A ideia de ficar ali com ele não parecia boa. Eu não sabia como ele reagiria pela manhã e, honestamente, parte de mim não queria saber. Respirei fundo e procurei um daqueles bloquinhos de nota que os hotéis ofereciam. Como esperado, encontrei-o do outro lado da cama. Bingo.

Querido Kulti,

Rasguei a folha.

Kulti,

Rasguei mais uma folha.

Dane-se. Rascunhei um recado que era mais longo do que eu esperava, tirei as quarenta pratas que eu havia guardado no sutiã e deixei o recado e o dinheiro na mesinha de cabeceira perto dele.

Então, olhei para a poltrona com resignação. Eu não voltaria para casa naquela noite e sabia muito bem disso. Se fosse embora, ficaria acordada e preocupada a noite toda. Obviamente, eu só tinha uma escolha: ficar no quarto do hotel por pelo menos mais algumas horas e, depois, dar o fora dali antes que Kulti notasse minha presença.

Minha consciência disse que aquela era a coisa certa a se fazer, mas minha intuição me mandava dar o fora.

Droga.



— Você está com uma aparência horrível.

Bufei em resposta ao comentário de Harlow, mas assenti em concordância. Havia pessoas matutinas, que conseguiam acordar depois de algumas poucas horas de sono e se sentirem gratas por estarem vivas.

E havia pessoas como eu. Eu tinha que me levantar cedo, então me levantava, mas só depois de ter ficado deitada por uns sete minutos e, isso, depois de ficar sentada na beira da cama encarando o nada por pelo menos mais outros cinco. Então, se fosse um dia bom, eu não dizia nada por mais umas duas horas, porque minha rotina matinal me mantinha longe da humanidade. Se fosse um dia ruim, alguém me forçaria a conversar dentro de uma hora, porque as coisas não tinham saído como o planejado.

Além disso, a gente deveria levar em consideração os fatos de que eu não havia descansado na noite anterior, que eu não era uma pessoa matutina e que minha corrida matinal tinha virado mais uma caminhada de lazer durante a qual fiquei bocejando. E não era nem preciso dizer que eu estava muitíssimo preocupada com Kulti. Olhei para o celular pelo menos uma dúzia de vezes, esperando que ele me ligasse ou me mandasse uma mensagem, mas não havia recebido nada.

Ele também ainda não havia chegado, e o treino deveria começar dali a cinco minutos. Quando o deixei, quase às seis da manhã, ele ainda estava dormindo como uma pedra. Saí com o pescoço doendo porque eu havia dormido em uma cadeira desconfortável, meu corpo dolorido por ter arrastado Kulti por todo lado. Eu sabia que ele estava vivo.

Então...

— Você está doente? — Harlow perguntou, enquanto continuava a esfregar protetor solar nos ombros.

Pisquei com preguiça para ela e balancei a cabeça ao mesmo tempo que,

devagarinho, eu me agachava com um resmungo abafado. Minhas costas doíam pra caramba.

— Eu não dormi direito ontem à noite. — Sentei-me ereta demais, o que fez uma dor aguda percorrer minha lombar. — Puta que pariu — silvei antes de engolir em seco e voltar a olhar para Harlow, que tinha uma sobrancelha erguida. — Dei um mal jeito nas costas.

— Fazendo o quê?

Encarei-a bem no olho, porque não queria parecer alguém que escondia algo.

— Tive que arrastar um bêbado pela rua.

Ela soltou um barulho que veio do fundo do nariz.

— Você deveria tê-lo deixado lá, Sally.

Como eu queria que tivesse sido possível.

Um segundo depois, a zagueira empurrou dois analgésicos na minha direção.

— Aqui.

— Obrigada — disse eu, aceitando os comprimidos e os engolindo a seco antes de ajudá-los a descer com um gole da minha garrafa de água.

Alguém agarrou o nó desarrumado no qual eu havia prendido o cabelo.

— Você está bem? — perguntou a voz clara e animada de Jenny.

Ela me conhecia bem demais.

— Estou. Só com dor nas costas.

Ela franziu as sobrancelhas; ficou tão confusa com a minha situação quanto Harlow, e por uma boa razão. Tomávamos tanto cuidado com nosso corpo que pareceu estranho eu ter feito algo idiota como me machucar fora de campo.

— Quer que eu faça uma massagem mais tarde? — ela ofereceu, deixando suas coisas ao lado de Harlow.

Harlow e eu trocamos um olhar durante aquele milésimo de segundo. Sem pensar duas vezes, respondi: — Estou bem, Jenny, mas agradeço.

— Tem certeza?

Se eu tinha certeza de que não queria ser maltratada pelas mãos assustadoramente fortes de Jenny? Sim. Eu conhecia muito bem as

massagens e as dores que chegariam mais tarde, mas o que Jenny era capaz de fazer estava muito além. A CIA poderia fazer bom uso de sua força hercúlea para torturar e arrancar respostas das pessoas.

Então... É. *Não*.

— Tenho certeza — disse com cuidado para não deixá-la magoada. — Vou ficar bem quando começarmos o aquecimento.

Ela deu de ombros.

— Tudo bem, então.

— Cadê ele? — Ouvi uma das novatas perguntar ao passarem por nós.

Ele.

Eu não me daria ao trabalho de olhar ao redor sendo que sabia muito bem quem o único “ele” desaparecido era. Eu, sem dúvida alguma, tinha ajustado o despertador na mesinha de cabeceira para as sete. Era tempo mais do que suficiente para ele chegar ao treino.

Olhei no celular outra vez e verifiquei se havia alguma chamada perdida. Nada ainda.

Bem, fazer o quê?

Nosso treino começou alguns minutos mais tarde, e tive que empurrar Kulti e sua ausência para o fundo da mente. Então, Gardner acenou para que eu me aproximasse logo depois dos tiros de corrida.

— Está tudo bem? — ele perguntou, nós dois parados na lateral do campo enquanto trocavam o equipamento de lugar. — Eu estava dormindo quando você ligou.

Ahh, merda.

— Ah, sim. Desculpa. Liguei por engano. — Vago, não é mesmo? Seria bom o suficiente?

Gardner não pensou duas vezes; simplesmente, deu de ombros.

— Foi o que imaginei.

Antes que eu pudesse perguntar o que ele queria dizer com aquilo, vi alguém desajeitado atravessando o campo.

Kulti.

Engoli em seco, cocei a sobrancelha e, logo, apontei para trás.

— É melhor eu voltar.

Meu velho treinador assentiu, concordando.

Dei o fora na mesma hora.

Ou pelo menos tentei, mas, caminhando em direção ao grupo de mulheres paradas uma ao lado da outra, cometi o erro de olhar sobre o ombro.

Aqueles olhos musgo-âmbar, que eu tinha visto nas paredes do meu quarto em milhares de dias na infância, estavam focados em mim. Em. Mim. Não olhando através de mim, não por cima de mim, mas bem em mim.

Apesar de não haver qualquer sinal de expressão em suas feições, não havia como ignorar a intensidade daquele olhar. Eu tinha visto aquela intenção antes. Muitas, muitas vezes antes quando ele ainda jogava.

Quando ele jogava e estava a uns três segundos de perder o controle.

E... *cocô*.

Empurrando os ombros para trás e respirando fundo, encarei-o de volta com o rosto neutro.

Se eu tinha feito algo errado? Não.

Fui buscar um quase estranho que estava bêbado, paguei por um quarto de hotel para ele dormir, levei-o até lá, deixei dinheiro para o táxi e um recado. O que mais ele queria? Eu não havia contado a ninguém o acontecido, nem contaria. Nem mesmo à Jenny.

Tudo bem, talvez ele não soubesse que eu não contaria a ninguém.

Deslizando os olhos até o horizonte, me lembrei de que eu não tinha feito nada errado. Tinha feito o melhor que podia. Também não era culpa minha ele não ter acordado no horário. De qualquer forma, não podia voltar no tempo. Talvez devesse ter ligado pela manhã e verificado seu estado, mas estava óbvio que tinha dado tudo certo.

Cabeça no jogo, Sal. Mantenha a cabeça no jogo. Preocupe-se com as coisas quando acontecerem, não perca tempo antecipando nada.

Tudo bem.

Eu foquei.

O treino correu bem até duas horas mais tarde, quando algo aconteceu. Eu estava ofegante, sorrindo como uma idiota ao trocar cumprimentos com duas garotas com quem eu havia acabado de jogar. Foi uma minipartida de três contra três que durou cinco minutos. Tínhamos ganhado e, depois de um alongamento, nosso treino acabou.

Eu tinha conseguido pegar minhas coisas, caminhar de volta até o carro, guardar a bolsa no porta-malas e apoiar as mãos na cabeça para esticar os ombros quando uma mão agarrou meu cotovelo do nada.

A última coisa que eu esperava era olhar para trás e ver uma figura alta de cabelo castanho e pele levemente bronzeada. Kulti. Ele estava perto demais outra vez. A noite anterior tinha sido um borrão, a única coisa em que eu tinha conseguido focar era no tamanho de seu corpo e seu peso, nada mais. Hoje era diferente. Em uma camisa de treino azul-céu que, pelo que eu ouvi, chamava-se oficialmente “menta-polar” — na verdade, era apenas um tom suave e calmante de verde —, o famoso alemão que fazia cocô tinha fechado os dedos da mão esquerda ao redor do meu cotovelo, e me olhava do alto.

Engoli em seco.

Fiquei desesperada. Só um pouquinho, mas mais do que o suficiente, mesmo contendo tudo dentro de mim.

Aquilo não era grande coisa. Não mesmo. Cocô, cocô, cocô.

— Espalhe uma palavra sequer sobre ontem e vou te fazer se arrepender disso. — O sotaque pesado sussurrou essa declaração em um volume tão baixo que, se ele não estivesse me encarando, eu teria achado que os lábios não haviam se movido, mas tinham.

Reiner Kulti estava parado ao lado do meu Honda, que precisava desesperadamente ser lavado, dizendo... *O quê?*

— Hum... o que foi que você disse? — perguntei com cuidado. Geralmente, eu não imaginava ter ouvido coisas.

— Se você — o tom dele soou parecido demais com “você é burra?” para meu gosto — contar para alguém sobre ontem, vou me certificar de que assista à temporada do banco.

Eu poderia contar nos dedos o número de vezes em que havia me metido em problemas por algo que não fosse meu estilo de jogo brusco em campo.

Uma vez, na segunda série, fui pega colando a tarefa de uma amiga.

Duas vezes, menti aos meus pais sobre o lugar aonde eu estava indo.

E houve aquela vez em que eu estava na seleção nacional e fui realmente *burra*; eu não estava tentando enganar ninguém.

O ponto era que eu não gostava de fazer coisas erradas nem de decepcionar ninguém. Sinceramente, aquilo fazia parecer que o holofote

estava em mim, e era terrível. Pelo menos para mim. Durante a vida, a maioria das pessoas havia me chamado de santinha, porque eu não gostava de fazer nada que pudesse me meter em encrencas. Eu tinha coisas melhores para fazer, de qualquer maneira. Empurrar algumas jogadoras não contava, porque elas sempre retribuíam na mesma moeda.

Então pareceu absurdo para mim ele achar que eu faria algo assim.

Na mesma hora que superei a surpresa pelo pensamento de Kulti, fiquei irritada. Muito irritada. Me colocar no banco?

A indignação, uma explosão de raiva que rivalizaria com o próprio Krakatoa e a incredulidade deixaram meu coração acelerado e meu peito apertado.

Eu estava ofegando. Será que eu estava ofegando?

Meu rosto ficou todo quente, e um bolo se formou na minha garganta.

Por um milésimo de segundo, me esqueci de quem estava na frente.

Mas foi tempo o bastante para cerrar os punhos, empinar o queixo de raiva e dizer: — Seu... — Não sei do que eu estava prestes a xingá-lo, porque estava tão irritada, *mas tão irritada*, que não conseguia pensar direito. Mas, assim que minha mão iniciou sua jornada em direção ao rosto do alemão, vi logo atrás dele Gardner e algumas outras jogadoras que ainda não tinham saído, caminhando em direção aos seus carros.

E o bom senso, misturado com aquela vozinha na minha cabeça que me mantinha motivada quando eu sentia vontade de abandonar o sonho, me lembrou de pensar no que eu estava fazendo.

O ar escapou dos meus pulmões como se eu tivesse acabado de levar um soco. Uma veia na minha têmpora pulsou em resposta. *Não faça isso. Não ouse fazer isso.* Os pelos nos meus braços se eriçaram.

Devagar, deixei a mão cair ao lado do corpo e fiz a boca se fechar.

Aquele merdinha não seria a razão pela qual eu ficaria de fora da temporada.

Não seria.

A vontade de abrir a boca e mandá-lo se ferrar estava *na ponta da língua*, mas recolhi-a de forma lenta e constante. Se era como o peixe barracuda lutando pela vida? Sim, mas eu me contive. Guardei aquilo bem fundo no peito, no coração, e tranquei o cadeado.

Ele não tiraria aquilo de mim.

No que provavelmente foi uma das coisas mais difíceis que fiz na vida, mantive o dedo do meio para baixo, meu joelho parado e longe da região em que a virilha de um homem de quase um metro e noventa estaria, e me virei antes de entrar no carro. Fechei a porta sem falar nada, verifiquei se não atropelaria ninguém e dei ré ao sair da vaga.

Não olhei no retrovisor nem uma vez sequer. Estava irritada demais.

Consegui chegar ao semáforo antes de uma lágrima solitária escorrer do meu olho. Só uma. Como ele poderia ter me ameaçado depois do que eu tinha feito? Eu não entendia. Respirei profunda e tremulamente e disse a mim mesma que não gastaria minhas lágrimas com ele. Se por humilhação, ou por ter sido insultada, ou se era só raiva, não importava. A opinião idiota dele não importava. Eu sabia *quem* eu era e o *que* eu era.

Ele poderia ir se ferrar.

E eu esperava que ele acabasse se dando mal.



— Você está bem?

Apertei o nó do enorme saco de lixo preto onde eu tinha acabado de esvaziar o coletor de grama. Assenti para Marc e dei a ele um sorriso cansado.

— Estou. E você?

Ele tirou o chapéu da cabeça e passou a mão pelo cabelo preto curto.

— Estou com um pouco de ressaca, mas já tive dias piores. — Ele mexeu na bolsa que havia apoiado transversalmente no corpo antes de me seguir. — Deu, hum, tudo certo ontem à noite?

— Deu. Ele apareceu no treino hoje cedo — falei tão casualmente que acho que merecia um prêmio. — Obrigada de novo por ter me ligado.

Ele deu de ombros em resposta ao agradecimento e recolheu o aparador que aguardava na calçada.

— O que você acha que ele estava fazendo lá? — ele perguntou em uma voz bem baixa.

— Não faço ideia. — Kulti não tinha dito nada, além de fazer aquela ameaça. Fantástico. — Para mim, parece que ele cometeu uma burrice e

tanto, mas pelo menos o tiramos de lá.

Fechando a tampa traseira depois de termos guardado todo o equipamento na caminhonete, Marc se virou de frente para mim.

— Você fez a coisa certa. Não se preocupe com isso.

A vontade repentina de contar que Kulti havia ameaçado minha temporada pairou na boca, mas mantive-a ali. Não havia passado de uma ameaça. Disse a mim mesma que não daria a ele aquele tipo de poder nocivo sobre mim.

Além disso, eu tinha uma suspeita chata de que nunca, mas nunca mesmo aceitaria o fato de que eu talvez ainda fosse derramar uma ou duas lágrimas, se repetisse as palavras dele em voz alta. Foi só porque eu não tinha nada em mãos que eu pudesse quebrar e arcar com o prejuízo que não joguei tudo no chão.

Querer jogar coisas não era a minha cara. Eu não era esse tipo de pessoa. Não podia acreditar que Kulti conseguia me fazer sentir aquele tipo de emoção. Eu não era temperamental nem emotiva. Não mais, pelo menos.

Era culpa dele. Era tudo culpa do Kulti.



— Salomé! Salomé Casillas!

De propósito, eu tinha mantido a cabeça baixa para que os jornalistas ali perto não me vissem atrás do grupo de jogadoras que seguiam na direção do campo de futebol.

Droga.

— Sal!

Jenny riu quando parei, então, continuou andando e me abandonou. Traidora. Forçando um sorriso educado, procurei ao redor pela voz feminina que chamava meu nome. Ela correu até mim, gravador na mão, e um sorriso tão grande que não tive muita certeza se era autêntico ou não. Àquela altura, não dava mais para saber.

— Oi — cumprimentei-a.

— Oi, muito obrigada por parar — ela disse, tirando o cabelo longo do rosto. — Você tem alguns minutinhos para falar comigo?

O “é claro” que saiu da minha boca soou assustadoramente convincente.

Na verdade, eu não tinha nada contra pessoas que trabalhavam na imprensa, era só que eu era esquisita, antissocial e sabia que tudo o que eu dissesse poderia ser documentado e usado contra mim. Talvez.

Ela me deu um pequeno sorriso, erguendo o gravador.

— Vou gravar, se estiver tudo bem para você. — Fiz que sim. — Certo, obrigada de novo. Meu nome é Clarissa Owens e trabalho na *Social Jane*.

Um site de que eu tinha ouvido falar. Tudo bem, não era tão ruim assim.

— Como é trabalhar com um dos homens mais sexy do mundo?

Eeeeeee foi como se o desastre do Hindenburg, o dirigível alemão, estivesse se repetindo. Despencando e queimando, depois, despencando e queimando ainda mais um pouco.

Pisquei para ela.

— Você quer dizer com o treinador Kulti? — Não era como se a maioria das mulheres achasse Gardner atraente; ele era, pelo menos para mim, só que de um jeito nada convencional. Eu gostava do cabelo grisalho. O rosto era clássico, ele estava em forma e tinha um traseiro bem redondo.

Mas...

Clarissa Owens soltou uma risada muitíssimo feminina.

— Ah, você sabe de quem estou falando, tolinha. Reiner Kulti. Como é ser treinada por um dos atletas mais sexy no mundo?

Precisei reunir toda a minha força interior para não olhar para cima e implorar por uma intervenção divina. Minha boca se abriu e fechou diversas vezes, como se eu estivesse tentando fazer palavras aparecerem magicamente e substituírem o silêncio completo.

— Hum... Bom. Ele é nosso auxiliar técnico e foi um dos melhores jogadores do nosso esporte, então é bem animador.

— Tenho certeza de que é — ela disse. — Conte para a gente: ele usa boxers ou cueca?

Como raios eu saberia a resposta? Em vez disso, falei: — Eu... não faço ideia, mas espero que ele use algo por baixo do uniforme.

— E pelo que ele se interessa?

— A única coisa pela qual ele se interessa é a vitória, penso eu.

A srta. Owens me lançou um olhar exasperado.

— Ele está solteiro?

Pisquei para ela mais algumas vezes e, por fim, olhei sobre o ombro para me certificar de que não havia ninguém me pregando uma peça. Quando voltei a olhá-la, pisquei outra vez.

— Você está brincando?

— Não.

— Tem certeza?

— Tenho.

Levou um momento antes de eu me recompor.

— Kulti é meu treinador. Ele é o melhor jogador de futebol a pisar em Houston, até no Texas provavelmente, e somos incrivelmente sortudas por tê-lo aqui... — Mesmo ele não tendo feito nada, mas por que acabar com a ilusão? — Eu o respeito, assim como todo o resto do time, porque ele é um grande atleta. A vida pessoal dele é problema dele, e não tenho ideia do que ele faz quando não está aqui, desculpa.

— Ah. Tudo bem... Você pode me contar mais alguma coisa sobre ele? Algo que você acha que o público não saiba.

Que ele realmente era o babaca que todo mundo pensava? Ou que, de vez em quando, ele exagerava na bebedeira quando ia aos bares e tinha de ser buscado, sem nem dizer obrigado em troca? Eu me certifiquei de que nenhuma dessas ideias cruzasse meu rosto enquanto dava de ombros para a mulher que, sinceramente, só estava fazendo seu trabalho. Não era culpa dela as pessoas quererem saber daquele tipo de coisa.

— Desculpa. Realmente não sei nada. Eu o vi usando meias roxas um dia. É o máximo que sei — ofereci a informação lamentável, mas ele tinha mesmo usado meias de um tom púrpura, era fato.

Ela me lançou um olhar que dizia que não era aquilo que estava procurando, mas percebeu que não arrancaria nada melhor de mim. Infelizmente, ela não sabia que a maioria de nós não poderia lhe dar nenhuma fofoca intrigante. Ninguém sabia nada sobre o alemão, exceto talvez Grace. *Talvez*. Ela era a única na equipe com quem ele parecia conversar. De qualquer forma, Grace era profissional demais para dar com a língua nos dentes.

Rapidamente nos despedimos e seguimos nossos respectivos caminhos.

Mas não consegui me livrar da irritação de alguém ter me perguntado aquele tipo de coisa. Provavelmente, o que eu não conseguia superar era o fato de que tinham sido perguntas sobre um babaca tão grande.

Vou te fazer se arrepender disso.

Tudo bem, Scarface. Por tudo o que é sagrado. Jesus.

Tive que conter o grito interno que soava dentro de mim.

Se ele fazia alguma ideia do que havia significado para mim quando eu era mais nova? É claro que não — mas não era esse o problema. Eu estava ali hoje porque pensava que ele era o maioral quando criança. Porque achava que ele era o melhor jogador de todos os tempos e porque eu queria ser ele — tudo bem, eu queria me casar com ele, mas não importa. Eu tinha o costume de discutir com as pessoas que falavam mal dele.

Essa era a verdade. Até mesmo hoje em dia, eu defendia as habilidades daquele homem como uma jogadora objetiva e imparcial porque não dava para argumentar contra os números. Ele tinha sido incrível, e não havia emoção alguma por trás dessa afirmação.

Ele tinha sido mesmo um jogador incrível sob a camada de babaquice com a qual se encobria.

Um idiota e tanto.

— Como foi? — Jenny perguntou, sorrindo, quando me sentei ao seu lado.

Não me importei em esconder meu revirar de olhos.

— Ela me perguntou se ele estava solteiro.

Jenny bufou.

— Eu deveria ter dito: “Não, eu conheci o marido dele faz alguns dias. Ele é incrível”. — Dei um sorrisinho para ela enquanto tirava minhas coisas da bolsa. — Quem sabe, um dia.

— Ontem, um deles me perguntou se eu achava que ele estava se preparando para voltar à ativa. Mais tarde, enquanto eu pegava as cartas na caixinha de correio, meu vizinho falou: “Oi, Jennifer, você acha que conseguiria me arranjar ingressos para o próximo jogo?”. Eu não sei nem o nome dele! — ela exclamou. — Ah, e, antes de ontem, minha tia me perguntou se tinha como ela dar uma passadinha aqui durante o treino. Ela nem gosta de futebol.

Jenny era o tipo de pessoa que nunca reclamava, então ter mencionado tudo aquilo era algo a considerar.

Contentei-me em assentir. Eu não confiava nas palavras que tinham o potencial de sair da minha boca.

— A Genevieve me disse que o chefe dela ofereceu um aumento caso ela trouxesse para ele algo que pertenceu a você-sabe-quem.

Nenhuma surpresa. Por outro lado, eu tinha certeza de que, se eu entregasse a cueca de Kulti para Marc, ele provavelmente me daria a semana de folga e ainda me pagaria minha parte no trabalho.

— Ouvi Harlow dizer para um repórter, hoje cedo, que ela tinha vindo para jogar, não para falar sobre o treinador.

Nós duas rimos.

— Mas o que podemos fazer? Reclamar de toda a atenção? Já contei a eles sobre os e-mails esquisitos que tenho recebido por causa do Eric, e estão tentando virar o jogo para que a gente não saia perdendo. Eric me disse que Kulti recebeu uma oferta enorme de um time europeu, mas recusou-a. Não vão querer arriscar perdê-lo. — Pensei outra vez naquela noite no bar e na ameaça, e senti uma onda familiar de frustração escorrer pelas costas antes de colocá-la de lado. — Bem, fazer o quê, não é?

Jenny assentiu, resignada.

— Espero que todo mundo se acalme ao longo da temporada.

— Eu também.



Nos dias que se seguiram, os treinos e a vida foram como sempre.

Havia pelo menos dois repórteres perto do campo todas as manhãs. Geralmente, eram os mesmos por alguns dias antes de o revezamento acontecer e outras pessoas aparecerem. Gardner liderava os treinos com a ajuda da nossa preparadora física e de um dos outros assistentes, enquanto o infame salsichão alemão fazia o de sempre: um monte de nada.

Em algum momento, depois de alguns dias, parei de me importar com o alemão — eu tinha outras coisas com as quais me preocupar — e ignorá-lo se tornou um hábito, mesmo quando ele estava *bem ali*.

Como no dia da foto em grupo.

Seguramente aninhada na fileira da frente com as outras jogadoras com menos de um metro e setenta, eu tinha uma meio-campista de um lado e uma zagueira do outro, cortesia do manuseio um tanto brusco do assistente de fotografia. Se eu havia esquecido de quando Sheena falou para eu posar ao lado do Kulti? Não. Se eualaria algo para remediar o que estava acontecendo? De jeito nenhum.

O sol tinha elevado sua natureza punitiva ao nível máximo; a umidade me fazia suar em lugares onde a maioria das pessoas não suaria, e tudo o que eu queria era a água sob um toldo longe demais para ser alcançado com uma corridinha. Ficar parada ali, indefesa no meio da desordem, era cem vezes pior do que treinar dando voltas correndo antes de o calor ficar intenso demais. Muito pior.

— Já está acabando? — A jogadora à minha direita suspirou. Era uma das mais novas adições ao Pipers.

— Acho que sim — respondeu Genevieve, uma das garotas na fileira logo atrás de mim. Essa era apenas sua segunda temporada atuando na Liga Profissional Feminina.

Olhei sobre o ombro e vi o assistente reposicionando as meninas na última fileira. Harlow estava parada ao lado, carrancuda em resposta ao que a mulher dizia, e isso me fez sorrir.

— Já estão quase acabando com as grandonas lá em cima, então acho que vão começar a tirar as fotos. Deve levar no máximo uns vinte minutos.

Houve um resmungo coletivo vindo das seis pessoas ali perto.

— Casillas!

Ah, não. Não. *Não*.

— Vinte e três! Você está no lugar errado — a fotógrafa gritou do lugar em que estava, bem ao lado da assessora de imprensa do Pipers.

— Vejo vocês mais tarde, pessoal — murmurei.

Tive que dar tudo de mim para não baixar a cabeça e arrastar os pés na direção de Sheena, que tinha surgido do nada. Eu tinha ficado de olho nela. Aff. Entendo que ela estava cuidando de mim, me fazendo um favor ao me ajudar a escapar da encrenca na qual o passado tinha me metido por mera associação. Mas, enquanto pensava naqueles e-mails não lidos na minha caixa de entrada, decidi que provavelmente compensaria ficar de boca fechada e fazer o que fosse preciso.

Aparentemente, nada disso importava. Engoli em seco, e respirei fundo ao caminhar como um ser humano normal e sensato na direção que me era apontada.

— Sal, esprema-se bem ali, uma fileira abaixo do sr. Kulti, ao lado da srta. Phyllis. — A srta. Phyllis, a preparadora física que ressuscitava a si mesma ano após ano para se certificar de que o time estivesse em forma. Acontecia que nós tínhamos quase a mesma altura, então a ideia de Sheena fazia sentido. Era só não levarmos em consideração o Muro de Berlim humano que era pelo menos uns quinze centímetros mais alto do que a jogadora ao seu lado.

Coloquei os ombros para trás e fingi não notar a forma como ele ignorava tudo e todos ao redor. Mesmo quando me coloquei a menos de trinta centímetros de distância.

Enfim, encarei aquilo tudo como uma profissional, não o deixando me afetar.

Não o deixando me afetar *muito*.

Infelizmente, só porque eu sabia que não deveria tentar interagir com ele, não significava que todo mundo estava de acordo. Não fazia nem dois minutos que eu estava ali quando ouvi uma jogadora, parada em algum lugar atrás de mim, perguntar: — Você poderia me falar que horas são?

Qualquer um que conhecesse Kulti ao menos um pouco saberia muito bem que ele era patrocinado por uma marca de relógios. Ele sempre usava um.

Éramos todas instruídas a deixar o celular nas bolsas, então não fiquei surpresa com o fato de ninguém estar usando relógio. Eu costumava jogar com um há muito tempo, mas não quis mais arriscar quebrar o mostrador.

— Ninguém sabe que horas são? — a jogadora perguntou de novo.

Nada.

Nenhuma resposta do homem que era pago para usar um relógio.

Caramba. Por fim, virei e disse: — Eu não tenho relógio, Vivian. Desculpa. — Porque eu odiava quando perguntava alguma coisa e ninguém respondia. Era constrangedor e uma falta de educação.

Mas o que era ainda mais constrangedor e uma falta de educação era ser capaz de dar uma resposta apropriada e não o fazer. Pela cara da jogadora, ela sabia que Kulti poderia ter respondido.

E que escolheu não responder. Muito elegante da parte dele.

Mantive o rosto virado para a frente depois daquilo e sorri para a câmera quando chegou a hora.



As coisas não melhoraram nada quando os cinegrafistas chegaram, dois dias depois, para gravar o treino. Sheena não parou de acenar para que eu fosse na direção de onde os técnicos estavam parados.

— Ande — ela sussurrou para mim quando cheguei perto o bastante. — Só algumas tomadas.

Mas eram só algumas tomadas com um homem que tinha dito três frases para mim em um mês.

Aff.

Peguei meu orgulho, dei-lhe uma sacudida e coloquei-o nos ombros antes

de gradualmente caminhar em direção aos treinadores que, por alguma razão, estavam parados um ao lado do outro.

Fiz questão de conversar com Gardner, enquanto Kulti ficava parado com aqueles bíceps fantásticos flexionados e cruzados sobre o peito, sua atenção em algum outro lugar. Toda vez que eu o via, ele me lembrava mais e mais de um soldado em alguma carreira militar, com seu cabelo curtíssimo e rosto inexpressivo. Enquanto isso, na minha cabeça, eu lhe dava petelecos com as duas mãos ao mesmo tempo. Maturidade com certeza era uma das minhas qualidades.

Só que não.

Mas eu fazia o que precisava ser feito. Sempre. Era isso o que colocava um sorriso no meu rosto e me fazia conversar com as pessoas de quem eu realmente gostava enquanto os cinegrafistas caminhavam por ali. Isso teria que bastar.

Não me dei ao trabalho de pensar no alemão que ignorava a vida e prestei atenção nas garotas ao meu redor; Gardner começou a falar com outra pessoa.

— Mal posso esperar para tudo isso acabar. Alguém sabe o que vamos fazer amanhã? — Ouvi Genevieve perguntar.

Outra garota respondeu: — Acho que vamos nos encontrar no escritório para buscar o que falta dos uniformes, não é?

Sim, mas eu odiava ser sempre a pessoa que sabia o que estava acontecendo e me meter.

Outra pessoa concordou.

— Sim. Alguém quer sair para um *happy hour* amanhã?

Sair para um *happy hour* no dia anterior a um jogo? Fiz uma careta sem que ninguém visse e mantive os olhos no horizonte e a boca fechada. Ainda assim, ouvi duas delas concordarem e outra dizer que não.

De qualquer forma, não tinham me convidado ou perguntado minha opinião. A maioria das pessoas já tinha desistido de me convidar para sair, porque eu dava cano diversas vezes, e a culpa era minha. Eu estava ocupada. Às vezes, parecia que eu tinha que agendar visitas ao banheiro durante o dia. Então, enquanto todas iriam ao *happy hour*, eu enfim começaria um novo projeto para um cliente com Marc, que carinhosamente chamamos de “Oásis Sudoeste”. Há quinze anos, eu nunca teria imaginado que ficaria feliz em

encomendar rochas e cactos especiais.

Se era glamouroso e divertido de um jeito tradicional? Não, mas era minha vida e eu não me importava.

— Mal posso esperar — outra garota admitiu. — Essa semana foi um l-i-x-o. Algumas margaritas seriam bem-vindas.

Algumas? Estremeci.

— Amiga, concordo...

— Vocês precisam é de um pouco de disciplina, não de bebidas na véspera de um jogo.

Juro por Deus, parei de respirar quando ouvi aquela voz estranha falando. Não precisei me virar para saber quem era. Teria que ser um idiota para não saber.

Dentre todas as chances que tivera, escolheu se manifestar naquela hora...

— Mas é só um jogo da pré-temporada...

Não sei quem era burra o suficiente para se importar em justificar que era “só” um jogo da pré-temporada. Em partes, eu entendia que aquilo, tecnicamente, não contava, mas ainda assim... Quem gostava de perder? Eu, com certeza, não; eu não gostava de perder nem no hóquei de mesa.

Mesmo assim...

Aquilo ter saído da boca dele? Que baita hipócrita.

— Nenhum jogo é “só” um jogo — foi a resposta objetiva e pragmática que veio da boca do chucrute.

— Ei, porque nós não... — Gardner não perdeu tempo e interveio com um assunto qualquer para distrair a novata.

Eu, sem dúvida alguma, não me viraria e olharia feio para Kulti por ter usado um tom tão grosso ou por ter sido um grandessíssimo de um falso. Talvez, se eu não tivesse acabado de arrastá-lo bêbado até um quarto de hotel dias atrás, eu sentiria algo diferente.

Mas o dano já estava feito.

Até *eu* senti o efeito das palavras. Ninguém mais disse nada. Mas, assim que fiz contato visual com Jenny, ela murmurou: — O que raios foi isso?

Arregalei os olhos para ela e movi os lábios: — Não faço ideia.



Alguns minutos depois, Grace se aproximou dele. A conversa devia ter durado uns três minutos, talvez menos, mas, durante aqueles três minutos, tenho certeza de que todos os integrantes do Pipers os observaram. Vimos Grace marchar até ele, dizer algo daquele jeito com que ela costumava falar com a gente quando estava no papel de capitã, então, vimos Kulti responder com uma frase curta. Dois minutos mais tarde, Grace, uma das jogadoras mais profissionais e tranquilas que eu conhecia, expunha raiva em cada centímetro do corpo.

Grace estava *furiosa*. Grace. Ela era o tipo de pessoa que sempre mantinha a calma. Nos cinco anos em que trabalhamos juntas, até mesmo na seleção, ela nunca havia jogado sujo. Tão relaxada quanto humanamente possível, determinada e inteligente, Grace era o epítome de uma profissional.

Ela não se descontrolava.

Mas tinha acabado de fazer isso. Por qual motivo, eu não tinha ideia, mas uma pequena parte minha estava morrendo de curiosidade.

Será que ela tinha dito a Kulti algo sobre como ele havia explodido com as garotas? Conhecendo-a e sabendo como ela levava a sério seu papel de capitã, aquela opção era muito provável. Todas as outras vezes que eu os tinha visto juntos, eles pareceram amigos... bem, pelo menos amigáveis. Colegas. Pois é.

A cena me deixou um pouco preocupada.

O que tinha acontecido?



— Sal, aquele seu irmão gostoso vai vir no jogo de abertura?

Coloquei a língua para fora e exagerei uma reação de ânsia de vômito. Provoquei algumas risadas nas garotas que sabiam o quanto eu odiava quando elas tinham pensamentos impuros com meu irmão toda vez que ele aparecia. Piranhas desesperadas por migalhas. Por fim, sorri para a garota que perguntou e balancei a cabeça.

— Não, ele não vem. Minha irmã caçula gostosa e meus pais, sim. Na verdade, estão aqui hoje.

— Ah, é mesmo?

Alegria e satisfação soltaram fagulhas no meu peito. Muitas das jogadoras não tinham familiares que moravam perto o suficiente para comparecer aos jogos... ou não se importavam. Minha família, pelo contrário, geralmente aparecia na maioria dos jogos em casa, fazendo a viagem de três horas e passando o resto do dia ali para me ver. Eu sabia que era sortuda, e me sentia grata por me apoiarem tanto.

Até mesmo minha irmã, Cecilia, que passava o jogo todo no celular enviando mensagens e fuçando no Instagram. Mas, tanto faz. Ela estava ali mesmo depois de ter me xingado e inventado histórias horríveis na sua cabeça sobre o que eu pensava dela. Não era como se minha mãe tivesse escolhido essa vida para mim, mas Cecilia vinha e torcia do mesmo jeito, ainda que lhe custasse caro, mas isso era amor, não era?

Hoje era nosso treino aberto antes dos jogos da pré-temporada contra os times das universidades da região. O treino era uma ação que a liga fazia para os compradores de ingressos, amigos e familiares das jogadoras e vencedores de diversos concursos. Depois do treino, passávamos um tempo com eles, tirávamos fotos e, se houvesse crianças pequenas, jogávamos bola com elas por um tempinho.

— Sim. Não sei se Eric vai conseguir vir esse ano, porque ainda está no exterior. — Ainda bem. Eu podia facilmente imaginá-lo na arquibancada olhando feio para o banco. E, por “banco”, quero dizer Reiner Kulti.

— Avise antes, para eu passar um pouco de maquiagem no dia. — A garota riu.

Fiz careta e a dispensei com um aceno, puxando as meias sobre as caneleiras assim que tínhamos acabado de nos aquecer. Eu me levantei e olhei para as quase cem pessoas nas arquibancadas em uma parte pequena e delimitada ao lado de onde treinávamos. Em poucos minutos, encontrei as entradas no cabelo do meu pai, o novo vermelho-vivo do cabelo da minha mãe e a cabeçona de Ceci coberta por um chapéu de caubói. Jogando as duas mãos para cima, acenei para minha família e para quem mais achou que eu estivesse acenando para eles, e dei um grande sorriso. Na mesma hora, minha mãe e meu pai acenaram de volta, assim como algumas outras poucas pessoas que eu não conhecia.

— Vamos, senhoritas. Estamos prontos, vamos começar — Gardner gritou.

As duas horas seguintes passaram sem qualquer vestígio da estranheza que vinha pairando sobre o time desde que Kulti decidira levar sua babaquice a um novo patamar. Parecia que todas tínhamos arrancado aquilo das nossas cabeças — pelo menos por enquanto. Lancei olhares para as arquibancadas durante toda a exibição. Sempre fui daquelas crianças que gostava de ter a família por perto nos jogos. Havia pessoas que não gostavam, mas eu não era uma delas. Eu jogava melhor quando estavam na arquibancada, ou, ao menos, levava tudo ainda mais a sério — se isso sequer fosse possível. Meus pais sabiam mais do que o suficiente sobre futebol para prestarem atenção em tudo e ainda fazerem sugestões mais tarde quanto ao que eu poderia melhorar.

O sol estava quente demais, e meu tornozelo só me incomodava um pouco, mas, no geral, foi ótimo. Exceto por todas as vezes que olhei na direção do meu pai e ele estava ocupado encarando Kulti como um completo esquisitão. Eu o amava, mesmo ele tendo um gosto terrível para homens.

E não vou nem mencionar o fato de que eu costumava ser igualzinha a ele há muitos anos.

Assim que desaceleramos e nos alongamos, alguns dos funcionários do time masculino de Houston — nossos times pertenciam às mesmas pessoas —, tiraram os espectadores das arquibancadas e os levaram até o campo. Fazia mais de um mês que eu tinha visto minha família pela última vez, e estava com saudade. Observei meu pai procurando ao redor do campo a única pessoa que realmente importava. E eu sabia que não era eu, rá!

— *Ma.* — Estiquei o braço para minha mãe, que lançou um olhar rápido para minha camisa de treino suada, fez uma careta e me abraçou do mesmo jeito.

— *Mi hija* — ela respondeu, apertando-me com força.

Depois, agarrei minha irmãzinha pela aba do chapéu e puxei-a na minha direção enquanto ela guinchava: — Não, Sal! Você está toda suada! Sal, não estou brincando! *Sal! Que merda!*

Se eu sabia que ela não gostava de abraços suados? Obviamente. Se eu me importava? Nem um pouco. Não me esqueci de que ela havia me chamado de vagabunda na última vez em que estivemos no mesmo cômodo, mesmo ela agindo como se aquele tipo de xingamento não tivesse saído de

sua boca. Abracei-a com ainda mais vontade, sentindo-a me socar nas costas com toda sua força, enquanto minha mãe dizia para ouvidos surdos: — *Hija de tu madre*, cuidado com essa língua.

— Eu estava com saudade, Ceci — disse eu, salpicando beijos por toda a bochecha da minha irmã enquanto ela tentava me afastar, dizendo alguma coisa sobre a maquiagem acabar ficando borrada.

Ela tinha dezessete anos. Ia sobreviver. Nós duas tínhamos quase a mesma altura, o mesmo cabelo castanho, apesar de o meu ser um pouquinho mais claro, puxando à nossa avó argentina, e os mesmos olhos castanho-claros, mas era aí que nossas similaridades acabavam. Fisicamente, eu tinha uns dez quilos a mais. Com relação à personalidade, éramos tão diferentes quanto possível. Aos quinze, ela havia dominado a arte de andar de salto, enquanto eu achava que usar um sutiã de verdade era chiquérrimo, e essa era apenas a ponta do iceberg, mas eu a amava, mesmo ela sendo um tantinho esnobe e resmungona... e, às vezes, um pouco má.

Quando finalmente a soltei, bufei na direção do meu pai. Ele estava de costas para nós, ocupado olhando ao redor do campo.

— Ei, pai? Me dá um abraço antes que você nunca mais lave as mãos.

Em um pulo assustado, ele se virou e exibiu um sorriso gigante para mim. Tinha entradas no cabelo desde sempre, a barba estava curta e os olhos verdes — herdados de uma avó espanhola — brilhavam.

— Eu estava procurando você!

— Ah, sei, seu mentiroso. — Eu ri. Trocamos um abraço forte enquanto ele comentava sobre as bicicletas que eu tinha feito ao longo do treino. Era um movimento que exigia jogar o corpo todo no ar e chutar a bola sobre a cabeça ou para o lado, o que desse para fazer.

— Estou tão orgulhoso de você — ele disse, ainda me abraçando. — Cada vez que eu te vejo, você está melhor.

— Acho que os seus olhos devem ter piorado.

Ele balançou a cabeça e, enfim, afastou-se, mantendo as mãos nos meus ombros. Meu pai não era muito alto, apenas 1,75 metro de acordo com a carteira de motorista, apesar de eu achar que estava mais para um metro e setenta.

— *A lo mejor*.

Senti uma batidinha na lateral da perna e, quando olhei para baixo, encontrei uma garotinha e um garotinho parados ali com minha foto oficial da última temporada em mãos.

Conversei com eles por um tempo, autografei as fotos e, então, posei em algumas outras com eles quando sua mãe me pediu. Logo depois, outras três famílias — a maioria delas garotinhas e suas mães — aproximaram-se e fizemos a mesma coisa. Entre as fotos, fiz perguntas e distribuí abraços, porque eram a moeda de troca mais barata e mais eficaz do mundo. Eu odiava conversar com a imprensa porque me deixava nervosa e desconfortável, mas os estranhos, essas pessoas me deixavam incrivelmente feliz, ainda mais quando as crianças se animavam. Não sei onde meus pais tinham ido parar, mas não me preocupei muito; eles sabiam como aquele tipo de coisa funcionava.

Uns trinta minutos mais tarde, quando eu tinha acabado de autografar a bola de uma adolescente e dito que ela não era velha demais se quisesse jogar profissionalmente algum dia, olhei ao redor, tentando encontrar minha família. Perto de um dos gols que tínhamos usado durante o treino, encontrei meu pai e minha mãe conversando com Gardner e Grace, a veterana. Todos tinham se encontrado diversas vezes ao longo dos anos.

Quando os alcancei, apoiei um braço na cintura do meu pai e sorri para ele, mas o que obtive em resposta foi um sorriso quase invisível, triste até, que dava seu melhor para não passar aquela imagem. Aquilo me colocou em estado de alerta na mesma hora.

— *¿Qué tienes?* — sussurrei.

— *Estoy bien* — ele murmurou em resposta, beijando minha bochecha. Meu pai não parecia nada bem para mim. — O treinador estava nos contando como vocês têm se saído bem jogando juntas.

Estudei o rosto dele com muita atenção, absorvendo o sol e as rugas de anos de trabalho ao ar livre, a maior parte do tempo com um chapéu, mas outras vezes sem, e soube que algo o estava incomodando. Ele simplesmente estava sendo teimoso, e foi dali que puxei a teimosia — do meu pai, mas se ele não quisesse dizer nada naquela hora, eu não o forçaria. Pigarreei e tentei olhar para minha mãe, mas ela parecia bem.

— Espero que sim. Não vejo por que não jogaríamos bem, não é mesmo, Grace?

A mulher, um pouquinho mais velha, que faria 35 anos naquele ano, sorriu animada em resposta. Nada parecido com a expressão em seu rosto quando tinha dito sabia-se lá o que para Kulti.

— Com certeza.

Quando Gardner e Grace se foram, e ficamos só nós três — Ceci estava conversando sobre só Deus sabe o quê com Harlow —, dei uma cotovelada de leve no braço do meu pai e perguntei: — O que está acontecendo? É sério.

Ele balançou a cabeça como eu sabia que faria.

— Estou bem, Sal. O que está acontecendo com você?

Fugir do assunto era um talento da família Casillas.

— O que está acontecendo? — insisti, porque essa era outra característica dos Casillas.

— Nada.

Aquele homem. Às vezes, eu tinha vontade de sacudi-lo.

— Você vai me contar mais tarde? Por favor?

Com dois tapinhas no topo da minha cabeça, ele balançou a cabeça outra vez.

— Está tudo bem. Estou feliz em vê-la, e estou feliz que vamos ver a abertura da temporada daqui a duas semanas.

Ele estava mentindo na cara dura, mas eu sabia que seria inútil discutir com ele, então deixei passar.

Alguns minutos depois, minha família foi embora e me prometeram que nos veríamos pela tarde. Minha mãe e Ceci queriam fazer compras na cidade, e planejamos nos encontrar assim que eu saísse do trabalho. Ainda havia alguns fãs por ali; todas as jogadoras que não estavam ocupadas continuavam no campo recolhendo suas coisas. Eu tinha acabado de pegar minha garrafa de água e tomar um gole quando Harlow se aproximou e me olhou feio. Duas olhadas daquela em um dia era exagero.

— O que está acontecendo? — perguntei a ela, prendendo a garrafa sob a axila.

Sua mandíbula mexeu um pouco.

— Eu não disse nada, porque sei que você gostaria de fazer as honras.

Pisquei.

— Fazer as honras do quê?

Harlow colocou as mãos atrás das costas, um pequeno traço de irritação atravessando as superfícies das bochechas. Aquela era uma expressão sua que eu conhecia. Estava tentando controlar aquele temperamento explosivo.

— O sr. Casillas não te falou nada?

Pisquei, cheia de suspeita.

— Não. Sobre o quê?

Ela pigarreou, outro sinal de que algo a tinha irritado — o que não queria dizer muita coisa. Ela não era conhecida por ser paciente.

— Acho que ele foi até você-sabe-quem e pediu um autógrafo. — Ela pigarreou de novo. — Eu não sei, Sally. Tudo o que sei é que seu pai saiu andando e parecia que tinha levado um murro no saco.

Paciência, Sal.

Respirei fundo.

— Você acha que... — Eu estava falando uma palavra por minuto para não estourar uma veia no olho por conta da tensão que eu sentia por dentro. — Ele foi mal-educado com o meu pai? — *Com o meu pai?*

— Acho que sim — ela respondeu, quase tão devagar quanto eu. — Nunca vi seu pai daquele jeito. Principalmente, não depois de tê-lo visto com os olhos brilhando e, depois, o brilho não estar mais lá.

P-a-c-i-ê-n-c-i-a. Fique calma. Conte até dez.

Abri e fechei a boca, tentando diminuir a tensão na mandíbula, mas nada aconteceu. Quando vi, meus braços tremiam enquanto eu me lembrava da expressão do meu pai.

Dane-se.

Eu havia tentado. E poderia viver com o fato de que realmente tentei não ficar tão irritada. Eu havia me esforçado. Por outro lado, eram pouquíssimas as vezes em que eu havia ficado tão brava tão rápido. Geralmente, eu era calma, e, se eu não fosse, entendia que havia hora e lugar para ficar zangada.

Na maior parte das vezes.

Dei um passo para a frente.

— Eu não posso...

Como uma boa amiga, Harlow compreendeu que não havia como me tirar

do precipício em que eu me encontrava. Ela mesma tinha instintos protetores e sabia que nunca se deveria machucar os entes queridos de alguém, então me deixou ir. Mais tarde, se eu parasse para pensar naquilo, ia me lembrar de Harlow dizendo que me deixaria fazer as honras mesmo ela também tendo sentido necessidade de defender a honra do meu pai.

— Só não o soque na frente de todo mundo! — Harlow ordenou enquanto eu avançava... bem, em direção a qual lugar, eu não sabia exatamente. Só sabia que meu destino era onde diabos aquele babaca alemão estivesse.

No tempo que levei para encontrá-lo e quase correr em sua direção, eu me acalmei o suficiente a ponto de me convencer de que não poderia socá-lo. Também não poderia nem deveria chamá-lo de *Führer* ou de qualquer outra coisa que tivesse o potencial de me arrumar problemas. Para minha sorte, eu tinha a cabeça no lugar.

Meu objetivo: provocar a necessidade de uma cirurgia plástica sem me meter em problemas.

Tirei minhas Meias de Garota Crescida e joguei-as no chão. Aquele filho da mãe que se danasse. Se eu estivesse de brincos, também os estaria tirando e entregando-os a Harlow.

Meus braços trêmulos e meu coração acelerado me motivaram a continuar.

Eu o encontrei.

Ele estava simplesmente parado ali, cuidando da própria vida e revisando algumas anotações em uma pasta. Alto, solene e totalmente ignorante ao fato de que havia magoado o homem mais importante da minha vida.

Não pensei nem me importei em olhar ao redor para verificar quem seria nossa provável audiência, porque eu não dava a mínima.

Não o xingue na cara dura.

Não use nenhum palavrão nem Führer.

Naquela hora, não liguei para quem aquele homem era ou tinha sido. Não passava de um babaca com um problema de mau gênio e que havia feito algo impensável. Era uma coisa ser babaca comigo ou com as minhas colegas de time, mas ele havia magoado o meu *papi*, e esse tipo de coisa não passava batido.

— Ei — gritei no segundo em que cheguei perto o bastante.

Ele não ergueu os olhos.

— Ei, seu linguirão. — Aquilo tinha mesmo acabado de sair da minha boca?

Quando o linguirão em questão olhou para cima, percebi que eu realmente tinha dito aquilo em voz alta. Bem, acho que eu poderia ter dito algo muito pior, mas também não dava para voltar atrás àquela altura.

— Você está falando comigo? — ele perguntou.

Foquei em como meus antebraços estavam tensos, na raiva que fazia meu peito arder em chamas e soltei o verbo: — Você, sim. Talvez você não dê a mínima para ajudar o time, e tudo bem. Eu entendo, grandão. Quer falar um monte de merda para nós, *sabendo que não tem direito algum de dizer nada sobre o que as pessoas deveriam ou não fazer?* — Lancei um olhar de aviso a ele para que se lembrasse exatamente do que eu havia feito por ele.

Babaca hipócrita.

— Pode ter certeza, todo mundo vai superar o fato de você estar sendo sem educação com a gente. Não vou perder sono algum por sua causa, mas fique sabendo que não tratamos nossos fãs como lixo. Não sei como era quando você ainda jogava, mas, aqui, nós temos gratidão e tratamos todo mundo com gentileza. Não importa se alguém te pede um autógrafo ou para que assine na bunda, você faz isso com um sorriso no rosto.

“E você, especialmente, não tem direito algum de ser um babaca com meu pai. Ele achava que você era a melhor coisa do mundo desde que os pratos congelados foram inventados. Ele é um dos seus maiores fãs, e você é mal-educado com ele? Jesus Cristo. Todo mundo sabe que era um terror jogar contra você, mas não achei que fosse maldoso com as pessoas que apoiaram toda a sua carreira.”

Alguém estava ofegante, e eu tinha certeza de que era eu.

— Tudo o que ele queria era te conhecer e, sei lá, talvez tirar uma foto para poder se gabar com os amigos. Ele é o melhor homem que eu conheço, e ele está falando de conhecer você há semanas. Agora, meu pai foi embora chateado e provavelmente decepcionado, então muito obrigada por isso, seu bolo de chocolate alemão. Espero que, da próxima vez que alguém vier falar com você, você pense como dois minutos do seu tempo podem fazer o ano inteiro de alguém.

Seu chucrute maldito.

Tudo bem, eu não disse essa última parte, mas pensei.

Também pensei em empurrá-lo com as duas mãos, mas não fiz isso.

Meus dedos se flexionaram sozinhos e meus molares começaram a ranger enquanto nos encarávamos em silêncio. Pensei que eu tinha falado tudo, mas quando ele piscou aqueles olhos que me fizeram lembrar de um jogo em New Hampshire, no fim de um outono, senti minha adolescente de treze anos ganhar vida, a garota que havia colocado aquele homem em um pedestal, que o achava o máximo.

Eu a senti renascer e morrer em um milésimo de segundo. Rápido assim, minha versão que compreendia que as pessoas mudavam com o passar dos anos ressuscitou das cinzas da Sal adolescente. Minha versão adulta não queria dar a mínima para Reiner Kulti. Não era ele quem tinha acompanhado todos os meus treinos, os meus jogos. Não era ele quem tinha se preocupado com as minhas lesões e zombado de mim ao longo dos períodos de recuperação. Eu tinha uma lista de pessoas que eu amava e respeitava, pessoas que haviam conquistado um lugar no meu coração e mereciam minha lealdade.

Reiner Kulti não era ninguém especial do jeito que realmente importava. Tinha sido minha inspiração havia muito tempo, mas não era ele quem tinha me ajudado a transformar tudo em realidade.

— Entendo que o *senhor* é a melhor coisa que já pisou neste gramado, *sr.* Kulti. — Sim, eu disse “senhor” do jeito mais sarcástico que pude. — Mas, para mim, meu pai é uma das melhores pessoas no mundo. E a próxima pessoa que você vai magoar, por nem sequer tentar falar com ela, vai ser o pai, o irmão, a mãe, a irmã, a filha ou o filho de alguém. Então pense nisso.

Maldito salsichão.

Por sorte, não estava esperando que ele respondesse e, no fim, provavelmente foi bom ele não ter dito nada, porque eu sinceramente duvidava que algo honesto e apologético poderia ter saído de uma boca tão indiferente e apática.

Horas mais tarde, enquanto eu carregava pedras em um carrinho de mão e meus ombros estavam prestes a criar canais lacrimais pelo tanto que doíam, não consegui evitar me sentir perturbada, irritada. Se já não os tivesse tirado

há dez anos, teria arrancado os pôsteres de Kulti da minha parede com um grito que teria deixado Xena orgulhosa. Ninguém me impediu quando recolhi minhas coisas e fui embora. Gardner tinha simplesmente ficado imóvel quando passei por ele e, como reconheci, exibia uma expressão impressionada no rosto.

Pelo menos isso. Eu não poderia ser expulsa do time se Gardner parecia satisfeito com o que eu tinha dito.

Era o que eu esperava, ao menos, mas, de qualquer maneira, não encontrei forças para me arrepender do que eu tinha feito. Se eu não pudesse defender o que acreditava, então não estava sendo a pessoa que eu me esforçava para ser.



Recebi três mensagens de voz naquela tarde enquanto incluía uma corrida no meu dia antes de me encontrar com os meus pais.

A primeira era de Jenny, que disse: Sal, não acredito que você falou aquilo para ele, mas acho que foi uma das coisas mais legais que ouvi saindo da boca de alguém. Estou orgulhosa de você, e eu te amo.

A segunda era de uma das jogadoras da defesa, da qual eu não era exatamente próxima, mas que riu tão alto que parecia que estava morrendo.

Bolo de chocolate alemão! Ah, meu Deus, pensei que eu fosse mijar na calça.

A terceira era de Harlow.

Sal, eu sempre soube que você tinha nervos de aço neste seu corpinho, mas, cacete, quase chorei. Avise quando quiser sair para comemorar o fato de você ter acabado com o Kulti dando a ele a pior bronca da vida.

No geral, eu estava bem satisfeita comigo mesma.

Não disse nada para o meu pai naquela noite quando todos saímos para comer, mas lhe dei um abraço duas vezes mais forte que o normal, deixando-o ofegante.



Se eu tivesse ficado preocupada com a chance de a equipe se irritar com o que eu tinha dito no dia anterior, teria sido um desperdício de força mental e

emocional. Algumas das garotas mais novas me cumprimentaram discretamente quando cheguei, mas foi o tapa pesado que Gardner deu nas minhas costas que, por fim, me deixou relaxada. O que eu tinha falado não traria consequências.

Ergui o queixo bem alto e não coloquei qualquer esforço extra em fingir não olhar para Kulti. Se eu olhava em sua direção, não desviava os olhos. A única vez que nossos olhares se encontraram, deixei meus olhos se demorarem por um segundo a mais antes de focar em outra direção. Dizem para não fazermos contato visual com animais perigosos para que não nos vejam como ameaça, mas pensei “que se dane”; eu não era inferior a ninguém, muito menos a Kulti.

Eu não tinha feito nada de errado, e com certeza não ficaria parada, deixando aquele tanque alemão fazer o melhor pai do mundo se sentir deprimido. Meu pai agiu normalmente quando jantamos no restaurante do hotel, mas... ainda assim. Minha intuição sabia que ele estava magoado, e eu jamais deixaria algo assim passar.

Quando acabei sendo derrubada no chão durante um certo jogo muito competitivo de três contra três, bem aos pés de Kulti, levantei em um pulo e alisei o short enquanto o encarava direto nos olhos, então, voltei de imediato ao que estava fazendo.

Se aquela foi a coisa mais inteligente a se fazer?

Talvez não, mas tudo o que precisei foi pensar no meu pai e eu soube que tinha feito a coisa certa, a única coisa que poderia fazer, na verdade. Apesar de Grace e eu nunca termos conversado sobre o que tinha acontecido entre ela e Kulti, o olhar que me lançou depois daquele dia fatídico me deixou convencida de que ela havia falado algo sobre como ele conversara com nosso time. Por mais que eu não tivesse reunido coragem suficiente para falar qualquer coisa em defesa das garotas que ele repreendeu, eu havia me posicionado a favor do meu pai e, talvez, de algum jeito, também de todas as pessoas que ele havia ignorado.

Ou seja, todas nós — de certa forma. Só que demorei muito mais tempo do que Grace. Talvez se tivesse sido Jenny ou Harlow, eu tivesse lidado de forma diferente com a situação. O ponto era que ninguém merecia ser tratado assim.

Nada nas atitudes dele havia mudado. Estávamos todas andando na

pontinha dos pés, de olho ao redor e no que dizíamos. Se era um saco? Com certeza, mas havia um limite quanto ao que conseguíamos pensar.

Com nosso primeiro jogo da pré-temporada chegando — e mais outros cinco em um período de duas semanas — tive que me contentar em focar os pensamentos no jogo e não no homem idiota que as pessoas chamavam de “O Rei”. É claro. Ele era “O Rei” de todos os babacas mentirosos no planeta.



— ... alguém tem alguma outra pergunta?

A tensão na sala era palpável. Ninguém, exceto Grace, tinha dito coisa alguma nas últimas duas horas. Estávamos todos sentados ali, ouvindo a comissão técnica repassar os detalhes de última hora sobre a nova temporada. Constrangidas e inseguras, todas as jogadoras sentadas ao redor da sala de conferências simplesmente observavam e assentiam. Passar tanto tempo ouvindo os outros falarem em vez de realmente jogar já era tortura o bastante.

O culpado por trás do comportamento estranho do time era o auxiliar técnico parado no canto da sala, perto da tela de projeção, braços ao lado do corpo. Ninguém tinha que confirmar nada, porque sabíamos. Com certeza, sabíamos.

Era culpa dele.

Quando ninguém respondeu à pergunta de Gardner, balancei a cabeça e disse: — Não.

Uma carranca marcou o vinco entre as sobrancelhas do treinador principal quando olhou ao redor da sala, esperando que alguém dissesse mais alguma coisa.

Novas palavras não surgiram, e notei, pelo jeito como suas bochechas tensionaram, que ele também não entendia o porquê. Primeiro, não faltava confiança a ninguém ali. Segundo, quando alguém tinha um problema, geralmente não havia dificuldade em expressá-lo. Só que dessa vez o problema principal tinha dois braços e duas pernas.

Tan, tan, taaan.

Ninguém entregaria nada.

— Ninguém? — Gardner perguntou outra vez, o tom descrente.

Nada.

— Certo. Se ninguém tiver nada a dizer, acho que podemos ir. Vamos nos encontrar aqui amanhã às oito da manhã, e vamos todos juntos ao campo — ele anunciou, o que obteve em resposta um grupo de acenos positivos de cabeça antes de o time se levantar.

Fiquei ali mais alguns minutos conversando com Genevieve sobre trilhas para corrida, e tinha acabado de pegar minhas coisas quando ouvi: — Sal, você tem tempo para passar na minha sala?

Meu instinto disse que eu sabia exatamente que tipo de conversa estava prestes a ter. Eu tinha visto o rosto de Gardner, e meu estômago tinha plena ciência de que o treinador sabia que havia algo acontecendo.

Infelizmente, eu também sabia que seria a primeira e, muito provavelmente, a única a quem ele faria suas perguntas.

Aff. Aquela era a maldição por ser conhecida como uma mentirosa terrível.

— É claro — respondi, se bem que tudo o que eu queria era não ter dito aquilo.

Ele sorriu para mim e gesticulou para que eu me aproximasse.

— Então vamos.

Droga. Prendendo a bolsa no ombro, eu o segui. Dentro de alguns minutos, entrávamos em um corredor que eu conhecia muito bem e que levava até sua sala.

Gardner fechou as cortinas da pequena janela que separava sua mesa do corredor — como de costume — e sentou-se atrás da mesa, o sorriso amigável e as sobrancelhas a meio caminho da raiz do cabelo.

— Você sabe que vou direto ao ponto. Me conte o que está acontecendo.

Bingo! Tínhamos um vencedor.

Por onde exatamente começar?

Não era como se eu quisesse expor os problemas das pessoas, muito menos meu próprio dilema — outra vez — na frente de um homem que eu confiava e respeitava, mas que, no fim das contas, sabia que estava me usando como informante. Tudo bem, era mais como dedo-duro, mas dava na mesma, droga. Eu me acomodei na cadeira com a bolsa aos meus pés e ergui as sobrancelhas para Gardner. Na mesma hora, decidi me fingir de ignorante pelo tempo que fosse possível.

— Com as garotas?

— Com todas vocês. Com o time. O que está acontecendo?

— G, eu não faço ideia do que você está falando.

— Sal. — Ele piscou, como se soubesse que eu estava me fazendo de burra. E estava, mas não tinha como ele ter certeza. — Todo mundo está agindo esquisito. Ninguém está falando muito. Não vejo ninguém fazendo piadas como antes. Parece que é a primeira vez que todas estão jogando juntas. Eu quero entender o que está acontecendo, só isso.

Quando realmente parei para pensar, percebi que não deveria ter ficado surpresa pelo treinador ter notado as diferenças. É claro que notaria. Notou porque se importava. Eu reclamava, porque Gardner se importava, e reclamava, porque Kulti não fazia o mesmo. Não havia como ganhar, havia? Eu teria que me satisfazer com o fato de que Gardner ainda estava por perto e havia notado.

Mesmo que os treinos costumassem ser sérios, sempre tinha havido um lado divertido nos nossos aquecimentos e alongamentos. Todas nos dávamos muito bem na maior parte do tempo, e acho que por isso trabalhávamos tão bem juntas. Ninguém era uma superestrela nem tinha um ego do tamanho de um dirigível. Jogávamos como uma equipe.

É claro que não significava que algumas jogadoras não desejassem que outras torcessem o tornozelo de tempos em tempos, mas era assim que as coisas funcionavam.

E, sim, os treinos agora eram bem contidos e ficavam mais e mais silenciosos com o passar dos dias. Não era preciso ser um gênio para ver que não era culpa das novatas. Elas eram ótimas.

Era o alemão. Se até Harlow tomava cuidado para abrir a boca e reclamar por ele não ser ativo, então obviamente havia um problema. Acho que Har nunca havia titubeado sobre as repercussões de falar o que pensava. Ela era uma pessoa boa e honesta, mas a tinha visto tomar distância e balançar a cabeça enquanto o salsichão em questão andava pelas laterais do treino, em silêncio.

Além disso, havia meu histórico com ele.

Inclinei-me para a frente e apoiei os cotovelos no joelho. Ergui os ombros em um gesto preguiçoso de indiferença.

— Me diga o que fazer — pediu o treinador, sério. — Eu confio na sua palavra, e preciso saber por onde começar.

A palavra com C, droga. Confiança era minha criptonita.

De repente, senti a bravura desaparecer e deixei minha cabeça se curvar em rendição.

— Bem... — Cocei a bochecha e olhei firme para ele. — O que exatamente eu poderia dizer sem me meter em problemas?

— Como assim?

— O que me meteria em problemas? Não quero dizer nada que me coloque no banco — falei com cuidado, como se não tivesse chamado o alemão de salsichão dias atrás.

O olhar que ele lançou foi de incredulidade. Parecia que eu havia cuspidos em seu rosto.

— Isso tem a ver com o Kulti?

Levando em consideração que eu ainda não tinha recebido os parâmetros do que me colocaria em problemas, contentei-me com um aceno de cabeça. Eu poderia alegar que não tinha dito nada em voz alta com o nome dele, certo?

— Você está brincando comigo.

Dei de ombros.

— Explique-se. Você sabe o quanto a respeito como pessoa. Não vou te dedurar nem meter em encrenca por ser honesta comigo. Faça um favor e me poupe. — Ele realmente parecia ofendido por eu não querer me abrir e dizer algo a ele.

Ainda assim...

— Sal, sei que você sabe que não sou cego nem burro. Conte a verdade. Eu só ouvi metade do que você disse a ele há alguns dias. Sei que ele não foi simpático com seu pai, mas achei que fosse só isso. Eu quero ajudar, e sei que isso tudo não está funcionando como deveria. Toda vez que estamos em campo, todas ficam tensas; ninguém quer dizer nada durante as reuniões. Vocês não são assim — disse Gardner. — Geralmente, tem até alguém reclamando que a bola está cheia demais, pelo amor de Deus.

Eu quis me afundar na cadeira e reclinar a cabeça para encarar o teto, mas não o fiz. Em vez disso, puxei minhas Meias de Garota Crescida um pouco

mais para cima e lidei com o que ele estava dizendo.

— Não estou discordando de você. As coisas estão tensas, e é um saco, G, mas você sabe que temos uma regra contra “choramingar”, então ninguém vai reclamar.

— Então me diga o que está acontecendo. Sou eu?

— Por que você sempre faz isso comigo? — resmunguei.

Ele riu.

— Porque você não vai mentir para mim. — Um manipulador de primeira. Sim, ele era um manipulador de primeira. — Eu quero que as coisas voltem a ser como deveriam ser, então me fale o que precisa ser consertado.

Ele não tinha entendido? Não se colocava em risco por nada uma carreira que havia sido criada com tanto sacrifício. Cada uma de nós havia aberto mão de aniversários, comemorações, vidas sociais, relacionamentos, tempo com nossas famílias e muito mais pelo que tínhamos hoje. Aquilo era precioso para mim, e eu seria idiota se entregasse tudo de mão beijada. Era impossível que as outras garotas no time não se sentissem do mesmo jeito — pelo menos, em parte.

— Sim, G, mas você sabe que vamos todas tomar cuidado. O que você esperava? Fomos alertadas desde o começo para tomarmos cuidado com o que falamos do Kulti, mas vamos ao treino ou ao mercado e somos bombardeadas pelo cara a todo momento.

O suspiro que lhe escapou me fez lembrar de um balão furado. Ele ainda não conseguia acreditar. Havia pessoas que se preocupavam em consertar o que estava quebrado, e havia pessoas que esperavam outras resolverem seus problemas. Geralmente, eu gostava de pensar que corria atrás daquilo que queria, mas isso não significava que eu queria ser a pessoa a abrir a boca, ainda mais nesse caso.

De repente, me senti um pouco mal por estar escondendo a verdade, só um pouquinho. Até me lembrar da ameaça muitíssimo real que o alemão tinha me feito depois de eu o ter ajudado, então indignação e raiva tomaram conta.

— Certo. — Respirei fundo. — Acho que todo mundo está um pouco inseguro com a presença dele aqui, G. É o que eu *acho*, mas só posso falar por mim mesma. Ninguém diz nada, porque é provável que esteja assustada

demais para pisar na jaca e se meter em encrenca. E não ajuda nada o fato de ele não ser o sr. Simpatia.

Um sorriso atravessou o rosto do treinador.

— É sério. Acho que, em algum momento, todo mundo já teve um treinador horrível nos chamando de “merdinha inútil que deveria ter parado de jogar bola há muitos anos”. Mas, de alguma forma, é pior ter alguém nesta altura do campeonato que parece não se importar. Ele não diz nada; não faz nada. Ele só fica lá. — Houve o incidente na sessão de fotos. E ele me ameaçou quando tudo o que fiz foi tentar ajudá-lo, mas guardei o disparate para mim. Não por causa do que ele tinha dito, mas porque eu não era esse tipo de pessoa.

Era um fato. Kulti não fazia *nada*. Ele não dizia nada. Ele não compartilhava seu conhecimento ou sua raiva — exceto naquela única vez — nem mesmo seu vocabulário.

— Jesus. — Gardner assentiu e passou a mão pela cabeça. — Eu entendo. Se eu tinha falado demais? Talvez.

Enchendo as bochechas que nem um baiacu, comecei a tagarelar: — Olha, ele é um ótimo jogador. Não estou dizendo que não é, obviamente, mas ele não deveria estar treinando a gente? Sendo chato? Nos dizendo quando estamos fazendo algo certo ou pelo menos fazendo algo muito ruim? Qualquer coisa? Achei que talvez ele estivesse apenas se acostumando a estar perto de nós, garotas, mas já se passou tempo demais agora. Você não acha?

— Entendo o que você está falando. Faz sentido. — Ele esfregou a mão pela cabeça e olhou para o teto. — Não sei por que não pensei nisso antes. Hum. — Ele assentiu consigo mesmo antes de olhar para mim. — Pelo menos, agora sei por onde começar.

Eu me mexi na cadeira por um momento, endireitei a postura e assenti para ele.

— É mais ou menos isso.

Gardner fez algumas caras e bocas pensando no que eu havia acabado de dizer, mas me deu um breve aceno de cabeça.

— Fico feliz por você ter falado comigo. Vou dar um jeito de resolvermos isso — disse ele, por fim. Era minha deixa para dar o fora dali.

— Tudo bem, então. É melhor eu ir. Vejo você amanhã — eu falei,

pegando meus pertences e me levantando.

Ele me deu um olhar engraçado.

— Avise se houver algo que eu possa fazer para te ajudar. Não pense que não notei que você está prestes a arrancar a cabeça de alguém com uma mordida.

Então, aparentemente, eu tinha que melhorar um pouco minha cara neutra. Eu poderia fazer isso. Sorri e assenti para o homem sentado do outro lado da mesa.

— Estou bem, G, mas obrigada.

Os traços dele amoleceram um pouco, e uma emoção que eu não tinha certeza se reconhecia atravessou seu rosto quando dei um passo para trás.

— Estou orgulhoso de você, Sal, por tê-lo enfrentado. Ainda mais agora que sei como todas vocês se sentem com a presença dele aqui... Eu quero que você saiba disso. Você é uma boa garota.

As palavras de Gardner fizeram com que eu me sentisse bem ao mesmo tempo que me fizeram me sentir culpada. Dei um sorrisinho para ele e sacudi os ombros.

— Eu deveria ter dito algo antes sobre as garotas, G.

— Não tem problema. Você disse agora, e isso é o que importa.

Era mesmo?

Nós nos despedimos mais uma vez e, então, dei o fora dali.

Com a bolsa no ombro, fui saindo e pensando. Eu havia feito a coisa certa? Eu não tinha certeza, mas o que mais deveria ter feito? Eu poderia sofrer por mais cinco meses pisando em ovos perto daquele alemão chato, mas era diferente se eu não fosse a única afetada pela sua presença.

O caminho de volta era velho e familiar. Dois corredores e, então, direto ao elevador. Eu sabia de cor. Fiquei esperando o elevador chegar me balançando para a frente e para trás nos calcanhares.

Foi o guincho baixo de um tênis alheio no chão de linóleo que me fez olhar para trás. O som não era algo especial naquele prédio; quase todo mundo usava tênis, exceto quando era dia de jogo ou se fosse uma mulher de salto, mas quando vi o par da edição especial dos tênis de corrida do RK, preto com costura verde-limão, meus ombros ficaram tensos.

E olhei.

É claro que era o babaca de quem eu tinha acabado de falar.

Sem pensar, comecei a estender o braço para trás e me certificar de que o cabelo estava preso e arrumado sob a faixa, mas parei antes de chegar àquilo. Cocô. Além disso, de que importava se meu cabelo estava desarrumado? Não importava.

Pigarrei quando ele parou a mais ou menos um metro de mim e nossos olhares se encontraram. A cor de seus olhos era mais clara do que pensei que fosse. Era uma mistura perfeita de marrom-caramelo com uma mescla conveniente de verde-musgo. Brilhantes, claros e incríveis, impressionantemente atentos pelo peso que o olhar transmitia.

Cristo Redentor, como ele era alto. Os antebraços enormes sob a polo de treino azul-celeste que ele vestia. Então, voltei a encarar seus olhos para ver se ainda estavam fixos em mim. Ele me observava examiná-lo.

Droga.

Cocô, Sal. Cocô.

Xixi. Pare com isso. Parecomissoagoramesmo.

Você o arrastou para fora de um bar, levou-o até o quarto do hotel e não recebeu nenhum agradecimento em troca. Nem mesmo um sorriso. Tudo o que você ganhou foi uma ameaça.

E, de repente, com isso, fiquei bem.

Engoli em seco e dei meu doce sorriso idiota, usando apenas a metade do rosto que eu era capaz de mover.

— Oi — eu disse, antes de adicionar, sem perder tempo: —, treinador.

Aquele olhar pesado desceu, por um momento, até o número estampado no meu peito antes de voltar a subir e encarar meu rosto. Seu piscar foi lento e preguiçoso.

Inclinei o queixo para cima e pisquei da mesma forma para ele, forçando meu sorriso presunçoso com a boca fechada.

O elevador apitou ao abrir. Enquanto isso, o alemão disse em um tom baixo que pareceu ter lhe custado dez anos de vida ao gastar seu tempo com uma criatura tão inferior e desalmada como eu: — Olá.

Nós nos encaramos diretamente nos olhos por um milésimo de segundo antes de eu erguer as sobrancelhas e adentrar o pequeno espaço. Me virei em

direção às portas, e o observei entrar depois de mim, ocupando o espaço no canto mais longe.

Se ele disse mais alguma coisa? Não.

Se eu disse mais alguma coisa? Não.

Continuei olhando em frente, e sobrevivi aos trinta segundos mais desconfortáveis da minha vida.



O problema com os homens — ou machos no geral — que descobri ao longo da vida era que tinham bocas grandes. Quer dizer, um tubarão-baleia não chegava nem perto do homem comum com alguns amigos. É sério.

Mas, bem, era culpa minha. De verdade, era mesmo. Eu deveria ter me precavido.

Meu pai, meu irmão e seus amigos tinham me ensinado qual era a realidade por trás das amizades masculinas. Mesmo assim, me esqueci de tudo o que havia aprendido.

Ou seja, não poderia culpar ninguém além de mim mesma por ter confiado em Gardner.

Já quase no fim do treino naquela manhã, eu tinha acabado de finalizar meu jogo um a um contra uma zagueira. Fui me retirar das partidas que estavam acontecendo, sem prestar muita atenção. Estava pensando no que eu poderia ter feito diferente para mandar a bola para dentro do gol antes, e foi, então, que alguém entrou bem no meio do meu caminho.

Foi um pequeno passo para o lado que colocou o corpo maior do que o meu a trinta centímetros de distância.

Eu sabia que não era Gardner. Ele estivera do outro lado do campo quando eu estava jogando, e havia apenas outros três homens na equipe. Só que dois deles eram gentis demais para fazer algo tão agressivo.

O alemão. Era o maldito rei dos otários. É claro que era.

Assim que fiz contato visual com ele, minha ficha caiu.

Entendi que Gardner era um tolo muito honesto, que se importava com os outros e que havia mencionado meu nome ao alemão.

Parecia que meu coração tinha começado a bater na garganta.

Ele não teve que falar: “Eu sei o que você disse”. O olhar passivo em seu

rosto já dizia tudo. Se ficou parado enquanto eu vociferava a favor do meu pai sem demonstrar qualquer emoção, então eu sabia que o que ele tinha ouvido tocara um ponto sensível. Uma pessoa como ele não gostava de receber críticas, porque achava que era alguém perfeito. Pois é.

Não era como se eu o tivesse chamado de um pedaço de merda europeu aposentado e inútil — o que era terrivelmente indelicado. Ou dito que era um jogador horrível e indigno do emprego. Nada nem perto disso tinha saído da minha boca, mas me coloquei no lugar dele, imaginei ter um ego dez vezes maior do que o meu e me perguntei como eu me sentiria.

Eu me sentiria muito irritada se uma criança comesse a dizer que eu precisava agir diferente.

Mas era verdade, e eu me manteria firme em relação àquilo. Eu não o havia chamado de *Führer* ou de pé no saco ou nada do tipo. O que eu faria? Pediria desculpas a alguém que não merecia? Nada disso.

Fiz o que eu precisava fazer. Fiquei parada no mesmo lugar onde ele havia resolvido entrar no meu caminho e discuti com meu coração para que não batesse tão rápido. *Acalme-se, acalme-se, acalme-se. Cocô. Xixi. Cocô, cocô.*

Meias de Garota Crescida? Era o que eu estava usando.

Voz? Funcionando perfeitamente.

Eu me preparei, endireitei os ombros e encarei-o bem de frente.

— Sim?

— Hora do tiro de corrida! — alguém gritou.

Minha coragem acabou ali, porque a próxima coisa que fiz foi girar e sair correndo em direção à linha onde os tiros começariam. Uma boa rodada de treinamento, ou seja, de tiros de corrida com distâncias cada vez maiores, era sinônimo de amor e ódio para mim. Eu era rápida, mas isso não queria dizer que eu amava correr.

Posicionei-me entre duas novatas que estavam sempre tentando correr mais rápido do que eu. Troquei um soquinho de mãos com a jogadora à minha direita antes de arrancarmos.

— Sinto que vai ser hoje, Sal. — Ela sorriu.

Balancei o tornozelo e, sem pressa, apoiei todo o peso na planta do pé.

— Não sei, não. Estou me sentindo ótima hoje, mas manda ver.

Mais uma troca de soquinhos, e o apito soou.

Dez metros, ida e volta. Vinte, ida e volta. Quarenta, ida e volta. Meio-campo, ida e volta. Então, todo o campo, ida e volta.

Meus pulmões ficaram um pouco tensos no final, mas engoli o choro e avancei ao último trecho. Terminei com distância o suficiente entre mim e a pessoa logo atrás para dormir em paz naquela noite. Pensei em como era bom eu sempre tentar me esforçar um pouquinho mais nas minhas corridas diárias.

Esfregando as mãos nas coxas enquanto recuperava o fôlego, sorri para a garota que havia me desafiado no começo, assim que passou pela linha de chegada. Parecia um pouco irritada, mas conseguiu manter o sorriso no rosto.

— Não sei como você consegue — Sandy ofegou.

Ofeguei em resposta.

— Eu corro. Muito. — Quando me olhou com aquela expressão de “não me diga”, bufei. — Eu corro nas trilhas de bicicleta no Memorial às seis e meia da manhã, todos os dias, antes de vir para cá. Pode ir comigo, se acordar cedo o suficiente. Não sou uma boa companhia para conversas tão cedo assim, mas é melhor do que correr sozinha, você não acha?

— É sério? — ela perguntou, um pouco incrédula demais.

— Sim.

Ela enxugou a testa e me lançou um olhar engraçado.

— Tudo bem, então. Com certeza. Parece legal.

Contei a ela onde eu estacionava o carro, caso realmente quisesse ir e não estivesse apenas sendo educada. Quando terminamos de conversar, todas as outras também haviam terminado os tiros, até as jogadoras mais lentas. Não que alguém fosse exatamente lenta, mas mais lenta em comparação.

O treino acabou logo depois, então terminei de recolher minhas coisas, ficando de olho para ver onde Gardner estava para que eu pudesse lhe dizer no que eu estava pensando. Com tênis comuns e um par de meias limpas até a altura dos tornozelos, caminhei em direção ao treinador principal, que estava ocupado contando as bolas para se certificar de que estavam todas ali.

— Está pronta para o jogo? — ele me cumprimentou, antes de tudo.

— Estou — confirmei, observando o rosto fingido dele em busca de que sentia qualquer sinal de remorso por ter tirado proveito da minha confiança.

— Tudo bem? — ele perguntou, endireitando a postura quando não saía do

lugar.

Olhando ao redor para me certificar de que não havia ninguém perto demais, voltei minha atenção para a versão masculina da *Gossip Girl* e franzi a testa.

— Você contou ao Kulti o que eu disse?

O velho canalha teve a decência de parecer só um pouco envergonhado.

— Conversei com ele pela manhã a caminho daqui. Achei que estava na hora. — Ele não concordou nem negou.

— Você contou que fui eu que falei?

Seus olhos castanhos pareceram cautelosos e firmes.

— Ele deve ter adivinhado que foi você, já que é a única que deu uma bronca nele.

Ele não havia negado. Também fui eu quem ele viu saindo do escritório. Uma trilha de migalhas tinha sido deixada para trás. Além disso, eu havia ralhado com ele por ter sido um idiota com meu pai. De novo, a culpa era minha.

A merda estava feita, e não havia razão alguma para ficar pensando nisso.

— Você pode me contar se houver algum problema — ele falou em um tom atento e honesto no qual tudo o que eu podia fazer era acreditar.

O que eu faria? Diria a ele: “Ah, ele me analisou de cima a baixo?”. Não. Ou pior ainda, contaria que resgatei Kulti de um bar? É, não.

Em vez disso, dei a Gardner um sorriso despreocupado, muito diferente de como eu me sentia.

— Está tudo bem, eu só fiquei... curiosa se você tinha dito alguma coisa ou não. Nada de mais.

— Não. Eu não disse nada.

— Ótimo, obrigada, G. Vejo você mais tarde, então. — Suspirei, virando-me para caminhar em direção ao banheiro, sentindo o peso do mundo nos meus ombros.

Suspirei comigo mesma.

O que eu menos queria era chamar atenção negativa para mim, ainda mais se tratando de Kulti. O time investira rios de dinheiro nele, e, apesar de eu ser considerada uma das favoritas na cidade porque era do Texas — e era eu

quem marcava mais gols —, entendia as prioridades. Um de nós era muito mais famoso do que o outro, mesmo só eu jogando, e o outro recebendo muito mais dinheiro.

Eu perderia em todas as comparações.

Apalpando a bolsa e encontrando o celular por cima do tecido, tive a ideia de ligar para o meu pai e reclamar, mas pensei melhor. O salsichão já tinha feito o bastante. Eu não queria mencioná-lo, a não ser que fosse necessário. Minha mãe? Jenny? Não e não. Além disso, teria que explicar tudo para minha situação fazer sentido, e eu não estava muito a fim disso.

Então ponderei minhas opções e aceitei, de novo, que guardar tudo para mim era a melhor maneira de lidar com qualquer coisa.



Tem um ditado que as pessoas usam: “Cuidado com o que você deseja”.

Meu primeiro treinador, quando entrei em um clube — um grupo seleta de jogadoras que queriam mais do que a escola ou centro esportivo da região tinham a oferecer —, dizia-nos quase todos os dias: “Um sonho é só um desejo sem planos”. Depois de ouvir esse tipo de coisa por vezes o bastante, a gente decora e, quanto mais velha fica, mais percebe o quanto as palavras são verdadeiras. Então o caso não era que eu não levava desejos a sério, só não dava muita importância a eles. Eu não queria muitas coisas, mas sabia que, se eu quisesse algo caro, teria que economizar cortando outras despesas na minha vida.

O ponto era: eu havia passado a maior parte da vida querendo jogar futebol profissionalmente, então aprendi o que eu precisava fazer para que isso se tornasse realidade. Tive que treinar, que me esforçar, treinar e me sacrificar — não exatamente nessa ordem. Geralmente, eu tentava aplicar isso a todos os aspectos da minha vida.

Mas, fazia muito tempo, uma jovem Salomé Casillas havia desperdiçado três desejos de aniversário seguidos na mesma coisa: que, um dia, Reiner “O Rei” Kulti saberia de sua existência... e se casaria com ela. Em terceiro lugar na minha lista de desejos estava o fato de que ele me ensinaria a ser a melhor das melhores.

Eu teria dado o que fosse preciso para aquilo se tornar realidade. *Qualquer coisa*. Teria morrido de alegria se ele alguma vez tocasse a porcaria da minha mão quando eu tinha doze anos.

Aos 27, sabendo o que eu sabia sobre ele a essa altura do campeonato, ficaria feliz vivendo o resto da vida sem ser notada.

Mas, às vezes, o destino era caprichoso e imaturo, porque, poucos dias depois de contar a Gardner sobre como todas as jogadoras estavam sendo

afetadas pela falta de atenção da antiga superestrela, minhas orações de pré-adolescente foram atendidas sem mais nem menos.

Ou ele sofreu uma lavagem cerebral, ou teve o corpo possuído por um alienígena, porque um novo homem apareceu em campo depois daquilo. Um homem com uma linha rígida nos ombros, um bastão de ferro na coluna ereta e uma voz que não tinha como ser mal interpretada.

Quantas vezes eu havia pensado no quanto queria que Kulti fosse o tipo de treinador que um jogador do calibre dele tinha o potencial de ser? Não era nenhum segredo que ótimos jogadores nem sempre viravam ótimos treinadores, mas meu instinto, ou talvez fosse minha versão de treze anos, acreditava que Kulti seria uma exceção. Eu acreditava que ele poderia fazer ou ser quem ou o que ele quisesse.

Eu só não havia antecipado que o que eu imaginava como “treinador”, ele aparentemente interpretava como “Gestapo”.

Os dois dias seguintes foram os mais extenuantes de toda a minha vida, tanto mental quanto fisicamente.

Em parte, porque a pressão de ser perfeita estava na minha visão periférica, pressionando, pressionando, pressionando e fazendo sua presença ser notada, pelo menos para mim, mas o problema principal era Kulti. Ele chegava ao treino com a mandíbula tensa e um olhar duro que, de repente, parecia analisar tudo.

Na primeira vez que ele gritou, o exercício com que a maior parte do time estivera ocupado parou de repente. Quero dizer, parou por completo. Durante dois segundos, as jogadoras que manobravam ao redor da pista de obstáculos pararam no meio do caminho e olharam para cima. Eu era uma delas. Era como se a voz de Deus tivesse, sem mais nem menos, desabado sobre nós e nos dito uma profecia ou algo do tipo.

— Mais rápido!

Duas palavras. Duas palavras que pegaram todas nós desprevenidas.

Então, foi a vez de Gardner.

— O que estão fazendo? Continuem! — E isso trouxe todo mundo de volta ao juízo perfeito.

Jenny, que estava ocupada treinando com as goleiras, encontrou meus olhos do outro lado do campo. E, telepaticamente, dissemos as mesmas cinco

palavras: *Mas que merda foi essa?*

Continuamos.

Ele também. A voz no limite da raiva, determinada e forte, ritmada e estranhamente fascinante, limitada por diversos sotaques, enquanto atirava palavras contra o grupo. Meu estômago revirava toda vez que eu o ouvia.

Era exatamente o que eu havia pedido — o que eu havia desejado.

Quando parei, ofegante, com as mãos nos joelhos, porque ele não parava de gritar que poderíamos ir mais rápido, sorri por ter me esforçado.

E porque era exatamente por isso que uma versão mais nova de mim teria vendido dez anos da própria vida.

É claro, ele era um babaca. É claro, tinha sido pressionado a se importar com a minha reclamação ao treinador principal, mas, quando olhei ao redor e vi todo mundo dando seu melhor, concluí que valia a pena o linguíção me odiar.



Por fim, comecei a me arrepender de ter um dia pensado que Kulti se importar era algo bom, porque outra parcela do que eu sempre havia sonhado se tornou real — mas não foi tão magnífico quanto eu havia antecipado.

Recebi a atenção que eu queria. Só não era tão fantástico quanto meus sonhos tinham imaginado.

— Vinte e três!

Levei alguns segundos para reagir ao meu número sendo gritado — o dia do aniversário do meu pai. O aniversário de Eric tinha sido meu número na seleção nacional, e o da minha irmã estivera nas minhas costas quando eu jogava em clubes. Fazia anos que eu usava o 23, mas ninguém nunca me chamava assim.

— Vinte e três, que passe lento foi aquele? Você está mesmo tentando?
— ele gritou.

O cabelo na minha nuca se eriçou, e talvez meu queixo tenha caído um pouquinho.

Mas eu me esforcei.

Ele continuou:

— Vinte e três, *isso*.

— Vinte e três, *aquilo*.

Vinte e três, vinte e três, vinte e três...

Dá um tiro na minha cara, vinte e três.

Não havia estima em seu tom, muito menos orgulho.

Toda vez que eu olhava para ele quando gritava meu número, seu rosto exibía uma expressão dura. Carrancuda. Ele me encarava com uma carranca. Aquele rosto lindo estava me encarando com uma expressão que, sem dúvida, não era nada legal.

Ah, meu Deus.

Endireitei a postura, enxuguei o suor e simplesmente o encarei de volta. Eu era capaz de lidar com aquele panaca que tinha sido mal-educado com meu pai. Pelo menos, era nisso que eu acreditava.



— Ele não tem habilidade alguma para rebater. Não estou brincando. Ele parece um lenhador parado ali com o taco a quase dois metros de altura e a bunda em um CEP totalmente diferente do resto do corpo — Marc disse, balançando a cabeça ao conduzir o veículo na estrada. Estávamos a caminho dos nossos próximos trabalhos: duas grandes casas em um bairro chamado Heights.

— Pior do que o Eric? — perguntei, porque, por mais fantástico que ele fosse chutando e correndo atrás de uma bola, era bem ruinzinho nos outros esportes.

O aceno sério que Marc deu em resposta dizia tudo. Se o jogador de softbol de quem ele estava falando era pior do que o meu irmão, que Deus ajudasse todo mundo naquele time.

— Jesus.

— É, Sal. É ruim mesmo. Ele não tem medo das bolas que vêm na direção dele...

Nós dois nos olhamos assim que aquelas palavras foram ditas na mesma frase e caímos na gargalhada.

— Não esse tipo de bola. — Meu amigo riu alto. — Não tem explicação para ele ser tão ruim assim.

— Acontece — comentei.

Ele deu de ombros, concordando com relutância, então, continuou a história sobre o novo jogador que havia recentemente se juntado às partidas de softbol que eles jogavam toda semana.

— Não sei como contar que ele é terrível. Simon disse que falaria algo, mas amarelou, e, na maior parte do tempo, quase não temos gente o suficiente para nos dividirmos em dois times — ele disse, encarando-me.

Bem discreto.

Eu havia jogado algumas vezes com ele nos últimos dois anos, quando podia. Apesar de não poder jogar futebol oficialmente, ou nem tão oficialmente assim, em qualquer time além do Pipers durante a temporada, ninguém disse que eu não poderia participar de vez em quando de um jogo de softbol, desde que não fosse “oficial”. Essa era a palavra-chave da qual eu poderia tirar proveito no meu contrato.

Assim que comecei a falar que eu poderia participar de alguns jogos, meu celular tocou. Na tela, brilhou a palavra “Pai”.

Erguendo o celular, disse a Marc quem estava ligando e atendi.

— Oi, *Pa*.

— *Hola*. Você está ocupada? — ele perguntou.

— Estou a caminho de um trabalho com o Marco Antonio — falei, usando o apelido da minha família para ele. — ¿Y tú?

— Certo, é rapidinho. Vou buscar a Ceci na escola; ela saiu mais cedo, mas eu queria saber... se você acha que consegue arranjar mais dois ingressos para o jogo de abertura. Seu tio vai estar na cidade no dia e ele queria ir — ele disse, devagarinho.

Meu tio queria ir a um jogo, mas não queria pagar. Cadê a novidade?

— Acho que consigo, sim, mas só posso dar certeza hoje mais tarde, tudo bem?

— Sim, sim. Sem problema. Se não conseguir, não se preocupe com isso. Ele pode muito bem comprar dois ingressos. Mão de vaca. Me ligue mais tarde quando estiver livre, e avise ao Marco que ele vai pagar uma cerveja para mim no jogo.

Bufei e sorri. Um segundo depois, percebi que eu não havia mencionado o incidente com o alemão. Meu rosto corou e meu pescoço esquentou.

— Pai, então. Desculpa pelo jogo de abertura. Se eu soubesse que ele

seria tão babaca, teria avisado. Desculpa mesmo...

Ele chiou do outro lado da linha, e não deixei de notar o olhar perplexo que Marc me lançou do outro lado da cabine da caminhonete.

— *Mi hija*, você não faz ideia de quantas vezes as pessoas já agiram assim comigo. Estou bem. Já superei. As pessoas são desse jeito porque não sabem de nada, mas eu sei.

— Ele não tinha direito algum de agir daquele jeito. Fiquei tão irritada que fui até ele e xinguei-o de linguição — admiti em voz alta pela primeira vez desde o incidente.

Os uivos explodiram. Um do meu pai, outro de Marc.

— Não! — Ele caiu no riso no telefone.

— É. Eu perdi o controle. Acho que agora ele me odeia. Mais tarde eu conto o tipo de merda que ele anda falando em campo — prometi com um grande sorriso direcionado ao meu chefe, que ria sacudindo os ombros.

Meu pai continuava rindo.

— Sim, vou querer ouvir isso — ele disse antes de fazer uma pausa. — *Pero, Salomé, acuérdate de lo que te he dicho*. Vença o mal com o bem, ¿sí? Resmunguei.

— *Sí*. Perdoe o homem por não saber de certas coisas, tudo bem?

Perdoá-lo por não saber de certas coisas?

— Posso tentar, mas e o Eric? Você quer que eu seja educada com a pessoa que o machucou? — A memória de Kulti o chamando de imbecil ainda estava fresca, mas não contei ao meu pai.

— *Pues sí*. Faz muito tempo, e lembra que o Eric quebrou o braço daquele jogador do Los Angeles? Acontece. Você conhece seu irmão. Ele exagera porque gosta de ouvir a própria voz.

— Não sei, não. Não me parece certo. Sinto que estou traindo o Eric.

— Não tem problema. Você não está. Eu avisaria se estivesse.

Quis revirar os olhos por causa daquilo, mas consegui me segurar; em vez disso, suspirei e concordei com ele.

— Tudo bem. Vou pensar no caso. — Aff. — Ligo para você mais tarde, então. Te amo.

— Também te amo.

No instante em que desliguei o telefone, Marc virou para mim no assento, já que estávamos parados no sinal vermelho, e piscou.

— Gata, você não tem me contado as coisas. Desembuche.



— Bem, isso é estranho pra cacete — Harlow sussurrou.

E era. Era mesmo.

Fazia cinco minutos que o time estava na esquina ao lado do prédio do Pipers esperando as vans que nos levariam até o local do nosso primeiro jogo da pré-temporada, a cerca de uma hora da cidade.

Enquanto esperávamos as vans que, por algum motivo, estavam atrasadas, ficamos observando Kulti discutir ao celular, dizendo coisas em sua língua materna que soavam... *incompreensíveis*.

Hummm.

— O que vocês acham que ele está falando?

— Provavelmente, o café estava quente demais hoje cedo, e ele está reclamando.

— Está ameaçando fazer um casaco com a pele da pessoa do outro lado da linha.

— Ou usar suas células-tronco para prolongar a vida.

Essa me fez rir.

— Provavelmente, está só dizendo “bom dia, estou me divertindo muito”, mas o som é terrível — Jenny sugeriu.

Dei um sorriso a ela.

— Descubram enquanto vou rapidinho ao banheiro.

Saí andando rápido na direção do banheiro no primeiro andar. Não havia ninguém lá, então consegui entrar e sair em poucos minutos depois de aliviar a bexiga. Na hora que voltei, três vans brancas tinham aparecido na rua.

Duas delas já estavam cheias — foi o que pareceu quando diversas mãos atingiram o vidro da janela assim que passei por ela, um bando de zumbis amadoras.

— Vamos, garota, a gente estava esperando você! — Phyllis bufou, parada do lado de fora da primeira van com dois outros membros da equipe.

Assenti e entrei na van em um pulo, instintivamente indo para o assento mais longe da porta.

Havia apenas um assento vazio além do banco da frente, e era na última fileira, com Kulti. Kulti e uma sacola de malha cheia de bolas de futebol. Maravilha. Absolutamente maravilhoso.

Eu conseguiria lidar com aquilo. Eu conseguiria ser uma adulta madura. *Certo.*

Tive uma conversinha comigo mesma no dia anterior a caminho de casa depois do trabalho. Eu poderia ser adulta e colocar o meu orgulho de lado para fazer o que o meu pai havia sugerido. Seria fácil? Não exatamente, mas eu, sem dúvida alguma, tentaria. Eu poderia deixar de lado o fato de que aquele idiota me achava uma dedo-duro sem moral, e eu poderia deixar as minhas questões pessoais de lado e pelo menos tentar ser amigável.

Mas ninguém poderia me impedir de xingá-lo de vagabundo na minha cabeça.

Então respirei fundo, tentando me acalmar, e disse para mim mesma: *Paciência. Paciência, Sal.* Seja justa e honesta como foi Jesus, era o que tinham me dito. Eu poderia ser a pessoa madura na situação. Fácil.

Não é?

Coloquei a bolsa no colo e observei o último membro da equipe entrar na van. No instante em que todo mundo começou a fazer uma barulheira, eu me preparei, calcei as Meias de Garota Crescida e sussurrei, como alguém que não havia tido a carreira ameaçada nem o pai insultado: — O que você acha de uma trégua?

Ele, de fato, respondeu: — O que foi que você disse? — o homem sentado ao meu lado perguntou em uma voz tão baixa quanto a minha.

Ele estava falando comigo. *Comigo.*

E: cocô.

Eu estava bem.

— O que você acha de uma trégua? — Continuei olhando para a frente e fiz questão de não mover a boca mais do que o necessário, para o caso de alguém se virar. Não saberiam que eu estava falando com O Rei. — Eu quero que as coisas voltem ao normal. Não gosto do drama, e não quero continuar

trocando olhares raivosos com você. Não vai demorar para os outros perceberem. Eu nunca diria nada a ninguém sobre você-sabe-o-quê. Eu prometo. — A vontade de dizer *eu tive que jurar* estava na ponta da língua, mas me segurei. — Não vou. Não importa o quanto você me irrite, essa questão só diz respeito a você. Se eu quisesse ser uma babaca, teria tirado fotos suas no meu celular e vendido tudo logo depois do que aconteceu, não acha?

Nada. Continuei:

— Também posso me esquecer de que você chamou meu irmão de imbecil e foi arrogante com meu pai, acho, mas se você pensa que vou pedir desculpas pelo que eu disse ao Gardner, isso não vai rolar. Você já deve ter percebido. Você não estava sendo útil nem simpático, e isso não estava ajudando o time. Se for do seu interesse, eu não disse nada rude sobre sua pessoa... — Apesar de eu ter desejado. — Também não quero constrangimento toda vez que estiver perto de você nos próximos meses. Então podemos voltar a fingir que o outro não existe? — eu perguntei, por fim.

Parecia justo, não é mesmo?

Pelo menos, eu achava que sim.

Ele não respondeu. Um minuto se passou, e ainda nenhuma resposta.

Pisquei olhando para a frente e, então, muito, muito, mas muito devagar mesmo, como aquelas bonecas sinistras e possuídas em filmes de terror, eu me virei para encará-lo.

Kulti olhava diretamente para mim. Cem por cento de certeza. Intenso e focado em mim. Aqueles olhos de cor quente fixos em mim como se eu fosse a primeira pessoa que ele via há séculos... e não tinha muita certeza do que pensar. Então eu o encarei de volta, bem nos olhos, não no furinho no queixo ou na cicatriz que atravessava a sobrancelha direita e que ele havia conquistado ao receber uma cotovelada na cara durante sua oitava temporada na Liga Europeia.

Mantive o olhar firme.

— Estou me esforçando — disse a ele com cuidado.

Ainda assim, Kulti me encarou.

Mas eu não era uma perdedora e não planejava me tornar uma em breve.

— Não estou pedindo para você ser meu amigo nem para falar comigo. Não poderia me importar menos se você gosta de mim. — Isso, na maior parte, era verdade. — Porque não é como se eu sentisse qualquer afeição por você, mas talvez possamos deixar essa porcaria de lado, tudo bem? Não importa o que aconteceu entre você e o meu irmão, foi há muito tempo. Chega. O que aconteceu no bar não é problema meu. Se quiser me pagar pelo quarto de hotel, sintase à vontade. E, sim, eu disse algumas coisas ao Gardner sobre você meio que ser um péssimo treinador, mas é verdade. E, se estivesse no meu lugar, tenho certeza de que falaria coisas muito piores do que tudo o que eu disse. Não estou certa?

Eu estava. Sem dúvida alguma, eu estava. Por um milésimo de segundo, deixei-me imaginar o Kulti pelo qual cresci apaixonada. O que pensava ser dono de todo campo em que pisava, e pude imaginar como explodiria se alguém duvidasse dele.

Então me lembrei de que aquele não era o mesmo homem ali. Pela razão que fosse, não era. As pessoas mudavam com o passar da vida. Eu sabia disso, então não perderia muito tempo ruminando. Essa era a versão de Reiner Kulti que tinham me dado, era a versão com a qual eu teria que lidar pelos próximos meses. Era como quando eu ansiava por algo doce. Eu dava uma mordida para me livrar do desejo e seguia em frente.

Outro minuto se passou, e ele ainda não havia respondido. Eu era tão boa quanto qualquer um naquele jogo de encarar. Mesmo se deixasse minha garganta ficar esquisita e eu tivesse que me obrigar a não corar ou a não me preocupar se eu deveria ou não ter passado um corretivo pela manhã.

Pisquei.

Ele piscou.

Tudo bem, eu havia me arriscado duas vezes. Por que não mais uma em nome da paz? Com a voz controlada e cautelosa, eu disse: — Fui sua fã por um longo tempo. Aquele jogo há uns vinte anos na Copa Altus, quando você marcou o gol da vitória, mudou minha vida. Eu o respeitava como atleta desde que me conhecia por gente. Sei que não sou ninguém para você, mas estou aqui, e ainda vou estar até o fim da temporada. Se houver alguma parte de você que ainda é aquele homem que eu admirava, eu ficaria muito feliz se pudéssemos só... sobrevivermos à temporada sem nos matarmos.

Certo. Falei mais do que o planejado. Se ele ficou preocupado ou alarmado com aquilo, não faço ideia, mas dane-se, porque era a verdade. Não dava para se construir uma amizade... ou qualquer coisa duradoura, com base em mentiras. Minha quedinha por ele era apenas uma informação extra não exatamente relevante para aquela conversa... ou para qualquer outra.

Mais um minuto se arrastou e *nada*. Nada.

Bem, eu não imploraria a ninguém para ser educado comigo, caramba. Tudo o que eu queria era que ele fosse um babaca decente que não se intrometesse no meu caminho durante o treino quando estivesse zangado com algo que fiz. Se ele quisesse pegar no meu pé durante o treino, ele que pegasse.

Ainda assim, ele continuou em silêncio.

Bem, eu tentei.

Universo, eu tentei e você sabe disso. Dane-se.



— Você arrasou — Harlow gritou a uns sessenta centímetros de mim, enquanto se apressava para agarrar meu rosto, espremendo as bochechas, depois do meu gol no último minuto possível. — Muito bem, Sally!

Meu rosto doeu um pouco, mas consegui moldar uma espécie de sorriso deformado nas mãos da melhor zagueira no Sudoeste do país.

— Você fez todo o trabalho.

— Você com certeza sabe que eu fiz, caramba. Não podemos perder para essas criancinhas — ela bufou com seus 33 anos nas costas. Harlow jogou apenas dois anos de futebol universitário. Tinha sido recrutada pela Liga de Futebol Feminino da Europa bem cedo e foi jogar no exterior, onde foi transformada na jogadora incrível que era hoje na Liga Profissional Feminina.

No instante em que dei por mim, ela beliscou minhas bochechas e se virou para gritar: — Jenny! — Então, parabenizou-a pela defesa excelente dando um tapa em sua bunda.

Ganhamos de sete a um, e eu tinha marcado dois gols no primeiro tempo e mais um no último minuto do segundo. Se poderíamos ter jogado um pouco melhor? Sim. Se eu poderia ter jogado um pouco melhor? Sim, mas tinha

acabado, e eu só pensaria naquilo mais tarde quando estivesse deitada na cama. Tudo o que eu queria era ir para casa e colocar gelo no tornozelo por um tempo.

A caminho das vans para nossa carona de volta à sede, eu me distraí completamente quando meu celular começou a tocar.

— Oi, papai. — Atendi no primeiro toque.

Ouvi um barulho estranho e ofegante do outro lado.

— Pai?

— Sal — ele arquejou.

— Sim? Tudo bem com você? — eu perguntei, hesitante.

— Sal — ele arquejou outra vez. — Você não vai acreditar no que chegou pelo correio. — Ele estava conseguindo respirar? Eu não tinha certeza.

— O quê? — indaguei lentamente, esperando o pior.

Ele, com certeza, estava respirando como se tivesse asma.

— Não sei o que você disse ou fez, mas... — Espere aí, ele estava chorando? — Eu cheguei do trabalho hoje e havia duas coisas na entrada...

— Certo...

— Tinha um recado em uma das caixas que dizia: “Minhas sinceras desculpas por ter sido um babaca”. Havia uma camisa lá dentro, uma edição limitada, um número maior que o meu, mas... *¡ME VALE!* — Eu não poderia me importar menos, ele comemorou. — E estava autografada, Sal. Sal! Estava autografada por ele!

Parei de andar.

— Tinha um pôster de quando o Kulti jogava no FC Berlin no outro pacote! — ele continuou.

Um pequeno bolo se formou na minha garganta com a felicidade pura que se revelou na voz do meu pai com aquele gesto inesperado. Dias tinham se passado desde o incidente, e eu não esperava que Kulti fosse sequer se lembrar ou se importar o suficiente para se desculpar por ter sido um babaca. E ele não tinha feito nenhum grande alarde...

Engoli em seco e senti meu nariz arder um pouco.

— Que ótimo — eu me peguei dizendo, ainda parada no lugar.

— *Sí, ¿verdad?* É ótimo. Vou mostrar tudo para o Manuel, ele vai ficar

com tanta inveja... — Papai disse algo que eu quase não entendi direito. — Agradeça a ele e diga que não vou guardar rancor, tudo bem, Sal? Não tem o endereço do remetente aqui.

— Pode deixar.

— Aaah! Que ótimo! Quero dar mais uma olhada nas coisas, mas não vou conseguir com o celular em mãos. Ligue para mim mais tarde.

— Tudo bem.

Nós nos despedimos rapidamente enquanto eu apenas continuei parada ali, nariz queimando, alívio ciscando minha garganta. Umedeci os lábios por um segundo e, então, decidi encarar aquilo como adulta. Quando percebi, tinha dado meia-volta e caminhava na direção por onde eu tinha vindo, em uma busca.

É claro que eu poderia ter esperado para ver se ele se sentaria ao meu lado na van, mas não contava com isso.

Assim que o vi, esfreguei o nariz no ombro e segui em frente. Dessa vez, ele deve ter me visto pelo canto do olho, porque quando Kulti ergueu os olhos, continuou me observando enquanto eu me aproximava. Vasculhava a bolsa apoiada em um joelho.

Parei na frente dele, umedeci os lábios e respirei fundo. Porque ele era tão mais alto que eu, tive que inclinar a cabeça para trás para encarar seu rosto, minha própria bolsa pendendo na mão. Seus olhos cor de âmbar pareciam desanuviados e focados, e, de repente, desejei que ele não estivesse, por instinto, esperando o pior de mim.

— Obrigada por ter feito aquilo pelo meu pai — eu disse, com a voz muito mais suave e ofegante do que o normal. Será que era a vergonha que deixava minha voz daquele jeito por conta do que eu tinha dito antes? Era provável, mas ele havia feito algo inesperadamente atencioso que deixou meu pai feliz antes mesmo de eu ter pedido trégua. — Queria dizer que fiquei muito feliz com isso. Então... obrigada. Você fez o mês dele, então agradeço demais. — Engoli em seco. — E ele pediu para avisar que não vamos mais guardar rancores de você.

Se ele era perfeito? Com certeza não. Se eu achava que Kulti era uma boa pessoa? Era discutível, mas ele tinha feito algo gentil que poderia me fazer deixar de lado que ele havia sido um imbecil comigo, mas do que eu sabia?

Talvez houvesse uma razão para aquilo, ou talvez ele só fosse um babaca. Não importava.

Antes de eu perceber o que estava fazendo, estendi a mão na direção dele.

O silêncio que perdurou entre nós naquele espaço de pouco mais de meio metro pareceu eterno e infinito. Levou dois segundos desde o momento em que estiquei a mão em direção à dele — quente e cheia de dedos longos, a palma ampla — até ela entrar em contato com a minha.

Olhei para a mandíbula dele enquanto trocávamos um aperto... seja lá por qual motivo.

Parecia que tudo estava bem, ou que, pelo menos, ficaria.

Mas acho que tudo parece certo até que, de repente, não está mais.

Meu celular tocou no instante em que desci da van, depois da volta à sede do time. Um número desconhecido apareceu na tela, mas atendi mesmo assim.

— Alô?

— Srta. Casillas?

— Sim?

— Falo do escritório do sr. Cordero — a mulher se apresentou. Seu nome era sra. Brokawski. — A senhorita poderia vir ao escritório na próxima hora?

Não era preciso ser um gênio para saber que uma reunião com o diretor-geral não era coisa boa. Principalmente quando você e o tal diretor não tinham o melhor relacionamento do mundo. Mas o que eu poderia dizer? Não, obrigada?

— Consigo chegar aí daqui a uns dez minutos — concordei, fazendo careta.

— Ótimo, nos vemos em breve.

— Ótimo — eu disse, prestes a bater o celular na cara quando desliguei. Se havia uma pessoa com quem eu odiava falar, era com o sr. Carlos Cordero, o diretor-geral do Pipers e babaca supremo.

Fantástico.



— Você pode entrar agora — falou a sra. Brokawski, conduzindo-me até a sala em que eu estivera apenas três vezes em todos aqueles anos.

Sorri para ela, mais por educação do que por vontade — ela não era exatamente a pessoa mais amigável do mundo —, e entramos no que parecia ser uma sala de pelo menos 120 m² com móveis que custavam mais do que eu ganhava por ano. Por trás da gigante mesa de mogno, estava o argentino de cinquenta e poucos anos que me fazia lembrar de um chefe de máfia dos anos 1950, com seu topete e terno sob medida.

Para mim, ele parecia uma doninha. Era uma doninha que poderia fazer o que quisesse com a minha carreira.

— Boa tarde, sr. Cordero — cumprimentei, parada na frente do assento mais próximo da porta, depois de a assistente tê-la fechado.

O homem mais velho se inclinou sobre a mesa e apertou minha mão, de olho na calça de moletom do time que eu havia colocado sobre o uniforme.

— Srta. Casillas — ele disse, por fim retomando seu assento e gesticulando para que eu tomasse o meu.

Não havia razão para perder tempo, não é mesmo? Com as mãos nas coxas, perguntei: — Como posso ajudar?

Ele ergueu uma sobrancelha aparada — eu juro que ele fazia as sobrancelhas regularmente — e bateu as unhas na superfície da mesa.

— Poderia me contar por que fiquei sabendo que você discutiu com seu auxiliar técnico.

O martelo foi batido.

É sério? Já fazia muito tempo que aquilo havia acontecido, e ele só estava trazendo o assunto à tona agora? Caramba.

— Não foi bem uma discussão. Eu estava chateada com ele, e disse que ele tinha agido de maneira inapropriada, só isso.

— Interessante. — Ele moveu os dedos e se endireitou, apoiando os braços nas laterais da cadeira. — Disseram que você o chamou de linguição, parece.

Acho que nunca tive tanta vontade de sorrir, mas consegui me segurar. Eu não tinha o direito de mentir para ele. Realmente dissera aquilo e não voltaria atrás.

— Sim.

— Você acha que é uma linguagem apropriada para usar com os membros

da equipe? — ele perguntou.

— Acho que é apropriada quando alguém decide ser desagradável com os fãs.

— Você entende como é importante o envolvimento dele com o time? — O babaca me olhou como se estivesse me dizendo como me achava burra, e senti raiva borbulhar no estômago, deixando um gosto azedo na boca.

— Eu entendo muito bem, sr. Cordero, mas também entendo como é importante ter o apoio dos nossos fãs. A Liga Profissional Feminina exige muito das jogadoras, não é mesmo? Algumas de nós vivem em casa de famílias que nos acolheram; dependemos do boca a boca das pessoas que vêm aos nossos jogos. O treinador Kulti não é muito simpático, e tudo o que eu fiz foi avisá-lo disso sem usar nenhum xingamento ou linguagem corporal ofensivos. Eu não faltei com respeito. — Bem, não faltei *muito* com respeito.

Pelo que eu sabia dele, o diretor-geral era o tipo de pessoa que queria ver tudo sendo feito do jeito dele na hora em que mandasse. Não gostava de insolência e sempre insistia que estava certo.

Mas não estava.

Então eu sabia que aquela conversa desceria pelo ralo logo mais, mas eu não desistiria, por mais que meu bom senso implorasse. Eu não tinha feito nada de errado. E se eu pudesse voltar no tempo, teria feito a mesma coisa tudo de novo.

— Srta. Casillas, eu tomaria cuidado com o que você acredita ser certo ou errado. Estamos de acordo?

Aquele idiota.

— O Pipers é um time, e essa não é a primeira vez que você não concorda em fazer o que é melhor para todas.

Será que ele desistiria em algum momento? Todas as vezes em que estive naquela sala, exceto hoje, sempre tinha sido pela mesma maldita coisa. *Vamos contar para todo mundo*. E todas as vezes eu dissera a mesma coisa: *Não — não vou envolver minha família*. Ele ainda teria que me perdoar, mas parecia que isso nunca aconteceria.

— Eu quero que você peça desculpas — ele continuou, ignorando o olhar letal que eu o lançava.

— Não tenho nada pelo que me desculpar — retruquei, com a voz firme e

calma.

Ele se inclinou para a frente e apertou um botão no telefone.

— Eu discordo... sra. Brokawski? Estamos prontos.

Estamos prontos? Para quê?

Minha pergunta silenciosa foi respondida um minuto depois quando a porta da sala se abriu com tudo e uma sra. Brokawski radiante entrou, mantendo-a aberta para ninguém menos do que o linguirão de quem estávamos falando. Kulti entrou, sua expressão distante e fria, os olhos indo de mim, na cadeira, ao sr. Cordero, que se levantava.

— Entre, treinador. — O diretor-geral parecia um homem totalmente diferente, sorridente e jovial. Aquela ratazana traidora. — Sente-se. Você conhece a srta. Casillas.

Nem me importei em forçar ou fingir um sorriso; só olhei para ele. Percebi que Kulti, muitíssimo provavelmente, não tinha nada a ver com aquela conversa, mas eu estava frustrada demais para perdoá-lo por ter entrado na sala na hora errada.

O alemão se sentou na cadeira ao meu lado, costas retas e duras, ainda nas mesmas roupas que vestira no jogo.

— Obrigado por ter vindo — o sr. Cordero disse a ele, sorrindo. — Sinto muito por serem essas as circunstâncias.

Um ponto a favor dele foi que Kulti olhou mais uma vez para mim antes de ignorar o gesto e as palavras falsas que vinham do homem sentado à nossa frente.

— O que está acontecendo?

Um assobio baixo soou de sua boca, e senti minha mandíbula tensionar.

— Fiquei sabendo que você e a srta. Casillas tiveram um pequeno incidente com relação a um fã, e eu gostaria de me desculpar pelo comportamento dela. — Seus olhos escuros se voltaram para mim, implorando e exigindo que eu dissesse o que ele queria.

Espremi os lábios e lutei contra o suspiro profundo preso na minha garganta. Eu estava sendo tratada como uma criança idiota pega roubando e estava sendo obrigada a devolver os bens ao lugar de onde os havia pegado. Era vergonhoso.

— Srta. Casillas, não gostaria de dizer alguma coisa?

Não.

— Ela não tem nada pelo que se desculpar — afirmou aquela voz profunda e forte ao meu lado, surpreendendo até meu último fio de cabelo.

— Não deveriam falar com você sobre...

O alemão tinha acabado de interromper uma pessoa que odiava quando a última palavra não era sua, e senti uma fagulha de satisfação no peito ao vislumbrar a irritação nos olhos de Cordero.

— Ela teve bom senso. Nada foi dito que não devesse. Não preciso de desculpas de nenhum de vocês.

— Mas...

— Eu não agi como deveria, e nós nos acertamos, não é mesmo, srta. Casillas? — o chucrute perguntou, voltando sua atenção para mim.

Bem, sim. Sim, nós nos acertamos. Não é? Assenti.

— Sim, nós nos acertamos.

Os olhos de Cordero foram da jogadora ativa ao jogador aposentado. Não deixei de notar o tom rosa florescendo no pescoço. Aquilo, sem dúvida alguma, dizia que eu precisava sair da sala assim que possível antes que eu dissesse algo de que pudesse me arrepender.

— Treinador Kulti, sinto muito, mas as ações da srta. Casillas são inaceitáveis. Não posso permitir...

O homem sentado ao meu lado ergueu a mão para interromper o diretor do time.

— Foi aceitável, e já lidamos com isso. Vou ficar chateado se ela for punida por ter sido honesta e direta comigo, duas qualidades que deveriam ser enaltecidas em vez de oprimidas. Não há mais nada a ser dito. A reunião era para isso? — o alemão perguntou, já se levantando.

O que era que tinha acabado de sair da boca dele? Ele tinha me salvado. Não tinha?

— Sim, era. Achei que você merecia um pedido de desculpas por...

— Não preciso. E, se quisesse um, eu mesmo teria conseguido. — Aqueles olhos castanhos deslizaram sobre mim. — Tenho outro lugar para ir.

Cordero estava ocupado demais encarando Kulti para notar que eu havia me levantado e pegado a bolsa. Eu me sentia uma covarde, mas, pelo menos, seria uma covarde que ainda jogava futebol. Acho.

— Eu também tenho que ir trabalhar. Acho que vamos ter uma ótima temporada!

Sim, piquei a mula dali. Nem me importei em dizer tchau para a lacaia rude do sr. Cordero ao ir embora. Ouvi mais passos enquanto seguia até os elevadores. Um segundo depois de apertar o botão para descer, Kulti parou ao meu lado, observando os números aumentarem no pequeno visor acima das portas.

Bem, em menos de duas horas, ele havia feito o dia do meu pai, apertado minha mão e me livrado de dizer algumas palavras das quais eu teria me arrependido, ou me odiado por fazê-lo. Eu sabia muito bem quando ser bondosa. De olho nele, em sua silhueta musculosa, a barba castanho-avermelhada que havia crescido em seu rosto ao longo do dia, e seu rosto todo orgulhoso, cocei a bochecha e me obriguei a virar para encará-lo. Eu não poderia fazer aquilo malfeito.

— Obrigada por aquilo — eu disse. — Lá dentro. — Como se ele não soubesse pelo que eu o estava agradecendo. Idiota.

Seu olhar encontrou o meu, e ele inclinou o queixo para baixo.

E pronto. Nenhum conjunto de palavras desnecessárias, nenhum sorriso, nada mais. Certo.

Pelo menos não era uma pessoa ameaçando ou xingando a outra de nomes ofensivos, não é mesmo?



Soa muito idiota dizer que senti como se um leve fardo tivesse sido tirado do meu peito, mas era verdade.

Ainda que a nova versão um tantinho melhorada de Kulti — ao menos em seu papel de treinador — não fosse amigável nem educada, estava presente e focada no agora em cada treino. Eu tinha certeza de que ele não sabia nossos nomes, porque tudo o que fazia era nos chamar pelos números, mas o ponto era: ele *estava* chamando nossos números. Como se fossem palavrões, é claro, mas estava falando. Estava participando, e todas as jogadoras em campo apreciavam suas sugestões e demandas.

Ganhamos os três primeiros jogos da pré-temporada com mais de quatro gols de vantagem, e conseguimos impedir os times adversários de fazerem mais do que um gol por partida.

Se era porque, de repente, ele se importava e estava nos dando dicas? Acho que eu não iria tão longe a ponto de afirmar isso. Era comum ganharmos e acabou. Mas, não importava, porque uma vitória era uma vitória.

Por mim, tudo bem.

Treinamos, jogamos e demos continuidade ao ciclo que se repetia.

Kulti ficou do seu lado do campo, e eu, do meu. Se, por um acaso, nossos olhos se encontravam, olhávamos um para o outro e, tão amigável e indiferentemente quanto possível, desviávamos o olhar.

Aquilo funcionava muito bem para mim.



— Você quer ver um filme mais tarde? — Jenny perguntou logo antes de se lançar para a direita, a fim de bloquear um dos pênaltis que eu acabara de chutar nela. Ela o pegou a tempo. Aff.

— Talvez. — Do outro lado do campo, Gardner chutou outra bola para mim, para eu tentar outra vez. — Eu estava pensando em passar a noite bebendo vinho de caixinha.

Ela deu uma risadinha e indagou: — O que aconteceu?

É claro que ela saberia que algo me motivaria a beber.

— Conversei com minha irmã pelo telefone ontem à noite, e ela me chamou de vagabunda sabichona e enxerida depois que falei que ela precisava sossegar e parar de dificultar as coisas para nosso pai. Toda vez que falo com ele pelo celular, ela está sempre gritando com o coitado por alguma razão. Não faço ideia de qual é o problema dela.

Jenny sorriu para mim. Vinho de caixinha era parte do nosso programa favorito para comermos e relaxarmos. Nada representava tão bem o quão miserável alguém estava se sentindo quanto vinho de caixinha. Mas, por sorte, não nos rebaixaríamos àquele nível. Não seria preciso... Eu esperava que não. Mas, além de ter acordado irritada por causa da conversa com Ceci na noite anterior, eu me senti um pouco tensa durante a manhã toda. Com raiva, talvez. Se bem que eu não tinha certeza de por que exatamente eu deveria sentir raiva. Talvez fosse só um daqueles dias, acho.

— Tenho certeza de que, alguma hora, ela vai amadurecer — disse Jenny, oferecendo-me o que eu tinha levado em consideração anos atrás, quando os hormônios de Ceci enlouqueceram e ela começou a passar por certas fases. Às vezes, éramos melhores amigas e, então, de repente, eu era sua pior inimiga em todo o universo.

— Espero que sim. Já disse a ela centenas de vezes que não tem como comparar nenhum de nós. Ela sabe que a mamãe teria preferido que eu escolhesse outra coisa para fazer da vida, mas ela ainda age como se fosse a excluída da família. Ela acha que é a grande decepção, porque, de acordo com ela mesma, não é boa em nada. — Revirei os olhos. — Ela é muito dramática. Eu não era assim quando jovem. Você era?

Jenny balançou a cabeça.

— Não, mas minha irmã mais velha era o demônio em pessoa. Ela costumava esconder minhas chuteiras, desenhar pênis nelas com um marcador permanente e furar minhas bolas de treino porque achava engraçado.

Fizemos contato visual e, então, caímos juntas na risada.

— Você ganhou, Jen. Puta merda.

Ela fez uma pequena reverência em agradecimento.

Dei quatro passos para trás e olhei no topo superior direito do gol, avançando como se eu estivesse mirando naquela direção, mas, no último segundo, chutei a bola para a esquerda. Mandeí bem.

— Muito bom, Sal! — Gardner comemorou de seu lugar. Fiz um joinha para ele.

Jenny franziu a testa, mas acenou para que eu continuasse.

— De novo.

Dei cinco passos para trás e mirei à direita do gol, na altura do abdômen. As mãos esticadas de Jenny conseguiram impedir o lance e fizeram a bola sair voando. Pelo canto do olho, vi alguém interrompendo a trajetória desgovernada da bola com o peito.

Era Kulti.

Caramba, foi como ter um *flashback* em alta definição do Kulti de anos atrás.

Ele deixou a bola rolar esterno abaixo e cair no joelho, onde fez algumas embaixadinhas. De alguma forma, eu soube que deveria dar um passo para trás, assim como Jenny soube que deveria se agachar um pouco e se posicionar para impedir o chute que estava por vir. Em um piscar de olhos, Kulti deixou a bola cair no peito do pé, deu um quique e, depois, outro, então, a bola estava zunindo pelo ar, na velocidade de um relâmpago, daquele jeito marcante dele, com passagem só de ida ao gol.

Porém, foi desviada pelas mãos assustadoramente grandes de Jenny.

— Puta merda! — Gardner gritou.

Pressionei a mão contra a boca, em choque.

Como foi que eu consegui não comemorar a defesa e muito menos dizer qualquer coisa deixou até a mim mesma impressionada. Agi como adulta na maior parte do tempo.

— Ei, jogue a bola para mim — gritei para ela, lançando-lhe aquele olhar de “caramba, amiga” que mostrava o quanto eu estava impressionada. Quero dizer, Jenny era a melhor goleira do time. Provavelmente, era uma das melhores goleiras da última década, mas... Uau. Kulti tinha sido um dos

melhores jogadores do mundo, de todos os tempos.

Ela começou a fazer uma breve reverência antes de ver Kulti do outro lado do campo, então, parou, repensando suas ações. Jenny tinha acabado de impedir seu chute; talvez não fosse a melhor ideia esfregar aquilo na cara dele. Talvez, mas vê-la fazer aquilo me motivou. Deixei a bola parar bem onde tinha parado de rolar, dei dois passos para trás e avancei. O chute quase ultrapassou o topo da trave, mas foi engolido pela rede. Gol.

— De novo — Kulti gritou de sua posição anterior, do outro lado do campo.

Gardner passou uma bola para ele. O Rei deu dois grandes passos para trás, encarou o objeto redondo e branco, depois, o gol, e avançou. A bola navegou pelo ar, um arco preciso e rápido — e acertou a trave lateral do gol.

Caramba, o que estava acontecendo?

— Mais uma.

Jenny jogou a bola para Kulti pela terceira vez. Ele se afastou de novo e avançou. Daquela vez, a bola conseguiu escapar das mãos de Jenny e, de novo, chegou muito perto de atingir a rede. Acho que nunca vi aquele homem perder uma cobrança de pênalti — nunca. *Nunca*. Nenhuma vez em nenhum torneio ou partida de temporadas. Jamais. Tinha vídeos na internet dele fazendo chutes inacreditáveis que desafiavam a gravidade, a natureza e a noção de boa sorte.

Fiz questão de controlar minha feição para não ter uma expressão que deixasse transparecer o tamanho da minha surpresa. Se eu fosse ele... Ah, cara. Eu ia querer enterrar a cabeça na areia e morrer. E se ele ainda tivesse sequer uma fração do ego de antigamente... Jenny encontrou meu olhar em silêncio por alguns segundos, antes de inclinar o rosto para trás e fazer parecer que estava enxugando os olhos. Eu tinha consciência de que deveria ter olhado ao redor ou fingido não ter acabado de ver Kulti errar três chutes. Era um sinal do apocalipse.

Infelizmente, em vez de olhar para qualquer outro lugar, olhei direto para ele, tentando entender que merda acabara de acontecer. Fazia dois anos que ele havia se aposentado, então era óbvio que a probabilidade de ele não estar nem perto de jogar tanto quanto antes era grande. Mas, ainda assim.

Cocô. Cocô.

Certo, tudo bem. Ele era humano. Humanos cometiam erros.

Senti que eu estava mordiscando o lábio inferior e olhei de um lado ao outro. Coçando a ponta do nariz, acenei para Jenny ir adiante.

— Outra bola, por favor.

Ela assentiu com intento demais e jogou uma bola para cima. Peguei-a com o peito e deixei-a cair no chão. Afastei-me ainda mais e planejei deixar a bola subir em um arco e acertar a rede. Jenny literalmente se jogou na defesa, a bola tocando a ponta de seus dedos, mas, ainda assim, conseguiu passar por ela e entrar. Eu quase comemorei — *quase* — mas, então, lembrei-me de que Kulti estava ali, e me controlei.

— Vamos trabalhar o abdômen hoje — gritou a preparadora física, da beira do campo.

Começamos a recolher as coisas espalhadas ao redor e erguê-las. Não consegui evitar pensar no que havia acabado de acontecer. Quando finalizamos, Jenny e eu saímos andando juntas em direção à parte do campo onde estavam montados alguns aparelhos de suspensão para treinos de força. Assim que nos encontramos, uma esbarrando o ombro no da outra, estendi a mão para ela, palma para cima.

Jenny bateu sua mão grande do tamanho da do Hulk na minha em um cumprimento, cada uma dando à outra um sorriso discreto, artiloso. É claro que senti que minha palma tinha sido atingida por um martelo, mas consegui não fazer careta.

Espremi os dedos dela.

— Habilidades de ninja, caramba.

Ela deu um risinho e felizmente se absteve de espremer meus dedos em resposta.

— Não é?

Nós duas rimos.

Não sei bem por que me virei. Se para verificar e garantir que ninguém estivesse perto demais, ali atrás, para ouvir o que estávamos dizendo, ou se porque meu subconsciente tinha notado que algo havia mudado, mas me virei. Olhei sobre o ombro e encontrei aquele olhar distintamente familiar.

Talvez por uns dez segundos, eu me senti mal por celebrar que Jenny tinha não apenas salvado os gols de Reiner Kulti, mas que eu conseguira

fazer gols e ele não. Dez segundos de culpa, talvez.

Então, realmente parei para pensar naquilo e decidi que eu não tinha razão alguma para me sentir mal nem envergonhada. Seja lá o que estivesse acontecendo com ele, era problema dele. Não era? Eu treinava, e treinava ainda mais, para manter minhas habilidades em dia.

Mas ainda assim... como ele tinha perdido tantos chutes? Que palerma. Que humano cometedor de erros palerma.



No dia seguinte, perto do fim do treino, eu estava praticando meus chutes de pênalti, mas agora com uma das outras goleiras do time. A mulher tinha mais ou menos minha idade e era seu primeiro ano no Pipers depois de ter jogado em Nova York nas últimas duas temporadas. Ela era boa, mas ainda não estava no nível de Jenny.

Esse era o objetivo dos treinos, não era?

A preparadora de goleiras estava parada ao lado, monitorando nossos movimentos enquanto praticávamos, uma contra a outra, pela segunda vez desde o começo da temporada.

Dei alguns passos para trás e ataquei com o pé direito, só que, no último segundo, troquei por um chute com o esquerdo. A bola entrou depois de uma jornada satisfatória enquanto a preparadora se aproximava para falar com PJ, a goleira, sobre o que ela poderia ter feito diferente.

— Você está prevendo — ela disse. — Porque você conhece a Sal, acha que ela vai sempre usar o pé direito ao chutar, mas, se não a conhecesse, teria notado...

Continuaram falando por mais alguns minutos, então caminhei um pouco para o lado e comecei a quicar uma das bolas paradas com o joelho. Eu tinha o costume de fazer aquilo por horas, para ver quanto tempo conseguia manter a bola no ar com qualquer parte do corpo que estivesse mais perto: joelhos, peito, cabeça ou pé, toda e qualquer combinação que incluísse aquelas partes ou apenas os pés. Para treinar, por diversão — os dois andavam tão juntos que eram praticamente a mesma coisa. Chovesse ou fizesse sol, eu poderia fazer aquilo na garagem ou ao ar livre.

— Sal, você pode chutar de novo? — PJ perguntou.

Deixei a bola cair e assenti.

— Mesma coisa? — verifiquei com a preparadora, que acenou com a cabeça em resposta. Certo. Seis passos para trás para dar um quê a mais, decidi tentar o mesmo joguinho de antes, pensando que ela presumiria que eu a tentaria enganar com o outro pé da próxima vez para pegá-la desprevenida. Dessa vez, ela me encarava como um gavião e quase não deixou a bola passar. Outra bola veio até mim da direção da preparadora e fui em frente com outro chute. A bola entrou de novo.

Quando a preparadora se aproximou de PJ novamente, dei uma olhada nas outras garotas do time para ver o que estavam fazendo. Foi então que vi Kulti parado a uns quatro metros e meio de distância, de olho em mim.

Sem saber o que fazer, dei a ele um sorriso que, provavelmente, pareceu muito mais sombrio do que o necessário. Com certeza, esquisito, porque a situação toda era esquisita. Jenny gritou ao fundo quando uma das zagueiras marcou um gol contra ela.

Kulti não desviou o olhar, nem eu. Então...

PJ estava parada ao lado do gol com sua preparadora. Quando voltei a olhar para trás, Kulti continuava lá. Não sei em que merda eu estava pensando ou fazendo, mas me lembrei dos seus lances perdidos no dia anterior e, quando percebi, tinha chutado a bola que eu estava usando na direção dele.

Se ficou surpreso por eu ter jogado a bola para ele, seu rosto não demonstrou. Assim que seus olhos turvos reencontraram os meus, inclinei a cabeça na direção do gol, só um pouquinho. Um “vá em frente” silencioso.

Eu não era uma goleira muito boa; não tinha o destemor necessário quando as pessoas chutavam bolas velozes no meu rosto. Então... se eu tentaria defender? Nem pensar. Eu não queria meu rosto entre um homem que tinha sido um grande goleador e uma rede.

Quando me virei e comecei a andar de volta em direção ao gol, um objeto branco passou voando ao meu lado. Acertou a rede sem qualquer problema. Não deixei de notar o olhar que PJ e a preparadora trocaram ao perceberem quem tinha acabado de chutar a bola, mas não fiquei surpresa quando nenhuma delas disse palavra alguma nem deu qualquer indicação de que buscaria a bola. Fui em frente, peguei-a e joguei-a alto na direção de Kulti, saindo do caminho um segundo depois para que pudesse vê-lo tentar de novo.

Pela primeira vez em muito tempo, pelo menos em muito tempo na história recente, ele não me decepcionou. Outro lance planou no ar quente da primavera-verão e atingiu o fundo da rede. Não sorri nem demonstrei qualquer emoção ao repetirmos aquilo mais duas vezes. Eu pegando a bola e jogando de volta para ele, Kulti mandando-a para o gol.

Quatro vezes no total, e pronto.

E aquilo foi... Eu não sabia como descrever. Lindo era patético. Nostálgico era estranho. Era algo que se deveria testemunhar ao vivo. Aquele homem que eu tinha visto na televisão uma centena de vezes, agora jogando na minha frente a apenas alguns metros de distância — era, com certeza, algo a se admirar.

Mas eu tinha feito a mesma coisa milhares de vezes com outras pessoas, e me lembrei de que não era mais especial só porque aquele era Reiner Kulti. A situação me lembrou de quando eu trabalhava com crianças nos acampamentos juvenis e de como elas se sentiam quando melhoravam. É claro, ele não sorriu nem me agradeceu por devolver a bola, mas me permiti sentir o momento. Só por um segundo, deixei-me aceitar que, caramba, era com Reiner “O Rei” Kulti que eu estava jogando bola.

Então, olhei para PJ e perguntei se ela queria continuar treinando.



— Sabe, eu estava achando que, a esta altura, já estaríamos vendendo mais ingressos — Jenny comentou do seu lugar ao meu lado.

Com um olhar triste pelas arquibancadas ao redor do campo em que normalmente treinávamos, senti-me inclinada a concordar. Enquanto o lado do time universitário tinha uma quantidade decente de pessoas, levando em consideração que era um dia de semana, nosso lado tinha exatamente trinta pessoas. Trinta pessoas e nada mais.

Nem preciso dizer que não era nada anormal para um jogo da pré-temporada, mas pelo jeito como todo mundo estava animado por ter o alemão na equipe, e por como isso poderia ajudar o time, estávamos esperando mais.

— É, eu entendo — disse eu. Todos os jogos até então tiveram poucos espectadores, e isso era ainda mais triste quando se considerava que pelo menos um terço do público usava camisas do Kulti. Eu apostava que não estavam nem prestando atenção ao jogo. Em vez disso, estavam focados no

homem de cabelo castanho sentado ao sol durante todo o jogo, surpreendentemente atento, mas conseguindo não dizer nenhuma das suas palavras reconfortantes como: “É isso o que você chama de passe?”. Ele fazia comentários durante os treinos, mas ainda teria que fazer qualquer sugestão durante uma partida da pré-temporada. Que seja.

— Na verdade, ouvi que só estavam anunciando os jogos regulares, e que não disseram nada dos horários dos jogos da pré-temporada. As únicas pessoas que sabem são as que têm ingresso para a temporada toda ou amigos e familiares — explicou Genevieve, a jogadora sentada do meu outro lado, apesar de não estarmos falando com ela.

Era um fato interessante.

— É sério? — Jenny e eu perguntamos ao mesmo tempo.

Genevieve assentiu.

— Sim. Por razões de segurança, ou algo assim. Acho. Foi um acordo que a assessoria dele e os donos fizeram antes de ele aceitar o trabalho. Pelo menos, foi isso o que meu amigo do escritório disse. — Ela não teve que especificar quem. — Um monte de doidos faria qualquer coisa para tentar vê-lo de graça.

Isso fazia sentido até demais.

Encarei o alemão sentado na ponta do banco a partir de uma visão lateral. Como será que era? Ter fãs doidos que perseguiam seus ídolos, ou que possivelmente fossem um perigo tão grande para você que toda uma associação tivera que concordar em não postar os horários em que você estaria presente para não te colocar em perigo? Eu nem conseguia imaginar. Não queria imaginar. A mera ideia daquilo fez com que eu me sentisse claustrofóbica.

Ele só estava lidando com os próprios problemas, vivendo a própria vida e...

Cocô.

Voltei a olhar para a frente e assistir ao que restava do jogo.

Ganhamos. De novo.

Depois que os dois times se cumprimentaram em um bom espírito esportivo e parabenizamos umas às outras por termos arrasado, estávamos prontas para partir. Ainda havia no campo alguns equipamentos espalhados

que tínhamos acabado de usar, e eu não era uma daquelas pessoas que simplesmente fingia não ter visto nada e ia embora. Isso fazia eu me sentir mal, então comecei a recolher as coisas, ajudando o resto da equipe com duas outras jogadoras que não tinham dado o pé na primeira oportunidade.

— Obrigado pela ajuda! — Gardner gritou ao passarmos um pelo outro, eu indo em direção à bolsa enquanto ele passava na direção oposta.

Assenti para ele.

— Sem problemas, G. — Meus pais não tinham me criado para ser preguiçosa.

De repente, um berro alto soou — na verdade, um grito. Agudo e quase nada masculino, aquilo deixou minhas orelhas doendo ao mesmo tempo que me deixou envergonhada porque parecia quase perturbado. Como esperado, o barulho tinha vindo de um lugar perto demais dali. Um homem estava no meio do campo, seu olhar grudado no aposentado de quase um metro e noventa a uns três metros de mim, enfiando toalhas sujas em uma bolsa.

Observei o homem soltar outro guincho — um feliz agora, acho — e dar dois passinhos de formiga para a frente, antes de parar outra vez.

— Kulti? — O nome vacilou em sua boca e, então, ele correu.

Tenho certeza de que fiquei parada lá, boquiaberta e admirada, enquanto Kulti lidava com tudo com calma, sorrindo amigavelmente pelo que deveria ser a primeira vez na minha frente — talvez em toda sua vida? — e fazendo parecer que estava longe de ser grande coisa aquele cara estar surtando. Não encarei, mas fiquei de olho neles, observando Kulti conversar com seu fã em voz baixa, autografar algo que o homem lhe deu e apertar sua mão enquanto as outras jogadoras terminavam de recolher o equipamento. Pelo canto do olho, vi ele dar uma olhada ao redor do campo. Havia apenas outras quatro pessoas: um treinador, duas jogadoras e eu.

Ele continuou olhando ao redor como se alguém fosse aparecer magicamente. Durante os cinco minutos seguintes, ele olhou para cima mais cinco vezes. Foi só na última olhada ao redor que suspirei e entendi o que ele estava fazendo.

Ele estava procurando ajuda.

Ao que parecia, ninguém mais ali perto parecia ter se tocado, ou só não estavam dispostos a ajudar. A vizinha na minha cabeça que parecia ser

minha consciência me lembrou de que, se eu não o ajudasse, me sentiria culpada mais tarde.

Não que isso facilitasse as coisas.

Mais um suspiro e eu me coloquei a caminho do alemão. Bolsa no ombro e mãos entrelaçadas nas costas, pensei no que diria para tirá-lo do embate. Kulti ergueu os olhos assim que cheguei na metade do caminho até ele, suas feições calmas e controladas enquanto ouvia o fã falar.

Ergui as sobrancelhas e arregalei meus olhos num gesto de “entre na minha onda”.

Ele piscou em resposta.

Por mais que eu fosse uma mentirosa terrível, sabia transfigurar a verdade para não acabar mentindo de verdade... na maior parte do tempo. Colei um sorriso no rosto assim que o fã me viu chegando.

— Oi — eu o cumprimentei antes de voltar minha atenção para Kulti. — Desculpa interromper, mas você poderia me ajudar a trocar o pneu, por favor?

Pois é, quase me encolhi toda por ter inventado uma situação falsa tão de garotinha. Eu sabia muito bem trocar o pneu. Quando saí da casa dos meus pais, fiz questão de encontrar um tutorial e de vê-lo vezes o suficiente para que os passos ficassem enraizados na minha memória, mas ninguém sabia disso. Além do mais, foi a primeira coisa que veio na minha cabeça quando tentei pensar em uma desculpa para salvar Kulti.

Não houve qualquer hesitação da parte dele quando assentiu e disse, com sinceridade até demais: — É claro.

O bolo de chocolate alemão — do qual, para constar, eu não gostava — voltou sua atenção outra vez ao fã e, sem perder tempo, agradeceu-o pelo apoio e disse algo sobre ter sido um grande prazer conhecê-lo. Antes que eu percebesse, O Rei estava caminhando comigo pelo gramado em direção ao estacionamento.

Repito: Kulti estava caminhando comigo.

Cocô. Cocô. Cocô.

Respirei fundo mentalmente e engoli em seco, lançando um olhar para o homem ao lado.

— Não se vire — ele ordenou, a voz baixa.

Tudo bem. A vontade de dizer “que tal se você não me disser o que fazer?” surgiu e morreu em meio segundo na ponta da língua.

Em vez disso, lancei a ele um olhar irritado.

E ele estava me encarando nesse exato momento. Que maravilha.

Quase como se ele pudesse ler minha mente, explicou: — Ele está nos observando. Tenho certeza.

— Certo. — Cocei um lugarzinho atrás da orelha enquanto andávamos, fazendo a curva que dava no estacionamento. — Vamos ter mesmo que fingir que você está me ajudando?

— Deixe-me dar uma olhada quando chegarmos ao seu carro — ele disse, a maior frase que eu já o tinha ouvido falar até então.

Assenti e guiei-o em direção ao pequeno Civic marrom estacionado na segunda fileira.

— É este aqui.

Kulti soltou um barulho de confirmação ao nos aproximarmos do carro. Abrindo o porta-malas, joguei minhas coisas lá e o observei angular o corpo para que pudesse olhar de volta ao campo como quem não queria nada. Eu não era conhecida por ser discreta — Eric gostava de se referir a mim como “a elefanta” —, então não me dei o trabalho de tentar olhar.

Em vez disso, bati o olho na tatuagem que mal espreitava sob a manga e nas pequenas cicatrizes que deveriam ter sido removidas com edição de todas as fotos que ele havia tirado ao longo dos anos, porque eu nunca as tinha visto. Notei como um tom vermelho se misturava ao castanho da barba que começara a crescer. Ele era alto e ainda estava em uma forma excelente, de modo que meu coração tolo, idiota e panaca bateu mais forte ao reconhecer um homem atraente.

Então, pisoteei-o até a morte e me lembrei de que Kulti era só um cara. Eu tinha crescido ao redor de caras. Eles não tinham nada de especial. Eram divertidos, engraçados e uns tremendos pé no saco igualzinho às mulheres, que também eram divertidas e engraçadas.

Eu estava bem. MUITÍSSIMO bem.

E daí que talvez ele tivesse um pouco de sotaque? E daí que ele tivesse vencido alguns campeonatos. Certo?

Ele não era um deus. Não havia encontrado uma cura para o câncer. E

havia chateado meu pai, mesmo tendo remediado depois.

Eu estava 180% bem.

Aparentemente, ao que parecia, o rosto dele estava um pouco corado. Não precisei olhar para o gramado para saber que ainda nos observavam.

— Ele está de olho? — perguntei, baixinho, como se o fã dele pudesse me ouvir.

Kulti assentiu, a luz do sol atingindo seu rosto de uma maneira exata que o fez parecer quinze anos mais jovem.

— Certo, então vamos fingir trocar meu pneu rapidinho. Eu tenho que ir trabalhar. — Não que eu fosse arranjar problemas com Marc ou algo do tipo se me atrasasse, mas, ainda assim, não gostava de tirar vantagem nem de sacanear com ele. Quanto antes começássemos, antes terminaríamos.

O alemão fez uma careta quando eu disse que tinha que ir trabalhar, mas não falou mais nada. Tirei a chave de bloqueio de roda do porta-luvas, o macaco do porta-malas e peguei o pneu reserva, só para garantir. Se eu ia realmente trocá-lo? Não, mas daríamos todos os passos para parecer que sim.

Trocamos olhares pelo canto do olho enquanto eu me agachava no concreto e ele fazia o mesmo. Entreguei-lhe a chave de roda e deixei-o afrouxar uma porca.

— Eu sei como trocar um pneu. — Senti a necessidade de dizer aquilo por alguma razão, como se ele não ficar sabendo disso me fizesse ser inferior.

Os orbes castanho-esverdeados deslizaram outra vez na minha direção enquanto ele soltava o resto das porcas.

Empurrei o macaco em sua direção e o observei colocá-lo sob o eixo.

— Não se vire — ele disse, assim que terminou a longa cena de erguer o carro e fingir que tirava as porcas por completo. Um ator e tanto.

Nenhum argumento ou pergunta saiu da minha boca. Fiquei apenas agachada ali com ele, enquanto fingíamos trocar meu pneu por mais alguns minutos. Depois de um tempo, ele terminou, e nós nos levantamos. Foi só então que Kulti se virou para olhar outra vez para o gramado.

— O perigo passou? — perguntei.

— Passou — ele respondeu com aquela voz baixa que me deixou um pouco mais interessada do que deveria.

Assenti e ergui os ombros.

— Certo. — O que eu deveria dizer depois disso? Eu não sabia e, pelo que parecia, ele também não. Tudo bem. — Acho que vejo você amanhã, então — ofereci, incerta.

Kulti deu um aceno ríspido. Nenhum obrigado. *Nada*.

Um sorriso desconfortável e dois passos para trás depois, coloquei o macaco e o pneu reserva no porta-malas. Entrei no carro e me permiti segurar no volante por alguns segundos. Assim que estava saindo do estacionamento, olhei no retrovisor e observei Kulti andar até um carro preto estacionado na esquina.

Ele entrou no assento traseiro, não no do motorista.



— Casillas! — Gardner gritou.

Eu parei, simples assim, no meio da partida em que estava. A bola quase grudada no pé depois de eu tê-la roubado de uma das zagueiras contra quem eu jogava. Zagueira esta que agora estava no chão.

As coisas tinham ficado um pouco tensas.

Estendi a mão para a garota e ajudei-a a se levantar. Ela sabia que não tinha sido de propósito. Ela havia partido para cima da bola na mesma hora que eu, e obviamente só uma de nós conseguiria pegá-la. Não que fosse preciso dizer, mas nós duas a queríamos muito. Com só mais alguns dias antes do começo da temporada, todas achávamos que éramos guerreiras das Terras Altas. Em dado momento, tinha sido eu a ser derrubada no chão. Murmurei para Jenny que “só tinha espaço para uma ali”. Ela nem sequer tentou ser discreta quando caiu no riso.

Mas era verdade, em grande parte.

Quando Gardner não foi direto ao ponto, gritei: — O que foi?

Ele ergueu a mão antes de se virar, discutindo algo com o alemão que estava a alguns metros ao lado, atrás do treinador principal, encarando o campo no qual eu jogava. A postura de Gardner mudou, ele se inclinou um pouquinho para a frente enquanto conversavam, apontando a mão para trás algumas vezes para dar ênfase.

Rolei a bola no peito do pé e joguei-a no ar, fazendo embaixadinhas.

Pelo canto do olho, vi a edição especial do tênis de corrida RK vindo na minha direção. Ergui os olhos tão rapidamente que perdi o controle da bola e a deixei cair. Aqueles olhos claros estavam focados no meu rosto, fazendo com que eu me sentisse muitíssimo constrangida.

Caramba, como eu tinha ido de alguém que não prestava qualquer atenção

na aparência para alguém que, de repente, questionava a si mesma se não deveria começar a usar um pouco de maquiagem?

Espere aí. *Cocô. Cocô. Cocô.*

Ficamos agachados, um bem ao lado do outro, quando ele “trocou” meu pneu, e aquilo foi perto o bastante para enxergar os poros.

Se eu conseguia sobreviver noventa por cento do tempo na frente de praticamente qualquer um, eu conseguiria fazer aquilo na frente dele. Fácil. Eu até poderia não ser a pessoa no time que era patrocinada por cosméticos, mas também não era nenhuma ogra. E, se eu fosse, qual o problema?

Certo, então talvez eu não estivesse imune àquelas mesquinhas, mas beleza estava lá embaixo na lista de características na vida que realmente importavam para mim. Eu era uma boa jogadora de futebol e podia ser considerada uma boa pessoa. Repeti isso para mim mesma algumas vezes antes de erguer um pouco mais a cabeça. Eu considerava mais importante do que se eu tinha ou não uma fila de homens querendo namorar comigo.

Pelo menos, era o que eu não parava de dizer a mim mesma.

Respirei fundo pelo nariz e encarei diretamente aqueles olhos castanho-esverdeados.

— Sim?

Ele apontou com a cabeça na direção da bola, ainda me olhando descaradamente. Não era a primeira vez que eu conversava com alguém que encarava os outros com tanta intensidade: eu estivera perto de pessoas autoconfiantes que não sabiam se comunicar de nenhuma outra maneira.

— É melhor se você fizer assim...

Kulti puxou a bola para si com a ponta do pé e passou ao meu lado, seguindo em direção ao gol enquanto dizia coisas em um tom baixo, que comunicavam o quanto achava entediante falar comigo. Fez sentido, mesmo as palavras soando como se estivessem sendo arrancadas à força de sua garganta. O que ele disse e explicou fez sentido total. Quando terminou, chutou a bola de volta para mim e saiu andando como se nada tivesse acontecido.

Reiner Kulti tinha acabado de driblar a bola ao meu redor sem qualquer dificuldade, apesar de não ter conseguido marcar alguns pênaltis no outro dia. Eu estaria mentindo se dissesse que os pelinhos nos meus braços não

responderam ao que eu tinha acabado de testemunhar. Quando Kulti gritava suas falhas contra você era uma coisa, mas quando ele, de fato, entrava em campo e participava... Meu Jesus Cristinho.

Esfreguei a língua nos dentes e absorvi tudo por alguns segundos.

— Obrigada! — gritei para as costas que se afastavam.

Se houve alguma resposta? É claro que não.

— Que cara é essa, Sally? — Harlow perguntou ao passar caminhando por mim.

— Ele acabou de me ajudar.

Ela me lançou um olhar impressionado.

— O seu lingução?

Assenti.

— Olha só! Talvez ele tenha finalmente acordado para a vida e tirado aquela bundona do banco.

O fato de Harlow ter não apenas notado, mas comentado sobre o grande traseiro esculpido de Kulti me deixou impressionada e admirada. Bufeí, então, bufeí de novo quando nós duas demos uma olhadela na bunda que se afastava. Era muitíssimo perfeita. O tempo e a gravidade não a haviam afetado nem um pouco.

Assim que voltamos a nos olhar, uns bons quinze segundos mais tarde, balançamos a cabeça e, ao mesmo tempo, dissemos: — Não.

Algumas coisas eram boas demais para serem verdade.



Uma semana e duas partidas da pré-temporada depois, o homem anteriormente conhecido como *O silêncio dos inocentes* tinha evoluído e feito exatamente três outras demonstrações. A segunda vez foi de novo comigo durante um treino de três contra três, e as outras vezes foram com duas das atacantes novatas do Pipers. As garotas simplesmente ficaram lá, paradas e assentindo enquanto ele se movia ao redor delas. Não que eu tivesse tido uma reação muito melhor, porque gritei um “obrigada!” esquisito das duas vezes.

Mas um ponto que ninguém tinha deixado de notar era: ele estava ajudando. Só um pouquinho, mas já era alguma coisa.

Se as coisas ainda estavam estranhas? Sim. Ninguém realmente

conversava com ele, exceto a equipe — e Grace não falava mais com ele desde aquela discussão que tiveram depois de Kulti ter sido mal-educado com duas jogadoras. A maioria das pessoas lhe dava espaço, e ficava cada um em seu quadrado.

Mas funcionou. Ganhamos todos os jogos da pré-temporada e a vida seguiu em frente.



— Vejo você mais tarde!

Jenny piscou para mim bem quando seu celular tocou e ela saiu em direção ao carro. Passei a mão pela nuca, suspirando. Marc já estava me esperando no nosso próximo trabalho, e eu estava muito cansada. A insônia tinha me dado um tapa na cara na noite anterior, e eu havia ficado acordada até muito tarde assistindo à metade de uma temporada de *Supernatural*.

Tirando minha bolsa do gramado, joguei-a sobre o ombro, ignorando a dor que me atingiu com o movimento. A maioria das garotas foi embora assim que o treino acabou, mas eu fiquei e combinei com Jenny uma saída para jantarmos e assistirmos a um filme no sábado. Não passávamos muito tempo juntas fora do campo desde que os treinos haviam começado, e eu não me lembrava de qual tinha sido a última vez que eu me divertira com outra garota fora do treino. Talvez quando tinha ido ao shopping com Ceci havia quase dois meses?

Estava ocupada tentando me lembrar da última vez que tinha passado um tempo com alguém além de Marc ou Simon, outro amigo de infância do meu irmão, quando alcancei o homem alto parado na esquina do estacionamento. Ninguém precisava de nada além de um único neurônio para reconhecer quem era, mas, caramba, não consegui entender o que ele estava fazendo.

Ele me ignorou quando passei por ele. Para ser honesta, também não me esforcei para dizer algo a caminho do carro, mas larguei minhas coisas no porta-malas e entrei, ainda observando o alemão na esquina enquanto ele encarava o celular e, então, levava o aparelho até o rosto, de novo e de novo. Entre uma vez e outra, olhava ao redor do estacionamento e voltava a focar novamente no celular.

Saí da vaga e ponderei se me sentiria mal ou não caso fosse embora sendo que havia a possibilidade de ele estar precisando de ajuda. Droga, quantas

vezes alguém tinha me ajudado quando eu precisava? Senti o estômago se apertar ao me aproximar da esquina, então, abaixei a janela do passageiro, inclinando-me sobre o freio de mão.

— Você precisa de ajuda? — perguntei, hesitante.

Kulti tirou os olhos do celular, a pele entre as sobrancelhas já enrugada por irritação ou por confusão pelo fato de alguém parar e fazer algo tão absurdo quanto perguntar se ele precisava de ajuda. Assim que viu quem era, ele apenas piscou. As sobrancelhas não suavizaram nem nada do tipo, mas, com mais uma última olhada no celular, voltou o olhar para mim.

Arregalei os olhos, mas mantive o foco nele.

— Sim? Ou não?

Ele me lançou um olhar que não consegui interpretar.

— Você poderia me dar uma carona?

Se eu poderia...?

Uma pessoa que fosse legal além da conta não teria perguntado para onde, mas eu tinha que ir trabalhar.

— Para onde? — indaguei, devagar.

— Acho que o lugar se chama Garden Oaks — foi o que ele respondeu.
— Sabe onde fica?

É claro que eu sabia. Marc e eu geralmente trabalhávamos lá semana sim, semana não. Garden Oaks era um bairro agradável não exatamente muito longe nem muito perto; e era só isso: um bairro. Um tipo de bairro tranquilo e caro — pelo menos, para o meu gosto, *além de ser na exata região onde eu o havia tirado daquele bar*. Não era onde os muito ricos moravam. Com o meu salário, eu jamais conseguiria arcar com os custos de morar lá, a não ser que eu morasse com mais umas cinco colegas.

Sorri em resposta e assenti, afastando minha curiosidade quanto ao que exatamente ele faria em Garden Oaks.

— Tudo bem. Entre.

Ele me lançou um olhar cheio de curiosidade, mas não fez nenhuma pergunta. Em vez disso, se sentou no assento do passageiro, todo rígido e sem dizer nada. Assim que ele se acomodou, eu já estava saindo do estacionamento.

Será que eu o estava levando para casa?

A única resposta à minha pergunta mental foi o silêncio, é óbvio. Eu não usava o rádio havia muito tempo, e não havia conectado meu celular ao sistema de som em meio à distração que era ter Reiner Kulti no meu carro. Meu pai provavelmente molharia as calças quando eu contasse.

Droga. Cocô. Cocô. Cocô.

Pigarreei e fiz questão de manter os olhos na estrada.

— Você precisa ligar para alguma empresa de reboques ou algo assim? Tenho um número no celular. Caso seja algum problema com o carro, você pode ligar.

A atenção dele estava focada na paisagem do lado de fora da janela.

— Não.

Certo.

— Tem certeza? Eu não me importo.

— Eu disse que não — respondeu ele, com tanta força que senti no meu peito.

Pelo amor de Jesus Cristo. Tudo o que eu estava tentando fazer era ajudar. Que babaca.

De repente, senti raiva de mim mesma por ter me esforçado para ser gentil com alguém que obviamente não queria, fechei a boca e mantive os olhos em frente.

Foi isso o que ganhei por tentar. Por que eu ainda tentava? É claro, Kulti tinha sido atencioso com meu pai depois de ter agido como um gigantesco pé no saco, tinha me livrado da encrenca com o Cordero e me dado algumas dicas para melhorar minhas habilidades em campo, mas ainda não era suficiente. Nem todo mundo era daquele jeito. Fui educada com milhares de pessoas ao longo da vida, e a maioria não agia como babaca.

Principalmente, não as que eu havia idolatrado um dia.

Vergonha por alguém ter ralhado comigo fez um bolo se formar na minha garganta enquanto eu entrava na via expressa. Por alguns segundos, pensei em ligar o rádio para evitar o constrangimento que havia dominado o carro, mas não o fiz. Eu não tinha feito nada errado, e não era eu que merecia me sentir desconfortável. Era ele.

— Qual saída tenho que pegar? — perguntei em uma voz controlada quando estávamos perto o bastante.

Ele respondeu.

Eu saí e, então, perguntei se deveria virar à direita ou à esquerda.

Um passo de cada vez, pedi para ele me dizer quando virar outra vez, e ele disse, e também disse em qual faixa ficar. Mais duas curvas, e eu estava dirigindo por uma rua onde um cliente morava. Vai entender.

Logo antes de uma monstruosidade moderna de dois andares, com paisagismo imaculado e a aparência de ocupar dois lotes, Kulti apontou.

— Aqui.

Aproximei o carro da calçada e parei, mantendo os olhos em frente; era imaturo. Eu não tinha que fazer aquilo. Eu não precisava deixar transparecer que o que ele dissera havia me incomodado, mas não consegui me segurar. Pensando naquilo mais tarde, eu me xinguei por tê-lo deixado ver que havia me chateado, mas ali, naquela hora, não consegui evitar. Apenas continuei encarando o para-brisas.

Aguardei pacientemente, mãos segurando com gentileza o volante.

Kulti não se moveu. Não desceu. Não disse nada.

Não olhei para ele nem pedi que saísse do carro. Só esperei. Eu poderia esperar. Eu não era impaciente. Cabeça erguida e rosto relaxado, eu o venci pelo cansaço no que pareceram ser uns cinco minutos, mas é provável que tivessem sido só uns trinta segundos.

Por fim, ele colocou a mão na maçaneta e desembarcou. Nenhum suspiro ou pedido de desculpa saiu de sua boca, muito menos um maldito obrigado pela carona.

Assim que a porta foi fechada, eu saí dirigindo. Não acelerei como uma louca nem fiz nada fora do comum na tentativa de fuga; voltei para a faixa e me coloquei a caminho do trabalho como se aquele homem não tivesse acabado de me magoar.

Mas tinha, um pouquinho.

Era o bastante eu não dar a mínima para se a casa enorme no bairro familiar era dele ou não. Nem me dei o trabalho de contar aquilo para o meu pai.



— ... assim — ele disse, naquela voz grossa temperada com o sotaque

atenuado.

Pisquei para a bola no chão e assenti.

— Tudo bem.

— Mesmo?

Coçando a nuca, assenti outra vez.

— Sim, eu entendi.

Talvez ele esperasse que eu fosse pular de alegria ou lamber seus pés por estar colaborando comigo pela terceira vez, mas não tive forças para reunir o mínimo de preocupação necessária para me importar com o fato de que ele havia me excluído de novo. Depois de ter o fim de semana para relaxar, voltei para o treino no dia anterior com a cabeça no lugar. Não que seja preciso dizer, mas isso incluía minha decisão de ignorar Kulti tanto quanto possível. Eu tinha coisas melhores nas quais gastar meu tempo e energia, e babacas mal-educados de pávio curto não estavam no topo da lista.

Consegui sobreviver a um treino todo sem gastar qualquer caloria com Kulti.

Então, hoje, ele decidiu se intrometer no meio de um jogo de cinco contra cinco no qual eu estava.

Para agir como adulta, realmente estava ouvindo e observando o que ele fazia, mas pode ter certeza de que eu não faria nada além daquilo. Ergui a cabeça e lhe dei um aceno afirmativo, com o rosto neutro. Caminhando ao redor dele, voltei ao lugar onde eu estivera e gesticulei para a zagueira contra qual eu jogava que deveríamos recomeçar. E recomeçamos.

Quinze segundos depois, Kulti nos interrompeu outra vez. Suas longas pernas esmagaram a grama quando parou entre nós.

— Você está fazendo errado — disse ele, mostrando-me o que queria que eu fizesse diferente.

Assenti e tentei de novo.

Mais quinze segundos de jogo ininterrupto se passaram antes de ele nos parar outra vez.

— Observe. Você não está observando — o alemão insistiu.

Eu estava observando. Eu estava observando com muitíssima atenção.

— Tudo bem, entendi — eu respondi assim que ele finalizou a demonstração.

A outra jogadora me lançou um olhar que respondi imitando-a.

Nem mesmo dez segundos depois...

— Vinte e três! Que merda foi essa? — explodiu da boca de Kulti.

Minhas mãos cerraram nas laterais, e me questionei: *Por quê?* Por que tinham decidido que aquele imbecil apareceria na minha vida com dez anos de atraso?

Respirando fundo para controlar a frustração, apoiei as mãos nos quadris e, sem pressa, virei-me para encará-lo.

— Por favor, diga o que eu fiz de errado, porque não faço ideia do que você está falando — eu falei, antes que pudesse compreender o fato de que palavras tinham saído da minha boca.

Pegá-lo tão de surpresa foi prova do quanto ele não estava acostumado com pessoas lhe respondendo, ou, pelo menos, não aceitando sua palavra como algo sagrado a ser valorizado.

Aqueles olhos claros se semicerraram para cima de mim, e as pálpebras caíram apenas o bastante para encobrir a cor intrigante.

— Você teria uma mira mais limpa se... — Ele interrompeu as palavras ao rapidamente trocar o pé da frente e girar com a bola.

Olhei para ele e pedi a alguém, a alguma coisa, paciência.

— Não seria melhor se eu passasse a bola? — É claro que seria melhor, eu estava fazendo uma pergunta hipotética.

Uma pergunta que ele, é claro, não entendeu pelo jeito como balançou a cabeça em resposta.

— Não.

Não?

— Se tiver uma chance, não a desperdice.

Dei uma olhada em Genevieve, minha colega de time que estava parada na lateral nos observando, então, voltei a olhar para Kulti.

— Não sei se vou ter.

— A não ser que não esteja prestando atenção ou se, de repente, não conseguir mexer os pés, você vai ter sim — ele rilhou em um tom irritado.

Lutando contra a vontade de espremer o nariz, cerrei ainda mais o punho.

— Tudo bem. Se você diz... — *Se você diz*, para mim, geralmente

significava *tudo bem, claro* e, depois, de qualquer forma, eu acabava fazendo seja lá o que eu quisesse. Ele estava errado. O que estava me mandando fazer era arriscado demais, e era egoísta. Mas tanto fazia. Eu sabia escolher minhas discussões.

Por alguma razão, ele não ficou aliviado com o que eu disse. Foi quase como se soubesse que eu só estava dizendo aquilo para me livrar dele, o que eu estava mesmo — mas Kulti não sabia. Pelo menos, não deveria.

Ele não disse mais nada, e, um minuto depois, o tempo da nossa partida acabou. Outras dez jogadoras vieram em direção ao campo para seu jogotreinino. Assisti e gritei incentivos, Harlow sendo o alvo de alguns deles. Por mais que eu tentasse não prestar atenção em Kulti, não deixei de notar que ele não estava parando o jogo para fazer qualquer sugestão.

É claro que não, pensei quase amargamente.

Algum tempo depois, o treino acabou e me peguei caminhando até o carro. Estava decidindo se deveria fazer uma aula de ioga naquela noite ou um alongamento pesado em casa quando acabei olhando para cima. Encontrei alguém parado ao lado da porta do motorista do meu carro.

Só que não era qualquer alguém. Era o alemão.

Meus músculos ficaram tensos de imediato ao vê-lo encostado tão casualmente no meu amado carro.

Respirei, tranquila e relaxada, e tentei engolir as emoções enquanto caminhava. Kulti estava com a bolsa esportiva pendurada no ombro, as mãos enfiadas nos bolsos do short de treino branco de poliéster. Igualzinho às dezenas de vezes em que estivera em capas de revista. Exibido.

Por mais estranho que fosse, não me senti nem um pouco afetada.

Eu me senti orgulhosa e desinteressada. Em grande parte, não dei a mínima para Reiner Kulti estar encostado no meu carro. Não no carro de outra pessoa, no meu. Ele não era o primeiro cara que eu via fazendo aquilo, e não seria o último.

Meu rosto não me traiu quando diminuí a distância entre nós. Não pensei no fato de que eu tinha arrancado a faixa do cabelo assim que havia terminado o alongamento, que eu não fazia as sobancelhas há uma semana ou que eu não havia cuidado do meu lábio superior.

Meus músculos estavam firmes por causa dos exercícios e eu me sentia

mentalmente forte, o que era mais do que o suficiente para mim.

Os olhos cor de lago de Kulti continuaram fixos no meu rosto quando passei bem em frente a ele para abrir o porta-malas e jogar minhas coisas lá dentro. Eu ainda não havia terminado de fechá-lo quando disse: — Eu tenho que ir trabalhar. Você precisa de alguma coisa?

— Meu motorista não chegou.

Então era por isso que ele havia optado pelo banco traseiro naquele dia em que o vi entrando no carro, e por isso que havia pegado uma carona comigo no dia anterior.

Deixei a mão apoiada no porta-malas e olhei para ele sobre o ombro, para seu cabelo curto, seu rosto sério, sua boca volumosa. É, eu ainda não dava a mínima.

— Entendi. Você precisa usar meu celular?

— Eu preciso de uma carona — ele disse com sua voz baixa.

O que ele pensava que eu era? *Conduzindo Miss Daisy*?

— Você poderia me dar uma carona? — ele perguntou.

Aquilo era mesmo a vida real? Aquilo estava mesmo acontecendo?

— Você quer que eu te dê uma carona de novo?

Impressionante. Ele não quebrou o contato visual nenhuma vez.

— Eu ficaria grato.

Eu ficaria grato. Meus olhos quase reviraram em resposta.

— Eu tenho que ir trabalhar — eu disse com calma, porque era verdade. Tudo bem que eu me encontraria com Marc em uma casa que ficava a cerca de um quilômetro e meio da de Kulti, mas ele não sabia disso. E não era como se passar um tempo sozinha com um idiota mal-agradecido estivesse no topo da lista de coisas que eu queria fazer.

O olhar que me deu em resposta disse que ele não acreditava muito em mim. Nem um pouco. Por alguns segundos, senti-me culpada por mentir. Então me lembrei de como havia tentado ser educada com ele de novo e de novo, mas para quê? Para ele explodir comigo? Eu não devia nada a ele.

Os cantos da boca de Kulti tensionaram, e uma respiração perceptivelmente funda saiu direto dos pulmões que tinham o costume de o levar por toda a extensão de um campo de futebol sem qualquer esforço. O

“por favor” me pegou totalmente de surpresa.

Vacilei. Por um milésimo de segundo, vacilei e, então, recobrei a calma e estendi a mão até a maçaneta. Minha atenção se manteve focada em frente. Eu quase me desculpei, mas estaria mentindo.

— Tenho certeza de que qualquer outra pessoa te daria uma carona se você pedisse com jeitinho.

Uma mão que não era a minha se apoiou na janela, dedos longos com unhas curtas mas amplas, a palma tão grande quanto eu me lembrava de quando trocamos um aperto de mãos.

— Estou pedindo a você.

— E não sou a única pessoa que poderia te dar uma carona. Eu tenho que ir trabalhar. — Puxei a maçaneta, mas a porta não se moveu. Nem um pouquinho.

— Casillas.

Putá merda. Ele disse o meu...

Cocô.

Olhei para ele sobre o ombro; aquilo não era grande coisa. Então ele dissera meu nome, sendo que eu tinha quase certeza de que o nome de qualquer outra jogadora não tinha passado por seus lábios em tipo... caramba, nunca?

— Eu ficaria grato — a voz grossa insistiu.

Eu não disse nada, apenas puxei a maçaneta de novo.

Seu antebraço flexionou enquanto segurava minha porta.

— Eu posso pagar — ele ofereceu, casualmente.

Mas o quê...?

Ninguém na minha vida tinha alguma vez me oferecido dinheiro para fazer um favor, porque não era necessário. Ali estava uma pessoa que ganhava mais dinheiro estando aposentado do que eu ganharia em uma década. Ele tinha a porcaria de um motorista, mas queria me pagar para lhe dar uma carona.

Aff.

O que eu estava fazendo? Eu até poderia ter me sentido fodona naquela hora, dizendo a ele que não o levaria para casa, ou para onde quer que

estivesse indo, mas, mais tarde, sem qualquer sombra de dúvida, eu me sentiria uma babaca por não ter feito um favor que estava tão facilmente ao meu alcance. Eu não queria ser a pessoa que era babaca só por ser; isso não me faria ser nem um pouco melhor do que aquele imbecil.

Lutei contra a vontade de jogar a cabeça para trás e resmungar; em vez disso, soltei um suspiro resignado e acenei para que ele entrasse.

— Eu levo você.

Kulti piscou e, então, assentiu rapidamente ao entrar no carro. Sem dizer nada, saí do estacionamento e nos coloquei a caminho da mesma direção em que tínhamos ido na sexta-feira.

— Mesmo lugar? — perguntei, com apenas uma pitadinha de irritação no meu tom ao entrarmos na estrada.

— Sim — foi sua única resposta.

Tudo bem. Não liguei o rádio e dirigi em silêncio até a mesma casa no mesmo bairro familiar em que eu estivera.

Assim que estávamos chegando perto, ele começou a se remexer no assento. Olhei para o lado e o vi pegando uma carteira preta fina.

Jesus. Estacionei perto da calçada em frente à casa de pedras brancas quadradas.

— Não.

Seu silêncio foi ensurdecedor quando continuou sentado ali, bolsa no colo, uma das mãos na porta e a outra segurando a fina carteira de couro cor de café.

— A carona foi um favor. Não quero seu dinheiro — expliquei a ele com cautela.

Mesmo assim, começou a tirar uma nota de dentro da carteira.

— Ei, não estou brincando. Eu não quero seu dinheiro.

Kulti empurrou uma nota de cinquenta na minha direção.

— Aqui.

Estendi o braço e envolvi a mão dele com a minha, amassando a nota entre nós.

— Eu não quero.

— Pegue logo. — Ele forçou o dinheiro contra mim.

Empurrei-o de volta.

— Não.

— Pare de ser teimosa e aceite o dinheiro — argumentou Kulti, a expressão exasperada.

Bem, se achava que era o único ficando irritado, estava muitíssimo enganado.

— Eu disse não. Eu não quero. Desça.

Foi a vez dele de começar com as respostas monossilábicas.

— Não.

Dane-se. Coloquei alguns músculos para trabalhar e, devagarinho, empurrei nossas mãos na direção de Kulti. Bem, avancei uns cinco centímetros antes de ele perceber o que eu estava fazendo e começar a empurrar de volta, só que ele era mais forte e avançou mais do que alguns poucos centímetros.

— Pare com isso. Eu não estou brincando. Fique com o dinheiro — resmunguei um pouco, colocando mais força no meu empurrar, quase inutilmente.

Aqueles olhos castanho-esverdeados se ergueram com um olhar sério que exibía irritação por toda parte.

— Eu disse que pagaria...

— Não quero seu dinheiro, seu babaca cabeça-dura...

Ah, meu bom Deus.

Parei de empurrar no instante em que percebi o que tinha dito. Acho que falei de forma tão inesperada que ele não estava prestando atenção e, quando percebi, ele estava me dando um soco no ombro.

Não doeu nada.

Mas, por alguma razão, o instinto me fez dizer “ai” de qualquer maneira.

Nós dois parecíamos ter violado um ao outro. Como se eu o tivesse apunhalado ao dizer “ai”, e tenho certeza de que o encarei como se não pudesse acreditar que ele tivera a audácia de me acertar. É claro que foi um acidente, e um acidente que, ainda por cima, não doeu, mas...

— Desculpa — ele pediu rapidamente, olhando para as mãos como se não pudesse acreditar no que tinha acabado de fazer.

Abri a boca e, então, fechei.

Reiner Kulti tinha acabado de me socar no ombro.

Eu o havia levado para casa, discutido com ele sobre como eu não queria o seu dinheiro e, depois, ele havia me socado no ombro.

Fechei os olhos, apertei a ponte do nariz e caí no riso.

— Saia daqui — eu disse quando comecei a rir ainda mais.

— Eu não quis...

Joguei a cabeça para trás, contra o encosto, e senti o corpo todo sacudir com o absurdo de tudo aquilo.

— Eu sei. Eu sei que não, mas só saia logo; está tudo bem. Tenho que ir trabalhar antes que você me soque no outro ombro.

— Não é engraçado — ele vociferou. — Foi um acidente.

De repente, parei de rir e esbravejei em resposta: — Eu sei que foi um acidente. Caramba, eu só estava brincando. — Olhei para ele com os olhos arregalados. — Uma brincadeira, você sabe o que é isso?

Quer dizer, eu já tinha me safado por tê-lo chamado de babaca cabeçadura, e ele nem havia ligado, mas talvez fosse porque ele havia me socado logo depois.

— Sim, eu sei o que é uma brincadeira — ele resmungou de volta.

Se foi porque eu estava cansada daquela merda, das merdas dele ou de qualquer outra coisa, eu me peguei me importando menos e menos com quem ele era e com como eu provavelmente deveria tratá-lo de forma diferente. Talvez não o tempo todo, mas ao menos um pouco.

— Que bom. — Peguei a nota de cinquenta que havia caído no meu colo depois do encontro entre o punho de Kulti e meu ombro e joguei-a para ele. — Eu tenho mesmo que ir trabalhar, então... — Inclinei a cabeça na direção da porta ao lado dele, indiferente a como estava sendo grosseira.

Se ele pareceu confuso por eu estar chutando-o para fora? Acho que sim, mas não discuti, pegou a nota toda amassada e continuou com ela ao sair do carro. Endireitando a postura, segurou a porta com a mão e olhou para dentro.

— Obrigado.

Finalmente.

Pisquei para ele e assenti.

— De nada.

E, assim, ele fechou a porta.



— Você tem como confirmar que a habilitação dele foi suspensa? — o homem impaciente perguntou. Esfreguei a sobrancelha com as costas da mão e encarei, desconfortável, o repórter.

O que eu podia confirmar era que ele tinha um motorista não confiável e que eu ainda não o tinha visto atrás do volante. Mas, por outro lado, as pessoas ricas tinham motoristas, não tinham? Eu já tinha conhecido algumas que tinham. Não era algo incomum. Caramba, se eu tivesse dinheiro, também teria alguém para me levar aos lugares. Dirigir no tráfego, ainda mais no tráfego de Houston, era uma merda.

Mas a pergunta dele me incomodou quase tanto quanto o incidente no bar. Marc me fez pensar que Kulti não andava com nenhuma chave de carro, e não parei para investigar e descobrir se o homem havia deixado um carro no bar ou não. De qualquer forma, não era como se eu me importasse.

— Não posso confirmar nada; eu não sei. Desculpa, mas tenho que me encontrar com o time, estou atrasada. — Estava mesmo. Eu havia dormido demais.

— Você já o viu dirigir? — O repórter era inabalável.

Eu nunca tinha visto, mas, ainda assim, eu não era imbecil a ponto de admitir. Kulti poderia ser babaca, mas obviamente valorizava sua privacidade, e eu não ia jogá-lo aos leões. E havia aquela coisa toda com a gestão do Pipers ser toda certinha com tudo relacionado a Reiner Kulti, então eu, sem sombra de dúvida, não me meteria naquela enrascada. O que isso queria dizer? Que eu tinha que abortar a missão naquele instante. E foi exatamente o que fiz.

— Eu não prestei atenção nisso. Desculpa, tenho mesmo que ir. Desculpa! — Eu odiava ser mal-educada, mas, a longo prazo, preferia parecer uma chata a virar uma pessoa desempregada com a língua solta.

A habilitação dele estava suspensa? Uau. É sério. Uau.

Se era verdade ou não, e independentemente do quanto isso não dizia respeito a mim, não pude evitar pensar naquilo e em como algo assim poderia

explodir para cima do time se a fofoca se espalhasse. O agente ou o assessor dele, ou alguém assim, não deveria lidar com a situação?

Quanto mais pensava nisso durante o treino, mais convencida me sentia de que talvez eu não devesse ficar de boca fechada. A maioria das outras perguntas que tinham feito para mim eram inofensivas, mas aquela, não.

Droga.

Por fim, cerca de uma hora após o início do treino, vi Kulti na lateral revendo nosso manual. Tão casualmente quanto possível, eu me aproximei e, em uma voz apenas alta o bastante para ele ouvir, disse: — Uma pessoa do *Houston Times*, hoje cedo, perguntou se eu sabia algo sobre você ter a habilitação suspensa. Eu não sei de nada, e foi o que eu disse, mas acho que você deveria saber o que aconteceu, assim pode pedir para seu assessor dar um jeito nisso, ou seja lá o que ele possa fazer.

Não deixei de notar que, na mesma hora que a palavra de onze letras saiu da minha boca, ele parou. O corpo todo enrijeceu, inclinado para a frente, imóvel.

Eu não tinha direito de analisar a linguagem corporal dele, lembrei-me, enquanto me afastava para deixá-lo absorver o que havia acabado de descobrir.

Mas, falando sério, ele não teria que ter sido pego dirigindo bêbado ou drogado para ter a habilitação suspensa?

Não fiquei decepcionada com a possibilidade de que alguma coisa do tipo poderia ter acontecido. Apreendi com um amigo, quando era mais nova, que aquilo era muito mais questão de sorte do que qualquer outra coisa. Quantas pessoas não voltavam dirigindo para casa depois de alguns drinques? Às vezes, você era pego, mas, na maioria delas, não. Não queria dizer muita coisa.

Mas cresci lendo sobre a rotina restritiva de Reiner Kulti. O quanto ele era obcecado pela sua alimentação, pelos treinos e pela vida em geral. Então...

Não é da sua conta. Realmente não era, o que era da minha conta era o gramado. Eu teria que me lembrar disso.



Eu não deveria ter ficado surpresa quando encontrei o alemão esperando na calçada. Em grande parte, não fiquei mesmo. Em grande parte.

— Precisa de outra carona? — perguntei, dando um passo e ficando bem ao lado dele.

Kulti foi direto ao ponto: — Por favor.

Por favor. Nossa, olhe só. Fiquei quase tentada a dar uma olhada no celular e verificar se não era dia 31 de fevereiro.

— Então vamos.

Kulti jogou a bolsa esportiva no porta-malas junto à minha. Nenhum de nós disse nada ao entrar, e não pude evitar me sentir um pouco esquisita por ter mencionado o rumor da habilitação a ele. Na metade do caminho até a casa que talvez fosse dele, finalmente quebrei o silêncio. O rádio não estava ligado, e a falta de som era sufocante.

— Posso te perguntar uma coisa? — questionei, devagar.

— Pode. — Houve uma pausa. — Talvez eu não responda.

Eu odiava quando as pessoas diziam isso.

— Tudo bem. — Eu me preparei para fazer a pergunta na qual não conseguia parar de pensar. A possibilidade de levar um sermão era real, mas dane-se. Só se vivia uma vez. — Por que seus chutes de pênaltis estão tão ruins? — Fui com tudo. Cuspi as palavras. Meu Deus, eu deveria estar sentindo orgulho de mim mesma. — Eu não entendo.

Em um mundo ideal, ele teria gritado comigo e dito que eu não passava de uma plebeia em seu universo, que não tinha qualquer direito de falar com ele, muito menos de fazer perguntas como aquela.

No mundo real, ele soltou um som engasgado.

Olhei de lado para ele, certificando-me de que ainda estava vivo. Estava.

Seu rosto estava mesmo vermelho?

— Ninguém pode dizer que você não é honesta, não é mesmo? — Outro som engasgado, ou talvez um riso, escapou-lhe antes de continuar: — Digamos que eu esteja um pouco enferrujado.

Tudo bem, já era alguma coisa. Mas não o bastante, obviamente.

— Há quanto tempo você não treina? — Minha pergunta foi hesitante. Era como se eu estivesse tentando fazer carinho no cachorro malvado do outro lado da cerca.

Ele ergueu a mão e passou-a pelo cabelo curto. Talvez a mandíbula marcada houvesse se projetado para o lado, mas não tive certeza. A única coisa de que tive certeza foi que ele me lançou um olhar como se não acreditasse na minha audácia em fazer aquela pergunta.

Sinceramente, nem eu mesma acreditava. Mas no que não acreditei de jeito nenhum foi que ele respondeu.

— Você sabe quando eu me aposentei? — ele indagou naquela voz objetiva com o menor dos indícios de um sotaque. Lembro-me de ter ouvido em algum lugar que Kulti era fluente em quatro idiomas, ou seriam três?

Cocô. Quem se importava com quantos idiomas ele falava?

É claro que eu sabia quando ele tinha se aposentado, mas não respondi desse jeito. Eu sabia manter a calma.

— Sim.

— Essa é a sua resposta.

Espere.

Espere.

— O que exatamente você não faz desde que se aposentou? — Minha pergunta foi calculada.

Não poderia ser. Simplesmente não poderia ser.

A boca de Kulti se contorceu para o lado ao mesmo tempo em que as narinas dilataram.

— Eu não jogo desde que me aposentei. Se você contar para alguém...

Quase enfiei o pé no freio.

Tudo bem, não fiz isso, mas quis muito. Eu não podia acreditar. Desacelerei o carro até pararmos no sinal vermelho, enquanto ele dava

continuidade àquela ameaça idiota que decidi ignorar. Devagarinho, incrédula, eu disse: — Você está brincando. — Quem eu queria enganar? Kulti não tinha humor em seu DNA.

Como esperado, ele confirmou: — Não estou.

— Não.

Ele arqueou uma sobrancelha escura. — Eu não minto.

Deixei a cabeça cair contra o encosto ao absorver o que ele admitira. Dois anos. Dois anos! Ele não jogava havia dois anos!

— Nenhuma vez? — Minha voz soou baixa, muito parecida com um sussurro.

— Isso mesmo.

Puta merda. Parecia que o mundo tinha sido arrancado de debaixo dos meus pés. Caramba, dois anos para um jogador como ele? Por que aquilo tinha acontecido?

Eu queria dizer algo, me desculpar por algo, só que tudo o que consegui fazer foi abrir e fechar a boca na maior das boas intenções.

Mas eu sabia que ele não queria minha pena. Se eu tivesse que apostar dinheiro, teria dito que o maior intervalo de tempo em que ele havia ficado sem jogar tinha sido quando rompeu alguns ligamentos no pé, mas eu não estava prestes a expor meus conhecimentos de perseguidora-psicótica-do-Kulti.

Mantendo os olhos em frente, pigarreei e, então, pigarreei de novo.

Porque... Dois anos! Dois anos!

Puta merda. Como era possível?

Eu me concentrei no número mais uma vez, então, afastei-o para processá-lo mais tarde na privacidade da minha casa. Dois anos era uma vida e, ainda assim, era tempo mais do que o suficiente para explicar o motivo pelo qual parecia que ele andava todo duro. O pobre homem parecia um eunuco. Não jogar futebol equivalia a perder as bolas, pelo menos era o que eu imaginava.

Compaixão e compreensão me dominaram.

Soltando o freio, contei a ele minha própria história. Apesar de que, mais tarde, fiquei me perguntando por que sequer tinha me importado em fazer

isso. Não era como se ele desse a mínima.

— Quando eu tinha dezessete anos, rompi o ligamento cruzado anterior durante uma partida, e fiquei sem jogar por quase seis meses. Meus pais e treinadores não me deixavam nem sequer olhar para uma bola ou assistir a um jogo, porque eu ficava louca quando me dava conta de que não podia fazer nada para acelerar a recuperação.

Aqueles foram alguns dos piores meses da minha vida. Nunca fui de reclamar muito, mas, perto do fim da recuperação, fiquei com o pavio tão curto que não sei como meus pais não me deram um tapa por ser tão chata.

— Foram os seis meses mais longos da minha vida e provavelmente os mais infelizes — adicionei, olhando-o de soslaio.

A atenção dele estava focada no para-brisa, mas vi Kulti assentir.

— Já passei por isso.

Eu sabia, mas, de novo, era o tipo de conhecimento de perseguidora-psicótica que eu levaria para o túmulo.

Ficamos em silêncio pelo resto do caminho até em casa. A casa dele. Enfim, tanto faz. Só que, daquela vez, assim que ele abriu a porta, eu disse: — Não vou dizer nada sobre seu período de seca.

Kulti assentiu, e posso jurar que ele mostrou o que poderia ter sido considerado o menor dos sorrisos na história dos sorrisos ao erguer os cantos da boca. Então, foi até o porta-malas para pegar sua bolsa e ergueu a mão em um tchauzinho mais ou menos enquanto andava pelo caminho de pedras até a porta de entrada da casa enorme.

Eu estaria mentindo se dissesse que não pensei nele, em como ele não havia jogado por dois anos, pelo resto do dia.



No dia seguinte, durante o treino, não consegui me segurar e fiquei olhando para Kulti, imaginando como raios ele não tinha assassinado ninguém desde que havia parado de jogar.

Quero dizer... ele não tinha jogado nada? Ou só... sei lá, não tinha jogado uma partida regular? Pelo aspecto dos seus movimentos e da linguagem corporal, não parecia que havia parado de jogar de vez, mas do que eu sabia? Dois anos não poderiam apagar por completo uma vida toda ao lado de uma

bola preta e branca.

Harlow me deu uma cotovelada nas costelas quando parou bem ao meu lado.

— Ele acabou de chamar você de lesma?

O time estava treinando corrida, e eu havia acabado de participar do primeiro grupo de jogadoras.

Ergui os ombros sem dizer nada. O que poderia ser dito? Kulti havia me chamado de lenta durante uma corrida e, então, perguntado a outra jogadora se ela tinha dois pés esquerdos. Era a mesma garota com quem eu havia corrido algumas vezes pela manhã até então, a que sempre queria me vencer nas corridas.

Se ela era lenta? Não. Nada disso. Sandy era muito, muito boa.

— Eu gostaria de terminar a bateria de corridas ainda hoje, podemos continuar? — uma voz gritou do outro lado do campo.

Distraída, levei a mão até o ombro que tinha sido socado. Naquela hora, Kulti olhou para mim. O espaço entre suas sobrancelhas franziu, e, por um milésimo de segundo, ponderei se não deveria me curvar para a frente e fingir que havia uma dor lancinante atravessando o ombro para brincar com ele. Ele não tinha dito nada no dia anterior, nem eu.

Mas não fiz isso. Harlow era um pouco atenta demais. Ela perceberia. Além disso, eu não fazia ideia de como Kulti ia reagir.

Na verdade, eu não fazia ideia de como lidar com nada daquilo. Eu deveria continuar de boca fechada quanto a dar caronas para ele? Porque eu não tinha dito nada. Nem o meu pai sabia, e geralmente eu contava tudo a ele. Kulti não estava me tratando nem um pouco diferente de como me tratava antes das caronas, então aquilo tudo não queria dizer nada.

Não havia nada para dizer. Havia?

— Seu ombro está incomodando? — A voz de Harlow afastou meu olhar do alemão.

— Não. — Meu rosto corou quando me virei para ela. — Pronta?

Ela me empurrou para o lado e saiu correndo.

— Tente me alcançar, sua tartaruga.

Eu não fazia ideia de que os apelidos de “lesma” e “tartaruga” seriam apenas o começo. Antes de o treino acabar, Kulti chamou meus passes de

desleixados, então, deu continuidade dizendo que eu precisava aprender a jogar com as duas pernas.

Aquilo vindo de um homem que jogava com o pé direito noventa por cento do tempo. Faça-me rir.

Não deixei seus comentários me colocarem para baixo nem me incomodarem. Também não me preocupei muito se ele estava pegando pesado só porque eu havia descoberto seu segredo recentemente, ou se era porque eu não me afetava com seus comentários idiotas. De qualquer forma, eu ouvia o que ele dizia e levava tudo com tranquilidade. Eu não me permitiria levar nada para o pessoal.

Assim que o treino acabou, cerca de uma hora mais tarde, eu já o esperava no nosso ponto de encontro usual, e ele não me decepcionou.

Pulando as partes óbvias, perguntei quando o vi: — Pronto?

— Sim — ele respondeu.

O silêncio familiar nos acompanhou ao entrarmos e pairou enquanto eu dirigi por um tempo.

Dois minutos foi o máximo que pude conter minha curiosidade antes de fracassar.

— Você tem saudade?

Não como um idiota completo, ele perguntou: — De jogar?

— Aham. — Por mais que eu tentasse compreender como ele havia aguentado tanto tempo, ainda não conseguia entender a ideia de não jogar. Eu simplesmente não conseguia.

Ele deslizou o olhar até mim enquanto assentia, tão honesto e sincero que me pegou desprevenida.

— Tenho saudade do futebol todos os dias. — Tão depressa quanto o seu olhar encontrou o meu, voltou à posição inicial enquanto ele engolia em seco.

Bem...

— Por que você não joga, então? — perguntei, antes que pudesse me convencer em contrário. O que de tão ruim ele poderia fazer? Não responder? Me mandar cuidar da minha vida?

Curiosidade matou a Sal. Deixe que digam que fui abatida em um momento de glória ao questionar Reiner Kulti sobre um segredo, o qual eu

não tinha certeza de que ele compartilharia de livre e espontânea vontade.

Por que motivo ele havia decidido compartilhá-lo comigo, eu ainda não sabia, mas me conformaria com as migalhas que eu tinha.

Um suspiro lento e estoico saiu dele.

— Você sabe por que eu me aposentei?

Ele havia rompido o ligamento cruzado anterior pela terceira vez. Houve rumores, no segundo rompimento, de que ele não voltaria cem por cento, ou sequer noventa, oitenta ou setenta por cento. Estava velho demais, as pessoas disseram. Quando finalmente aconteceu, junto com a artrite no dedão e outras pequenas lesões acumuladas ao longo dos anos, todos pensaram que seria inevitável.

Reiner “O Rei” Kulti anunciou a aposentadoria pouco tempo depois, colocando um fim em seu legado.

Se eu diria aquilo? É claro que não.

Contentei-me com um aceno de cabeça e um “aham”.

— Levei um bom tempo para me recuperar — ele disse. Então, não falou mais nada.

Eu me peguei virando lentamente a cabeça para lançar a ele um olhar incrédulo, e percebi que eu não tinha direito algum de fazer aquilo.

— Tudo bem. E depois?

Ele deu de ombros.

Reiner Kulti deu de ombros como se “ah, meu ligamento levou um bom tempo para sarar” fosse uma razão boa o suficiente para explicar o motivo de não ter jogado seu amado esporte por dois anos. Ele não me enganava. Ele ainda amava o futebol. Ninguém desistia de um amor tão grande assim tão facilmente. Foi o que notei pela expressão naqueles olhos arrogantes enquanto observava nosso time. Enquanto olhava para algumas jogadoras como se não passassem de lixo, como se ele quisesse sacudi-las até alguns parafusos voltarem ao lugar. Não se olhava para ninguém daquele jeito, a não ser que você ainda se importasse.

Ele não me enganava.

— E isso levou o quê? Seis? Oito meses? — perguntei, piscando devagar.

— Ainda não me recuperei por completo — revelou Kulti. Foi então que eu soube que ele estava mentindo. Ele não me parecia ser o tipo que fazia

alardes sobre lesões.

Em seguida, eu disse algo que nunca teria dito para qualquer outro jogador com quem tivesse um relacionamento decente — ele não contava: — Mentira.

— Perdão?

Eu ri.

— Você está mentindo. Seu joelho ainda dói? Fala sério. Você acha que eu nasci ontem? Desde os dezesseis anos, estou sempre sentindo algum tipo de dor, e tenho certeza de que você também. — Balancei a cabeça e ri de novo antes de voltar a focar na estrada. — Jesus... Da próxima vez, pode me mandar cuidar da minha vida antes de me dizer alguma coisa tão ridícula.

O que mais eu estava esperando? Porque, para começo de conversa, ele até tinha dito muito mais do que eu teria apostado.

— Você não sabe de nada — ele esbravejou em resposta.

De novo, mais uma coisa com a qual eu não deveria ter me surpreendido.

— Eu sei o bastante. — Porque eu sabia, e a mentira dele estava evidente mesmo a um quilômetro de distância.

— E o que você quer dizer com isso, caralho? — A voz de Kulti estava tingida por uma pitada de raiva.

Ele tinha finalmente soltado um palavrão. Quem diria.

Eu estava quase admirada — quase, e com certeza não consegui achar forças em mim para ficar toda transtornada com seu tom e suas palavras feias.

— Você sabe o que eu quero dizer. Olhe, não tem motivo para você ficar bravinho. Só estava perguntando por que você não joga há tanto tempo. Mas não é da minha conta, tudo bem. Desculpa por ter perguntado.

Houve uma pausa.

— Explique o que você quis dizer.

Kulti queria entender, mas eu sabia, lá no fundo, que ele não queria que eu falasse alguma coisa. Mantive a atenção na estrada e balancei a cabeça, o riso e a diversão minguando no meu rosto.

— Não importa.

— Importa, sim — ele insistiu.

Mantive a boca fechada.

— Fale.

É, eu não falaria nada. Ninguém me daria a pá para cavar minha cova.

— Você acha que estou mentindo? — Kulti perguntou com a voz fria.

Engoli em seco. Bem, era ele quem estava perguntando, não é mesmo? Escolhi minhas palavras com cuidado e respondi: — Não estou dizendo que você está mentindo. Tenho certeza de que seu joelho dói, mas é impossível que esse seja o motivo para você não jogar. Mesmo se voltasse a ser só sessenta, cinquenta por cento do que era antes, não importa; você ainda jogaria, pelo menos com amigos ou algo assim. Você chutaria a bola sozinho. Você tem dinheiro para construir um campo só seu, tenho certeza, caso não quisesse todo mundo se metendo na sua vida. Parece que você está se sabotando. Você já me disse que tem saudade de jogar. Eu só não consigo acreditar que uma dorzinha o impediria de ao menos... Quer saber? Não importa. Estou feliz por você ter finalmente começado a chutar algumas bolas lá no campo. Bom para você.

Horas depois, percebi como eu poderia ter lidado de forma diferente com a situação. Como eu havia sido péssima em lidar com tudo. Eu sabia que deveria ter agido diferente. Eu sabia. Entendia as pessoas que se agarravam ao orgulho e à arrogância como um escudo, como lidavam com alguém as atacando. Ou pior, com alguém sentindo pena delas.

Eu sabia, porque estava bem ciente do quanto odiava qualquer um que sentisse pena de mim.

Eu acabava de me apiedar de um homem que tinha a capacidade de transformar minha vida no campo em um inferno, de um homem que, um dia, tivera uma paixão pelo futebol que parecia animá-lo de dentro para fora; era como eu ter colocado uma força da natureza contra mim.

Esqueça o fato de que tentei ser amigável com ele, que lhe dei carona e nunca insisti em saber o motivo de ele pedir para mim, em vez de a seu motorista, a um táxi, a Gardner ou a Grace, ou a qualquer outra pessoa que tivesse mais contato com ele do que eu.

Nas palavras do meu irmão, era tudo culpa minha. Eu é que tinha chamado a atenção de um perfeccionista, e não havia mais ninguém para eu culpar por isso.



Minhas duas semanas seguintes poderiam ser resumidas em três palavras-chaves: inferno físico e psicológico.

Não importava qual o tipo de conexão que eu tivesse formado com Kulti, pois havia sido destruída no dia em que o pressionei em busca de respostas no carro. E ter enchido o saco dele por estar usando a lesão como desculpa foi a cereja do bolo.

Desde então, eu não lhe tinha dado nenhuma carona para casa. Não fiquei surpresa quando, naquele primeiro treino, depois do que eu chamaria de Dia do Interrogatório, ele decidiu pegar no meu pé em um nível totalmente diferente.

É sério.

— *O que raios você está fazendo?*

— *Me escute!*

Blá, blá, blá, droga, blá, blá, blá, alguma outra merda, blá, blá, blá.

Mas minha provocação preferida a sair da sua boca foi: — É assim que as garotas jogam bola?

Ah, cara.

Eu já tinha ouvido aquela antes. Só que ainda me tirava do sério.

Mas se o que Kulti queria era que eu e o time mostrássemos como exatamente as garotas jogavam, ele conseguiu o que queria. Demos nosso melhor. A maioria de nós cresceu jogando com garotos e, por experiência, sabíamos que eles eram tão facilmente derrotados quanto qualquer garota.

Não me lembro da última vez que algum treinador tenha enchido tanto meu saco com tanta vontade de se vingar. Não havia nada de amigável nas coisas que saíam da boca de Kulti. Eram apenas negócios. Um amor exigente, um amor eu-vou-quebrar-você-para-conseguir-o-que-quero.

Cada dia era pior do que o anterior. Gardner não fez nenhum comentário. Deu-me um tapinha nas costas e me disse para aguentar firme.

Começou a ficar difícil manter a cabeça erguida e ignorar as palavras feias. Dei meu melhor para focar nas coisas que saíam de sua boca contendo alguma sabedoria por trás, mas não era fácil. Perto do fim da primeira semana, Jenny, uma atleta de primeira classe, foi quem perguntou, ofegante:

— O que você fez com ele? — Foi logo depois de Kulti gritar comigo por ter passado a bola para outra jogadora, sendo que ele, em vez disso, acreditava que eu deveria ter feito um chute arriscado.

O que eu poderia dizer a ela? Nada. Não poderia dizer nada sem trazer à tona que eu o havia levado até em casa algumas vezes.

— Não faço ideia — eu disse.

— Aconteceu mais alguma coisa com o Eric?

— Não.

Ao longo das últimas semanas, eu vinha recebendo cada vez menos mensagens sobre Eric e Kulti. Duvidava muito de que as fotos com o time, onde nós dois estávamos um ao lado do outro, tivessem algo a ver com aquilo, e Sheena não voltou a falar mais nada sobre liberar a gravação da coletiva de imprensa que eu tinha feito com Gardner no começo da temporada.

Jenny franziu o rosto, secando o pescoço com a gola da camisa.

— Traga um cupcake ou algo assim para ele, Sal, porque isso está saindo do controle. Não sei como você ainda não começou a chorar.

Era a esse ponto que as coisas tinham chegado. Meu corpo todo ficava tenso antes de o treino começar e continuava igual depois. Marc se deu o trabalho de me provocar mais vezes do que o normal para me tirar daquela depressão exaustiva.

Não ajudou muito.

Então, finalmente cansei.



— Se você tivesse...

Se eu tivesse feito algo diferente, poderíamos ter ganhado três pontos ao invés de um..

Ele estava sendo injusto e todo mundo sabia. Mas alguém disse algo?

É claro que não. Ninguém queria levar um safanão na bunda, e eu não poderia culpá-las.

Mais importante do que aquilo tudo: se eu disse algo? Não. Fiquei parada enquanto Gardner e Kulti iam e vinham sobre como poderíamos ter nos saído melhor no último jogo da pré-temporada. Fiquei quieta enquanto Kulti

colocava o peso de uma quase derrota nos meus ombros, e assenti quando esperaram que eu o fizesse.

Ele tinha razão. Perdi mesmo algumas oportunidades. Eu não poderia negar.

Mas metade das jogadoras fez a mesma coisa. E por acaso alguém trouxe aquilo à tona? Gardner generalizou algumas coisas, mas não deu o nome de ninguém, nem mesmo quando estava óbvio que alguém havia cometido um erro gravíssimo. Ele não gostava de envergonhar as jogadoras; preferia puxar a pessoa de lado e conversar com ela.

Agora, aquele maldito salsichão...

Engoli os xingamentos de maldito salsichão imbecil, de chucrute, de grande fatia de bosta de bolo de chocolate alemão, enquanto tudo fazia uma festa na minha boca. Cada um deles me implorando para sair e se divertir.

Por dentro... Ah, meu Deus, por dentro eu estava furiosa e tentando me convencer a não fazer algo que me faria ser presa. Eu não sobreviveria. Eu gostava demais de ficar ao ar livre.

— Desculpa, pessoal — eu disse, numa voz enganosamente calma, quando Kulti terminou de reclamar.

Os rostos de Harlow e Jenny chamaram minha atenção no semicírculo em que estávamos. Harlow parecia estar prestes a rir, e Jenny, contemplava a velocidade com que ela poderia me arrancar dali, caso eu decidisse que passar de dois a quinze anos atrás das grades não era tanto tempo assim.

Nenhuma das garotas disse nada.

Nossa reunião pós-jogo terminou logo depois daquilo, deixando uma sensação fria e esquisita no ar, pela qual tenho certeza de que fui responsável.

Como uma pessoa sã e racional, peguei minhas coisas e, casualmente, fui me arrumar para ir embora. Harlow apertou meu braço ao passar por mim, não dizendo nada, mas senti como se estivesse me dando sua bênção — sua coragem interna. Jenny se arrastou até mim e passou o braço ao redor dos meus ombros. Com uma voz baixa, disse: — Salamandra, por favor, não me faça visitá-la na prisão. Laranja não combina com você, e acho que não se daria bem sendo... você sabe... a *cadelinha* de uma detenta.

Eu sempre poderia contar com Jenny para me fazer perder o foco. Ri e enrolei o braço ao redor de sua cintura. Como ela me conhecia tão bem?

— Eu juro que não vou fazer nada violento.

— Promete?

— Prometo.

Não pareceu que ela acreditava muito em mim, mas, por fim, tirou o braço.

— Por favor. — Jenny me olhou direto nos olhos ao implorar.

Não pude evitar e sorri para ela, assentindo.

— Eu prometo.

Ela baixou os olhos, mas, por fim, também assentiu.

— Vejo você amanhã?

Garanti que sim, e ela se despediu. O lugar estava quase vazio àquela altura, mas a pessoa pela qual eu procurava ainda estava lá. Respirando fundo, acalmei os nervos e disse a mim mesma que eu estava fazendo a coisa certa. Não poderia dar continuidade àquela idiotice com ele.

Eu não admitiria. Eu sabia exatamente o que era preciso fazer para resolver.

Lá estava ele, parado, logo que terminei de enviar uma mensagem para Marc avisando que me atrasaria. Parado na calçada onde eu lhe dera carona de novo e de novo. Kulti não esperava que eu surgisse atrás dele. Ou talvez esperasse, só que provavelmente com uma faca em uma das mãos.

— Não aguento mais isso — avisei. Eu não estava gostando nada daquela besteira de sermos discretos. Fiquei parada lá, encarando-o. Eu não tinha dúvida alguma de que meu rosto estava corado, de que eu estava suada por toda parte. Havia uma pequena chance de que eu também estivesse fedendo, mas eu tinha que colocar aquilo para fora. Naquele instante. Apontei para o gramado atrás de nós. — Vamos.

Kulti se afastou, seu rosto franzindo.

— Do que você está falando?

Acenei para ele vir, insistindo.

— Vamos. Não vou ser seu saco de pancadas pelo resto da temporada. Você e eu, quem fizer sete gols primeiro ganha.

O lábio inferior dele caiu, e ele piscou. Então, piscou de novo, confuso.

— Vamos.

— De jeito nenhum.

— Vamos — repeti.

— Vinte e três, não.

— Kulti. — Acenei para ele se mover, dando-lhe mais uma chance para fazer aquilo do jeito fácil.

— Você está sendo ridícula.

Tudo bem. Funguei e respirei fundo.

— E você está amarelando.

Talvez não tenha sido a coisa mais inteligente a se dizer, porque, quando notei, seus ombros tinham ficado tensos e a boca havia se fechado com força. Bem, eu não poderia dizer que não tinha alcançado o objetivo.

— O que foi que você disse?

— Eu disse que você está sendo um covarde. — E falei mesmo. Puta merda, chamei Reiner Kulti de covarde e disse que ele estava amarelando; não havia mais como voltar atrás. Agora que eu tinha começado, iria até o fim, disse a mim mesma. — Vamos. Do que está com medo? Você sabe que é melhor do que eu. Eu sei que você é melhor, então vamos acabar logo com isso. Jogue comigo para que possa superar essa palhaçada.

— Eu não vou fazer isso com você, garotinha — ele afirmou de maneira calma, os dentes rangendo.

Garotinha.

Se eu poderia ter ignorado aquilo? É claro. Com certeza, eu poderia. Mas não estava mentindo quando disse que não aguentava mais. Toda aquela raiva reprimida dele, as frustrações que descontava em mim porque eu infelizmente sabia coisas demais a seu respeito, e a tensão, era tudo algo de outro mundo. Não era como se eu o tivesse obrigado a me contar a verdade, mas, a despeito disso, não poderíamos continuar naquela dança rancorosa.

— Sim, nós vamos.

— Não, nós não vamos.

Entrelaçando as mãos, eu estava a dois segundos de atacá-lo com uma transformação Super Saiyajin, de *Dragon Ball*.

— Eu sei que vou perder, Kulti. Odeio perder, mas vamos jogar mesmo assim. Vamos acabar logo com isso.

Ele ergueu as duas mãos no ar e esfregou as palmas na parte de trás da cabeça. Jesus Cristo, como ele era alto.

— Não.

— Por quê?

— Porque você é um pé no saco — ele vociferou.

Foi a minha vez de piscar para ele.

— Você acha que eu vou ganhar, não acha?

Ele revirou os olhos enquanto bufava.

— Ainda não está chovendo canivetes.

Com base no seu tom, não tive certeza do que ele realmente achava. Ou talvez eu só estivesse sendo egocêntrica. Talvez. Mas sabia que precisava colocar o ego de lado e convencê-lo a fazer aquilo. Alguma parte da minha intuição sabia que era necessário, então eu teria que fazer tudo e mais um pouco para que aquilo acontecesse.

Mesmo que fosse irritá-lo.

Ergui o queixo em sua direção e olhei bem naqueles olhos claros.

— Então pare de agir como uma garotinha e jogue comigo.

É, isso foi o que mexeu com ele.

— Eu não sou uma garotinha. — Ele deu um passo em frente. — Eu posso e vou acabar com você.

Caramba. Ergui as mãos e dei uma gargalhada.

— Eu disse que você ganharia, chucrute, mas não que acabaria comigo.

Aquele olhar que eu conhecia muito bem atravessou seus traços e, sinceramente, fiquei dividida entre tremer de medo e... bem, eu não diria em voz alta, nem mesmo admitiria a outra emoção. Ele pareceu o velho Kulti — o competidor quase psicótico.

Ah, meu Deus, ele me extinguiria da face da Terra.

Então eu quase ri, porque... *É sério mesmo?* Eu não daria a cara a tapa e o deixaria ganhar. Faça-me o favor.

Algo irrompeu no meu peito, e deixei a chama competitiva arder no meu coração.

— Vamos nessa.

E fomos.

João Batista, Maria Madalena e Peter Parker foram nomes que transbordaram da minha boca em algum momento.

Uma coisa era ter assistido ao Kulti jogar na segurança da minha casa pela televisão ou nas arquibancadas. Até certo ponto, era uma vantagem, porque eu sabia como ele jogava quase tão bem quanto eu conhecia meu próprio jogo; quais movimentos ele tendia a usar, seus sinais. Meu corpo estava instintivamente ciente sem nem pensar em, por exemplo, como ele fingiria guiar com o pé direito antes de trocar para o esquerdo. Eu conhecia seus truques.

Ainda assim...

Dois anos sem jogar quase não o desaceleraram. A diferença era mínima. Eu era rápida, ele, igualmente rápido, se não ainda mais. As pernas eram bem mais longas do que as minhas, e ele avançava pelo gramado como ninguém. Havia uma razão para aquele homem ser um ícone, um porquê para ele ter sido o melhor por tanto tempo.

Mas *dane-se*. Eu não o deixaria ganhar sem lutar. Mantive o que eu sabia dele em mente, e movi as pernas o mais rápido que pude. Tentei ser mais esperta e planejar jogadas com mais eficiência. A bola ficou tão próxima de mim quanto possível. Mais tarde, eu me perguntaria se teria parecido que estávamos jogando para ver quem mantinha mais distância do outro ou não.

Em certo momento, ele me encurralou e conseguiu roubar a bola, empurrando-me com os ombros e usando um pouco mais de força do que o necessário. Quero dizer, ele era uns trinta centímetros mais alto e pelo menos uns vinte quilos mais pesado, mas jogava com tanto empenho quanto meu irmão e seus amigos. Eu jogava com garotos desde criança, e eles nunca haviam entendido que eu era uma garota sete anos mais nova do que eles. Aparentemente, Kulti também não.

— Você está pegando um pouco pesado, não acha? — perguntei, correndo atrás dele, tentando impedi-lo de ter uma linha de chute clara até o gol.

Ele olhou para mim por debaixo dos cílios.

— Você está choramingando?

Bufei. Babaca.

— Não, mas se for assim que você quer brincar, então é assim que vamos

brincar. — Entre as pessoas com quem eu jogava por diversão e Harlow, eu aguentaria.

Corremos um atrás do outro pelo que pareceu uma eternidade. Eu roubava a bola dele; ele roubava a minha, de novo e de novo. Suor escorria pelo meu rosto, pelos braços e pela parte inferior das costas. Ele ofegava — teria ele ofegado algum dia?

Era um milagre ele estar jogando todo desajeitado, e acho que era por essa razão que não conseguiu fazer gol. Eu não era egocêntrica, sabia que era boa, só que não era tão boa quanto ele. Mas observei e aprendi. Isso era tudo o que eu sempre tinha desejado.

— Você teve, tipo... oito chances... de marcar... um gol — ofeguei.

Suas costas estavam encostadas nas minhas, traseiro pressionando meu quadril.

— E você... teria... três... se... soubesse o que está... fazendo! — Ele chutou a bola para o alto e tentou dar uma cabeçada para fazê-la entrar no gol. Meu milagre, obviamente, ainda estava em vigor, porque ele não marcou.

Nós dois saímos em disparada atrás da bola, e talvez eu tenha acertado o corpo no dele com força demais, mas tudo bem. Ele sobreviveria.

— Eu sei o que... estou fazendo... — Empurrei o ombro contra seu peito e roubei a bola dele.

Indo e vindo, continuamos perseguindo e roubando, perseguindo e roubando, até eu estar ofegante, no pico da onda de adrenalina. Jogávamos com agressividade, competindo. Em um jogo real, era preciso manter a energia perfeitamente balanceada. Tínhamos noventa minutos aos quais sobreviver, e não poderíamos nos desgastar nos primeiros quinze.

Durante o jogo, também havia outras dez pessoas em campo para rolar a bola de um lado para o outro.

Minha corrida matinal e o treino do dia já estavam cobrando o preço. Jogar com Kulti fez todos os meus músculos sentirem tudo de forma muito mais intensa, até mesmo a parte de trás dos joelhos estava encharcada de suor.

Mas, quando a respiração dele encontrou meu ouvido e seu corpo se aproximou por trás do meu, pude ouvir e sentir a exaustão irradiando de

Kulti. Sorri.

— Está perdendo o fôlego?

Ele resmungou, mas não respondeu. Um segundo depois, percebi o motivo. Em um movimento de Reiner Kulti no auge da carreira, ele roubou a bola de mim e avançou na direção do gol, tirando vantagem das pernas compridas. Eu esperava aquilo, mas não diminuí o ritmo ao correr para alcançá-lo.

Com um chute rápido, não tive a chance de bloqueá-lo, e a bola de futebol voou em uma linha acentuada e poderosa. Perfeito. Foi o chute perfeito.

Sorri e balancei a cabeça, apesar do fato de que, sob circunstâncias normais, eu teria ficado irritadíssima por estar perdendo.

Mas aquilo foi lindo.

E quando Kulti se virou com o sorriso mais presunçoso e triunfante que eu veria alguma vez na vida, e isso dizia alguma coisa, considerando que eu havia jogado contra algumas pessoas bem egocêntricas. Fiquei satisfeita. Foi direto ao meu esterno, porque era tão... *ele*. Não era o homem indiferente e sem expressão que eu tinha visto tantas vezes ao longo do último mês.

— Um a zero, Taco — ele disse, como se eu fosse uma idiota que não fizesse ideia de qual era a pontuação.

Simple assim, aquela sensação grata no meu peito que havia apreciado a felicidade de um breve triunfo desapareceu.

Ele tinha...

— Taco? Sério mesmo? — Eu quis rir, por mais humilhante que o apelido fosse, porque eu meio que tinha pedido por aquilo, não tinha?

Ele deu de ombros em resposta.

Acenei para ele continuar.

— Tudo bem, então, pão de centeio. Vamos, faltam mais seis.



É, chegamos apenas a três contra quatro e, ainda assim, foi um milagre não termos desmaiado.

— Parece que um intervalinho cairia bem. — Como eu tinha conseguido colocar aquela frase para fora, não faço ideia. Eu estava ofegando. Ele estava ofegando. Caramba, quando tinha sido a última vez que eu havia respirado

daquele jeito? Nunca?

Kulti estava ensopado de suor e, além disso, seu rosto estava um pouco pálido.

— Eu estou bem.

Bem? Parecia que ele queria vomitar. Também notei que seu quadríceps direito estava pulsando. Por que notei ou por que sequer olhei ali embaixo, não faço ideia. Mas também não perderia tempo pensando nisso.

— Tem certeza? — Coloquei a língua para fora, tão longe quanto possível da boca, e respirei fundo para relaxar. Horrível, mas funcionou, e meus pulmões me agradeceram.

Ele revirou os olhos, mas continuou se esforçando para recuperar o fôlego. Jesus. Tínhamos mesmo pegado tão pesado assim?

— A não ser... que você queira.

Eu queria. Queria mesmo. Eu não fazia ideia de como empurraria um cortador de grama mesmo se fosse motorizado. Aquilo tinha sido demais, e fui tola por ter me colocado naquela posição. Mas, dane-se, eu jamais admitiria.

— Eu quero se você quiser.

As bochechas dele estavam se enchendo e se esvaziando, o que me fez lembrar de um sapo.

— Você está... perdendo. Eu não me importo.

Eu estava perdendo e isso era uma merda, mas, mais tarde, eu poderia me dar um tapinha nas costas por ter aguentado tanto tempo. Então dei de ombros.

Kulti ergueu as sobrancelhas em resposta, mas não concordou com nada.

— A escolha é sua. — *Por favor, diga sim. Por favor, diga sim.*

Ele inspirou fundo pelo nariz.

— Parece que você está prestes a desmaiar — ele notou.

Babaca.

Eu estava perdendo e, aparentemente, parecia que ia desmaiar. *Por favor, continue me elogiando.*

Eu esperava que o joelho dele ficasse dolorido mais tarde.

— Acho que você também não deveria forçar a barra. — Sorri, contendo

as palavras. — Já que faz séculos que você não joga.

Pelo jeito como seus músculos faciais se moviam, ele havia começado a morder o lado interno da bochecha.

São as pequenas vitórias na vida que realmente importam. Colocando a língua de fora outra vez e inspirando o ar com força, fiquei mais calma. Minha cabeça latejava um pouco por conta de todo o esforço feito, e ergui as mãos para esfregar as têmporas.

O alemão, lentamente, curvou-se até as palmas estarem apoiadas logo acima dos joelhos e respirou fundo algumas vezes. Seus olhos estavam no chão, até que, sem pressa, ele os ergueu. A camisa estava colada nos ombros e nos bíceps; o cabelo achatado, no couro cabeludo.

Nenhum de nós disse nada por um tempo.

Fechando os olhos com força, inclinei-me para uma rápida alongada dos tendões, então, dos quadríceps e, por fim, das panturrilhas. Quando me endireitei, sacudi os ombros e observei meu treinador ajustar a postura e começar a se alongar. Todos aqueles músculos longos e firmes...

Pigarreei e olhei para o céu. Não havia motivo para deixar a situação esquisita ou para dar a ele razões para esfregar sua vitória idiota na minha cara. Se ele faria isso? Sim, faria. Estava na hora de eu dar o fora dali e alimentar o trasgo no meu estômago.

— Bem, vou embora. Vejo você amanhã.

Eu tinha acabado de me virar e me colocado a caminho da saída do gramado quando ele disse: — Você é uma ótima perdedora, Casillas!

Comecei a balançar a cabeça ao me afastar...

E continuei balançando a cabeça, mesmo quando percebi que ele tinha usado meu sobrenome outra vez.



— Alguém finalmente transou!

Franzi o rosto e olhei ao redor.

— Quem? A Phyllis?

— Sal, que nojo. — Harlow estremeceu. — Não. Você sabe de quem estou falando — ela disse, com aquele olhar de “você sabe muito bem quem”.

— Hã? — Passei os olhos por ela e foquei no linguíção exageradamente

agressivo caminhando ao redor do campo, ajudando a montar os aparelhos com o restante da equipe. Isso era normal, exceto pelo fato de que ele estava *mesmo* meio que sorrindo. Caramba. Para um homem que tinha mais em comum com um robô, acho que aquilo era o máximo de que ele era capaz.

Ainda assim, o sorriso foi direto ao meu estômago.

— Olhe para ele. Parece feliz. É esquisito e errado, não é? — murmurou ela.

Era esquisito e um pouco errado.

Inclinando a cabeça para o lado, continuei puxando as meias para cima dos tornozelos e observei-o por mais alguns segundos. O sorriso não durou muito, e havia mais alguma outra coisa diferente em seu rosto, em todo seu comportamento. Ele parecia um filho da mãe arrogante, o mesmo filho da mãe arrogante que tinha o costume de dominar o campo.

Ah, Deus. Ele estava de volta. Minha intuição dizia que talvez ele tivesse transado, apesar de ele não parecer o tipo de pessoa para quem sexo fazia uma grande diferença na vida. Era algo além disso.

Aqueles olhos castanho-esverdeados olharam ao redor do gramado enquanto ele enfiava um grande obstáculo amarelo no lugar, e me pegaram olhando para ele. As pálpebras se abaixaram, e um dos cantos da boca subiu em um sorriso que tinha um quarto do tamanho de um sorriso normal. Aquilo se transformou em um esgar segundos depois.

Eu sabia no que ele estava pensando: perdedora.

Mas aquele sorrisinho dizia tudo. Eu estava certa. Talvez ele tivesse transado, e não gostei nada de como aquela ideia deixava minhas orelhas estranhas, mas eu sabia por que Kulti estava sorrindo.

Porque, talvez, tivesse acabado comigo ontem.

Mas a verdade era que, pelo menos na versão da verdade que eu queria aceitar, ele finalmente tinha jogado futebol pela primeira vez em anos.

E, quer saber? Por mais que eu odiasse o fato de que ele tivesse ganhado por um ponto, tive que rir comigo mesma. *De nada, pão de centeio.*

Droga, aquilo era irritante. *Ele* era irritante.

— Até parece. Provavelmente, ele ficou acordado fazendo um inventário dos próprios troféus ontem. — Eu ri.

Harlow fez uma careta e riu.

Sacudindo as sobrancelhas, dei-lhe uma cotovelada na lateral e apontei na direção onde as minifaixas para alongamento estavam. Jesus Cristinho, eu estava dolorida. Era provável que eu parecesse um urso desajeitado andando. Ocupada ao ajeitar o coque e a faixa para a franja não cair no rosto, mal ergui os olhos ao passar por Gardner, Kulti e Phyllis, a preparadora física.

— Oi — eu os cumprimentei.

— Bom dia — Gardner respondeu.

Phyllis disse algo que, provavelmente, foi um bom-dia.

O alemão resmungou “oi”. Aquela expressão idiota atravessou os olhos dele, e fingi ignorá-lo ao continuar andando. Bem, era mais um mancar do que um caminhar.

Meu mancar ficou ainda mais evidente depois da primeira meia hora de treino. Ficou tão ruim que comecei a sonhar acordada com a possibilidade de entrar em uma banheira de gelo. Quero dizer, quem sonha com um banho de gelo?

A cereja no topo do meu bolo de dor foi quando passei correndo por Kulti. Atrás de mim, ele gritou: — Você planeja correr um pouco mais rápido hoje, Casillas?

Precisei de todas as minhas forças para não me virar e mostrar os dois dedos do meio.

O treino não foi dos melhores. Sentia dor por toda parte; meus tendões estavam tensos demais, meus ombros, um pouco sensíveis, e eu estava cansada. No dia anterior, eu tinha passado dos limites. Então, é, eu estava praticamente me arrastando. Não ajudou em nada todo mundo ter notado. Duas horas pareceram dez, e quando todo o equipamento foi retirado, eu estava praticamente me arrastando. Mas consegui fazer o que eu havia planejado, não consegui? Consegui fazer o Scrooge dar um meio-sorriso, e ele não tinha falado um monte de idiotices para mim.

Podia até ter perdido nosso um-contra-um, mas eu havia ganhado a batalha de verdade.

Não deveria ter ficado surpresa quando ouvi uma risada.

— Parece que você está com dificuldades hoje.

Devagarinho, levantando-me da posição agachada em que estava, na mesma hora revirei os olhos em resposta a Kulti. Ele estava a alguns metros

dali, tendo empurrado um dos obstáculos pesados de metal para a lateral do gramado.

— Ah, eu estou ótima. Como você está?

A boca dele se transformou em uma linha reta que mostrou exatamente como achava que eu estava mentindo.

— Maravilhoso.

Mentiroso de uma figa.

— Ah, é? Pensei ter visto você favorecer um pouco a perna esquerda, mas acho que me enganei.

Como se ter mencionado aquilo fizesse a dor piorar, a perna dele se moveu na mesma hora em que os olhos se semicerraram. Com a voz insossa e seca, ele disse: — Minha perna está ótima. — Mas ainda tinha aquela expressão esquisita nos olhos. Como se estivesse só um pouquinho frustrado com a dor no joelho; ou, no caso dele, com a “inexistência” da dor no joelho.

De propósito, dei uma olhada em seu joelho e falei: — Aham. — Então, voltei a olhar para seu rosto.

Erguendo o queixo, encarei-o bem nos olhos. É sério, ele tinha o rosto mais intenso que eu já tinha visto, e provavelmente veria, em toda a vida. Seu olhar era inabalável e firme. Se alguém pudesse ter sabres de luz nos olhos, seria Kulti. Ele tinha o olhar exigente que boxeadores e lutadores aperfeiçoavam para quando ficavam cara a cara com seus oponentes durante as pesagens.

Espere aí. Por que ele estava me olhando como se eu fosse sua inimiga?

Por um breve segundo, aquela ideia me incomodou. Mais tarde, questionei se eu estava tão subconscientemente entediada que o fato de Kulti me olhar como se eu fosse uma oponente de verdade tinha sido empolgante. Mas... tudo bem.

Sorri para ele, *não*, dei um sorriso pretensioso para ele. Estava satisfeita comigo mesma.

Suas narinas dilataram em resposta, e Kulti simplesmente continuou me encarando, cabeça erguida e pescoço alongado. Ele era um babaca orgulhoso demais.

E, por mais que eu fosse gostar de ficar parada ali, encarando-o, eu sabia

o quanto era importante eu fazer algo a respeito da dor no meu corpo. Deixei meu sorriso crescer e, então, dei alguns passos para trás.

— Vejo você mais tarde, treinador. — Mais dois passos para trás, olhei para a perna dele. — Não abuse da perna.

Não era como se ele precisasse dos meus conselhos quanto ao que fazer. Rá. Aposto que era irritante.

Como esperado, ele era um mestre em ser igualmente irritante.

— Não se esqueça de botar gelo. Não quero você inútil no próximo treino.

Passei a língua pelos dentes e assenti.

— Pode deixar.



No dia seguinte, seu mancar estava pior. Apesar do meu banho de gelo — e que todos estejam avisados: mesmo depois de tomar uns cem deles, nunca deixam de ser uma grande merda —, eu ainda estava com dor por toda parte.

E quando Kulti me notou caminhando com as pernas tortas, assim como notei que ele ainda desfavorecia a perna esquerda, nós dois simplesmente trocamos olhares de reprovação.



— A gente vai ganhar ou vai *ganhar*? — gritou Grace, capitã do Pipers, a plenos pulmões.

A energia em nosso círculo estava palpável — mais do que palpável. Eu sentia bem nos ossos, bem no âmago. Em cada uma de nós, havia expectativa, alegria, vontade e até um pouquinho de violência criando a tensão elétrica no grupo.

Na noite do primeiro jogo da temporada regular, o cheiro de sangue estava no ar.

Meses de prática e anos de experiência trouxeram cada jogadora do Pipers até ali. Queríamos e precisávamos ganhar. O primeiro jogo era sempre decisivo em relação a como cada time lidaria com o resto da temporada.

Eu amava aquilo. Eram as possibilidades infinitas, as oportunidades. A chance de recomeçar, não importando como a última temporada tivesse sido. Essa era minha época preferida. Saber que meus pais estavam lá, Marc, Simon e alguns outros amigos que me acompanhavam naquela longa jornada, só me deixou ainda mais animada. Não se tratava apenas de mim, mas de todos eles. Dos meus pais que tinham trabalhado duro pra caramba para me colocar nas ligas jovens, nos times, nos clubes, em acampamento após acampamento, seleções nacionais juvenis, na universidade e na Liga Profissional Feminina. Marc e Simon estiveram comigo desde quando eu era uma garotinha acompanhando Eric. A garotinha de quem eles amavam encher o saco e para quem haviam ensinado hábitos terríveis — como dar cotoveladas e tropeções. Haviam jogado comigo quase tanto quanto Eric.

Eu estava faminta por uma vitória, por todas elas.

Aquele momento na história era importante para todas as minhas colegas de time. Era amor. Era perfeito.

Pelo som de todas gritando “*Nós vamos ganhar!!!*”, eu não era a única

com emoções intensas em relação àquilo.

Nossos braços se conectaram, passando por cima e por trás de cada uma. E cada mulher que tinha chegado até ali gritou “PIPERS” a plenos pulmões.

E entramos em campo.



— Foi um jogo equilibrado...

Um eufemismo. Nós quase perdemos.

— ... mas conseguimos, senhoras. Não pensem que foi fácil...

Paradas todas juntas, suadas e exaustas, bati o braço no de Genevieve, uma jogadora mais nova ao meu lado, que havia marcado o gol da vitória nos últimos cinco minutos. Ela me deu um grande sorriso animado, que lhe devolvi de coração.

Um braço pesado e úmido se enrolou no meu pescoço, no que poderia ser considerado um estrangulamento se tivesse sido qualquer outra pessoa além de Harlow. Mas era o jeitinho com que ela me abraçava. Sua boca pressionou minha têmpora quando falou em uma voz baixa e animada: — Caramba, a gente conseguiu, Sally.

Passei o braço ao redor do meio das suas costas e apertei-a com força, assentindo com um sorriso no rosto.

— É claro que conseguimos — sussurrei de volta, empolgação ainda correndo pelas minhas veias.

Gardner continuou com a lenga-lenga sobre definir a qualidade do restante da temporada e mencionou algumas coisas nas quais tínhamos que trabalhar. Por fim, depois de alguns minutos, ergueu a mão para que todas tentássemos acertá-la, e disse: — Vou sair hoje à noite. Quem vem comigo?

Eu não. Minha família estava na cidade, e eu geralmente celebrava com eles e o resto do time. Tinha acabado de queimar centenas e centenas de calorias jogando a partida toda; eu aguentaria uma refeição mexicana de tamanho razoável e quatro litros de água sozinha. Jenny viria com a gente, como ela sempre fazia nas aberturas de temporada.

Alguns integrantes da equipe comemoraram e confirmaram que iriam com ele.

Terminei de me trocar no vestiário e encontrei Jenny do lado de fora, para

que pudéssemos ir até minha família. Gardner e seu pequeno grupo estavam logo em frente, também saindo do estacionamento. Não deixei de notar que Kulti não estava com eles.

Ao passarmos pelas portas duplas, vi um Audi preto parado na esquina.

Então, vi a multidão vestindo diversas versões dos uniformes de Kulti ali perto. Observei pelo tempo que pude, curiosa para ver se o alemão sairia ou não. Quando cheguei no carro e saí da vaga, nada tinha mudado. Vi a caminhonete de Gardner sumindo do estacionamento na minha frente.

Mas o Audi preto ainda não havia se movido, nem as pessoas paradas ali perto.



Alguns dias depois, ouvi: — Vinte e três! — Eu quis bater com a cabeça em uma porta imaginária.

Quantas vezes meu número tinha sido gritado na última hora e meia? Meu melhor palpite era entre uma dúzia e vinte. Qualquer número acima de dois era demais.

Eu quis socá-lo bem na virilha. Qualquer culpa que senti por ele não ter jogado em dois anos, ou por como o pobre homem não era capaz de andar até o carro depois de um jogo sem ser rodeado por pessoas, não importou nem um pouco naquela hora. Nem mesmo um pouquinho.

Paciência, Sal. Paciência.

Andei com pressa até onde ele estava e inclinei a cabeça para trás, ignorando o fato de que, havia três semanas, eu não era capaz de conversar com ele usando frases completas.

— Sim?

— Você não tem exercícios para fazer?

— Não. — Apontei o dedão para trás. Vinte segundos tinham se passado desde que eu os havia terminado, e ele, chamado meu nome. — Estou esperando para começar o alongamento.

Aqueles olhos preguiçosos deram uma piscada lenta. Olhando nos meus olhos pelo que pareceu um minuto inteiro, ele, por fim, baixou a voz e perguntou: — Quer jogar hoje?

Huh.

Parecia que havia holofotes de estádio e uma dúzia de câmeras em cima de mim. Tive que lutar contra a vontade de olhar ao redor para me certificar de que não era pegadinha. Meu quadríceps pulsou com nervosismo ansioso.

— Eu não posso...? — eu disse, como se fosse uma pergunta, absorvendo a expressão confusa dele. — Você quase me matou no outro dia. Talvez no fim de semana?

Ele só deixou um segundo passar.

— Tudo bem. — Será que era decepção em seus olhos?

Ah, caramba. Acho que era.

Eu observava seu rosto quando sugeri: — Tenho alguns amigos que jogam softbol por lazer. Eles até que são bons, e eu jogo com eles de vez em quando. Vai ter um jogo hoje à noite. Poderíamos ir.

Ele piscou para mim.

— Meu contrato diz que não posso jogar qualquer tipo de futebol regulamentado em um time, mas não diz nada sobre outro esporte — expliquei.

Ele pareceu refletir por alguns segundos, e fiquei bem convencida de que me mandaria dar o fora dali, mas, inesperadamente, ele assentiu.

— Tudo bem. Mande o endereço e a hora por mensagem.

Aquilo era real?

— Eu não tenho o seu número — meio que grasnei.

— Qual é o seu? — Ele tirou o celular do bolso meio segundo depois, e ditei com pressa o meu número. Outro longo momento depois, ele assentiu. — Agora você tem.

Minha ficha só caiu muito mais tarde em relação ao que ele tinha dito e ao que aquilo significava.

Eu tinha o número de celular de Reiner Kulti, primeiro.

E eu mandaria uma mensagem para ele, segundo.

Mas o terceiro foi o que realmente me atingiu direto na cavidade torácica; Kulti tinha me perguntado se eu queria jogar com ele.

Ele tinha me chamado para jogar. Com ele.

Em vez disso, ele jogaria softbol comigo e com alguns dos meus amigos. Huh.



Sete da noite no Hershey Park. Vou esperar ao lado dos banheiros
perto do estacionamento.

Verifiquei o celular mais uma vez para garantir que a mensagem tinha sido mesmo enviada. Então, verifiquei de novo para garantir que eu não tinha perdido nenhuma resposta. Não tinha.

Com o taco, a luva e uma garrafa de água em uma das mãos e axilas, mexi na faixa de cabelo com a outra. Por acidente, tinha pegado uma grossa no porta-luvas, que cobria as orelhas e me fazia sentir um pouquinho claustrofóbica. Ajeitei-a mais um pouco enquanto olhava ao redor do estacionamento quase cheio. Já faltavam cinco para as sete, e Kulti ainda não havia aparecido.

Então, aquilo me atingiu com a mesma força da primeira vez — Kulti estava vindo jogar softbol, logo depois de ter me perguntado se eu queria jogar futebol com ele. Por que ele não havia chamado outra pessoa?

Bem, eu provavelmente era a atacante mais agressiva no time, então tínhamos isso em comum. Harlow não contava porque... ela era zagueira, certo? Eu era a mais rápida. Sem querer me gabar muito, mas aquilo era a verdade. Então, falando sério, contra quem mais ele jogaria? Meu estilo era o mais próximo do dele, e Kulti tinha gostado de ganhar de mim na primeira vez.

Então pronto.

Nada de mais.

Eu era a escolha óbvia.

Além disso, talvez ele tivesse chamado outra pessoa. Eu duvidava, mas nunca se sabia.

Era possível que outro minuto tivesse se passado, e olhei pelo estacionamento de novo, ansiosa. Estava apreensiva. Por que eu estava apreensiva?

Pelo bem de Kulti, eu já tinha decidido não contar a ninguém quem ele era. Eu não sabia como reagiriam, ainda mais Marc e Simon, ou sequer se o deixariam jogar, e não queria que ele se sentisse como se a atenção estivesse nele o tempo todo. Eu diria que ele era um amigo que havia se mudado para

Houston havia pouco tempo.

O que não era *totalmente* mentira, imaginei.

Os faróis de um carro iluminaram meu corpo por um breve segundo, antes de o automóvel que entrava no estacionamento virar e, por fim, entrar em uma vaga na fileira seguinte. Era o mesmo sedan desinteressante e simples que não teria chamado minha atenção, mesmo com o emblema da Audi nele.

É claro que ele viria em um Audi.

Sorri comigo mesma enquanto um corpo longo se desdobrava para fora da porta do passageiro, fechando-a com uma batida antes de seguir até a parte de trás e tirar uma bolsa do porta-malas recém-aberto. O corpo alto e esguio parecia ainda mais imponente sem a camiseta do time ou a camisa polo. As linhas graciosas dos músculos, que contornavam os ombros e os braços pela primeira vez desde que ele havia parado de jogar futebol em tempo integral, estavam perfeitamente delineadas na sombra do sol poente. Mas no que dei uma boa olhada foi na faixa da cabeça: parecia a minha, achatando o cabelo curto e dando-lhe a aparência de uma pessoa diferente. Nada parecido com ele, a menos que você realmente soubesse para quem estava olhando. O comprimento do cabelo no topo daquele corpo grande e a barba eram um disfarce excelente.

Cocô. Cocô, cocô, é o seu treinador sua idiota, cocô.

Ele me deu o que poderia ter sido considerado um sorriso, caso eu fechasse os olhos e olhasse de lado, no instante que me viu parada ali, o que foi quase imediatamente.

— Oi — eu o cumprimentei.

Aquilo que poderia ser um sorriso cresceu talvez um milímetro. Ele grunhiu um cumprimento, olhando ao redor para os três campos que pareciam formar um U. Dois já estavam cheios, mas o que meus amigos costumavam usar para jogar estava quase vazio, havia só algumas pessoas reunidas.

— Vamos, antes que a gente acabe em um time de merda... — Fiz uma careta. Será que eu podia xingar na frente dele, mesmo não sendo algo relacionado ao Pipers? — Um time ruim, quero dizer.

Ele inclinou a cabeça em um aceno preguiçoso e me seguiu enquanto eu o guiava pelo entorno do campo.

— Eles são todos bem legais — eu disse, não que Kulti se importasse. — Mas acho que deveríamos manter sua identidade em segredo.

Kulti deu de ombros, mas não disse nada ao nos aproximarmos do que rapidamente contei serem dezessete pessoas. Droga. Reconhecendo mais da metade, acenei para as que eu conhecia e segui na direção de Marc e Simon, que estavam de costas para mim. Assim que me aproximei o bastante, chutei cada um na bunda com a lateral do pé.

— Oi, pessoal.

Marc se virou primeiro, franzindo a testa por ter sido chutado até perceber que havia sido eu.

— Sua ridícula, você poderia ter avisado que viria.

Revirei os olhos e dei de ombros.

— Foi uma decisão de última hora. Você vai superar.

Sem cuidado, o homem com quem eu trabalhava todos os dias me empurrou na direção de Simon, que me deu um grande sorriso antes de me puxar para um abraço completo, parecendo que fazia semanas, não dias, que não nos víamos.

— Ainda bem que você veio, Salmonela. Precisamos de você.

— Faz semanas que eu falo que ela deveria vir, mas alguém é boa demais para nós, meros mortais — Marc adicionou, só para me provocar.

— Você, cale a boca. Estou aqui e trouxe reforços. — Por fim, apontei para Kulti, que havia parado a alguns metros atrás de mim à direita. — Meu amigo e eu queremos jogar, então pensei em vir aqui e ver se vocês tinham vagas.

Marc e Simon olharam por cima de mim, então, para o lado, e viram uma versão reconstruída do Kulti. Nenhum deles disse nada por tanto tempo que comecei a achar que o tinham reconhecido.

Foi Marc que ergueu uma sobrancelha, questionando “amigo?”. E Simon, que não tinha filtro algum naquela matraca enorme, perguntou: — Você finalmente arranhou outro namorado?

— *Amigo* — insisti. Olhei para Kulti em busca de alguma pista do que eu deveria chamá-lo, mas ele não notou a pergunta na minha voz. — ... Rey? Estes são Marc e Simon. Marc e Simon, este é... Rey. — Dizer o nome dele em voz alta, como se realmente fôssemos amigos, foi estranho. Foi como

escrever com a mão esquerda. Quase senti que me meteria em uma encrenca por dizê-lo em voz alta, mas não me deixei pensar muito naquilo.

Os dois homens com quem eu havia crescido jogando bola não perderam tempo. Eram irritantes, mas não eram mal-educados. Cada um fez questão de apertar a mão de Kulti antes de voltarem aos lugares. Simon não se deu ao trabalho de olhar para o homem, mas notei Marc encarando-o com intensidade demais.

Merda.

Eu contaria a verdade a ele mais tarde, quando tivesse certeza de que ele não perderia a cabeça e começaria a chorar. Se ficaria furioso? É claro, mas ou era ele ficar bravo comigo, ou a possibilidade de ele cair no chão e começar a beijar os pés de Kulti.

— Então, vocês têm espaço? Acho que contei dezessete pessoas, certo? — perguntei, oscilando para a frente e para trás nos calcanhares e balançando meus pertences com a outra mão, sem tirar os olhos de Marc.

Simon soltou um barulho ao olhar para trás na direção das pessoas que tinham se reunido.

— Vou ver se alguém quer ficar no banco agora e jogar a próxima.

— Tudo bem, se não eu posso ficar no banco e vejo se alguém troca de lugar comigo na próxima — ofereci, ainda de olho no homem de cabelo escuro com quem eu havia crescido.

Simon, o louro alto, revirou os olhos e fez uma careta.

— Até parece. Se você pedir para metade desses imbecis deixarem você jogar, eles vão lutar para ver quem vai te ceder um lugar.

Bufei, e ele foi na direção do grupo, deixando-me com Kulti e Marc. Marc estava olhando para Kulti como se estivesse tentando arrancar as roupas dele. Linhas enrugaram sua testa e, um segundo depois, angulou o olhar na minha direção e a confusão ficou ainda pior.

— Ei, Sal? — ele chamou, devagarinho, inclinando a cabeça para o lado.

Kulti estava ocupado olhando ao redor, indiferente. Ainda bem.

Lancei um olhar a Marc que, sem dúvida alguma, dizia *cale a boca*.

— Depois.

— Venha aqui — ele insistiu, falando baixo, olhos se apertando mais um pouquinho.

Por sorte, Simon escolheu aquele exato momento para reunir todo mundo e escolhermos os times, então me virei. Com meu chefe/amigo de um lado, e um ex-jogador profissional de futebol do outro, caminhamos em direção a Simon.

Mas Marc não me deixou em paz. Batendo o punho contra o meu ao caminarmos, ele se inclinou na minha direção.

— Sal, é o...

— Não.

— Puta mer...

— Pelo menos não abra o bico, seu bocão — sibilei para que Kulti não me ouvisse.

Marc parou de andar, e seu rosto usualmente bronzeado empalideceu.

— Você está de brincadeira?

— Não.

Segui em frente. Se eu não lhe desse atenção, então não poderia confirmar nada.

Decidiram quem seriam os capitães dos times através de um processo de adivinhação de números. Os campeões foram um homem com quem eu havia jogado algumas vezes, cujo nome eu achava que era Carlos, e o outro eu não conhecia. Depois de uma rodada intensa de Pedra, Papel e Tesoura, Carlos pôde escolher primeiro. Na mesma hora, olhou para mim e me chamou para perto.

— Escolho a Sal primeiro.

— Que puxa-saco — disse Simon, quando passei por ele, um sorriso carinhoso no rosto. — *Eu sou a Sal e eu jogo futebol profissional. Olhe só para mim* — ele adicionou em uma voz aguda e feminina antes de me chutar na bunda.

O outro capitão chamou o nome de Simon, e empurrei a perna dele para longe, rindo.

Cada pessoa foi escolhida até sobrar apenas Kulti, uma garota com quem eu já tinha jogado e um outro cara. Marc também havia sido escolhido para o time de Carlos, e não deixei de notá-lo fazendo caretas, inclinando a cabeça na direção de Kulti de maneira não muito sutil. Por fim, entendendo o que estava acontecendo, Carlos apontou para a ex-estrela. Eu faria questão de me

lembrar de que ele tinha sido escolhido quase por último no que deveria ser a primeira vez na vida, e disse: — Eu escolho aquele ali.

Não me segurei e ri. Quando encontrei os olhos de Marc, ele me deu um sorrisinho furtivo e astuto que havia perdido o toque de palidez. Até onde eu sabia, Kulti poderia ser tão ruim quanto meu irmão no softbol, então eu não sabia muito bem com o que Marc estava animado. Aquilo poderia dar muito errado.

Enquanto nos reuníamos em um círculo, assim que a outra garota foi escolhida, o equipamento foi buscado e nos preparamos para jogar. Olhei para Kulti e disse com a voz baixa: — Eu deveria ter perguntado antes, mas... você sabe jogar?

Pela expressão dele, daria para pensar que eu tinha perguntado se ele sabia o que era um cartão amarelo. Caramba.

Ergui as mãos em uma oferta de paz.

— Só perguntei. — Havia mais uma coisa, caso ele fosse muito bom com um taco e uma luva. — Olha, isso é só por lazer, ok? Acho que eles não aguentariam suas habilidades super-humanas, então maneire um pouco. Tudo bem?

O sorrisinho satisfeito dele disse tudo, e finalmente assentiu uma vez, concordando.

— Tudo bem. Vamos ganhar de qualquer maneira.

— Dã. — Como se qualquer outra coisa fosse sequer uma possibilidade. Ergui a mão e empurrei o ombro dele antes de perceber o que eu estava fazendo, e congelei. Então, puxei-a para longe e franzi a testa. — Ah, desculpa.

Eeeee aquilo foi esquisito.

Não sei o que eu esperava que ele fizesse, mas me dar um sorriso tão grande que — eu juro — fez meu coração parar de bater, não era o que eu esperava. Eu já o tinha visto ganhar campeonatos pela televisão, e é claro que ele estivera sorrindo naqueles momentos, mas... o que acabava de atravessar seu rosto de maneira tão abrupta tinha sido muito além do inesperado.

Tudo o que fiz foi encará-lo em silêncio por um momento. Um momento longo o bastante para me fazer parecer uma idiota completa antes de me obrigar a lembrar de *cocô*, então, sorri de volta.

— Sal! Não temos o dia todo, venha logo para cá! — gritou Simon, de algum lugar atrás de mim.

Encontrei os olhos de Kulti mais uma vez, dei-lhe um sorriso igual ao que, agora, tinha desaparecido do seu rosto, e fui em direção ao restante do grupo. Os olhos de Marc iam e vinham entre a faixa do meu treinador e a minha, sua expressão tranquila e curiosa. Não foi até ele engolir em seco o que parecia uma toranja que percebi que ele estava morrendo por dentro. E, quando seus olhos passaram por mim, confirmei.

— Eu gosto de jogar interbases — anunciou Carlos, o capitão do time naquele jogo.

Outros dois homens falaram e anunciaram as posições nas quais achavam ser bons. Isso me fez revirar os olhos, porque todos achavam ser bons nas posições populares. Aquilo sempre acontecia. Tudo o que se precisava fazer era sorrir e, em algum momento, tudo acabaria dando certo. Eu não era impaciente, e não me importava em jogar nas posições de que ninguém mais gostava.

Carlos olhou para nós quatro: Marc, Kulti, outro homem que eu não conhecia e eu.

— Tudo bem vocês jogarem na defesa externa e na segunda-base?

Fiquei só um pouco surpresa quando Kulti não se manifestou nem disse sua opinião, mas, quando se concordou unânime e silenciosamente que jogaríamos em qualquer posição, aqueles olhos castanho-esverdeados encontraram os meus, e um sorrisinho cobriu a metade inferior de seu rosto.

Dois segundos depois, estávamos posicionados pelo campo. Eu, no campo externo, ele também.

Cerca de dez minutos depois, Simon gritou nas laterais: — Isso é ridículo!

Foi logo depois que peguei a terceira bola fora, e depois da bola que Kulti pegou e de uma segunda que ele mandou voando para a terceira base com tempo de sobra. Quem diria que ele tinha um braço bom?

Trocamos para a posição do rebatedor e quase nada mudou. Kulti mandou a bola para perto da cerca, para conseguir chegar na terceira base em uma única corrida. Lancei a bola longe o bastante, permitindo que o jogador na primeira base atravessasse a *home base*. Corri rápido e cheguei na segunda.

Trinta e cinco minutos depois, o capitão adversário estava praticamente espumando pela boca, gritando com o capitão do nosso time sobre como precisariam escolher jogadores diferentes no jogo seguinte.

— Eles — e apontou para Kulti e para mim, que havíamos surpreendentemente, ou talvez nem tanto assim, jogado como se fôssemos colegas de time há anos — não podem ficar juntos no mesmo time!

Então talvez tenha sido um pouco injusto.

Só um pouquinho.

Quero dizer, aquilo era softbol e nós éramos jogadores de futebol. Eu tinha sido uma moleca quase a vida toda, e era boa na maioria dos esportes. Nunca tinha sido uma boa estudante, sempre escolhi treinar em vez de estudar, mas não se pode ter tudo, a não ser que você seja a Jenny.

E Kulti também era bom em pegar e arremessar a bola. Quem diria?

Eu nunca dava meu melhor em qualquer tipo de jogo de “lazer”; primeiro, não podia me machucar e, segundo, não gostava de dominar os jogos, sendo que eu tinha plena consciência de que as pessoas jogavam para relaxar. Não precisavam do meu eu competitivo arruinando tudo. Nem Kulti tinha corrido tão rápido quanto nós dois sabíamos que ele conseguia; mas, mesmo dando cinquenta por cento de si, ainda estava anos-luz na frente de um ser humano comum. Correu mais devagar, segurando-se, e notei que ele realmente estava tentando dar uma chance às outras pessoas.

Mas o ponto era que o homem não gostava de perder. Eu também não gostava. Então, se as pessoas não aproveitavam as oportunidades que dávamos a elas, bem, um de nós faria algo a respeito. E, por alguma razão, eu tinha plena consciência de onde ele estava no campo a todo momento. Ele pegava bolas e as arremessava durante todo o jogo.

No fim, ganhamos de nove a zero.

Então, decidindo levar *Rey* para o outro time, encontrei seus olhos inquietos em nossas novas posições em lados opostos do campo. Ele não teve que dizer nada, nem eu. Aquela seria nossa revanche. Segunda rodada. Poderia ser um esporte completamente diferente, mas, na verdade, seria eu contra ele.

Aquela chama ardente que eu sentia no peito durante as partidas queimou dentro de mim quando nossos olhares se encontraram, e lancei a ele meu

sorrisinho de *manda ver*.

Se ele acabaria comigo? Eu esperava que não.



— Filho da mãe — murmurei comigo mesma, quando o relógio de pulso de Simon apitou com o tempo.

Marc trotou até meu lado, seu rosto corado e chocado.

— Nós perdemos?

Assenti devagar, meio pasma.

— Sim.

— Como? — ele perguntou. Nunca perdíamos, ainda mais quando eu e ele estávamos juntos no mesmo time.

— Foi culpa dele — respondi. Não havia necessidade de apontar. Nós dois sabíamos a quem eu me referia.

Apenas olhamos um para o outro e, em silêncio, fomos nos esconder com nossa decepção. Peguei meu taco, preendi a luva debaixo do braço e me alonguei. No meio do processo, um corpo se acomodou no chão ao meu lado, e eu soube que era Kulti.

Babaca.

Como ele não disse nada, senti a frustração crescer. Quando não encontrei forças para dizer nada, minha raiva se inflamou. Por fim, ele olhou para mim e manteve a expressão neutra.

— Um treinador que eu tive costumava dizer que ninguém gosta de um mau perdedor.

Minhas sobrancelhas se transformaram em uma linha reta.

— Acho difícil acreditar que você deu ouvidos a ele.

As sobrancelhas dele se ergueram, e o toque de uma expressão angelical e serena tomou conta de seus traços.

— Eu não dei. Só estou repassando o que me falaram, Taquito.

Espertalhão.



Estávamos no aeroporto em Seattle voltando para Houston, depois do segundo jogo, alguns dias depois, quando notei a multidão rodeando nosso

treinador, que era a sensação do momento.

De novo não.

Eu não tinha dito nada sobre a multidão ao redor do Audi depois do primeiro jogo, e também não tinha ouvido ninguém dizer nada. Honestamente, não dei muita importância. Desde então, eu tinha jogado softbol e feito algumas piadas com o alemão, pelo menos até onde seu humor seco permitia.

Por outro lado, nada tinha mudado no Pipers. Ele ainda enchia meu saco sempre que tinha a chance. Eu também não lhe dei mais carona para casa. O Audi preto sempre aparecia depois dos treinos, o *insulfilm* tão escuro que eu apostaria um dólar que era ilegal.

Tudo parecia correr normalmente, não trazendo nenhuma atenção indesejada ao meu novo amigo. Ninguém fazia ideia, com a exceção de Marc — que não estava falando comigo, a não ser quando necessário, porque eu havia levado Kulti ao softbol e não o tinha avisado. Em algum momento, ele superaria.

Fora aquilo, estava tudo bem. O Pipers jogou outra partida e ganhou, e agora estávamos voltando para casa. Peguei uma carona com a última van que saiu do hotel junto com Jenny, minha colega de quarto.

A parte do time que havia chegado antes ou com o alemão estava espalhada ao longo do portão. Havia um punhado de seguranças do aeroporto ali perto, enquanto as pessoas que tinham reconhecido Kulti continuavam paradas na frente dele, encarando. Alheio a sua audiência ou simplesmente se contentando em fingir que não estavam ali, Kulti olhava para o iPad como se não houvesse pessoas que o estavam fazendo parecer um peixe em um aquário.

Por que ele não estava na sala VIP, ou sei lá qual era o nome daquele lugar, como no voo de vinda?

Kulti ergueu os olhos e deu uma olhada ao redor. Seu rosto não tinha qualquer expressão, mas ele me viu observando-o e algo se passou entre nós, algo que apenas minha intuição entendeu. Ele estava fazendo a mesma coisa que naquele jogo da pré-temporada, quando o fã o havia parado. Então quer dizer que ele sabia que estava rodeado. E procurava ajuda.

Eu poderia tê-lo ignorado. Sabia muito bem como seria fácil fingir não o

ter visto. Droga.

— Jen, você está com suas cartas de Uno? — Eu realmente esperava que aquilo não se virasse contra mim, porque não tinha certeza se meu orgulho aguentaria.

Parada bem ao meu lado, enquanto ela bebericava o cafezinho que havia comprado a caminho dali, Jenny assentiu.

— Sempre.

— Está pronta para fazer sua boa ação do dia? — perguntei, sabendo muito bem qual seria a resposta dela.

— É claro. O que vamos fazer?

— Vamos ver se Kulti quer jogar.

Seus olhos amendoados nem piscaram.

— Vamos?

— Sim.

Ela levou alguns segundos para me acompanhar quando fui em direção ao alemão solitário, mas me seguiu sem discutir. Ele ergueu os olhos enquanto eu me acomodava no assento vazio à esquerda, a mochila dele do outro lado, então Jenny se sentou no banco vazio ao meu lado. As sobrancelhas de Kulti formaram uma linha esquisita, como se não soubesse muito bem o que estava acontecendo e estivesse na dúvida sobre aquilo ser algo bom ou não.

Jenny passou as cartas para mim — sorradeira pra caramba.

Ergui as sobrancelhas e posicionei as cartas no meu colo para que ele pudesse vê-las. Não deixei de notar que a multidão de espectadores estava nos observando cheia de curiosidade, mas sabiam que era melhor não dizer nada. Foquei minha atenção em Kulti o tempo todo, observando os olhos dele irem das cartas ao meu rosto e, então, outra vez ao deque.

Parte de mim esperava que ele dissesse não.

Mas ele não disse. Pegou o iPad e o colocou dentro da mochila, erguendo as sobrancelhas grossas.

— Faz muito tempo que não jogo isso.

Jenny esticou o pescoço atrás de mim, dando um grande sorriso.

— A gente te ensina.

Ri e empurrei o rosto dela para trás com a mão em sua testa.

Em menos de quinze segundos, nós três estávamos sentados no chão do Aeroporto Internacional de Seattle-Tacoma, jogando Uno rodeados por um pequeno grupo de fãs do Kulti, o que me deixou desconfortável. Eu não podia evitar olhar para cima de vez em quando e sorrir para as pessoas que nos observavam, porque eu não sabia mais o que fazer. Mas aquilo não impediu nós três de tentarmos ganhar um do outro.

E exatamente seis horas depois, quando nosso avião pousou em Houston, eu tinha recebido um e-mail do meu pai que dizia: **Você está famosa.**

Havia fotos minhas e de Jenny sentadas com Kulti, rindo até a barriga doer durante um dos nossos jogos. Alguém tinha postado a foto em um site de fãs. Abaixo da imagem, em uma legenda em itálico, estava escrito: *Se uma dessas sapatões for a namorada dele, eu me mato.*



Exatamente uma semana depois da partida de softbol, dias depois de as fotos de Jenny, o linguirão e eu jogando Uno no aeroporto terem ido parar na internet, Kulti me puxou de lado após o alongamento, ao fim do treino.

Raramente conversávamos durante o treino, a não ser que fosse ele me chamando de um sinônimo diferente para lenta, ou me perguntando se eu terminaria o treino de passes na próxima década. Eu não levava para o lado pessoal, e tentava não pensar muito nisso. Tínhamos só jogado softbol. Não tínhamos nos casado.

Raciocínio estranho.

Então... tanto faz. Eu estava aprendendo e melhorando, e estava ocupada o bastante para que não ficasse só pensando naquela amizade esquisita.

— Você vai jogar hoje à noite de novo? — Kulti sussurrou quando cheguei perto.

Mantive os olhos em frente, não importando o quanto quisesse olhar para ele.

— Eu estava pensando em ir. — Fiz uma pausa. — Você quer ir?

— Sim — ele respondeu sem perder tempo. — Mesma hora, mesmo lugar?

— Aham. — Acenei para Harlow quando ela passou por ali, não deixando de notar a sobrancelha erguida com que ela me olhava. — Espero você no mesmo lugar.

Kulti resmungou em concordância.

Nós dois seguimos nossos caminhos, sem falar nada.

Não consegui me segurar e pensei no fato de que ele queria jogar de novo. Ele queria jogar softbol, ainda por cima.

Então, a ficha caiu como da primeira vez: Reiner Kulti queria jogar

comigo. Ele havia pedido. De novo.

Eu estava tão focada em apenas uma coisa que não prestei atenção no que fazia ao me preparar para ir embora. Minha mente só pensava no fato de que eu tinha o número dele — cocô — e que eu esperava muito que Marc também não dissesse nada essa semana. Foi quando um repórter me encurralou a caminho do meu carro.

— Casillas! Sal!

Desacelerei e me virei. Um homem não muito mais velho do que eu estava sentado ali perto na sombra, um gravador claramente visível em uma das mãos e uma bolsa carteiro no ombro. A imprensa sempre aparecia antes do treino, ninguém ficava ali até depois.

— Oi — eu cumprimentei.

— Tenho algumas perguntas para você — ele disse rapidamente, tagarelando seu nome antes de pular toda aquela parte de “se você tiver um tempinho”. Eu não tinha tempo, mas não quis ser grossa.

Em vez disso, falei: — É claro. Mande bala.

As duas primeiras perguntas foram tranquilas, normais. O que eu achava dos analistas dizendo que teríamos um caminho difícil pela frente no campeonato, com a adição de dois novos times na Liga Profissional Feminina? Por que seria um caminho difícil? Eu gostava de um desafio. O que faríamos para garantir que continuaríamos jogando após a temporada regular? Ele deveria ter achado que eu seria tola o bastante para entregar os truques que tínhamos planejado. Ninguém nunca queria ouvir que o segredo para ganhar qualquer coisa era trabalho duro, treino e disciplina. Então, por fim, aconteceu.

— O que você acha dos rumores que estão circulando sobre Reiner Kulti estar mantendo em sigilo o problema que tem com bebidas?

De novo?

Tentei pensar em todo o treinamento de imprensa que eu já havia feito. Jamais poderia haver qualquer hesitação quando jornalistas faziam aquele tipo de pergunta. De jeito nenhum poderíamos deixá-los notar que tinham nos abalado. Principalmente eu, pois tinha quase me afeiçoado pelo linguíço alemão nos últimos tempos. Bem, pelo menos eu pensava que havia algo além daquele exterior intragável.

— Acho que ele é um treinador fantástico e que esses rumores não me dizem respeito.

Treinador fantástico? Certo. Era um leve exagero da verdade, mas uma mentira inofensiva. Na melhor das hipóteses, eu diria que ele estava tentando.

— Kulti tem dado a impressão de que poderia estar bebendo em excesso? — ele disparou a pergunta rapidamente.

Eu me permiti piscar para ele com descrença.

— Desculpa, mas você está me deixando muito desconfortável. A única coisa que ele faz em excesso é nos pressionar para sermos melhores de todas as formas possíveis. — O que eu não disse foi que ele fazia aquilo gritando conosco como se fôssemos a escória terrestre, mas se o método funcionava? Com certeza, sim. — Olha, eu gosto dele. Gosto muito dele como jogador e treinador. Ele é um dos atletas mais condecorados da história, e é uma boa pessoa. — Mentira? Não muito. Ele havia enviado um presente para o meu pai. Como? Eu não sabia, mas não importava. Um cretino de primeira não teria pensado duas vezes no meu pobre pai. — Se tem algo no passado dele ou se não tem, eu não poderia me importar menos. Eu o conheço e o respeito hoje mais do que nunca. Para mim, isso é tudo o que importa.

— Então você não está confirmando nem negando que pode haver uma chance de...

— Olhe, não dá para ser um jogador desse calibre sem algum tipo de autodisciplina extrema. Tentei beber uma Coca antes de um jogo uma vez, e isso quase me matou. Eu ficaria feliz em responder qualquer pergunta que você tenha sobre nossos próximos jogos ou treinos, ou sobre qualquer outro assunto relacionado ao Pipers, mas não vou falar mal nem espalhar fofocas sobre alguém que eu valorizo e respeito, sendo que não tenho razão alguma para isso.

Valorizo e respeito? Bem... outro exagero da verdade.

Ele não pareceu ter certeza se deveria acreditar em mim ou não, mas, por sorte, acho que o frustrei o suficiente para que olhasse atrás de mim e visse outra jogadora chegando. Aleluia.

— Obrigado por responder às minhas perguntas — disse ele, não muito grato. Mas o que ele esperava? Que eu insultasse Kulti?

Algumas pessoas com quem joguei no passado já tinham feito isso

comigo, e jurei para mim mesma, há muito tempo, que nunca seria aquele tipo de pessoa. Se não se tem nada bom para dizer, não diga nada, certo?



O alemão estava esperando por mim no estacionamento quando parei com o carro naquela noite.

Impressionante.

Até que percebi que não havia decidido se contaria ou não a ele sobre o Sherlock Júnior fazendo perguntas idiotas após o treino. Sua reação poderia ser qualquer uma, e eu não o conhecia bem o suficiente para prever qual seria.

Quando terminei de pegar todas as minhas coisas, eu ainda estava indecisa.

Um minuto depois, nós nos cumprimentamos com um “oi” e um “olá” na calçada, e eu ainda não tinha me decidido.

Mas, aparentemente, meu cérebro tinha escolhido por mim. Mal tínhamos dado três passos adiante quando soltei: — Apareceu um jornalista perguntando sobre um suposto problema com bebidas. — Bem, não era tão *suposto* assim. Eu não tiraria conclusões com base em uma noite, mas também não poderia me esquecer do que havia acontecido.

Kulti não se moveu nem reagiu de nenhuma maneira externa.

— Quem?

Falei o nome do homem.

— O que exatamente foi que ele perguntou? — Kulti questionou.

Palavra por palavra, repeti o que o homem havia perguntado. Sem pressa, fazendo questão de observar o rosto de Kulti, contei a ele na íntegra como eu havia respondido. Bem, a maior parte.

— Eu não violaria sua confiança nem sua imagem de forma alguma.

Aqueles olhos castanho-esverdeados olharam nos meus, fazendo-me pensar em um limão enferrujado.

— Eu sei que não.

O quê? Fácil assim? Ele *sabia* que não? Nada nunca era tão simples assim, e sua concordância despreocupada me deixou insegura.

— Certo. — Fiz uma pausa. — Ótimo.

Ele fez aquele breve aceno europeu que consistia em um movimento abrupto do queixo.

— Obrigado, Sal.

Houve duas partes naquela afirmação que me fizeram tropeçar, mentalmente, pelo menos.

A palavra com “O” de novo. *Obrigado*.

Mas, pelo meu ponto de vista, a palavra mais chocante era... Sal. *Sal*.

Juro por Deus, acho que eu disse algo bem próximo de “jesusmariajosé”. O que aquilo significava? Não fazia ideia, mas pareceu adequado.

Em um milésimo de segundo, eu me recuperei e ofereci um sorriso trêmulo.

— O-Obrigada. — Espere. Pelo que eu estava agradecendo? Idiota, idiota, idiota. — Por isso — expliquei rapidamente, apesar de ter soado muito mais como uma pergunta do que um comentário. Meu rosto ficou todo vermelho de repente com o elogio que ele havia acabado de me fazer.

Ele tinha me dado sua confiança, ou pelo menos algo próximo a isso.

O que se dizia depois de algo assim? Não consegui pensar em nada inteligente que não terminasse comigo sorrindo como uma pateta depois, então mantive os olhos em outros lugares ao nos aproximarmos do campo.

— Vocês voltaram! — Marc nos cumprimentou, seus olhos imediatamente se voltando para Kulti com aquela expressão de um animal prestes a ser atropelado. Ou talvez estivesse constipado. Estranho, os dois olhares eram parecidos. Ele finalmente tinha voltado a falar por livre e espontânea vontade comigo quando perguntou se eu tinha planos de ir ao jogo de softbol naquela noite.

— Você sabe que não gosto de perder. — Com um sorriso, olhei para Kulti e inclinei a cabeça na direção de Marc. — Marc, Rey. Rey, Marc, de novo. Caso não se lembre.

Estendendo a mão livre, o amigo do meu irmão apertou a mão do meu treinador, e eu juro — eu *juro* — que vi Marc olhar para a mão como se nunca mais fosse lavar aquela belezinha de novo. Teríamos que conversar, é sério. Ele estava tão abalado quanto meu pai.

— Tem espaço para nós? — perguntei.

— Tenho, só que tenho certeza de que ninguém vai concordar em deixar vocês dois no mesmo time. — Um braço familiar foi jogado sobre meus ombros. — Eu quero ficar no time dele hoje.

Resmunguei e tentei lhe dar uma cotovelada nas costelas.

— Seu traidor.

— As mocinhas estão prontas para jogar? — Simon gritou de onde, logo em seguida, ele foi rodeado por diversas pessoas.

Ninguém se surpreendeu quando Kulti e eu fomos escolhidos para times diferentes, e aquilo fez parecer que os capitães da semana já tinham combinado antes da nossa chegada. Trocamos uma mistura de sorriso arrogante e satisfeito. Em seguida, nos separamos em nossos respectivos times — meu time jogaria na defesa, e eu ficaria na segunda base. De repente, senti que éramos dois boxeadores dando voltas, ou dois carneiros prestes a se encontrarem de cabeça.

Seria divertido.



— Toque nele! Toque nele! — alguém gritou.

Era a última rodada, só faltava mais uma anulação. Eu estava na segunda base, e uma bola tinha sido jogada para a primeira. O jogador na primeira saiu em disparada na minha direção, enquanto o jogador da base inicial corria atrás dele.

Uma das minhas pernas foi esticada para trás; a outra, posta em frente para que eu pudesse tocar no corredor, se o jogador da primeira não o alcançasse primeiro. Deveria ter reconhecido o olhar do cara — determinação pura. Eu era só uma garota na frente de alguém, insistindo em não sair do lugar. Com os músculos contraídos, minha mão estava estendida para pegar a bola caso o jogador da base decidisse, no último segundo, arremessá-la.

Mas ele não o fez.

Um segundo depois, o corredor estava em cima de mim, um dos pés esmagando o meu, em uma tentativa de chegar à segunda base. E o que eu fiz? Saí da porcaria do caminho dele, mesmo sendo tarde demais para evitar o tênis pesado no peito do meu pé.

Putá merda, *que drogaaaaa*.

Uma lufada enorme de ar escapou da minha boca, e dor explodiu no pé e no tornozelo. Uma coisa era levar um pisão, mas outra bem diferente era um pé do tamanho do de um elefante tentar me atropelar.

— Anulado! Foi anulado!

— Você está cega? Ele conseguiu!

Com as mãos segurando o pé sobre o tênis, olhei para o céu e respirei através da dor enquanto tentava me convencer de que estava bem. Alguns dos jogadores discutiam sobre a decisão, mas fiquei parada na lateral agarrando a porcaria do meu pé.

— Você vai sobreviver?

Expirando pelo nariz, olhei só um pouquinho para baixo e vi Kulti parado na minha frente, seu lábio inferior mais fino transformado em uma linha reta.

— Vou ficar bem. — É, minha voz não parecia nem um pouco convincente.

Pela forma que os olhos dele assumiram, Kulti também não acreditou.

— Solte o pé.

— Daqui a pouco.

— Solte o pé.

Eu deveria fazer isso, e eu sabia, mas não quis.

— Agora, Sal.

Lancei a ele um olhar que dizia o quanto eu detestava quando ele ficava mandão, mas abaixei o pé mesmo assim, devagar, bem devagar, devagarinho...

Resmunguei, gemi e choraminguei um pouco, tudo ao mesmo tempo.

— Chega de softbol para você — ele ordenou.

Pois é. Eu precisava colocar gelo ali, porque de jeito nenhum eu ia me livrar de um lindo hematoma. Marc e Simon eram duas das pessoas discutindo sobre o resultado do jogo. Aqueles dois babacas não davam a mínima para o fato de que eu tinha sido praticamente esmagada.

— Ei, seus perdedores! — gritei. Como esperado, os dois ergueram os olhos. Rá. — Estou indo embora. Ligo para vocês mais tarde.

Assentiram, e Marc adicionou: — Você está bem?

Dei um joinha.

Com um aceno rápido para as pessoas que eu conhecia, para os que não haviam tentado me machucar, caminhei/manquei pelas laterais do campo, sempre dois passos atrás de um Kulti lento. Ele não parou nem se virou para se certificar de que eu estava ali; só continuou seguindo na direção do estacionamento. Ao chegarmos mais perto, ele deu uma corridinha até o carro. No meio-tempo que levei para caminhar o tanto que faltava até os banheiros onde eu o havia encontrado, ele já havia aberto o porta-malas do Audi e colocado um pequeno cooler azul sobre a tampa. Tirou duas coisinhas brancas dali e fechou-o de novo.

Com a mão grande, apontou para o banco na calçada.

— Sente-se ali.

Semicerrei os olhos para ver o que ele estava segurando enquanto me sentava obedientemente.

— Tire o tênis — ele continuou a ordenar, e não briguei com ele, percebendo que trazia duas compressas de gelo, uma em cima da outra, em uma das mãos.

Tirando o tênis com o outro pé, ergui o que estava machucado para apoiar o calcanhar na beira do banco. Kulti me entregou uma das compressas antes de se sentar ao meu lado. Não teve que me dizer o que fazer; rolei a meia para baixo até estar cobrindo apenas os dedos e coloquei o tecido ainda muitíssimo gelado no que já era uma pele rosa inflamada. Kulti curvou seu corpo para que a perna ficasse parcialmente apoiada no canto do assento e colocou a outra compressa em cima do próprio joelho.

Estávamos sentados em um banco quase lado a lado, com compressas de gelo.

Caí no riso.

Ri tanto que meu estômago começou a doer, e meus olhos se inundaram de lágrimas; eu não conseguia parar.

O alemão ergueu uma sobrancelha.

— O que foi?

— Olhe para nós. — Ri ainda mais, incapaz de recuperar o fôlego. — Estamos sentados aqui com gelo na perna. Jesus Cristo.

Um pequeno sorriso quebrou o rosto geralmente inflexível de Kulti enquanto ele olhava para o meu pé e, então, para si mesmo.

— E, falando nisso, por que você tem compressas de gelo no carro?

Seu pequeno sorriso ficou ainda maior e, por fim, transformou-se em uma gargalhada baixa que iluminou todo o seu rosto, de um jeito que me fez admirar como algo tão insignificante o deixava tão atraente.

— Se eu quiser andar amanhã, tenho que fazer compressas imediatamente. — Houve uma breve pausa antes de ele complementar: — Se você contar para alguém...

— Você vai acabar comigo, eu sei. Já entendi. — Sorri. — E se você contar para alguém, vou te matar, então acho que estamos quites, não é mesmo?

A expressão dele desmoronou até ficar séria.

— Não vou dizer nada.

Ergui um ombro.

Kulti deve ter achado que não acreditei nele, porque continuou: — Se você for expulsa do time, não vou ter mais ninguém com quem jogar.

Meu coração embrulhou aquele comentário em plástico-filme para preservá-lo para sempre.

— E o Gardner? — ofereci.

Ele me lançou um olhar.

— Uma vez foi o suficiente.

O quê?

— Você jogou com ele?

— Dois dias depois que joguei com você.

— Não pode ter sido tão ruim assim. — Gardner tinha jogado futebol universitário.

Kulti se recostou no velho banco de madeira.

— Alguma vez você já jogou com pessoas que eram muito piores do que você?

Aquele foi um jeito incrivelmente rude de explicar, mas assenti.

— Imagine, então. Depois, imagine que a pessoa se acha muito melhor do que realmente é — explicou.

Ah. Fiz uma careta, e ele assentiu.

Lutei contra a pergunta que vivia no meu cérebro desde a primeira vez

que ele havia me chamado para jogar e, então, decidi: por que não? E se eu nunca mais tivesse aquela chance?

— Eu estava me perguntando por que você tinha me chamado para jogar, e não outra pessoa.

Ele se ajeitou no banco e arrumou a compressa no joelho, sua atenção aprumada e as palavras calculadas.

— Você joga do jeito que eu gosto. Não hesita.

— Você não me disse ontem mesmo que penso demais quando estou com a bola?

Os bíceps dele se flexionaram contra o assento do banco.

— Disse. Você joga melhor quando segue seus instintos, não sua cabeça.

Aquilo era um elogio? Pensei que talvez pudesse ter sido.

— Mas e a Grace? Pensei que vocês dois fossem amigos.

Reiner Kulti me encarou. Sim, fui enxerida e, não, eu não me desculparia por isso.

— O marido dela e eu nos conhecemos há um bom tempo. Ele era treinador do Chicago quando joguei lá. Eu e ela não estamos mais nos falando. Mesmo se estivéssemos, eu não a teria chamado.

Por causa do que ele tinha dito para as garotas naquele dia? Talvez perguntar aquilo seria passar dos limites, então larguei mão e apenas assenti, compreendendo.

O jogador, que também era modelo de vez em quando e que uma vez já tinha aparecido quase nu em uma propaganda de cuecas, piscou seus longos cílios para mim.

— Sou grato a você. Nunca agradei o que você fez por mim naquela noite no hotel. A maioria das pessoas teria lidado de um jeito diferente com a situação. Eu... — Os olhos dele foram de um dos meus ao outro, analisando-me. — Eu agradeço. Muito.

— De nada — respondi, apesar de que, agora que estávamos nesse assunto, quis perguntar por que ele tinha ficado bêbado em um lugar tão público. Provavelmente, era cedo demais, então fiquei de boca fechada. Sacudindo os dedos dos pés, encostei-me no banco, a mão dele roçando meu ombro, e eu suspirei. — Obrigada pela compressa gelada. Espero que amanhã eu consiga andar.

O dedo indicador dele me cutucou.

— Você vai andar.

O que ele não disse foi que eu seria *obrigada* a andar. De que outra maneira eu explicaria ter levado uma patada no peito do pé? Por acidente? Com certeza, ninguém acreditaria.

Mas não significava que eu queria Kulti me dizendo o que fazer o tempo todo.

— Você vai ficar me dando ordens mesmo quando não estivermos em campo?

Ele nem mesmo piscou antes de responder: — Vou.



No dia seguinte, quase na mesma hora em que o aquecimento acabou, o alemão que havia compartilhado sua compressa gelada comigo no dia anterior, aproximou-se furtiva e discretamente. Com os braços cruzados no peito enquanto se preparava para acabar com as jogadoras, perguntou em uma voz tão baixa que só eu ouvi: — Seu pé?

Agachei e amarrei de novo as chuteiras.

— Está roxo.

Kulti não pareceu impressionado quando olhei para cima, como se eu fosse uma bebezona por sucumbir a algo como um hematoma.

— Eu tenho um óleo que pode fazer isso sumir mais rápido — ele murmurou a resposta. — Me encontre depois do treino.

Eu quase engasguei com a saliva. Sem brincadeira. De alguma maneira, graças a Deus, consegui me safar.

— Tudo bem.

Mas, é claro, nada com ele era fácil. Se jogar softbol fora do horário do treino era nosso segredinho sujo, então deixaríamos as coisas assim.

— Lide com isso até lá.

Ding, ding, ding. Ali estava o homem que eu conhecia e... respeitava?

Aff. Algo assim.

— Eu vou lidar.

Ele assentiu.

— Eu sei.

Eu vinha jogando para mim mesma fazia tanto tempo, que levei um momento para reconhecer a faísca de prazer que surgiu ao notar que outra pessoa acreditava em mim. Como uma enchente repentina, as palavras dele do dia anterior preencheram minhas veias e me fizeram esquecer da dor no

pé. Talvez nunca fosse dizer aquilo na minha cara, mas o fato era que Reiner Kulti tinha meio que se preocupado comigo.

Quem diria?



Como na maioria das lesões, o pior não apareceu até dois dias depois.

Dentro de dezoito horas, o que havia começado sendo uma marca rosada se avermelhou até um tom de ferrugem. Depois de 48 horas, a dor tinha chegado ao ápice. Pelo menos, eu esperava que fosse o ápice. Eu conseguia colocar um pouco de pressão no calcanhar e no lado de fora do pé, mas se eu tentasse andar apoiando a sola toda no chão... caramba. Eu não era fraca. Eu lidava bem com a dor e conseguia jogar mesmo assim, na maior parte do tempo. Apesar de eu com certeza não ser masoquista, havia adotado aquela mentalidade de “a mente domina o corpo” havia anos. Se não pensamos que estamos doentes, não estamos doentes.

Então eu havia colocado gelo no meu pé em toda e qualquer chance que tinha depois do treino e até durante o trabalho. Passei o óleo de arnica que Kulti havia me entregado depois do treino, todo sorrateiro, como se fossem esteroides, e tentei não andar muito.

E toda vez que aquela onda de dor subia pelo meu tornozelo, eu xingava o dia em que aquele desgraçado no jogo de softbol tinha nascido. Esperava que ele caísse de cara em um formigueiro enorme de formigas-lava-pés. Pronto, falei, e não me arrependia de nada.

Quando a partida seguinte chegou, antes de ir para o estádio, bebi um pouco de chá de cúrcuma e engoli dois analgésicos no carro. Esperava aguentar as próximas horas sem ser pega no flagra. Estava tão incomodada que nem sequer me importei que jogaríamos contra o Nova York, sendo que o esperado era eu estar agitadíssima antes do jogo, quase com medo.

Infelizmente, minha furtividade só durou até o vestiário. Estava enrolando minha lesão com uma fita atlética antes de calçar as meias que faziam parte do uniforme. Harlow se inclinou para perto e soltou um “uuuh”.

— O que aconteceu com o seu pé? — Ela soltou outro barulho. — Você quebrou alguma coisa?

Passei mais um pouco de óleo antes de começar a enfaixar o arco e o peito da maneira mais apertada e confortável possível.

— É quase como se fosse, Har.

— Tenho Tylenol extraforte na bolsa, se você quiser — ela ofereceu.

— Eu tomei alguns antes de sair de casa, mas talvez eu aceite no intervalo.

— Está bem, Sally. É só pegar, se precisar. — A zagueira me deu um tapinha atrás do ombro. — Se aquelas garotas pegarem no seu pé hoje, me avisa que eu dou um jeito nelas para você. — Ela piscou antes de se afastar.

As jogadoras do Nova York. Aff. Eu não ia nem me preocupar com elas.

Terminei de enfaixar o pé enquanto murmurava xingamentos baixinhos, e puxei a meia para cima antes de mais alguém perceber o que eu tinha feito ou por quê. Geralmente, todas reclamávamos dos poucos profissionais de saúde a que tínhamos acesso, a não ser que estivéssemos na seleção, mas, naquele caso, era melhor assim. Um preparador provavelmente obrigaria os treinadores a me deixarem no banco se vissem a discoteca de cores rolando dentro da minha chuteira.

Infelizmente, não havia nenhum segredo no nosso time, pelo menos não entre Mim, Har e Jen. Dentro de dez minutos, Jenny estava pendurada nas minhas costas.

— O que aconteceu com o seu pé?

— Nada. — Inclinei a cabeça para trás e pisquei para ela. — Só um hematomazinho.

— A Harlow disse que era mais do que um hematomazinho — ela constatou.

E eu constatee que Harlow tinha uma boca enorme. Mas, de novo, qual era a novidade?

— Está tudo bem.

Jenny soltou um bufo do fundo da garganta.

— Tome um remédio.

— Eu já tomei, mamãe Jenny — garanti a ela.

— Bem, tome cuidado. Cuidado ao pisar desse lado e ignore aquelas idiotas se disserem alguma coisa para você.

— Sim, querida. — É claro que eu sabia disso. Mas as intenções dela eram boas, e eu não agiria como uma babaca ingrata sem ter motivo.

Sabendo que eu estava agindo de maneira um tanto ignorante, Jenny puxou minha orelha e, então, afastou-se antes de eu ter a chance de retaliar. Alguns minutos depois, Gardner entrou no vestiário com o resto da comissão técnica e repassou o plano que tínhamos colocado em prática no treino do dia anterior. Revisamos as fraquezas do nosso oponente, as nossas fraquezas e as coisas em que deveríamos focar. Ganhar, ganhar, ganhar.

Nosso semicírculo de mãos unidas gritou e aplaudiu. Logo depois, o jogo começou com um terço do estádio lotado.

Nos primeiros cinco minutos, alguém me empurrou com tudo nos ombros, acrescentando um belo de um “vagabunda” ali no meio. Fiz questão de atingir as costas dela com os meus ombros, tão forte quanto ela o tinha feito, na primeira chance que tive sem ser flagrada. Alguns minutos depois, a ombruda, que estava de olho em mim desde o segundo em que eu havia entrado em campo, esticou a perna para me fazer tropeçar quando passei correndo. Ela recebeu um cartão amarelo, apenas um aviso, e larguei mão.

Aguntei metade do jogo antes da chuteira começar a ficar apertada demais acima da parte roxa do meu pé. O intervalo foi uma bênção, porque tive a chance de tirar a chuteira por um tempinho. Outros quinze minutos se passaram no segundo tempo antes de eu me obrigar a amarrar o cadarço de forma mais frouxa. Dezoito minutos depois daquilo, eu estava agradecendo a Deus pelo jogo ter acabado, e por termos ganhado com o placar apertado de dois a um. Eu tinha ajudado a marcar um dos gols, quando consegui afastar diversas adversárias da área e chutei a bola para a jogadora livre mais próxima.

As risadinhas que ouvi de algumas das jogadoras do Nova York pelo resto do jogo tinham simplesmente entrado por um ouvido e saído pelo outro.

Se eu conseguiria andar no dia seguinte? Era discutível, mas me preocuparia com aquilo quando acordasse na cama com um pé que eu achava que nunca mais seria o mesmo.

Aquele maldito idiota no parque. Eu queria muito, mas muito mesmo, que ele caísse em um formigueiro. Filho da mãe.

Enquanto o treinador falava no vestiário, peguei uma compressa gelada em um frigobar ali perto e deixei-a fazer efeito. Tomei banho, troquei de roupa e dei tchau para todo mundo, contando os passos que faltavam até meu carro. Havia uma pequena faixa entre onde os vestiários acabavam e o

estacionamento começava, então eu sabia que deveria esperar o encontro com alguns fãs ali que iam querer pedir autógrafos. Meus pais não tinham vindo ao jogo, porque era quinta-feira, e tinham que trabalhar no dia seguinte, mas meu pai havia me mandado uma mensagem desejando boa sorte antes da partida. Como esperado, um grupo de uns vinte fãs aguardava, e comecei a assinar alguns dos pôsteres que tinham sido entregues na entrada, assim como a tirar algumas fotos com garotinhas, o que me fez abrir um sorriso enorme.

— Boa noite, obrigada por terem vindo! — Dei um abraço de lado na última criança, antes de ela acenar para mim mais uma vez e se afastar com a mãe.

Eram aquelas crianças e aqueles momentos que faziam com que jogar com dor valesse muitíssimo a pena.

Então, ouvi o coro de vozes altas falando ao mesmo tempo, aproximando-se cada vez mais. Suspirei, sabendo que não teria como escapar e me sentindo um pouco covarde por querer evitar a baboseira que saía da boca de pessoas com as quais eu nem deveria me importar. Nada do que dissessem deveria me incomodar, e, em sua maior parte, não incomodava.

Quando consegui fazer a volta e começar a andar lentamente em direção ao meu carro, diversas jogadoras do Arrows de Nova York passaram por mim. Troquei cumprimentos e apertos de mão com algumas delas, as que não tinham me chamado de alguma variação de “vagabunda”, mais cedo no campo.

— Oi, Sal. — Reconheci a pessoa falando atrás de mim.

Parei e, sem pressa, virei o corpo, colando um sorriso no rosto.

— Oi, Amber. — Mas, na minha cabeça, na verdade, eu estava pensando “oi, sua ordinária”. Justificável? Com certeza.

Ela havia me custado a seleção. Ela e aquele ex-marido idiota dela.

A morena alta tinha um sorriso adorável no rosto, mas seus olhos diziam tudo. Diziam o quanto ela me odiava e me culpava por algo que havia sido um completo acidente. O ódio em seu olhar me chamava de vagabunda, do mesmo jeito que ela havia verbalmente expressado o xingamento quando roubei a bola dela no primeiro tempo do jogo.

— É um prazer revê-la — ela disse naquela voz enganosamente adocicada. Esperou alguns segundos até outras duas jogadoras do time

passarem andando e deixarem nós duas paradas ali. Fiquei surpresa com suas duas amiguinhas indo embora, depois de terem me chamado de vagabunda e piranha durante o jogo. Àquela altura, apenas fingi que não as tinha ouvido. — Andou aprontando com o marido de mais alguém ultimamente? — Amber perguntou, no instante em que ficamos relativamente sozinhas no estacionamento.

Um sabor amargo subiu pela minha garganta. Talvez até fosse um pouquinho de vergonha. Eu odiava o que tinha acontecido, mas por mais que eu tivesse explicado a situação para ela, não importava. Amber, sendo uma atacante fantástica vários anos mais velha do que eu, e uma grande jogadora na seleção, tinha roubado minha chance e minha posição.

Eu nunca a perdoaria por aquilo, apesar de me sentir horrível sobre a questão com seu marido — ex-marido, marido afastado, seja lá o que aquele bundão fosse agora.

Acalmei meu coração e balancei a cabeça.

— Vê se cresce.

Os olhos azuis dela se inflamaram de indignação.

— Vai se foder.

Ah, cara.

— É sério? Ir me foder? Você não consegue pensar em nada melhor? Sou uma vagabunda, uma vadia e uma piranha, e eu também posso ir me foder. Que ótimo. Queria que todo mundo pudesse ouvir o quanto você é uma pessoa agradável.

— Você é uma puta, sua destruidora de lares.

A culpa revirou meu estômago, mas empurrei-a para longe como em todas as outras vezes. Eu não era uma destruidora de lares. Eu não era. Me sentia mal, muito mal, mas não havia sido algo intencional. Eu nunca, nem em um milhão de anos, teria me interessado por um homem casado, mas quando não se sabia que ele era casado...

— Desculpa, tudo bem? Eu já me desculpei uma centena de vezes, e você sabe disso. Se eu pudesse voltar no tempo e cuidar da minha própria vida, faria isso. Então pare. Você conseguiu o que queria. Deveria estar feliz e seguir em frente. Faz três anos; está na hora de você parar com essa besteira.

A linda Amber, com suas pernas perfeitas e espírito competitivo, eriçou-

se.

— Não me diga o que fazer. Eu te odeio pra cacete, Sal.

Ácido subiu pelo meu peito.

— Eu sei que você odeia, e, acredite em mim, também não sou a presidente do seu fã-clubes. Só que não sinto vontade de lembrá-la disso toda vez que nos vemos.

Ela queria brigar. Eu havia notado. Ela estava com aquela mesma expressão de três anos atrás, quando me abordou durante o treino um dia, três dias depois de eu ter tido o segundo encontro com seu marido.

— É por isso que te odeio. Você sempre se acha muito melhor do que todo mundo, mas não é. Você é mais vagabunda do que eu, porque engana todo mundo com essa sua carinha de anjo. Eu sei a verdade: você é uma piranha de primeira.

Ser chamada de piranha? Ainda mais quando não se era uma? É, não era exatamente divertido. Sem dúvida, eu nunca admitiria isso em voz alta nem deixaria nada transparecer para alguém como ela, mas era verdade. Aquele tipo de baixaria não me atingia, etcétera e tal.

— Você — disse a voz atrás de mim. — É melhor ir embora antes de eu chamar Mike Walton e repetir o que você disse para ele.

Quem Mike Walton era, eu não fazia ideia.

Mas a pessoa atrás de mim? Eu, com certeza, conhecia.

O linguão.

Pela expressão de Amber, enquanto os passos atrás de mim ficavam mais e mais altos com a aproximação de Kulti, ela sabia exatamente quem Kulti e Mike Walton eram. Seu rosto poderia até ter empalidecido, mas estava escuro demais para ter certeza. O que eu sabia era que ela estava irritada. Muito irritada.

— É para hoje! — Kulti esbravejou.

A velocidade em que ela se moveu disse tudo o que as palavras não revelaram. Amber era uma das estrelas da seleção e tinha sido por anos. Há alguns meses, vi um comercial de uma loção com ela. Aquele mulher não estava acostumada a ter alguém lhe dizendo o que fazer.

Ele nem sequer esperou ela estar longe o bastante para não ouvir antes de

perguntar: — Qual é o nome dela?

— Amber Kramer — respondi, olhando por cima do ombro.

O rosto dele não reconheceu o nome.

— Nunca ouvi falar. — Kulti virou a cabeça e olhou para mim. — Você quer me contar o que foi aquilo?

Eu disse exatamente o que tinha em mente: — Na verdade, não. — Eu tinha conseguido, até então, manter o que havia acontecido entre um seleto grupo de pessoas, em especial membros da seleção da época em que eu fazia parte dela. Era por esse motivo que Jenny e Harlow sabiam. Mais pessoas sabendo de uma das coisas mais idiotas que eu já tinha feito na vida não estava exatamente na minha lista de coisas a conquistar. E apesar de eu ter certeza de que a culpa não era minha, achava que seria esperta o bastante para não cair nas mentiras de alguém. Droga, ele não estava usando uma aliança nem tinha aquela marca pálida no dedo que indicava que ele costumava usar uma.

— Eu ouvi do que ela chamou você.

A vergonha tomou conta do meu interior, e senti meu rosto todo esquentar, indignação subindo pela garganta.

— Eu não sou o que ela falou.

— Você não precisa me dizer que não é. — Minha expressão deve ter parecido incerta o suficiente para ele me encarar bem nos olhos quando disse: — Conheci muitas mulheres ao longo da vida. Eu sei a diferença.

A ideia dele com um monte de mulheres era, provavelmente, um eufemismo. Por alguma razão, achei a ideia nojenta.

— Tenho certeza de que conheceu.

Eu sabia como algumas mulheres eram terríveis com jogadores universitários, e vi em primeira mão como as mulheres agiam perto do meu irmão. Alguns dos caras não eram nem atraentes, ou sequer tinham personalidades agradáveis; mas nada disso importava, porque, depois das partidas, estavam sempre com marias-chuteiras a torto e a direito. E Kulti, bem, Kulti estava em outro nível. Eu não conseguia nem imaginar.

E, por um breve segundo, algo queimou na boca do meu estômago. Era ciúmes ou algo igualmente ridículo, pelo que eu poderia culpar a Sal de treze

anos que ainda vivia em algum lugar dentro de mim.

Levei-a, a passos pesados, de volta ao seu quartinho debaixo da escada.

— Nesse caso, fico feliz pelo seu radar de vagabundas não ter apitado perto de mim. — Dei um sorriso fraco. Ainda me sentindo um pouco estranha por ter dado de cara com Amber e por Kulti tê-la ouvido me xingar; eu queria muito voltar para casa. Gesticulando na direção do estacionamento, perguntei: — Você precisa de carona?

— Meu motorista está aqui. — Ele apontou para o canto mais distante do estacionamento, na mesma direção do meu carro.

Assenti para ele e começamos a andar, olhando para trás e garantindo que não havia mais nenhum outro fã do Kulti parado ali perto, como no último jogo em casa. Tendo estacionado muito mais perto do que ele, apontei para o meu carro.

— Se estiver livre amanhã, podemos arranjar um tempo para jogar, se você prometer que não vai pegar pesado nem demorar muito. — Eu tinha que descansar.

— Onde?

Levei alguns segundos para pensar em um campo; o que me veio em mente era pequeno, mas daria para o gasto. Falei o nome.

— Você precisa do endereço?

Ele balançou a cabeça.

— Que horas?

Concordamos que quanto mais cedo, melhor.

— Vai ficar tudo bem com o seu pé? — ele perguntou.

— Desde que você não pise nele — eu disse, jogando a bolsa no portamalas. — Boa noite, treinador.

— *Gute nacht* — ele respondeu, inclinando a cabeça em um gesto para que eu entrasse no carro.

Entrei e acenei para ele pelo retrovisor.



9:30?

Eram 9:29 na manhã seguinte, quando eu estava estacionando em frente à casa de Kulti.

Eu tinha ido buscá-lo.

Cocô.

Olhei para a casa pela janela do passageiro e estudei a construção nova de dois andares. Ele havia me enviado uma mensagem às oito da manhã, perguntando se, no final das contas, eu poderia buscá-lo. Não perguntei por que seu motorista chique não poderia levá-lo ao campo, mas se imaginei o motivo? É claro que sim.

Eu estava buscando O Rei na casa dele para jogar futebol.

Em nenhum momento da minha vida tive qualquer sinal de que aquilo aconteceria um dia. Era só uma amizade ou algo do tipo. Mesmo que dirigir até a casa dele fosse mais um encontro do que um passeio.

Saí e marchei em direção à porta até a qual ele havia andado em todas as ocasiões em que eu o tinha deixado ali. A casa era grande, mas não arrogantemente grande, apesar de ter pelo menos o dobro do tamanho da casa em que eu havia crescido. Mas quem se importava? Eu já estivera em casas ainda maiores.

Toquei a campainha, dei dois passos para trás e me peguei cerrando as mãos nas costas enquanto esperava. Menos de um minuto depois, a porta foi aberta e Kulti estava parado ali, vestindo um short atlético preto e uma camiseta azul, segurando um grande copo de algo verde.

— Entre — ele ordenou, indo para o lado e me deixando passar.

Entrei, tentando ser discreta ao olhar ao redor para as paredes vazias cor de creme.

— Bom dia.

— Bom dia. — Ele fechou a porta. — Preciso de dez minutos.

— Tudo bem. — Olhei para Kulti e para a bebida enquanto ele passava ao meu lado e seguia pelo corredor principal da casa.

Era impossível não notar o quanto as paredes estavam vazias, ou como, quando passávamos pela porta que levava até a sala de estar, havia apenas um sofá de três lugares com uma televisão gigantesca na frente. Nenhuma camisa emoldurada nem troféus expostos, nenhum sinal de quem era o dono da casa. A porta seguinte se abria para uma cozinha de aço inox com bancada de granito, grande e arejada — parecia uma versão mais cara de algo saído de um catálogo da IKEA.

— Tem água, leite e suco — ele disse, entrando e já inclinando o copo verde para beber seja lá o que fosse aquela mistura que ele estava tomando sem nem pestanejar.

— Não precisa, obrigada — eu respondi, distraída, admirando o jardim pela vista da janela enorme acima da pia. Não havia muita coisa, exceto uma grama recém-colocada que adoraria ser regada. A maioria dos terrenos no bairro haviam sido ocupados por casas antigas depois demolidas para construir outras novas, e a casa ocupava tanto terreno que sobrava apenas um pequeno jardim retangular que não tinha muito espaço para nada, a não ser um conjunto de mesa e cadeiras, caso ele tivesse.

Kulti esbarrou em mim ao se curvar na pia para lavar o copo.

Inclinei-me para longe da vista e dele.

— Sua casa é bem bonita.

Ele olhou distraído ao redor da cozinha, assentindo.

— Faz pouco tempo que você se mudou?

— Dois meses, acho — Kulti respondeu.

Nossa, que tagarela. Observei-o colocar o copo dentro da lava-louças.

— Aqui é um bairro muito bom. — Pigarreei.

Ele deu de ombros.

— É silencioso.

Algo no que ele disse me deixou intrigada.

— Ninguém sabe que você mora aqui, né?

O alemão me lançou um olhar incrédulo que não compreendi antes de ele responder: — Ninguém. — Ele continuou me olhando daquele jeito estranho.

— Estou pronto. Podemos ir agora.

Então ele não queria que ninguém soubesse onde morava. Não era nada surpreendente, mas deixei essa observação de lado.

— Vamos.

Kulti tinha uma bolsa esperando por ele na sala de estar quase vazia, então, veio logo atrás de mim, acionando o alarme e trancando a porta. O Audi no qual ele andava por aí estava estacionado na frente da garagem quando bisbilhotei pelo portão de ferro forjado que separava a parte de trás da casa.

— Então nenhum dos vizinhos sabe que você mora aqui? — eu perguntei de novo assim que entramos no carro.

— Não. Saio de casa antes deles e também volto antes.

— Como você faz para comprar comida? — Eu estava muito curiosa em relação àquilo. — Você pede tudo on-line?

— Eu caminho. Fica a três quarteirões daqui.

Toda essa caminhada, essas voltas em carros que ele não dirigia, e todas aquelas menções de habilitação suspensa vindas de pessoas que eram pagas para investigar as coisas... Lancei um olhar curioso para Kulti, mas não fui muito a fundo. E daí? Talvez os sinais estivessem todos presentes, mas eu não tinha direito de perguntar, do mesmo jeito que eu não queria conversar sobre Amber e o marido idiota dela.

— Acho que não entendo como ninguém o reconheceu. Quero dizer, seu rosto está em um outdoor na estrada perto da minha casa — eu disse a ele, balançando a cabeça. Mas, por outro lado, eu tinha visto o rosto dele centenas de vezes nas minhas paredes. Provavelmente, até se eu fizesse um daqueles testes de mancha de tinta, eu o veria.

— Ninguém presta atenção. Eu uso um chapéu, e as únicas pessoas que falam comigo são os idosos em scooters motorizadas que precisam de ajuda para alcançar alguma coisa.

Olhando sobre o ombro, dei um sorriso para ele.

— Sinceramente, não sei como você consegue. Nós temos fãs, mas é diferente. As únicas pessoas que vestem a minha camisa são meus pais e meu irmão. Eu não gosto de ser o centro das atenções, então está ótimo para mim.

A cabeça dele se moveu para que pudesse olhar pela janela. Sua voz soou tão séria, tão distante, que me fez olhar para ele por mais tempo do que o necessário: — Eu já recebi atenção o suficiente na vida, não sinto falta.

Era por isso que ele morava naquele bairro e usava um chapéu para ir ao mercado.

Acho que pensamos que algumas pessoas têm tudo. E por que não teriam? Aparência, dinheiro, fama. Do que mais precisariam? De um amigo? Companhia? Algo para afastar o tédio?

Pessoalmente, eu conhecia centenas de pessoas, mas só era bem próxima de sete. Eram pessoas que eu conhecia havia um longo tempo, mas, dessas

sete, eu só tinha certeza de que cinco ainda estariam na minha vida mesmo após o futebol.

Olhei para Kulti de novo e segurei um suspiro. Sentir pena dele nunca fez parte do meu plano.



— Você já não está perto o bastante? — grunhi.

Kulti me pressionou ainda mais.

— Não.

Ele estava me encurralando em um canto, defesa e ataque ao mesmo tempo, impedindo-me de roubar a bola. Um pouco bruto e jogando como se eu fosse apenas um homem menor. Não evitando o contato de corpo inteiro que era tão natural no futebol, ele me cercou, segurou-me ali. E lutei por cada centímetro que consegui avançar, tendo que depender de breves explosões de velocidade para tentar enganá-lo.

Não funcionou muito.

Com ele em cima de mim, só consegui colocar o pé na bola umas quatro vezes durante o jogo, e toda vez ele tinha me feito jogá-la para fora do campo ou roubado. Era irritante e empolgante ao mesmo tempo, ainda mais quando eu corria atrás dele e tentava me proteger daquele seu corpo enorme.

Jogar com alguém maior, mais rápido e mais talentoso do que você não é exatamente uma situação ideal, mas tentei. No fim, Kulti ganhou, um a zero, chutando bem do meio do gol que criamos com gravetos e garrafas de água vazias encontradas no meu banco traseiro.

Maldito pão de centeio.

— De novo?

Com as mãos nos quadris, respirei fundo algumas vezes pelo nariz e assenti para o homem parado na minha frente, que estava respirando com igual dificuldade. Não havia muitas pessoas no parque a que tínhamos ido, a cerca de vinte minutos da casa de Kulti, mas havia mais do que quando havíamos chegado.

Contra minha vontade, eu disse: — Mais uma.

E fomos com tudo.

Talvez nós dois estivéssemos mais cansados do que quando começamos,

mas não importava. Kulti veio para cima de mim no instante em que peguei a bola, sempre a poucos centímetros de distância. Ele com certeza estava diminuindo o ritmo, e tirei vantagem disso. Eu estava tão cansada quanto ele, nosso jogo no dia anterior tinha me esgotado, mas ele era treze anos mais velho do que eu e não treinava tanto. Eu era quase tão rápida quanto ele.

— Está desacelerando? — arfei ao tentar enganá-lo e sair correndo para a esquerda.

Ele resmungou, grosso e bruto.

— Pare de falar e jogue.

É, ele com certeza estava todo cagado.

Pelo canto do olho, notei algumas pessoas sentadas na borda do pequeno campo onde estávamos, assistindo. Mas foi bem então que Kulti enfiou o pé no meu caminho para tentar me derrubar.

— Seu babaca — sibilei, quase não conseguindo desviar.

Ele aproveitou que eu estava distraída e irritada para roubar a bola.

No fim, roubei-a de volta quando invoquei o restinho de energia que tinha para gastar e realmente me esforcei para avançar até a rede, marcando um gol. Joguei as mãos para cima e mostrei a língua para O Rei.

— Ganhei. — É, eu, com certeza, não estava agindo como uma pessoa madura ou profissional.

Só para colocar mais sal na ferida, nossa audiência na beira do campo começou a aplaudir.

Alguém não ficou impressionado. Na verdade, eu até diria que ele parecia um pouco irritado.

Gostei.

— *¡Oye, muchacha! ¿Es el alemán?* — alguém gritou.

— *¡Callate, tonto!* — outra pessoa respondeu, mandando o cara calar a boca.

Olhei para o mau perdedor na minha frente, sem saber o que fazer. Agora que eu tinha dado uma olhada melhor nas pessoas na lateral, eram todos latinos com seus vinte e poucos anos ou mais. O alemão não disse nada através dos olhos ou da linguagem corporal.

— *¡Amiga! ¿Es Kulti?*

Só havia uns seis deles...

Olhei para Kulti de novo, mas a única coisa que ele fez foi dar de ombros, merda.

— *Sí, es* — admiti. — *Pero no le digan a nadie.*

O grupo explodiu.

— *¡No chinges!* — Pois é, eu não estava brincando.

Assim que percebi, estavam todos de pé, mãos para cima, perdendo a cabeça. Os caras foram até o alemão, falando rápido em espanhol e observando-o como se nunca tivessem visto nada como ele.

Não foi até eu ouvir o primeiro dos caras dizer “*¡No me digas!*” que ouvi Kulti responder em um espanhol perfeito, explicando que era real e não um fantasma: “*No soy fantasma*”.

Os caras se descontrolaram de novo.

— Você fala espanhol! — um deles exclamou na mesma língua.

O alemão deu de ombros e lançou a todos eles um sorriso tranquilo.

Nos minutos seguintes, observei os homens estranhos jorrarem um monte de perguntas, que foram respondidas em um sotaque que rivalizava com o meu.

Não vou mentir, nem um pouquinho. Além de uma bunda grande, eu tinha uma quedinha por caras que falavam outras línguas. Enquanto Reiner Kulti era um espécime do sexo masculino muitíssimo impressionante fisicamente, o jeito como ele falava espanhol fez sua atratividade crescer uns trinta por cento.

Tudo bem, *no mínimo* uns trinta por cento.

Mas não que eu pudesse ou fosse pensar muito nisso. Ele era meu treinador.

E eu era sua amiga. Ou algo assim.



O primeiro sinal de que alguma coisa estava errada foi quando vi três pessoas na beira do campo na metade do treino do Pipers, dois dias depois. Duas delas, eu reconheci do administrativo do time, e a outra, segurando um kit, era desconhecida. Apenas em ocasiões raras a gerência aparecia durante um treino, se havia fotógrafos no campo ou se havia um amistoso acontecendo, mas nunca sem razão.

O segundo sinal de que havia alguma coisa acontecendo foi quando se aproximaram de Gardner. E foi sua reação a seja lá o que disseram a ele que me deixou um pouco preocupada. Pareceu irritado e, possivelmente, indignado. Gardner, que era tranquilo e calmo 99% do tempo, estava com raiva?

É. Não.

Então, as palmas começaram. O encontro de palma com palma que pausou nosso aquecimento.

— Senhoras, vamos pegar leve hoje.

Leve?

Apreensão escorreu pela minha espinha.

— Aparentemente, vamos fazer exames toxicológicos. Não precisam se preocupar. Como a maioria de vocês sabe, vocês têm que fazer esses exames sem aviso prévio ao longo da temporada. Se cooperarem, acabaremos logo, e depois que as amostras forem colhidas, estarão livres pelo resto da manhã — Gardner explicou, frustração colorindo suas palavras.

Exames toxicológicos sem aviso? Da última vez que fui testada sem aviso, eu estava na universidade. Essa estipulação, incluída no contrato de todo mundo, era algo que acontecia muito, muito raramente. Se quisessem, poderiam nos testar, mas além dos exames de saúde e de sangue que fazíamos no começo de toda temporada, eu nunca tinha ouvido falar em nada

parecido com aquilo.

Então, é, foi muito estranho.

Eu não tinha nada a esconder. A droga mais pesada que eu tomava era um analgésico sem receita, e apenas em situações aflitivas como a do meu pé.

Não havia razão para eu pensar que a testagem tinha algo a ver comigo.

Então, Gardner me chamou em sua sala naquela tarde.



— Sal, sente-se — disse Gardner, de seu lugar atrás da mesa.

Dei a ele um sorriso desconfortável e me sentei.

Não era comum treinadores chamarem alguém depois do fim do treino bem no dia em que um teste toxicológico sem aviso acontecia... e ainda pedia para terem uma conversa. Eles não faziam isso. Eu estava no meio de uma estufa, escolhendo plantas anuais com Marc para um projeto, quando a ligação chegou. Estive me cagando toda desde então.

Havia apenas algumas poucas razões pelas quais Gardner não me contaria pelo telefone o que queria: iam me substituir, iam me despedir ou resultado de um teste muitíssimo rápido tinha encontrado alguma coisa na minha urina que dizia que eu estava me dopando.

Eu, me dopando. Jesus Cristo.

Eu não era tão durona nem indestrutível para não estar quase enlouquecendo. Primeiro, não queria ser substituída. Segundo, com certeza não queria ser despedida; apesar do meu contrato ainda valer por mais um ano, nunca se sabia. Terceiro, eu, sem dúvida alguma, não estava ingerindo nada que sequer chegasse perto de ser ilegal.

Mas ainda assim...

Consegui contar a Marc o que estava acontecendo, e o olhar de “ah, merda” que me deu foi o bastante.

Respirando fundo, agarrei minhas coxas e me preparei. Era melhor dar o braço a torcer.

— Então, o que foi, G?

Ele se recostou, cruzando os braços sobre o peito, e sorriu.

— Sempre direta ao ponto, é por isso que eu gosto de você, Sal.

Gardner até podia gostar de mim, mas não estava me contando a verdade.

— Você vai me demitir? — Pelo lado positivo, falei com calma na voz, não deixando transparecer que estava prestes a pegar um taco e sair quebrando os móveis do escritório.

Quebrar móveis com um taco? Meu Deus. Eu tinha que maneirar.

— Não. — Ele hesitou. — De onde você tirou essa ideia?

— Você pediu para eu vir aqui conversar em particular, e nós fizemos um exame toxicológico hoje à tarde. — Eu mal contive o *dã* dentro de mim.

Ele revirou os olhos até o teto, uma das mãos indo parar na nuca.

— Caramba. Não pensei nisso. Desculpa. Não é por isso que quero falar com você.

É, não soou muito convincente.

— Não estou preocupado com os resultados, tenho certeza de que vai dar tudo certo. Não pedi para você vir aqui por causa do exame. Tive uma conversa interessante com a Sheena hoje mais cedo.

— Certo.

— Ela me disse que recebeu um e-mail no fim de semana com seu nome e algumas acusações bem pesadas.

Aquela vagabunda. Aquela vagabunda maldita. Não era preciso ser nenhum gênio para saber de onde o e-mail tinha vindo. Apertei as coxas com um pouco mais de força, controlando a raiva que fervilhava dentro de mim.

Primeiro, alguém no time havia fofocado sobre mim com Cordero, e, agora, Amber estava inventando coisas? Eu não acreditava ser uma pessoa ruim. Eu fazia trabalho voluntário de vez em quando, aparava a grama dos vizinhos idosos de graça e sorria para estranhos. É claro, às vezes eu tinha pensamentos negativos sobre as pessoas, mas sempre tinha alguma razão, apesar de que isso não deixava a situação menos ruim. Havia pessoas melhores do que eu no mundo, e sem dúvida havia pessoas muito piores também. Então não pude evitar levar um pouco para o lado pessoal que aquelas megeras miseráveis estivessem descontando todas as suas frustrações em mim.

— Você tem ideia de onde algo assim possa ter vindo?

— Amber. — Cerrei os dentes. — Foi Amber. Ninguém mais faria algo assim.

Gardner não ficou surpreso. Eu havia contado a ele o que acontecera anos

atrás, quando voltei do último torneio com a seleção e desatei a chorar na frente dele.

— Cristo. Ela ainda não superou aquela confusão?

Eu não poderia dizer que, se eu fosse ela, teria superado, mas gostava de pensar que não iria tão longe quanto ela foi. Na verdade, eu sabia que não iria. Só uma cretina da pior categoria contataria, e faria acusações falsas que poderiam arruinar todo o trabalho duro de alguém ao longo da vida.

Engoli o sabor amargo, lembrando-me de todas as coisas boas na minha vida.

— Não.

Suspirando, ele balançou a cabeça e coçou a nuca.

— Nesse caso, desculpa por ter te chamado. Fiquei de olho nela durante o jogo, mas não pareceu que ela estivesse fazendo nada fora do normal.

Claro que ele não tinha ouvido todos os palavrões usados por ela para me xingar durante a partida, mas tanto fazia.

— Vou ligar para o treinador dela e dizer que precisa controlá-la.

— Não se preocupe com isso. Está tudo bem. Se ela fizer algo parecido de novo, pensamos em alguma coisa, mas, é sério, não se preocupe. — Ela era um lixo de pessoa que tinha de viver com as consequências de sua personalidade horrível pelo resto da vida. Isso já era ruim o bastante.

As sobranceiras de Gardner se ergueram com descrença, mas ele não argumentou.

— Avise se mudar de ideia.

Assenti e me levantei, pronta para sair dali e poder pensar sozinha em quantos xingamentos fosse possível para Amber.

— É claro. E obrigada por me avisar, G. Eu agradeço mesmo.

— Imagine. — Ele me observou por um segundo antes de dizer: — Sal, você sabe que pode vir me procurar se precisar de alguma coisa, certo?

— Eu sei. — Era verdade. — Você é uma boa pessoa, treinador.

Gardner sorriu enquanto eu saía de seu escritório com um aceno.

— Descanse hoje à noite. Preciso de você focada no jogo amanhã.

— Pode deixar — respondi, fechando a porta atrás de mim.

Dei uns dez passos no corredor antes de um volume de raiva, que eu não

achava ser capaz de sentir, preencher toda minha alma. Amber havia roubado a seleção de mim, tudo bem. Mas agora estava se rebaixando àquele nível para tentar acabar com a minha carreira na Liga Profissional Feminina?

Aquela vagabunda.

Fui para casa e descontei a raiva na banheira com uma esponja e um limpador multiuso.



Um pouco depois da metade do jogo no dia seguinte, aceitei o fato de que eu estava jogando muito mal.

Tudo bem, aquilo era um tanto exagerado, mas o ponto era que eu estava jogando muito mal. Estava distraída e nervosa. Pela primeira vez na vida, não consegui deixar tudo de lado e focar. A maldade nas atitudes de Amber deixaram minha cabeça prestes a explodir. Não era como se ela já não tivesse feito o bastante no passado. Falar com ela depois do último jogo tinha acabado atijando algum ressentimento muito real em mim que nem mesmo meu banheiro sujo foi capaz de fazer desaparecer. Minha cabeça e meu coração não estavam no jogo, e eu estava irritada demais para me importar.

Então, quando meu número subiu em vermelho na placa, e o número de outra garota subiu em verde, não fiquei totalmente surpresa por estar sendo substituída. Também não podia ficar nervosa com isso. Envergonhada e conformada, sim. Eu só tinha sido substituída algumas vezes, e sempre havia sido por uma boa razão: câimbras inevitáveis e músculos lesionados. Também teve aquela vez em que fiquei agressiva demais depois que uma jogadora me deu uma cotovelada no rim e não foi pega em flagrante, e então Gardner me tirou antes que eu fizesse algo de que pudesse me arrepender. Mas, dessa vez, não havia qualquer desculpa para o quanto eu estava sendo desleixada, ou para o quanto eu estava distraída.

Era patético. Eu sabia o que tinha que fazer para melhorar. Eu podia melhorar. Eu conseguia lidar com coisas piores sem nem piscar os olhos. Ainda assim, meu fracasso foi retumbante.

Saí correndo devagarinho do campo, evitando os olhos de toda e qualquer pessoa, olhando fixo para a frente. Assim que me coloquei a caminho do banco, a única rota disponível sendo uma trilha entre Kulti e Gardner, uma mão agarrou meu pulso. Gardner não era de agarrar, então eu soube, antes

mesmo de olhar sobre o ombro, quem tinha sido.

Aqueles olhos coloridíssimos me encaravam de sua posição trinta centímetros acima dos meus. Uma carranca vincava o espaço entre as sobrancelhas castanho-avermelhadas.

— O que está acontecendo com você, droga? — ele esbravejou.

Respirei fundo, então olhei direto em seus olhos, sacudindo um ombro.

— Desculpa. — Eu não daria nenhuma explicação. Não havia nenhuma explicação.

Aquilo devia tê-lo irritado, porque suas narinas dilataram.

— Só isso? É só isso que você vai dizer?

— Não tenho mais *nada* para dizer. Estou jogando mal, e você me tirou. Tudo certo.

Eu juro por Deus, se Kulti era o tipo de pessoa que dava tapas na própria testa, ele exibia uma expressão de quem estava prestes a fazer aquilo.

— Suma da minha frente agora mesmo; vou lidar com você mais tarde.

Apesar de eu meio que esperar que a resposta dele fosse aquela, ainda recuei. Engoli o que eu ia dizer, assim como meu orgulho, aceitei a culpa e marchei até o banco. Com os cotovelos nos joelhos, me curvei para a frente e assisti ao resto do jogo, me chutando mentalmente na bunda por ser tão idiota.

Uma hora depois, nosso time venceu raspando, por um a zero, graças a uma bola que atingiu a pontinha do pé de Grace de maneira perfeita. Fomos até o vestiário e escutamos a equipe técnica tagarelar sobre o que havíamos feito errado e sobre o que havíamos feito *muito* errado. Kulti nem se importou em olhar para mim quando decidiu falar, mas ficou óbvio que ele estava fazendo referência a todas as minhas pisadas de bola. Em situações normais, aquilo teria me deixado preocupada, mas eu já tinha aceitado a realidade. Para finalizar, Gardner nos deu um conselho motivacional para a semana seguinte, e fomos liberadas para sair do vestiário.

Entre tomar banho, me vestir e seguir até o ônibus para uma viagem de dez horas de volta a Houston, consegui evitar falar com todo mundo. Estava nervosa demais comigo mesma por ter relaxado antes, para ser uma boa companhia agora, e todos me deram espaço. Com o estorno queimando de vergonha por ter jogado como uma babaca, consegui chegar na metade do

caminho até o ônibus antes de ver Kulti meio afastado ao lado conversando com... uma mulher. Era mesmo uma mulher? Espremi os olhos.

— Casillas!

Hesitei. Será que eu queria ouvi-lo me destroçar na frente de um estranho que poderia ser uma mulher ou um homem magérrimo vestindo jeans skinny? Não. Com certeza, não. Mas ficaria óbvio se eu o ignorasse e continuasse andando na direção do ônibus.

— Casillas!

Droga. Droga, droga, droga.

Acho que fui avisada. “Vou lidar com você mais tarde” não era exatamente uma ameaça vaga. Se eu fosse uma pessoa muito religiosa, teria feito o sinal da cruz ao andar até onde o alemão estava parado. É, aquilo com certeza era uma mulher parada ao seu lado, então calcei minhas Meias de Garota Crescida durante a curta distância.

Demorei até estar a cerca de um metro e meio deles para reconhecer a pessoa com quem Kulti falava. Uma ex. Aff. Era uma ex-namorada que eu tinha certeza de ser uma atriz, ou ao menos tinha sido em algum momento.

Em um piscar de olhos, fiquei irritada, e a cada passo que eu dava adiante, me sentia mais e mais nervosa. Ele queria fazer aquilo agora, na frente de uma antiga namorada?

— Tem certeza de que não quer fazer nada hoje à noite? — perguntou a ruiva atraente, ignorando a minha chegada.

Kulti não estava nem olhando para ela; em vez disso, encarava meu rosto. Meu rosto irritado. Sua resposta monossilábica soou tão brutal como sempre.

— Não. — Então, pelo menos, ele era um babaca com todo mundo. Que alívio.

A mulher dobrou uma de suas longas pernas e moveu a cabeça para o lado, a fim de entrar em seu campo de visão.

— Certeza mesmo?

Estava escuro demais para saber se os olhos dele tinham se voltado na direção dela ou não.

— Sim — ele confirmou.

— Kulti... — Uma mão foi se apoiar no ombro dele, e não deixei de notar como ele a chacoalhou para longe.

— Já estava na hora — ele resmungou quando parei perto, mas não perto demais deles.

Eu olhava para ele, em vez de para a mulher, que obviamente ainda tentava chamar sua atenção.

Teria como ela parecer ainda mais desesperada? Caramba.

Eu apenas o encarei de volta, não exatamente tirando a expressão irritada do meu rosto. Será que ele estava planejando me esculachar? Será que achava mesmo que era a melhor hora para isso?

Reunindo um tanto de coragem que na verdade eu não tinha, forcei uma expressão calma no rosto, relaxei os ombros para não deixar transparecer o quanto eu estava tensa, e pisquei para o meu treinador, Reiner Kulti.

— Sim, treinador?

Seus olhos brilhantes atravessaram os meus com o poder de uma luz estroboscópica, a maior luz estroboscópica da história. Pelo formato de sua boca e o mover da mandíbula, eu estava prestes a levar um sermão.

Ele nem sequer se importou em olhar para a mulher ao seu lado — esperançosa e ainda prestando atenção em um homem que não lhe daria nada — antes de baixar a voz. Infelizmente, percebi que ele não a tinha baixado para ninguém o ouvir, estava só irritado e, então, enfureceu-se.

— O que estava rolando com você hoje?

Ele foi tão direto ao ponto quanto eu esperava. Tudo bem, então. Umedeci os lábios e fiz um belo dar de ombros.

— Eu não estava com a cabeça no jogo, e sinto muito. — Estava implícito que eu não deixaria aquilo acontecer de novo.

— Só isso? — ele reagiu.

— Não tenho nenhuma explicação — respondi, observando os olhos da mulher indo e vindo entre ele e mim. — Eu sei que errei, desculpa.

As pálpebras dele ficaram pesadas. Se eu não soubesse a verdade, teria imaginado que Kulti estava com sono. E ele não estava nem perto disso.

— Você jogou como uma imbecil.

É sério? Ele tinha que me chamar daquilo na frente de outra pessoa?

— Kulti? — A mulher acenou ao lado do rosto dele.

O alemão virou a cabeça e a encarou por tanto tempo que ela franziu o

rosto e deu um passo para trás.

— Deus, esqueci o quanto você sabe ser babaca. Eu nem sei por que me importo — ela sibilou para ele.

O homem que tomava tanto cuidado com suas palavras, como se fossem ouro, não me decepcionou. Ele não disse nada. Olhou para a mulher por, talvez, mais uns cinco segundos, então, voltou sua atenção outra vez para mim como se ela não tivesse falado.

Que babaca.

— Seu time merece sua atenção, e eu mereço algo melhor de você. Faça outra merda dessas e vou fazer de você a substituta da 38 — ele ameaçou, alheio à mulher que balançava a cabeça enquanto ele falava, antes de, por fim, virar-se para sair andando.

Daquela vez, eu me encolhi e fiz uma careta. Provavelmente, inspirei todo o ar pelo nariz. A 38 era uma das novas atacantes, Sandy, uma novata no time que seria uma jogadora e tanto em um futuro próximo.

— Aprenda a compartimentalizar sua vida, entendeu? — Kulti disse naquela voz sombria e rude, a qual eu tinha a sensação de que ele havia aprendido a usar com perfeição nas últimas semanas.

Por mais que eu odiasse admitir, meu rosto ficou quente, e eu soube que estava corando de humilhação. Ele tentaria me tirar da escalação inicial? Por ter jogado mal em um único jogo? Mais vergonha inundou meu corpo, acompanhada de perto pela raiva.

A ideia que eu tinha de que éramos amigos surgiu no centro da minha mente.

Mas o horário comercial no Pipers não era tempo de amizade. Nunca tinha sido. O homem que me chamava de Taco e jogava futebol e softbol comigo era uma pessoa completamente diferente do homem parado na minha frente naquele momento.

Aprenda a compartimentalizar sua vida, ele dissera. Agir como ele.

Tudo o que fiz foi assentir sem jeito e aceitar seu ultimato. Eu não o lembraria de que aquele tinha sido apenas um jogo ruim dentre tantos outros. Não prometeria nada nem me desculparia. Feriu meu ego, mas peguei tudo e escondi convenientemente debaixo do esterno. Em uma voz de que senti muitíssimo orgulho pelo quanto sou firme, eu disse: — Certo. Tudo bem.

Mas, quem sabe, da próxima vez, me chame de imbecil quando eu não estiver na frente da sua namorada. Pode ser?

Quando ele fechou os olhos e começou a ranger os dentes, eu me perguntei se tinha dito a coisa errada. Não foi até ele começar a coçar a bochecha e, então, explodir um segundo depois, que percebi que a resposta era: *sim*. Eu tinha dito a coisa errada.

— Você está brincando com a minha cara, porra? — ele esbravejou.

Dei um passo para trás e lancei a ele um olhar incrédulo, porque, fala sério, o que mais ele esperava de mim?

— Não.

— Estou ameaçando deixar você no banco, e você está reclamando de quem ouviu?

Eu apostaria um dólar que meu cabelo meio que voou um pouco para trás com a pergunta, mas eu não me acovardaria. Sem medo.

— Sim, estou. Se eu estiver jogando mal toda vez, então não mereço estar na escalação inicial. É um saco, mas eu entendo. Não vou discutir algo óbvio com você. Mas tenho um problema, sim, com você sendo sem educação comigo na frente de outras pessoas, e você foi um escroto com ela. Jesus Cristo. Modos, alemão. Já ouviu falar nisso?

Kulti não hesitou ao jogar as mãos para trás da cabeça. Os fios curtos e marrons apontaram entre os dedos.

— Eu quero te dar um safanão neste exato momento.

— Por quê? Eu só falei a verdade.

— Porque... — ele vociferou algo em alemão que acredito ter sido o equivalente a “caralho” — ... você vai ficar parada aí e me deixar arrancar isso de você? Simples assim? — ele rosnou.

— Sim, vou. O que você quer que eu fale? Quer que eu implore? Fique irritada? Faça um escarcéu e saia pisando duro? Eu entendo. Entendo mesmo. Tive uma partida ruim; isso não vai se repetir. Sem problema. Para mim o único problema é o seu tom e a sua escolha de lugar para ter essa conversa.

Talvez ele tivesse começado a puxar o cabelo curto em uma mistura de irritação e frustração.

— Sim, caramba, fique irritada! Se meu treinador alguma vez desse a entender que me tiraria de um jogo, eu teria perdido a cabeça. Você é a

melhor jogadora no time...

Juro pela minha vida que meu coração parou de bater. Ele tinha mesmo dito o que eu achava ter ouvido?

— Você é uma das melhores que já vi e ponto final, homem ou mulher. O que me mata é que você é uma completa banana que se deixa abater por palavras inúteis ditas na frente de uma pessoa que não importa. — Suas bochechas estavam coradas. — Tenha coragem, Casillas. Brigue comigo por causa disso. Brigue com qualquer um que tentar tirar isso de você — ele insistiu.

As palavras atravessaram meu cérebro como melaço, grudentas e lentas. Ainda assim, não entendi. Mas... talvez eu entendesse. Aquele era o mesmo homem que dominava o campo toda vez que estava nele. Na maioria das vezes, cada uma de suas jogadas começava e terminava com ele. Kulti era um babaca mesquinho com a bola.

E estávamos discutindo sobre duas coisas completamente diferentes. Meu Deus.

Respirei fundo e olhei firme para o homem.

— É claro que eu me importo em ficar no banco, caramba, mas também me importo com na frente de quem você está me chamando de imbecil. Você acha que quero uma completa estranha pensando que sou algum tipo de capacho que deixa você falar assim comigo? Talvez eu seja quando estou em campo, mas sem dúvida alguma não vou deixar você chegar nem perto de me tratar tão mal quanto acabou de tratar essa mulher, colega.

Pelo rosto de Kulti, parecia que eu tinha falado em uma língua completamente diferente, então tirei vantagem disso.

— É um esporte em equipe. Se não estou jogando tão bem assim, não é melhor deixar que alguém que esteja assuma o meu lugar? — Não que eu não fosse lutar pela vaga com unhas e dentes. Eu me recomporia e voltaria ao jogo, para que ninguém me tirasse. Por outro lado, não senti necessidade de prometer nada disso. Eu mostraria a ele. Ainda assim, tudo o que ele me dizia ia contra meu instinto. Era um esporte em equipe, não havia individualismo no futebol.

É claro que minha resposta foi completamente contra o instinto dele, porque seus olhos se arregalaram ao ponto de quase saltarem das órbitas.

Estiquei os braços e encolhi os ombros.

Não foi até ele começar a balançar a cabeça que, por fim, voltou a falar: — Você tem que cuidar de si mesma. Ninguém mais é problema seu, entendeu?

Pisquei. Aparentemente, ele ignoraria minha reclamação sobre a coisa toda com a namorada. Tudo bem.

— Ninguém vai cuidar dos seus interesses, exceto você. Só por ter concordado comigo que jogou como se nunca tivesse visto uma bola de futebol na vida, eu deveria dar um jeito de fazê-la não jogar a próxima partida.

O quê? Nunca concordei que havia jogado tão mal assim.

— Mas...

— Nada de “mas”. Você jogou mal pra caramba, e vou fazer da sua vida um inferno por isso, mas você nunca deveria deixar qualquer um tirar essa oportunidade de você.

As ações de Amber fizeram meu estômago arder, um lembrete doloroso do que já tinham me roubado.

Mas, por outro lado, acho que permiti que ela me roubasse. Não lutei quando ela disse: “É ela ou eu”. Fiquei tão consumida pela culpa de ter ido a dois encontros com um homem que estava separado da minha colega de time, que, por livre e espontânea vontade, afastei-me e abri mão da vaga. Eu era bem monogâmica e extremamente possessiva. Se eu estivesse no lugar dela, nem sei como poderia ter me sentido.

Talvez eu pudesse ter lutado por aquilo. Poderia ter dito a Amber que ela estava sendo uma idiota, porque não tinha como saber que aquele jegue era casado, muito menos casado com ela. Mesmo assim, eu não havia dormido com ele. Eu havia beijado alguém que eu achava estar solteiro e que parecia ser um cara legal. Apenas isso. O segundo homem que beijei desde que havia terminado com meu namorado da faculdade era a merda de um cara mentiroso que traía a esposa, a minha colega de time. Eu não tinha apenas entupido a privada; eu havia feito a fossa séptica inundar a casa.

Dois encontros idiotas tinham me roubado o desejo de toda uma vida.

Senti meus olhos umedecerem de decepção pelo time e pelos treinadores que não haviam lutado para me manter na equipe. Mais do que tudo, fiquei

decepcionada comigo mesma. Funguei, então, funguei de novo, tentando controlar o fluxo de água que queria se esgueirar pelos meus olhos. Fazia anos desde que eu havia chorado por ter deixado a seleção. Dei a mim mesma um mês para ficar chateada com aquilo. Desde então, escondi tudo, aceitei a realidade e segui com o resto da minha vida. Quando algo é quebrado em tantas partes, não se pode simplesmente ficar encarando-as e tentar colar os cacos; às vezes, tudo o que dá para fazer é varrer os pedacinhos e comprar algo novo.

— Você está chorando?

Pigarreando, pisquei com força duas vezes, baixando o olhar até a pequena covinha no queixo do alemão.

— Não.

Ele usou os dedos para dar um empurrãozinho no meu ombro.

— Pare com isso.

Ergui o queixo e empurrei o ombro dele de volta, fungando ao fazê-lo.

— Pare *você* com isso. Não estou chorando.

— Eu tenho dois olhos — ele respondeu, olhando para mim com uma expressão confusa no rosto.

Quando eu estava prestes a fungar de novo, parei. Aqueles olhos castanho-esverdeados estavam perto demais, atentos demais. A última pessoa do mundo na frente de quem eu queria demonstrar qualquer sinal de fraqueza era ele. Meu nariz escorreu e evitei limpá-lo ao encará-lo de volta.

— É óbvio. Eu também tenho, Berlin.

O “Berlin”, em referência ao time, foi a gota d’água.

Pelo lado positivo, ele se contentou em me olhar feio em vez de soltar um palavrão sobre o quanto eu era uma babaca por chamá-lo daquilo.

— Eu não sou de Berlim.

Um fato do qual eu estava muitíssimo ciente. Ele não tinha noção do quanto eu sabia sobre ele, e eu não lhe contaria. Algo com relação àquele segredinho me deixou relaxada.

Quando voltei a olhar para Kulti com a expressão clara e os ombros relaxados, tão inocente quanto pude parecer, ele inclinou a cabeça para trás e encarou o céu escuro.

— Entre no ônibus, Sal.

Então quer dizer que voltamos ao “Sal”.

Sabendo muito bem quando era hora de me afastar ou de responder a uma pergunta que não me deixaria feliz, dei dois passos para trás.

— Como quiser, senhor.



Jogo?

Flexionei o pé dentro da chuteira e digitei: É claro.

Mesma hora? Kulti respondeu.

Ja. Sorri para a tela antes de repousar o celular no colo.

— Por que você está sorrindo? — Marc perguntou do seu lugar no assento do motorista.

O sorriso desapareceu devagarinho do meu rosto.

— Não é nada.

— Mentirosa.

Revirei os olhos quando o celular vibrou entre as minhas pernas. Pegando-o outra vez, eu me certifiquei de que a atenção de Marc estava novamente na estrada.

Vá fazer uma quesadilla.

Comecei a rir histericamente.

— Puta merda, Sal! — Marc gritou. — Você quer que eu bata o carro?

Apesar de Marc gritar comigo por ter caído no riso tão de repente, aquilo não me impediu de rir ainda mais.



Ele esperava no banco quando entrei com o carro no estacionamento — faixa na cabeça, taco apoiado na coxa e uma luva no colo.

Mantive o rosto neutro, como se ele não tivesse me enviado a mensagem mais ridícula do mundo naquele mesmo dia.

— Oi.

— Sal — Kulti disse meu nome como se sempre o tivesse usado, levantando-se com seus pertences em mãos. Ele vestia os mesmos tipos de roupa de sempre: short branco esportivo, camiseta preta simples e tênis de

corrida RK preto e verde.

— Pronto? — perguntei, dando uma olhada em suas panturrilhas musculosas por uma fração de segundo.

— *Ja* — ele respondeu.

Olhei para o rosto dele e dei uma risadinha, mas ele não estava sorrindo para mim, estava apenas observando, como sempre. Caminhamos juntos em direção ao campo, em silêncio. A conversa esquisita que tivemos durante o jogo do Pipers havia alguns dias pareceu ter sido esquecida. Eu entendia seu ponto de vista e a mensagem que ele queria transmitir, então não levei para o lado pessoal.

Sem nenhuma surpresa, fomos colocados em times diferentes. A maioria dos jogadores no parque eram pessoas com quem havíamos jogado nas últimas duas vezes. Um deles era o cretino que brincou de Acerte a Topeira com o meu pé, que estava ali perto com dois outros caras, todos me encarando.

Estranho.

Uma palma aberta me acertou no ombro.

— Cuidado. — Kulti se inclinou para encontrar meus olhos, seu indicador apontando para baixo, na direção do meu tênis.

Sem dúvida alguma. Olhei em seus olhos verdes e turvos e assenti.

— Pode deixar. Boa sorte.

Em vez de dizer qualquer coisa, ele passou andando por mim, esbarrando a lateral do antebraço no meu ombro, de leve... de brincadeira.

— Vamos, sua fedelha. Quero começar o jogo antes dos meus quarenta anos! — Marc gritou, gesticulando para que eu fosse para a lateral do campo. Nosso time bateria primeiro.

— Mas isso é, tipo, semana que vem.

Ele me mostrou o dedo do meio.

Nos enfileiramos para rebater e só passamos por quatro rebatedores antes de três anulações e de termos que trocar de posição. Seis anulações mais tarde, consegui eliminar três dos seis jogadores adversários, e meu time estava de volta à defesa. Foi uma partida rápida com um monte de mudanças internas velozes. Parecia que eu conseguiria comparecer ao treino no dia seguinte sem mancar.

Pelo menos, foi o que pensei até perceber o quanto alguns caras podiam ser competitivos e gananciosos.

Mal haviam se passado duas rodadas quando tomei uma braçada no peito que me derrubou enquanto o homem corria até a base e eu pegava a bola para tocar nele.

Caí com tudo de traseiro e de costas no chão, porque foi totalmente inesperado — é sério, quem é que jogava daquele jeito? A semana anterior era para ter sido uma anomalia. Respirei fundo para controlar o quanto fiquei instantaneamente irritada e sem fôlego por ter sido praticamente agredida. Assim que me acalmei, tirei o cara de cima de mim com um empurrão e olhei feio para o idiota. Era um daqueles homens que estiveram do lado do babaca da semana anterior, que também era uma das três pessoas que eu havia eliminado antes.

Respirei fundo outra vez, lutando contra um resmungo ao observá-lo se levantar com ajuda das mãos e dos joelhos. *Paciência, Sal. Paciência.*

Mas não estava funcionando.

Rolando para me sentar, engoli os xingamentos que estavam se moldando na minha boca.

Paciência. Paciência.

Engoli a saliva e me agarrei ao tiquinho de paciência que encontrei dentro de mim.

— Eu não jogo desse jeito — eu disse a ele em uma voz calculada e controlada, levantando-me devagar. Endireitei a postura até alcançar minha altura máxima, ainda uns bons treze centímetros a menos do que o cara que havia me empurrado no chão. Inclinei a cabeça para cima e encarei-o bem nos olhos. Ele tinha mais ou menos a minha idade e era atraente o bastante para ser um escroto egocêntrico com seu cabelo com gel e barba aparada. Aprendi bem cedo, jogando com meu irmão, Simon, Marc e os amigos deles que, como garota, como *pessoa*, não se podia recuar. Além disso, eu não tinha medo daqueles idiotas. Nem um pouquinho. — Não faça isso de novo.

— Opa, opa, opa — a voz de Marc veio de algum lugar na minha visão periférica antes de ele aparecer. Perto o bastante, enfiou uma das mãos no espaço entre os nossos corpos e fez o estranho dar um passo para trás. — Cara, nós não fazemos esse tipo de merda, e você especialmente não vai fazer

esse tipo de coisa com ela. Se controla ou você vai acabar sendo expulso daqui. Aliás, isso vale para todo mundo.

A tensão pareceu mais uma névoa pesada sobre o campo, enquanto o cara, por fim, dava outros dois passos para trás e assentia. Raiva zumbiu nos meus ouvidos ao observar aquele completo idiota se afastar.

A mão de alguém me acertou com tudo no estômago, e não tive que baixar os olhos para ver que era Marc, inclinando-se para ficar na frente do meu rosto.

— Achei que a gente tinha conversado sobre você se arriscar — ele sibilou.

Pisquei e senti as narinas se dilatarem.

— O amigo dele pisou em mim na semana passada, e agora esse imbecil achou que estava na luta livre. O que você queria que eu fizesse? Ficasse sentada sem dizer nada?

Nós dois sabíamos que ele fazia parte do trio que havia me ensinado, quando criança, que era aceitável enfiar meu cotovelo no lugarzinho macio sob a caixa torácica e, às vezes, nos rins, se fosse necessário. Não foi até eu ficar um pouco mais velha, jogando em uma liga, que meu treinador finalmente me explicou que aquilo não era certo... mesmo que desse conta do recado.

Suspirando, Marc me encarou com seus olhos escuros.

— É claro que não, mas você sabe que tudo o que eu não quero é que você se machuque, porque esses covardes são sensíveis pra cacete.

— Eu sei, mas aquilo foi ridículo.

Um sorriso cansado se abriu por inteiro na boca dele.

— É ridículo, sim, mas, às vezes, até eu quero te derrubar no chão, Sal, e eu te amo. Relaxe. Vamos furar os pneus dele daqui a algumas semanas, quando ele não estiver esperando.

Aff.

Bufei, então, bufei de novo. Ele era uma pessoa ótima na minha vida, mais como um irmão ilegítimo do que um amigo, na verdade. Beijei a pontinha dos meus dedos e, depois, acertei a bochecha dele com um tapinha leve.

— Eu também te amo, mas não sei se consigo esperar algumas semanas.

Revirando os olhos, ele endireitou a postura e me olhou feio.

— Tente. Mantenha a raiva sob controle, sua Hulkzinha.

Também revirei os olhos e respirei fundo outra vez para me controlar. Peguei o que restava da minha paciência e coloquei-a perto do coração. Pelo cantinho dos olhos, vi Kulti na lateral, um pé para a frente, mãos abaixadas nas laterais, aqueles antebraços musculosos flexionados. Notei que até suas panturrilhas eram firmes. A mandíbula estava cerrada enquanto ele continuava parado ali, pronto para sei lá o quê. Mas não se moveu. Não disse palavra alguma, e eu ainda estava irritada demais para interpretar sua linguagem corporal.

Se tinha sido um acidente? Eu duvidava muito, mas já havia jogado com pessoas brutas antes, e eu sempre as deixava se safarem com, talvez, uma cotovelada e uma ombrada, se isso os fizesse dormir melhor.

Mas, ainda assim, ele era um baita de um babaca.

Então, aconteceu de novo.

Alguns minutos depois, assim que os times haviam trocado de posição, eu estava correndo — não na velocidade máxima — em direção à terceira base, depois de roubar a segunda. Bem quando eu estava chegando na terceira, alguém atrás de mim acelerou, e, sem necessidade alguma, me empurrou para a frente ao tentar me eliminar.

Eu saí voando, com o destino da minha boca sendo o chão de terra.

Sob circunstâncias normais, eu teria conseguido me segurar, mas com aquele empurrão adicional, entrei no embalo. A cena do meu corpo caindo todo desajeitado de joelho ou tornozelo e a possibilidade de lesionar algo passou pela minha cabeça. Não havia nenhum jeito delicado de parar o impulso da queda sem me machucar feio. Então me joguei para a frente, mãos para cima no deslizar o mais desleixada possível para não quebrar o pulso, e caí de barriga. É sério, eu *caí de barriga* e ainda deslizei um pouco. A queda foi dura e dolorosa. Fez eu me lembrar daquela vez que mergulhei da plataforma quando era criança e perdi todo o fôlego, quase parecendo que eu talvez tivesse quebrado uma costela.

Mas o ponto era que eu tinha caído e deslizado. Eu tinha sido empurrada. E não estava de boa com aquilo, ainda menos quando o homem idiota e imbecil decidiu ficar em cima de mim, com seu um metro e oitenta de

babaquice suprema.

Meu estômago queimava, e minhas costelas inferiores doeram quando tentei me apoiar nas mãos e nos joelhos.

Putá merda.

Inspirei e soltei o ar em um silvo logo em seguida, uma das mãos indo para baixo da camisa e tocando a pele que eu sabia estar arranhada.

Antes que eu pudesse sequer obter sucesso em me apoiar nos joelhos, o culpado tinha sido jogado no chão. Quero dizer, ele foi *empurrado* com força. Não por Marc nem por Simon. Era Kulti parado de costas para mim. Kulti havia empurrado um homem adulto no chão.

Reiner “O Rei” Kulti estava acima daquela doninha maldita, prendendo o corpo dele e se mantendo agachado.

— Seu covarde — ele rosnou.

Literalmente, vi saliva voando da boca do alemão ao dizer palavras em sua língua nativa que eu não compreendia, mas entendia a essência. Não eram amigáveis, nem um pouco.

— Você é patético. — Honestamente, pensei que ele fosse dar um tapa no homem, e fiquei um pouquinho decepcionada quando não o fez. Seu rosto continuou se abaixando mais e mais até eu ter certeza de que o sangue corria direto até a cabeça dele.

O que se seguiu foi uma explosão em alemão que fez o cabelo na minha nuca se eriçar. Feroz e cortante, só entendi algumas palavras aqui e ali. Algo sobre morrer e algo sobre *o investimento dele*?

O que raios aquilo queria dizer, eu não fazia ideia. O que eu sabia era que soava terrivelmente feio. Tão feio que senti um arrepio descer pela minha coluna mesmo enquanto eu estava congelada no lugar e apoiada nos joelhos, a meros metros de toda a ação.

— É ele mesmo — Marc sussurrou em uma voz reverente, me assustando, porque eu não fazia ideia de que ele estava tão perto.

— Shh — sibilei para conseguir ouvir se algo mais fosse dito ao idiota no chão.

Como esperado, não me deixaram na mão. Kulti se endireitou até estar em pé, pernas em cada um dos lados do corpo do cara.

— Da próxima vez, vou quebrar sua mão. — E, com isso, ele se virou.

Juro pela minha vida que ele ergueu a perna como se planejasse chutá-lo, mas, no último instante, mudou de ideia e continuou andando... na minha direção.

E o que eu fiz? Simplesmente fiquei parada. Eu simplesmente *fiquei parada bem ali*.

Teria mesmo ele, o homem que nem sequer tinha piscado quando um colega de time teve duas vértebras quebradas depois de um chute chulo, defendido a mim? *Eu?*

Aquele corpo imponente de quase um metro e noventa parou quatro passos depois, de olho na mão que estava debaixo da minha camisa; o porquê, eu não sabia. Estava tão focada nas ações de Kulti que não tinha como eu ter certeza de nada.

Suas narinas se dilataram, e juro que todo seu tronco pareceu expandir ao se inclinar para a frente, seu dedo mal roçando meu queixo. Kulti murmurou algo que soou estranhamente como “sortuda demais”, o queixo se virando para parar logo acima da clavícula, como se não suportasse olhar para mim. O pomo de adão saltou e ele pareceu ter dificuldades para voltar a respirar antes de recuperar o controle.

Seu olhar intenso ignorou as pessoas boquiabertas ao nosso redor. Ele disse, em um tom bruto, mãos envolvendo os meus cotovelos: — Vamos parar por aqui. Vou pegar a sua chave.

Tudo o que consegui fazer foi assentir. Acho que até esqueci de como respirar com todo aquele choque e emoção enquanto Kulti continuava a me segurar e me ajudar a me levantar. Minhas costelas cantaram uma melodia miserável quando me levantei com um resmungo. A pele sobre meu estômago doía, mas consegui fazer contato visual com Simon e Marc.

— Eu estou bem — falei, sem me importar, pela primeira vez na vida, que todas aquelas pessoas que eu não conhecia direito estivessem encarando aquele espetáculo à parte conhecido como Kulti Sendo Fodão.

— Tem certeza? — Marc perguntou, o rosto vincado com preocupação. Assenti. — Me liga mais tarde, combinado?

Engoli em seco e acenei para meus velhos amigos, respirando através da dor enquanto me virava para sair do campo. Kulti estava na minha frente. Ele já tinha se abaixado e pegado minha luva, a dele presa sob a axila, um braço

estendido na minha direção em um gesto para que eu me aproximasse.

E foi o que fiz.

Meu abdômen e minhas laterais doíam a cada passo, mas aguentei ao caminharmos quase lado a lado, o alemão ficando só um pouquinho atrás de mim. Ele desviou por um segundo para pegar nossas bolsas, arrebatando-as do chão. A raiva que exalava dele era sufocante, mas assimilei tudo e fiquei tranquila. Ele estivera prestes a acabar com aquele cara por causa da minha honra.

Eu tinha visto Kulti perder a cabeça por muito menos, mas por outra pessoa? Nunca. Marc daria um grito no celular mais tarde, eu tinha certeza.

Olhei para ele ao caminharmos em direção ao estacionamento, analisando um milhão de ideias diferentes com relação a como agradecê-lo pelo que tinha feito. Pela forma como seu corpo estava tenso, duro nos ombros e no peitoral, imaginei que seria melhor dar um instante a ele. Por isso, fiquei de boca fechada e continuei andando.

Meu carro estava tão perto que eu quase podia tocá-lo. Eu só queria voltar para casa, talvez jogar um pouco de sal de Epsom na banheira e mergulhar na água por um tempinho enquanto afogava minha dor nos analgésicos sem receita médica.

— Jesus Cristo — resmunguei quando senti uma forte dor latejante nas costelas assim que paramos perto do capô do meu carro.

O homem grande largou nossas bolsas no chão, e não deixei de notar a grande veia pulsando em seu pescoço. Os dedos estavam curvados nas laterais.

— Deixe-me ver.

— Estou bem — insisti, debatendo se deveria ou não me curvar e pegar minha bolsa.

— Você é a pior mentirosa que já conheci — ele disse. — Erga a camisa ou eu mesmo farei isso.

— Hum...

Ele não estava brincando.

Quando não ergui a camiseta na mesma hora, ele o fez por mim. Uma das mãos agarrou o tecido gasto de algodão pela bainha e, quando percebi, ele a puxava para cima. Muito para cima. A camiseta quase passou pelos meus

seios, pelo top preto esportivo e tudo.

Tentei afastar a mão dele com um tapa.

— O que você está fazendo?

Mas não adiantou nada. Ele manteve o aperto fatal no tecido, e os olhos totalmente focados na parte do meio do meu corpo.

Talvez eu devesse ter ficado constrangida, mas não fiquei. Pelo menos, não muito. Eu comia direito, fazia montes de exercícios e, francamente, não dava a mínima se ele me achava magra ou gorda demais. Porque eu estava com dor. A pele que cobria meu abdômen estava inflamada e vermelha; bem no centro, pequenas gotas de sangue pontilhavam a pobre área. Por sorte, nas costelas não estava inchado nem arroxado.

Mas amanhã... Fiz uma careta.

Enquanto eu estremecia com a ideia de quanta dor sentiria no dia seguinte, Kulti abaixou o elástico do meu short de corrida azul-royal uns cinco centímetros. Ficou baixo o bastante para que o cóis da calcinha de algodão azul-pastel aparecesse.

— Chega — murmurei e puxei o tecido para longe de seus dedos.

Kulti ergueu os olhos, queixo ainda para baixo, minha camiseta amarrotada em sua outra mão.

— Não achei que você fosse tímida.

— E não sou. — A não ser na frente de uma câmara, onde eu acabaria tendo algo muito mais parecido com um completo colapso.

— Mas está agindo como se fosse.

Uma pequena parte minha sabia muito bem que Kulti estava apenas me enchendo o saco, me desafiando para que eu fizesse o que ele queria. Eu não era tímida. Estava acostumada com as pessoas — tudo bem, fisioterapeutas, quiropatas e massagistas — colocando as mãos em mim enquanto eu estava meio vestida. Treinar com um top quando estava quente demais, ou quando eu queria conseguir um bronzado, também não era fora do comum. Eu não tinha nenhum problema com o meu corpo, exceto com algumas estrias em lugares específicos nos glúteos e nos quadríceps. Em algum momento no passado, eu havia superado a ideia de que rostos bonitos e corpos tradicionalmente femininos, quer fossem esguios ou curvilíneos, eram o único padrão de beleza no mundo. O fato de que eu não era esbelta ou

voluptuosa ou de que nunca chegaria perto de ser algum tipo de mulherão não me incomodava mais. Meu corpo e estatura eram desse jeito e ponto.

Meus braços, barriga e pernas eram um sinal do trabalho de uma vida toda. Eram a minha máquina: torso curto, ombros meio largos e coxas musculosas. Eram meus, e eu não tinha vergonha. Estava feliz comigo mesma. É claro que já tinham me dito que meus quadríceps eram muito grandes, ou que eu teria que parar de erguer pesos para não ficar máscula demais, seja lá o que isso significasse. Meus braços não podiam ser esqueléticos, eu precisava que minhas pernas me levassem o mais longe possível, e me levavam. Por outro lado, eu também tinha colegas de time e treinadores que me falavam que eu deveria ganhar mais músculos. Eu poderia ser mais e poderia ser menos, mas era apenas eu mesma. Em algum momento, era preciso decidirmos ser a nossa melhor versão, a versão com que a gente conseguia viver e olhar no espelho dia após dia.

Eu tinha encontrado essa pessoa, afinal. Não uma modelo, não uma participante de uma competição de fisiculturismo. Apenas eu.

Além disso, eu tinha visto a ex-esposa e as ex-namoradas de Kulti. Ele gostava de mulheres altas, cabelo comprido e seios pequenos, bem no limite entre magra e em forma.

Ou seja, não eram meus seios médios que não diminuía não importava o quanto eu treinasse no supino, ou minhas coxas e traseiro que só cabiam nos jeans mais justos depois de uns dez minutos de sacudidas, pulos e puxões. E nem pensei no meu rosto, porque era um assunto completamente diferente. Eu tinha cicatrizes e sardas sobre as quais não podia nem fazer nada.

— Tudo bem. — Afastei as mãos e ergui-as antes de tirar a camiseta. Dane-se. O que eram seios e algumas sardas, sendo que ele tinha me visto sem maquiagem quase todos os dias nos últimos dois meses?

Suas pálpebras se abaixaram sobre os olhos acastanhados, mas ele não disse nada. Em vez disso, observou-me com aquele olhar pesado, mãos fechadas sobre as minhas laterais, logo abaixo da menor parte das minhas costelas. Estavam frias e firmes. Não deixei de notar como suas mãos eram grandes. Quase soltei um barulhinho com seu toque. Quero dizer, Marc me tocava o tempo todo. Não era grande coisa.

As mãos de Kulti subiram, as palmas tão amplas e os dedos tão longos que quase se tocaram atrás.

Então, ele apertou, e soltei um grunhido nada feminino.

O alemão não quebrou o contato visual comigo nenhuma vez, mesmo enquanto os dedos pressionavam a cavidade entre as minhas costelas, as pontas dos dedos repousando na pele arranhada acima do músculo plano do abdômen. Minhas narinas dilataram quando Kulti apertou de novo, meu coração acelerando, acelerando e acelerando ainda mais ali embaixo. Os pelos nos meus braços se arrepiaram em resposta.

Ele tinha mesmo que me olhar enquanto fazia aquilo?

— Estou bem. Foi só um machucado de nada — eu disse com uma voz controlada que nem sequer indicava o fato de que o grande órgão, bem no meu peito, achava que estava indo correr na Nascar.

Um dos dedos, despreocupado, acariciou-me em linha reta até a faixa elástica do top esportivo, o qual, não pude me esquecer, estava literalmente a um centímetro do volume inferior do meu seio.

— Você vai ficar bem — ele afirmou, confiante, como se tivesse uma visão raio-X que lhe dissesse que estava tudo certo.

Suas mãos desceram até minha barriga.

Engoli em seco, tentando me recompor.

— As minhas, hum, chaves estão no zíper lateral da bolsa. Você poderia pegá-las, ou me passar a bolsa para que eu possa pegá-las?

Ele me lançou um olhar, esticando-se para recolher minha bolsa no chão antes de abrir o bolso e pescar as chaves, apertando-as na mão fechada.

— Eu levaria você para casa, mas... — Seus lábios se curvaram sobre os dentes, quase como se fosse esmagá-los.

Mas...

— Não se preocupe com isso. — Não perguntei se ele não podia. Ele não podia. Era simples assim. Eu não sabia exatamente o motivo, mas as pistas estavam todas ali.

Kulti nem sequer piscou ou pareceu minimamente desconfortável — isso eu entendia. Ele assentiu uma vez, lábios ainda tensos.

— Vou seguir você.

Me seguir até em casa?

— Não precisa. Eu juro. Consigo chegar em casa inteira.

— Vou seguir você.

Meu Deus.

— Tenho certeza de que você tem coisas melhores para fazer. Confie em mim, não precisa.

— Não tenho. Eu vou seguir você — ele insistiu. Abri a boca para argumentar, mas ele me interrompeu. — Entre.

Foi exatamente assim que me peguei guiando uma estrela internacional do futebol até minha pequena casa em cima de uma garagem.



Foi a batida na porta.

Foi a maldita batida que finalmente me fez rolar para fora da cama.

Eu ia matar quem estivesse do outro lado da porta. Tudo bem, talvez não matar, mas ferir.

O fato de os meus pés estarem se arrastando às dez da manhã era o primeiro sinal do quão horrível eu me sentia. Mas eu sabia que não havia alongado nenhum músculo, o que explicava o motivo de estar me sentindo ainda pior do que no dia anterior.

— Estou indo! — ladrei quando a batida ficou ainda mais odiosa.

Assassinato. Dane-se. Talvez eu pudesse me safar com um crime passional.

Quando olhei pelo olho mágico que meu pai havia instalado quando terminou de me ajudar com a mudança, pensei em me dar um tapa na cara para garantir que não estivesse dormindo.

— Treinador? — perguntei ao destrancar o fecho de cima e, depois, o de baixo, abrindo só uma frestinha da porta.

Seu grande rosto alemão me encarou pela fenda.

— Pode me chamar de Rey. Deixe-me entrar.

Ele gostaria que eu o chamasse de Rey — “rei” em espanhol.

Deixei-o entrar.

Só depois que abri a porta foi que pensei no fato de que eu havia saído da cama segundos antes. Meu cabelo deveria estar parecendo um dos piores pesadelos do John Frieda, e meu rosto... inchado. Sem dúvida estava inchado com manchas secas de baba.

— Acabei de acordar — expliquei baixinho, observando-o trancar a porta assim que entrou.

— Percebi. — Aqueles olhos castanho-esverdeados observaram meu rosto por um segundo, desviando-se um pouco para baixo por um breve momento antes de, por fim, dar uma olhada na minha pequena sala de estar. — Eu te liguei — ele disse, distraído.

— Coloquei o celular no silencioso depois que liguei para o Gardner avisando que não ia hoje — expliquei.

Primeiro, eu não tinha dormido direito. Uma posição confortável para dormir foi algo que não encontrei a noite toda. Estava exausta. Quando o despertador tocou, às seis, e eu me virei para desligá-lo, minhas costelas me disseram, com muita calma, que de jeito nenhum eu sairia para correr, muito menos aguentaria o treino.

Por sorte, nas últimas quatro temporadas em que estava no time, havia faltado ao treino em apenas uma ocasião não relacionada a uma lesão. Meu avô tinha morrido e eu havia pegado um voo para a Argentina até o funeral exagerado ao qual milhares de pessoas compareceram. Um país de luto, foi o que um apresentador de televisão anunciou naquela noite, quando me sentei no quarto de hotel assistindo ao resumo das notícias do dia. Gardner nem hesitou quando me desejou melhoras e disse para que eu voltasse assim que minha “virose” misteriosa sarasse.

Eu odiava mentir, mas, pelo menos, havia prometido ir ao médico e ficar na cama.

— Entendi. — Ele deu mais alguns passos para dentro, seus olhos na pequena cozinha e na ilha onde eu tinha duas banquetas em vez de uma mesa.

Engoli um bocejo.

— Você está bem?

Kulti me inspecionou da cabeça aos pés, franzindo a testa.

— Estou ótimo. Vim ver se você ainda estava viva.

Tive uma breve recordação da noite anterior, quando ele havia abaixado a janela do carro parado na entrada da minha garagem e me mandado tomar algo para a dor.

— Estou ótima também. Só parece que um caminhão passou por cima de mim, mas estou bem.

— Você faltou ao treino. Você não está bem.

Ele tinha um ótimo argumento.

— Marquei uma consulta ao meio-dia, só para garantir que não quebrei nada.

A expressão dele se fechou quando passou ao meu lado para entrar na cozinha. Parou depois de dar dois passos e olhar sobre o ombro, seus olhos indo até as minhas pernas.

— Você usa calça alguma vez na vida?

— Não. — Eu estava de short, droga. Além disso, estávamos em Houston. Nenhuma mulher usava calça no verão, a não ser que precisasse.

Ele olhou por mais um segundo, subiu até meu rosto e, então, continuou a jornada até a cozinha.

— Você tem chá ou café?

Apontei.

— Os dois.

Ele emitiu um barulho que não identifiquei enquanto procurava nos armários da cozinha.

Certo, então.

— Bem, sinta-se em casa. Vou tomar um banho e vestir uma calça, acho.

— Talvez eu o tivesse olhado feio quando mencionei vestir uma calça, mas Kulti não estava prestando atenção. Estava de costas.

Trinta minutos depois, eu tinha acabado de tomar banho, meus dentes estavam escovados, meu cabelo... bem, preso em algo que poderia ser considerado um coque, e o desodorante estava em dia. Vesti um jeans que poderia se passar por leggings e coloquei um sutiã de verdade. Então, reapareci na sala de estar. Kulti estava sentado no sofá, bebendo café preto de uma caneca com desenho de coruja e assistindo à televisão.

O fato de que o homem que havia ocupado minhas paredes por quase uma década estava sentado no meu sofá, bebendo café porque tinha vindo dar uma olhada em como eu estava, não me afetou muito. Eu não diria que era algo normal, mas não estava me engasgando ao falar com ele nem surtando por não ter tirado pó nas últimas duas semanas. Estava... tudo certo. Não era nada de mais.

Não era nada de mais Reiner Kulti estar sentado ali, passando o tempo.

— Você está com fome? — Eu estava faminta. Àquela altura do dia, eu geralmente já estaria na minha segunda refeição.

— Não — ele respondeu, ainda sem tirar o foco da televisão.

Olhei para ele e comecei a vasculhar o freezer em busca de algo fácil para preparar. Havia algumas tortinhas de peru congeladas, frutas e uma baguete integral. As frutas, separei para misturar em uma vitamina enquanto preparava o resto. Kulti não disse nada enquanto eu aprontava a refeição, mas eu sabia que ele estava mais do que ciente da minha localização.

Quando terminei, tinha um liquidificador cheio de uma vitamina esquisita com leite de amêndoa e restos de frutas congeladas. Servi dois copos e coloquei meu sanduíche de mentirinha em um prato.

— Aqui — eu disse, estendendo um copo por trás e sobre a cabeça dele.

Ele aceitou sem dizer nenhuma palavra, colocando o copo na mesinha de centro. Rigidamente, me sentei do lado oposto do sofá, prato no colo, vitamina na mesinha de centro, e fiquei ali, assistindo ao programa de sobrevivência que estava passando na TV. Kulti ocupou a mesa lateral enquanto eu comia minha refeição, me sujando toda, porque doía demais tentar ter modos.

— Por que você tem tantas gravações desse programa? — perguntou ele, navegando pelo meu DVR.

— Porque eu gosto — respondi. Apesar de que, tudo bem, essa não era toda a verdade. Eu gostava. Mas também achava muito atraentes os dois caras que estavam tentando sobreviver em condições e contextos diferentes.

Kulti murmurou algo, mas selecionou o episódio mais antigo no topo. Eu, sem dúvida alguma, não reclamaria.

Em menos de quinze minutos depois que o programa começou, o alemão girou todo o seu corpo na minha direção, seu rosto cheio de suspeita.

Coloquei o prato no colo e pisquei.

— O que foi?

— Você gosta deles ou do programa?

Ah, cara. Marc tinha rido histericamente quando admiti o quanto eu achava aqueles dois homens gostosos — tinham seus quarenta e poucos anos, os dois estavam ficando grisalhos, um nos primeiros estágios da calvície, mas eu não dava a mínima. Eram muito atraentes, e toda a coisa da sobrevivência só ajudava. Do que eu tinha que me envergonhar?

— Deles, principalmente.

A expressão de Kulti não mudou, mas seu tom entregou tudo.

— Você está brincando. — Ele não conseguia acreditar. Qual era o problema? Os dois eram bonitões.

— Não.

Ele piscou aqueles olhos castanho-esverdeados para mim.

— Por quê? — perguntou, como se eu tivesse acabado de dizer que eu bebia meu próprio xixi.

Peguei o prato e segurei-o bem debaixo da boca antes de dar outra mordida no sanduíche.

— Por que não?

— Você poderia ser filha deles — Kulti soltou. — Um deles não tem cabelo em metade da cabeça.

Dei outra mordida e o observei com cuidado, nem sequer pensando que era esquisito ele parecer tão indignado com quem eu achava atraente.

— Primeiro, duvido de que eles tenham idade para serem meus pais. Segundo, uma careca não me importa nem um pouco.

Kulti balançou a cabeça devagar.

Tudo bem.

— Os dois estão em forma, têm sorriso e rosto bonitos. — Dei uma olhada na tela. — E eu gosto da barba deles. O que tem de errado nisso?

O queixo dele caiu alguns milímetros.

— O quê?

— Você tem problemas com o seu pai?

— O quê? Não. Meu pai é uma ótima pessoa, credo.

O queixo dele ainda não tinha voltado ao lugar.

— Você gosta de homens velhos.

Mordi meus dois lábios, olhos arregalados. Tenho certeza de que minhas narinas dilataram um pouco. O quanto ele estava perto da verdade quase me fez rir. Em vez disso, dei de ombros.

— Eu não diria velhos, só... maduros?

Kulti me encarou por tanto tempo que comecei a rir.

— Pare de me olhar assim. Acho que nunca me senti atraída por caras da minha idade. Quando eu era mais nova... — *Fui apaixonada por você,*

pensei, mas não disse em voz alta. — Eu os achava idiotas, e ainda é assim — expliquei.

Ele continuou não dizendo nada.

— Pare com isso. Todo mundo tem um tipo. Tenho certeza de que você também.

Kulti piscou.

— Eu não me sinto atraído por pessoas idosas.

Revirei os olhos.

— Certo, tudo bem. Você não gosta de homens ou mulheres mais velhos.

Ele ignorou minha alfinetada quanto a ele sentir atração por homens.

— Eu não tenho um tipo — ele disse, sem pressa.

Sim, ele tinha, e eu sabia exatamente qual era.

— Todo mundo se sente atraído por certas coisas, até você.

Aqueles olhos castanho-esverdeados piscaram na velocidade de uma geleira em movimento.

— Você quer saber pelo que eu me sinto atraído?

Levei trinta segundos a mais do que o esperado para perceber que, afinal de contas, eu não queria saber. Será que queria ouvi-lo vomitar um monte de pré-requisitos nos quais eu não me encaixava? Não. É claro que não, caramba. Só porque eu entendia muito bem o lugar dele na minha vida, não significava que queria ser a antítese das fantasias de Reiner Kulti. Meu ego não aguentaria lidar com aquilo.

Mas não era como se eu pudesse voltar atrás naquele ponto. Rangendo os dentes, assenti.

— Vá em frente, já que você me acha estranha.

— Eu gosto de pernas.

Pernas?

— E?

Os olhos dele se semicerraram só um tantinho.

— Confiança.

— Certo.

— Dentes bonitos.

Hum.

— Um rosto bonito.

Talvez minha pálpebra tivesse começado a tremer.

— Alguém que me faça rir.

O tremor aumentou.

— Você está inventando essas coisas? — Porque, é sério... Kulti rindo? Rá.

— Tem algo de errado com a minha lista? — ele perguntou, seu olhar muito duro.

— Não teria nada de errado, se você não estivesse dizendo um monte de coisas ao acaso. Alguém que te faz rir? Pareceu que você ia começar a descrever um unicórnio depois disso.

Ele cutucou o interior da bochecha com a língua.

— Só porque não gosto de mulheres velhas o bastante para se lembrarem da Primeira Guerra Mundial, não significa que a minha lista é inventada.

Ah, meu Deus. Aquilo me fez cair no riso.

— Você fala como se eu fosse arranjar encontros em asilos. Aqueles dois, provavelmente, são só alguns anos mais velhos do que você, então pense nisso, seu rabugento.

E aquilo fez a boca dele fechar.

— Você é a pessoa mais insolente que conheci em toda a minha vida.

Sorrindo, dei uma mordida no sanduíche.

O que pareceu ser uns cinco minutos mais tarde, Kulti finalmente voltou sua atenção para a televisão, uma bochecha contraída como se a estivesse mordendo.

Quando o episódio acabou, eu me levantei devagar e levei as louças até a cozinha, recolhendo também as de Kulti no meio do caminho.

— Tenho que sair daqui a meia hora. Se prometer que não vai roubar nada que você poderia facilmente comprar, pode ficar aqui e ver mais TV.

Houve um momento de pausa enquanto ele rolava pelas gravações do DVR.

— Meu motorista está lá embaixo. Ele pode nos levar.

Nos levar? Meu prato retiniu na pia.

— Você quer ir junto?

— Não tenho mais nada para fazer.

Não era a primeira vez que ele dizia algo do tipo. Voltei, contornando o sofá, e me sentei com cautela, encarando-o. Eu sabia que não tinha direito algum de dizer o que estava prestes a perguntar, mas não importava.

— O que exatamente você faz o dia todo?

Era uma pergunta honesta. Ele não tinha um trabalho comum, mas imaginei que tivesse outras coisas que o mantivessem ocupado. Ele já tinha tido alguns projetos, alguns negócios dos quais ouvi falar ao longo dos anos, mas aparentemente também tinha tempo para dar e vender. Então o que fazia quando não estava no treino?

Ele manteve a atenção na TV, mas pude ver como seu ombro mais próximo de mim ficou tenso. Sua resposta foi simples: — Nada.

— Você não tem nada para fazer?

— Não. — Ele corrigiu a resposta: — Alguns e-mails e ligações, nada importante.

— Você não tem negócios ou outras coisas para fazer?

— Sim, e tenho gestores que cuidam de tudo para que eu não precise fazer nada. Minimizei minhas responsabilidades recentemente.

Aquilo parecia... terrível.

— Você poderia fazer outras coisas, se quisesse — ofereci, sem convicção. — Trabalho voluntário, arrumar um hobby...

Kulti deu de ombros.

Isso não me ajudou nem um pouco a me sentir menos desconfortável em constatar o quanto ele sempre devia se sentir entediado. Não ter coisas para fazer me enlouquecia. Como não o enlouquecia também? Ficar em casa o dia todo...

De repente, lembrei-me da noite em que fui buscá-lo no bar. Tudo bem, então talvez ele não ficasse em casa o dia todo. Ainda assim, muitas coisas, de repente, fizeram sentido. Por que ele jogava softbol, por que me chamava para jogar futebol com ele, por que estava no meu apartamento.

Uma sensação de dever agitou meu peito. Mas não disse nem fiz nada. Sobretudo porque não estava planejando me esquecer do que ele havia admitido.

Aquilo de “informação demais antes da hora” era verdade, não era?

Reclinando-me no sofá por mais alguns minutos, mantive a ideia em mente.

— Neste caso, vai ter que pegar um dos meus bonés antes de sairmos.

— Por quê?

— Porque meu médico é seu fã. — Ele tinha uma camisa emoldurada no consultório.

Kulti ergueu uma sobrancelha.

— Sua foto vai estar por toda a internet antes mesmo de você sair de lá — expliquei. — Depois, todo mundo vai perguntar o que você estava fazendo em uma consulta comigo, e, quando menos esperarmos, todo mundo vai dizer que estou grávida de você.

Kulti bufou.

— Não seria a primeira vez.

Ele tinha razão. Eu me lembrava de pelo menos algumas vezes, ao longo dos anos, algum jornal ou revista sensacionalista ter noticiado que Kulti havia engravidado alguém com quem havia sido visto. Especulavam sobre um novo relacionamento toda vez que ele aparecia ao lado de uma mulher.

Então, o divórcio aconteceu.

Foi ruim. *Ruim*. As pessoas montaram uma linha do tempo desde o momento em que as fotos tinham sido publicadas, o que, naquela época, pensei ter sido um dos piores dias da minha vida. Meu primeiro amor — o babaca que agora me chamava de Taco — tinha se casado com uma vaca alta, magra e bonita.

Tudo bem, talvez ela não fosse uma vaca, mas, naqueles tempos, nem um milhão de dólares me faria mudar de ideia.

Exatamente um ano depois daquele espetáculo gigantesco que tinha sido o casamento, ele tinha dado entrada na papelada de divórcio com a atriz sueca de filmes de terror. Rumores de um traindo o outro, de Kulti começar e terminar relacionamentos antes de tudo ter sido finalizado, conversas de um acordo pré-nupcial maluco — tudo isso inundou os jornais e os canais de entretenimento. A maior surpresa foi que o time dele naquela época não tinha nem sequer se qualificado para as finais. As pessoas haviam destruído Kulti. Quero dizer, *esfrangalhado toda a vida dele*.

Embora, no começo, eu tivesse me obrigado a não acompanhar a carreira dele, a não o pesquisar em sites nem a prestar atenção quando seu nome fosse mencionado, foi impossível ignorar todo o drama, embora eu quisesse muito.

Então, ele tinha voltado na temporada seguinte e vencido um campeonato.

Não assisti nem prestei atenção à Liga Europeia naquele ano, nem nos dois seguintes. Àquela altura, eu estava focada demais em mim mesma e na minha carreira. Reiner Kulti havia se transformado em alguém que não tinha nada a ver comigo.

— Esse é o preço da fama, né? — perguntei, sentindo uma pontada de dor atravessar o peito. Não deveria ter doído tanto quanto doeu. Era estranho como, até então, quando eu estava mais do que ciente de que nunca existiria algo entre nós, meu corpo ainda era tomado por uma onda de possessividade. Ele havia se casado com alguém, e prometido sua vida a outra pessoa.

Aff. Eu não tinha tempo para aquele tipo de coisa.

A bochecha de Kulti ganhou vincos, como se ele também estivesse se lembrando de tudo pelo que havia passado. Não era como se ele fosse uma pessoa falante e objetiva para começo de conversa, mas, quando respondeu com um monossílabo, notei que aquilo ainda era um assunto delicado para ele.

— Sim. — Isso foi tudo o que disse.

Certo. Pigarreei e cantarolei baixinho: — Um azar do caralho, salsichão.

Houve uma pausa antes de ele soltar um risinho.

— Sal, não sei como você ainda não levou uma cotovelada no rosto.

Abri a boca e pressionei a ponta da língua atrás dos dentes superiores por um segundo.

— Em primeiro lugar, pelo menos eu falo as coisas direito na sua cara e não pelas suas costas. Em segundo, já levei cotovelada na cara. Diversas vezes. — Apontei para uma cicatriz bem na minha maçã do rosto, depois, para outra na parte inferior do queixo e, por fim, logo acima da sobrancelha. — Então, engula essa, seu cara de pretzel.

Para ser honesta, ele era rápido, mas também fui pega desprevenida.

A almofada do sofá me acertou bem no rosto.



— Sal, faz séculos que não a vejo aqui — a recepcionista do outro lado da janela disse enquanto eu lhe entregava uma prancheta com minha papelada, habilitação e carteirinha do seguro de saúde.

— Você fala como se isso não fosse algo bom — respondi, sorrindo.

Ela deu uma piscadela.

— Vamos chamá-la para o raio-X daqui a um pouquinho.

Assenti para a mulher mais velha e sorri para o casal que aguardava pacientemente atrás de mim. Voltei para meu assento no canto da sala, onde o alemão, acomodado com o controle da TV nas mãos, pulava os canais na televisão pendurada na parede. Abafei um resmungo ao me sentar, as mãos agarrando os braços da cadeira.

Ele estava de olho em mim, balançando só um pouquinho a cabeça.

— O que foi?

Kulti baixou os olhos — se para minhas mãos ou para a camiseta de gola V que eu havia vestido, eu não tinha certeza — e então voltou a olhar para o meu rosto.

— Você.

— Cale a boca. A última vez que faltei ao treino foi quando meu avô morreu. Eu não mato treinos sem ter um bom motivo. — Soltei um longo suspiro e me ajeitei, costas retas e mãos prontas para me ajudarem a me levantar quando chamassem o meu nome.

Ele esticou o braço e deu um tapinha na lateral do meu joelho com as costas da mão.

— Eu voltarei.

Abri a boca e deixei um grande sorriso tomar conta do rosto, minha atitude o surpreendendo. A única razão pela qual não ri foi porque doeria, mas, ainda assim, bufei.

— Tudo bem, Arnold.

Kulti não pareceu muito impressionado.

— Ele é austríaco, não alemão, sua merdinha. — Ele ficou sem expressão, seu rosto dizendo que eu o estava irritando, mas os olhos mostravam que havia achado um pouco engraçado a referência ao filme *O Exterminador do Futuro*.

Além disso, não tinha sido minha intenção dizer que Arnold era alemão,

mas se aquilo o tinha irritado, dava na mesma.

Alongando-se até a altura toda dele, acertou meu joelho com o seu e foi em direção ao banheiro. Tirei meu celular da bolsa de couro preta que meus pais tinham me dado no Natal e comecei a digitar uma mensagem para Marc. Avisei-o de que havia chegado na consulta e que tiraria um raio-X em breve. Não ferrei muito com a vida dele tirando o dia de folga, não havia nada desesperador na agenda. Mas, ainda assim, me senti mal, mesmo sendo ele quem tinha me dito que seria melhor eu não ir mais, até ter certeza de que não causaria mais nenhum dano a mim mesma ao trabalhar.

— Você se importa de aumentar o volume?

Tirei os olhos do celular para ver que o homem que estivera atrás de mim na recepção com a esposa me olhava com expectativa, a partir de seu assento do outro lado da sala. Estava se referindo à televisão.

— É claro que não — disse, tirando o controle do assento vazio de Kulti e, despreocupada, aumentando o volume da TV.

Levei um segundo para perceber qual era o assunto do noticiário naquele dia.

— ... *não é a primeira vez que o dinheiro livra esses caras de uma encrenca. Quantas vezes seus assessores não escondem coisas que não querem que o público descubra? Há funcionários para todo grande esporte que você imagina, que seguem esses atletas superestrelas por aí, arrastando-os de volta aos hotéis depois de uma noite em um clube de strip-tease ou boate. Alguns fãs não querem nem ouvir que seus atletas preferidos fazem coisas normais, humanas. Sinceramente, eu não ficaria surpreso se, na ficha do Kulti, houvesse algo sobre dirigir alcoolizado, mas que ninguém consegue achar provas concretas. O cara é um herói alemão, mesmo que metade do país o odeie com todas as forças. Depois das duas temporadas que ele passou na Liga Americana Masculina, ele é praticamente um herói americano...*

Mudei de canal, meu coração querendo sair pela boca.

Jesus Cristo. Estavam mesmo discutindo embriaguez ao volante na porcaria do *Sports Room*? Não tinham nada melhor sobre o que falar?

— Com licença, você poderia voltar para aquele canal? — o homem do outro lado da sala pediu.

De repente, fiquei incrivelmente grata por ter dito a Kulti que ele teria de usar um dos meus bonés antes de sairmos de casa. Sentindo-me um pouco babaca, balancei a cabeça.

— Daqui a pouco. Desculpa.

O estranho não pôde acreditar que eu tinha dito não. Sinceramente, também fiquei surpresa por ter respondido aquilo. Mas, no final das contas, preferiria que aquele estranho me achasse grosseira a Kulti voltar e ver aquela merda na TV. Ele não parecia estar agindo estranho, então achei que não soubesse que era o assunto da TV a cabo, mas quem era eu para saber de algo?

— Você é a polícia da TV, ou algo do tipo? — o estranho perguntou com uma carranca.

Tentei me convencer de que ele só estava sendo escroto porque eu havia começado.

— Não — respondi com calma, olhando-o bem nos olhos, porque ser tímida quando se estava sendo rude apenas piorava as coisas. — Vou trocar de canal daqui a um pouquinho.

Por sorte, se eu esperasse um minuto, os âncoras começariam a falar de outra coisa.

O homem simplesmente me encarou. Às vezes, não era preciso dizer a palavra “vagabunda” para que o recado fosse dado. Aquele cara, estava claro, dominava essa habilidade.

Senti Kulti voltando antes mesmo de ele aparecer. De propósito, caminhou bem pela minha frente, a lateral da perna esbarrando nos meus joelhos, antes de tomar seu lugar na cadeira ao lado da minha. Ele demorou apenas um segundo para notar o clima pesado que o outro homem estava criando na sala.

O alemão se inclinou para a frente, um cotovelo no joelho e metade do corpo voltada para mim, mas a cabeça inclinada na direção do estranho. Felizmente, meu boné estava bem baixo em sua testa.

— Tenho certeza de que você pode ficar vendo outra coisa, colega.

— Eu estaria olhando para a TV, *colega*, se sua mulher não a tivesse trocado o canal — o homem explicou.

Kulti não me perguntou por que eu a havia desligado nem por que não a

havia ligado de novo. Ficou na mesma posição de antes, a mão livre apoiada no outro joelho.

— Em vez de se preocupar com a televisão, talvez devesse se preocupar com o seu colesterol, não acha?

Ah, Deus.

— Srta. Casillas, poderia me acompanhar? — uma voz chamou na porta.

Levantei-me e dei um soquinho de leve no ombro de Kulti enquanto ele encarava o homem do outro lado da sala. Ele levantou-se depois de mim, não olhando outra vez para o desconhecido. Baixando a voz para que só meu acompanhante pudesse me ouvir, sussurrei: — Acho melhor você ligar para sua assessoria. Estavam falando do Kulti no *Sports Room*, e não era sobre ele jogar futebol. — Inclinei o queixo para baixo. — Entendeu?

Os olhos dele foram de um dos meus até o outro antes de assentir em compreensão.

Não sei por que fiz isso, mas estiquei o braço e dei um apertão em seu pulso.

— Você não roubou nada nem matou ninguém. Seja lá o que essas pessoas que não te conhecem pensem, não importa.

— Srta. Casillas? — o profissional da clínica chamou meu nome outra vez.

— Estou indo. — Arregalando os olhos para o alemão, dei um passo para trás. — Vou lá resolver isso.

A última coisa que fiz antes de ir para a consulta foi largar o controle no assento ao lado da esposa do homem. O raio-X não demorou, principalmente porque eu estava pensando na situação de Kulti. Ele não havia confirmado nem negado nada. Então, o que aquilo significava?

Trinta minutos depois, estava sentada em uma sala com meu médico enquanto ele me mostrava as imagens.

— Não tem nada quebrado. Está vendo? Nem mesmo uma fissura — ele confirmou.

— Era isso o que eu queria ouvir. — Sorri para o médico com o qual me consultava desde que havia me mudado para Houston. A assistente dele estava parada no canto do consultório.

— Você deveria tentar fazer alguns comerciais de leite. Você tem ossos bem duros, Sal — ele brincou, anotando algo na minha ficha. — Recomendo tirar uma semana, só por precaução...

Eu engasguei.

— Pelo menos uns quatro dias, caso escolha ser teimosa e volte antes. — Ele ergueu os olhos, sorrindo.

É, aquilo não era muito melhor.

— Posso te dar um atestado, se precisar, ou só peça para alguém me ligar ou mandar um e-mail, caso queiram falar comigo — o médico disse. — É melhor você não piorar a situação. Seu corpo precisa descansar.

Quatro dias de folga seriam, na verdade, cinco, porque eu perderia o jogo e teria o domingo para descansar, como sempre.

Entregando a ficha para a assistente, o homem mais velho sorriu.

— Minha esposa e eu fomos ao seu jogo da abertura da temporada — ele comentou. — Você tem muito talento, menina. Não vejo ninguém se mover como você desde *La Culebra*. Você já ouviu falar dele, não ouviu?

Eu quase não consegui segurar o sorriso antes que saísse da minha cara.

— Sim, ouvi. É muito gentil da sua parte dizer isso. — Pigarreei e ignorei a estranheza que senti com a menção da estrela latino-americana. — Falando nisso, obrigada por ter ido ao jogo. Acho que consigo arranjar alguns ingressos de cortesia para vocês, se quiserem ir a mais algum.

— Seria ótimo. Pode ser qualquer jogo.

Anotei mentalmente para ver de quem eu conseguira pegar ingressos.

— Então, hum, como é trabalhar com o Kulti? — As bochechas do médico estavam rosadas nas maçãs.

De repente, fiquei grata pelo alemão não ter me seguido até a sala de exame. Eu até poderia imaginar como o doutor piraria se soubesse que Reiner “O Rei” Kulti estava sentado em sua sala de espera.

— É... ótimo. Ele não pega leve, mas sabe do que está falando.

Seus olhos ganharam um toque sonhador.

— Aposto que sabe. Eu sempre quis conhecê-lo.

Não. Me. Diga.

— Fiquei bem nervosa perto dele no começo. — Essa era a verdade. —

Mas ele é igual a todas as outras pessoas — acrescentei, deslizando o exame para longe da mesa o mais gentilmente possível, não acreditando muito nas palavras que saíam da minha boca. Kulti não era como todos os outros. Não totalmente. Aproximando-me da porta, eu disse a ele: — Vou mandar os ingressos por e-mail assim que eu conseguir.

Se ficou decepcionado que eu não tinha feito uma oferta para apresentá-lo ao alemão, não demonstrou. A assistente me passou a ficha e me instruiu sobre a coparticipação. Agradecendo ao doutor e a sua assistente mais uma vez, abri a porta e encontrei Kulti apoiado na parede ali perto.

— Você me assustou — eu disse, olhando para trás e me certificando de que o médico ainda estivesse no consultório. Apontei em direção à saída, onde a recepcionista estava sentada. — Vamos.

Fiz o pagamento o mais rápido possível, tentando dar o fora dali antes que o doutor visse meu amigo. Meu amigo que não disse nenhuma palavra ao pegarmos o elevador até o térreo, e o mesmo amigo que ficou em silêncio ao entrarmos no carro que seu motorista havia nos trazido ao médico. A mandíbula dele estava tensa, os ombros, ainda mais, e não deixei de notar como as mãos estavam cerradas em punhos enquanto ele olhava pela janela durante todo o caminho de volta à minha casa.

Engoli em seco e olhei pela janela oposta, incerta quanto ao que dizer para deixar a situação melhor. Sinceramente, eu nem queria perguntar o que ele havia descoberto. Enquanto eu tinha certeza de que me considerava uma amiga, não me deixei ser tola a ponto de acreditar que ele compartilharia seus problemas comigo. Levando em conta que havia coisas que eu também preferiria que ele ainda não soubesse, percebi que eu não tinha o direito de ser hipócrita e perguntar.

Quando o carro entrou no caminho que levava até a garagem debaixo da minha casa, hesitei. O alemão ainda olhava pela janela; aparentemente, ele não sairia, imaginei.

— Ei.

Ele não se virou para me olhar de frente, mas flexionou a mandíbula. Parecia uma maldita criancinha marrenta, evitando contato visual e não falando nada.

Tudo bem.

— Você sabe que sua reputação é só o que as outras pessoas pensam de você, seu caráter é quem você realmente é.

Eu soube, no momento em que ele umedeceu o lábio inferior, que Kulti não estava ansiando por meu apoio. Mas saber o que eu estava prestes a ganhar em resposta não foi o suficiente para me impedir.

— Se eu estivesse precisando das suas baboseiras inspiracionais, teria pedido.

Bem, então tá bom.

Escondendo a irritação, tentei me colocar no lugar dele. Eu odiaria se minha vida pessoal viesse a público e todo mundo comesse a falar dela. Ele tinha razão de estar frustrado, mas eu realmente estava só tentando ajudar. Mas, tudo bem. *Paciência*. É claro que ele tinha experiência quanto a estar sob um microscópio mundial, mas não significava que ficava mais fácil lidar com aquilo com o passar do tempo, certo?

Respirei fundo pelo nariz, minha mão agarrando a maçaneta da porta.

— Só estou tentando dizer que não é o fim do mundo. Você vai sobreviver, como sempre fez. No final das contas, não é nada muito grave, né?

Kulti manteve seus olhos voltados para a frente; o dedo indicador subiu para coçar a lateral do nariz. Pude sentir a arrogância exalando dele. Santo Deus.

— Quantos patrocinadores você tem? — ele perguntou, com a voz fria.

— Por que importa quantos patrocinadores eu tenho? — respondi, neutra. Eu não o deixaria fazer me sentir insignificante só porque não tinha o mesmo apoio ou a mesma enorme base de fãs que ele.

— Você é uma criança, com um patrocinador que ganha em um ano o que eu costumava ganhar em dez minutos de partida. Acho que você não tem o direito de me falar o que é ou não é importante.

Indignação queimou minha garganta. Endireitei a coluna e lancei a ele um olhar muitíssimo miserável, que teria causado muito mais efeito se ele estivesse, na verdade, virado para mim. Porque... *que cretino do caramba*. Senti uma vontade horrível de chutá-lo nas bolas.

— Não vejo problema em você ficar chateado por estarem fazendo chacota da sua vida pessoal em rede nacional, mas não achei que agiria como

um esnobe quando tudo o que estou tentando fazer é te ajudar a colocar as coisas em perspectiva.

— Você não sabe de nada — ele murmurou.

Jesus Cristo.

— Sei o bastante. Você não é a única pessoa no mundo que já fez algo de que se arrepende. Então, e daí que sua habilitação foi suspensa? Que peninha, Rey. Mas isso está no passado, e tudo o que importa é o que você vai fazer daqui em diante. Ser um babaca não é a resposta. Mas do que é que eu sei? Sou pobre e jovem, não é mesmo?

Sabendo que não havia mais nada para fazer ou dizer, abri a porta e girei todo meu corpo para sair do jeito menos doloroso possível para minhas costelas.

— Obrigada pela carona e por ter me acompanhado — eu disse antes de sair.

Nada. Ele não disse nada enquanto eu fechava a porta.

Bem...



Para ser sincera, eu tinha sido avisada.

Jenny me enviara uma mensagem de texto dizendo que o treino de sexta-feira havia sido bombardeado por repórteres querendo o furo sobre o suposto dia em que Kulti havia dirigido embriagado.

Eu tinha acabado de começar a me perguntar o motivo de as pessoas se importarem, quando me lembrei de que eu não me importava — não deveria. Ainda mais depois que alguém tinha sido um baita de um babaca comigo. Por quatro dias, fiquei em casa, e por três desses dias me permiti ficar irritada com a forma como ele havia falado comigo.

Eu ganhava mais dinheiro em um dia do que você ganha em um ano fazendo exatamente a mesma coisa. É claro que isso me tirou do sério. A diferença nos salários era um fato inquestionável, por mais que fosse algo horrível, ele não precisava agir como um escroto pretencioso.

Então, como a cereja no topo do bolo, apesar de eu não estar exatamente esperando um pedido de desculpa, com certeza não foi o que eu recebi. Nenhuma mensagem, nenhuma ligação, nada. Então, talvez, eu não teria ficado tão incomodada com o excesso de imprensa separada do campo de futebol, se Kulti não tivesse sido rude quando tudo o que tentei fazer foi ser uma boa amiga.

— Sal! O que você tem a dizer sobre a ficha do seu treinador? — um deles gritou.

— Como você se sente sobre...

Dispensei-os com um aceno e continuei andando em direção ao campo.

— Desculpa! Tenho que treinar! — Era verdade; eu não estava mentindo. Tinha mesmo que treinar. Depois de quatro dias de folga com as costelas ainda um pouco doloridas e a barriga coberta por casquinhas, eu tinha que voltar ao ritmo normal.

Minha luta contra a virose imaginária teve que acabar.

— Você voltou! — Genevieve, uma das minhas colegas de time, cumprimentou-me quando passei por ela. — Está se sentindo melhor?

Desde que ninguém me desse um soco na costela, sim. Infelizmente, eu não poderia dizer aquilo a ela.

— Muito melhor. Ah, você fez um belo trabalho na sexta-feira.

Ela sorriu para mim e voltou a calçar as chuteiras.

A maioria das outras garotas me cumprimentou quando passei por elas, dizendo que estavam felizes pela minha volta ou que tinham sentido a minha falta. Era muito provável que estivessem exagerando, mas eu lhes daria um voto de confiança. Sem dúvida alguma eu tinha sentido falta delas — pelo menos, do campo — e de Jenny e Harlow, com certeza. Ficar presa dentro de casa por quatro dias tinha sido uma tortura.

Braços surgiram por trás de mim e envolveram meu pescoço.

— Estou tão feliz por você ter voltado — Jenny disse na minha orelha, dando-me um apertão que me fez congelar no lugar.

— Também senti saudade. — Segurei os antebraços dela antes de esticar a mão e dar-lhe um tapa no quadril.

Tudo que ela fez foi me abraçar com ainda mais força antes de se afastar. Parada ali perto, Jenny inclinou a cabeça na direção da imprensa, sacudindo as duas sobrancelhas ao mesmo tempo.

— Loucura, não é?

O fato de que tinha sido eu a contar ao Kulti sobre a cobertura era loucura. O outro fato, de que era Marc a única pessoa que fazia ideia de que eu passava um tempo com o alemão, era loucura. Eu costumava ter segredos — e esse me fazia sentir mal. Eu estava mentindo para meus amigos e minha família, e não tinha como colocar um fim nisso a essa altura do campeonato.

Tudo o que consegui fazer foi acenar, virando-me para encará-la.

— Sim. Não sei qual é o problema.

— Eu também não. — Jenny deu de ombros, mas logo ergueu a mão para encostar no meu cotovelo. Ela baixou a voz até um sussurro: — Ele está com um humor terrível desde então. — Ela fez uma pausa, como se estivesse realmente pensando no que tinha acabado de sair de sua boca. — Com um humor pior do que o normal. Ouvi ele falando para a Grace que ela deveria

começar a pensar em se aposentar.

Meus olhos se arregalaram.

Jenny só assentiu.

Caramba. Pensei por mais uns cinco segundos e, então, afastei meus pensamentos relacionados ao Kulti. Eu tinha coisas melhores para fazer.

— Venha me ajudar a alongar. Está tudo duro — eu disse a ela.

Ela ergueu o braço e deu um aperto no meu ombro. Precisei de todas as minhas forças para não dobrar os joelhos e me afastar ainda mais. Tão casualmente quanto possível, dei um passo para fora de seu alcance. É sério, até me perguntei se o namorado dela a deixava chegar perto de suas partes íntimas.

Estava no meio da minha divagação sobre Jenny alguma vez ter batido uma para ele quando vi Gardner e Kulti caminhando juntos em direção ao campo. Se conversavam ou não, não consegui ver, mas meus dentes responderam à visão do alemão.

Se ele tivesse se desculpado no dia seguinte ou no dia depois, eu o teria perdoado enchendo só um pouco o saco dele. Não era como se Kulti tivesse sido a primeira pessoa a me fazer um comentário meio babaca na vida, e de jeito nenhum seria o último. Minha própria mãe dizia algumas coisas bem rudes para mim, vez ou outra, mas eu sempre a perdoava. Isso tudo sem nem mencionar as coisas que Ceci, minha irmãzinha, tinha dito para mim ao longo dos anos, o que só serviu para me lembrar da minha viagem a São Francisco para o aniversário do meu pai; eu ainda tinha que comprar um presente para ele.

— Vou pegar sua minifaixa — disse Jenny, arrancando-me dos pensamentos. Ainda bem.

Eu precisava focar.



Fechando os olhos com força, caí de costas no gramado e tentei recuperar o fôlego depois dos tiros de corrida. Minhas costas doíam, meus pulmões pareciam ter sido enrolados em uma faixa de ferro que encolhia mais a cada minuto, e por mais que eu quisesse erguer a camisa para me refrescar, não conseguiria fazer isso sem mostrar a barriga para todo mundo.

Santo Deus.

Uma sombra surgiu sobre meu peito, seguida logo depois por...

— Você ainda não acabou por hoje, *schnecke*. Levante-se.

Continuei de olhos fechados. A tentação de ignorá-lo era enorme, mas eu não poderia. Fingir que ele não estava ali apenas lhe daria mais poder. Além disso, *schnecke*? O que isso queria dizer? Não importava. Tanto faz.

— Já vou me levantar daqui a um pouquinho — eu disse com um longo exalar.

Meu eclipse particular não se moveu, apesar do fato de eu ter lhe respondido.

Também não me importei em abrir os olhos quando acabei de recuperar o fôlego.

A sombra se moveu para a direita quando algo atingiu a lateral do meu pé.

— Está boa o bastante para jogar hoje? — A voz de Kulti soou baixa quando falou.

O empurrãozinho dele me fez abrir os olhos e encarar aquele céu azul-cinzento.

— Não.

Kulti estava parado aos meus pés, mãos nas costas ao olhar para baixo na minha direção.

Dei uma olhada de um segundo nele antes de rolar para me sentar com cuidado e, então, me levantar. Dando-lhe outra olhada, mostrei ao alemão um sorriso tenso que não representava o que eu sentia.

— Tenho que voltar.

E foi exatamente o que fiz.



Às oito horas daquela noite, meu celular apitou com uma mensagem.

Do meu lugar no sofá, com meus pés envoltos em meias sobre a mesinha de centro, dei uma olhada na tela e vi “Bolo de Chocolate alemão” aparecer.

Voltei a assistir ao meu programa. Se fosse uma questão de vida ou morte, ele ligaria. E não ligou.



Às cinco horas da tarde seguinte, meu telefone apitou outra vez com uma mensagem recebida.

“Bolo de Chocolate alemão” apareceu na tela.

Por um segundo, pensei em pegar o celular e até ler as mensagens, mas eu havia ignorado a do dia anterior, e, durante o treino hoje, ele tinha enchido demais meu saco no jogo de um contra um. Basicamente, Kulti estava agindo como se não houvesse nada de errado, e como se ele não tivesse sido um idiota dias antes.

Agora, estava me mandando mensagens de novo.

— Eles descobriram o seu número? — Marc perguntou ao volante.

Coloquei o celular outra vez entre as pernas e balancei a cabeça. Marc já sabia da loucura no treino com os repórteres e o mistério por trás do histórico da habilitação. Ele vinha me avisando de que seria apenas uma questão de tempo até alguém ficar desesperado o suficiente para ligar, ainda mais porque Jenny e eu éramos as únicas jogadoras com fotos ao lado dele espalhadas pela internet.

— Não. — Sorri para meu amigo e, antes de perceber o que estava saindo pela minha boca, inventei uma mentira. — Número errado.



— Você terminou?

Puxei a bolsa por sobre o ombro oposto e me endireitei, secando a testa com as costas da mão.

— Eu tenho que ir trabalhar.

O alemão estava com sua bolsa no próprio ombro. Seu rosto muito, muito lindo, tenso enquanto passava a mão pelo cabelo.

Ergui as sobrancelhas, forcei um sorriso e me virei para começar a andar.

A mão de Kulti avançou para segurar meu pulso, fazendo-me parar.

— Sal — ele sibilou e me virou para encará-lo.

Respirei pelo nariz e inclinei a cabeça para trás, para olhá-lo nos olhos.

— Kulti, eu tenho que ir trabalhar.

A cabeça dele caiu para trás, o canto da bochecha se arredondando como se ele estivesse colocando a língua ali.

— “Kulti”, sério?

— É o seu nome, não é? — Puxei o braço para cima e para longe do aperto, mantendo o olhar fixo naqueles olhos castanho-esverdeados que, hoje, pareciam mais claros do que o normal. — Olhe, eu tenho mesmo que ir trabalhar. Preciso do meu emprego para me ajudar a pagar as contas. — Tudo bem, talvez meu sorriso tenha ficado um pouquinho condescendente, um tantinho presunçoso e só um tiquinho maldoso.

— Você não deveria me dar o poder de te deixar com raiva. — Ele baixou o rosto até o meu, e tive que lutar contra a vontade de revirar os olhos.

— O que eu não deveria fazer era perder tempo com alguém que tem um problema de mau gênio.

O pomo de adão de Kulti pulou, seu olhar intenso em mim enquanto demorava para responder. As palavras soaram firmes e calculadas ao sair de sua boca: — Eu costumava ganhar mais dinheiro por dia do que qualquer um, você não é a única...

Aquilo não estava ajudando em nada. Meu olho tremeu.

— É, você ganhou mais dinheiro em um dia do que a maioria das pessoas em países pobres ganham na vida. Acredite em mim, eu entendo, e não poderia me importar menos com quanto dinheiro você ganha ou não. Não seja um idiota.

Ele não estava acostumado a ser chamado de idiota, se sua expressão pudesse ser considerada uma prova. Mas, àquela altura, não dei a mínima.

— Trabalhei tão duro quanto você para chegar aonde estou. Só porque não ganho tanto dinheiro quanto você, não significa que eu mereça menos.

Kulti balançou a cabeça.

— Eu nunca disse isso.

— Bem, mas com certeza fez parecer que sim. E fez eu me sentir inferior por ter outro emprego — rebati, apontando o indicador em sua direção.

— Sal — ele resmungou meu nome.

Ergui uma sobrancelha.

— Eu trabalho com paisagismo. Sabia disso? Você nunca perguntou, mas acho que deveria saber, caso não saiba. Desculpa, mas não me sinto culpada por não estar à altura dos seus padrões.

— Que padrões?

— Seus padrões. Não posso te dar conselhos porque sou jovem demais? Ou é porque sou pobre? Ah, espere, é porque sou uma garota. É por isso?

— Por que você está sendo teimosa? Eu não quis dizer nada disso.

Aquilo me fez soltar uma risada aguda.

— Se nossos papéis estivessem invertidos, você realmente acha que não diria algo similar ou ainda pior? Sério mesmo? — Ele me mandaria à merda, me mandaria lamber a bunda dele, sem dúvida alguma, e isso ainda seria a versão para menores de idade.

Ele sabia que era verdade. Vi pelo jeito como a língua cutucou o lado interno da bochecha.

Gentilmente, puxei meu braço para longe dele, o que, dessa vez, Kulti me permitiu fazer.

— Olhe, não estou no clima para conversarmos agora. Você não pode descontar sua raiva em mim e esperar que eu supere como se nada tivesse acontecido. O fato é que eu nunca diria o que você disse para mim para outra pessoa. Achei que fôssemos amigos, e isso foi um erro meu. Não quero ser amiga de alguém que me inferioriza. Eu realmente tenho que ir trabalhar. — Dei alguns passos para trás e ofereci a ele um sorriso que não demonstrava o que eu sentia. — Falo com você mais tarde.

Não faço ideia do que ou se ele respondeu, porque dei o fora. Eu não estava mentindo. Marc e eu tínhamos muito trabalho a fazer.



Encarei as imagens no tablet.

— É você?

Se era eu nas fotos? Sim, era. Fechando as mãos e as acomodando entre as coxas, desviei o olhar das fotos que tinham sido tiradas bem na saída do prédio do consultório.

A primeira foto que me mostraram foi uma minha caminhando ao lado de Kulti com a cabeça baixa. Na segunda, eu estava parada perto do carro dele logo antes de entrar, e a terceira me mostrava entrando, com o alemão em pé logo atrás, perto demais.

Com certeza, era eu. Não havia como negar; qualquer um com uma visão decente poderia reconhecer quem era.

Então o fato de que Gardner, Sheena e Cordero, o diretor-geral do Pipers, tinham me convidado para uma reunião para conversar sobre aquilo me deixou preocupada.

É você? Cordero tinha perguntado logo depois que Sheena deslizou o tablet na mesa.

Era a porcaria de uma pergunta traiçoeira, e não gostei de jeito nenhum. Talvez fosse algo bom eu não ser uma mentirosa e não ter nada a esconder. Ainda assim, eu continuava preocupada.

Olhei para o homem por trás daquela merda. Olhei-o bem nos olhos e assenti.

— Sou eu.

Nenhum deles pareceu nem remotamente surpreso. É claro que não. O sr. Cordero sabia muito bem quem era nas fotos; ele só queria que eu mesma cavasse minha cova com uma mentira.

Enfiando as mãos um pouco mais fundo na abertura entre as coxas, dei de ombros.

— Ele me acompanhou em uma consulta médica quando eu não estava me sentindo bem. — *Não estava me sentindo bem* era vago o bastante para que não fosse uma mentira completa. Ainda com a expressão neutra, mantive o olhar firme no diretor-geral do time. — Eu não fiz nada de errado.

O homem argentino se acomodou sobre o quadril, sua cadeira a mais próxima da minha.

— “Errado” é um pouco subjetivo, você não acha?

— É claro. — Dei de ombros. — Mas, neste caso, não violei nenhum dos termos do meu contrato nem fiz nada de que me envergonhasse de contar ao meu pai.

Bem... Eu não tinha contado quase nada para o meu pai sobre minha amizade com o alemão. Ou a ninguém, na verdade, mas mais porque todo mundo faria um alarde e não havia nenhum alarde a ser feito, grande ou pequeno.

Uma batida na porta impediu que todos dissessem outra palavra. Gardner instruiu a pessoa a entrar, e não posso dizer que fiquei chocada ao ver Kulti. Seus olhos encontraram os meus assim que ele se acomodou no assento mais perto da porta. Não havia qualquer expressão em seu rosto, e os ombros

estavam relaxados. Ainda com a roupa do treino, calça com faixas nas laterais e uma camisa do Pipers, ele se recostou na cadeira e olhou direto para o sr. Cordero.

— O que está acontecendo?

O diretor-geral se curvou para pegar o tablet na mesa de Gardner e o entregou ao alemão.

— Estas fotos foram publicadas há alguns dias.

Kulti olhou para a tela por um piscar de olhos. Menos de um segundo depois, devolveu o aparelho com um olhar impaciente.

— O que há de errado com elas?

— São fotos suas e de uma das estrelas do time em um dos sites de fofoca mais famosos do mundo — o sr. Cordero explicou em um tom frio, quase falando como um sabichão.

No que daria início a dois dos momentos mais surreais da minha vida, Kulti cruzou os braços musculosos — tão em forma que vi as veias se entrecruzarem pelo antebraço, e uma ou duas subir pelos bíceps — e deu de ombros.

— O que estou vendo é uma foto minha levando minha amiga ao médico.

— Sua amiga? — Cordero perguntou, descrente.

— Foi o que eu disse — Kulti retrucou. Seu tom de voz era baixo, mas era impossível não notar sua irritação com a conversa.

O sr. Cordero se voltou para mim, como se eu pudesse estar lidando bem com o fato de Reiner Kulti ter me chamado de amiga na frente de três membros da equipe do Pipers.

— Vocês são amigos? — Não foi minha imaginação que o fez soar um pouco mais rude quando falava comigo do que quando falava com o alemão. Mas, como era bom lembrar, eu não era nenhum ícone nacional.

Assenti para o diretor-geral do Pipers, minhas emoções todas confusas com a confissão de Kulti.

— Sim. — Éramos amigos quando ele não estava me dando nos nervos, pelo menos.

— Amigos — ele repetiu, absorto. — Que tipo de amigos?

É, eu quis socá-lo. Quero dizer, eu sabia o que aquilo parecia, mas... É sério mesmo? Eu tinha sacrificado tudo pelo Pipers, e ele ainda achava que eu

faria algo para pôr em risco a única parte do futebol que realmente me restava? Meu rosto queimou enquanto eu tentava me convencer a não dizer algo que só serviria para lesar ainda mais a minha carreira.

Eu sabia o que ele estava tentando fazer, e sem dúvida alguma não deixaria aquele homem, que trabalhava em um escritório, fazer parecer que eu não levava meu trabalho a sério.

— Somos o tipo de amigos que têm muitas coisas em comum. — Jesus Cristo.

Antes que eu pudesse dizer algo mais lógico, o alemão me interrompeu com sua resposta: — Do melhor tipo possível. Não entendo por que isso é um problema.

Se eu fosse de desmaiar, teria desmaiado. Em vez disso, deixei meu cérebro reagir àquele comentário, não o coração. Se eu estava esperando que ele fosse me condenar? É, acho que sim.

Tudo bem. Certo.

Ele ainda tinha agido como um babaca alguns dias antes. O que disse não mudava nada.

— Não existe problema nem razão para estarmos aqui — o alemão afirmou, de um jeito que não deixava espaço para argumentação. — Vocês sabiam muito bem o rebuliço que minha chegada causaria na imprensa. Ainda assim, me quiseram. Vocês não podem escolher a dedo o que as pessoas publicam.

Sheena soltou um riso tenso.

— Sr. Kulti, isso não passa uma boa imagem...

— Você não pode ditar de quem eu posso ou não ser amigo — ele a interrompeu. — Não tem a menor importância se alguma coisa parece ser algo que, na verdade, não é, certo?

Espere aí, aquilo soava meio familiar...

Sheena voltou sua atenção para mim, seu rosto um tanto corado.

— Sal, com o seu histórico...

A vagabunda tinha mesmo escolhido esse caminho. Eu teria que acabar logo com isso.

— Não fiz nada de errado desta vez. Se tivesse, não veria problema algum

em me responsabilizar pelas minhas atitudes. Ele é meu amigo, e não tem nada de inapropriado na nossa amizade. Eu não tenho nada do que me envergonhar.

A pontada de culpa de que eu não tinha contado a ninguém sobre ele estava lá, mas eu juraria ter mantido a boca fechada porque eu não queria aquele tipo de atenção. Havia algumas coisas que as pessoas não entendiam, e obviamente essa era uma delas.

Kulti descruzou os braços e se inclinou para a frente, cotovelos nos joelhos, o rosto ainda mais longe do encosto da cadeira.

— Isso não seria um problema se não fossem as questões de publicidade na minha vida. Não tem nada aqui que valha a pena conversarmos. Ela é minha melhor amiga...

Lancei um olhar a ele pelo canto do olho, lembrando-o das merdas que tinham saído de sua boca na porta da minha casa. Meu olhar dizia: *É assim que melhores amigos se tratam? É sério?*

Aparentemente, ele viu minha expressão e não se importou com o fato de eu não estar me sentindo muito amigável naquele momento.

— Nada que nenhum de vocês disser vai mudar isso. Ponto final. Se quiserem mais alguma coisa, liguem para o meu agente.

— Sal...

Eu estava dividida entre entrar em pânico quanto ao motivo de estarem fazendo um escândalo por causa daquilo e debater se valia a pena ou não me defender.

— São só fotos de nós dois entrando no carro dele — argumentei, sem convicção, meio insegura em relação a qual caminho eu deveria seguir.

Eu era uma boa jogadora, uma das mais consistentes no time, mas a verdade era que todo mundo era substituível. Eu não poderia me dar ao luxo de agir como uma diva, mas, ao mesmo tempo, aquela vozinha dentro da minha cabeça queria que eu mandasse aquelas pessoas — e, por *pessoas*, na verdade, eu me referia a Cordero — se foderem.

— Srta. Casillas, acho que você deixou bem claro que a sua capacidade de tomar decisões não é algo de que... — Cordero começou a reclamar.

Kulti avançou para a frente no assento, e senti meus olhos se arregalarem com sua postura defensiva.

— Vou te avisar agora mesmo que você não vai querer terminar essa frase.

Gardner tossiu.

— Não tem razão alguma para ninguém ficar nervoso. Eu acredito em você, Sal. Se diz que são amigos, são amigos. Você nunca me deu nenhuma razão para não confiar em você. Acho que todos podemos concordar que queremos que a temporada corra bem ou, pelo menos, melhor do que tem corrido até agora.

— A culpa é minha. Vou me responsabilizar pela atenção negativa, mas não vou deixar vocês colocarem a culpa nela por ter feito amizade comigo — Kulti disse. — A Sal não fez nada de errado.

— Acho que vocês não estão entendendo. Isso não é nada bom — insistiu Sheena, com pressa, antes de qualquer um a interromper. — Você acha que poderia... Não sei, sr. Kulti, só estou dando algumas ideias para você levar em consideração com seu assessor, mas... fazer alguma coisa pública para acabar com os rumores... dessa... amizade?

— Arranjar um encontro?

Kulti nem mesmo hesitou: — Não.

— Mas...

— Não — ele repetiu.

Os olhos desesperados de Sheena encontraram os meus.

— Sal, e você? Você poderia ir em um encontro? Postar algumas fotos...

— Não. — Com certeza, não fui eu que respondi a ela. Foi Kulti quem o fez, quase com raiva. E eu o deixei.

— Sal...

— Não. — Kulti de novo. — Nem pensar.

— Mas...

— Pare de pedir — o alemão disparou. — Eu não vou fazer isso, nem ela.

— Eu fiz basicamente tudo o que vocês já me pediram até hoje. Não quero fazer isso — expliquei com cautela, tentando amenizar a hostilidade que irradiava do homem ao meu lado.

Cordero riu alto.

Dez minutos depois, achei Kulti esperando do lado de fora da sala de

Gardner. O sr. Cordero tinha sido o primeiro a ir embora, com o alemão logo depois. Sheena ficou no escritório para discutir algo. Mas o que mais poderia ser, além de mim ou do alemão?

— Você não precisa se preocupar com nada — a voz grossa e firme de Kulti me assegurou.

Cocei a testa, tentando me livrar da frustração que sentia com a conversa que havia acabado de terminar. Uma sensação incômoda e desagradável tinha se alojado na minha barriga. Aquilo não havia descido bem, e, honestamente, eu estava preocupada com a possibilidade de irem atrás e encontrarem algo para usar contra mim. Não sei por que me senti tão pessimista, mas me senti.

Um cotovelo cutucou o meu.

— Pare de se preocupar — ele ordenou.

Pisquei para ele e nem pensei em afastar o cotovelo. Ele tinha me chamado de melhor amiga; Kulti havia ganhado alguns pontos comigo... mas continuava sendo um babaca.

— Não consigo — sussurrei para ele ao nos aproximarmos do elevador no edifício comercial. — Cordero não brinca em serviço. Ele não é meu fã.

Kulti fez uma cara que me disse que eu precisava relaxar.

— Ele é igual a qualquer diretor-geral de qualquer time. Ele se acha um deus, mas não é. — Kulti deu outra batidinha no meu cotovelo. — Você não tem que se preocupar com nada.

Meu estômago e minha cabeça diziam outra coisa. O nervosismo tinha começado a carcomer meus órgãos.

— Eu não quero ser trocada, e não quero que me coloquem no banco.

Eu não teria um ataque de pânico. Eu não teria um ataque de pânico.

Aquilo seria igualzinho a seleção. Eu não tinha feito nada de errado.

Coloquei as mãos contra os quadris e os pressionei, querendo me acalmar.

— Sal. — Kulti se posicionou bem na minha frente. — Não vai acontecer nada. Não vou deixar que façam nada, entendeu?

Meus joelhos começaram a tremer do mesmo jeito que faziam quando eu estava na frente de uma câmera. Ah, Deus, eu ia vomitar. Em algum momento nos últimos dois minutos, eu tinha começado a suar.

— Sal. — A voz do alemão ficou ainda mais alta, mais determinada. Suas mãos grandes pousaram nos meus ombros. — Ninguém vai te forçar a fazer

nada que você não queira. — Ele massageou o músculo ali, sua voz uma cadência gentil e reconfortante. — Eu prometo.

Foi o “eu prometo” que me fez erguer os olhos para ele; senti uma sensação horrível e pesada de pavor surgir no centro do meu peito.

— Eu gosto daqui.

Seus olhos castanho-esverdeados estavam tão perto dos meus...

— Lembra de todo aquele dinheiro que eu ganhei?

A vontade de socá-lo na barriga ainda estava presente, mas, em vez disso, assenti.

— O que tem ele?

— Eu consigo pagar os melhores advogados.

— Você quer que eu os processe? — disparei.

— Se for necessário.

Puta merda.

— Eu não quero fazer isso. Eu só quero jogar, aqui.

— Eu sei. — Ele deu um apertão nos meus ombros e continuou: — Nos preocuparemos com isso quando for preciso. Você é a melhor jogadora no time. Não vão se livrar de você.

Outro tiro direto no coração. Jesus Cristo. A melhor jogadora no time? Senti uma avidez, como se eu precisasse devorar todas aquelas coisas boas e guardá-las para um dia difícil, quando ele me chamasse de lesma, ou até mesmo para um dia quando eu fosse mais velha e não pudesse mais jogar. Poderia olhar para trás e lembrar do dia em que o Melhor Jogador do Mundo por cinco anos, O Rei, disse para mim que eu era a melhor jogadora no time.

Ele sacudiu o meu braço.

— Certo?

Assenti, ainda um tanto incerta.

— Certo.

Kulti assentiu e suspirou. Havia círculos escuros sob os olhos claros, e ele parecia confuso.

— Quando fico nervoso, tenho dificuldade em controlar o que digo — afirmou ele, o queixo apontando para baixo.

— Ah, eu sei bem. Acredite em mim. — Pisquei. — Ou não.

O alemão soltou um suspiro exagerado.

— Você é a minha melhor amiga.

Comecei a fazer uma careta que dizia “até parece”. Eu? Melhor amiga dele? Até aceitaria o “amiga”. Aceitei o título no escritório porque havia soado como algo monumental dito para me livrar do problema.

Mas... assim que a careta começou a se formar, parei. Kulti não era um homem que desperdiçava palavras, então...

— Você demonstra isso de um jeito péssimo.

— Eu sei. — Mas ele não se desculpou. — Fiz um punhado de coisas das quais me arrependo hoje, e, às vezes, acho difícil lidar com isso.

Semicerrei os olhos, a curiosidade me dando coceira. Talvez eu nunca tivesse outra chance de me deparar com um Reiner Kulti arrependido. Dando uma olhada rápida ao redor, me certifiquei de que não havia mais ninguém ali que pudesse nos ouvir e sussurrei: — Você realmente foi pego dirigindo bêbado?

Ele responder à pergunta não foi tão fácil quanto esperei que seria, mas, com uma engolida em seco, Kulti inclinou o queixo para baixo.

Bem. Aquilo não foi exatamente chocante. Ele estivera completamente fora de si quando o busquei naquele bar meses atrás. Pessoas cometem erros o tempo todo. Ele tinha o direito de cometê-los assim como qualquer outra.

— Certo — falei, simplesmente. — Obrigada por me contar.

O olhar dele foi de um dos meus olhos ao outro, antes de dar uma inspirada rasa e engolir, o pomo de adão subindo e descendo com a força.

— Eu me vi numa situação horrível depois que me aposentei — ele explicou naquela sua voz baixa de que eu gostava, inesperadamente. — Fiquei muito nervoso e adquiri um hábito terrível do qual não me orgulho.

Assenti devagar, ainda de olho para garantir que não houvesse ninguém por perto.

— Você precisa de ajuda? — murmurei.

O olho de Kulti começou a tremer, mas ele balançou a cabeça.

— Estou sóbrio há mais de um ano.

Fechei um olho e fiz uma careta. Aquela conta era discutível.

— Exceto por aquele dia. Eu não tenho problemas em não beber, mas

quando começo... — Kulti pressionou o osso da sobrancelha. Aquilo *era* difícil para ele admitir. Quem queria admitir seus fracassos? Eu não. Com certeza, ele também não. — Eu me decepcionei, e sei que há pessoas que ficariam ainda mais decepcionadas com essa notícia. Mas não importa, porque não vão ter mais bares no meu futuro. Prefiro ficar na minha casa. — Ele me cutucou. — Ou na sua casa.

É, eu era uma grande trouxa, perdendo as pessoas muito facilmente.

Minha expressão devia ter demonstrado aquilo, porque ele me cutucou de novo.

— Você e eu brigamos, certo? Faz parte da nossa natureza. Acho que você deveria se acostumar com a ideia. — Os cantos da boca dele se ergueram um pouco. — Estamos bem agora? — ele perguntou com sinceridade, ansioso.

Será que estávamos? Eu sabia que a coisa educada a se dizer era que sim, mas eu não era mentirosa. Pelo menos, não geralmente. Eu disse a verdade a ele: — Em grande parte. Você ainda é um babaca por ter dito aquelas coisas, mas vou perdoá-lo porque sei que você estava chateado e que algumas pessoas dizem coisas que não querem no calor do momento. Enquanto você continuar não dizendo nada tão idiota quanto aquilo, posso sobreviver àquela única vez, Reninha.

Ele me encarou, inexpressivo, por tanto tempo que eu não esperava que ele fosse reagir como reagiu. Pensei que discutiria comigo com certeza, discutiria comigo mais um pouco sobre como eu precisava superar o fato de estar irritada com ele, independentemente de se muito ou pouco.

Mas não foi o que ele fez.

Em vez disso, quase um minuto depois que terminei de falar, as portas se abrindo para o térreo do prédio comercial, Kulti caiu na risada. Juro que ele murmurou algo como “Reninha” sob os risos monstruosos.



— Oi, Gen. Bom dia — eu disse para Genevieve quando ela passou por mim na tarde do nosso jogo seguinte, dois dias depois da reunião na sala do treinador Gardner.

A garota mais jovem, que sempre tinha sido amigável comigo, continuou andando. Suas sobrancelhas se ergueram quando passou por ali, e nada mais.

Olhe, eu não liguei muito para aquilo. Estava acostumada a estar sempre rodeada por garotas. Garotas com todos os tipos de reações à menstruação: as que ficavam estranhamente irritadas, as que choravam, garotas que se encolhiam para dentro de si, as que queriam comer o dia todo — todas essas e muitas outras. Não era grande coisa. Mudanças de humor e tudo mais, eu também tinha experiência com isso.

Imaginei que talvez ela estivesse tendo um dia ruim ou algo do tipo. Também havia a chance de ela estar menstruada. Não tinha como saber.

Nem mesmo quinze minutos depois, bem no começo do aquecimento do time, ouvi alguém atrás de mim: — Você viu as fotos?

Não consegui identificar com certeza quem estava falando, e não quis me virar até ter ouvido um pouco mais. Não era como se houvesse outras fotos além das minhas com Kulti, mas não importava.

— Que fotos? — a outra voz perguntou, em um volume normal.

Um segundo depois, a garota que havia iniciado a conversa disse: — Cale a boca.

Aquilo foi seguido por uma reclamação.

— Ai! — Agora, falando em uma voz mais baixa, a segunda pessoa perguntou sussurrando: — Que fotos?

— As da... — houve uma pausa — ... com o Kulti.

— O quê? Não. Que fotos são essas? — a segunda voz indagou.

Mais uma pausa seguida por...

— ... estava saindo de algum lugar com ele, e dá para ver os dois entrando no carro dele.

— É sério?

— Sim. É... — pausa — ... com certeza. Ouvi dizer que eles conversaram com Cordero e Gardner e que nenhum deles negou...

Eu me senti muito, muito incomodada. Mesmo depois de me obrigar a parar de ouvir o que diziam, continuei irritada. Já tinham começado: os rumores e as verdades exageradas. A vontade de me virar e dizer a elas que não era bem daquele jeito que havia acontecido era enorme, mas eu tinha que colocar em prática o que eu havia confirmado.

Eu não tinha feito nada.

O único problema era que quanto mais o treino avançava, mais eu sentia o peso de diversos olhares sobre mim. Ouvi alguns dos sussurros. Não eram todas as garotas, mas um número suficiente de colegas de time para me fazer sentir indecente.

Eu sabia que não tinha feito nada do que me envergonhar e que Kulti também sabia disso, então não deveria importar o que todas as outras pessoas achavam.

Se eu me lembrasse vezes o bastante disso, seria mais fácil ignorar as garotas que me olhavam esquisito.

Tirando os olhares e os sussurros, o treino correu bem. O último jogo antes da nossa semana de folga, por outro lado, não foi tão bom. Perdemos na prorrogação. O vestiário se encheu de decepção depois. Só quando a equipe técnica tinha ido embora e eu havia começado a me trocar, com a intenção de tomar um banho assim que chegasse em casa, foi que Jenny grudou em mim a caminho da saída.

A expressão dela me preparou para o que estava prestes a sair de sua boca.

— Sal, eu não queria dizer nada, mas algumas das garotas estão falando de você.

Dei a ela um sorriso por sobre o ombro que não condizia com as minhas emoções.

— Eu sei.

Aquilo não ajudou em nada a deixá-la menos preocupada.

— Está tudo bem, Jen. Eu juro. Não fiz nada que não deveria ter feito, e não vou sair por aí me defendendo.

— Eu sei. — Seus olhos escuros amendoados me encararam por um bom tempo. — Não gosto de ouvi-las falando de você.

Meu pescoço ficou todo quente.

— Eu também não. Mas não importa. — Olhei para o rosto da minha amiga, compreendendo que ela realmente tinha acreditado em mim quando eu disse que não havia feito nada com o alemão. Pelo menos alguém sabia a verdade. — Você sabe que eu não fiz nada, e eu também sei. Então tudo bem.

Jenny pressionou os lábios e deu um aceno firme com a cabeça.

— Se tiver algo que eu possa fazer...

— Não se preocupe com isso, é sério. Você não precisa se envolver. Elas vão superar. — Ou não. Aff. Mas eu não deixaria as pessoas que tinham tanta facilidade em falar de mim pelas costas me afetarem.

E isso não era meio que uma merda? Eu teria feito praticamente qualquer coisa pelas garotas no time, mesmo se fosse por uma de quem eu não era próxima. Mas ali estavam, fofocando como se eu não trabalhasse com a maioria, como se não tentasse ajudá-las a melhorar ou a motivar todo mundo quando precisavam. Ainda por cima, alguém naquele grupo era a pessoa que havia puxado meu tapete com o Cordero semanas atrás.

Não importava. *Não importava*. Eu já tinha passado por aquilo antes, mas dessa vez não deixaria a culpa me consumir. Eu não tinha nada pelo que me sentir culpada.

Minha amiga fez uma careta antes de jogar um braço sobre meu ombro enquanto caminhávamos.

— Eu sei quem fez uma rinoplastia — ela ofereceu. — Também sei quem tem candidíase. Você pode fazer o que quiser com essas informações.

Comecei a rir e a abracei de volta.

— Não preciso disso, mas obrigada mesmo assim.

Jenny, por fim, deixou o braço cair quando chegamos ao estacionamento. Seu rosto ainda exibia vincos de preocupação ao redor da boca, mas ela mudou de assunto.

— Você ainda vai para casa na folga?

— Vou, é aniversário do meu pai, e faz um tempo que não os visito. E você?

Ela soltou o rabo de cavalo alto e deixou o cabelo longo e preto cair nos ombros.

— Vou amanhã cedo. Nós temos amistosos pela frente daqui a alguns dias. Vou ficar longe por umas duas semanas. — O “nós” a que ela se referia era a seleção.

Eu apoiava Jenny e Harlow, e sempre tinha torcido por elas. Mas, pela primeira vez em um bom tempo, senti uma pontada de algo parecido com pesar.

— Divertido — falei, o que não era totalmente verdade. Reuni um pouco de entusiasmo pela pessoa que sempre me apoiava. — Vou pedir para a Harlow avisar a Amber que mandei um “oi” — eu disse, com um sorriso maldoso que fez Jenny bufar.

— Você é malvada.

Dei um tapinha em sua bunda.

— Só quando preciso.



A batida familiar na porta que passei a associar a Kulti começou às sete e quinze na manhã seguinte. Eu já estava acordava havia quase uma hora e meia, tinha feito a corrida matinal, voltado para casa e começado a fazer as malas antes de tomar um banho para poder pegar a carona até San Antonio. A última coisa que eu esperava era o alemão na minha porta, ainda mais às sete da manhã.

Peguei um moletom na pilha de roupas na cama com toda a intenção do mundo de vesti-lo quando a batida se tornou ainda mais insistente. *Babaca impaciente*. Levei a roupa até a porta, suspirando e não me importando em dar uma verificada no olho mágico.

— Linguição? — perguntei, destrancando a fechadura de novo.

— *Ja*.

Abri bem a porta e comecei a gesticular para que ele entrasse, só desacelerando o movimento quando notei o que ele vestia — camiseta, jeans e botas surradas de couro marrom. Foi a primeira vez que o vi em algo que

não fosse uma calça ou um short de treino. Hum. Um segundo depois, notei outra coisa.

Havia uma mochila sobre o seu ombro.

E ele estava me encarando.

Não deixei de notar o movimento em sua mandíbula quando Kulti olhou da regata, que eu tinha há sete anos, sobre o top esportivo, até o short justinho que parecia mais uma roupa íntima do que qualquer outra coisa.

Também não deixei de notar como sua pálpebra começou a tremer logo antes de seu olhar, por fim, subir e o tremor piorar.

— O que foi? — perguntei a ele quando não moveu o corpo nem o olhar.

Aqueles olhos verdes turvos deram outra olhadela no que eu estava vestindo. Sua voz soou tensa e lenta demais: — Você sempre abre a porta meio pelada?

Ah, meu Deus.

— Sim, pai. — Pisquei para Kulti e dei um passo para o lado, assim ele teria espaço para entrar. — Você vai entrar... — Olhei para a bolsa dele outra vez. — ... ou está de saída?

— Estou de saída — ele disse, já entrando na minha casa e lançando um olhar desaprovador para minhas roupas de treino.

— E para onde você vai? — Fechei a porta atrás dele.

Kulti largou a bolsa bem ao lado das minhas botas de trabalho.

— Para Austin.

— É mesmo? Por quê? — Quero dizer, eu gostava de Austin tanto quanto todo mundo. Tinha ido lá centenas de vezes na vida, mas não era minha cidade preferida do mundo. Eu não imaginaria que aquele cara fosse gostar de passar os dias de folga em Austin sendo que conseguiria arcar com uma viagem para qualquer outro lugar.

O alemão foi até minha cozinha e direto aos armários, onde pegou uma xícara.

— Eu tenho um compromisso hoje à tarde.

Por que a primeira coisa de que imaginei que ele estava falando era cirurgia plástica, não faço ideia. Espalmei as mãos no balcão entre nós e me inclinei para a frente, dando a ele um olhar descrente.

— Não.

Ele olhou sobre o ombro quando encontrou uma chaleirazinha e começou a enchê-la com água da geladeira.

— Sim?

— Rey, colega, não faça isso. Você ainda é bonito pra caramba, e sinceramente sempre dá para saber quando alguém faz cirurgia plástica. Não ligo para o que os cirurgiões dizem, dá para ver — eu disse a ele, totalmente séria.

Ele repousou a chaleira em cima do fogão, mas não ligou o fogo. Seus ombros largos caíram para a frente quando ele ergueu a mão e apertou o nariz. Assim que se virou para me encarar, os olhos estavam fechados, e a ponta da língua se encontrava no canto da boca.

— Burrito. — Ele abriu um dos olhos. — Vou ajeitar uma tatuagem.

— Ahh. — Bem, eu era uma idiota.

Ele assentiu, sua atitude toda espertalhona.

— A do braço? — Era a única de que eu sabia.

Ele assentiu outra vez.

Porque ele iria até Austin, sendo que havia um milhão de tatuadores em Houston, eu não sabia, mas não importava.

— Legal. Vou para a minha cidade. — Então, percebi que ele não sabia onde era a “minha cidade”. — San Antonio. É perto de Austin.

Kulti me chocou quando disse: — Eu sei. Pago mil dólares para você me levar até Austin.

— O quê?

— Pago mil dólares para você me levar até Austin. — Ele apontou, com a cabeça, a mochila que tinha sido deixada perto da porta. — E pela gasolina.

Cocei o nariz, tentando me certificar de que ele não estava brincando. Minha intuição dizia que não. Ele, com certeza, não estava brincando.

— Você quer que eu te leve até Austin para retocar a sua tatuagem? — Não consegui evitar a pergunta.

O alemão assentiu.

— Certo. — Semicerrei os olhos para ele, debatendo como eu deveria dar continuidade àquilo e decidindo que não haveria um jeito fácil. — Não sei

como dizer isso para você sem parecer uma amiga horrível que não é grata pela sua oferta generosa, mas... por que não pede para o seu motorista levá-lo?

— É aniversário da filha dele hoje — explicou Kulti.

— E você quer que eu dirija, mesmo podendo pagar menos para outra pessoa levá-lo? — perguntei, lentamente.

— Sim.

Ah, cara. Minha parte preguiçosa que estava decidida a passar quatro dias com os meus pais não queria ser a motorista de Kulti. Mas a outra parte se sentiu mal por dizer não.

— Eu estava planejando passar o fim de semana na casa dos meus pais, não posso trazê-lo de volta logo depois da sua sessão no tatuador.

Ele ergueu um único ombro musculoso.

— Não tenho mais nada para fazer.

Um ponto para a Sal por ter sido uma otária.

Ele não tinha mais nada para fazer.

Por que aquilo fez com que eu me sentisse tão mal?

Mas eu não poderia deixá-lo fazer com que me sentisse mal. Eu não poderia voltar atrás com os meus pais.

— Rey, vou passar o fim de semana lá. Não posso trazê-lo de volta. Já prometi a eles que eu iria.

— Entendi da primeira vez — ele respondeu, em um tom do qual não gostei. — Eu disse que não tenho mais nada para fazer. Vou ficar com você.

Ele...

Ele ficaria comigo?

A imagem do meu pai desmaiando passou como um lampejo na minha mente.

— Ficar comigo na casa dos meus pais?

Ele ergueu outro ombro preguiçoso.

— Sim.

— Durante o fim de semana?

O engraçadinho revirou os olhos.

— *Ja.*

Babaca sarcástico.

— Tem problema? — ele perguntou depois de um tempo sem eu dizer nada.

Pigarreei e pensei no meu pai de novo.

— Lembra que meu pai é um grande fã seu? — Kulti assentiu. — Ele é um grande, grande fã, e você precisa entender isso, se quiser ir e... — Engoli em seco. — ... ficar na casa deles. Talvez ele desmaie e finja que não sabe falar inglês durante o fim de semana todo. — Então, pensei mais um pouco. — E encarar. Talvez ele encare você e não fale palavra alguma.

O alemão pareceu pensar naquilo por uns bons cinco segundos antes de dar de ombros, como se nada do que eu tivesse dito o incomodasse. Nem um pouquinho sequer.

— Certo. Tudo bem.

Respirei fundo, porque, de repente, não consegui compreender no que eu havia acabado de me meter.

— Você tem certeza? — perguntei, sem pressa.

Kulti me lançou um longo olhar antes de se virar e pegar a chaleira outra vez.

— Sim. Agora, vá tomar um banho e vestir algo que cubra mais o corpo.

Eu não fazia ideia de onde eu estava me metendo. Não fazia a menor ideia.



— Então, por que você decidiu vir aqui em vez de ir a algum lugar em Houston? — perguntei quase nove horas depois, enquanto estacionava na vaga em frente do prédio bonito até onde o celular de Kulti havia nos levado.

Não tínhamos saído da minha casa até um pouco depois das dez, já que não havia motivo para nos apressarmos, pois ele estava agendado para as quatro horas. A viagem levou um pouco menos que três horas. Para matar o tempo, fizemos uma pausa para almoçar em uma das minhas churrascarias preferidas no caminho, depois, paramos e andamos pela capital e visitamos uma loja de um dólar. Na seção de materiais de escritório, Kulti havia perguntado: — Tudo custa mesmo um dólar? — Então, ele passou a inspecionar todos os itens com os quais nos deparávamos.

Desafivelando o cinto do carro, ele me lançou outro olhar, ainda insultado por, mais cedo, eu ter presumido que ele faria uma cirurgia plástica.

— Vi o trabalho deles em uma revista.

E essa foi toda a informação que ele me deu. Tudo bem.

Sáímos do carro e caminhamos em direção à porta com o nome *Pins and Needles* em uma fonte clássica e simples. Kulti esticou o braço para abri-la. No fundo da minha mente, eu tinha imaginado que o alemão não escolheria um lugar decadente onde desse para pegar chatos caso se sentasse na privada, então não fiquei surpresa com o quanto o estúdio de tatuagem era limpo e moderno. Rock pesado tocava baixinho ao fundo.

Um homem ruivo estava sentado atrás de uma mesa preta na entrada, trabalhando em algo com um lápis. Olhou para cima quando entramos e nos deu um sorriso amigável.

— E aí, tudo bem?

Quando percebi que o Sr. Anti-Simpatia não diria nada, sorri de volta para o homem enquanto dava uma cotovelada no braço de Kulti por ele ter sido sem educação.

— Tudo, e você?

— Ótimo. — Ele deu uma olhada no alemão e algo como reconhecimento atravessou os seus olhos. Colocou o lápis na mesa, mexeu no mouse do computador que estava ali perto e olhou para a tela antes de, sem pressa, voltar a encarar Kulti. — O Dex já vem, se vocês quiserem se sentar...

— Obrigada. — Sorri para ele de novo e me virei para me sentar em um dos sofás de couro preto. Kulti continuou em pé, caminhando em direção à parede onde inúmeros artigos de revistas estavam emoldurados.

Nem mesmo trinta segundos depois, o som de botas no piso frio não me preparou para o homem de cabelo preto que veio dos fundos do estúdio. Alto, de ombros largos e com tatuagens que desciam até os pulsos, não pude evitar olhar para ele.

Nunca gostei muito de caras que pareciam ex-presidiários, mas não tinha como eu não apreciar o quanto aquele cara era atraente, mesmo não fazendo meu tipo.

Fala sério, né?

— Ele está usando uma aliança — a voz baixa de Kulti murmurou bem ao

meu lado.

— Isso não quer dizer que eu não possa olhar — murmurei de volta, notando que, sim, ele usava uma aliança de ouro brilhante logo acima de uma tatuagem que parecia uma letra.

Algo desceu pelos meus olhos e percebi que o alemão tinha enfiado seu gorro na minha cabeça.

— Segure para mim — disse ele, continuando a puxar o tecido pelo meu nariz.

— Ei, cara. — Uma voz que eu sabia pertencer ao homem tatuado de cabelo preto soou mais próxima. O som de duas palmas se encontrando ressoou bem ao lado da minha cabeça quando subi o gorro verde-escuro até a testa.

Como esperado, Kulti e o outro cara estavam bem na minha frente, dando um aperto de mão. O alemão era só um pouquinho mais baixo do que o homem, que provavelmente era só um pouquinho mais novo que ele, mas, enquanto eu analisava suas diferenças, Kulti me encarou, lançando um olhar que me fez sorrir. Eu estava tão acostumada a seu rosto quanto com o meu, e era bonito, teimoso e arrogante.

Eu ainda escolheria encarar Kulti em vez do cara tatuado a qualquer dia, todos os dias.

— Você quer dar uma olhada no rascunho antes de aplicarmos o decalque? — o tatuador perguntou, dando um passo para trás e não olhando para mim sequer uma vez.

— Sim. Quanto tempo vai levar?

O homem de cabelo escuro deu de ombros.

— Algumas horas.

O alemão assentiu antes de falar comigo, sua mão se apoiando no meu ombro.

— *Schnecke*, vou te pagar para...

— Cale a boca e faça a tatuagem. Não vou aceitar seu dinheiro, idiota.

Ele me olhou por um segundo, então, puxou a borda do gorro outra vez sobre meus olhos.

Quando consegui rolá-lo para cima de novo, os homens dignos de um sonho erótico caminhavam em direção a um dos espaços de trabalho atrás da

recepção. Acomodei-me no assento, preparada para assistir a um pouco de Netflix no celular enquanto esperava, quando o tatuador voltou para sua mesa.

— Se a Ritz não voltar em dez minutos, ligue para ela — ele pediu ao cara ruivo.

— Pode deixar, Dex. Ela me mandou mensagem faz uns vinte minutos dizendo que estava a caminho, então tenho certeza de que vai voltar a tempo.

O cara de cabelo preto resmungou e, antes que ele tivesse a chance de responder, a porta se abriu e uma garota mais ou menos da minha idade entrou carregando um bebê-conforto em uma das mãos e uma bolsa de fraldas na outra. O homem chamado Dex, na mesma hora, deu a volta na mesa, fazendo uma carranca.

— Que merda é essa, amor? Eu te falei para me ligar quando estacionasse, porra, pra eu te ajudar — esbravejou ele, a voz agressiva, tirando o bebê-conforto dela com o braço todo tatuado. Ergueu-o até a altura do rosto e bisbilhotou ali dentro, e os olhos azul-escuros se estreitaram antes de um sorriso atravessar o rosto severo. — Como está meu homenzinho? — ele sussurrou, levando a cabeça até ainda mais para dentro do casulo que era o interior do bebê-conforto e emitindo um som audível de beijo.

Santo Deus. Um homem daqueles fazendo barulhos de beijo para o que eu só poderia supor ser o filho dele. Minha vagina. Minha vagina não sabia o que fazer consigo mesma.

A garota sorriu, nem mesmo um pouco intimidada pelo jeito com que o cara tinha falado com ela ou pela forma como eu estava sentada lá, olhando admirada para eles.

— Não vou ligar quando sei que você tem hora marcada, e consegui uma vaga na rua, então não tive problema. — Ela ainda olhava para o homem com o bebê antes de dar uma olhadela no ruivo atrás da mesa e dizer: — E aí, Magrão?

O cara jogou um beijo para ela.

— Estava com saudade.

— Eu também — respondeu ela.

Dex abaixou outra vez a cadeirinha do bebê e olhou feio para a garota.

— Me dê a porra de um beijo, pode ser?

Ela revirou os olhos e suprimiu a distância entre eles, ficando na pontinha dos pés para colar os lábios nos do homem de cabelo preto. Ele enrolou o braço livre ao redor da cintura dela e a puxou com tudo contra seu corpo amplo, aprofundando o beijo, ao mesmo tempo em que segurava o bebê-conforto na outra mão.

Tive que desviar os olhos.

Talvez estivesse na hora de começar a procurar alguém que eu deixasse entrar na minha vida. Fazia cinco anos desde que eu tivera um namorado de verdade, e eu não viajava mais como antes.

Eu poderia fazer aquilo funcionar. Não poderia?

Meus olhos idiotas foram na direção de Kulti por um milésimo de segundo antes de eu forçá-los a recair no meu colo. Coloquei os fones de ouvido, dei outra olhadela para cima e vi Dex segurando a cadeirinha do bebê em uma das mãos enquanto a garota caminhava até os fundos, então comecei a ver um filme no celular para me manter ocupada até o alemão terminar. Algum tempo depois, uma mão acenando para mim da mesa da recepção chamou minha atenção. Era o cara ruivo.

— Oi — eu disse, tirando os fones e pausando o filme.

A garota de mais cedo estava sentada perto da mesa com ele, nenhum bebê-conforto à vista, mas havia uma babá eletrônica na mesa.

— Geralmente, não ajo como um fã doido — o homem começou, sua voz um sussurro. — Mas... é o Kulti? — A expressão dele estava cheia de esperança.

Coloquei o celular no colo e observei-o se inclinar para a frente para minha resposta.

— É.

O cara socou o punho no ar e se virou para a garota.

— Eu falei! — ele meio sussurrou e meio sibilou para ela, o que só me fez sorrir.

— O cabelo dele está diferente — ela comentou baixinho, olhando para trás e se certificando de que não estava sendo ouvida.

— Ele fica diferente com o cabelo curto — concordei, esticando o pescoço, mas só conseguindo ter um vislumbre do cara que haviam chamado de Dex debruçado.

— Você acha que ele me daria um autógrafo? — o ruivo perguntou.

Assenti.

O cara sorriu com todos os dentes para a garota, que sorriu para mim.

— Ele é a pessoa mais famosa que já atendemos aqui, pelo menos desde quando comecei. Teve aquele boxeador que era um baita de um idiota, mas ninguém ficou impressionado — ela explicou, timidamente. Girou-se outra vez antes de adicionar, olhando para o ruivo: — Eu tinha uma quedinha enorme por ele. Ele era tão lindo.

— Não deixe o chefe ouvi-la. — O ruivo riu.

Ou ele ficaria com ciúmes? Não era fofo aquilo?

Tão fofo que me fez sentir um pouco estranha. Como eu andava ocupada, não passava muito tempo perto de casais. Mesmo os meus amigos tendo seus parceiros, eu não fazia muitas coisas com eles.

Ah, droga. Eu tinha conseguido quase exatamente o que sempre havia desejado. Eu não tinha nada do que reclamar.

— Vocês estão namorando? — o cara deixou escapar um segundo depois. A garota lhe deu um soco no braço.

Senti meu pescoço esquentar, e apesar de saber que poderia não responder, eu o fiz mesmo assim: — Não.

— Ah.

— Somos só melhores amigos.



— Olhe, eu tenho que te avisar: acho que meu pai vai surtar — anunciei, quando entramos no bairro dos meus pais. — Falei para ele que eu tinha uma grande surpresa enquanto eu esperava você lá no estúdio de tatuagem, mas acho mesmo que ele vai surtar.

Senti o peso do olhar de Kulti vindo do outro lado do carro, mesmo sendo quase oito horas da noite.

— Eu não estou preocupado.

É claro que não estava.

Mas eu, sim.

Meu pai molharia a calça. Não tive coragem nem de avisar a minha mãe,

porque eu também não sabia como ela lidaria com aquilo. Havia uma chance de ela perder a cabeça e dizer que queria ter sido avisada com antecedência.

— Rey, você não está entendendo o quanto ele é seu fã.

— *Schnecke*, eu não estou preocupado. Já vi de tudo.

Não que eu duvidasse, mas aquilo ainda não me ajudou a ficar menos nervosa ao chegarmos mais e mais perto da casa em que meus pais moravam desde que eu me entendia por gente. O medo de que um deles fosse abrir o bico sobre minha paixonite adolescente vinha me incomodando havia horas.

Mas o que eu poderia ter dito? Que ele não era bem-vindo? Isso não soaria muito educado, e meus pais não tinham me criado para ser mal-educada. Além disso, eu tinha trazido Jenny comigo para casa em algumas folgas. Sem contar as outras colegas de time e amigos que entravam e saíam da minha vida ao longo dos anos e que tinham vindo nos visitar nos feriados.

A pequena casa de três quartos ficava bem no fim da rua sem saída. O carro seminovo da minha mãe e a caminhonete de trabalho do meu pai estavam na entrada da garagem quando estacionei na rua. A casa não era nova, mas meu pai cuidava muito bem dela.

Dei um sorriso para Kulti enquanto ele pegava nossas bolsas no portamalas, e estendi a mão.

— Pode deixar que eu levo.

Ele me deu uma única olhada antes de continuar andando pelas pedras que meu pai tinha enfileirado como um caminho até a porta. O alemão nem se preocupou em me esperar alcançá-lo antes de bater à porta, com um pouco menos de força do que quando batia à minha toda vez que visitava.

Empurrei-o para o lado quando as trancas começaram a virar.

— *¿Quién es?* — É claro que era meu pai.

— Sal! — gritei de volta, colocando o indicador na boca quando Kulti olhou para mim.

— Sal? Você perdeu a chave? — A tranca debaixo girou e, um momento depois, o rosto do meu pai apareceu na fresta da porta.

— Não. — Sorri. — Feliz aniversário adiantado. Não surte...

A testa dele se enrugou ao abrir bem a porta.

— Não surte...? — Ele parou. O olhar dele foi de mim para Kulti, depois, de volta para mim e, por fim, outra vez para Kulti. O arquejo mais esquisito

do mundo lhe escapou.

Então, bateu a porta na nossa cara.

Kulti e eu nos olhamos. E, um segundo depois, comecei a rir quando um sorriso enorme, que me pegou totalmente de surpresa, atravessou o rosto ligeiramente barbudo dele.

— Pai! — gritei.

Não houve resposta, o que só me fez rir ainda mais.

— *Papi*, fala sério — Pressionei a testa na porta, meus ombros sacudindo ao relembrar da expressão dele quando tinha visto o alemão ao meu lado. — Ah, Deus.

Virando a cabeça para olhar para Kulti outra vez, ele ainda sorria.

— Salomé? *¿Qué pasó?* — a voz da minha mãe soou dentro da casa, um segundo antes de ela abrir a porta, a testa já franzida em confusão. — *Por que... ¡Ay, carajo!* — ela disse, imediatamente vendo o homem muito mais alto do que eu ao meu lado. Seu rosto empalideceu. O queixo caído, surpresa por três segundos completos antes de pigarrear, olhar outra vez para mim e pigarrear de novo. — Certo. Tudo bem. — Seus olhos se voltaram para o alemão antes de ela sorrir com cautela. — Entre, entre — ela disse em espanhol, convidando-nos a entrar.

— Oi, mãe — eu falei, abraçando-a e depois dando um passo para o lado ao fechar a porta atrás de nós. — Trouxe meu amigo comigo. — Olhei para ela com olhos arregalados que diziam *por favor, não dê com a língua nos dentes*. — Mãe, Rey... Reiner...? Kulti...? — Olhei para ele atrás de algum sinal de como eu deveria pedir para minha família chamá-lo. Ele, casualmente, só deu de ombros em resposta, estendendo a mão, todo educado, para minha mãe. — Rey, esta é a minha mãe.

Ela estava ocupada demais olhando-o de cima a baixo, como se não acreditasse que ele fosse real, e, sinceramente, uma pequena parte de mim também não acreditava. Reiner Kulti estava parado na minha casa. Eu tinha assistido a centenas de seus jogos na sala de estar. Tinha jurado ao meu pai que seria tão boa quanto O Rei, naquele exato lugar, mais vezes do que eu poderia contar. E ali estava ele. *Bem ali*. Como meu amigo, e passaria os próximos dias conosco porque não tinha mais nada para fazer.

Jesus Cristo.

— *Hola, señora Casillas* — Kulti disse em seu espanhol perfeito, e continuou: — É um prazer conhecê-la. Obrigado por me receber.

Quem era aquele homem com modos? Observei-o, nada surpresa com o quanto estava sendo educado, mas... foi um pouco inesperado.

Um sorriso lento e pequeno atravessou o rosto da minha mãe, que parecia satisfeita com a apresentação.

— Também é um prazer conhecê-lo — ela respondeu, felizmente evitando qualquer coisa do tipo *eu ouvi falar tanto sobre você* ou qualquer outra coisa muitíssimo incriminadora. Minha mãe, por fim, olhou para mim, ainda falando em espanhol: — Eu estava me perguntando por que seu pai fechou a porta e entrou no quarto. Ele está lá agora. Vá falar com ele enquanto pego algo para o Reiner beber.

Então ela tinha optado por chamá-lo de Reiner. Quem diria?

Dei um sorrisinho para ele enquanto Kulti continuava parado ali, nossas bolsas nas mãos.

— Eu já volto. Pode deixar nossas coisas ali, eu pego depois.

Ele me deu aquilo que eu estava começando a reconhecer como seu olhar de “cale a boca, Sal”.

Sorri para minha mãe e lhe dei outro abraço, apesar do fato de ela estar mais focada no homem ao meu lado.

— Vou tirá-lo de lá.

Como esperado, a porta estava fechada quando cheguei ao quarto dos meus pais. Bati duas vezes antes de dizer: — Pai? Eu vou entrar. Não me traumatize pelo resto da vida.

Sentado na beira da cama, com a cabeça entre os joelhos, estava o homem que havia me criado, suas mãos escuras e calejadas apoiadas na parte de trás da cabeça. Precisei de todas as minhas forças para não começar a rir daquele seu miniataque de pânico. Engasgando-me ao engolir tudo aquilo, sentei-me ao seu lado e coloquei a mão em suas costas.

— Surpresa — sussurrei com a menor das pitadas de riso na voz.

Devagarinho, ele virou a cabeça, e vi um dos olhos verde-claros me encarando.

— Não sei se te dou um abraço ou um murro — ele disse, em espanhol.

— Você nunca me deu nem um tapa na bunda — lembrei a ele com um grande sorriso.

Meu pai conseguiu fazer uma carranca apenas com a pequena parte visível do rosto.

— *No la chingues, hija de tu madre.* Você está tentando me fazer ter um ataque cardíaco?

Acho que preciso avisar que meu pai era a segunda pessoa mais dramática da família, superado apenas por minha irmã caçula. Eric, nossa mãe e eu éramos os estáveis e sãos.

Então, é, balancei a cabeça para ele, sabendo que era tudo exagero.

— Do jeito que você dirige, vai ser outro carro que... — passei o dedão pelo pescoço — ... não vai fazer você ter um ataque cardíaco, né?

Meu pai inclinou a cabeça para que os dois olhos verdes ficassem visíveis. Eu sempre quis ter herdado os genes da mãe dele, mas não foi o que aconteceu. Nenhum dos filhos dele herdou. Com a pele superbronzada dele, a cor sempre parecia se destacar. Sortudo. Minha mãe me disse, uma vez, que aquela tinha sido a primeira coisa que notou nele.

— Do jeito que você está me tratando, vou acabar tendo que tomar remédio para pressão em breve. — Ele se endireitou e continuou a me lançar um olhar impertinente. — Você trouxe *Kulti* para a nossa casa, e não me avisou? Você nem me disse que estava conversando com ele da última vez que nos falamos. — Ele balançou a cabeça. — Pensei que você fosse minha melhor amiga.

O problema foi que meu pai falou como se estivesse genuinamente magoado. Não muito, mas o suficiente para eu me sentir culpada por não ter lhe dito nada sobre minha amizade com o Linguição Rei do Mundo. Meu pai *era* meu melhor amigo. Eu geralmente contava tudo a ele. Por mais que eu não fosse admitir amar um progenitor mais do que o outro, ele e eu sempre tivemos uma conexão especial. Ele era meu amigo, meu campeão, meu cúmplice e meu parceiro desde quando eu me entendia por gente. Quando minha mãe me forçava a jogar qualquer outro esporte além do futebol, era meu pai que argumentava que eu deveria fazer o que raios eu quisesse.

Então suas palavras bastaram para tirar o sorriso do meu rosto quando me apoiei nele.

— Desculpa. Eu não sabia como contar. Nem sabia se eu e ele éramos mesmo amigos. No começo, ele só agia como um babaca e, depois, viramos amigos.

— Humpf.

— É sério, pai. É estranho. Eu tive que pensar no Kulti fazendo cocô nos dois primeiros meses para não gaguejar toda vez que estava perto dele.

Aquilo o fez dar um sorrisinho.

— Jogamos futebol juntos algumas vezes, levei-o comigo para jogarmos softbol com Marc e Simon, e ele me levou ao médico semana passada — expliquei, surpresa por ele não ter visto nossas fotos postadas nos sites de fãs do Kulti.

E mesmo quando o atleta preferido dele no universo estava a poucos passos de distância, o homem mais importante na minha vida estava me colocando em primeiro lugar.

— O que raios você foi fazer naquele médico? — ele esbravejou.

Dez minutos depois, eu tinha contado tudo — a maior parte. Do jogo de softbol que deu errado, passando por Kulti ter me levado ao médico e pela nossa conversa com o sr. Cordero, até, por fim, ao alemão ter aparecido na minha casa naquela manhã.

Meu pai estava balançando a cabeça no fim, raiva aparente nos olhos.

— *Cabrones*. Vamos processá-los, se fizerem algo — ele respondeu, ainda focado no sr. Cordero.

Qual era a daqueles homens querendo processar as pessoas?

— Vamos nos preocupar com isso mais tarde. Não violei nenhum termo do contrato, então acho que não podem fazer nada. — Era o que eu esperava. — Você-sabe-quem me disse para não me preocupar com isso.

Os olhos dele se semicerraram, mas, com certa relutância, assentiu.

— Pronto para ver o amor da sua vida? — perguntei a ele com um sorriso.

Meu pai me deu um tapinha na parte de trás da cabeça.

— Não sei por que não colocamos você para adoção — ele disse, levantando-se.

Dei de ombros e o segui para fora do quarto, notando como ele andava devagar e como deu uma olhada no fim do corredor, como se esperasse alguém surgir do nada e assustá-lo. Na cozinha, encontramos Kulti sentado à

pequena mesa redonda espremida no canto do cômodo, um prato de melancia, nabo, aipo e brócolis e um copo de água em sua frente. Minha mãe vasculhava a geladeira atrás de algo.

O alemão se levantou e estendeu a mão para meu pai, sem dizer nenhuma palavra.

Meu pobre pai deslumbrado o encarou. E, de um jeito que não tinha nada a ver com seu eu de sempre, ele estendeu a mão timidamente — tremendo só um pouquinho — e apertou a de Kulti.

— É um prazer vê-lo de novo, sr. Casillas — Kulti disse em um espanhol fluente, mantendo contato visual com o meu pai.

Tive que apertar o nariz quando o homem mais velho assentiu com pressa em resposta, inspirando profundamente quando as mãos se separaram. Vindo por trás, apertei os ombros do meu pai e sussurrei em seu ouvido sobre como ele tinha que imaginar o cara fazendo cocô, antes de me sentar ao lado do alemão e roubar um pedaço de melancia de seu prato.

Meu pai pegou o assento ao meu lado e de frente para Kulti, olhando para todos os lugares, exceto para O Rei. Aquele era o mesmo homem que não sabia se comportar em um cinema e muito menos em uma igreja. Barulhento, extrovertido, obstinado e teimoso com um temperamento bem conhecido... ele ficou sentado em silêncio na cadeira.

Era exatamente isso que havia me preocupado quanto a trazer Kulti para San Antonio. Eu queria passar um tempinho com os meus pais, não que meu pai surtasse tanto que se recusasse a falar. Eu não o envergonharia comentando como ele estava agindo todo estranho na frente do alemão, e decidi tentar demonstrar um pouco de paciência. Nós, ou, pelo menos, eu, ficaríamos ali pelos próximos três dias. Kulti e eu não tínhamos conversado sobre ele ter ou não encontrado outro jeito de voltar para Houston, mas o fato de ele não ter mencionado ir embora também não me passou despercebido.

Então, veríamos como seria.

Kulti empurrou o prato na minha direção, e sorri ao pegar um pedaço de nabo-mexicano. Então, minha ficha caiu.

— Onde está a Ceci? — perguntei aos meus pais.

Meu pai ergueu as sobrancelhas, mas foi minha mãe que respondeu: — No quarto dela.

Claro. Era impossível ela não saber que eu tinha chegado. Aquela insuportável.

— Quem é Ceci? — Kulti indagou, segurando um pedaço de brócolis.

— Minha irmã mais nova.

Ele piscou.

Dei de ombros. O que mais eu diria? Que minha irmã me odiava, dependendo da fase da lua?

Felizmente, ele não fez mais nenhuma pergunta. Eu sabia que meu pai levava para o lado pessoal quando Ceci agia como uma babaca, e, então, minha mãe ficava irritada por não sermos todos mais compreensivos e pacientes com ela. Eu era paciente com ela. Ainda não a havia socado, apesar das dezenas de vezes que ela havia merecido.

Minha mãe se sentou à mesa e começou a perguntar se tínhamos planos para o dia seguinte. Então, disse como minhas tias e primos queriam me ver. Logo, eram quase dez horas e eu estava bocejando em alto e bom som, me perguntando como meu pai não tinha soltado nenhum suspiro sequer, sendo que eu sabia muito bem que ele também estava acostumado a ir para cama cedo.

O silêncio foi esquisito demais — eu trocando olhares com Kulti e minha mãe, enquanto meu pai evitava os olhos de todo mundo.

Tudo bem, para mim, chega.

— Quer que eu mostre onde você pode dormir? — perguntei ao alemão.

Ele assentiu.

Só havia um quarto de hóspedes, e já que minha irmãzinha não se daria ao trabalho nem de sair para me cumprimentar, acho que dormir no quarto dela estava fora de questão para mim. Enquanto Kulti me seguia para fora da cozinha e passávamos pela pequena sala de estar com seu sofá duro, que tinha sido comprado pela durabilidade, não pelo conforto, senti meu olho tremer um pouco. Aquilo seria imperdoável, e de jeito nenhum eu mandaria meu amigo dormir naquela pedra revestida de tecido.

O que muito, muito tempo atrás, tinha sido o quarto do meu irmão, havia sido pintado e convertido em um quarto de hóspedes para quem estivesse de visita. Meus pais não gostavam de comprar coisas novas se as velhas ainda davam para o gasto, então eu sabia exatamente onde estava me metendo: a

mobília antiga minha e da Ceci, de quando eu morava com eles, antes da faculdade.

Um beliche.

Era uma cama de casal na parte de baixo e outra de solteiro em cima. Eu quase sorri quando Kulti nem sequer piscou com a acomodação.

— Bem-vindo ao Hotel Casillas. — Estendi a mão em modo de apresentação, deixando-o absorver a beliche de metal preto, a tela plana de trinta e poucas polegadas acima da cômoda e os diversos pôsteres e artigos meus e de Eric, que nossos pais tinham colocado ali depois de Ceci ter reclamado até não poder mais. Ela não conseguia viver com nossas conquistas sempre à mostra, ou algo assim. Ela agia como se simplesmente tivéssemos recebido de mão beijada o que tínhamos. Rá.

“Talento natural” e genética não eram tudo.

— Onde você vai dormir? — ele perguntou, colocando nossas bolsas no chão.

— Humm...

— Aí dentro — meu pai disse ao passar andando pelo quarto; o dele ficava no final do corredor. Como se tivesse passado a noite toda falando, ele adicionou, sobre o ombro: — *¡Buenas noches!*

Dormir no mesmo quarto que ele? Das duas vezes em que eu havia trazido meu ex comigo, meu pai o havia feito dormir na sala de estar, mas Kulti? Eu duvidava muito de que minha idade tivesse algo a ver com o motivo de ele estar jogando nós dois juntos naquele quartinho. Se meu pai soubesse que Kulti vinha comigo, tenho certeza de que ele teria tirado o colchão de solteiro dali.

Típico.

Eu poderia ter discutido, mas realmente queria dormir no chão do quarto dos meus pais ou me espremer no sofá? Não, obrigada.

— Você se importa se eu dormir em cima? — indaguei.

Aqueles olhos castanho-esverdeados analisaram a cama, e pude ver diversão ou algo parecido em seu olhar. Ele balançou a cabeça, ainda de olho no móvel.

— Não. Você pode dormir na de baixo.

— Você é alto demais para dormir em cima — expliquei a ele. — Fique

na de baixo. Além disso, o colchão é mais novo.

Ele me olhou de soslaio e assentiu antes de empurrar nossas bolsas mais para o fundo do quarto e, depois, agachar-se para vasculhar a dele.

— Tem um banheiro aqui do lado. Pegue o que quiser na cozinha, minha casa é sua casa. Todo mundo dorme que nem uma pedra, então não vai incomodar ninguém. — Tamborilei os dedos na perna, tentando lembrar se havia mais alguma coisa que eu precisava dizer a ele. Não havia. — Quero dar uma olhada se minha irmã está acordada antes de me arrumar para a cama.

O alemão simplesmente assentiu e murmurou algo que não entendi direito.

O quarto dela ficava do outro lado da porta do banheiro. A fresta sob a porta mostrava que a luz estava acesa, e a televisão, alta o bastante para que eu pudesse ouvi-la, então bati com tudo.

— Ceci? — Acertei o punho na porta. — Está acordada?

Nenhuma resposta.

— Cecilia? — Bati de novo.

Ainda nada.

— Ces, é sério?

Não houve qualquer resposta. Eu não era tola a ponto de achar que ela tinha dormido com a TV ligada. Eu conhecia minha irmã. Ela não conseguia dormir com nenhuma luz acesa. Só estava sendo sacana. De novo.

Nunca fiz nada para ela. Nunca dificultei sua vida, desencorajei-a ou disse algo maldoso. Talvez eu tivesse focado na minha carreira durante toda sua vida, mas estive presente o máximo que pude. Desde o momento em que completou uns seis ou sete anos, ela tinha virado aquele maldito diabo que se acha coitadinho.

Tive que respirar fundo e suspirar para não a deixar acabar com meu humor. Ela não abriria a porta, e eu também não imploraria.

Mais decepcionada do que irritada, voltei para o quarto que, aparentemente, eu dividiria com Kulti, bem quando ele estava saindo, com um saquinho com produtos de higiene em mãos. Era fácil me esquecer de como ele era mais alto do que eu, de quanto também era maior, de um modo geral, mas não dei muita bola para isso naquela hora, ainda mais não com a

minha irmã agindo como uma idiota e tirando todo meu foco.

Ele entrou no banheiro enquanto eu pegava uma calcinha limpa, um sutiã normal do qual eu poderia me livrar quando estivesse debaixo da coberta, roupa de dormir e meu próprio saquinho de higiene da bolsa esportiva. Eu poderia tomar um banho quando o alemão tivesse terminado. Enquanto isso, separei roupas para minha corrida na manhã seguinte. Em um pedacinho de papel perto da TV, anotei a senha do Wi-Fi. Poucos minutos depois, ele voltou ao quarto, seu rosto um pouco úmido, mas todo o resto igual.

— Vou tomar um banho. O controle da televisão está na cômoda e a senha do Wi-Fi está ali perto, tudo bem? — perguntei, já desviando dele para ir ao banheiro. Seria um milagre se eu não dormisse durante o banho, mas estava tão acostumada a me lavar à noite que não seria confortável me deitar sem isso.

— Sem problema — ele disse, colocando as coisas de volta na bolsa.

— Certo. Eu já volto, então.

Menos de quinze minutos depois, eu tinha saído de um dos banhos mais rápidos da história, escovado os dentes e estava vestida para dormir. Outra vez no quarto, Kulti estava sentado na beira da cama de casal em uma camiseta branca fina, a parte mais baixa do bíceps visivelmente enrolada em algum tipo de plástico. Ainda vestia o jeans. Ergueu os olhos quando entrei no quarto e me lançou uma expressão que era, em sua maior parte, um sorriso enquanto tirava uma meia.

— Tudo bem? — ele perguntou depois que larguei minha pilha de roupa suja perto da porta e me agachei para pegar na bolsa um par de meias que iam até o joelho.

— Sim, por quê? — Eu me endireitei, tomando muito cuidado para que minha camiseta extragrande, basicamente um *muumuu* havaiano, não acabasse presa no elástico da calcinha.

Kulti tirou outra meia.

— Você está nervosa com sua irmã — ele disse, casualmente, jogando duas peças de tecido surpreendentemente longas na pilha de roupas.

Começaria a discutir com ele, dizendo que eu estava bem, mas percebi que estaria mentindo e que ele saberia. Joguei meu par de meias limpas e listradas no colchão de cima, meus dedos nus se mexendo no carpete. Eu não

tinha os pés mais bonitos do universo — quero dizer, não eram feios —, mas pareciam que tinham dado um passeio no inferno comigo. Geralmente, eu não ficava descalça.

— Ah, sim. Estou um pouco irritada por ela ter decidido se esconder no quarto. — Suspirei, coçando a bochecha com um sorriso triste. Ele se inclinou para a frente, cotovelos nos joelhos, a testa franzida. Reiner Kulti no meu beliche. Que vista. — Desculpa a falta de educação dela. Tenho certeza de que vai poder conhecê-la amanhã.

O alemão deu de ombros como se estivesse completamente indiferente quanto a conhecer ou não Ceci, e eu não poderia culpá-lo. Por que ele se importaria?

— Se ela for te chatear, prefiro não a conhecer. Parece que ela é uma criança mimada.

— Ela não é mimada — defendi-a. — Ela é só... um pé no saco. Tem sido difícil para ela crescer comigo e com o Eric. Somos próximos, meu irmão e eu, mas eles têm quase dezessete anos de diferença. E são quase dez entre nós duas, e ela quase matou minha mãe durante o parto, mas nunca falamos disso — adicionei, imaginando Kulti trazendo aquele assunto à tona para provocá-la. — Ela é a única que nunca demonstrou qualquer interesse em futebol, então acha que todo mundo está decepcionado por ela não ser “normal”. — Ri baixinho. — Ela acha que é algo ruim. Você sabe muito bem como é, o quanto temos que nos sacrificar. O que fazemos não é fácil ou algo assim.

Os olhos dele me perfuraram direto no peito. Por compreensão? Por empatia? Eu não soube até ele assentir, lenta e solenemente, como se estivesse se lembrando de tudo o que havia sacrificado na vida pelo sonho que ele não tinha mais.

— Não, não é uma vida fácil, Sal. A maioria das pessoas não entende.

— Não é? Eu já escuto muita merda dos outros; não quero ouvir da boca da minha irmã também. Só quero que ela seja feliz. Não poderia ligar menos se ela é boa em futebol ou não. Enfim, minha mãe gosta de dizer que sempre brigamos com as pessoas que mais amamos, então... fazer o quê? Meu pai e eu estamos sempre nos bicando por algo. Acho que ela tem razão. — Caminhei até a escada ao lado do beliche, minhas mãos agarrando as laterais. — Você tem um irmão, não tem? — perguntei, sabendo muito bem que ele

com certeza tinha um irmão. Um irmão mais velho.

— Tenho — ele respondeu, escorregando para mais fundo na cama. Algo estranho se agitou no meu peito, enquanto eu o observava sentado na minha cama: de calça, camiseta fina e pés grandes e despidos. Era tão *caseiro*, tão natural. Por muito tempo, tive que me lembrar de que ele era só um homem comum, mas vê-lo ali daquele jeito foi difícil.

Era tão fofo. Ele era tão fofo.

— Faz três anos que não o vejo — ele adicionou, inesperadamente.

Olhei para ele entre os degraus da escada.

— Jesus. Por quê?

— Nunca fomos próximos. Ele tem a vida dele, e eu tenho a minha.

Nossa, como aquilo parecia solitário. É claro que eu queria estrangular minha irmã de vez em quando, mas ela geralmente estava de bom humor pelo menos algumas vezes por ano.

— Nem mesmo quando vocês eram pequenos?

Kulti ergueu os ombros, casualmente se acomodando nos dois travesseiros apoiados na parede.

— Eu saí da casa dos meus pais com onze anos, Sal. Não fico mais de um mês em casa quando os visito desde então.

O “puta merda” ficou aparente no meu rosto, não tinha como não ter ficado. Eu sabia que ele tinha ido para alguma academia de futebol antes de a carreira decolar, mas ele tinha onze anos quando saiu de casa? Essa era uma das épocas em que as crianças mais precisavam da família. Ele era tão *pequeno*. Jesus.

— Você ficava lá o tempo todo?

Ele assentiu.

— Você nunca... se sentiu sozinho?

Kulti estudou meu rosto.

— No começo, mas dá para superar.

Superar? Aos onze anos? Meu Jesus Cristo. Onde estava o carinho?

— Você... ainda vê seus pais? — perguntei, incerta quanto a estar entrando ou não em um território onde ele não me queria.

Um risinho agudo escapou de sua boca.

— Minha mãe me ligou há alguns dias dizendo que está pronta para uma casa nova.

Tive que lutar contra uma careta. Estava implícito que Kulti deveria comprar a tal casa para ela, não é?

— É gentil da sua parte cuidar dela. — E parei de falar, não tendo certeza se era gentil ou não, ou se ele genuinamente queria cuidar dos pais. Porque, quero dizer, quem exige uma casa nova? Onde é que se arranjava coragem para fazer isso?

Ele piscou e confirmou minha suspeita de que talvez estivesse sendo forçado a comprar uma casa para a mãe. Desconfortável por eu ter tocado em um assunto um tanto sensível, inclinei-me para a frente e passei o indicador pela sola do pé dele, ficando surpresa quando ele se afastou com violência.

Fiquei parada ali com um grande sorriso bobo.

— Você sente cócegas?

Com os dois joelhos agora no peito, ele olhou feio para mim.

— Não.

— Ah. — Eu ri. — Que fofo.

Ele não achou nem um pouco engraçado.

Agarrei as barras laterais e sorri para ele antes de subir até a cama de cima, fazendo questão de manter a camiseta longa presa entre as coxas.

— Você apaga a luz ou quer que eu apague? Estou pronta para dormir, mas você pode deixá-la acesa, não vai me incomodar. O controle está na cômoda.

— Deixe comigo — ele disse, o colchão soltando alguns rangidos enquanto eu o ouvia se acomodar.

Encontrando uma posição confortável, puxei a coberta até o queixo e rolei sobre o meu ombro bom, encarando a parede.

— Tudo bem, então. Boa noite, Rey. Pode me acordar se precisar de algo. — Bocejei.

De baixo, o alemão falou: — Boa noite, *schnecke*.

— Você não está me chamando de imbecil ou algo assim, está? — Bocejei de novo, puxando a coberta ainda mais para cobrir os olhos.

— Não — foi tudo o que ele respondeu.

— Certo. Se quiser ir para casa amanhã, ou se preferir se hospedar em um hotel, caso não esteja confortável, avise, está bem?

— Sim.

Mais um bocejo igual ao de um leão fez o meu peito se expandir.

— Tudo bem. Boa noite.

Talvez ele tenha dito “boa noite” outra vez, mas apaguei quase no mesmo segundo que parei de falar.



Rastejei escada abaixo quando o quarto ainda estava escuro. Não importava se eu programava um alarme ou não; na maioria das vezes, meu corpo simplesmente sabia que era hora de acordar. Fazendo a menor quantidade de barulho possível, apalpei em busca das minhas roupas, não conseguindo ver quase nada. Puxei a camisola pela cabeça...

Então, a luz do ventilador foi acesa.

Congelei. Congelei ali de calcinha, não vestindo nada mais.

— O que você está fazendo? — a voz grossa de um Kulti sonolento perguntou.

Certo. Eu poderia surtar e fazer um escândalo por estar parada ali quase nua, ou poderia reagir como uma pessoa madura e fazer parecer que não era nada de mais eu estar sem sutiã vestindo uma das calcinhas mais velhas que eu tinha.

— Vou dar uma corrida — eu disse, devagarinho e em voz baixa, ainda sem me mover. — Volte a dormir.

Houve uma pausa e, então, o colchão começou a ranger. Soube de antemão o que ele diria.

— Também vou.

Ah, meu Deus.

Fiquei de joelhos o mais rápido possível e, agora que eu conseguia enxergar, vesti o top esportivo na velocidade da luz, até que o som estridente do que deveria ser Kulti se levantando da cama me avisou que meu tempo tinha acabado. Eu não me deixei nem pensar que era provável ele ter visto meu seio de lado. Não era como se ele já não tivesse visto centenas de seios antes, mas esses eram os meus. Usar um top era uma coisa, mas seios

abanando livremente era outra.

Peguei uma regata de alças em estilo nadador antes de me levantar, já segurando o short de corrida na outra mão, pronta para vesti-lo o mais rápido possível. Mas, sem dúvida alguma, eu não me curvaria e o vestiria com a bunda virada para Kulti.

Só que, quando me virei, parei. Porque o alemão estava me encarando parado ali de cueca. Só de cueca boxer. Seu rosto estava todo sonolento? Talvez, mas eu, com certeza, não estava olhando para o rosto quando me virei. Tudo o que vi foi seu tanquinho e peitoral com gominhos, o cóis baixo da cueca cinza e a ereção.

A ereção matinal presa contra a coxa.

Tossi e olhei para a coxa dele outra vez antes de, rapidamente, vestir o short bem quando ele pegava seu próprio short de corrida.

Eu não conseguia respirar, e não consegui de jeito nenhum olhá-lo no rosto enquanto recolhia as meias do chão.

— Humm, eu vou, bem, esperar você na cozinha.

Ele resmungou em concordância e dei o fora dali, saindo antes de me lembrar que tinha deixado o tênis no quarto. Entrei de novo, peguei-os sem olhar para todo aquele volume — quero dizer, Kulti — e saí. Meu pai já não estava em casa, e a cafeteira estava ligada para minha mãe, que se arrumava para o trabalho. Enchi duas garrafas de água da coleção que eu tinha ali e bebi um copo enquanto esperava o alemão. Não me ocorreu até ele chegar à cozinha que eu deveria ter escovado os dentes.

— Pronto? — perguntei.

Sonolento e com os olhos e bochechas inchados, ele assentiu.

Não olhe para a virilha dele, não olhe para a virilha dele.

Olhei. Bem rapidinho.

— Olhos aqui em cima, Taco.

Eu quis morrer.

— O quê? — Sem pressa, ergui os olhos e vi uma expressão toda convencida em sua boca inchada.

Por algum milagre, ele decidiu não me envergonhar e dizer que sabia que eu sabia muito bem do que ele estava falando, mas que tinha me feito de desentendida. Se eu tiraria vantagem do passe livre que ele estava me dando?

Com certeza.

Acenei para ele se aproximar, notando que o plástico ao redor da tatuagem nova tinha sumido. A pontinha das linhas escuras espreitava sob a manga.

— Vamos. Não vou pegar leve com seus joelhos velhos, então é melhor que tente me acompanhar.



— Se você quiser ir a algum lugar, pode pegar meu carro emprestado — eu disse ao alemão no café da manhã, umas duas horas mais tarde.

Ele se reclinou no assento, tirando a casca do ovo cozido.

— Não quero.

— Pense bem. Vou aparar o jardim primeiro, depois, quero ir ao shopping comprar o presente de aniversário do meu pai. Vou demorar algumas horas até terminar.

— Você vai cortar a grama? — ele perguntou.

Assenti.

Aqueles olhos castanho-esverdeados focaram bem no meio do meu rosto, e, um segundo depois, ele disse: — Eu ajudo.

— Não precisa...

— Eu quero.

— Rey, você não...

— Eu não sou preguiçoso — ele me interrompeu. — Posso ajudar.

Encarei-o por um segundo, mas o vislumbre do que eu tinha certeza de que era uns bons vinte centímetros dentro da boxer tomaram conta da minha mente, então, deixei a imagem de lado, lembrando-me de seja lá o que estávamos falando.

— Tudo bem, se você realmente quiser.

Porque, falando sério? Eu tinha minhas dúvidas de que ele aparava o próprio jardim. Mas se queria me ajudar a aparar o do meu pai, tudo bem. Eu era teimosa, mas não era burra a ponto de não aceitar ajuda quando me ofereciam.

Minutos depois, estávamos do lado de fora, e ele me ajudou a tirar o

antigo cortador de grama do meu pai da garagem — meu pai tinha levado o bom para o trabalho —, o aparador reserva e a roçadeira.

— O que você prefere fazer? — perguntei quando todo nosso equipamento estava na entrada da garagem.

Ele deu de ombros, olhando com interesse para o cortador.

Eu apostaria minha vida que ele não cortava grama havia décadas, se é que alguma vez tinha feito isso. Ele não acabara de me dizer, na noite anterior, como tinha passado pouco tempo com a família depois que havia entrado na academia de futebol? Mesmo então, teria ele passado um tempinho fazendo trabalhos domésticos, sendo que estava ocupado sendo uma criança prodígio?

Fiquei tentada a dizer que eu poderia fazer tudo sozinha, mas não poderia. Não poderia mesmo.

Ele tinha vindo a San Antonio comigo porque “não tinha mais nada para fazer”. E se ofereceu para me ajudar provavelmente pela mesma razão. O pobre cara estava sozinho e entediado. Eu sentia que ele não tinha muitos amigos, já tinha admitido não ser próximo da família, e tudo aquilo somado me deixou um pouco triste. Aquilo me fez querer ajudá-lo, incluí-lo nas coisas. Eu queria que ele molhasse os pés na vida.

O que seria a melhor coisa a fazer?

— Você aparar, e eu cuido das bordas e das ervas daninhas — eu disse, me certificando de lançar a ele um olhar de pena. — Pode ser?

Seus dedos longos se fecharam ao redor da barra superior do cortador, e ele assentiu.

Dei a ele um par de tampões de ouvido descartáveis, óculos de segurança e um sorriso encorajador, mas não de um jeito exagerado. Fiz uma prece para que sobrevivêssemos àquilo intactos.

Reiner Kulti levou quase uma hora para cortar a grama do jardim da frente e dos fundos. Ele teve que passar duas vezes por toda a parte da frente para nivelar a altura, e quase fundiu o motor quando não esvaziou o saco. Foi culpa minha, eu não tinha explicado a ele como fazer. Mas Kulti cuidou daquilo sem fazer qualquer pergunta, e eu também não lhe ofereci qualquer conselho.

Ele pareceu orgulhoso pra cacete de si mesmo, eu quase sorri. É sério. Eu

me senti como uma mãe deixando o bebezinho na pré-escola.

Dei um tapinha em suas costas e engoli o “bom trabalho, amigão” antes de guardar o equipamento.



Ele estava com aquela expressão de novo. A mesma com a qual estivera olhando para o cortador de grama.

— Você já foi a um shopping antes? — perguntei a ele assim que passamos pelas portas de vidro.

Kulti estava prestando atenção em tudo ao nosso redor. Seu cabelo estava escondido pelo gorro frouxo que tinha puxado até bem baixo na cabeça, e havia tomado o cuidado de vestir uma camisa de cambraia, de manga longa e botões, que me dava a sensação de ter custado mais do que todas as roupas que eu vestia, somadas. Com o cabelo e a tatuagem cobertos, estávamos bem confiantes de que ele não seria reconhecido.

Eu esperava. Esperava muito mesmo. A ideia de uma multidão animada vindo atrás dele era algo saído dos meus piores pesadelos.

— Sim, eu já fui a um shopping antes — ele murmurou.

— A The Galleria não conta — disse a ele, fazendo referência ao shopping enorme em Houston com lojas de designers.

Ele piscou aqueles lindos olhos claros para mim.

— Eu já fui a um monte de shoppings — ele insistiu. — Há muito tempo.

Resmunguei e dei-lhe um empurrão no cotovelo sem a tatuagem, conquistando um pequeno sorriso.

— Bem, não roube nada, porque não vou pagar a sua fiança, combinado?

— Sim, *schnecke*.

— Ótimo. — Agarrei seu pulso e dei-lhe um puxão na direção de uma das lojas que eu tinha de ver.

O alemão olhou para todas as lojas e quiosques pelos quais passamos até eu encontrar o que estava procurando. Bem no meio do corredor, onde ficavam as cadeiras de massagem e massagistas que o meu pai adorava visitar toda vez que ia ao shopping.

— Vou só comprar um cartão-presente rapidinho — eu disse antes de parar bem ao lado do quiosque. Kulti assentiu e observou um dos massagistas

esfregar os ombros de uma mulher. — Você quer experimentar? — perguntei depois de pagar pelo cartão.

Ele balançou a cabeça.

— Tem certeza?

Kulti assentiu.

— Do que mais você precisa?

— De um tênis novo. — Aponte para a loja ali perto. — Ele nunca compra tênis, então temos que comprar alguns pares para ele, senão acaba usando os mesmos até estarem todos remendados com fita.

Eu poderia jurar que Kulti sorriu ao caminhar comigo até a loja de sapatos. Eu sabia exatamente o que compraria, apesar de desejar que ele não estivesse ali para ver. Estava ocupado dando uma olhada nas fileiras nas paredes quando um dos funcionários se aproximou.

— Posso ajudar? — o jovem perguntou, encarando-me com interesse demais, levando em conta que eu era, provavelmente, uns dez anos mais velha do que ele.

Aponte para o tênis que eu queria, tomando cuidado para ficar de costas para o alemão alguns metros atrás de mim, e disse: — Tamanho 41, por favor.

O funcionário assentiu em aprovação.

— O RK 10 preto?

Fiquei toda eriçada com o fato de ele ter dito aquilo em voz alta.

— Sim, por favor.

— O Kulti 10 feminino está na promoção — ele ofereceu, apontando para os tênis do outro lado da loja.

— Só o masculino hoje. — Sorri para ele.

— O 9, você compra um e tem 50% de desconto no segundo — ele continuou.

— Certo. Mas não, obrigada.

Ele deu de ombros.

— Já volto, então.

Graças a Deus. Virei-me e vi o alemão segurando um tênis de corrida na altura do rosto com interesse.

— Bonito — opinei.

Aqueles olhos castanho-esverdeados se voltaram aos meus, e ele assentiu, concordando.

— Você achou o que queria? — indagou, colocando o tênis de volta na prateleira.

— Achei. — Cocei a bochecha, e os olhos dele se semicerraram na mesma hora. — O funcionário foi buscar para mim. — Sabendo que eu precisava mudar de assunto, perguntei: — Você vai comprar alguma coisa?

— Prontinho — a voz nada familiar disse atrás de mim um segundo antes de o funcionário aparecer e oferecer a caixa.

O risco curvado na tampa não era grande coisa, mas o cara abriu a tampa, tirou o papel de seda, e ali estava. O Reiner Kulti décima edição, todo preto.

— Perfeito — eu meio que disse, engasgada, evitando o olhar que havia se fixado no seu rosto. — Vou levar.

— De jeito nenhum — o alemão esbravejou bem ao meu lado.

— Eu vou levar — insisti, ignorando-o.

— Sal, você não vai comprar isso — ele continuou.

O funcionário olhava de um ao outro, sua expressão confusa.

— Eu compro um tênis para o meu pai todo ano, e vou levar esse. É isso o que ele quer — rilhei, ainda evitando seus olhos.

— Sal.

— Rey.

A mão dele tocou meu cotovelo.

— Eu posso arranjar um de graça para você — ele falou, naquele tom exasperado que usava quando o sotaque começava a aparecer. — Um de cada cor. A décima primeira edição. — Seus dedos pressionaram a curva macia do lado de dentro do meu cotovelo. — Não compre.

— Você trabalha na Ni... — o funcionário começou a dizer, seus olhos arregalados e interessados demais. Por sorte, não estava prestando atenção o bastante no homem parado à sua frente, senão teria notado.

— Você poderia nos dar um segundo? — interrompi-o com um sorriso, como se me desculpando.

O que ele diria? Não? De má vontade, assentiu e se virou.

Por fim, segurei a língua e me virei para Kulti, que tinha colocado as mãos nos quadris, parecendo quase exasperado. *Paciência, Sal.*

— Explique por que você não quer que eu os compre.

— Eu não quero que você gaste dinheiro.

Ah, meu Deus.

— Rey, eu vou comprar um tênis para o meu pai, tenha o seu nome nele ou não. — Mais tarde, eu poderia ruminar o fato de que estava passeando com um cara que tinha sua própria linha de tênis, mas, agora, não era a hora. — Eu prefiro que você ganhe... o quê? Quanto você ganha, uns cinco dólares por par? Enfim, eu prefiro comprar o seu e saber que você, não outra pessoa, vai ganhar esses meus cinco dólares, tudo bem?

Aquilo não pareceu ajudar em nada.

Se serviu de algo, foi para tensionar o maxilar de Kulti e fazer os cantos de sua boca descerem. E os ombros e os bíceps, talvez, tivessem endurecido, mas eu não tinha certeza.

— Eu posso arranjar todos os tênis dessa loja de graça. Faz uns vinte anos que não compro sapatos. Você também não deveria ter que pagar por sapatos. Você é a melhor jogadora do país...

Todas as células do meu corpo congelaram.

— ... então você não deveria, e não vou deixar você comprar um par da *porcaria* do meu tênis, sendo que teve que trabalhar um dia todo para pagar por isso. Aliás, já que estamos falando nisso, não vou te deixar comprar sapato algum nessa loja. Não para você, nem para o seu pai — ele explodiu. — Eu posso arranjar o que você quiser, é só me dizer.

Eu teria aberto a boca para discutir com ele, mas não consegui. Só fiquei parada lá, olhando para ele, completamente perdida.

A ponta dos dedos de Kulti tocou o lado de fora do meu pulso, sua expressão dura e séria.

— Se você fosse eu, não faria a mesma coisa?

Droga.

— Bem, sim. — Não sei por que não havia notado antes como seus cílios eram dourados. — Eu não quero me aproveitar de você. Juro que não trouxe você aqui para te fazer se sentir culpado e querer pagar pelo tênis. Eu juro. Eu os teria comprado em Houston, mas...

Parei de falar quando notei algo na linguagem corporal dele mudar, quando senti sua respiração pesada passar pela minha bochecha. Ele parecia ter murchado, mas não necessariamente de um jeito ruim.

Colocou a mão no topo da minha cabeça, o finzinho da palma apoiado quase na minha testa ao soltar outro suspiro de peito cheio.

— Você é... — O alemão balançou a cabeça e suspirou. — Ninguém jamais poderia me obrigar a fazer algo que não quero.

Eu podia acreditar.

— Entendeu? — Ele baixou a cabeça. Seu rosto, tão bronzeado dos anos ao sol, pareceu mais jovem por alguma razão naquele instante.

— Entendi.

Kulti assentiu.

— Você faria o mesmo por mim se estivesse no meu lugar, *schnecke*.

— Vocês decidiram se vão levar o tênis? — uma voz inesperada perguntou atrás de mim.

Levei alguns segundos para tirar os olhos daqueles outros quase castanhos tão perto dos meus.

— Desculpa ter desperdiçado seu tempo, mas vai ficar para a próxima.

A cara feia do funcionário não foi inesperada. Ele encarou o alemão com ainda mais interesse.

— Olhe, você me parece familiar...

Eu odiava ser rude, mas agarrei o pulso do alemão e o levei para fora da loja antes que o garoto pudesse pensar muito mais naquilo. Assim que saímos, soltei-o e sorri para ele ao caminharmos pelo corredor espaçoso, mas ele já estava tirando o celular do bolso e bicando a tela com o indicador.

— *Preciso que você me mande um RK 10, tamanho 41...* — O fato de ele ter prestado atenção ao tamanho do tênis na caixa não me passou despercebido. — ... *masculino*. Qual é o seu endereço? — Ele voltou sua atenção para mim, e dei o endereço da casa dos meus pais. Kulti o repetiu para a pessoa do outro lado da linha. — *Quero o tênis lá amanhã... e um par daquele outro que você me mandou semana passada... sim, esse mesmo*. — Ele desligou, simples assim. Ele simplesmente ligou, disse o que queria e desligou. Nenhum agradecimento, nenhuma despedida, nada.

Depois que terminou de guardar o celular no bolso, olhou para mim e

franziu a testa.

— O que foi?

— As pessoas não ficam irritadas quando você é rude com elas?

Kulti piscou.

— Não.

— Nunca?

Ele ergueu um ombro no gesto mais perfeito de quanto ele não dava a mínima.

Meu Deus.

— Se eu desligar na cara de alguém daquele jeito, o que eu não faria, porque não é educado, eles me mandariam para a puta que pariu. — Pisquei para ele, e pensei no que Kulti tinha dito. — Se você desligar na minha cara daquele jeito, eu vou mandar você para a puta que pariu. Não que eu não seja grata por você ter arranjado o tênis para o meu pai, mas saiba que não faz mal para ninguém ser educado.

Ele deu de ombros. Ele deu de ombros, caramba, e eu soube que dizer a ele como poderia lidar com a situação de um jeito diferente não mudaria nada.



— Esta é a pior partida de Uno que já joguei na vida toda.

Kulti tirou os olhos da mesa e olhou para mim, dando seu sorrisinho arrogante. Aquele maldito salsichão.

— Você está sendo uma má perdedora.

Minha mãe e meu pai assentiram de seus assentos, cada um de um lado meu. Olhei para os dois e balancei a cabeça. Traidores.

— Eu não estou, não. — Não muito. — Eles me deram todas as cartas ruins para que você não precisasse comprar!

— Para mim, parece que você está sendo uma má perdedora — ele disse, com calma, pegando as cartas no meio da mesa para embaralhá-las.

Soltei um barulho engasgado e voltei minha atenção para o mudo sentado ao meu lado. Meu pai tinha dito, talvez, umas sete palavras nas últimas três horas. Quando chegou em casa e encontrou o alemão e eu na entrada da garagem lavando meu carro, ele disse literalmente três: “Oh, ah, oi,” deu um

beijo na minha bochecha e entrou correndo. Jantamos o que minha mãe preparou com ele dizendo mais duas outras palavras: “sal” e “sĩ”. E as últimas duas coisas que disse foram “amarelo” e “azul” quando nos fez trocar a cor das cartas.

Minha mãe, por outro lado, tinha decidido não se deixar perturbar, e eu também não podia culpá-la. Ela não ficava muito impressionada com jogadores famosos de futebol por mais do que alguns segundos. Eu tinha experiência com isso.

— Você nunca gostou de perder — comentou minha mãe, enquanto Kulti deslizava uma carta em sua direção, a qual ela aceitou com um sorriso. — Quando era pequena, nos fazia jogar o mesmo jogo de novo e de novo, até você ganhar.

Ela tinha razão. Eu me lembrava de ter sido uma garotinha competitiva.

— Vocês estão de complô contra mim. Só estou falando que seria mais justo se parassem de me fazer comprar cartas toda rodada.

Ela sorriu de novo quando o alemão lhe passou outra carta.

— É só um jogo.

Era só um jogo.

Fiz questão de Kulti me olhar nos olhos quando recebi a rodada seguinte de cartas. Nada era só um jogo.



— Pai? — Bati na porta uma ou duas horas depois. — ¿Papá?

Lá dentro, ele disse algo parecido com “pode entrar”, então entrei. Parado na porta entre o quarto e o banheiro da suíte, meu pai estava com uma escova de dente na boca, já vestido para dormir.

— Eu só queria desejar uma boa noite. — Sorri para ele.

Ele ergueu um dedo e voltou ao banheiro, onde pude ouvi-lo ligar a torneira e lavar a boca antes de sair.

— *Buenas noches*. Eu me diverti hoje.

— É mesmo?

Meu pai assentiu, todo sério, sentando-se ao meu lado na cama.

— Você sabe como tem sido difícil para mim não contar para ninguém que ele está hospedado na minha casa? *Na minha casa*, Salsa! — meu pai

exclamou, falando sério. Aquilo parecia mais com ele. — O Rei está dormindo na minha casa, ele cortou a *minha* grama e ele é amigo da *minha* filha. — Ele colocou a mão no peito e inspirou profunda e intensamente. — É o melhor presente que qualquer um poderia me dar. — Ele fez uma pausa. — Não conte para sua mãe.

E ele estava falando totalmente, cento e noventa e nove por cento, sério.

Não toquei no fato de que ele mal havia falado, mas sorri. Fiquei feliz de, pelo menos, ele estar agindo normal na minha frente e se divertindo com o fato de ter Kultí em casa.

— Tem certeza? Eu não quero que você se sinta desconfortável.

— Se eu tenho certeza? *Pues sí*. — Ele passou o braço ao redor dos meus ombros e me puxou para seu lado. — Vou me lembrar disso pelo resto da vida.

Ri e me inclinei contra ele. Só ele ficaria feliz em ter Kultí em casa, mesmo não falando com o cara.

— Obrigada por não contar para todo mundo. — Meus pais decidiram não chamar o resto da família, já que o alemão estava ali e, sinceramente, fiquei um pouquinho aliviada.

— Você acha que ele tiraria uma foto comigo antes de ir embora para que eu possa mandar para os seus tios?

— Sim.

Meu pai assentiu, satisfeito.

— Eu posso esfregar na cara deles depois, com aquelas *pinches* de fotos dos netos. Por que iria querer netos, se você traz O Rei para casa com você?

Revirei os olhos e dei um tapinha na sua perna.

— Eu quero que você diga essas mesmas palavras para minha mãe quando ela me perguntar quando vou me casar e dar a ela alguns netos.

Ele me deu outro abraço de lado.

— Você sabe que vou continuar te amando, você jogando ou não.

Eu sabia.

— Eu sei.

— Eu só quero que você seja feliz.

— Eu sei.

— É sério — ele insistiu.

E eu sorri.

— Eu sei, pai. Eu juro que sei.

Com mais um abraço lateral, ele me soltou.

— Agradeça ao seu amigo por ele ter cuidado do jardim.

— Você mesmo pode agradecê-lo — eu disse, ao me levantar.

Ele balançou a cabeça.

— Não. Fale você por mim.

Burrinho teimoso.

— Tudo bem. Boa noite.

— *Buenas noches, amor.*

Saí do quarto dele com outro sorriso e fechei a porta atrás de mim. A porta da minha irmã mais nova estava fechada e, dessa vez, não engoli meu suspiro de irritação. Ela havia chegado em casa com meu pai depois da escola, dito “oi” e, então, entrado no quarto e ficado lá quase o dia todo, só saindo para pegar um prato de comida e voltar para dentro com ele. Por um segundo, ponderei se deveria bater na sua porta e lhe desejar uma boa noite, só para ser chata, mas decidi não o fazer. Sairíamos para jantar para comemorar o aniversário do meu pai no dia seguinte, e eu precisava que ela estivesse o mais tranquila possível para não transformar o passeio em um pesadelo.

Mas ela continuava sendo uma babaca.

Quando voltei ao quarto de hóspedes, Kulti já estava deitado na cama com as cobertas puxadas até a metade da barriga, as pernas flexionadas e o tablet apoiado nelas. Peguei minha roupa de dormir e mais algumas coisas na bolsa e fui para o banheiro tomar banho, vestir outra camiseta comprida e meias que chegavam quase até os joelhos.

— Vamos sair para correr pela manhã? — Kulti perguntou de seu lugar na cama assim que entrei no quarto, pegando um novo conjunto de roupas de corrida para o dia seguinte.

— Se você conseguir me acompanhar de novo... — eu provoquei, colocando as roupas em cima da bolsa e me virando para vê-lo fazer cara feia para mim. Sem dizer nada, dei a ele uma piscadela e subi até a cama de cima, me acomodando antes de me lembrar do que meu pai tinha dito. Levantei e

fiquei de joelhos. Em seguida, me inclinei sobre a beirada a fim de olhar para Kulti, naquela cama pequena demais para ele. — Obrigada por me ajudar hoje com o jardim. Meu pai também pediu para que eu te agradecesse.

Limpinho e tão relaxado na cama em que eu havia crescido, Kulti parecia revigorado. Ele inclinou o queixo para baixo.

— O prazer foi meu.

Dei a ele um sorriso e voltei a me sentar, rastejando sob as cobertas mais uma vez. Eu mal as tinha puxado até o peito quando Kulti voltou a falar: — Foi a primeira vez que usei um aparador de grama.

Eu sabia, caramba! Não disse nada, é claro. Em vez disso, me contentei com uma resposta bem adulta: — É mesmo?

Houve uma pausa antes de ele continuar: — Eu gostei. Entendo por que você estudou isso na faculdade. É a sua cara.

Espere aí, espere aí. Eu tinha certeza de que nunca tinha dito ao Kulti que a minha formação era em paisagismo. Ele nunca perguntou, sequer uma vez. É claro, eu tinha dito a ele, no calor do momento, que eu trabalhava com paisagismo, caso ele ainda não soubesse, mas nada além disso. Eu não tinha qualquer dúvida de que jamais tinha mencionado qual universidade eu havia frequentado, muito menos no que havia me formado.

— Como você sabe no que me formei? — perguntei, casualmente. Tenho certeza de que eu estava com alguma expressão ridícula no rosto.

— Eu pesquisei você. Essa informação está no seu perfil — ele falou na lata.

O quê? Eu me sentei de novo e olhei pela beira do beliche.

— Pesquisou?

Mesmo de ponta-cabeça, notei que ele assentiu.

— Sim.

— Você... tem uma conta em rede social?

Talvez ele tenha franzido a testa, mas não tive certeza, com todo o sangue correndo até minha cabeça.

— Desça aqui antes que você caia pela beira da cama e arranje mais danos cerebrais do que já tem.

Revirando os olhos, fiz o que ele disse, mas só porque não seria a

primeira vez que eu cairia de um beliche. Desci bem rápido e fui me sentar na beira do colchão dele, muitíssimo interessada.

— Você tem alguma rede social?

Kulti me encarou.

— Sim. — Então, adicionou: — Eu tenho uma conta *fake*.

— Não! — Eu ri.

— Sim — ele confirmou.

— Posso ver?

O alemão pareceu querer recusar meu pedido, mas, por fim, assentiu e, um minuto depois, me entregou seu tablet. A página azul e branca tinha “Michel Reiner” no topo e uma foto genérica e fajuta de um pôr de sol no perfil. Seu número de amigos? Vinte e cinco.

Vinte e cinco, caramba.

Olhei para ele por cima do tablet e senti meu coraçãozinho se quebrar um pouco.

— Você sabe quantas pessoas seguem a sua *fanpage*?

Ele deu de ombros.

Eu pesquisei.

A *fanpage* oficial do Reiner Kulti tinha 125 milhões de seguidores.

E “Michel Reiner” tinha 25 amigos.

Algo úmido se acumulou na minha garganta quando devolvi o tablet a ele.

— Eu não entro muito aí, mas você pode me adicionar como amiga, se quiser — ofereci com a voz hesitante.

— Que honra — disse o linguirão, mas com um sorrisinho, então eu soube que sua intenção não era ser um babaca.

Ainda assim, coloquei a mão debaixo da coberta e puxei o pelo de sua perna. Pelo menos, esperei que fosse o pelo da perna.

Seja lá o que fosse, ele soltou um barulho meio guinchado, meio resmungado ao se afastar, surpreso, e um grande sorriso apareceu em seu rosto que parecia não estar acostumado a formar aquele tipo de expressão.

— Faça isso de novo, Sal, e vou te dar o troco.

Fiz questão de que ele estivesse me olhando quando revirei os olhos em resposta à ameaça.

— Eu não tenho pelo na perna, então boa sorte. — Encarei a telinha de novo. — Quem você tem adicionado aí?

— Alguns velhos colegas de time, minha mãe, minha agente e meu assessor. — Ele digitou meu nome na busca e clicou no botão “Adicionar” quando meu perfil apareceu. — E você.

Meu celular apitou um segundo depois, e vi o alerta do pedido de amizade pendente. Aceitei-o e coloquei o celular de volta na cômoda antes de me sentar no lugar que eu havia deixado ao lado do alemão.

O alemão que já estava ocupado fuçando meu perfil.

— Enxerido você, não é? — perguntei.

Ele grunhiu, clicou no álbum principal e rolou para baixo. Na maior parte, eram fotos que amigos e parentes tinham postado e me marcado. Aniversários, jogos, reuniões familiares, mais jogos... era uma linha do tempo dos últimos oito anos da minha vida pelos olhos de outras pessoas. Kulti não disse nada ao examiná-las, até, de repente, parar de rolar.

— Quem é esse? — indagou.

Ele não teve que apontar a foto para eu saber de quem ele estava falando, e, sinceramente, fiquei um pouco surpresa de Adam não ter deletado nossas fotos. Fazia cinco anos que não estávamos mais juntos, e ele havia namorado um punhado de outras garotas desde então.

Mas ali estávamos nós, na tela.

Eu estava no começo dos meus vinte e ele, no final. Eu no colo dele, seu braço ao redor da minha cintura. Meu ex-namorado por quatro anos era loiro, com o corpo de um modelo da Abercrombie, muito lindo e tão educado quanto atraente.

— Isso é muito velho. É meu ex-namorado — expliquei ao alemão.

O homem que raramente usava palavras não mudou sua tática, mas lentamente começou a olhar mais fotos, dezenas de fotos de Adam comigo surgindo pela linha do tempo. Fiquei um pouco triste por não ter me esforçado mais para fazer as coisas funcionarem com ele. Sempre nos demos muito bem, e ele tinha sido a exata pessoa de quem eu precisava e quem eu quis naquela época.

— Quanto tempo vocês ficaram juntos? — ele perguntou assim que tinha rolado mais três anos para trás.

— Quatro anos. Nós nos conhecemos no segundo ano da faculdade.

— Ele parece um idiota.

Levei um tempinho para compreender o que tinha saído da boca dele, mas aquilo me fez rir quando minha ficha realmente caiu. Cutuquei-o com o cotovelo.

— Você é grosseiro. Ele não era idiota. Ele era ótimo.

Aqueles olhos castanho-esverdeados deslizaram sobre mim. Kulti não ficou impressionado. Na verdade, seu maxilar estava tenso, e ele parecia até um pouco irritado.

— Você está defendendo esse cara? — Ele falava como se não pudesse acreditar.

— Sim. Ele era ótimo. É o único homem com quem realmente namorei na vida, Rey. É provável que ainda estivéssemos juntos se eu tivesse aceitado ter filhos logo depois da faculdade.

A cabeça de Kulti se virou para mim com tudo.

— O quê? — perguntei, surpresa com sua expressão.

— Você manteve contato com ele?

Dei de ombros.

— Ele me liga entre uma namorada e outra, mas só isso.

— Para vocês voltarem? — Por que a voz dele estava tão baixa, não consegui entender, então lancei a ele um olhar confuso.

— Sim, mas não vai rolar. Ele dormiu com muita gente desde que terminamos. Não sou uma daquelas garotas que adoram os homens que dormiram com centenas de mulheres. É nojento. Eu não saio emprestando meu corpo para qualquer um, e não gosto da ideia de um monte de garotas saberem como é o pênis da pessoa que eu amo, entende?

Um músculo se moveu na mandíbula de Kulti, e juro que seu olho tremeu. Então, percebi o que tinha acabado de sair da minha boca.

— Sem ofensa. O problema é seu se você decidir fazer isso consigo mesmo. Não vou julgar. Só sou antiquada e seletiva. Provavelmente é por isso que não tive outro relacionamento depois dele, não é mesmo?

Dessa vez, seu olho com certeza tremeu, e me senti mal por tê-lo praticamente chamado de mulherengo desinteressante.

— Olhe, desculpa. Só porque não consigo me imaginar tendo intimidade com alguém que não amo não significa que tem algo de errado com isso. Não é a minha praia. Cada louco com sua mania.

O olho dele tremeu outra vez. Não deixei de notar como ele apertava os dentes e fazia a bochecha flexionar.

— O que foi? — perguntei quando ele não disse nada.

Nada.

O alemão inclinou a cabeça para trás e fechou os olhos, seus dedos indo até a ponte do nariz. Uma inspirada, uma expirada. Outra inspirada, mais uma expirada. O que raios tinha de errado com ele?

— Rey, tudo bem?

Um olho se abriu enquanto o peito se enchia.

— Pare de falar de sexo.

Jesus.

— Tudo bem. Desculpa. Não achei que você fosse tão santinho.

Ele se engasgou, e abriu o outro olho. Mas se ele disse alguma coisa? Não, não disse.

Fiquei sentada ali, esperando que fizesse outro comentário, mas não saiu nada de sua boca. Eu realmente não tinha imaginado que ele fosse uma pessoa que se ofendia com tanta facilidade. A palavra com “s” não tinha nem saído da minha boca, muito menos algo mais obsceno. Então não entendi muito bem por que ele estava ficando tão transtornado.

Quando ele continuou não dizendo nada e não tirou os olhos da sustentação da cama superior, eu me movi.

— Posso ver sua tatuagem agora? — Ele tinha agido todo sigiloso quanto a ela, e eu havia ficado curiosa para saber o que ele tinha escondido o dia todo.

O queixo do sr. Segredo se moveu só um tantinho para o lado antes de assentir quase agressivamente. Colocando o tablet na cama, ajeitou o corpo de lado e, com cuidado, puxou a manga da camiseta para cima. A região onde há menos de 48 horas havia uma tatuagem quase tão velha quanto eu, uma cruz, agora estava coberta como se por mágica com o contorno de um pássaro. Era um pássaro lindo, majestoso.

— Uma fênix — Kulti explicou, como se pudesse ler minha mente.

— Eu não consigo nem ver a antiga — falei, ainda inspecionando as enormes asas bonitas e a crista excêntrica. — Ficou incrível, Rey. — Eu queria tocá-la, mas a pele ainda estava irritada, e eu não queria ser responsável por acidentalmente encostar ali e estragar tudo antes de ter sarado. — É sério, ficou muito melhor do que a cruz que você tinha antes. O que fez você tomar a decisão?

O alemão me encarou ao se recolher até seu lugar e puxar a manga para baixo.

— Alguém me disse que não posso desfazer nada do que já fiz, mas que o que importa é o que faço daqui em diante. Pareceu adequado.

Droga. Eu odiava quando ele realmente me escutava, mas sorri mesmo assim e larguei o assunto quando ele não me olhou nos olhos. Certo.

— Pronto para dormir?

— Vou ficar acordado e ver um filme aqui — ele explicou, apontando para o tablet. Com a cama de cima sombreando metade de tudo abaixo, não pude ver bem seu rosto. — Quer ver também?

Se eu estava com sono? Sim. Mas...

— É claro, pelo menos até eu começar a cair no sono — concordei.

Ele deslizou pelo total de um centímetro e angulou o torso na minha direção. Certo. Arrastando-me para perto dele, tão perto que nossos cotovelos se tocaram, Kulti voltou a apoiar o tablet nos joelhos dobrados enquanto eu prendia a barra da minha camiseta entre as coxas. Tinha subido um pouco, mas não era como se ele pudesse ver minha calcinha, e não era como se ele não tivesse visto a mesma quantidade das minhas pernas praticamente todos os dias em que saímos. Arrumei o travesseiro atrás das minhas costas e me recostei na cama de forma que meu ombro tocou seu bíceps.

— O que vamos assistir?

Aparentemente, o homem não era pão-duro, porque não veríamos um filme na Netflix; em vez disso, ele tinha comprado uma cópia digital de um thriller de suspense recém-lançado.

Acho que provavelmente aguentei uns vinte minutos do filme antes de adormecer. Com o calor do corpo dele em um dos meus lados, apesar da barreira de coberta que ele havia colocado entre si e a cama confortável logo abaixo de mim, eu apaguei.

Acordei e descobri que meus joelhos dobrados tinham caído para o lado e estavam apoiados no quadril de Kulti e que minha camiseta havia subido até muito acima dos quadris, deixando minha calcinha à mostra para todos verem. Minhas mãos estavam cruzadas sobre o peito e enfiadas sob as axilas, e todo o lado direito do corpo estava encolhido no lado esquerdo do alemão.

Eu me sentei e dei a ele um bocejo sonolento.

— Eu vou para cama. — Apertei o joelho dobrado dele antes de jogar as pernas para o lado. — Boa noite, Rey.

— Bons sonhos.

Bons sonhos? Aquilo tinha mesmo acabado de sair da boca dele? Acho que dormi com um sorriso no rosto pensando nele dizendo aquelas palavras.



— Você está de vestido.

Eu me virei e franzi a testa, minhas mãos alisando a parte da frente do vestido curto que eu tinha colocado cinco minutos antes.

— *Sim.* — Seria ruim o suficiente quando meus pais vissem minha roupa. Agiam como se nunca tivessem me visto em nada além de calça de moletom ou short.

Agora, eu tinha que ouvir a mesma coisa do alemão.

Ele estava parado na porta com o mesmo jeans que vestiu na viagem até Austin. Tinha adicionado uma camisa xadrez preta e azul e um tênis.

Sorri.

Ele não disse nada. Continuou olhando para mim como se não tivesse me visto com menos roupa uma dezena de vezes. Pensando melhor, aquilo me fazia parecer uma nudista. Estremeci.

— O quê? Eu me arrumo às vezes. Aniversários, Ação de Graças, Natal, Ano-Novo. — Puxei a bainha do vestido leve que quase chegava ao joelho... se eu me curvasse e puxasse.

O olhar de Kulti voltou ao meu rosto depois de me ver mexer na saia, e ele piscou muito, muito lentamente.

— Você está maquiada.

— Eu uso maquiagem. — Mas não muito.

— Nada de salto alto? — Ele deu uma olhada nos meus pés, que

calçavam um par de botas de cano curto de camurça preta que meus pais tinham me dado de aniversário havia alguns anos.

— Confie em mim, você vai acabar passando a noite me levantando do chão ou rindo quando eu andar por aí que nem um filhote de girafa recém-nascido. — Sorri para ele.

Seus olhos encontraram os meus, e um pequeno sorriso partiu os cantos de sua boca.

— Você é boa em tudo o que faz.

Bufei.

— Quem me dera. Mais tarde, vou fazer uma lista de tudo o que eu sou horrível fazendo. — Peguei a bolsa no canto da cama e passei-a pela cabeça. — Você está pronto?

— Estou — ele respondeu, deixando o olhar cair no decote redondo do meu vestido por um milésimo de segundo.

Eu tinha sardas no peito, mas não era como se ele não as tivesse visto antes.

Tirei da cabeça a compreensão de que ele estava me encarando e respirei fundo para relaxar. Naquela manhã, ele tinha acordado quando eu estava metade nua de novo, só vestindo um top esportivo e a calcinha, e ele não disse nada enquanto eu vestia o resto das roupas. É claro, eu poderia ter ido ao banheiro me trocar, mas eu não tinha mudado de ideia. Não tinha nada do que me envergonhar. Aceitava meu corpo como era e, se eu comesse a agir toda boba por causa daquilo agora, bem, seria idiota.

Eu não estava ali para impressionar ninguém.

Além disso, não era como se ele não tivesse visto coisa melhor — e, eu esperava, pior — antes.

Não tinha importância.

Eu me sentia ótima, e não me importava com o tanto de baboseiras que eu ouviria de todas as pessoas que gostavam de me provocar só porque podiam.

Como esperado, encontramos meu pai, Ceci e sua amiga na sala de estar esperando por nós. Foi meu pai que fez a primeira piada quando me viu.

Com sua camisa, calça e sapato social, ele devia ter se esquecido de que vinha agindo como um ursinho tímido perto do alemão, porque na mesma hora cutucou minha mãe com o cotovelo.

— Olhe, é um milagre de Natal. A Sal vestiu roupas de verdade.

Exagerei a risada, lançando uma careta a ele na mesma hora.

— Muito engraçado.

Minha mãe se aproximou e apertou meu ombro.

— Olhe como você fica linda quando usa vestido. Se você se vestisse assim mais vezes, talvez encontrasse outro namorado. *¿No?*

Muito tempo atrás, o comentário dela teria me magoado. Na verdade, ela tinha dito a mesma coisa para mim pelo menos uma dezena de vezes. Se eu me vestisse de outro jeito, se eu me esforçasse com a minha aparência, se eu não jogasse futebol, talvez eu encontrasse alguém...

Alguém que não me conhecesse por completo só poderia me amar se eu fosse metade de quem eu era.

Forcei um sorriso no rosto e acariciei o braço da minha mãe, ignorando o olhar intenso vindo de Kulti.

— Quem sabe um dia, *Ma*.

— Só estou lhe dizendo isso porque te amo — ela disse em espanhol, notando o quanto seu comentário tinha me irritado. — Você é tão linda quanto qualquer outra garota, Sal.

— Vocês são todas horrorosas. Estou com fome, vamos — meu pai falou, batendo palmas, seu rosto todo animado.

Ele sabia. Ele sabia como os comentários da minha mãe me incomodavam. Talvez não me fizessem perder a cabeça ou chorar, mas me incomodavam. O fato de que ela tivesse dito aquilo na frente do meu amigo não ajudava em nada.

Parada no lugar, sorri para minha irmã e sua amiga ao seguirem meus pais pela porta. Ceci não tinha dito nada para mim, e eu não queria arranjar nenhuma briga com ela essa noite. Cerrei os dentes e engoli as emoções. Aquele era o dia do meu pai, não da minha mãe nem da Ceci.

Já que não caberíamos todos no sedan da minha mãe, Kulti e eu fomos em outro carro. Era o mesmo restaurante a que tínhamos ido nos últimos três anos, então eu sabia exatamente aonde estávamos indo.

Eu mal tinha ligado o motor e chegado na esquina do quarteirão quando o alemão falou: — Não gosto do jeito que sua mãe fala com você.

Minha cabeça girou para olhá-lo no rosto.

Ele, por outro lado, estava ocupado olhando para a frente.

— Por que você deixa que ela te menospreze daquele jeito?

— Eu... — Voltei a encarar o para-brisa e tentei dizer a mim mesma que aquele momento era real. — Ela é minha mãe. Não sei. Não quero magoá-la e dizer que a opinião dela não importa...

— E não deveria mesmo — ele me interrompeu.

Bem...

— Ela só tem um ponto de vista diferente quanto a como eu deveria viver minha vida, Rey. Ela sempre teve. Nunca vou fazer o que ela quer que eu faça, nem vou ser a pessoa que ela quer que eu seja. Sei lá. Só a deixo dizer o que quer e engulo o choro. No final das contas, vou continuar vivendo do jeito que eu quero, independentemente do que ela fale ou pense.

Pela visão periférica, vi sua cabeça girar.

— Ela não apoia você jogar?

— Apoia, mas preferiria me ver fazendo outra coisa da vida.

— Ela sabe como você é boa? — ele perguntou, total e completamente sério.

Tive que sorrir, sua crença em mim quase compensava minha mãe tentar me fazer sentir culpada a ponto de arranjar um namorado e usar roupas que me fizessem me sentir mais mulher. Aff.

— Você acha mesmo que eu sou boa?

— Você poderia ser mais rápida...

Eu sabia que ele estava só tentando me irritar ao me chamar de lenta. Virei para encará-lo, indignada.

— Você está falando sério?

Ele me ignorou.

— Mas, sim, você é. Não deixe isso te subir à cabeça. Você ainda tem muito a melhorar. — Ele fez uma pausa. — Ela deveria ter orgulho de você.

Fiquei dividida entre querer defender minha mãe e querer abraçar Kulti pelas coisas gentis que estava dizendo. Em vez disso, eu disse: — Ela tem orgulho de mim. É só que... é difícil para ela, acho. Eu sei que ela me ama, Rey. Ela vai aos meus jogos, veste minhas camisetas. Ela tem orgulho de

mim e do meu irmão, mas... — Cocei o rosto, ponderando, por alguns segundos, se deveria contar a ele ou não. Fazia anos que eu havia contado a alguém. Nem mesmo Jenny ou Harlow sabiam. Marc e Simon, sim, mas só porque estiveram na minha vida desde sempre. Não ajudava em nada Cordero ter sido a última pessoa que havia conversado comigo sobre aquilo, deixando um gosto amargo na minha boca. *Todo mundo deveria saber*, dissera ele. Ele não gostou quando eu disse que *não, nem pensar*.

Meu irmão Eric tinha começado bem cedo na carreira colocando uma estipulação nos contratos quanto ao tipo de informação pessoal que poderia ser divulgada sobre ele. Segui seus passos com o contrato do Pipers e, felizmente, tinha compensado ser tão reservada. Mas se havia uma pessoa para quem eu poderia contar, era Kulti.

Engolindo em seco, perguntei: — Você já ouviu falar do Jose Barragan?

— É claro que sim — ele disse com um risinho ofendido.

Jose Barragan tinha sido um jogador argentino lendário que tivera uma vida e tanto dentro e fora do campo.

Eu sabia muito bem disso.

— Ele era o pai da minha mãe.

O silêncio no carro não foi nenhum grande choque para mim.

— *La Culebra* era seu avô? — ele me perguntou devagar. A Cobra. Meu avô era chamado de A Cobra por uma dúzia de razões por milhões de pessoas.

— Sim. — Eu não disse mais nada, porque sabia que ele precisaria de alguns segundos para processar aquilo.

La Culebra tinha sido uma estrela. Havia sido o rei de uma geração muito antes da minha. Fez a Argentina ganhar duas Copas Altus; tinha sido famoso em uma época anterior à tecnologia e às redes sociais. O pai da minha mãe tinha sido uma estrela brilhante do esporte, um troféu do futebol em carne e osso.

— Alguém sabe? — ele perguntou, por fim, aquele silêncio estranho e calmo ainda zumbindo no meu ouvido.

— Sim, algumas pessoas sabem.

Outra pausa.

— Ninguém nunca me disse nada sobre isso. — Vi Kulti pelo canto dos olhos se mover no assento. — Sal, por que isso é um segredo? Você sabe quanto dinheiro poderia conseguir com patrocinadores?

Cordero tinha feito a mesma pergunta. A única diferença era que Cordero era um babaca que queria melhorar a própria imagem. A neta do *La Culebra* no time dele? Ainda mais ele tendo vindo do mesmo país? Cordero imediatamente viu cifrões, mas eu não o deixaria explorar minha família ou a mim mesma. Nunca soube como ele havia descoberto, mas não importava. Não era não.

— Eu não quero envolver minha mãe nisso — expliquei. Apertei um pouco mais o volante. — Você o conheceu?

— Conheci.

— Então sabe que ele não era o homem mais legal do mundo.

A falta de resposta dele foi mais do que suficiente.

— Rey, eu me encontrei com ele talvez umas dez vezes na vida. Eu o via mais na TV do que pessoalmente. Uma vez, quando eu tinha onze anos, ele me disse que eu estava perdendo tempo com o futebol. Disse que as pessoas não gostavam de ver atletas mulheres. Ele falou que eu deveria ser nadadora ou dançarina de balé. *Balé*, caramba. Você consegue me imaginar de sapatilha de ponta? Quando eu tinha dezessete anos, ele apareceu no jogo do Sub-17 que joguei com a seleção e destroçou a partida depois. Quando eu tinha 21, veio para a partida da Copa Altus e me perguntou por que eu não jogava para a Argentina. Nada nunca estava bom nem era suficiente para ele.

“E era sempre assim. Pelo que ouvi minha mãe dizer, ele foi um pai terrível e um marido ainda pior. Aparentemente, batia na minha avó quando não a estava traindo. Minha mãe não era fã dele, e sei que ela culpava o futebol por aquele comportamento. Eu não a culpo. Ela conheceu meu pai durante umas férias no México, eles se casaram e se mudaram para cá. Da última vez que o vi, ele xingou meu pai de mexicano idiota e disse para minha mãe que ela havia desperdiçado a vida se casando com alguém tão inferior a ela.

“Eu amo meu pai e devo tudo aos dois. Eles são as pessoas mais esforçadas que eu conheço, e não gosto de ninguém falando mal deles. Quando minha mãe diz algo que não ajuda, tento ser compreensiva e me lembro de que ela odeia que meu irmão e eu joguemos futebol. Ela não

suporta termos puxado ao pai dela.

“Uma vez, minha agente tentou me vender para uma empresa dizendo a eles que *La Culebra* era meu avô. Sabe o que disseram? Mesmo se eu fosse filha ilegítima da filha dele, eles me contratariam. Ou se eu fosse qualquer coisa, exceto latina, seria melhor. Fizeram parecer que eu havia trapaceado para chegar aonde eu estava, como se os genes dele e minha ascendência hispânica tivesse me dado algum tipo de vantagem. Como se eu não tivesse me matado dia após dia, dando mais duro do que minhas colegas de time para melhorar.”

Respirei profunda e calmamente, e pisquei para afastar as lágrimas de frustração. Fazia muito tempo que eu tinha me permitido ficar tão envergonhada quanto naquele momento.

— Tive que me esforçar duas vezes mais que todo mundo para provar a mim mesma que não cheguei aqui só porque ele era o pai da minha mãe. Desculpa não ter contado antes, mas... — Dei de ombros. — Eu só... quero ser eu. Eu quero que as pessoas gostem de mim por quem eu sou, não por quem meu irmão ou meu avô são, ou pelo que visto, caramba... Eu acabaria te contando em algum momento. Um dia.

Nos cinco minutos daquele ponto até estacionarmos no restaurante familiar, a Alemanha não disse palavra alguma. Eu o conhecia bem o suficiente para saber quando ele estava nervoso ou irritado, mas não senti nenhuma dessas emoções nele. Simplesmente, estava em silêncio.

Eu também não queria falar muito mais naquilo, então não forcei a conversa. Conversar sobre aquele velhote sempre me dava indigestão e me deixava com um peso no coração. Aquilo me fazia considerar como eu era sortuda por ter as pessoas que eu tinha na vida.

Não falamos um com o outro ao nos encontrarmos com a minha família, que estava nos esperando na entrada. Não dissemos nada ao entrarmos e tomarmos dois assentos, um ao lado do outro. Meu pai estava sentado à ponta da mesa, minha mãe de um lado com Ceci e sua amiga, na ponta oposta.

— O que vocês gostariam de beber? — O garçom começou com a minha mãe e deu a volta, chegando a Kulti antes de mim.

Não sei o que eu estava esperando, mas não era “água”.

— E você, ¿señorita? — o garçom me perguntou.

Eu planejava pedir uma margarita, porque era minha bebida de sempre, mas tinha um provável problema com bebida sentado bem ao meu lado, e eu teria que dirigir.

— Água também, por favor.

Minha mãe começou a falar sobre um dos irmãos que tinham ligado mais cedo para desejar feliz aniversário ao meu pai e como estava planejando vir nos visitar no próximo mês, quando o garçom voltou com nossas bebidas para anotar nosso pedido.

— E você? — ele perguntou ao Kulti.

O idiota não perdeu a chance.

— Tacos... — ele fez uma pausa dramática, e eu fui a única que realmente entendeu, ainda mais quando ele bateu o joelho no meu debaixo da mesa e me lançou um olhar de soslaio — ... *al Carbon*.

Bufei e bati o joelho outra vez no dele, curvando os lábios sobre os dentes para me impedir de sorrir. Mal me lembro de fazer o pedido de verdade, porque perguntei, sabendo muito bem que a resposta seria negativa: — Vocês têm Bolo de Chocolate Alemão?

Por que teriam Bolo de Chocolate Alemão em um restaurante mexicano? Não teriam, mas eu estava disposta a ser uma pestinha e a parecer uma idiota ao mesmo tempo.

— Humm, *não*. Temos *sopapillas* e *flan* — o homem ofereceu.

Antes que eu tivesse a chance de responder, alguém fingiu derrubar o guardanapo no chão e, no processo de se curvar para recolher o item imaginário, decidiu enfiar o cotovelo pontudo bem na parte carnuda da minha coxa.

Tudo aquilo durou um segundo, mas o guincho que saiu da minha boca foi tão horrível que até meu pai, o rei dos barulhos horríveis, fez uma careta para mim.

— Nós não a conhecemos — meu pai disse para o garçom em espanhol.

Eu ri e me virei para Kulti, muito mais achando graça do que ficando com vergonha.

— Você vai se ver mais tarde comigo, linguição — murmurei.

Ele bateu o joelho no meu de novo, suas ações dizendo muito mais do que

qualquer palavra que pudesse ter sido dita logo depois que saímos do carro. De onde tinha vindo aquele homem brincalhão, eu não fazia ideia, mas estava amando.

Estiquei a mão sob a mesa e apertei seu joelho coberto pelo jeans.

— Quem quer ser o primeiro a me dar um presente? — meu pai perguntou assim que o garçom tinha se afastado.

Minha mãe e eu trocamos um olhar, e nós duas balançamos um tantinho a cabeça. Quem fazia aquele tipo de pergunta? Meu pai. Meu pai era a pessoa que exigia os próprios presentes.

Ela voltou a atenção para o novíssimo membro do clube dos 57 anos e deu uma piscadela.

— Vou te dar seu presente em casa.

Fiz uma careta.

Na ponta da mesa, Ceci disse: — Mãe!

Então, adicionei:

— Que nojo.

Nosso pai riu, mas foi nossa mãe que nos olhou com a cara feia.

— Suas sem-vergonhas — ela falou em espanhol. — Não foi isso que eu quis dizer!

Ergui a mão e coloquei-a contra a boca, fingindo segurar uma grande ânsia de vômito.

— *Cochinas* — nossa mãe repetiu, ainda balançado a cabeça.

— Tudo bem. Ceci? Sal? Quem quer começar?

Minha irmã caçula suspirou do outro lado da mesa. Às vezes, era estranho olhar para ela. Ela se parecia tanto com nossa mãe — cabelo castanho, pele clara, olhos castanhos, delicada e magérrima. Ela era a filha bonita. A filha muito bonita que tinha namorados desde a quarta série, enquanto eu... não tive namorados na quarta série. Naquela época, meu único namorado tinha sido meu amor imaginário, Kulti, o cara que, de alguma forma, estava sentado ao meu lado naquele exato momento.

— Eu começo. — Ela tirou uma caixinha de sob a mesa e entregou-a para nossa mãe, que a passou para nosso pai. — Feliz aniversário. Espero que você goste, papai.

Ele rasgou o papel e, depois, a caixa com a animação de um garotinho. Tirou uma linda moldura com uma foto muito velha dele e Ceci em um balanço. Ele sorriu e jogou um beijo para ela, agradecendo o presente. Então, voltou sua atenção, cheio de esperança, na minha direção e fez suas mãos de “passe para cá”.

Kulti estendeu a mão.

— Deixe que eu pego.

Tirei as chaves da bolsa e entreguei-as a ele.

— Obrigada.

Ele tinha acabado de sair da mesa quando meu pai se inclinou para a frente, seus olhos brilhando.

— Eu não estou sonhando, não é?

Minha mãe resmungou.

— Você acha que posso tirar uma foto dele aqui? — o aniversariante perguntou.

Pensei no que aconteceria se uma foto do meu pai e do alemão caísse na internet. Por dentro, estremei. Muito. Mas o que eu diria ao meu pai? Não? Era porque eu não queria que o mundo soubesse que Kulti tinha passado um tempo com a minha família? Porque eu não queria rumores se espalhando por aí? Eu não queria. Eu, com certeza, não queria nada daquilo.

Por outro lado, ele estava tão animado e feliz com tudo, apesar de ainda não ter dirigido palavra alguma ao meu amigo.

Como eu diria a ele que era uma péssima ideia? Não diria. Meu pai sairia mandando a foto para todo mundo que ele conhecia.

Havia coisas piores na vida, não havia?

— É claro, pai.

O homem sorriu.

É, não tinha como eu dizer não. Entreguei-lhe o cartão-presente para o massagista no shopping e ganhei uma grande piscadela do meu pai.

Kulti voltou rápido, deslizando em seu assento com duas caixas perfeitamente embrulhadas nas mãos. Os pacotes tinham chegado mais cedo naquela tarde, já embalados e prontos dentro de uma caixa de papelão ainda maior. Nós a guardamos no porta-malas do meu carro antes que alguém descobrisse. O alemão me entregou as duas para que eu pudesse passá-las ao

meu pai, que tinha uma expressão como se tivesse acabado de sujar as calças e tivesse percebido de repente.

— Feliz aniversário de nós dois — eu disse, sem nem pensar em como aquilo havia soado.

Meu pai não se importou, porque não estava prestando atenção. Encarava Kulti, então, as caixas, depois, Kulti e, de novo, as caixas. Com muito cuidado, rasgou o papel da primeira e tirou o mesmo tênis modelo RK 10 que eu havia tentado comprar na loja no dia anterior.

Ele abriu a boca para dizer algo, mas, então, fechou-a de novo e pegou a outra caixa. Dentro, havia uma caixa branca simples sem marca nem logo na tampa. Meu pai ergueu a tampa e encarou o interior antes de tirar um tênis que eu nunca tinha visto. O familiar RK estava bordado na parte de trás, assim como o risco curvado conhecido do lado.

— A edição do ano que vem — Kulti explicou.

Cuidadosamente, meu pai colocou o tênis de volta na caixa e respirou fundo antes de encontrar meus olhos e, em uma voz muito baixa, disse: — Fale para ele que eu agradeço.

Coloquei o punho sobre a boca, mas não sei se para me impedir de rir ou de suspirar exasperada.

— Pai, fale você mesmo.

Ele balançou a cabeça, e eu soube que aquilo seria o máximo que eu conseguiria.

Mordendo o lábio, me virei para Kulti, que eu estava certa de que tinha ouvido o que meu pai acabava de dizer, e repeti o agradecimento.

Muito seriamente, o alemão assentiu.

— Diga a ele: “De nada”.

Jesus Cristo.

— E diga a ele que tem mais uma coisa na caixa.

Mais uma coisa?

— Pai, tem mais uma coisa na caixa. — De novo, como se não tivessem se ouvido a um metro e meio de distância.

Meu pai piscou, então fuçou a caixa branca sem marca e tirou dali um envelope do tamanho de um cartão de visitas. Pegou algo que parecia uma

ficha. Leu-a e releu-a uma segunda e, então, terceira vez. Colocou o papel de volta no envelope e, depois, na caixa. Seu rosto melancólico ficou sério ao respirar fundo algumas vezes. Por fim, ergueu os olhos verdes para encontrar os castanhos de Kulti.

— Sal — ele disse, olhando para o alemão —, pergunte a ele se ele quer um abraço agora ou mais tarde.



— O que foi?

Lancei um olhar a Kulti enquanto estava sentada na beira da cama maior, pronta para tirar o sapato.

— Nada. Por quê?

O alemão piscou para mim.

— Você não disse nada.

Eu não disse mesmo. Ele tinha razão.

Como eu poderia conversar quando algo enorme tinha se alojado no meu peito? Algo monstruoso e desconfortável havia feito as malas e se mudado para dentro, roubando o lugar onde meu ar e minhas palavras costumavam morar.

Kulti tinha roubado aquela parte minha quando abraçou meu pai de volta...

Ele o tinha presenteado com dois assentos na primeira fileira para um jogo do FC Berlin, junto com um voucher para os voos e o hotel na capital alemã.

O que se dizia depois daquilo, caramba?

— Você está chateada? — ele perguntou.

Fiz uma careta.

— Com o quê?

— Berlim.

Ah, meu Deus, ele parecia tão sincero...

— Rey. — Balancei a cabeça. — Como eu poderia ficar chateada? Aquilo foi a melhor coisa que alguém já fez pelo meu pai. Eu não sei nem... — Encarei-o enquanto ele se posicionava na minha frente, olhando para baixo na minha direção. — Eu não sei nem como retribuir. Tudo bem, talvez eu

possa pagar em parcelas ao longo dos próximos cinco anos, mas não sei o que dizer.

Ele sacudiu aqueles ombros musculosos.

— Nada.

Revirei os olhos.

— É algo muito importante.

— Não é.

Eu me levantei e abri os braços.

— É, sim. Então pare de discutir e me dê um abraço.

Ele parou de falar, mas não me abraçou. Eu deveria ter considerado como um elogio o fato de ele não ter se retraído para longe ou simplesmente dito “não”. Kulti só olhou para os braços que eu mantinha um pouco afastados do corpo, como se fossem algo de outro mundo que ele nunca tinha visto antes.

Quando ficou parado ali por outros dez segundos, decidi que eu estava farta. Aquele cara tinha dado centenas de abraços ao longo da vida. Então, olhei para seu rosto e para o quão sério ele sempre era, e decidi que, talvez, ele não tivesse dado tantos abraços assim. Mas havia abraçado meu pai no restaurante, então dane-se. Ele deveria ter outro abraço escondido ali dentro.

Dei um passo para a frente e enrolei meus braços em sua cintura, por cima dos dele, como se fossem reféns. Ele apoiou o queixo no topo da minha cabeça.

— Obrigada — eu disse.

Abracei-o por mais dez segundos, sentindo-o duro como uma tábua o tempo todo, então, decidi que eu poderia acabar com seu sofrimento. Abaixei os braços e dei um passo para trás, a parte de trás do joelho encontrando a armação da cama.

Talvez tivesse sido esquisito se eu realmente me importasse em ser abraçada de volta, ou, naquele caso, em não receber outro abraço em resposta, mas não foi. Nem um pouco. Ele tinha dado algo incrível ao meu pai; eu sobreviveria.

O que *tinha sido* esquisito foi o jeito que ele não parou de olhar para as sardas no meu peito e ombros expostos sob as alcinhas do vestido.

— Acho melhor eu ir trocar de roupa agora — murmurei, dando um passo para o lado. — Mas quero que saiba o quanto fiquei grata pelo que você fez

para o meu pai, tudo bem?

Ele assentiu, distraído, seus olhos ainda na pele logo acima dos meus seios. Não diretamente nos seios, logo acima deles. Estranho.

Bem, acho que aquilo era vingança por eu ter encarado sua ereção no dia anterior, e eu aceitaria de boa vontade.

— Ei, olhos aqui em cima, cara de pretzel.



— Como foi sua folga?

Tirei os olhos do chão, puxando as meias, e vi Gardner parado acima de mim.

— Boa. Passei um tempo com a minha família. E a sua?

Ele deu de ombros, agachando-se.

— Dormi pra caramba.

— Legal.

Gardner fez uma expressão satisfeita, mas não respondeu. Ficou parado ao meu lado enquanto eu calçava a chuteira e a amarrava.

— Sal. — A voz dele soou tão baixa que meu estômago imediatamente soube que havia algo de errado. — Mais fotos surgiram no fim de semana. Eu quero que você aja de forma inteligente, tudo bem?

Nem sequer virei a cabeça para dar uma olhada nele, só movi os olhos, sentindo minhas entranhas subirem pela garganta.

— Nós somos amigos, G. Só isso.

Sua expressão séria não foi muito reconfortante.

— Olhe, eu acredito em você. Acreditaria em você se me dissesse que as vacas tosem, mas sei que Cordero vai ficar irritado, e não tem muito que Sheena e eu possamos fazer.

O tempo pareceu desacelerar.

— O que você está tentando dizer?

— Eu quero que pense no que está fazendo e no que quer para o futuro.

— Gardner apoiou a mão no meu ombro. — Quero só o melhor para você, Sal. É só por isso que estou te avisando. Não quero que seja pega de surpresa.

Pega de surpresa pelo quê?

Antes que eu pudesse começar a organizar meus pensamentos e pedir a

ele algum esclarecimento sobre se eu estava exagerando ou não ao imaginar suas insinuações, Gardner endireitou a postura e saiu andando.

Não tem muito que Sheena e eu possamos fazer.

Pense no que está fazendo e no que quer para o futuro.

Não quero que seja pega de surpresa.

Tudo o que fiz foi levar um amigo para casa comigo. Só isso. *E ponto final.*

Eu não tinha me drogado, ficado nua na frente de uma multidão, roubado nem matado ninguém.

Se meus palpites estivessem certos, Gardner havia acabado de me avisar que minha carreira estava em perigo.

Talvez eu devesse ter entrado em pânico. Chorado. Devesse ter jurado que pararia de ser amiga de alguém que tão obviamente precisava de um amigo.

Mas não fiz nenhuma dessas coisas. Nem perto disso.

Mesmo que Gardner só tivesse tentado ser um bom amigo e me avisar, de repente, fiquei irritada. Irritada pra cacete.

Eu não tinha feito nada de errado, e sabia disso no meu coração. É claro, havia uma cláusula no meu contrato sobre “confraternização”, mas eu não vinha *confraternizando* com ninguém, caramba. Nem perto disso, e eu estava sendo punida? Ou, pelo menos, *meio* que sendo punida?

Aquilo era ridículo. Muito ridículo.

E eu quis muito socar Cordero no meio da fuça. Diversas vezes.

Tensão gritou pelos meus cotovelos e desceu pelos meus braços. Tive que cerrar os punhos para conter a frustração durante toda aquela situação. Sinceramente, eu gostava de Rey. Não era fácil, e ele me dava nos nervos de vez em quando, mas eu sentia uma proximidade em relação a ele que não sentia com mais ninguém com quem eu jogava.

O fato de que só algumas poucas outras garotas do time conversaram comigo durante o treino não ajudou em nada. O restante me lançou olhares de soslaio dos quais não gostei. Mas elas não disseram nada para zombar de mim, então consegui ficar de boca fechada. Eu sabia muito bem que não deveria ser a responsável por dar início a alguma situação. Só se é jovem e burra uma vez.

Quando não estavam me lançando olhares depreciativos, encaravam Kulti

como se esperassem vê-lo com meu sutiã enrolado no pescoço. O ponto era que, enquanto eu poderia manter a boca fechada, o alemão não precisava.

E não o fez.

Ele tinha encontrado meus olhos no comecinho do treino e franzido a testa. Sua carranca continuou a se aprofundar conforme o treino avançava. Kulti não tentou me perguntar o que estava acontecendo, mas, de alguma forma, eu sabia que ele tinha noção de que algo estava me incomodando, e que tinha algo a ver com as garotas olhando para ele de cima a baixo.

O que ele falou que eu mais gostei foi: — Eu não sei o que diabos vocês estão olhando, mas seus olhos deveriam estar no campo e não nas trancinhas uma da outra!

Foi muito sexista e inverídico. Não consegui segurar o riso e, logo depois, tentar escondê-lo.

Mas, a longo prazo, aquilo não me ajudou em nada a ficar menos irritada.

Continuaram falando de mim e me olhando feio. Sussurrando. Não havia nada que eu pudesse fazer.



Alguém estava sentado no primeiro degrau da escada que levava até minha casa quando cheguei do trabalho naquela tarde. Levei cerca de um milésimo de segundo, depois que saí do carro, para reconhecer o cabelo castanho e o corpo longo que se levantou, alisando a parte de trás do short esportivo largo.

Ele não disse nada enquanto eu estacionava o carro a alguns metros dele, e não disse nada ao pegar minha bolsa, mesmo de olho na calça folgada e na camiseta de manga comprida que eu vestia. Kulti ainda não tinha me visto com roupas de trabalho, e não achei forças em mim para me importar que eu tivesse manchas de terra e de grama nos joelhos e que meu cabelo tivesse dobrado de volume desde aquela manhã.

— Oi — eu disse, sorrindo, ao subirmos os degraus que davam na porta da frente.

Destrancando a porta, ele me seguiu, trancando-a assim que entrou e largando minha bolsa no mesmo lugar em que eu sempre a deixava. Sentei-me no chão e tirei as botas de trabalho, exausta demais para sequer tentar

fazer aquilo em pé. Joguei-as na direção da porta com mais força do que o necessário.

O alemão estendeu a mão para mim.

Aceitei-a e me levantei, não movendo sequer um centímetro quando ficamos parados a menos de um palmo um do outro.

Passei a segunda parte do dia falando para mim mesma que aquilo, tecnicamente, era culpa dele. Que, se eu não tivesse sido gentil com ele, não teríamos começado a passar tempo juntos nem teríamos virado amigos. Se ele fosse qualquer outra pessoa no mundo, com exceção de um punhado de famosos, ninguém teria dado a mínima para o que fazíamos juntos. Passei minha carreira toda tentando sobreviver dia após dia e melhorar. Eu não queria fama, e por mais que ter uma fortuna pudesse ser algo interessante, não era isso que me fazia levantar da cama todas as manhãs. Eu tomava cuidado, eu sempre havia tomado cuidado e sacrificado o que fosse preciso para obter sucesso.

Então Kulti chegou e amaldiçoou tudo aquilo.

Eu tinha investido tempo e esforço para construir um relacionamento profissional com as garotas com quem jogava. Eu as ajudava, querendo que se saíssem bem, e todo esse trabalho duro, agora, tinha praticamente ido para o lixo. Ninguém, exceto Jenny e Harlow, havia se dado ao trabalho de...

O alemão apertou a mão que eu nem tinha reparado que ele não havia soltado. Palma contra palma, seu dedão acariciando as costas da minha mão, uma vez. Só uma vez.

— Se você quiser que eu peça desculpa, não vou pedir.

Fechei os olhos e fiquei parada ali, deixando-o segurar minha mão e não me permitindo pensar muito em nada daquilo. Eu era uma pessoa afetuosa, e apesar de Kulti não ter agido daquele jeito durante todo o tempo que passamos juntos, não dava para ser um jogador de futebol e estranhar contato físico. Então aceitei tudo o que ele estava disposto a me dar.

— Pelo que é que você não vai se desculpar? — perguntei, os olhos ainda fechados.

Seus longos dedos me deram outro aperto.

— Por ter forçado você a ser minha amiga.

Senti meu sorriso se abrir.

— Você não me forçou a ser sua amiga.

— Forcei, sim — ele argumentou.

— Não forçou. Fui eu quem fui educada quando você ainda agia que nem um baita de um pé no saco.

Houve uma pausa.

— Isso foi antes ou depois de você me chamar de linguição?

Abri um olho.

— Antes e depois.

Os cantos da boca dele subiram um tantinho, mas ele continuou sério.

— Não vou deixar que te coloquem no banco.

Assenti, encarando diretamente o homem que havia aperfeiçoado a expressão de desprezo, e disse: — Tudo bem.

As palavras perduraram no ar entre nós. Senti-me comprimida, espremida. Fiquei dividida entre saber que não pediria para ele parar e saber que, provavelmente, eu deveria.

Se valia a pena? Se valia a pena ser ostracizada pelas minhas colegas de time? Estar na lista de alvos do diretor-geral? Ter minha foto estampada em *fanpages* com “morra, vadia” embaixo?

Eu não fazia a menor ideia.

Mas esperava que sim.



— Sal! Você tem um minutinho?

Meus dedos agarraram a alça de náilon da bolsa, e senti minhas entranhas revirarem. No dia anterior, eu tinha conseguido evitar dois repórteres que vagueavam pela lateral do campo ao sair correndo enquanto estavam ocupados conversando com outras pessoas, mas, agora... Não tive tanta sorte.

Eu tinha chegado cedo para o treino, mas não cedo o suficiente. Droga.

— Vamos, só um minutinho. Por favor!

Sem poder me esconder atrás de ninguém e sem nenhuma forma de fingir não ter ouvido o cara me chamando, respirei fundo e me conformei para acabar logo com aquilo.

O homem com seus vinte e poucos anos parecia amigável o bastante em

sua camisa de botões azul por dentro da calça cáqui. Ele sorriu para mim, seu pequeno gravador de mão pronto e no aguardo.

— Obrigado por parar. Tenho algumas perguntas para você.

Assenti.

— É claro. Tudo bem.

Ele se apresentou e me disse o nome do site para o qual seria a entrevista, também avisou que gravaria nossa conversa.

— Vocês estão quase na metade da temporada agora, o que está achando do desempenho do Pipers?

Certo.

— Bom. Só perdemos um jogo até agora, mas estamos tentando continuar focadas e passar pelas próximas semanas para chegarmos às finais de novo.

— Quando é que a pressão realmente começa a pesar?

— Pelo menos para mim, nunca deixa de pesar. Antes mesmo da temporada começar, já estou preocupada com o andar das coisas. Todo jogo é importante, e é isso o que nossa equipe técnica coloca na nossa cabeça. É mais fácil continuar focada quando se está preocupada em colocar um pé na frente do outro, em vez de tentar superar um grande obstáculo de uma só vez.

Ele sorriu e assentiu.

— Quem você está animada para ver na Copa Altus?

Sorri para ele, me sentindo mais tranquila. A Copa começaria em setembro, logo depois que nossa temporada terminasse.

— Argentina, Espanha e Alemanha. — Quase com desleixo, adicionei: — Estados Unidos. — Bem, isso estava bem longe de ter soado sincero. — Estou muito animada.

— Você tem planos para voltar à seleção americana de futebol feminino? — ele perguntou.

Naquele instante, o muitíssimo familiar aperto de raiva enlaçou meus punhos, e tive que afastá-lo. Era fácil viver sem fazer parte da seleção antes, quando as coisas com o Pipers estavam indo bem, mas não tanto agora. Meu estoque de paciência estava no fim.

— Estou focando no Pipers por enquanto.

— Você já falou do seu trabalho com jovens; vai continuar com os

acampamentos este ano?

— Esses acampamentos vão começar daqui a algumas semanas. Na maior parte, tento ajudar crianças de baixa renda em idade escolar. É a idade mais propícia para crianças se apaixonarem pelo esporte, então amo fazer minha parte.

— Certo, só mais uma pergunta, então te libero para ir treinar: o que você tem a dizer sobre os rumores do relacionamento entre você e Reiner Kulti?

Tan, tan, tan. Sorri para ele e fiz meu coraçãozinho desacelerar.

— Ele é uma pessoa ótima. É meu treinador e amigo. — Dei de ombros.
— Só isso.

O olhar que o cara me deu foi incompreensível, mas assentiu, sorriu e me agradeceu.

Não consegui evitar me sentir um pouco suja. Só um pouco. Como se tivesse feito algo de errado — ou pelo menos algo que eu não queria admitir. Eu aceitaria lidar com minhas falhas e erros. Não tinha namorado; não era casada. Poderia ser amiga de quem quisesse. E também não era como se ele ainda estivesse casado ou algo do tipo.

Mas...

Engoli a sensação esquisita no peito, uma indecisão estranha de que eu não tinha certeza se queria lidar ou não com toda aquela atenção desnecessária.

Eu não era uma superestrela. Era só eu, uma jogadora de futebol não muito conhecida. O equivalente a um corredor de trenó em Houston, como minha irmã tinha me chamado um dia.

Tudo o que eu sempre quis foi jogar e ser a melhor. E ponto.

O que eu estava fazendo?

Tentei bloquear todas aquelas coisas que não importavam quando eu estava no treino, mas, por alguma razão, foi muito mais difícil do que o esperado. Eu não conseguia parar de pensar no aviso de Gardner, na idiota da Amber e seu marido igualmente idiota, na seleção, no Kulti e em todo aquele seu fardo de ser famoso. Senti como se houvesse uma corda ao redor do meu pescoço, apertando lenta, lenta, muito lentamente, mais e mais. Eu não conseguia respirar.

Logo depois de terminar o exercício de passes, senti uma mão se enrolar

no meu pulso bem quando eu não esperava.

Eu não tinha nem percebido que ele estava ali perto. Para ser honesta, eu não vinha prestando atenção em nada além do futebol: passar a bola, bloquear, sair correndo. Coisas que eu tinha feito milhares de vezes e que, com esperança, faria ainda outras mil no futuro.

Uma linha funda criava um vinco entre suas sobrancelhas enquanto ele inclinava o queixo para baixo, e perguntava: — O que aconteceu?

— Nada — foi o que começou a sair da minha boca, mas tomei a decisão de ir por outro caminho no último segundo. Ele saberia. Não sei como ele saberia, mas saberia que eu estava mentindo. — Estou estressada, só isso. — Certo, talvez tivesse soado vago e moderado demais, mas era verdade. Eu estava mesmo.

Pelo visto, não foi o suficiente. É claro que não seria. Ele estava com aquele olhar sério demais, o que suavizava as linhas angulares do malar. Kulti olhou bem nos meus olhos, não se importando de estarmos perto demais nem com o fato de que qualquer uma que não estivesse ocupada se exercitando, muito provavelmente, estaria de olho em nós. Ele não se importou. Simplesmente, focou no objeto de sua atenção — eu.

Aquilo fez algo se apertar no meu peito. Algo que não consegui entender muito bem.

— Mais tarde — ele declarou, não perguntou.

Dei de ombros.

— Mais tarde — Kulti repetiu. — Mantenha a cabeça no jogo.

Assenti e ofereci a ele um sorriso fraco.

Kulti não sorriu de volta. Em vez disso, soltou meu pulso e colocou a mão na minha testa antes de me empurrar devagarinho para trás. Não foi exatamente um abraço nem um tapinha nas costas, mas foi de bom tamanho.

É claro que, quando me virei, havia pelo menos oito pares de olhos em nós.

Ótimo.



Uma batida às oito horas daquela noite me fez repousar a última mistura no balcão da cozinha, tomando cuidado para não deixar a colher cair da

tigela. Não sei quem mais eu poderia ter esperado aparecer além do alemão, então não fiquei surpresa quando o encontrei do outro lado do olho mágico.

— Entre — eu disse, já abrindo a porta por inteiro para que ele entrasse.

Logo antes de fechá-la, notei seu Audi estacionado atrás do meu Honda, a silhueta de alguém no assento do motorista. Certo.

— Não se preocupe comigo — expliquei, voltando à cozinha, onde eu tinha deixado minha máscara facial.

— Tem alguma coisa no seu rosto — Kulti declarou, parando do outro lado do balcão com uma expressão curiosa.

Eu só tinha conseguido cobrir uma bochecha antes de sua batida, então tenho certeza de que eu parecia um picolé de laranja. Pegando a colher, apliquei mais da mistura gelada nas bochechas e na testa, observando o alemão naquele meio-tempo.

— É uma máscara facial feita com iogurte grego, açafrão-da-terra, aveia moída e limão. — Ergui as sobrancelhas ao aplicar a mistura acima do lábio. — Quer um pouco?

Ele me olhou, cheio de dúvida. Então, assentiu.

Tudo bem.

— Lave o rosto com água quente e, depois, você pode passar.

Terminei de passar a mistura, às cegas, nas áreas que eu queria enquanto ele ia até a pia e jogava água no rosto e depois o secava com papel-toalha. Foi só quando Kulti se sentou na beira do balcão da cozinha e inclinou o queixo para baixo que percebi que ele queria que eu passasse a máscara nele.

— É sério?

O alemão assentiu.

— Você é uma figura, sabia? — comentei, mesmo dando um passo em frente e começando a alisar a gosma em seu nariz e em cada uma das bochechas, com cuidado e sem pressa. Seus pelos faciais que haviam crescido ao longo do dia pinicavam meus dedos a cada passada.

— Você sempre usa isso? — ele perguntou depois que cobri seu queixo.

— Algumas vezes por semana. — Sorri, notando seus olhos nos meus. — E você?

— Já passei esfoliantes antes de algumas sessões de foto — ele admitiu.

Assenti, impressionada. Que metrossexual. Passei os dedos na pele acima de seu lábio superior.

— Ficamos tempo demais no sol, temos que tentar cuidar da pele. Não quero ficar parecendo uma senhorinha antes da hora certa.

Ele assentiu em concordância e me deixou terminar de passar a máscara nele com olhos atentos. Assim que acabamos, eu disse que precisaríamos esperar pelo menos uns vinte minutos antes de tirá-la.

— Também não toque em nada. O açafrão mancha tudo — eu o avisei, mas, na verdade, não me importaria se meus móveis ficassem manchados.

Tirando uma compressa de gelo do congelador, eu me sentei na ponta do sofá e observei-o se sentar na outra. Apoiando a perna na mesinha de centro, deixei a compressa ali por uns bons quinze minutos. Meu laptop estava no assento entre nós, com um quadro branco na mesa para minhas notas adesivas, bem onde eu as havia deixado antes de decidir fazer meu primeiro tratamento de beleza da semana. A pergunta do repórter, mais cedo, sobre os acampamentos de verão me fez lembrar de que eu precisava planejar as aulas. Eu ainda não tinha finalizado nada.

O alemão nem sequer hesitou ao pegar o laptop e ler minhas anotações sobre as diferentes coisas que eu achava serem benéficas para crianças daquela idade.

— O que é isso? — ele perguntou.

Lutei contra a vontade de arrancar o laptop dele.

— Planos. Tenho alguns acampamentos de verão pela frente.

Os olhos dele surgiram sobre a borda do computador.

— Acampamentos de treino?

— Para crianças — expliquei. — Só duram algumas horas.

Ele voltou a olhar para a tabela.

— São gratuitos?

— Sim. São sempre em bairros de baixa renda para crianças cujos pais não têm dinheiro para matriculá-las em clubes e ligas.

Ele murmurou algo.

Coei a bochecha, sentindo-me estranhamente vulnerável com ele lendo as técnicas que eu pretendia ensinar às crianças. Ele continuou lendo, e aquilo piorou. Não que ele fosse um treinador fantástico, porque não era. Eu não

tinha dúvida de que ele poderia ter sido um treinador incrível se quisesse, mas não queria.

Dobrei os dedos do pé dentro da meia e observei o rosto dele.

— Seus pais tinham dinheiro? — eu me peguei perguntando.

Kulti soltou um “aham”.

Ergui o joelho até o peito e apoiei o queixo ali, tomando cuidado para não espalhar máscara na perna.

— Você não ganhou nenhuma bolsa na academia?

Ele ergueu os olhos.

— O FC Berlin cobriu as despesas.

Ah, não me diga. Eles o tinham recrutado aos onze anos, não tinham? Então aquilo era de se esperar, mas acho que a resposta me deixou impressionada mesmo assim.

— E você, Taco?

Sorri para ele por trás do joelho, surpresa com a pergunta.

— Você já visitou minha casa, Alemanha. Não somos muito pobres, mas não tive um tênis de marca até, talvez, os meus quinze anos, e foi meu irmão que comprou para mim com seu primeiro adiantamento da Liga Profissional Masculina. Não faço ideia de como meus pais conseguiram se virar para pagar tudo por tanto tempo, mas conseguiram. — Na verdade, eu sabia. Eles haviam cortado diversas coisas do orçamento. Um monte delas. — Tive sorte de se importarem, se não tudo poderia ter sido bem diferente.

— Tenho certeza de que eles não se arrependem de nada.

— Hum. Sei que os fiz questionar o que raios estavam fazendo uma ou duas vezes. — Ou três. Talvez quatro. — Eu tinha um temperamento horrível...

O alemão riu. Riu bem na minha cara, com a boca aberta e tudo.

Babaca.

Cutuquei seu quadril com os dedos do pé.

— O quê? Eu não tenho mais um temperamento horrível.

Aqueles olhos quase castanhos surgiram outra vez sobre o laptop.

— Não. Você não tem, nem eu.

— Rá! — Empurrei-o de novo e ele agarrou meu pé com a mão livre.

Tentei puxá-lo de volta, mas Kulti não o soltou. — Ah, fala sério, meu temperamento está bem longe de ser tão ruim quanto o seu.

— Não está, não. — Ele puxou meu pé, segurando-o com mais força.

— Confie em mim. Está, sim.

— Você é um perigo quando está brava, *schnecke*. Talvez as juízas ainda não tenham flagrado você beliscando outras garotas, mas eu, sim — ele disse, casualmente.

Endireitei a postura.

— A não ser que você tenha alguma prova física, isso nunca aconteceu.

Kulti me encarou por um milésimo de segundo antes de balançar a cabeça, seu dedão pressionando a linha dura que passava pelo arco do meu pé.

— Você é um monstro.

Meus ombros balançaram, mas consegui me impedir de rir.

— Só um monstro reconhece outro.

Os cantos da boca do alemão se ergueram.

— Diferentemente dos outros, nunca fingi ser legal.

— Ah, eu sei. — Sorri para ele. — Teve aquela vez que você mordeu o cara...

— Ele tinha me mordido três vezes antes de eu perder a paciência — ele argumentou.

Ergui a sobrancelha, mas continuei: — Sem falar das milhares de vezes em que você deu uma cotovelada no rosto dos outros. — Assim que as palavras saíram da minha boca, voltei atrás. — Como é que você não foi banido?

O fato de Kulti ter dado de ombros me disse o quanto ele ainda não ligava para o número assustador de narizes que havia quebrado e de sobrancelhas que havia rompido.

— Todas as brigas em que você se envolveu...

— Geralmente, não era eu quem começava.

— Discutível. — Ele piscou para mim. — E não se esqueça das tíbias que você quebrou.

Com aquele comentário, ele manteve o olhar fixo em mim, o que me fez

sorrir de forma presunçosa, mesmo tendo sido às custas do meu irmão.

— Você ganha de mim — declarei. — Tudo o que eu distribuo por aí são hematomas. — Então, adicionei: — De vez em quando, um ou dois lábios ensanguentados e, uma vez, uma concussão.

O alemão se inclinou, tirando o laptop do colo e se arrastando para mais perto de mim. Em seguida, puxou meu pé mais uma vez antes de acomodá-lo de novo no sofá ao seu lado. Sua mão estava enrolada no meu tornozelo.

— Tenho certeza de que você pensou em fazer coisas piores, e, no final das contas, é isso o que importa.

Ele tinha razão, mas é claro que eu jamais admitiria.

Em vez disso, fiquei sentada na minha ponta do sofá e lancei a ele um olhar sem graça de irritação, até seu sorriso crescer só um tantinho e, por fim, ele voltar a baixar os olhos para o laptop. Voltei a focar nas notas adesivas no grande quadro e revisei o que eu já tinha anotado.

Enquanto eu fazia mais algumas anotações, Kulti tocou a parte de cima do meu pé, que continuava ao seu lado.

— Como eu posso ajudar?

Se alguém pensasse, sequer por um segundo, que eu algum dia recusaria ajuda dele, esse alguém estaria louco. Não se tratava apenas dos patrocinadores infinitos aos quais ele tinha acesso. Se quisesse trabalhar da forma que fosse com as crianças, seria como ter Mozart ensinando composição musical a um juvenzinho.

Engoli em seco e senti meu corpo todo se animar.

— Do jeito que você puder.

— Pode me pedir o que você quiser. — Então, como se tivesse pensado no que tinha dito, suas pálpebras se abaixaram. — Você não vai pedir, não sei nem por que me importei em oferecer. Deixe-me ver o que posso fazer.

— Certo. — Sorri para ele. — Obrigada, Rey.

Ele assentiu, todo solene, e me peguei estudando-o.

— Posso te perguntar uma coisa?

— Não — ele disse em seu tom de pé no saco.

Ignorei.

— Por que você aceitou o cargo no Pipers se odeia ser treinador?

O laptop que ele estava segurando foi lentamente repousado em seu colo. O músculo em sua mandíbula flexionou, e sua expressão ficou séria.

— Você acha que eu não gosto de ser treinador?

— Tenho 99% de certeza de que você odeia pra caramba.

Kulti relaxou o total de um milímetro. Simplesmente continuou olhando para mim por tanto tempo que pensei, sem dúvida alguma, que estava tentando me intimidar a trocar de assunto ou esperando que eu me esquecesse. Talvez.

Mas até parece que eu esqueceria.

Pisquei para ele.

— E aí?

Os lábios do alemão foram puxados para trás em algo que era uma mistura de um sorriso incrédulo e admirado.

— É tão óbvio assim?

— Para mim, sim. — Dei de ombros. — Você parece prestes a estrangular alguém pelo menos umas cinco vezes em cada treino. Sem mencionar quando nem diz nada. Quando algo realmente sai da sua boca, tenho a sensação de que você colocaria fogo em todo mundo se pudesse se safar depois.

Quando ele não concordou nem negou, pisquei.

— Eu estou certa ou eu estou certa?

Ele murmurou algo que poderia ter sido “você está certa”, mas foi tão baixo que não tive certeza. O fato de que ele estava evitando meu olhar era o bastante. Aquilo me fez sorrir.

— Então por que está nos treinando? Sei que não te pagam nem um quarto do quanto qualquer time masculino europeu pagaria. Tenho mais do que certeza de que a Liga Profissional Masculina também pagaria bem mais. Em vez disso, você está aqui. Por quê?

Nada.

Pareceu que algumas horas tinham se passado sem ele dizer nada.

Sinceramente, era quase um insulto. Quanto mais ele se demorava sem responder, mais eu ficava magoada. Eu não tinha pedido a ele o número da sua conta bancária nem a porcaria de um rim. Eu o tinha levado para casa comigo, contado a ele sobre meu avô, e ele não podia sequer responder a uma

pergunta pessoal? Eu compreendia, desde o começo, que ele tinha dificuldade em confiar nas pessoas, e eu não poderia dizer que o culpava. Meu irmão se fechava todo perto de pessoas que não conhecia. A certa altura, nunca se sabia quem era ou não seu amigo pelos motivos certos.

Mas... pensei que tivéssemos superado essa parte.

Engoli a decepção e desviei os olhos, escorregando para a frente no sofá para que eu pudesse me levantar.

— Vou fazer pipoca, você quer?

— Não.

Desviando os olhos dali, me levantei e fui até a cozinha. Achei uma panela e coloquei-a no fogão, que acendi em seguida. Pegando meu tubo extragrande de óleo de coco e o saquinho de milho, tentei suprimir a sensação no meu peito da qual, de repente, não gostei muito.

Ele não confiava em mim. Mas, por outro lado, o que eu estava esperando? Tudo o que eu tinha descoberto sobre Kulti havia sido em pequenas doses. De gotinhas em gotinhas muito, muito pequenas.

Eu mal tinha colocado um pouco de óleo na panela aquecida quando senti Kulti parado atrás de mim. Não me virei mesmo quando ele chegou tão perto que eu não poderia dar um passo para trás sem tocá-lo. Seu silêncio era incrivelmente típico, e não senti vontade de dizer nada. Joguei algumas colheradas de milho na panela e coloquei a tampa, dando-lhe uma sacudidela mais raivosa do que o necessário.

— Sal — ele disse meu nome naquele tom suave que deixava um pouco do sotaque transparecer.

Mantendo os olhos na panela enquanto abria a tampa para liberar o vapor, perguntei: — Agora você quer um pouco?

O toque no meu ombro nu foi só com as pontas dos dedos.

Ainda assim, não me virei. Dei outra forte sacudida na panela, e os dedos de Kulti não se afastaram, só subiram ainda mais pelo meu ombro até estarem mais perto do meu pescoço.

— Você pode ficar com a primeira panela, se quiser.

— Vire-se — ele pediu.

Tentei sacudir os dedos dele para longe.

— Tenho que ficar de olho para não queimar, Kulti.

Na mesma hora, ele deixou a mão cair.

— Vire-se, Sal — ele disse com firmeza.

— Espere um pouco, pode ser? — Mais outra forte sacudida na panela, e eu abri a tampa.

O alemão esticou o braço ao meu lado e desligou o botão do fogão.

— Não. Fale comigo.

Com cuidado, enrolei os dedos ao redor da longa barra do forno e respirei para reprimir a frustração.

— Você acabou de dizer que não tem um temperamento horrível — ele me lembrou, o que só deixou aquele momento ainda mais irritante.

— Não estou brava — esbravejei, um pouco rápido demais.

— Não?

— Não.

Ele soltou um barulho que poderia ter sido um bufo, se eu achasse que os alemães eram capazes de emitir esse tipo de barulho.

— Você me chamou de Kulti.

Meus dedos flexionaram ao redor da barra do forno.

— É o seu nome.

— Vire-se — ele ordenou.

Ergui o queixo para encarar o teto e pedi paciência. Muita. Caramba, toda a paciência do mundo. Infelizmente, pareceu que ninguém tinha ouvido a minha prece.

— Não estou brava com você, tudo bem? Eu só pensei que... — Suspirei.

— Olhe, não importa. Juro que não estou brava. Você não tem que me dizer nada se não quiser. Desculpa ter perguntado.

Nenhuma resposta.

É claro que não, droga.

Tudo bem. *Tudo bem.*

Paciência. Paciência.

— Aceitei a vaga porque fui obrigado — disse aquela voz grossa que eu tinha ouvido centenas de vezes na televisão. — Eu não fiz nada durante quase um ano a não ser praticamente arruinar minha vida, e minha agente disse que

eu precisava largar a aposentadoria. Eu tinha que fazer algo, algo positivo, ainda mais depois de me pegarem dirigindo bêbado. — Duas mãos quentes que só poderiam ser dele cobriram meus ombros. — Eu não tinha muitas opções...

— Era porque você não queria mais ficar sob os holofotes? — perguntei, me lembrando de uma conversa anterior que tivemos.

Ele soltou um resmungo em confirmação.

— Ser treinador foi a única coisa na qual concordamos. Pouco tempo, algo temporário. Pareceu ser a melhor opção. — Kulti fez uma pausa enquanto a ponta dos dedos roçava meus músculos do trapézio. Aquilo me fez rir, o que resultou no alemão enterrando os dedos nos músculos. — Um amigo meu sugeriu o futebol feminino. Eu dei uma pesquisada...

Eu teria que me lembrar daquilo mais tarde. Não fiquei surpresa de ele ter admitido sua pesquisa sobre o futebol feminino. É claro que ele não tinha familiaridade com aquilo.

— ... e o futebol feminino dos Estados Unidos sempre aparecia como o melhor — ele completou, mas alguma coisa me incomodou.

Algo naquela história não fazia sentido.

— Por que você não entrou para a equipe técnica da seleção? — perguntei, mesmo enquanto seus dedos iam fundo nos meus ombros e, puta merda, aquilo era ótimo. Fazia meses que eu tinha recebido uma massagem pela última vez.

O alemão soltou um suspiro que chegou aos meus pés.

— Alguma coisa, algum dia, já foi suficiente para você? — A voz dele soou conformada.

Ele sabia a resposta.

— Não. — Então, pensei nisso e em sua relutância, e arfei. — *Eles não te aceitaram?*

— Não, tolinha. — Ele tinha me chamado de tolinha enquanto fazia uma massagem que estava deixando minhas pernas moles, então não levei para o lado pessoal. Na verdade, era meio que seu jeitinho carinhoso de falar comigo. — É claro que teriam me aceitado se eu tivesse pedido.

Como raios eu cabia no mesmo cômodo que o ego dele, eu não fazia ideia.

— Se eu não acredito que posso ganhar, nem me envolvo — ele declarou. Revirei os olhos, apesar de Kulti não poder me ver.

— E quem é que gosta de perder? Eu entendo.

Aqueles dedões mágicos deslizaram fundo na minha omoplata.

— Eu sei que você gosta.

— Certo... então...

Ele parou todos os movimentos com os dedos longos; o calor das palmas ásperas irradiando pela minha pele e, de alguma forma, chegando até os ossos.

— Você é a melhor atacante do país, *schnecke*. Procure “melhores gols no futebol feminino” e quatro dos dez primeiros são seus. Eu não perderia meu tempo com nada nem ninguém que não fosse o melhor. Com mais treino e um treinador melhor, você poderia ser a melhor atacante do mundo.

Ele não iria...

Foi como se meu cérebro tivesse parado de funcionar.

Abri e fechei a boca, sem saber o que falar.

— Eu vim para o Pipers por sua causa.

O que a gente dizia em resposta a isso, caramba?

Será que havia uma resposta?

Era como se o mundo tivesse desaparecido debaixo dos meus pés. Parecia que meus pulmões tinham sido perfurados e abandonados. “Abalada” não começava nem sequer a explicar como eu me sentia.

Controle-se, Sal.

Ofegante e trêmula, soltei a barra do fogão e, devagar, me virei para encarar Kulti. *Foco. Não faça uma tempestade em copo d’água.* Droga, era muito mais fácil falar do que fazer. Aquilo era meu sonho quando eu era criança. Ser notada pelo Rei... vestígios de uma Sal mais nova ainda existiam em mim, regozijando-se e jogando confetes no ar com o que ele tinha acabado de dizer. Eu não conseguia pensar naquilo, não naquela hora e, provavelmente, nunca.

Eu vim para o Pipers por sua causa.

Jesus Cristo. Eu tinha que manter o controle. *Foco.*

— Eu não sou a melhor, mas esse não é o ponto. Você não reconheceu

meu sobrenome quando viu o vídeo?

Ele deu um sorriso que poderia ter parecido acanhado, se Kulti fosse capaz de se sentir acanhado. Não era. Foi mais um sorriso com ar de superioridade.

— Eu não me lembro de todos os jogadores que já machuquei, Sal, e nem quero me lembrar.

Aquilo não era nem um pouco surpreendente. Ainda assim, balancei a cabeça.

— Você é de outro mundo, pão de centeio. — Meus ombros relaxaram ao analisar o rosto seríssimo a muitos centímetros acima do meu. — Então você veio para o Pipers mesmo sabendo que não gostava do papel de treinador. — De propósito, pulei a parte sobre ele ter escolhido nosso time.

— *Ja.*

— E continua nos odiando.

O alemão ergueu um ombro no gesto mais presunçoso da história.

— Algumas de vocês deveriam ter parado de jogar futebol há muito tempo. — Ele piscou. — E tem uma em quem eu adoraria dar um chacoalhão todos os dias.

Sorri para ele antes de erguer o braço e dar um soquinho em seu ombro.

— Acredite em mim, já tive vontade de socar seu rosto uma vez... ou cinco.

— Aí está aquele temperamento horrível de novo. Uma boa garota nunca deveria sequer pensar em socar alguém — ele disse com aquele sorriso idiota. — Quantas pessoas você já socou?

— Nenhuma — Jesus Cristo — em, pelo menos, uns dez anos. Pensei em fazer isso uma centena de vezes, mas nunca fui até o fim. Fala sério.

Ele me lançou um olhar que substituíra facilmente uma sobrancelha erguida, deixando claro o que achava do fato de eu ainda sequer *pensar* em fazer aquele tipo de coisa.

Babaca.

— É óbvio demais, e você sabe disso. Não tem como você se safar.

O alemão assentiu, concordando.

— Verdade. Em quantas jogadoras você já deu cotoveladas?

— O suficiente — respondi, dizendo a verdade e sabendo que meu número ainda era e continuaria sendo só uma fração do dele.

— Você é a que mais comete faltas no time — Kulti comentou, o que me deixou muito surpresa. — Mais do que Harlow.

Foi minha vez de dar de ombros.

— Sim, mas não é porque eu saio dando cotoveladas em todo mundo a torto e a direito. Não faço isso desde criança, quando fui expulsa de uma liga por essa razão — expliquei a ele com um sorriso.

— Quanta raiva para um corpo tão pequeno. — Um sorriso diminuto surgiu em seus lábios. — E seus pais? O que acharam disso?

— Minha mãe encheu meu saco. Meu pai também, mas só quando ela estava perto. Quando não estava, ele me cumprimentava e me dizia que a outra garota tinha merecido. — Nós dois rimos. — Eu amo aquele homem.

Kulti deu um sorriso suave e recuou um passo para tirar duas tigelas do armário. Lancei um olhar a ele enquanto servia metade da pipoca em cada uma, então segui-o até o sofá, onde nos acomodamos nos mesmos assentos de antes. Sabendo que eu estava abusando da sorte, decidi me arriscar.

— E seus pais? Eles iam aos seus jogos? — Lembrei que, quando eu era criança, no ápice da carreira dele, as câmeras focavam em um casal mais velho nas arquibancadas, deixando claro que eram os pais de Reiner Kulti.

— Meu pai trabalhava muito, e quando fui para a academia, era longe demais de casa. Foram ao máximo de jogos que puderam, mas me acompanhavam mais pela TV — ele disse, com a boca cheia de pipoca.

Bem, eu tinha recebido informações mais do que suficientes por um dia. O que Kulti não disse foi que os pais não iam a muitos de seus jogos quando era mais novo, mas, quando ficou mais velho, os pais iam sempre que ele pagava. Pelo menos, foi o que assumi pelo jeito que ele falou: — Todo mundo saiu ganhando.

Tenho certeza de que não imaginei a amargura em suas palavras. É claro, tive que redirecionar o assunto para um tópico mais seguro.

— Mais uma pergunta e vou parar de ser enxerida. — Talvez ele tivesse assentido, mas eu estava ocupada demais comendo pipoca para ter certeza. De jeito nenhum eu conseguiria perguntar aquilo a ele de um jeito sério. — Você não foi por que não quis naquele jogo contra Portugal antes de se

aposentar, ou estava mesmo doente?

Sua resposta foi exatamente o que esperei: ele jogou uma almofada no meu rosto.



As duas semanas seguintes ocorreram de acordo com o esperado. Os treinos foram bons, Harlow e Jenny finalmente terminaram de cumprir suas obrigações com a seleção, e o Pipers ganhou os dois jogos seguintes da temporada. Trabalhei, me exercitei e Kulti veio me visitar quase toda noite. Assistíamos à TV ou irritávamos um ao outro jogando Uno ou pôquer, que ele me ensinou. Algumas noites, Kulti aparecia bem quando eu estava prestes a começar a prática de ioga. Ele me ajudava a mover o sofá e fazia as posturas comigo.

Tudo correu bem, foi tudo divertido e fácil.

Eu amava rotinas e saber o que esperar na maior parte do tempo.

Só havia dois pontos negativos, e os dois giravam em torno de mulheres.

As garotas no Pipers me olhavam esquisito e diziam coisas quando pensavam que eu não estava ouvindo. Em alguns dias, precisei de todas as minhas forças para ignorá-las; em outros, eu só sorria para elas e me lembrava de que poderia dormir tranquila à noite sabendo que eu não tinha feito nada do que me envergonhar. Alguns dias eram mais fáceis do que outros, mas, enquanto continuássemos jogando bem como um time, eu engoliria tudo e manteria a matraca fechada. Harlow, por outro lado, não tinha problema algum em dizer às mais jovens para cuidarem da própria vida e focarem no futebol, não em espalhar fofoca. Fez tudo aquilo sem me perguntar nem uma vez sequer o que estava acontecendo entre mim e Kulti.

Os e-mails tinham voltado a chegar. Começou com só uma ou duas mensagens das fãs do alemão, mas, em pouco tempo, viraram três ou quatro. Quando a foto que meu pai tinha tirado de todos nós naquele jantar começou a circular, ficaram tão frequentes que parei de ler os e-mails das pessoas que eu não conhecia. Não disse nada para ninguém. Não quis contar. Quanto menos atenção eu chamasse para nós dois, melhor, imaginei.



— Puta merda.

Girei e vi o que tinha feito a professora da sexta série xingar, e congelei.

É sério, eu congelei.

— Puta merda — repeti as mesmas exatas palavras que haviam acabado de sair da boca da outra mulher.

Era o alemão caminhando pelo campo do ensino fundamental. Aquilo por si só já teria sido um momento “puta merda”, se eu não estivesse acostumada a vê-lo o tempo todo. Mas havia dois homens andando ao seu lado. Um era outro alemão que vi jogando diversas vezes enquanto crescia, e o outro, um espanhol que eu conhecia e que, por acaso, tinha um comercial de perfume passando na televisão.

Eles faziam cocô. Todos eles faziam cocô. Cada um deles.

Respirei fundo e olhei através do campo para os quatro professores que tinham se voluntariado para ajudar no acampamento de futebol naquela manhã de sábado. Quatro pequenos gols tinham sido montados cerca de meia hora antes, em preparação para as vinte crianças que tinham feito a pré-inscrição.

Meu Deus, ele havia trazido aqueles homens e não tinha dito nada na última vez que nos vimos. Mas, por outro lado, nenhum de nós voltou a tocar no assunto desde que tínhamos falado naquilo, há duas semanas. Não quis que ele se sentisse obrigado a fazer nada.

Ainda assim, ali estava ele com seus amigos. Não com quaisquer amigos, mas *eles*.

De jeito nenhum eu ficaria totalmente de boa com aquilo. De jeito nenhum Kulti deixaria de notar que eu estava emocionada. Da forma que a boca dele ficou tensa quando parou a alguns metros de mim, ignorando os dois professores bem ao meu lado, ele sabia de tudo.

Agarrei seu antebraço assim que chegou perto o bastante e apertei com força, esperando que compreendesse tudo o que eu estava sentindo, tudo o que eu queria dizer, mas não podia. Pelo menos, tudo o que eu não tinha como colocar para fora naquele instante.

— Oi — consegui dizer em uma voz que soava igualzinha à minha e nada

como se eu estivesse quase sujando a calça. — Obrigada por vir.

O alemão inclinou a cabeça para baixo em confirmação.

Voltando minha atenção aos outros homens, pensei comigo mesma de novo: *cocô, cocô, cocô*. Por sorte, sobrevivi.

— Oi, Alejandro — eu disse, quase timidamente.

O espanhol precisou de um instante me encarando antes de cair a ficha de que nos conhecíamos.

— Salomé? — ele perguntou com hesitação. Sinceramente, fiquei surpresa por ele se lembrar do meu nome; eu não tinha dúvida de que ele havia conhecido milhares de pessoas desde a última vez que nos vimos, e não era como se fôssemos melhores amigos. Nós dois éramos patrocinados pela mesma empresa de roupa atlética. Há uns dois anos, nossas sessões de fotos tinham sido marcadas para a mesma hora.

— É muito bom te ver de novo — eu falei, estendendo a mão em um cumprimento.

O que eu não vi foram os olhos quase castanhos indo de um lado ao outro entre mim e o espanhol.

Alejandro rapidamente a apertou, permitindo-se dar um grande sorriso.

— *¿Cómo estás?* — ele perguntou naquele sotaque rápido e suave dos espanhóis que era um pouco estranho para mim.

— *Muy bien, ¿y usted?*

Antes que ele pudesse responder, o outro recém-chegado se intrometeu: — *Hablo español tambien* — ele disse, em um sotaque mais pesado, mais parecido com o espanhol da América Central com o qual eu estava acostumada.

Sorri para ele.

— Oi. É um prazer conhecê-lo — cumprimentei Franz Koch, que tinha sido um dos craques da Liga Europeia havia uma década. Com seus quarenta e poucos anos, ele tinha sido o capitão da seleção alemã anos atrás.

Se a memória não me falhava, ele tinha sido um monstro.

— Franz — o homem disse, segurando minha mão. — É um prazer conhecê-la.

Pigarreei para me impedir de grasnar e consegui sorrir.

— Ah, eu sei quem você é. Sou uma grande fã. Muito obrigada por vir. — Cocei a bochecha enquanto dava um passo para longe deles. — Obrigada a todos por virem. Não sei nem o que dizer.

Meu alemão, por sorte, sabia muito bem o que precisava ser feito, porque foi em frente e falou: — Vamos fazer o que você planejou, mas, em vez disso, nos dividiremos em dois grupos.

— Tudo bem. — Assenti. — Vai funcionar. As crianças já devem estar chegando. — Um sorriso explodiu no meu rosto quando os dois convidados inesperados assentiram em concordância. Eles estavam ali para o meu acampamento. — Tudo bem por vocês, rapazes?

Concordaram na mesma hora. Alejandro e Kulti foram para um time — não deixei de notar como o meu alemão foi rápido em reivindicar o espanhol — e Franz e eu, para o outro.

Acabou sendo o dia mais divertido que tive em qualquer acampamento juvenil, na vida toda.

Foi um sonho trabalhar com Franz, que não tinha um grama sequer de ego e compreendia que aquilo era por diversão. Excelente no trabalho em equipe e na liderança, ele passava a bola por livre e espontânea vontade, brincava com as crianças usando seu sotaque, até mesmo falando como Arnold por alguns minutos. Ele realmente sentia prazer em orientar o pessoal. Rimos, sorrimos e trocamos vários “toca aqui” um com o outro e com as crianças durante a partida.

Do outro lado do campo, para onde havíamos levado os gols, ouvi Kulti e Alejandro discutindo entre si em um espanhol rápido vez ou outra. As crianças, em sua maioria hispânicas, caíam no riso com seja lá o que os dois estivessem dizendo.

Mais importante, as crianças pareciam radiantes.

Todo mundo conhecia Kulti e Alejandro. Franz foi quem recebeu menos palmas quando eu o apresentei, mas ele conquistou os meninos e meninas que tinham feito caretas quando acabaram caindo no nosso time e não do das duas superestrelas.

Foi incrível. Se eu estava feliz? Com certeza. Quando as três horas acabaram, parecia que eu tinha ganhado um milhão de dólares. As crianças partiram mais animadas do que nunca, os pais admiraram de seus lugares na

lateral do campo, e até todos os treinadores estavam sorrindo.

Ergui a mão, e Franz encontrou a minha em um cumprimento bruto assim que todas as crianças e professores voluntários haviam tirado fotos com a gente.

— Muito obrigada por terem vindo. Significa muito para mim.

— De nada. Eu me diverti bastante — ele disse com um sorriso sincero.

Estendi a mão para Alejandro.

— Obrigada também. Essas crianças... — Não consegui me impedir de sorrir. — Vocês fizeram o dia delas. Obrigada.

O espanhol apertou minha mão.

— Imagine, Salomé. Eu me diverti. Só que, da próxima vez, prefiro fazer dupla com você — ele disse, inclinando a cabeça na direção do alemão parado ao seu lado. — Ele é uma pessoa difícil.

— Ele é um pé no saco todos os dias. — Inclinei-me na direção de Kulti, acertando seu braço com meu ombro.

Não deixei de notar o passinho que ele deu para longe de mim, nem a expressão que exibiu ao fazê-lo. Sua testa se enrugou, e ele me olhou de lado quase que com repulsa.

Como assim? Ele tinha mesmo dado um passo para longe de mim? Entendi.

Meu pobre coração não tinha saudade do quanto suas ações me faziam sentir péssima. *Certo, então*. Aparentemente, ser brincalhona com ele só era permitido quando estávamos sozinhos.

Pude sentir o sorriso no meu rosto minguar pela segunda vez antes de colar um ainda maior por cima daquele.

Bem.

Era constrangedor.

Voltei a olhar para Franz e Alejandro, sem certeza quanto ao que fazer, já que Kulti estava agindo de maneira estranha.

— Obrigada, pessoal, por terem vindo. Vocês não sabem o quanto isso significa para mim. Se houver algo que eu possa fazer por qualquer um de vocês, por favor, avisem. — O sorriso brilhante que dei a eles foi genuíno. Estendi os braços, sabendo que pelo menos o espanhol me daria um abraço. Ele tinha me dado um mais cedo.

E não me deixou na mão. Um pouco molhado e suado, Alejandro deu um passo em frente e me envolveu com seus braços ao redor dos ombros em um abraço amigável.

— *Fue um placer verte otra vez, linda.*

Ergui os olhos na sua direção quando ele começou a se afastar e sorri.

— É sempre um prazer — respondi, em espanhol. — Obrigada de novo.

Mal tínhamos nos afastado quando Franz avançou e me agarrou para um grande abraço, levantando-me do chão.

— Obrigado por me receber. — Ele me desceu, as mãos amplas envolvendo meus ombros enquanto dava um passo para trás. — Vou ao seu jogo hoje à noite. Mal posso esperar para te ver jogar.

Meus olhos se arregalaram, mas assenti.

— Isso é ótimo, e um pouco estressante. Obrigada. — Olhando para meu relógio, fiz uma careta. — Falando nisso, é melhor eu ir e me preparar. — Dei outro passo para trás e sorri para os dois homens antes de voltar minha atenção para Kultí.

Ele, que estava parado com a língua na bochecha, tinha os braços cruzados no peito. Estava irritado. Notei pela forma como seus olhos estavam semicerrados.

Com o que ele estava irritado? Será que era porque tentei brincar com ele na frente dos amigos? Tudo bem se fosse na frente da minha família, mas não na frente de pessoas que ele conhecia? Deixei aquilo de lado e ignorei sua expressão, dizendo: — Obrigada por tudo, Rey. — Porque eu estava mesmo grata, de verdade. Só queria que ele não agisse daquele jeito estranho na frente dos amigos.



Uma certa mão tocou meu braço, enquanto eu caminhava em direção ao vestiário depois do jogo do Pipers naquela noite.

Pisquei, então, sorri, ainda tomada pela alegria da vitória.

— Oi, Franz.

O alemão mais velho estava parado do outro lado do parapeito que separava a arquibancada do restante das jogadoras que andavam pela rampa a caminho do vestiário.

— Salomé. — Ele balançou a cabeça, dando um sorriso gentil que me deixou muitíssimo confortável. — Seus vídeos não te fazem justiça. Seu trabalho com os pés e sua velocidade são fantásticos.

Qual era a de todos aqueles elogios recentemente?

Antes que eu pudesse digeri-los, Franz continuou: — Você favorece muito seu pé direito. Eu também. Conheço alguns truques que eu poderia te ensinar. Está livre amanhã?

Franz Koch queria me mostrar alguns truques. Eu nunca diria não a alguém que estivesse me oferecendo conselhos.

— Sim, é claro. Estou livre o dia todo amanhã.

— Excelente. Não conheço a cidade. Sabe onde poderíamos nos encontrar?

— Sim, sim. — Se minha voz parecia entusiasmada demais, não dei a mínima. Não dei a mínima *mesmo*. Tagarelei o nome de um parque e, depois de repeti-lo duas vezes, digitei-o no celular que ele me entregou.

O segundo alemão a aparecer na minha vida sorriu enquanto pegava seu celular de volta, assentindo.

— Amanhã às nove, se estiver bom para você.

Ah, cara.

Por dentro, eu estava gritando de animação; por fora, esperava que eu parecesse só um pouquinho idiota.

— Com certeza está bom. Obrigada.

Quando cruzei o olhar com Kulti no vestiário, quase abri a boca para contar a ele que me encontraria com Franz no dia seguinte, mas, pelo seu olhar, decidi ficar de boca fechada. Ele parecia estar sempre nervoso desde que havíamos nos despedido no acampamento de futebol juvenil, e eu não fazia ideia de que merda tinha rastejado para dentro de sua bunda e morrido.

Nem precisava dizer que decidi, quando estava de volta em casa, que não me daria o trabalho de tentar descobrir o motivo.

Eu havia tentado ser brincalhona com ele, e ele agira como um linguição. Então, que fosse. *Que assim fosse.*



Eu estava morrendo.

Ah, meu Deus. Eu estava morrendo. Aproximadamente três horas de vários exercícios com e contra Franz quase me mataram. A morte se aproximava, eu sentia.

— Quantos anos você tem mesmo? — perguntei. Nós dois estávamos sentados, pernas cruzadas, um de frente para o outro, no parque mais próximo da minha casa.

— Quarenta e quatro.

— Jesus Cristo — respondi, rindo, e coloquei as mãos atrás das costas para me reclinar. — Você é incrível, é sério.

— Não. — Ele imitou meu movimento. — Você que é. Com tempo e um treinamento melhor... — Ele balançou a cabeça. — Reiner disse que você não joga na seleção. Por quê?

Eu trouxe as pernas até o peito e olhei para o amável homem mais velho. E, por alguma razão que não compreendi direito, contei a ele: — Tive um problema com uma das outras garotas no time, e fui embora.

— Eles a deixaram ir embora por causa de um problema com outra jogadora? — Ele recuou, o sotaque pesando mais.

— Sim. Ela era uma das jogadoras que estava sempre escalada, e eu era bem nova naquela época. Ela disse que era ela ou eu, e fui eu. — É, magoava um pouco ser tão honesta em relação àquilo.

— Acho que isso é a coisa mais idiota que já ouvi. — Franz me encarou, como se parte dele esperasse que eu dissesse: “É brincadeira!”. Mas não era, e, depois de um minuto, a ficha dele, por fim, caiu. Pareceu genuinamente espantado. O alemão mais velho endireitou a postura, dando-me toda sua atenção. — Então por que você ainda está aqui?

— Como assim?

— Por que está jogando nesta liga, se não pode jogar na seleção?

Pisquei para ele.

— Eu tenho um contrato com o Pipers.

— E quando acaba? — ele indagou, totalmente sério.

— Na próxima temporada.

Seu nariz se franziu por um milésimo de segundo.

— Você já pensou em jogar em outro lugar?

— Fora dos Estados Unidos? — Comecei a mexer nas minhas meias, suas perguntas me deixando curiosa quanto à direção daquela conversa.

— Sim. Existem times femininos na Europa.

Eu me reclinei e balancei a cabeça.

— Conheço algumas garotas que jogaram lá, mas nunca pensei muito nisso. Meu irmão está emprestado na Europa agora, mas... não. Nunca pensei nisso. Minha família está aqui, e sempre fui feliz aqui. — Até recentemente.

Franz me olhou sério e me disse dezesseis palavras que me assombrariam nas semanas seguintes: — Você deveria pensar em jogar em outro lugar. Vai desperdiçar seu talento e sua carreira aqui.

Mais tarde, eu me perguntaria por que, de todas as pessoas na minha vida, eu havia escolhido falar com Franz sobre minha carreira, mas, no fim, algo em mim decidiu que ele tinha sido a melhor opção. Seu ponto de vista era mais imparcial do que qualquer outro. Até poderia se importar um tantinho com o meu futuro — ou menos que isso —, mas estava me dando uma visão clínica. Estava me dizendo o que *ele* faria, qual seria a melhor opção sem levar todo o resto da minha vida em consideração. Não meus pais, meu trabalho, o Pipers nem nada.

Jogar em outro lugar?

Dei um longo suspiro e respondi a ele com tremenda honestidade: — Eu não sei.

— Não dê os melhores anos da sua carreira para uma liga que não aprecia seu talento. Você deveria estar jogando na seleção, em qualquer seleção. Você conseguiria. Não é complicado. Jogadores fazem isso o tempo todo.

Ele tinha razão. Jogadores faziam mesmo aquilo o tempo todo. Eu não seria a primeira e, com certeza, nem a última a jogar por um país diferente. Os fãs não se importavam. Não se importavam desde que a pessoa jogasse bem.

— Pense bem nisso, Salomé — ele disse em uma voz gentil e encorajadora.

Eu me vi assentindo, me sentindo confusa e um tantinho emocionada com a nova possibilidade. Jogar em outro lugar, em um país diferente. Aquilo soava um pouco assustador.

— Vou pensar. Obrigada.

— Ótimo. — Franz sorriu. — Estou na cidade pelos próximos três dias. Você está livre amanhã para a segunda rodada?



Eu estava dirigindo para casa quando meu pai ligou. Deixei cair na caixa postal e esperei até parar em um sinal vermelho para ligar de volta.

— Oi, papai — eu disse no autofalante quando ele atendeu.

— Salomé...

Ah, meu Deus. Ele tinha usado meu nome completo. Me preparei.

— Você conheceu o Alejandro? — ele enunciou cada palavra bem lentamente. O fato de que tinha optado pelo primeiro nome do homem dizia mais do que o bastante sobre o quanto ele era popular. Era como “Kulti”, todos o conheciam só por um nome.

— Eu tenho uma foto para mandar! — revidei na mesma hora, antes que ele enchesse muito meu saco.

Meu pai me ignorou.

— E o Franz Koch?

Suspirei.

— Sim.

Ele não disse nada depois daquilo, e suspirei outra vez.

— Eu não fazia ideia de que eles viriam. — Aquilo soou patético até para meus ouvidos. — Pai, desculpa. Eu deveria ter ligado para você e mandado fotos. Foi Kulti quem os trouxe, e fiquei tão surpresa que não pensei direito. O Pipers teve uma partida depois e... não fique chateado comigo.

— Não estou chateado.

Ele estava decepcionado. Eu sabia que ele gostava de saber de tudo. Gostava de ficar por dentro das fofocas antes de todos, e eu o havia decepcionado e o feito descobrir por outra pessoa que dois jogadores superestrelas tinham se voluntariado no meu acampamento de futebol.

— Seu tio me enviou a foto — ele disse, o que explicava tudo. Meu pai não era muito fã do irmão da minha mãe.

Aff.

— Franz veio ao nosso jogo ontem e perguntou se poderia me dar umas dicas pessoalmente — continuei. — Jogamos por três horas. Eu achei que fosse morrer.

— Só vocês dois? — ele perguntou em uma voz suave, provavelmente, no mesmo volume que uma pessoa normal falava.

— É.

— Foi ele quem te chamou para jogar?

— Foi. Ele disse que meu trabalho com os pés é fantástico. Dá para acreditar?

Meu pai ficou radiante.

— Dá, sim.

Sorri no celular.

— Bem, eu não acreditei. Ele me perguntou se eu estava livre amanhã para jogarmos de novo.

— É bom você ter dito sim — ele resmungou, ainda tentando soar irritado.

— É claro que eu disse sim. Não sou tão burra...

Meu pai fez um barulho.

— Hum.

— Está bem, entendi. Pai?

— ¿*Qué?*

— Ele me perguntou por que nunca considerei jogar em uma liga diferente. — As palavras de mais cedo tinham semeado o caos no meu cérebro. — Ele disse que eu estava perdendo tempo aqui, já que não jogo na seleção.

O problema era que os pais, especialmente os que amavam seus filhos de uma forma que alguns poderiam considerar “exagerada” — se isso fosse possível —, às vezes, eram egoístas. Outras vezes, era possível ouvir a dor originada por colocar o bem-estar de seus filhos acima dos próprios desejos. Então eu não sabia muito bem como meu pai reagiria ao que eu estava dizendo. Mas sabia, lá no fundo do coração, que meu pai sempre fazia o que era melhor para mim, mesmo se isso lhe custasse tempo, dinheiro e até dor no peito. É claro, ele tinha ficado todo animado com Eric indo para a Europa, mas Eric não era eu.

Enquanto eu talvez fosse seu bebê, eu era sua Sal. Éramos o melhor amigo e o confidente um do outro. Meu pai e eu éramos uma gangue de dois.

Continuei, e contei a ele sobre Cordero, Gardner e o Pipers falando de mim por conta da minha amizade com o alemão. Quando cheguei à entrada da minha garagem, meu pai sabia de tudo. Não fiquei totalmente surpresa quando me senti aliviada ao tirar tudo aquilo do peito.

— Eu não sei o que fazer — admiti.

Não houve qualquer hesitação do seu lado.

— *Hijos de su madre* — ele rosnou. — Você nunca... — Meu pai soltou um grunhido exasperado de frustração. — Você nunca faria isso.

Suspirei.

— O que eu deveria fazer? Não fiz nada de errado, e parte de mim não quer ir embora...

— *Mi hija*. — Minha filha. — Faça o que for melhor para você. Sempre.



— Cinco! Quatro! Três! Dois! Um!

Meu braço tremia quando, por fim, deixei-o cair. Flexões, malditas flexões. Flexões com um braço só eram o pão que o diabo tinha amassado. Gemi e rolei de costas, jogando os braços para os lados para relaxá-los, mas não ajudou muito. Tinha passado as últimas três tardes seguidas jogando com Franz Koch, e o cara havia acabado comigo. Adicionasse a isso dois dias de trabalho e treino. Qualquer um ficaria cansado.

— Trinta segundos, meninas! — gritou Phyllis, a preparadora física psicopata.

Ah, Deus.

— Quinze segundos!

Rolei de novo sobre a barriga e espalmei as duas mãos no chão, sentindo a grama curta ser triturada sob as palmas.

— Cinco segundos! Todas na posição da prancha se já não estiverem.

Ela era doida.

— Para cima! Postura ampla! Para baixo! É melhor eu ver o peito de vocês tocando o chão! — ela berrou, caminhando entre os diversos corpos que se abaixavam, inclusive o meu. Meus braços queimaram ao descer,

bíceps e ombros pegando fogo. — Casillas! Estou vendo seus braços tremerem? Porque eu sei que não estou vendo seus braços tremerem!

Cerrei os dentes e desci ainda mais ao chão, braços tremendo e tudo, porque até parecia que eu ia parar.

Ainda mais quando Phyllis começou a ladrar: — Roberts! Glover! É melhor vocês colocarem esses braços magricelas embaixo do corpo e se levantarem. Isto aqui não é uma aula de Educação Física do ensino médio! Levantem-se!

Aula de Educação Física do ensino médio?

Os dois minutos contínuos de flexões me deixaram ofegante quando acabaram. Levei os joelhos para baixo de mim e finalmente me apoiei sobre os pés com um bufo cansado.

— Você podia ter se esforçado mais — alguém opinou ao passar andando.

Ergui os olhos e descobri que era o alemão quem tinha feito aquele comentário adorável.

Ele estava longe demais para que eu respondesse, então fiquei quieta e me levantei. O fato de que ele não tinha dito mais de cinco palavras para mim desde o dia do acampamento juvenil havia me dado nos nervos. Demais. Eu não havia feito nada para chateá-lo, além de brincar, e ele tinha se fechado. Se estava nervoso com aquilo, então precisava superar, droga. Tínhamos criado o hábito de passar a maior parte dos dias juntos e, de repente, nada?

Revirei os olhos e balancei a cabeça.

O que é que eu estava fazendo, de verdade?

Eu amava jogar. Mas não amava o drama que vinha junto com isso. Jogava há tempo o bastante para saber que nenhuma associação era perfeita e que todo time tinha suas sementes ruins, mas...

— Tudo bem com você, Sally? — Harlow perguntou com um tapinha nas minhas costas.

Assenti para minha amiga.

— Estou bem, só um pouco cansada. E você?

— Estou sempre bem — ela alegou. — Mas você tem mesmo certeza de que está bem? Anda parecendo um pouco irritada.

— Sim, estou bem. É só que algumas das garotas... elas torram a minha

paciência, Har. Só isso.

A zagueira assentiu, os lábios se contraindo.

— Ignore-as, Sally. Elas não valem a pena. Faça o que precisa e não se preocupe, deixe os outros lidarem com isso. — Ela me deu mais um tapinha nas costas. — Agora, me conta desse tal de Alejandro que foi ao seu acampamento. A bunda dele é tão grande pessoalmente quanto parece na TV?

Aquilo me fez rir.

— Ah, é, sim.

Ela soltou um assobio baixo.

— Que bunda, Sal. Caramba. Não vou nem mentir, fiquei com um pouco de inveja quando você não me contou que ele ia participar do acampamento. Eu teria aparecido com uma espreguiçadeira e um pouco de pipoca.

— Obrigada — eu disse com sarcasmo. — Da próxima vez que eu precisar de você em algum lugar, vou me certificar de arranjar uma boa e velha bunda para que você tenha algum incentivo para aparecer.

Harlow riu.

— E o Franz? — ela perguntou enquanto caminhávamos até nossas bolsas. — Como é a dele?

— Bem impressionante. — Por alguma razão, ergui os olhos no meio da frase e vi Kulti parado bem ao lado de Gardner, e ele me observava.

O que não disse era que a de Kulti era a melhor de todas.



— Vocês todas acordaram hoje e decidiram jogar que nem umas babacas? Não era Kulti falando, era Gardner.

O jogo naquela noite tinha realmente sido péssimo. Gardner acreditava piamente no incentivo positivo. Elogiava as jogadoras que tinham feito algo bom, e as instruía quando o contrário acontecia.

Nós tínhamos arruinado o jogo. Havia sido um fiasco.

Ele tinha razão. Era como se todas as jogadoras do Pipers tivessem acordado naquela manhã e decidido jogar como se não se suportassem. Não houve qualquer comunicação entre nenhuma de nós, nenhum senso de trabalho em equipe, nenhum esforço real.

Para ser honesta, fiquei bem mais aliviada por ter sido um jogo fora de casa. Pelo menos, nossos fãs não tiveram que assistir ao desastre se desenrolar pessoalmente.

— Eu não faço ideia do que dizer a todas vocês — Gardner continuou seu discurso. — Eu não *quero* dizer nada. Não quero nem olhar para vocês — ele disse em uma voz letalmente calma antes de olhar para os outros treinadores diante dele. — Se alguma de vocês conseguir pensar em algo, por favor, sintase à vontade para falar. Estou completamente sem palavras.

Caramba.

— Vocês foram uma vergonha — Kulti adicionou, assim que Gardner parou de falar. Estava parado a duas pessoas de distância de Gardner. As mãos nos quadris, o rosto mais sério do que nunca. — Foi o pior jogo que já vi. A única pessoa que parecia estar se importando hoje era a 13, mas o resto — seus olhos encontraram os meus do outro lado da sala e permaneceram ali — foi uma desgraça.

É. *Aquilo* me atingiu bem no peito. Eu estava bem ciente de que ele

olhava diretamente para mim ao fazer seu comentário hostil. É claro, não tinha sido meu melhor jogo, nem perto disso, mas não tínhamos perdido por minha causa.

A única coisa errada que fiz foi explodir com Genevieve no meio do jogo. Depois que errei minha segunda finalização da noite, ela disse alto para que eu escutasse: — Acho que quem está de caso com a equipe técnica não é substituído.

Se eu poderia ter ignorado? Sem dúvida, mas, durante o treino antes do jogo, ela havia trombado comigo em alguns exercícios de passe por nenhuma razão aparente, e não tinha se desculpado. Segundos depois, tinha feito a mesma coisa de novo. Todo mundo tinha um limite, sério.

Imaginei que mandá-la cuidar da própria vida e focar no jogo poderia ter sido muito pior, mas, aparentemente, não. Gardner, por fim, havia me tirado do jogo faltando quinze minutos para o fim do segundo tempo.

Eu não arranjaría desculpas. Fiquei sentada ali, no vestiário, de boca fechada, enquanto o outro auxiliar técnico repetia tudo o que Gardner e Kulti tinham falado, mas de uma forma muito mais construtiva. Sua abordagem era mais “estou decepcionado com vocês”, em vez de “vocês são todas um lixo”, como os outros dois.

Jenny Milton, a número 13, estava sentada ao meu lado; ela me cutucou com o cotovelo assim que terminou de tirar a faixa das mãos. Tínhamos perdido porque não havíamos marcado nenhum gol e porque nossas zagueiras não ajudaram Jenny quando o time de Cleveland avançou em direção ao gol. Ela não tinha conseguido bloquear todas as tentativas, e de jeito nenhum aquilo era culpa dela. Ela realmente tinha sido a única que não havia estragado tudo.

— Foi brutal — ela murmurou, me encarando com olhos arregalados.

— Estou até um pouco ofendida — concordei, curvando-me para tirar as meias.

Jenny inclinou discretamente a cabeça na direção de Genevieve.

— O que foi que ela disse para você durante o jogo? — Acho que Jenny devia ser a única que não tinha ouvido.

— Ela falou uma idiotice sobre eu não ser substituída por causa do Kulti. — Mantive os olhos baixos enquanto tirava as chuteiras. — Ela só estava

sendo idiota. — Eu não estava muito no clima para conversar sobre aquilo, então me levantei e rapidamente me liberei do resto do uniforme, enrolando uma toalha ao meu redor antes de tirar a calcinha e o top esportivo. — Vou dar uma passada no chuveiro — eu disse a ela com um sorriso, para que não pensassem que eu não queria falar com ela. Só não queria conversar sobre o que Genevieve tinha dito.

Estava cansada daquilo. Cansada de um monte de coisas.

Na noite anterior, quando havíamos chegado ao hotel, eu me deitei na cama e pensei em tudo o que Cordero, Gardner, Kulti, Franz e meu pai tinham dito. Considerei ligar para Eric, mas, por fim, resolvi não ligar. Ele teria dito algo idiota sobre como tudo tinha sido culpa minha por ser amiga de alguém que ele odiava.

Aquilo não era uma merda? Eu tinha ficado muito amiga de um babaca temperamental que quase havia acabado com a carreira do meu irmão. É claro, meu pai tinha me dado sua bênção para seguir em frente sem me sentir culpada, mas ainda assim...

O pão de centeio não estava falando comigo por alguma razão que eu não compreendia.

Terminei de tomar banho e de me vestir e então dei o fora do vestiário em direção às vans que nos esperavam para nos levar de volta ao hotel. Eu tinha acabado de passar pela última porta, que dava acesso à saída, quando o vi esperando ali do lado, escondido nas sombras.

Eu me preparei mentalmente para qualquer idiotice que estava prestes a sair de sua boca. Minha intuição dizia que não seria nada bonito, mas não dava para saber, milagres aconteciam.

Assim que as portas se fecharam, a cabeça dele se virou na minha direção. Não soube o que dizer, então só puxei a bolsa mais para cima no ombro e continuei andando em frente.

Ele não emitiu som algum, então fiz o mesmo quando parei a alguns passos dali.

— Você quer me dizer alguma coisa? — perguntei, um pouco mais cortante do que havia pretendido.

Kulti me deu aquela piscada muito lenta.

— Que merda você tinha na cabeça hoje?

— Que a Genevieve estava agindo como uma otária e não como alguém que estava jogando em um time. — Dei de ombros. — E onde está o problema nisso, treinador?

— Por que você está falando “treinador” desse jeito? — ele disparou, notando meu sarcasmo.

Olhei-o por um segundo, então, fechei os olhos, dizendo a mim mesma para me acalmar. Tínhamos perdido e pronto. Não havia motivo para eu me irritar.

— Olha, não importa. Sei que não joguei nada bem, e estou cansada demais para discutir com você.

— Não estamos discutindo.

Meus pobres olhos se fecharam com força.

— Que seja. Não estamos discutindo. Vou entrar na van agora. Vejo você mais tarde.

— Desde quando você foge dos seus problemas? — Ele me segurou pelo pulso quando comecei a me virar.

Parei e encarei-o bem nos olhos, irritação fervilhando nas minhas veias.

— Eu não fujo dos meus problemas. Só que sei quando não vou ganhar uma discussão. Agora, não vou ganhar contra sua babaquice bipolar.

O queixo de Kulti caiu.

— Eu não sou bipolar.

— Tudo bem, você não é bipolar — menti.

— Você está mentindo.

Quase belisquei meu nariz.

— Sim, estou mentindo. Não sei se estou falando com você, meu amigo, que compreenderia o motivo de eu ter explodido com a Genevieve durante um jogo, com meu treinador, ou com o cara que conheci primeiro, aquele que não dá a mínima para nada. — Soltei um suspiro e balancei a cabeça. *Paciência.* — Estou cansada e vou levar tudo o que você disse para o lado pessoal. Desculpa.

Ele murmurou algo em alemão de que só entendi algumas coisas aqui e ali, mas foi o suficiente para eu ligar os pontos. Aquilo só serviu para me irritar ainda mais. Três anos de alemão no ensino médio tinham me ensinado algumas coisas.

Eu me virei e o encarei.

— A única coisa de que tenho certeza é que eu não sei qual diabinho é o seu problema ultimamente, mas eu cansei!

As narinas de Kulti se dilataram, uma veia pulsando no seu pescoço.

— Meu problema? *Meu problema?* — O sotaque dele ficava muito mais pesado quando ele estava nervoso; tive que prestar muita atenção para entender o que ele dizia.

— Sim! *Seu* problema. Seja lá que merda você enfiou na cabeça, está na hora de tirá-la daí.

— Não enfiei merda nenhuma na cabeça!

Eu quase fiz uma piada sobre como, sem dúvida alguma, não havia nada na cabeça dele, mas, no último segundo, decidi que estava nervosa demais para tentar amenizar a situação.

— Eu discordo. — Foi o que optei por dizer. — Você é meu melhor amigo em um minuto, mas, no outro, fica enojado quando tento brincar com você na frente dos seus amigos. Não vou deixar que escolha quando somos amigos ou não.

Levei alguns segundos para perceber que aquelas palavras tinham mesmo saído da minha boca. Eu não havia planejado tocar no assunto; não mesmo, mas... bem, tarde demais agora. Droga.

Eu era uma idiota.

— Entendo. Tudo bem. Podemos ser amigos em segredo, mas não podemos ser amigos em público. — Engoli em seco. — Olha, com certeza tem algo te incomodando, mas você não quer me contar, do mesmo jeito que não quer me contar mais nada. Não tem problema.

— Quem disse que eu não quero ser seu amigo em público? — ele soou surpreendentemente indignado.

— Você mesmo. Tentei tocar em você depois que terminamos de trabalhar com as crianças, quando estávamos perto de Franz e Alejandro, e você deu um passo para trás. Lembra? Nós sempre nos empurramos e brincamos, e, do nada, ficou claro que isso não era aceitável porque estávamos na frente dos seus amigos. Sei que não sou nenhuma grande celebridade nem nada assim, mas não achei que você fosse se afastar daquele jeito. Você me fez passar vergonha, e eu não costumo ficar com vergonha tão

fácil assim, entende?

Kulti cerrou as mãos ao lado do corpo, então, ergueu-as para cobrir os olhos.

— Sal — ele xingou em seu tom cheio de raiva. — Você disse que somos amigos, mas não pensou em me contar que está se encontrando com o Franz?

Aquilo era uma piada? Eu me obriguei a me acalmar.

— Eu o vi três vezes depois que você começou a agir como se eu estivesse com uma doença infecciosa e nunca mais tirou essa carranca do rosto. A gente nem estava se falando e você já estava andando por aí com ideias erradas na cabeça por alguma razão que eu não entendo, colega.

Aqueles olhos, o tom perfeito entre verde—*verde* e castanho-avelã, encararam o horizonte antes de Kulti repousá-los em mim.

— Ele é casado! — Kulti gritou abruptamente.

Meus olhos se arregalaram, e tive que inspirar fundo para controlar a raiva.

— Que diabos você acha que eu e ele estamos *fazendo*? — perguntei devagarinho.

Kulti mostrou os dentes para mim.

— Eu não faço ideia, porque você não me contou, porra!

Paciência. Puta merda, eu precisava de um montão de paciência.

Não a encontrei.

Eu a tinha perdido.

— Estávamos treinando, seu babaca! O que tem de errado nisso? — gritei para ele. Puta merda.

— Então por que vocês dois estavam agindo cheios de segredinhos? — rosnou ele, fúria iluminando seus olhos claros.

Meu olho começou a tremer.

— Nós fomos ao campo perto da minha casa. Ele me mostrou alguns exercícios que eu poderia fazer para melhorar o movimento da bola com o pé esquerdo, seu babaca *maldito*. Ele disse que eu deveria pensar em jogar na Europa, está bem? É essa a grande conspiração, o grande segredo, seu idiota. Ele disse que eu deveria ir para a Europa e jogar em um clube lá, assim eu poderia fazer parte de uma seleção nacional...

Não consegui ignorar a raiva vulcânica que jorrava dele. Tornou-se um farol para minha irritação e para a porcaria da minha curiosidade.

— O que você achou que estávamos fazendo, caramba? Dormindo juntos? Ele me encarou por tempo demais, e eu entendi a resposta.

Ah, meu Deus.

Eu dormindo com Franz. Não consegui absorver aquela suposição insensata. No que ele estava pensando?

— *Eu não acredito nisso.* Quem você acha que eu sou, porra? Alguém fácil? Você acha que vou dormir com qualquer cara que me der atenção? Eu já te falei que não faço isso! — gritei com ele. Não me importei que alguém do Pipers pudesse sair do estádio e nos ouvir, ou pior, alguém da imprensa. — Cacete!

— Europa? — Ele parecia prestes a ficar furioso. — Você poderia ter me pedido para treinarmos juntos quando quisesse!

— Te pedido? Quando? De acordo com oitenta por cento das jogadoras, você já mostra seu favoritismo por mim porque passamos tempo demais juntos. Se fosse me treinar nas horas vagas, isso se voltaria contra você, não é mesmo, Kulti?

— Eu já te pedi para não me chamar assim — ele advertiu, dentes cerrados.

— Mas é isso o que você é, não é? O treinador Kulti? — Minha mandíbula ficou tensa e dura. Eu não conseguia esquecer o que ele tinha dito. — Não acredito que você achou que eu estava pegando o Franz. Jesus Cristo. É sério. — Levei o punho até a boca e bufei fundo. — É sério, eu quero *muito* socar a sua cara agora.

— Eu não acredito que você considerou ir para a Europa sem falar comigo.

Dei um passo para trás, deixando suas palavras fazerem sentido. Europa era uma oportunidade melhor, e nós dois sabíamos disso. Não havia dúvida. Antes da Liga Profissional Feminina existir, as americanas iam para o exterior porque era o único lugar possível. Mas a verdade era que a maioria das atletas preferiria ficar perto de casa. Eu era uma delas.

Além disso, Kulti sempre tinha me dito que havia apenas uma pessoa no mundo com quem eu deveria me preocupar — eu mesma. Ainda assim, ali

estava ele me dizendo o contrário. Fazendo com que eu me sentisse mal por ter sequer considerado ir para a Europa sem antes mencionar algo a ele.

— Eu não disse que vou; ele só tocou no assunto. Seria uma ótima oportunidade, caso eu quisesse deixar minha família, o que não quero, mas...

— Eu estava incerta. — Por que você está agindo assim? Eu não te encho o saco por causa de coisas das quais você não quer falar, que é praticamente tudo. E mais, você é meu amigo; achei que fosse ficar feliz por alguém tentar trabalhar comigo para melhorar minhas habilidades. Você, dentre todas as pessoas, deveria entender.

O alemão parecia estar tentando abrir um buraco bem no meio do meu rosto.

— Eu teria trabalhado com você em qualquer dia, qualquer horário que você quisesse, Sal. Eu não poderia me importar menos com o que a gestão ou a equipe técnica pensam. Você, dentre todas as pessoas, não deveria dar a mínima para o que suas colegas de time dizem a seu respeito. Elas não são ninguém.

Deus, aquele homem...

— Desculpa, Rey, mas agora eu sou adivinha? Como é que eu deveria saber que você queria treinar comigo?

— Não. Você é teimosa e um pé no meu saco.

— Eu sou um pé no seu saco? *Você* é um pé no meu saco. Eu tento e tento com você, e para quê? Para você agir como um babaca quando fica frustrado ou chateado? Talvez outras pessoas aguentem essa palhaçada quando você fica assim, mas eu tenho limites. Eu gosto de você. Gosto de como às vezes nos damos bem, mas não sei nada sobre você; não sobre o que importa. Tudo o que você me dá são pedacinhos aqui e ali quando está a fim. Quando não, não diz absolutamente nada. Ou você entra em uma fase maldita na qual me olha feio e me ignora por nenhuma razão aparente. Como você acha que eu me sinto com isso?

“Eu já arrisquei coisas demais por ser sua amiga. Já dividi minha família com você, minha casa, te contei coisas que não contei a mais ninguém. Coloquei minha carreira em risco por isto — nós. Você não tem nada a perder, e eu tenho tudo que é importante para mim sendo ameaçado. Eu dei e dei ainda mais de mim para todo mundo, e para quê? Para ter o que eu mais valorizo na vida roubado? Estou tentando, e não vejo problema nisso, mas

você tem que me encontrar, pelo menos, a um quarto do meio do caminho. Existe um limite do que posso aguentar em se tratando das suas porcarias de mudança de humor.”

Toquei a parte de trás da minha cabeça enquanto o observava, esperando. Esperando por algo. Por alguma garantia, alguma promessa de que ele tentaria se manter sob controle, ou pelo menos, que tentaria com mais afinco.

Em vez disso, seu rosto assumiu uma expressão dura, o tendão no pescoço tensionando.

— Estou velho demais para mudar, Sal. Eu sou assim — ele me disse, por fim, sua voz fraca.

— Eu não quero que você mude. Só quero que confie um pouco em mim. Eu não vou ferrar com a sua vida, e não gosto de desistir das coisas — falei em um tom exasperado.

E o que ele respondeu? Nada. Nadinha de nada.

Nunca gostei de pessoas que falavam muito. Eu acreditava que eram as ações que realmente mostravam o que importava. Isso, até eu conhecer Reiner Kulti e, de repente, sentir vontade de me apunhalar no olho.

Senti um latejar irritante na cabeça, um aviso da dor tensional que estava começando. De repente, percebi que aquela conversa não iria a lugar algum. A exaustão verteu direto nos meus músculos, e, pela primeira vez em um longo tempo, eu me senti derrotada. E odiei.

Mas chegava uma hora em que se tinha que ouvir a intuição e não o coração, e foi exatamente o que fiz.

— Talvez nós dois tenhamos coisas demais acontecendo na vida por ora. Estou cansada, e não faço ideia do que estou fazendo, e você tem seus próprios problemas para resolver. Talvez você tenha que descobrir o que quer fazer da vida antes de continuarmos amigos. Se é que ainda quer que continuemos sendo amigos depois disso.

Assim que as palavras saíram da minha boca, ele pareceu indignado. Completamente indignado.

— Você está brincando?

Balancei a cabeça, o pesar me dominando com tanta intensidade que me deu vontade de chorar. Mas, no final das contas, era como ele tinha dito: ninguém mais se importaria comigo, exceto eu.

— Não.

Ele abriu a boca, então, fechou-a. Um segundo depois, balançou a cabeça e se foi.



Kulti não apareceu na minha casa naquele dia nem no seguinte.

Quando comecei a me sentir um pouco culpada, na tarde de domingo, enviei uma mensagem para ele.

Desculpa pelo que eu disse. Estou muito estressada e não deveria tê-lo culpado pelas minhas escolhas. Você é um ótimo amigo, e não vou simplesmente desistir de você.

Ele não respondeu.

Então, a segunda-feira chegou, e ele não apareceu no treino.

Também não compareceu ao treino na terça-feira.

Ninguém perguntou onde ele estava. E, sem dúvida alguma, não seria eu a perguntar.

Enviei outra mensagem.

Você está vivo?

Nenhuma resposta.



Duas coisas chamaram minha atenção quando parei o carro no estacionamento da escola.

Já havia um Audi preto lá com uma placa familiar.

Estacionado ao seu lado, estava uma van branca.

Incerta quanto a me sentir aliviada por Kulti ainda estar vivo, ou irritada pelo salsichão não ter me respondido nem uma vez sequer, respirei fundo. Saí no estacionamento, com minhas Meias de Garota Crescida, apesar de o meu instinto dizer que ele não teria se dado ao trabalho de aparecer no acampamento se quisesse arranjar uma discussão.

Pelo menos, era o que eu esperava.

Eu mal tinha saído do carro e aberto o porta-malas para pegar minha bolsa e duas caixas de garrafinhas de água quando ouvi passos se aproximando por trás. Soube, sem me virar, que era ele. Pelo canto dos olhos, eu o vi parar

bem ao meu lado e afastar minhas mãos das caixas, tirando-as de dentro do porta-malas.

— Me fale para onde levar — foi tudo o que ele disse como cumprimento. Certo.

— O campo fica nos fundos. Vamos — eu respondi, fechando o carro com a bolsa em mãos.

Caminhamos em silêncio pelo estacionamento e pelo trecho pavimentado que levava até o campo. Três professores tinham se voluntariado e oferecido os gols do equipamento da escola. Vi dois deles já ali, e fui em direção à mesa que tinham separado para a inscrição.

Quando paramos na frente deles, o homem e a mulher deram um pulo ao perceberem quem estava ao meu lado.

— Sr. Webber, sra. Pritchett, muito obrigada por nos ajudar. Este é meu amigo, sr. Kulti, ele vai ser voluntário hoje no acampamento — eu os apresentei.

Os dois professores meio que só ficaram parados ali, e foi Kulti quem assentiu, cumprimentando-os.

— Se me falarem onde os gols estão, posso começar a organização — eu disse ao sr. Webber, o professor de Educação Física.

Ele encarava Kulti quando assentiu, distraído.

— São pesados — avisou, olhos ainda no alemão.

— Tenho certeza de que isso não vai ser problema — eu o assegurei, quase não conseguindo me impedir de balançar para a frente e para trás nos calcanhares.

— Eu posso ajudar — adicionou o pão de centeio, o que finalmente fez o professor reagir.

Entre nós quatro, pegamos os gols e os montamos. Eram só dois, mas seriam suficientes. O formulário de pré-inscrição tinha menos nomes do que na semana anterior.

Eu estava ocupada pintando linhas na grama com o spray quando vi Kulti conversando com duas professoras que deveriam estar na mesa de inscrições. Ele gesticulava para algo na folha, e as mulheres assentiam com entusiasmo — o que não me dizia muita coisa, porque ele poderia simplesmente estar dizendo que havia cagado pepitas de ouro e as duas teriam ficado animadas,

baseado em como olhavam para ele.

Vagabundas.

Tudo bem, isso não foi muito educado.

Terminei de pintar as linhas bem a tempo da primeira criança chegar com os pais.

— Tudo bem se fizermos como na semana passada? Só que trabalhando juntos hoje? — perguntei a Kulti quando me aproximei da mesa de inscrições onde ele estava parado.

Ele inclinou a cabeça com o cabelo castanho-claro curto na minha direção, seus olhos encontrando os meus.

— Nós somos uma boa equipe, *schnecke*, vai dar tudo certo.

Então agora ele tinha voltado a me chamar de *schnecke*, seja lá o que aquilo significasse.

Encarei-o com um pouco de incerteza.

Em resposta, ele me deu um soquinho no ombro, o que teria me feito sorrir, mas a imagem dele desviando de mim no último acampamento ainda estava fresca demais na minha mente. A expressão que fiz — um sorriso fraco, atenuado, que se dava a alguém que não se achava muito engraçado, mas de quem não se queria ferir os sentimentos — devia ter passado a mensagem, porque Kulti franziu a testa. Depois de um momento, a carranca se aprofundou.

O alemão, que supostamente tinha entrado em uma briga anos antes quando alguém havia chamado sua mãe de vagabunda, agarrou minha mão, ergueu-a e acertou o próprio ombro com ela.

O que diabos tinha acabado de acontecer?

Antes de eu sequer ter tempo para pensar no que ele havia feito, meu salsichão gigante deu um passo para a frente e fez uma coisa.

Ele enrolou os braços ao redor do meu ombro, trazendo-me tão para perto que meu nariz foi pressionado contra a cartilagem bem entre seus peitorais.

Ele estava me abraçando.

Meu Deus, Reiner Kulti estava me abraçando, caramba.

Fiquei parada ali, com os braços ao lado do corpo, congelada. Completa e totalmente congelada no lugar. Fiquei chocada, mais do que chocada. Perplexa.

— Me abrace de volta — a voz com sotaque ordenou de cima.

Suas palavras me tiraram da paralisia. Eu me vi enrolando os braços em sua cintura, desajeitada no começo, meu peito se encontrando no dele em um abraço real e honesto. Minhas palmas se achataram contra as duas colunas gêmeas que eram a parte inferior de suas costas, braços se sobrepondo.

— Estou morrendo e não percebi? — perguntei no peito dele.

Ele suspirou.

— É melhor que não.

Eu me afastei e olhei para o seu rosto, completamente incerta quanto ao que tinha acabado de acontecer.

— Você está morrendo? — deixei escapar.

— Não. — Kulti exibia aquela mesma expressão séria que era tão inata a ele; eu não sabia qual emoção o homem sentia. — Desculpa por ter ferido os seus sentimentos. Eu só me afastei, porque Alejandro é... competitivo. Ele deseja o que não pode ter. Foi erro meu tê-lo convidado. — Kulti ergueu os olhos rapidamente antes de voltar a olhar para baixo e adicionar só para eu ouvir: — Desculpa por todos os problemas que minha presença causou na sua vida. O futebol me deu tudo, mas também me tirou coisas demais.

Ele me deu um olhar triste e determinado.

— Não quero que isso me tire você também. Você é a coisa menos vergonhosa na minha vida, Sal. Entendeu?

Ele estava falando muito sério.

Se não estivéssemos rodeados de estranhos observando todos os nossos movimentos, talvez eu tivesse começado a chorar. Era ruim o bastante eu ter que pressionar um lábio contra o outro para me impedir de dizer algo de que eu poderia vir a me arrepender.

Consegui inspirar um pouquinho de ar e dar um pequeno sorriso a ele.

— Posso dar outro abraço em você, ou isso passaria do seu limite diário?

O alemão balançou a cabeça.

— Eu já te disse que você me lembra de uma farpa que eu não consigo tirar? Você é muitíssimo irritante.

— Isso é um sim? — Pisquei para ele.

— É uma pergunta idiota, Sal.

Mas era um sim?

Não tive chance de pedir esclarecimentos, porque vi quatro crianças atravessarem o campo vindas do estacionamento, e soube que teríamos que deixar aquela conversa para mais tarde. Eu ainda não entendia completamente o motivo de Kulti ter sido tão mal-educado no outro dia com os alunos, mas havia se desculpado, e em seu manual de instruções aquilo era o equivalente a ele ter me doado um rim, então aceitei o pedido de desculpas e pediria uma explicação mais tarde.

Mais importante do que aquilo, o que o havia inspirado a me abraçar naquela hora?

Apertei sua mão e fiz um aceno com a cabeça para ele.

— Vamos começar, pode ser?

— Sim. — Ele não interrompeu o contato visual comigo nem uma vez. — Trouxe tênis para todo mundo. Acho que é melhor entregá-los para as crianças no fim.

— Você trouxe... — Fechei a boca e me recuperei. — Naquela van? Tem tênis para as crianças?

— Sim. Pedi aos voluntários para perguntar o tamanho de todo mundo durante a inscrição. Deve ter mais do que o suficiente. Trouxe quase todos os tamanhos.

É engraçado como as coisas funcionam às vezes. É muito engraçado mesmo.

Eu tinha descoberto e aceitado meu lugar na vida de um estranho havia uma década. Eu tinha crescido e aceitado o que poderia e iria acontecer, e sabia que não havia futuro nenhum para mim e um homem que não sabia da minha existência.

Então, um dia, o mesmo homem, por alguma razão, decidiu entrar no meu círculo social, dentre todos os círculos no mundo que ele poderia ter escolhido. Devagar, lenta e vagorosamente, nós nos tornamos amigos. Eu conhecia e compreendia o andar daquela carruagem. Eu não tinha problemas com meu lugar. Amigos. Não tão simples ou fácil, mas essas eram as melhores coisas da vida, as coisas difíceis que não se encaixavam perfeitamente, não eram?

Em um instante, com uma boa ação e um gesto inesperado, algo dentro de

mim despertou. Havia uma razão pela qual eu aguentava as cenas dele e o perdoava tão rapidamente por ser um babaca.

Eu ainda estava apaixonada por aquele homem.

E não tinha direito algum de estar. Nenhuma boa razão para isso. Eu gostava de achar que tomava decisões sensatas, mas reviver minha adoração infantil por ele era uma das coisas mais idiotas que eu poderia ter me permitido fazer. Mas, é claro, eu não poderia voltar atrás. Meu coração não havia totalmente se esquecido de como era se sentir daquele jeito por ele, não importava quanto eu tivesse tentado fingir o contrário: o sentimento tinha apenas crescido e se intensificado ao longo dos anos.

Agora, eu entendia. Eu tinha amado Reiner Kulti quando criança. Tinha amado meu ex-namorado quando jovem adulta, vivendo e aprendendo. E a Sal Casillas que eu era hoje sabia que eu não podia amar alguém que não merecia.

Foram os tênis para as crianças cujos pais não podiam pagar por eles que ataram a corda ao redor do meu pescoço.

Foi ele trazer os amigos aos meus acampamentos de futebol.

Kulti dar ao meu pai a viagem de sua vida.

Ele me chamar de amiga na frente de pessoas para as quais ele não dava a mínima.

Eu estava apaixonada por aquele pão de centeio.

Que Deus me ajudasse, acho que eu queria chorar.

Tentei encontrar algo para dizer — qualquer coisa, e esperei que meu rosto não estivesse deixando um “você é muito idiota, Sal” transparecer. Porque eu era. Era mesmo. Não havia como escapar da verdade quando ela olhava para você a meio metro de distância, com cabelo castanho, olhos brilhantes e quase um metro e noventa de altura. Cocei a bochecha e lutei contra a vontade de desviar o olhar, para recuperar o fôlego e a sanidade, seja lá onde tivessem ido parar.

— Jamais pensei que seu patrocinador fosse fazer algo assim.

Uma coisa era certa sobre o alemão: ele não dava voltas, nem se fazia de inocente, nem era modesto. Ele me olhou direto nos olhos e disse na lata: — Não fez. Eu comprei tudo.

Ele...

— Srta. Sal! — uma das professoras à mesa de inscrições me chamou.

— Você. — Cutuquei Kulti na barriga, sabendo que eu só tinha mais um segundo antes de ter que correr de volta até a mesa. — Eu não sei como agradecer...

— Não precisa.

— Srta. Sal!

Cara a cara com o salsichão, eu disse a ele, apressada: — Obrigada.

Ele me lançou um olhar com as pálpebras pesadas, mas não disse nada antes de me seguir até a mesa de inscrições.

Nem preciso dizer que as crianças foram à loucura quando viram o alemão. Eu, elas poderiam até nem ligar tanto. Mas Kulti as levou à loucura. Ouviram-no e estavam animadíssimas quando demos início aos diferentes exercícios e treinos.

O linguição tinha razão. Formávamos uma boa equipe. Eu me diverti tanto com ele quanto havia me divertido com Franz, se não mais, por causa da quantidade de provocações idiotas que trocávamos um com o outro.

Uma multidão com o triplo do tamanho que tínhamos em campo se formou no fim da área asfaltada da escola durante todo o acampamento. Flashes de câmeras não paravam de piscar, mas, por sorte, ninguém nos abordou — quero dizer, ninguém abordou Kulti — enquanto estávamos ocupados. Eu só fingi que não estavam lá e disse a mim mesma para continuar agindo de um jeito normal.

Quando chegou a hora de encerrarmos, deixei Kulti contar aos fãs mirins que todos ganhariam a última edição especial do tênis de corrida RK. Qualquer um passando por ali teria pensado que as crianças estavam sendo avisadas de que tinham ganhado na loteria pela forma como reagiram. O alemão não estava brincando. Havia tênis mais do que o suficiente para todas as crianças.

— Posso tirar uma foto só de vocês dois? — a mãe de uma das crianças perguntou, depois que havíamos tirado uma foto com seu filho.

— É claro — eu disse, logo antes de o alemão jogar um braço ao redor do meu ombro e me arrastar para seu lado, bruta e deliberadamente.

Bem...

Com um sorriso, dei-lhe um tapa na chapa dura que ele chamava de

barriga.

— Sei que não é da minha conta dizer nada... — a mulher declarou, assim que a foto foi tirada. — Eu tinha achado a diferença de idade um pouco estranha, mas vendo vocês dois juntos, faz muito sentido. Vocês são muito fofos.

Meu rosto esquentou.

— Ah, não é... — comecei a dizer antes que o alemão me puxasse contra si.

— Obrigado por ter trazido seu filho — ele me interrompeu.

Obrigado por ter trazido seu filho?

Eu quase me engasguei.

No instante em que ficamos sozinhos, estendi os braços para o lado. Ele tinha dado àquelas pessoas a impressão errada do nosso relacionamento.

— Que merda foi essa?

Ele me olhou entediado ao começar a recolher os cones espalhados pelo campo.

— As pessoas vão acreditar no que quiserem. Não tem motivo para dizermos a elas o contrário.

Talvez ele tivesse razão, mas ainda assim...

— Rey. — A palma da minha mão foi parar na testa. — Não acho que isso seja uma boa ideia. As coisas que escuto em campo já são ruins o bastante.

— Ignore-as.

Era muito fácil para Kulti falar quando não era ele ouvindo tudo aquilo o tempo todo.

— Só não quero que tudo piore. Só isso.

O cone que ele estava pegando voltou a cair no chão. Kulti virou todo o corpo na minha direção.

— A ideia de um relacionamento comigo é tão desagradável assim?

Mas que droga...

— O quê?

Ele apoiou as mãos nos quadris magros.

— Você não me acha bonito? Você gosta de homens mais velhos, você

mesma me falou. Eu só tenho doze... treze anos a mais que você.

Eu acordei naquela manhã pensando que seria um dia igual a todos os outros. Aparentemente, não. O que raios eu deveria dizer?

A verdade. Aff.

Eu me peguei esfregando a bochecha.

— Você é bonito. Você é muito bonito e sabe disso, seu babaca arrogante. E não é velho demais. É só que... — Tossi. — Você é meu treinador e meu amigo — adicionei, distraída, como se aquela devesse ser a grande razão pela qual eu não conseguia olhar para ele de outro jeito. Infelizmente, agora eu sabia a verdade: era um pouco tarde demais, droga.

A resposta dele?

— Eu não esqueci.

Do que ele não tinha esquecido?

— Pare de se preocupar com o que todo mundo pensa. É você quem diz que a única coisa que importa é o que você mesma sabe sobre si. — Ele não parou de olhar para mim até eu assentir. — Vamos terminar de arrumar o campo, pode ser?

Em menos de vinte minutos, terminamos de colocar todo o equipamento de volta no lugar e de ajudar os professores a levarem embora as mesas que haviam emprestado. Agradei-os profusamente pela ajuda e observei Kulti pegar minha bolsa e as garrafas de água que tinham sobrado, levando tudo até meu carro.

— Vou pegar uma carona com você — ele avisou, no instante em que o porta-malas havia sido fechado.

Olhei para ele a caminho do assento do motorista.

— Minha casa ou a sua?

Kulti me encarou do outro lado do carro.

— Sua. A minha é silenciosa demais.

Considerando que nós dois morávamos sozinhos, não entendi como os dois lugares poderiam ter níveis diferentes de barulho. A única diferença era que a casa dele era pelo menos seis vezes maior do que a minha.

— Por que você não arranja um bichinho de estimação? — perguntei.

— Eu tenho peixes.

Aquilo me fez rir. Ele tinha peixes?

— Você não tem, não.

Ele inclinou a cabeça castanha quase raspada na minha direção.

— Eu tenho três, um beta e dois tetras. Meu assessor me deu os peixes quando me mudei para cá. Tenho um aquário no meu apartamento em Londres.

Tentei fazer parecer que sua confissão não era grande coisa.

— Interessante. Quem toma conta deles?

— Uma empregada.

Uma empregada. Nem um pouco surpreendente.

— Quantas casas você tem?

— Só três — ele respondeu, com indiferença.

Só três. Eu cresci sendo a criança com pais que viviam com o salário contado. Mesmo sabendo que alguém com tanto dinheiro quanto ele poderia, realisticamente, arcar com muito mais do que três casas, aquilo ainda me deixava admirada. Ao mesmo tempo, fez com que eu gostasse de Kulti um pouquinho mais. Eu era capaz de respeitar alguém que não torrava dinheiro em coisas idiotas.

Em vez disso, ele o gastava comprando tênis para crianças.

Droga, eu tinha que parar com essa tolice de sonhar acordada, mas o dia tinha sido um verdadeiro turbilhão de emoções.

— Onde fica sua outra casa? — eu me peguei perguntando, para não pensar em outras coisas.

— Meissen. É uma cidade pequena na Alemanha.

Fiz cara de impressionada.

— A casa é minúscula, Sal, mas acho que você gostaria — ele comentou.

— Eu sempre quis ir para a Alemanha antes de bater as botas — eu disse.

Ele me olhou de soslaio.

— Antes de bater as botas?

Ele não sabia o que era “bater as botas”? Eu não deveria ter achado aquilo tão fofo quanto achei.

— Nunca ouviu a expressão “bater as botas”? É o que se diz quando alguém morre. — Pelo canto do olho, vi o alemão balançar a cabeça. — Bem,

o que eu quis dizer é que quero visitar a Alemanha antes de morrer. Está na minha lista de desejos.

Kulti emitiu um barulho pensativo.

— Você tem mais coisas na sua lista?

— Sim. Eu gostaria de ver as Sete Maravilhas do Mundo Antigo, andar de bicicleta pela Divisória Continental da América do Norte, participar de um Ironman, ver a aurora boreal, escalar uma geleira, segurar um bebê panda e ganhar uma Copa Altus... — Percebi que estava tagarelando e parei. — Coisas assim. Eu quase tenho o dinheiro que preciso para visitar o Alasca quando a temporada acabar. Com sorte, vou conseguir escalar algumas geleiras e ver a Aurora Boreal em uma viagem só.

Houve uma pausa.

— Sozinha?

— Talvez eu pergunte ao meu irmão se ele quer ir comigo. Ele é a única pessoa que eu conheço com tempo e dinheiro, além de você, mas veremos. Ano passado, fomos ao Peru e vimos Machu Picchu. — Lancei a ele um sorriso sobre o ombro. Seu aniversário de quarenta anos seria em outubro, mas não quis mencionar que eu sabia que era ele quem deveria estar pensando em fazer uma lista de desejos. — E você? O que vai fazer depois que a temporada acabar?

— Ainda não decidi — ele respondeu com a voz baixa. — Depende de algumas coisas.

Uma única ideia passou pela minha cabeça.

— Seu contrato é só para esta temporada?

Não me lembrava de ter ouvido nada sobre a duração de seu contrato, e a ideia de que ele partiria em um pouco mais de um mês fez meu estômago revirar.

— Eu só concordei em passar só uma temporada no Pipers.

Eu sabia apenas de uma coisa: Kulti não gostava de ser treinador. Ele mesmo tinha dito isso.

Por que ia querer ficar e nos treinar de novo?

Jesus Cristo, a ideia de ele voltar para seu apartamento em Londres me deixou tão triste que toda a animação com a coisa de ele-comprou-tênis desmoronou sob o peso disso.

Ao mesmo tempo, fez com que eu me sentisse uma babaca egoísta. Quem era eu para ficar triste por causa de alguém, ainda mais um amigo, que estava fazendo algo que o deixaria feliz, sendo que eu sabia muito bem que a outra opção não o faria? Eu sabia que não era meu papel fazer alguém se sentir culpado por causa de nada, mas a ideia de ele ir embora era uma droga.

Engoli a tristeza e forcei um sorriso mesmo não estando de frente para ele.

— Entendo.

Ele iria embora de Houston. Aff.

Talvez Kulti tivesse virado a cabeça, mas não tive certeza, e eu não queria mais conversar sobre aquilo.

— Então... você está com fome?



No acampamento de futebol seguinte, quatro dias depois, Kulti apareceu com mais duas pessoas. O primeiro cara, reconheci-o como um goleiro americano que havia jogado na seleção em todos os grandes torneios nos últimos seis anos, junto com o meu irmão. O segundo foi uma surpresa agradável.

— Franz! — Caminhei em direção ao homem mais velho, passando por Kulti, para lhe dar um abraço. — Eu não sabia que você vinha!

Ele me abraçou de volta, dando dois breves tapinhas no meio das minhas costas.

— Meu compromisso em Los Angeles não demorou tanto quanto eu havia imaginado.

— Bem, muito obrigada por ter voltado — eu disse a ele.

Alguém fez um barulho mal-humorado.

— Sal.

Franz soltou um riso curto ao me soltar, afastando-se. Seu rosto estava inclinado para baixo, sua expressão um livro aberto, e sussurrou: — Parece que alguém gosta de marcar território, hein?

Virei para encarar o homem cujo olhar estava abrindo um buraco no meu crânio. O cara de pretzel, alguém que marcava território? Eu duvidava muito, mas me peguei satisfeita demais com sua carranca.

— Você vai me apresentar? — perguntei, gesticulando na direção do goleiro famoso.

— Não. — Ele manteve aquela maldita expressão insolente no rosto, braços estendidos em um gesto universal com o qual eu estava me acostumando.

Curvando os lábios sobre os dentes, ergui uma sobrancelha para ele. Deus, alguém estava de mau humor, e aquilo me deixava de muitíssimo bom humor. Meu sorriso cresceu ainda mais.

Ele ergueu as sobrancelhas para mim. Aqueles traços grossos e marrom-escuros subiram e desceram, dizendo silenciosamente que ele não me apresentaria até conseguir o que queria.

Por um segundo, pensei em ignorá-lo e simplesmente me apresentar, mas...

Kulti gostava de joguinhos, e eu gostava de ganhá-los.

De alguma forma, consegui não sorrir ao dar um passo para a frente e abraçá-lo, preocupando-me em silêncio que ele me faria parecer uma idiota se não fizesse sua parte e me abraçasse de volta. Quero dizer, não seria a primeira vez que ele agiria como se eu tivesse piolho. Eu simplesmente o abracei. E abracei-o com força.

Pegando-me completamente de surpresa, Kulti, meu maldito alemão sem nenhuma noção aparente, pressionou sua bochecha no topo da minha cabeça e se enrolou ao meu redor. Ele retribuiu meu abraço. Seu corpo estava duro e tenso ao fazê-lo, mas foi diferente. Não foi um abraço raivoso; foi outra coisa. Pareceu quando eu era criança e abraçava meu cachorro como se não houvesse amanhã porque eu o amava muito.

Daquele jeito — só que não.

Quando ele finalmente se afastou, olhei para cima. Não levei a mal ele não estar sorrindo para mim. Estava só encarando, na verdade, quase carrancudo, mas não importava. Dei-lhe outro abraço, e senti o peso de seu braço se acomodar no meu ombro.

E ficar ali.

O outro homem era um goleiro chamado Michael Kimmons. Era mais alto do que Kulti e só um pouquinho mais velho do que eu.

— Oi, é um prazer conhecê-lo. Obrigada por vir. — Estendi a mão para

ele quando senti o braço do alemão ficar mais pesado assim que me apresentei.

— Mike Kimmons — ele disse, com um aperto de mão forte.

— Sal Casillas.

— Eu conheço seu irmão Eric — ele acrescentou. — Nós jogamos juntos.

Assenti para ele e sorri.

— Você comentou comigo que ele também joga. Onde? — perguntou Franz, seu tom curioso.

— Ele está emprestado para o Madrid — expliquei.

— Eu não fazia ideia. — O segundo alemão assentiu, franzindo um pouco a testa. Antes de ter se aposentado, ele havia jogado no maior oponente do Madrid, o Barcelona. — Seus pais jogam?

— Ah, não. Meu pai tem asma, e minha mãe... — o bíceps gigante envolveu meu pescoço como uma jiboia — ... não é muito fã.

Por um momento terrível, temi que Kulti fosse dizer algo sobre quem era o pai da minha mãe. Por um breve e doloroso momento, imaginei-o abrindo a boca, porque era algo impressionante para se dizer na frente de pessoas que achariam a informação interessante. Eu pensei mesmo que ele falaria.

Não falou.

Ele mudou o foco da conversa.

— Vamos nos dividir em dois grupos — ele ordenou, e eu deixei, porque havia se tornado evidente para mim que ele estava começando a gostar dos dias que passava jogando com as crianças. Aquilo quase me fez sentir um pouco mal por haver só mais outro acampamento depois daquele.

O dia correu bem. Mike Kimmons era um pouco sério demais para as crianças, mas algumas delas o reconheceram, e isso compensou o fato de ele não brincar tanto com elas. Kulti se ofereceu para fazer dupla com ele por alguma razão, e eu cuidei do outro grupo com Franz.

Assim que as três horas tinham se passado e a maioria das crianças, ido embora, Franz me puxou de lado enquanto Kulti continuava tirando fotos com alguns participantes e seus pais, que tinham ficado para trás.

O alemão mais velho me olhou, todo sério.

— Ouvi uma coisa quando estava em Los Angeles e preciso te contar.

Droga. Preparar alguém para receber uma notícia nunca era coisa boa. Calcei minhas Meias de Garota Crescida.

— Certo.

Ele lançou um olhar na direção de Kulti antes de se apressar para o que ele sentia a necessidade de me contar.

— Existe um rumor de que você vai ser transferida para o Nova York no fim da temporada.

Meus ouvidos começaram a zumbir. Meu estômago revirou.

Nova York? Com a Amber? Se aquilo não fosse ruim o bastante, o time já tinha uma escalação bem conhecida para entrar em campo. Eu nunca teria chance de jogar.

Mais importante do que isso, eu não queria ir para a droga de Nova York.

Franz tocou meu ombro.

— Eu recruto para o NL. — Ele estava se referindo aos Lions de Newcastle, um dos melhores times masculinos no Reino Unido. — Pense no que eu te disse outro dia. Se decidir tentar algo diferente... — ele me encarou — ... algo melhor, eu posso ajudar. Não entendo como você acabou enfiada aqui, mas entre mim e Reiner, não tem muito que a gente não possa fazer com os nossos contatos.

Muitíssimo ciente de que aquela não era a hora de perder a cabeça, puxei as Meias de Garota Crescida mais para cima do que nunca e me obriguei a assentir para o homem que havia me contado uma notícia que não precisava ter contado. Se ele poderia estar mentindo? Eu não via motivo para isso, então eu não pensaria como uma narcisista em relação ao assunto.

Por quê?, era isso que estava passando pela minha cabeça de novo.

Todo mundo sabia que eu amava jogar em Houston. A Liga Profissional Feminina não era grande o bastante para que pessoas fossem forçadas a jogar onde, sem dúvida alguma, não queriam. Na maior parte do tempo, as jogadoras estavam dispostas a ir para onde eram mandadas. Quando fui convocada pela primeira vez, pude escolher três times nos quais eu queria jogar. Obviamente, Houston estava no topo da lista com estrelinhas ao lado, seguido pela Califórnia, já que era perto do meu irmão, e, então, o Phoenix Novas, que agora tinha se mudado para St. Louis.

Eu era a maior goleadora no Pipers. Eu trabalhava duro e não dava muito

problema a eles, exceto pelo que havia ocorrido nos últimos meses, e ajudava minhas colegas de time o máximo possível. Mas, de alguma forma, era daquele jeito que estavam me retribuindo.

O alerta de Gardner, a antipatia de Cordero e as coisas que minhas colegas de time vinham fazendo recentemente giraram na minha mente.

Eu me sentia traída. Enganada. E não conseguia decidir se deveria ficar triste ou ir com uma chave até o carro de Cordero.

Tudo bem. Aquilo era um pouco exagerado. Só um pouquinho. *Paciência. Paciência.*

Havia apenas uma pessoa que poderia estar por trás daquela possível movimentação. Aquela babaca nojenta.

— Obrigada por me contar — consegui dizer a Franz, de algum jeito, apesar de as minhas entranhas estarem prontas para começarem uma anarquia.

— Não desperdice o seu potencial, *ja*?

Assenti para ele, sentindo uma grande onda de emoção subir pelo peito, e não foi bom. Aquilo deixou meu sorriso sem a bravura que eu queria demonstrar.

— Vou dar um jeito.

— Ligue para mim, me mande um e-mail, o que você precisar — ele disse com sinceridade.

— Obrigada, Franz. Agradeço mesmo. — Era verdade, apesar de as notícias terem me deixado com vontade de chorar.

Jogar com a maldita da Amber e suas capangas?

Aparentemente, meus pensamentos estavam estampados no rosto. Ele me deu um sorriso triste que me deixou ainda pior.

Um toque leve na parte inferior das minhas costas me fez endireitar os ombros.

— Franz vai passar a noite aqui. Vai jantar com a gente — Kulti anunciou, parando ao meu lado.

A bile subiu pela minha garganta, e tive que manter o olhar longe do dele.

— Eu preciso ir para casa, mas obrigada.

Ele me ignorou.

— Eu vou com você. Franz, vá no meu carro.

— Rey, eu quero ir para casa — repeti com firmeza.

— Eu quero que você venha com a gente — ele respondeu, já se virando.

— Onde estão as suas coisas? — Kulti nem esperou eu dizer mais nada antes de começar a andar na direção da minha bolsa. Droga.

— Rey — chamei, indo atrás dele.

Ele olhou sobre o ombro, mas não parou de andar.

— Você não tem mais nada para fazer. Pare de dificultar as coisas.

— Hum, eu tenho coisas para fazer, sim. Tenho que dar uma corrida mais tarde, ou talvez eu faça um pouco de ioga. — Ou chore, ou grite... o de sempre.

O alemão acenou, dispensando-me.

Eu ia matá-lo.

— *Reyyyyyy!*

Nada.

Filho da mãe.

— Ele é difícil, não é?

— Isso é o maior eufemismo da vida — eu disse a Franz. — Ele é um pé no saco. Eu realmente não sei como alguém ainda não o matou a sangue-frio.

Franz ladrou um riso.

Do outro lado do campo, vi Kulti no processo de jogar minha bolsa sobre o ombro.

— Não adianta nem tentar discutir com ele, não é? — perguntei a Franz.

— *Nein.*

— Ele é um pé no saco.

Franz riu.

— É mesmo.

Suspirei. Eu poderia ir embora depois de um tempinho. Tomara.

Encontrei Kulti no meu carro, onde ele aparentemente já tinha fuçado minha bolsa para encontrar a chave. Ele as jogou por cima do teto para mim e entramos, acenando para Franz enquanto ele entrava no Audi estacionado ao lado. Uma vez lá dentro, lancei um olhar a ele.

— Você poderia ter deixado o Franz pegar carona comigo em vez de fazê-

lo ir sozinho.

Kulti me deu aquele seu olhar irritantemente neutro.

— Ele vai sobreviver.

Olhei para aquele homem por um segundo antes de balançar a cabeça.

— Você está sendo rude.

— Não me importo.

Não fiquei surpresa. Liguei o motor e saí do estacionamento antes de finalmente pensar no que estava acontecendo.

— Por que você não convidou o Mike?

— Eu não gosto dele.

É sério, eu nunca entenderia os homens.

— Então por que o convidou hoje?

— Ele me devia um favor — foi sua resposta simples. Então, adicionou:

— E a passagem de avião estava num preço bom.

Espere um segundo.

— Você... — Não consegui colocar as palavras para fora. Tive que engolir e digerir o que ele tinha dito. — Você pagou a passagem dos dois?

Kulti nem se importou em olhar para mim; sua atenção estava focada fora da janela.

— Paguei.

Baixei a cabeça contra o volante e respirei fundo. Aquilo tudo era coisa demais para uma tarde. Demais *mesmo*. Tudo parecia estar sendo empilhado em cima de mim.

— Como você espera que eu retribua?

— Não espero — ele respondeu, virando-se para me olhar. — O sinal está verde.

Endireitando a postura, mantive os olhos em frente. Eu não podia olhar para ele. Se olhasse, não sei o que faria.

— Eu nem pensei em como eles tinham chegado aqui. Sou tão idiota, desculpa por não o agradecer mais.

Nada.

Apertei o volante e mantive a boca fechada durante todo o caminho de volta.

Eu seria trocada.

Metade das minhas colegas de time me achava uma piranha.

O idiota ao meu lado estava pagando passagens de avião para pessoas virem aos meus acampamentos juvenis — meus acampamentos gratuitos.

Eu estava pelo menos um p-o-u-c-o apaixonada por aquele idiota, mas, para ser sincera, eu estava era m-u-i-t-o apaixonada por ele. Os sentimentos da minha infância tinham voltado com força total, mais reais do que nunca. Além disso, eu me conhecia, e eu não tendia a fazer nada malfeito.

E o tal idiota partiria no fim da temporada.

O que é que eu estava fazendo com a minha vida? Tudo pelo que eu havia trabalhado, pelo que ainda trabalhava, de repente, parecia estar sendo repellido por mim.

O que eu faria?

Meu nariz coçou em resposta.

Chegamos à casa dele e estacionamos, mas ainda não conseguia me obrigar a dizer nada. Eu queria chorar. Eu queria mesmo chorar, e com certeza não queria fazer isso em lugar algum perto dali.

Mantive os olhos baixos e segui o alemão até sua porta, onde Franz já esperava. Mal tínhamos entrado quando senti uma tosse sufocante na garganta. Eu sabia que precisava me afastar deles.

— Onde fica o banheiro? — perguntei a Kulti em uma voz que soou estranha até para mim.

— No andar de cima, primeira porta — ele respondeu, sua voz distante o suficiente para eu saber que não estava tão perto assim.

— Eu já volto — menti, já me apressando pela escada, desesperada para sair dali.

Depois de duas passadas de mão pelo meu nariz que escorria, eu havia chegado. Nem me importei em acender a luz antes de cair na borda de porcelana de uma banheira que eu poderia apreciar quando minha vida não estivesse desmoronando.

Eu seria trocada porque era amiga de alguém.

Minha garganta convulsionou, e eu soluzei. *Não chore, não chore, não chore. Não faça isso, Sal. Não ouse fazer isso, caramba.*

Consegui me segurar por trinta segundos antes do soluço seguinte arrasar

a parte superior do meu corpo. Foi seguido por outro e, então, mais um. No quinto, eu me curvei e pressionei as palmas nos olhos. Eu quase nunca chorava. Quando estava chateada, fazia outras coisas para tirar minha mente do que estivesse me incomodando. Havia muitíssimo poucas coisas na vida pelas quais valia a pena chorar, minha mãe me dissera uma vez.

Sentada naquela banheira, realmente tentei dizer a mim mesma que ser trocada não seria o fim do mundo. Tentei me convencer de que não deveria levar para o lado pessoal. Eram apenas negócios. Esse tipo de coisa às vezes também acontecia com outras pessoas.

Aquilo apenas me fez chorar ainda mais.

Eu era uma idiota. A porcaria da droga de uma *idiota*.

Quando pensei em Kulti cobrando favores para convencer os jogadores a virem ao meu acampamento, comprando tênis para as crianças e em como havia me dado aquele abraço ridículo, isso só piorou as coisas.

Chorei como um bebê, um grande bebê silencioso que não queria que ninguém a ouvisse.

— *Schnecke*, você... — A voz de Kulti foi interrompida abruptamente.

Em retrospecto, percebi que não o ouvi entrar porque ele não bateu. Simplesmente invadiu, enfiando sua cabeça no cômodo como se não houvesse qualquer chance de eu estar na privada fazendo algo que ele não ia querer ver. Fui pega tão de surpresa que não consegui abafar meu soluço seguinte nem tentar escondê-lo.

Não notei a expressão horrorizada de Kulti antes de ele entrar e fechar a porta atrás de si. Não o vi cair de joelhos nem apoiar suas mãos nas minhas, baixando a cabeça para que a testa pressionasse a minha.

— *Schnecke* — ele disse no tom mais suave e carinhoso que ouvi na vida. — O que foi?

— Nada — consegui colocar para fora. Eu tremia, e a parte de cima do meu corpo convulsionava com um choro silencioso.

— Pare de mentir e me fale por que você está chorando — ele ordenou, chegando mais perto e passando a mão grande pelas minhas costas.

— Eu não estou chorando.

— Você é a pior mentirosa que conheço. — Ele se moveu para massagear meu ombro. — Por que está chateada?

Toda vez que ele perguntava, de alguma forma, eu conseguia chorar mais forte, meu corpo sacudia mais; havia barulhos de verdade saindo de mim.

— É bobeira.

— É muito provável, mas me conte mesmo assim — ele disse com a voz gentil.

Não consegui recuperar o fôlego.

— Eles... vão... me... trocar — uivei, para minha maldita humilhação.

A mão no meu ombro não parou com seus movimentos circulares reconfortantes.

— Quem disse isso?

— O Franz — eu disse, mas, na verdade, soou mais como *Franzzzzz-agh*.

Algo que soou rápido e cruel em alemão voou da boca dele: um xingamento atrás de outro.

— Ele não está mentindo, está? — perguntei ao colarinho dele.

Kulti suspirou acima da minha cabeça.

— Não. Ele não diria nada se não tivesse certeza — ele confirmou.

Meu coração e minha cabeça, os dois, estavam bem cientes de que os sinais tinham estado presentes.

— O Gardner me avisou, mas eu não dei ouvidos — falei. — Isso é tão ridículo. Desculpa. Eu sei que não é o fim do mundo e que esse meu desespero é vergonhoso, mas não consigo parar de chorar.

O grande alemão pelo qual eu era apaixonada desde criança colocou os braços ao meu redor. E me calou. Literalmente, ele falou: “Shhh”. Então, trouxe-me um pouco mais para perto e disse no meu ouvido: — Você é melhor do que isso. Pare de chorar.

— Não consigo — choraminguei, provavelmente pela primeira vez nos últimos dez anos.

— Você consegue e você vai — ele disse, com ternura. — Eu não posso nem imaginar como você deve estar se sentindo agora...

É claro que não. Ele nunca tinha sido trocado contra sua vontade. E, se tivesse, teria sido por uma posição e um salário melhores. Para mim, era bem parecido com levar um pé na bunda. Ser violada. Descartada.

— ... mas você é melhor do que isso. Daqui a dois anos, vai agradecer a

eles por terem sido tão burros...

Seu apoio moral não estava ajudando.

— Eu dei a eles os melhores anos da minha vida — talvez eu tivesse guinchado, mas esperava que não.

— Não deu, não. Você ainda nem chegou ao ápice da sua carreira.

Eu estava inconsolável. Reiner Kulti estava me dizendo que eu ainda tinha anos melhores pela frente, e nem isso estava me fazendo sentir melhor.

— Taco. Pare. Pare agora mesmo — ele ordenou com a voz grave.

Eu não conseguia. Só conseguia pensar que era em Houston que eu queria ficar. Era onde eu havia criado um lar. Se tivessem me perguntado antes se eu queria ir a outro lugar, teria sido uma coisa, mas essas negociações às escondidas eram para jogadores dos quais o time queria se livrar para não causarem nenhuma confusão.

Havia ranho escorrendo do meu nariz, e isso fez o alemão bufar exasperado e apertar o abraço ao meu redor; seus braços eram como uma proteção contra o mundo.

— Eu sei que isso é culpa minha, e juro que vou compensar você por isso — ele murmurou naquele sotaque pesado no qual eu queria me envolver.

— Não é culpa sua — eu disse, voz abafada contra ele antes de mudar de ideia. — Eu não me arrependo nem um pouco. A culpa é deles por serem tão burros assim. Eu sempre fiz tudo o que quiseram que eu fizesse. Eu trabalho em equipe. Não sou tão ruim assim. Chego cedo ao treino e vou embora tarde, e é assim que eles me retribuem? Tentando me mandar para a droga do Nova York? Onde eu provavelmente nunca mais vou jogar?

Eu me sentei, não dando a mínima para o fato de que deveria estar um caos, e funguei encostada no meu amigo. Eu estava sentindo o peso de centenas de galáxias nos meus ombros, sentindo que eu estava à beira de ver meus sonhos escorrendo pelos dedos. Sabia que estava sendo melodramática, mas aquilo tudo era demais.

— O que vou fazer? — perguntei, como se Kulti tivesse todas as respostas.

Ele apoiou as mãos nos meus joelhos outra vez. Aquele rosto bonito que havia envelhecido de forma tão graciosa parecia solene, mas me encarou direto nos olhos quando respondeu: — Você vai continuar jogando. Prometo,

Sal. Eu nunca colocaria sua carreira em risco.

Funguei e fiz um barulho aguado com a garganta, meus ombros tremendo e anunciando outra rodada de lágrimas.

O alemão balançou a cabeça.

— Não. Chega. Não vou te decepcionar. Agora, pare de chorar. Me deixa agoniado.

Aquilo foi quase engraçado. Enxuguei o rosto com as costas da mão, e ele franziu a testa, esticando o braço para trás e tirando um pedaço de papel higiênico do rolo antes de entregá-lo para mim.

— Controle-se — ele ordenou.

Eu quase ri. Assoei e sequei o rosto com o papel que ele me deu.

— Você não pode mandar alguém “se controlar”, não é assim que as coisas funcionam.

— Você deveria fazer o que eu mando — ele disse, tirando o papel da minha mão e enxugando minhas bochechas com um pouco mais de força do que o necessário, uma carranca em seu rosto.

Aquilo me fez dar um sorrisinho penoso.

— Quem disse isso?

Ele encontrou meus olhos.

— Eu.

Pressionei os lábios juntos.

— Muito conveniente.

Kulti se esticou para trás e pegou mais papel higiênico.

— Você está um caco — ele falou, continuando seu processo de limpeza.
— Não achei que você fosse chorona.

— Não sou. — Tentei arrancar o papel dele, mas ele estendeu a mão até fora do meu alcance. Eu me estiquei, mas ele facilmente levou a mão para ainda mais longe de mim. — Posso secar meu próprio rosto.

Ele afastou minha mão com um tapa.

— Não faço nada que eu não queira — Kulti resmungou, voltando a me secar.

— Você sabia que o mundo não gira ao redor do que você quer ou não fazer? — eu disse enquanto ele esfregava com força demais sob meu nariz,

me fazendo estremecer.

— Desculpa. Não estou acostumado com isso.

— Você nunca teve que enxugar o rosto de uma garota antes?

Ele se afastou para observar seu trabalho.

— Nunca.

Soltei um suspiro profundo, aliviada pela sua confissão.

— Neste caso, obrigada pela honra.

Kulti não disse nada; em vez disso, colocou uma mão em cada bochecha minha e inclinou minha cabeça para trás. Eu nunca me senti tão ciente de não estar usando maquiagem ou de estar parecendo um caco quanto naquele instante. O homem, que namorou supermodelos, atrizes e provavelmente um monte de piranhas, não comentou sobre minhas sardas, as marcas roxas sob os olhos ou as cicatrizes que eu tinha.

Por fim, deixou as mãos caírem e deu um tapinha nas minhas coxas com um suspiro longo e profundo.

— Vamos descer.

— Encontro você daqui a um minuto.

Um expirar exasperado depois, ele tomou controle das minhas mãos e me levantou.

— Não. Você está ótima.

— Rey, é sério, eu preciso de um minuto. — Dobrei os joelhos para que ele não conseguisse me arrastar consigo.

Com um puxão, ele me arrastou para a frente.

— Para que possa chorar mais? Não. Vamos. Tenho aquele café de que você gosta.

Funguei, e ele me olhou feio em resposta. Por que eu ainda tentava?

— Você é um mandão babaca, sabia disso? — perguntei, ao mesmo tempo em que o deixava me tirar do banheiro mal iluminado.

— E você é um pé no saco, sabia disso? — alfinetou ele em resposta.

Bufei ao descermos os degraus um após o outro.

— Usei essas mesmas palavras para te descrever para o Franz, camarada.

O alemão se virou para me olhar sobre o ombro.

— Mais uma coisa que temos em comum.

— Rá. Vai sonhando.

Um riso escapou da boca dele, mas não discutimos mais. Encontramos Franz na cozinha sentado em um banquinho, encarando o celular. Ele ergueu os olhos e, na mesma hora, franziu a testa.

— Estou bem — eu disse, antes que ele falasse algo. — Estou mesmo; só estou agindo como um bebê chorão. — Nem mesmo usar isso como desculpa ajudou a amenizar a pontada de decepção que atravessou meu coração. *Eles vão me trocar.*

Mas, no fundo da minha mente, a voz de Kulti me lembrou de que aquilo só aconteceria se eu deixasse.

Droga.

— Eu não quis te chatear — Franz interveio rapidamente. — Por favor, me perdoe.

— Não, nada disso. Não tem nada para ser perdoado. Obrigada por me contar. Só estou um pouco confusa. Acho que não sei lidar bem com pés na bunda. — Os dois me encararam por conta das palavras que escolhi. — Eu não gosto de perder, e sinto que estou perdendo — expliquei.

Os dois, por fim, assentiram ao compreender.

Kulti acertou meu ombro, conversando com Franz acima da minha cabeça.

— Escreva uma lista dos times femininos que você conhece.

— Espere aí. Eu não faço nem ideia do que vou fazer — respondi, de repente entrando em pânico outra vez com a ideia de ir para algum lugar ainda mais longe do que Nova York.

Jesus Cristo.

Europa? Será que eu estava realmente considerando aquilo? Eu tinha feito um escarcéu por causa de Nova York, mas estava considerando ir para a droga da Europa?

— Você quer ficar aqui com essas pessoas? — Kulti perguntou, quase soando incrédulo. — Não é todo mundo que merece sua lealdade.

Ele tinha razão, é claro, de um jeito egoísta.

— Ainda tenho um ano de contrato.

— Muita coisa pode acontecer em um ano, Sal. Você poderia romper seu ligamento cruzado anterior de novo, quebrar a perna descendo a escada...

qualquer coisa.

Kulti, 2. Sal, 0. Ele estava certo de novo. Qualquer coisa poderia acontecer. Em oito meses, eu faria 28 anos, e, se eu tivesse muita sorte e meu corpo ajudasse, eu talvez tivesse mais três ou quatro anos de carreira. *Talvez* mais. Talvez. Não queria colocar muita esperança em mais tempo do que isso; meu joelho e meu tornozelo seriam os responsáveis por essa decisão, e não havia muito que eu pudesse fazer para convencê-los a mudar de ideia quando decidissem que tinham chegado ao limite.

Então...

Europa? Nova York era mais perto. Mas, de novo, Nova York não era uma decisão minha, e eu não gostava disso, nem um pouco. Eu não queria ir para lá, principalmente para chatear Cordero. E quem raios eu conhecia na Europa?

Será que eu estava mesmo usando não conhecer ninguém como desculpa para ficar nos Estados Unidos quando essa escolha me faria jogar sob o controle de uma mulher que eliminaria a possibilidade de eu me dar bem? Na verdade, será que sequer havia escolha?

Indecisão encheu meu peito e me envergonhou. Eu deixaria mesmo o medo me controlar e me manter em um lugar onde eu não seria feliz? Me manter em uma organização que obviamente não me queria mais porque eu era amiga do meu treinador? Não seria idiota? Se a Sal Casillas de 22 anos, focada em sua carreira, pudesse me ouvir agora, ela chutaria minha bunda de 27 por estar agindo como uma covarde.

Uma pequena parte de mim percebeu que eu não precisava me apressar para tomar uma decisão. Ainda haveria mais quatro jogos naquela temporada, e se passássemos para o mata-mata — *quando* passássemos para o mata-mata —, haveria mais jogos. Eu tinha tempo. Não muito, mas tinha.

Calcei as Meias de Garota Crescida e pensei.

Dane-se. Não havia decisão alguma a ser tomada. Eu seria idiota se ficasse na Liga Profissional Feminina e desse a alguém, que não tinha boas intenções em mente, a chave do meu futuro. Não seria? O que meu pai ou Eric diriam?

Levei apenas um segundo para decidir o que diriam: dê o fora.

— Você tem razão — eu disse e endireitei a coluna. — Eu não tenho nada

a perder, mesmo se as coisas não derem certo.

Não vi Kulti revirar os olhos.

— Escreva uma lista dos times que você conhece — disse para Franz.

A ordem me fez começar a pensar na mesma hora.

— Espere aí. Eu não quero entrar em um time porque você pediu um favor a alguém. Fale os nomes dos times nos quais eu poderia ser uma boa adição, e vou conversar com a minha agente para ver o que ela pode fazer.

Não deixei de notar os olhares que um lançou ao outro.

— É sério. Não preciso que esse tipo de coisa volte para me assombrar no futuro. Eu quero ir para algum lugar onde precisem de mim, ou pelo menos onde me queiram. — Porque era a verdade. Eu não tinha chegado aonde cheguei tirando vantagem de quem meu avô era, ou de quem meu irmão era. Eu havia trabalhado duro para evitar que ferrassem comigo, como agora, e eu não planejava deixar que aquilo voltasse a acontecer.

Eles trocaram outro olhar.

— Não estou brincando. Você, principalmente, pão de centeio, prometa que não vai pagar alguém para me levar. — Fiz uma careta, percebendo o que tinha dito e dei a Franz um sorriso, desculpando-me. — É uma piada, é sério. Eu não tenho nada contra alemães.

— Não me ofendi.

Kulti não concordou com nada.

Dei-lhe uma cotovelada nas costelas.

— Rey, prometa.

Dessa vez, eu realmente o peguei revirando os olhos.

— Tudo bem.

— Isso não me pareceu uma promessa.

— Eu prometo, *schnecke* — ele resmungou.

Com certeza, notei o sorrisinho que atravessou o rosto de Franz quando ele ouviu o apelido com o qual Kulti havia me chamado. Era a primeira vez que ele usava aquele termo na frente de alguém, e o sorriso de Franz indicou que não era nada ruim. Pelo menos, disso eu tive certeza.

— Você está certa de que é isso o que quer fazer? — o alemão perguntou, todo sério, um lembrete gentil de como ele tinha perdido o controle quando

contei a ele pela primeira vez sobre a ideia de Franz de eu jogar no exterior. Agora, estava totalmente focado e calmo. Parecia prestes a matar alguém.

Eu estaria mentindo se dissesse não estar pelo menos um pouquinho apavorada. O fato era que eu poderia deixar meu medo do desconhecido me transformar em vítima, ou assumir as rédeas da minha carreira.

Na verdade, não havia opção ali.

Não se podia viver os nossos sonhos esperando que alguém os entregasse a nós de mão beijada.

Ou, pelo menos, deveríamos nos agarrar a eles como se nossa vida dependesse disso quando os outros tentassem roubá-los.

Assenti para meu amigo, determinada.

— Eu tenho certeza.



Eu bocejava a cada dois minutos quando Kulti, por fim, olhou para mim do outro lado da mesa onde todos jogávamos pôquer. Não achei muita graça quando ele sacou as cartas e perguntou se queríamos jogar, mas senti vontade.

— Pare de me olhar assim. Vou para casa agora, antes que eu caia no sono — disse, empurrando a cadeira para longe da mesa.

— Chame um táxi.

— Não. Posso ir dirigindo. Eu moro bem perto, vai ficar tudo certo. — Antes que ele pudesse discutir comigo, eu me inclinei e dei a Franz, o homem que havia ganhado as duas rodadas que jogamos, um abraço. — Obrigada por ter ido ao acampamento hoje, e obrigada por toda sua ajuda com a outra coisa também.

— Avise quando receber alguma resposta de qualquer time. Posso te ajudar a decidir — ele respondeu, dando-me um tapinha afetuoso nas costas. — Você ainda tem meu número?

— Sim. — Eu me afastei dele. — Pode deixar que aviso se tiver notícias.

— Você é uma idiota. É claro que vai ter — interveio o linguirão, levantando-se.

— Eu não sei como vivi minha vida toda sem você e suas palavras gentis e encorajadoras. É sério. É um milagre eu ter sobrevivido até hoje.

Kulti exibia sua carranca de sempre, mas os cantos da boca estavam curvados para cima enquanto agarrava minha nuca com a palma grande e me girava para encarar a porta.

— Eu nunca conheci ninguém que precisasse menos de mim do que você.

A forma como ele disse isso... não sei se era um elogio ou não, então não fiz nenhum comentário. Só bati o ombro no dele.

— Obrigada por ter me convidado hoje.

Ele assentiu ao caminharmos até meu carro. Quando paramos ao lado da porta do motorista, Kulti apoiou uma das mãos nela e a outra no meu antebraço.

— Vou te compensar por isso.

— Você não tem que me compensar por nada. Não é culpa sua. Eu sabia o que estava fazendo. Desde que você não esqueça que eu existo depois do fim da temporada, não vai ter nada do que se arrepender, combinado? — eu disse, apesar de uma pequena parte minha ainda estar frustrada e um pouco depressiva com tudo aquilo.

Kulti inclinou a cabeça.

— Você acha que eu poderia me esquecer de você?

— Não... bem, não sei. Você não me conhece há tanto tempo assim. Tenho certeza de que tem... — Eu quase disse “milhares de amigos”, mas quando foi que aquele cara tinha me passado a ideia de que tinha um monte de amigos? Nunca. Sequer uma vez. — Tenho certeza de que você tem distrações o bastante na sua casa. Não de um jeito negativo. É que sei que, às vezes, a vida atrapalha.

— Eu não perco meu tempo com coisas, Sal. Entende o que eu quero dizer?

O cabelo na minha nuca se eriçou, e, com a voz rouca, respondi: — Mais ou menos. — Ele não perderia seu tempo fazendo coisas comigo se não gostasse de mim ou não quisesse ser meu amigo, disse eu sabia.

Kulti abriu e fechou a boca. Ele queria dizer algo; estava claro em seu rosto. O alemão engoliu em seco, e um olhar comedido atravessou suas feições, fazendo com que eu ficasse muitíssimo ciente de tudo: da noite úmida de verão, do céu escuro sem estrelas, de como a pele dele exalava o mais tênue indício de um aroma adocicado. Seus dedos tensionaram sobre

mim, os dedões mergulhando naquele sulco onde meu ombro encontrava a clavícula.

Eu tinha visto seu rosto centenas de vezes, e parecia que nunca seria o bastante. Depois que superei minha paixão por ele, eu me imaginei com alguém que trabalhava para si mesmo: alguém ambicioso talvez, bom com as mãos, quieto, honesto e gentil. Provavelmente um mecânico. Eu tinha desejado alguém que viesse para casa um pouco sujo, um pouco suado e que soubesse concertar as coisas. Imaginava um tipo de cara equilibrado e confiável. Não sei bem de onde havia tirado essa fantasia, mas ela havia permanecido comigo. Adam, meu ex, tinha sido assim, em grande parte. Era um empreiteiro saído direto das páginas de um livro de romance — incrivelmente bonito e encantador. No começo, não achei que ele fosse real.

Agora, encarando Kulti, tão mais alto e mais velho do que eu, todo sério, sorrateiro, temperamental e tendo cortado grama só uma vez na vida... Não encontrei razão para ficar decepcionada por meu coração imbecil ter me levado até ali. Eu era idiota, é claro. O que eu esperava sentindo algo por aquele babaca de novo? O amor não correspondido e eu tínhamos sido amigos uma vez, e eu não queria me aproximar e me tornar íntima dele de novo. Então o que eu faria? Eu não fazia ideia, mas estava preocupada com a possibilidade de meu coração ser pisoteado até a morte.

Torcer pelo melhor? Aff.

Não notei quando ele olhou para minha boca. Não notei como Kulti cerrou as mãos ao retirá-las do meu ombro. Não vi seu olhar quando encarou o meu por um breve segundo.

— Que bom — ele disse, por fim, afastando a mão da porta do carro e me tirando daquelas ideias de como é que eu superaria toda aquela merda de estar-apaixonada-pela-pessoa-errada. — Ligue quando chegar em casa.

Não pude evitar o sorriso que atravessou meu rosto. Talvez ele não estivesse apaixonado por mim, e talvez eu não fosse realmente a melhor amiga que Kulti já tivesse tido na vida, mas ele se importava comigo. A maior parte de suas atitudes confirmavam isso em alto e bom som, mesmo quando ele agia um pouco como um babaca grosseiro e insensível. Eu poderia ter me apaixonado por alguém pior.

Tudo bem, não era verdade. Eu poderia ter me apaixonado por qualquer outra pessoa, mas, com certeza, não por alguém pior. Eu não teria feito algo

tão idiota assim.

Não que ter sentimentos por ele não fosse uma total e completa tolice, porque era, mas... que fosse. Era complicado demais.

— Mando mensagem quando chegar em casa — concordei, abrindo a porta do carro e entrando. Assim que dei partida, desci o vidro da janela e o observei parado a apenas alguns centímetros de distância. — Você sabe que, mesmo se não tivesse trazido o Mike, o Alejandro e o Franz para os acampamentos e comprado os tênis para as crianças, eu ainda acharia que você foi meio que incrível... na maior parte do tempo, não é?

As luzes do lado de fora da casa o pegaram olhando para o céu.

— Vá para casa.

Para minha satisfação, senti apenas determinação no silêncio dele a caminho da minha casa.

Como era aquele ditado mesmo? Quando uma porta se fecha, outra se abre. Talvez eu tivesse que forçar a entrada em algumas até achar a porta certa para mim.



No mês após o que Franz me contou, a vida pareceu vestir uma mochila a jato e decolar em todas as direções possíveis, tanto boas quanto ruins.

Os treinos do Pipers correram normalmente, ou, pelo menos, tão normalmente quanto possível. Voltar depois de ter descoberto o que Cordero planejava foi difícil, muito difícil. Eu era uma mentirosa terrível com um temperamento que não estava valendo nada e que precisava desesperadamente fazer uma aparição. Como eu poderia encarar essas pessoas como se não houvesse nada de errado? Como eu poderia fazer parecer que eu não estava morrendo um tantinho por dentro enquanto planejava minha fuga?

Era difícil. Tínhamos avançado para a primeira rodada do mata-mata. Eu estava ressentida e nervosa, e minhas emoções não estavam melhores. A pior coisa de ser tão amargurada era aquela minha parte que priorizava o ego acima da vitória. O orgulho me dizia que eu não deveria me importar nem um pouco com o resto da temporada. Minha metade razoável, que não ficava sentimental antes da menstruação, dizia que eu não tinha direito algum de pensar daquele jeito. Eu precisava que o Pipers obtivesse sucesso.

Estava tudo no mesmo saco agora. Eu tinha conversado com minha agente e pedido a ela para discretamente ver se encontrava uma vaga para mim em algum lugar na Europa — especificamente nos times que Kulti e Franz tinham sugerido naquela tarde na casa dele. Ela ficou mais animada do que eu poderia ter imaginado, e dentro de duas semanas me enviou um e-mail dizendo que havia três times interessados em conversar comigo.

Falei com meus pais pelo celular e contei tudo a eles. A primeira coisa que saiu da boca do meu pai antes de me dizer que tinha milhas aéreas suficientes para visitar a Europa foi: “*Este cabrón*”. Este canalha, referindo-se a Cordero. Depois disso, liguei para meu irmão, e ele brigou comigo por

ser amiga do alemão. Depois, ofereceu-se para encontrar um lugar onde eu pudesse morar, seguido por um “dane-se eles”, referindo-se à Liga Profissional Feminina. Terminamos a conversa quando critiquei seu último jogo.

Logo, chegaram os e-mails, as ligações e os repórteres.

Por que as pessoas sequer se importavam com as fotos que surgiram de mim e Kulti nos acampamentos juvenis era um mistério. Quatro acampamentos dignos de fotos tiradas com o celular por pais, professores e alunos inundaram tanto os sites de fofocas quanto as *fanpages* de Kulti. Imagens de nós dois sorrindo, rindo e algumas com o braço dele ao meu redor ou com rostos borrados de crianças entre nós estavam sendo enviadas para mim pelo meu pai, que achava serem a coisa mais legal do mundo. Eu, por outro lado, estava só um pouquinho horrorizada com a atenção.

“UM CASO DE AMOR EM CAMPO” era a última manchete que ele havia me encaminhado com estrelas no campo do assunto.

Antes daquilo, tinha sido **“A EX DE KULTI O QUER DE VOLTA”** e **“KULTI VISTO COM JOGADORA”**.

“Há quanto tempo vocês estão namorando?” tornou-se a pergunta que eu mais temia ouvir no mundo.

Sinceramente, pensar no meu pai e saber que ele devia estar se gabando dos rumores no círculo de amigos foi o que me impediu de fazer qualquer comentário. Eu poderia morrer no dia seguinte sabendo que não tinha feito nada de errado. Não havia nada pesando na minha consciência.

Parei de falar com gente da imprensa que perguntassem sobre isso. Parei de verificar o e-mail quase de uma vez por todas assim que recebi uma mensagem em italiano que dizia algo como *você é uma vagabunda horrorosa e espero que morra*. Também só atendia ligações de números salvos no meu celular.

Não disse nada para o alemão, porque... qual seria o objetivo? Ninguém estava ameaçando me matar. E eu estava parcialmente preocupada que ele tivesse uma reação exagerada e fora de proporção.

No geral, as coisas estavam bem.

Até não estarem mais.



Estávamos na Flórida para o primeiro jogo de desempate quando algo aconteceu.

Eu estava parada perto do gol do Shields de Jacksonville com algumas outras jogadoras de ambos os times, aglomeradas, esperando a vencedora da briga pela bola, quando Grace conseguiu roubá-la. Estávamos empatadas no zero a zero e quase no fim do segundo tempo. Alguém tinha que marcar um gol.

Esperei e esperei. Observei a jogadora veterana do Pipers mover a bola ao redor e continuei de olho para ver quem estava perto o bastante para aceitar um passe de última hora. Eu jogava com Grace havia tempo o bastante para reconhecer sua linguagem corporal e o que ela planejava fazer. Havia uma abertura entre nós, mas a distância era um problema. Obviamente, havia apenas uma coisa a ser feita, e eu estava pronta.

Ela chutou a bola para cima. Eu me preparei para recebê-la e vi a bola voar direto até mim.

Seria uma cabeceada, sem dúvida. Cabeça na bola, bola em outra jogadora com uma chance melhor de gol. Era uma das minhas jogadas favoritas.

Fui com tudo; pulei no ar enquanto uma versão da minha amiga e inimiga de longa data, a bola, seguiu sua trajetória na minha direção. Alguém me deu uma cotovelada bem no seio, mas ignorei a dor. Pude sentir as pessoas se movendo ali perto.

Eu conseguiria pegar a bola. Eu conseguiria pegar a bola.

Mais tarde, eu perceberia que não consegui pegar a bola.

A última coisa de que tive ciência foi da dor aguda que rachou a parte de trás da minha cabeça.

...

...

Sal!

Casillas!

Schnecke!

Droga!

Schnecke!

SCHNECKE!

...

...

Eu não soube que tinha perdido a consciência até abrir os olhos e descobrir que estava de costas, encarando o rosto de Kulti, cujos olhos estavam talvez a uns cinco centímetros acima dos meus.

A respiração de Kulti passou pela minha boca, irregular e descompassada. O rosto tomado por uma expressão que não me era nem um pouco familiar. E seus olhos...

— Afastem-se! Afastem-se! — alguém gritou ali perto, e me peguei piscando, tentando me lembrar do que raios tinha acontecido.

Um segundo antes de Kulti ser arrastado para longe por dois paramédicos, ele apertou minha mão. Eu nem notei que ele a segurava.



— Passar a noite?

O doutor sorriu para mim.

— Sim, passar a noite. Nós só queremos ter certeza de que você está bem, dado seu histórico médico.

Essa não era minha primeira nem segunda concussão. Também não ajudava em nada a jogadora que tinha me feito apagar com uma cotovelada ter duas vezes meu tamanho e um braço que deixaria qualquer fisiculturista com uma ereção. Se acabei desmaiando, pelo menos tinha sido por causa de uma garota como Melanie Matthews, a segunda zagueira mais agressiva na Liga Profissional Feminina, depois de Harlow. Minha concussão era praticamente uma medalha de honra.

— Tudo bem. — Não suspirei, porque teria que me mover um centímetro, e isso era mais do que eu estava disposta a fazer. Ela tinha mesmo acabado comigo.

— Excelente. A enfermeira vai passar para verificar como você está. O botão para chamar ajuda fica à esquerda, caso precise de alguma coisa.

Infeliz ou felizmente, não importava como se escolhesse enxergar, aquela não era minha primeira internação. Cirurgias no joelho, cirurgias no tornozelo

e aquela vez que peguei pneumonia, todas me obrigaram a passar a noite no hospital. Não era o fim do mundo.

— A representante do seu time está lá fora, vou deixá-la entrar — o médico anunciou.

— Obrigada — disse para o homem que se afastava, mas tão alto que fez minha cabeça zumbir de dor.

Por algum milagre, tinham me dado um quarto particular. Meu melhor palpite era que o seguro do Pipers estava cobrindo tudo, então não abri a boca para reclamar.

Uma batida soou na porta, que não foi aberta até eu responder. A cabeça de Sheena surgiu por um vão antes de abrir a porta com tudo e entrar.

— Sal, como você está? — ela perguntou, com uma pequena planta em mãos. Tinha sido ela quem havia me acompanhado na ambulância depois de terem me carregado para fora do campo como se eu tivesse quebrado a coluna.

— Estou bem. Parece que me acertaram com uma marreta, mas está tudo bem.

Ela sorriu e colocou a planta na mesa com rodinhas perto da cama.

— Fico feliz em ouvir isso. O que o médico disse?

— É uma concussão, mas já que não é minha primeira, querem que eu passe a noite aqui só para garantir.

Sheena soltou um assobio lento.

— Você nos deu um susto. Sem dúvida alguma. Precisa de alguma coisa?

— Está tudo bem. Você acha que alguém poderia trazer minha bolsa, ou pelo menos pedir para a Jenny ficar com ela? Está no vestiário.

— É claro, Sal. Sem problema — ela concordou.

Então, fiz a pergunta na qual estive pensando nas últimas duas horas: — Você sabe se nós ganhamos?

— Ganhamos. A Genevieve marcou faltando três minutos.

Bem, pelo menos a concussão não tinha sido em vão.

— Ótimo — respondi.

— Com certeza. Ela é a próxima geração, não é?

A próxima geração. Ela era só cinco anos mais nova do que eu, pelo amor

de Deus. Não era como se eu fosse bater as botas ou tivesse que investir em uma cadeira de rodas em breve, caramba.

— Sim, ela é — falei, os dentes cerrados. Será que ela sabia o que Cordero estava planejando?

Trocamos olhares desconfortáveis, sem saber o que mais dizer.

Ela sorriu e olhou para a porta.

— Bem, se não precisa de mais nada, tenho que voltar para lá. Queria ter certeza de que você estava bem.

— Estou sim, obrigada.

— Vou deixar meu número neste bloquinho aqui, caso você precise de mim, e vou me certificar de que busquem sua bolsa — ela me garantiu.

De alguma forma, sorri usando a quantidade mínima possível de músculos faciais.

— Obrigada, Sheena.

Ela saiu, e fiquei sentada no quarto silencioso sozinha, finalmente me permitindo pensar no quanto aquela concussão era uma droga. Eu sabia o que aconteceria. Eles me fariam ficar de fora do treino, e de pelo menos um jogo, dependendo do que o médico sugerisse e do que o treinador do Pipers decidisse.

Eu teria curvado a cabeça, só que eu sabia que seria doloroso. É claro, eu não queria morrer; entendia o quanto era importante colocar a saúde em primeiro lugar. Mas, caramba, no final das contas, era a última coisa de que eu precisava. *Merda*. Merda, merda, merda, merda, merda. *Aff*.

Um minuto me afogando nas mágoas era o que eu geralmente me permitia. Aproveitei ao máximo.

Assim que os sessenta segundos acabaram, respirei fundo e lembrei a mim mesma de que eu tinha tido sorte por minha lesão não ser pior. Eu poderia ter morrido, certo? Em última análise, a concussão não era o fim do mundo.

Então estiquei o braço e peguei o telefone ao lado da cama, embora fazê-lo tenha me deixado um pouco zozza. Liguei primeiro para o número da minha mãe. Quando ela não atendeu, deixei uma mensagem de voz, então, liguei para o meu pai, que eu sabia que estaria assistindo ao jogo em casa. Ele poderia estar até na Igreja e, ainda assim, daria um jeito de ver o meu jogo.

Sempre dava.

— Alô? — ele praticamente gritou do outro lado.

— Pai, sou eu, Sal.

Dessa vez, ele realmente gritou, longe do telefone, pelo menos, dizendo algo que soou como “é ela!” em espanhol.

— Você está bem? — ele perguntou naquele tom preocupado de que só os pais eram capazes.

— Sim, estou bem. Foi só uma concussão — garanti.

Meu pai soltou mais alguns palavrões em espanhol e pude ouvir, baixinho, minha mãe, ao fundo, mandando-o se controlar.

— Eu quase desmaiei, pode perguntar para sua mãe — ele exagerou. — Você está bem mesmo? Nenhum dano cerebral?

— Nenhum dano cerebral, eu juro que estou bem. Quis ligar e avisar antes de você comprar uma passagem de avião para cá. Vou sobreviver.

Meu pai exalou audivelmente.

— *Gracias a Dios*. Você puxou ao cabecão duro da sua mãe...

Ela guinchou algo ao fundo, e tive que lutar contra a vontade de rir.

— Guarde suas piadas para amanhã. Não estou com meu celular aqui, mas pode deixar que eu ligo assim que pegar minhas coisas de volta. Se precisar de algo, estou no... — Olhei ao redor e dei a ele o nome do hospital estampado no quadro branco em frente à cama. — Mas estou bem de verdade, então não se preocupe, e diga para minha mãe que tentei ligar para ela, mas ela não atendeu.

— *Sí, está bien*. Ligue assim que receber alta. Eu te amo. Se precisar de mim, estarei aí assim que possível.

Sorri do outro lado da linha.

— Obrigada, pai. Te amo. Tchau.

Meu pai disse tchau em resposta, e desligamos.

Sem mais nada para fazer, liguei a televisão e assisti ao final de um filme sobre tarântulas do tamanho de casas. Cerca de uma hora mais tarde, houve algumas batidas na porta antes de eu ouvir o que só poderia ser Harlow e Jenny discutindo do outro lado. Elas, e por *elas* quero dizer Harlow, não me esperou dizer que podiam entrar. A zagueira abriu a porta com tudo e

irrompeu no quarto, seguida por Jenny e três das minhas outras colegas de time.

Har olhou ao redor do cômodo.

— Que chique.

— Oi, Har. Jenny. — Também cumprimentei as outras garotas que vieram junto.

Jenny veio se sentar na cama comigo, com os olhos grandes e brilhantes.

— Você me deu um baita susto. — Ela agarrou minha mão com cuidado. — Pensei que estivesse morta.

Harlow bufou ao se sentar nos pés da cama e deixar as outras garotas com as cadeiras.

— Eu sabia que você estava bem.

— Eles nos disseram que é uma concussão — uma das garotas falou.

— É uma concussão moderada — expliquei.

O estremecimento foi visível por todo o cômodo. Todas sabiam o que significava, e nenhuma tentou me oferecer palavras gentis. A situação era uma merda.

— Sim, é um saco — suspirei. — Não vou nem me dar ao trabalho de perguntar se vou jogar na próxima partida; vai servir só para eu ficar irritada quando me disserem “não” na cara dura.

Jenny apertou minha mão.

— O que importa é que você está bem. Eles se certificaram de que você não tem nenhuma hemorragia?

Como alguém não sorriria com aquilo?

As garotas ficaram por quase uma hora, me fazendo sorrir e segurando o riso enquanto fazíamos piada sobre coisas aleatórias que não tinham nada a ver com o Pipers. Elas, por fim, prometeram me encontrar no dia seguinte, se eu chegasse a tempo para o voo, e Jenny me garantiu que tinha levado minhas coisas de volta ao nosso quarto. Ao se levantarem e começarem a sair, Harlow se inclinou e sussurrou: — Você quer que eu faça alguma coisa a respeito da Mel?

Ah, meu Deus.

Encostei na sua bochecha e caí no riso.

— Não, Har. Está tudo bem. Obrigada.

Ela me encarou.

— Você tem certeza...?

— Tenho. Mas obrigada, de verdade.

Harlow me encarou, cheia de suspeita, ao sair andando, como se esperasse que eu mudasse de ideia e lhe pedisse para me vingar. De repente, percebi que eu não deixaria apenas o Pipers. Pela primeira vez desde que decidi que não tinha outra escolha a não ser ir para outro lugar, minha ficha caiu de que eu também deixaria duas das minhas amigas mais próximas nos últimos anos.

Ter que fazer novos amigos e me dar bem com novas colegas de time não era tão assustador assim. Eu tinha feito isso vezes e mais vezes ao longo da vida, mas mesmo se eu ficasse na Liga Profissional Feminina, eu não teria mais a chance de jogar com elas, não é?

Engoli a melancolia e me lembrei de que eu precisava fazer o que era melhor para mim. Certo.

— Toc, toc — Gardner disse enquanto abria a porta.

— Entre — convidei.

Sua cabeça grisalha foi a primeira coisa que notei. Ele ainda vestia o mesmo terno e gravata do jogo.

Fiquei de olho na porta, esperando Kulti vir atrás dele, mas não havia ninguém ali. Bem, foi um pouco decepcionante.

— Fico feliz por ver que a sua cabeça continua grudada — ele falou gentilmente, sentando-se.

Sorri para ele, não muito alegre de verdade. Desde a situação com o Franz, eu não sabia como agir perto de Gardner. Duvidava de que ele soubesse, e duvidava ainda mais de que ele tinha algo a ver com a decisão de me trocarem, mas não havia maneira alguma de ter certeza.

— Oi, obrigada por vir.

— Eu tinha que vir dar uma olhada em você, garota. Phyllis e todo mundo mandaram melhoras. — Mas não quiseram vir. Tudo bem. Não era como se eu quisesse que eles me visitassem também. — Como você está?

Dei de ombros de leve.

— Bem. Um pouco frustrada, mas tudo bem.

— Eu não esperaria nada diferente de você. — Ele sorriu.

— Me conta como foi o jogo — pedi.

Gardner só ficou por um tempinho. Não parou de olhar para o relógio até, por fim, sentar-se ereto.

— Eu tenho que ir, tenho que fazer algumas coisas antes de partirmos amanhã. A equipe do hospital sabe que deve me ligar assim que tiverem certeza de que você vai receber alta, mas me ligue também para que alguém possa vir te buscar.

— Anote seu número para mim, por favor. Meu celular está com a Jenny.

Ele o escreveu no mesmo papel que Sheena tinha usado mais cedo.

— Melhoras. Vejo você amanhã.

Ele foi embora, e fiquei sozinha de novo.

Não me deixei pensar em Kulti nem no porquê de ele ainda não ter vindo me visitar.

Assisti a mais um pouco de televisão, recebi a visita de uma enfermeira e, por fim, perdi as esperanças de que o alemão viesse ver como eu estava lá pelas oito da noite. Quero dizer, éramos só amigos. Ele não era meu namorado nem nada do tipo. Além disso, eu tinha certeza de que ele havia descoberto por outra pessoa que eu estava bem.

Saí da cama e segui até o banheiro, onde tomei banho, vesti a mesma roupa íntima e uniforme cirúrgico que me deixaram usar, já que recusei a camisola, e me virei para sair. No instante em que abri a porta do banheiro, soube que havia mais alguém no quarto. Vi o tênis de corrida verde e preto no colchão.

Como esperado, na cadeira mais próxima da cama, havia um alemão ranzinza e carrancudo com os pés para cima, um buquê de frutas no colo e o controle no braço da cadeira. A televisão estava sintonizada no *Sports Network*. A cabeça de Kulti, o cabelo cortado tão rente como sempre, virou-se lentamente na minha direção.

— Taco — ele me cumprimentou.

— Berlim. — Circulei a cadeira e fui me sentar na beira da cama, de frente para ele. As pálpebras de Kulti estavam baixas ao estudar meu rosto, tirando um pedaço de abacaxi em formato de estrela do grande buquê no colo. Também não parecia animado nem muito feliz em me ver. — Qual é o

seu problema? — perguntei a ele quando continuou me encarando.

Ele cruzou um pé sobre o outro, colocou um morango na boca e continuou me analisando.

Tudo bem. Encarei o que restava das frutas.

— Você trouxe isto para mim?

Aqueles olhos verdes continuaram fixos ao pegar um pedaço de couve, colocá-lo na boca e mastigá-lo.

Quando estiquei a mão para pegar um morango coberto de chocolate, ele afastou o buquê do meu alcance.

— É sério?

Kulti piscou.

— Que bicho te picou? — perguntei.

Ele engoliu a couve que tinha na boca e manteve o rosto neutro.

— Eu te liguei.

Foi minha vez de piscar.

— Eu estava ocupada demais sendo retirada em uma maca, então não passei no vestiário para pegar o celular — eu disse, impassível.

— Entendi. — Ele colocou um pedaço de abacaxi na boca.

— É por isso que você está chateado?

— Eu não estou chateado.

— Você está chateado.

— Eu não estou chateado.

— Rey, não sou cega. Você está irritado. Anda logo e fala por que está chateado. O time ganhou.

Kulti se virou, colocou o arranjo na mesa atrás dele e se recostou, fungando secamente. Seus olhos se voltaram para a tela da tevê, e as narinas se dilataram ao inclinar o queixo para cima.

— Olhe.

Tive que virar meu corpo todo na direção da TV presa na parede. Os dois âncoras familiares do *Sports Room* estavam mostrando os destaques do dia. Peguei o final do quarto destaque: uma incrível queimada dupla durante um jogo de baseball.

— *O número três nos destaques de hoje é de um jogo da Liga*

Profissional Feminina. Sal Casillas, do Pipers de Houston, levou o termo “cabeçada” a outro nível durante a segunda rodada de um jogo mata-mata.

O vídeo começava comigo pulando, rodeada por três jogadoras do outro time. Mostrou Melanie, a garota que havia me dado uma cotovelada, circulando ao meu redor no último minuto e pulando alto. Então, aconteceu.

Putá merda, minha cabeça doeu com a reprise do seu braço indo para trás e minha cabeça sendo atirada para a frente, seguido por meu corpo desmoronando no chão como se eu estivesse morta.

— *Aaai* — a voz de um dos âncoras complementou a ação. — *Doeu em mim.*

A filmagem continuou, agora mostrando Melanie sendo empurrada para longe por Harlow enquanto um árbitro corria para ver o que estava acontecendo. No canto da tela, dois homens foram vistos entrando correndo em campo, um deles subjugando o outro em menos de um segundo, pernas longas se esforçando mais e mais em uma corrida que poderia ter quebrado um recorde mundial. O homem deslizou de joelhos no gramado, inclinándose sobre o corpo — meu corpo — no chão.

— *Sabemos que a coisa foi feia quando Reiner Kulti entrou em campo para verificar sua jogadora* — disse o outro âncora, a voz zombeteira.

A cena mudou para outro vídeo enquanto a câmera se aproximava de Kulti segurando minha mão, colocando a mão livre bem ao lado da minha cabeça. Sua boca aberta, seu rosto angustiado...

Aquela sensação confusa e calorosa que eu associava ao alemão quando ele agia de maneira agradável pulsou nas minhas veias.

— Nunca mais desmaie na droga do campo.

Girei o corpo para encarar Kulti, que estava parado ali parecendo incredivelmente desconfortável.

— Você ficou *mesmo* preocupado comigo. — Pressionei um lábio no outro. Não era a hora certa para sorrir, então eu não sorriria.

Uma parte de mim esperava que ele explodisse, mas o tom assustador e controlado que usou foi ainda pior do que o temperamento cruel escondido naquele corpo fantástico.

— Não fale como se estivesse assim tão surpresa.

— Você foi o último a vir me visitar — eu disse a ele com a voz baixa.

A cabeça dele se inclinou para trás, uma carranca no rosto.

— Eu tive que sair para correr e me acalmar o suficiente a ponto de não chegar aqui e gritar com você. Eu quis torcer seu pescoço, Sal.

— Eu nem fiz nada. — Eu não tinha certeza se deveria achar aquilo engraçado, encantador ou irritante, porque parecia que ele estava, basicamente, me culpando por ter entrado no caminho de Melanie. — Pensei que fosse ficar orgulhoso de mim por ter sobrevivido ao ataque de uma jogadora daquele tamanho.

Então, ele perdeu o controle, e só fiquei parada lá, absorvendo tudo.

— Você me assustou pra cacete!

A imagem de um leão com um espinho na pata passou pela minha cabeça e, por algum milagre, não sorri.

— Você está gritando — afirmei com muita calma, digerindo sua reação.

— É claro que estou gritando! Eu gritei com você quando fingiu estar morta naquele campo, roubando dez anos da minha vida — ele esbravejou, suas bochechas ficando vermelhas. — Eu pensei que... — Ele me lançou um olhar cortante que quase me preocupou. — Nunca mais faça isso comigo. Sou novo demais para morrer de ataque cardíaco.

Putá merda, ele havia mesmo ficado preocupado. Amei. Amei tanto que ri, apesar da dor aguda que atravessou minha cabeça.

— Eu diria que é discutível você ser novo demais, não acha?

O alemão inclinou a cabeça para cima e soltou um xingamento longo e baixo em alemão.

— Você veio para este planeta só para me dar uma úlcera, não é?

Ah, meu Deus. Isso me fez cair no riso, o que doeu muito, porque minha pobre cabeça estava sensível, mas não consegui parar — e também nem queria.

— Por que você está rindo? Eu não estou brincando.

Meu corpo todo sacudia enquanto eu ria, mas, de alguma forma, consegui respirar.

— Você fala como se eu tivesse sido enviada de um planeta alienígena para arruinar sua vida. Jesus, Rey, Não diga esse tipo de coisa agora, minha cabeça está doendo muito.

— Pare com isso — ele ordenou. — Você só vai piorar a situação.

Apertei meu nariz e me obriguei a sossegar. Levou mais tempo do que o necessário para me acalmar, mas consegui. Enfim. Finalmente, outra vez sob controle, sorri para ele, tossindo com o riso que ainda restava em mim.

— Significa muito para mim você ter ficado todo nervosinho e preocupado comigo. — Eu não conseguia parar de sorrir.

E ele notou.

— Não é para ser engraçado. Por que você está sorrindo?

— Porque sim.

— Como assim?

Rolei os lábios sobre os dentes e olhei sério para ele.

— Eu vi um jogo no qual seu colega de time, Keller, foi atacado e teve a vértebra deslocada. A câmera se aproximou de você, e você estava ajeitando as chuteiras ou algo assim. Não sei por que estou me lembrando disso. Duas das minhas coisas preferidas sobre você eram que você nunca dava a mínima para o que acontecia com ninguém em campo, e que nunca deixava de participar de um jogo, a não ser quando não conseguia andar. É impressionante, de verdade. Eu me sinto muito especial sabendo que você se importa comigo.

— Eu me importo com várias coisas — ele argumentou.

— É mesmo? Tipo quais?

— Ganhar.

Mordi o lábio para me impedir de rir.

— Certo.

— Meus peixes.

Seus peixes. Jesus Cristo.

Kulti piscou lentamente e não disse nada por um bom tempo. Enquanto isso, permaneci encarando-o, observando sua expressão ansiosa. Quando, por fim, ele respondeu, fui pega de surpresa: — Você.

Eu.

Espere aí. Eu?

Tenho certeza de que até minha alma ficou radiante. As palavras meio que saíram de mim, desenfreadas e irrepreensíveis: — Sua amizade também significa muito para mim, sabia?

Ele não quebrou o contato visual ao esticar a mão para trás e pegar o buquê de frutas, finalmente decidindo compartilhá-lo. Aceitei a oferta e dei uma olhada, pegando um morango coberto com chocolate durante o processo de inspeção.

— Você teve desconto nisso?

— Não. — Ele fez uma pausa. — Por quê?

Olhei de lado para ele antes de dar uma mordida no morango.

— Está faltando metade do buquê.

Ele se inclinou para a frente e pegou uma uva que estava sendo usada como o estigma em formato de flor do abacaxi.

— Não tem nada faltando. Fui eu que comi.

Aquele homem. Fechei os olhos com força para me impedir de rir. Ou ele não notou, ou não se importou.

Mais ou menos uma hora tinha se passado, e ele ainda estava ali quando a próxima enfermeira veio verificar como eu estava.

— Srta. Casillas, como você está...

A pobre mulher fechou a boca, olhos se arregalando ao ver o alemão sentado na cadeira com os pés bem ao lado dos meus. Ela engoliu em seco visivelmente enquanto seus olhos iam e viam entre nós dois.

— Ah, hum, eu não fazia ideia de que você tinha visita. — Ela pigarreou.

— Já passou do horário, mas... — Ela pigarreou de novo, suas bochechas ficando vermelhas. — Posso guardar segredo desde que vocês fiquem quietos. — Com seus trinta e poucos anos, ela era jovem e bonita. Seus olhos não paravam de se voltar para Kulti, de repente estremecendo onde estava.

Ela partiu alguns minutos mais tarde, depois de uma olhada rápida para se certificar de que eu não exibia nenhum sinal de morte iminente e sugerir: — Se você quiser tirar uma longa soneca enquanto estiver aqui, aquela cadeira no canto tem um apoio de pé que se solta. Ela também reclina.

Esperei até estarmos sozinhos antes de perguntar: — Você pretende ficar aqui?

A resposta dele foi tirar os tênis com ajuda dos pés, revelando meias branquíssimas. Acho que eu poderia interpretar aquilo como um bom sinal.

— Você recebeu alguma notícia da sua agente?

— Nenhuma. Parece que alguém vai me ligar semana que vem de um time na Suécia que está interessado. — Um friozinho passou pela minha barriga. *Suécia*. Minha ficha ainda não havia caído.

— Qual time? — ele perguntou, casualmente. Eu disse o nome, e ele assentiu. — É um bom time.

Não deixei de notar que ele havia pesquisado os times — ou clubes, como os chamavam no exterior. Eu, sem dúvida alguma, não faria nenhum comentário a esse respeito.

— E França? Alemanha?

— Sei que ela recebeu resposta de dois times na Alemanha, mas não disse mais nada, e não faço ideia da situação na França. — Sacudi os dedões sob o lençol fino que usava para me cobrir no quarto congelante. De repente, lembrei-me do que eu tinha dito a Franz sobre Amber. Eu ainda tinha que contar a história a Kulti, e isso me fez sentir culpada. Ali estava ele, preocupado comigo e, aparentemente, pronto para passar a noite, mas ele não sabia a verdade. — Rey?

— Taco.

— Lembra de quando ouviu a Amber me chamando de piranha, e eu não quis te contar o motivo?

Kulti ainda encarava a televisão quando respondeu: — Eu sei por quê.

O quê? Minha cabeça latejou em resposta.

— Você sabe?

— Sei; tem algo a ver com a mulher com dentes de cavalo fazendo escândalo porque o marido dela é um mentiroso. Você saiu do time. — Ele olhou para mim. — Já que estamos falando nisso, eu preciso te dizer o quanto você foi idiota. A situação não foi culpa sua, e o treinador deveria ter expulsado a Amber, não você. Você é mais rápida, toma decisões melhores e tem um controle muito melhor da bola. — Kulti falava de um jeito tão despreocupado que eu não conseguia absorver tudo o que ele estava falando. Eu ainda estava presa ao fato de que, caramba, ele sabia.

— Como você descobriu? — Era para ser um segredo, droga.

Ele ergueu um ombro.

— Minha assessora sabe de tudo.

Pois é, meu queixo caiu de incredulidade.

— Ela ficou sabendo?

— Ela se esforça para saber de tudo antes de me convencer a fazer algo. Ela pesquisou o time, e acho que foi quando descobriu. Não me olhe feio. Segredos não existem para ela; eu não ficaria surpreso se ela soubesse de todas as coisas terríveis que cada jogadora no time já fez na vida.

Minhas bochechas queimaram, e tentei racionalizar o que ele estava insinuando.

— Você poderia ter me perguntado. Eu teria contado — resmunguei.

Recusando-se a olhar para mim, ele respondeu: — Você estava demorando demais.

Meu Deus. Eu ia matá-lo.

— Isso é tudo o que você tem a dizer?

— É. Já disse que você foi idiota por não os ter enfrentado, mas não há mais nada que eu possa fazer. Se alguém fizesse isso com você agora, eu me comportaria de um jeito diferente. Mas isso nunca mais vai se repetir, entendido?

Por alguma razão estranha, a proteção dele me deixou radiante. Não importava mais. Aquilo estava no passado e... bem, ele não achava que o motivo pelo qual eu tinha sido erroneamente acusada era grande coisa. Então por que eu acharia? Talvez fosse hora de deixar Amber e seu marido idiota no passado. Quem sabe, eu poderia ter um novo começo.

Respirei fundo e analisei seu perfil, nariz bonito, queixo perfeitamente proporcional e barba por fazer.

— E você? Já tomou alguma decisão quanto ao que vai fazer?

Ele lançou aquele olhar de cor clara sobre mim.

— Não. Ainda não decidi nada.

Observei-o pelo canto dos olhos.

— O Pipers disse algo sobre estender o contrato?

— Disse. — Ele voltou a olhar para mim, dando aquele sorriso diminuto.

— Você acha que as palavras “vão se foder” seria uma resposta apropriada?

Abri um sorriso e me curvei para apertar sua canela.

— Acho que gostei.



O celular dele estava tocando de novo.

— Se você não for atender, eu vou — ameacei-o, não tirando os olhos da paisagem do lado de fora.

— Nenhum de nós vai atender — ele disse o que eu já havia imaginado, depois de o celular tocar pela quarta vez desde a minha alta do hospital.

Parecia que a cada cinco minutos, o trauma recomeçava. *Trim, trim, trim.* O toque mais sem graça já criado tocava em um ciclo sem fim.

— Quem está ligando? — perguntei, por fim.

— Meu agente. Cordero. Sheila.

Ah, cara.

— Você quis dizer Sheena?

— Sim. Ela.

— O que eles querem? — Ninguém havia me ligado. A única pessoa com quem eu havia falado era Gardner, para avisá-lo de que o médico tinha passado naquela manhã e dito que eu poderia ir embora. Mas levou horas para eu receber alta. Puta merda. O time tinha pegado o voo sem mim. Uma van deixou minhas coisas antes de seguir ao aeroporto. Gardner tinha dito que avisaria Kulti sobre o que estava acontecendo, já que, aparentemente, ele decidiu perder o voo e pegar o próximo comigo.

Ele suspirou.

— Eles não querem que peguemos o mesmo voo juntos.

Aquilo me fez girar no velho assento de couro do táxi.

— Por quê?

Ele fez uma careta que dizia o quanto ele achava tudo aquilo ridículo.

— As fotos.

As fotos, caso alguém o reconhecesse. Eu não era alguém especial para ficarem de olho, ninguém me reconheceria, mas ele era outra história.

Foi minha vez de suspirar.

— Eu posso viajar sozinha.

— Não comece, Sal — ele resmungou, ainda não olhando na minha direção.

— Por quê? Eu entendo. Eles teriam menos problemas com os quais lidar. Aquilo o fez olhar para mim, sua boca formando uma linha reta.

— Não somos “problemas”, e não vou fingir que não nos conhecemos. Não sou criança, nem você.

Ter concordado tão prontamente com os termos deles fez com que eu me sentisse uma babaca culpada. Odiava admitir que ele estava certo, mas era verdade. O que eu tinha a esconder? Olhei para as esferas castanho-esverdeadas que me encaravam e me lembrei de que aquela era a pessoa que havia passado a noite em uma cadeira pequena demais para ele, acordando toda vez que a enfermeira vinha me examinar. Isso fez com que eu me sentisse ainda mais imbecil.

Por um breve momento, perguntei a mim mesma no que diabos eu havia me metido. Aquilo era o equivalente a ter medo de altura e arranjar um emprego limpando janelas de arranha-céus.

Mas ao estudar seu rosto de 39 anos que tinha sido uma parte tão grande da minha vida quando mais nova e que, de alguma forma, havia se tornado uma presença ainda maior agora que eu era bem mais velha, aceitei o fato de que não havia muita coisa que eu não faria por ele. Eu não tinha certeza se deixaria aquilo me fazer sentir fraca ou se o aceitaria como o presente que poderia vir a ser, caso eu me permitisse pensar desse jeito.

Eu tinha um homem que eu respeitava e que me respeitava, e ele não se importava se o mundo soubesse que significávamos algo um para o outro. Nossa amizade não tinha sido dada a nenhum de nós dois, nós havíamos trabalhado nela. Além disso, eu já sentia algo por Kulti mesmo quando ele era um pé no saco, arrogante, egoísta e teimoso. Mas ele era o meu pé no saco, arrogante, egoísta e teimoso.

Então, é, eu não ia deixar alguém — quem quer que fosse — depreciar nossa amizade. Essa pessoa, sem sombra de dúvida, também não seria Cordero.

— Desculpa. Você tem razão. — A única coisa que eu não queria nem ia querer era ser encarada. Só isso. Uma ideia surgiu na minha mente. — Seu assessor de imprensa odeia nós dois saindo juntos?

— Meu assessor odeia a maioria das coisas, *schnecke*, não se preocupe com ele.

Não soou muito reconfortante, mas tudo bem. Sorri. Acho que o assessor de Kulti poderia assinar a longa lista de “pessoas que não eram fãs da Sal”. Alguém tinha me dito, uma vez, que não dava para deixar todo mundo feliz, e mantive aquilo em mente por um longo tempo. Assim que aceitávamos que as pessoas sempre nos julgariam, independentemente do que acontecesse, ficava um pouco mais fácil lidar com quem não gostava da gente.

Um pouco.

— Por que a testa franzida? Sua cabeça está incomodando? — Kulti perguntou em um tom preocupado.

É, não havia muita coisa que eu não fosse fazer por ele. Não que, algum dia, eu fosse admitir isso em voz alta.

Repeti isso para mim mesma no instante em que a primeira pessoa reconheceu Kulti no aeroporto. Continuei repetindo quando um agente de segurança foi obrigado a nos levar até uma sala especial para aguardar o começo do embarque. Quando fiquei sufocada pelas pessoas esticando os pescoços para darem uma boa olhada no alemão, disse a mim mesma que aquilo tudo fazia parte. Meu rosto ficou vermelho, porque ele não me deixou continuar andando e fingir que não o conhecia. *Aquilo tudo fazia parte de ser amiga do alemão.*

Mas, com certeza, era um saco e eu não gostava nem um pouco.



— Onde você quer que eu te deixe? — perguntou Marc.

Duas semanas tinham se passado desde a minha concussão, e eu estava me coçando para voltar a jogar. Não me deixaram treinar com o time, mas não relaxei. Continuei correndo sozinha e treinando alguns passes com o alemão em seu quintal. Ele fez questão de ficar pelo menos um metro e meio longe de mim para que não me atingisse no rosto por acidente.

— Na porta, por favor.

Ele assentiu ao entrar na rua onde o prédio do Pipers ficava. Marc não tinha falado muito na última semana e pouco, e eu sabia que era culpa minha. Depois dos meus pais e de Eric, foi para ele que eu tinha contado sobre a possibilidade de ir jogar em outro lugar. Por mais que ele tivesse dito que entendia, não havia reagido tão bem quanto todo mundo, apesar da minha explicação de que, não importava o que acontecesse, eu ainda provavelmente seria mandada para outro time. Marc nem sequer fingiu não ficar triste.

Mas, por outro lado, ninguém passava tanto tempo comigo quanto ele.

— Ligue se mudar de ideia e precisar de carona — ele disse ao desacelerar sua grande caminhonete e estacionar.

Eu me preparei para abrir a porta, mas esperei, encarando-o.

— Pode deixar, mas não me custa chamar um táxi. Sei que você precisa ir para o próximo trabalho.

O homem que costumava lamber o dedo e enfiá-lo na minha orelha quando eu era pequena simplesmente assentiu, e aquilo fez minhas entranhas se revirarem. Eu não sabia o que dizer a ele. Nada que pudesse sair da minha boca o faria se sentir melhor. Então, economizei minhas palavras e, em vez disso, curvei-me para lhe dar um tapinha no joelho.

— Eu te amo, cara. Obrigada pela carona.

Ele soltou um bufo e tocou o topo da minha mão.

— Sempre que você precisar, Salamandra. Boa sorte.

Marc usando poucas palavras fazia eu me sentir culpada. Aff. Assenti e me lembrei pela décima vez de que eu estava fazendo o que era melhor para mim ao tentar encontrar outro time. Além disso, quem disse que alguém se comprometeria em me oferecer um contrato? Eu tinha falado com três times no telefone, e todas as conversas haviam parecido bem positivas.

Exceto pela pergunta de sempre: “O que a fez tomar a decisão de sair da Liga Profissional Feminina?”.

Qualquer assessor de imprensa ia querer me matar quando descobrisse que eu tinha contado a verdade aos diretores-gerais. Talvez mentir fosse uma ideia mais inteligente, mas eu não conseguiria fazê-lo. Então eu dizia: — Dei meus últimos quatro anos para a Liga Profissional Feminina. Não quero jogar onde sou criticada por coisas que não importam em campo. Tudo o que eu quero fazer é jogar. Eu quero ganhar uma copa.

Ou me aceitariam, ou me recusariam, mas, pelo menos, eu iria para um lugar por causa dos meus méritos.

Surpreendentemente, nenhum deles questionou minha amizade com Kulti.

Eu esperava que as coisas dessem certo. Eu realmente esperava que as coisas dessem certo, mas com o Pipers indo para as semifinais dali a três dias, eu sabia que teria que jogar dando mais do que o meu melhor.

A única coisa que me impedia era a alta do médico da equipe e o ok do treinador.

O doutor tinha feito exatamente aquilo, naquela tarde. Eu estava bem. Não havia razão alguma para não me deixarem treinar ou jogar.

Essa foi a razão pela qual, três dias depois, não entendi o que aconteceu.



Eu soube que havia algo de errado quando percebi que Gardner estava evitando contato visual durante o treino antes da semifinal, mas não tive certeza até ele começar a repassar a estratégia que queria que usássemos contra o Arrows.

— Nós vamos fazer algumas mudanças na escalação para o jogo...

Aqui entram os sons dos pneus cantando na minha cabeça.

Eu sabia, caramba. Eu sabia lá nos meus ossos o que estava prestes a sair da boca dele. Meu olhar se voltou para o alemão, que estava ocupado olhando sobre o ombro de Gardner, uma carranca enrugando a pele entre suas sobrancelhas.

Ele tagarelou os nomes das jogadoras que começariam em campo: Jenny, Harlow, Grace, outra e mais uma e ainda mais outra. Eram todos nomes que não me pertenciam. Descrença fez meu rosto esquentar quando a única “mudança” na escalação era meu nome não estar presente, substituído pelo da garota que sempre competia comigo nos tiros de corrida.

— Não há motivo para não conseguirmos ganhar — Gardner disse com uma voz confiante quando continuei parada no lugar, humilhada e quase prestes a cometer um assassinato.

Tentei dizer a mim mesma, enquanto ele ficava parado ali balbuciando palavras encorajadoras, que eu não deveria levar para o lado pessoal. Não era como se ele me odiasse e não quisesse que eu jogasse. Eu me importava com o que Gardner pensava de mim, eu me importava mesmo. Ele sempre tinha sido mais do que um mero treinador, ele era meu amigo.

Jesus Cristo, eu precisava gritar.

Outra pessoa poderia ter chegado à conclusão de que ele não me deixaria começar porque eu não treinava há duas semanas e tinha ficado de fora nos últimos dois jogos, os quais o Pipers ganhara sem problema algum. Mas eu não. Eu não poderia chegar àquela conclusão, porque sabia que a decisão havia sido tomada por outra pessoa.

Tudo bem. Estava tudo bem, lembrei a mim mesma. Só porque eu não começaria em campo não queria dizer que eu não teria a chance de jogar.

É, também não consegui acreditar naquilo, não importou o quanto eu tentasse. Era a porcaria da semifinal, e eu não ia jogar.

Hora de calçar as Meias de Garota Crescida.

Não era o fim do mundo. Não era o fim do mundo.

Soltei um suspiro estremecido enquanto Gardner finalizava seu discurso. Por cima de seu ombro, Kulti me encarava. Seu rosto estava neutro, exceto pelo quão proeminente sua mandíbula de repente se tornou. Entendi o que ele queria dizer só com o olhar.

Ele estava me dizendo para não ser ele.

Estava me dizendo para manter o controle.

Eu precisava relaxar.

Respire. Respire fundo. *Calce as Meias de Garota Crescida.*

Espere, espere, *espere.*

Foi Harlow a primeira que veio até mim quando o time se separou para partir. Ela colocou a mão no meu ombro e curvou a cabeça.

— Sally, eu não acredito nessa merda — ela disse no mesmo volume que usaria se estivesse falando sobre o tempo.

— Não tem problema, Har — eu falei, mesmo sabendo que tinha. O problema era enorme, droga. E, caramba, as veias na minha têmpora estavam latejando. Eu não achava que era possível sentir tanta raiva.

— Dane-se, tem problema sim — ela argumentou. — Vou falar umas verdades para eles...

Paciência, paciência, paciência.

— Não, não faça isso. Não se dê ao trabalho, de verdade. — Estiquei a mão para baixo e peguei a bolsa. Eu me levantei, tentando me acalmar. Voltando a olhar para seu rosto, engoli em seco e não pude evitar sorrir para minha amiga. Fazia muito tempo que eu podia contar com ela. Coloquei os braços ao seu redor e lhe dei um abraço apertado. — Quero contar para você antes que todas descubram. Ouvi dizer que estão tentando me trocar.

Ela se afastou com tudo, seus olhos castanhos arregalados com o choque.

— Nem fodendo.

— Pois é. Você está vendo como estão me tratando. Vou tentar dar o fora antes que seja tarde demais — expliquei, dando meu melhor para não deixar transparecer tristeza na minha voz. — É nosso segredo. Eu tenho que contar para Jenny...

— Tem que me contar o quê?

Não havia mais ninguém por perto quando ela veio se juntar ao nosso grupinho. Foi Harlow quem respondeu: — O time vai trocá-la.

O queixo de Jenny caiu.

— O quê? Quem falou isso?

Dei de ombros, porque não importava.

Lágrimas imediatamente brotaram em seus olhos.

— Qual time?

— Nova York.

Nenhuma delas disse nada.

Foi Harlow quem perguntou: — O que você vai fazer?

— Ir para a Europa, espero — expliquei. — Talvez. Se alguém me quiser. Os olhos da minha pobre Jenny se encheram de lágrimas.

— Você vai realmente nos deixar?

Ah, Deus.

— Eu vou deixar isto, não vocês. Vocês sabem que o Cordero nunca gostou de mim. Não estou tão surpresa assim de ele finalmente ter decidido se livrar de mim, mas não acredito que ele tentaria, dentre todos os times, me mandar para o Nova York.

— Eles nunca a deixariam jogar. — Jenny balançou a cabeça.

Uma mão segurou meu cotovelo antes de trilhar um caminho até a parte inferior das minhas costas. O calor do corpo de um homem queimou minha lateral.

— Você vai ficar bem — uma voz masculina afirmou.

Levou um segundo para meu cérebro registrar o que estava acontecendo. Kulti estava me tocando em público, no treino ainda por cima, na frente das minhas amigas e de quem mais tivesse sobrado no vestiário.

Quando a mão dele deslizou espinha acima e se acomodou no meu outro ombro, cruzando minhas costas, a tensão desapareceu dos meus pulmões e ombros. Era o fim. Ele era meu amigo, nada mais. Eu não tinha nada para esconder, nada do que me envergonhar.

Dane-se. Coloquei a mão em cima da dele.

— Espero que alguém me aceite.

— Alguém vai — ele disse com total confiança.

Fiquei grata por um de nós ter certeza.

Seu olhar se fixou em mim, como se não tivesse nem percebido que havia outras pessoas ali.

— Preciso conversar com você.

Eu queria perguntar sobre o quê, mas assumi que era melhor esperar.

— Vejo vocês mais tarde? — eu perguntei para Jenny e Harlow, que nos

observavam com atenção.

— Sim — as duas concordaram.

Ele não se importou em esperar até chegarmos ao meu carro. Kulti me parou no meio do estacionamento, uma expressão extremamente séria no rosto.

— Eles não vão te colocar no jogo.

— Eu sei.

— Se não fizermos nada e o time for para a próxima rodada, também não vão deixar você jogar a final.

Pesar e raiva eram tão parecidos que foi difícil distinguir qual dos dois esmagava meus pulmões.

— Eu sei.

Kulti deu um passo em frente. Ele havia deixado a barba crescer nos últimos dois dias, e ela emoldurava perfeitamente seu rosto, fazendo com que os olhos se destacassem.

— Você confia em mim?

Se eu confiava nele? Minha cabeça foi um pouco para trás, e minhas sobrancelhas se ergueram. Era bom que eu confiasse.

— Confio.

As narinas de Kulti dilataram enquanto o queixo apontava para baixo. Ele parecia o homem que eu havia admirado por tanto tempo em campo.

— Vamos conversar com Cordero.

Eu tinha acabado de dizer que confiava nele, mas ainda assim quis perguntar do que raios conversaríamos com aquele imbecil. Confiança, certo? Ele não me ferraria. Kulti sabia o que estava em jogo.

Eu quis vomitar, mas, em vez disso, assenti.



— Eu te encontro lá — Kulti disse antes de desaparecer no primeiro banheiro que encontramos.

Tudo bem. Eu não tinha ideia do que faríamos, mas continuei seguindo em direção ao escritório de Cordero. A secretária estava em sua mesa. Ela era o que se imaginava que uma secretária mais velha seria: arrumada, cabelo grisalho aparado curto, um suéter de botões sobre a camisa de gola alta. Era

quase fácil acreditar que era gentil.

Não era; pelo menos, nunca foi gentil comigo.

— Oi, sra. Brokawski, eu poderia conversar com o sr. Cordero, por favor?
— Meu plano era sufocá-la com minha boa educação.

A morcegonas velha e malcriada tirou os olhos do computador, olhou-me de cima a baixo e não gostou do que viu.

— Você precisa marcar um horário.

Alguém estava economizando na simpatia. Tudo bem.

— Se eu pudesse falar com ele por cinco minutinhos... Só isso. É muito importante — salientei, ao mentir o que entraria por um ouvido e sairia pelo outro. A secretária já tinha se virado outra vez e focado na tela do computador.

— Eu já expliquei, você tem que marcar um horário. Ele está livre na segunda-feira às onze.

— Não tem como eu falar com ele hoje?

A senhora revirou os olhos sem um pingão de discrição.

— Não.

Era óbvio que ela não me ajudaria.

— Obrigada mesmo assim — eu disse antes de me virar. Comecei a caminhar na direção de que eu tinha vindo, planejando encontrar o alemão e avisá-lo de que ele teria que ser o responsável por convencer o texugo raivoso a nos deixar entrar. Antes mesmo de eu desaparecer da vista dela, Kulti chegou, a testa franzida.

— Ela não quer me deixar entrar para falar com ele — expliquei.

Kulti piscou uma vez e, então, segurou minha mão, palma contra palma, e caminhou comigo de volta até a mesa da secretária.

Ele não estava para brincadeira.

— Eu preciso falar com o Cordero. Agora.

A armação fina e sem bordas da secretária foi erguida para ver quem estava falando. Todo seu rosto mudou quando viu o alemão.

— Sr. Kulti, o senhor deveria marcar um horário...

— Não. Eu preciso falar com ele agora — ele interrompeu.

Os olhos da velhota se voltaram para mim, e não deixei de notar a ruga

em seu nariz. Bem, as diversas rugas em seu nariz.

— Vou chamá-lo para vocês.

Exatos quinze segundos mais tarde, a guardiã milenar do sr. Cordero estava parada na entrada da porta, mantendo-a escancarada e acenando para que entrássemos.

— Ele vai falar com vocês agora.

O diretor-geral do Pipers estava sentado atrás de sua mesa quando entramos, Kulti na minha frente, ainda segurando minha mão. Eu sabia o que aquilo parecia, e não encontrei forças para me importar. Nem sequer um pouquinho. O alemão tomou o assento mais longe da porta. Eu me sentei no outro, observando Cordero, que parecia perfeitamente calmo.

— Como posso ajudá-los? — o homem perguntou com uma expressão desgostosa.

— Eu aceito o emprego se você deixá-la jogar nos próximos dois jogos — declarou Kulti, indo direto ao ponto.

Me virei para encará-lo, boquiaberta. O quê?

Aparentemente, não fui a única surpreendida por suas palavras. Os olhos de Cordero se arregalaram.

— Aceita?

— Sob duas condições. A primeira é que você a coloque na escalação inicial — ele falou, de maneira imparcial.

O homem mais velho na sala pareceu pensar naquilo, quase perplexo.

— É esse o acordo?

— Parte dele.

Kulti não queria aceitar a vaga. Ele havia me dito. O que diabos estava fazendo?

— Rey — sussurrei.

O alemão se virou para me lançar outro olhar; um olhar que me lembrou de que eu havia prometido confiar nele.

Droga.

— Sim ou não? — ele exigiu de Cordero.

— Eu... — ele balbuciou. — Eu não posso colocar vocês dois em campo ao mesmo tempo. Recebi reclamações de outras jogadoras...

O Rei ergueu a mão, lançando-me um olhar cheio de significado que eu não compreenderia até depois de ele terminar de falar.

— Posso ficar de fora dos dois jogos — ele ofereceu, observando-me ao fazê-lo.

Por um breve momento, o tempo parou.

Cordero não fazia ideia do que acabava de sair da boca de Kulti. Ele ouviu as palavras, mas não entendeu o significado por trás delas. Eu ouvi as palavras e entendi, mas... mas...

— Não — eu disse a ele.

Kulti nem uma única vez quebrou o contato visual comigo, confirmando que realmente queria que eu entendesse o que ele estava insinuando, o que queria que eu compreendesse.

— Sim.

— Rey. Você não sabe o que está fazendo.

O alemão me olhou com reprovação, seu rosto intenso e sereno, tudo ao mesmo tempo.

— Eu nunca tive mais certeza de alguma coisa.

Ah, que droga, caramba.

— *Você* vai ficar de fora para deixá-la jogar? — Cordero perguntou, surpreso, obviamente não tão alheio àquilo quanto eu havia pensado.

Para Kulti não participar de um jogo...

Sem hesitar e ainda me encarando, o pão de centeio disse para o diretor-geral do Pipers: — Vou. Temos um acordo?

O outro homem precisou só de um minuto para pensar na resposta.

— Tudo bem. Temos um acordo desde que sua próxima condição não seja absurda.

Não pude evitar e encarei Kulti. Todo meu corpo estava voltado para ele, focado em suas palavras, em seu rosto e naquele inchaço no meu peito que queria espremer minha laringe até as cordas vocais explodirem.

— Ótimo. A outra coisa que eu quero é que você dê uma olhada no contrato da Sal. Vou comprar a saída dela, e preciso saber qual valor colocar no cheque — explicou o linguição. Antes que eu pudesse argumentar, ele se certificou de que eu soubesse que ele estava falando comigo, não com o

diretor-geral: — Não discuta. Você faria isso por mim.

— Só porque eu faria...

— Eu faria qualquer coisa por você.

Ahh, merda.

Joguei o bom senso no ar e ofereci meus ovários imaginários em sacrifício. Meu coração estava batendo em um ritmo inédito na minha vida. Eu sofreria um ataque cardíaco aos 27 anos. Puta merda.

Kulti se afastaria dos últimos dois jogos e queria comprar minha saída.

Ele não sabe o que está dizendo. Ele não sabe o que está fazendo, repeti para mim mesma, dando meu melhor para não perder o controle bem ali naquela hora.

— Cordero, temos um acordo?

Nenhum de nós olhava para a doninha, então perdemos o bufo e sua expressão de incredulidade. Por mais que o velhaco idiota fosse essencial para o que estava acontecendo naquele instante, não foi a sensação que tive. Aquilo era apenas entre mim e Kulti, e Cordero não passava de um barulho de fundo no caminho em que estávamos indo.

— Você quer comprar o contrato dela? — A risada de Cordero exibia um toque de superioridade. — Sinta-se à vontade.

Se eu não estivesse tão pasma com o que Kulti havia insinuado, talvez tivesse ficado ofendida com a facilidade com que aquele imbecil estava me vendendo.

— *Não estão juntos* — Cordero zombou baixinho.

O que eu só perceberia mais tarde é que eu poderia ter discutido com ele e me defendido. Poderia ter-lhe dito que nada nunca tinha acontecido entre mim e Kulti. Pelo menos, antes de entrarmos naquela sala, ele nunca tinha sido nada além de platônico comigo. Paternal, fraternal, amigável — Kulti tinha sido todas essas coisas ao longo da nossa amizade. Mas qual era o ponto em tentar convencer alguém que, não importava o que eu dissesse, acreditaria só no que quisesse?

Mas, mais importante do que isso, àquela altura, é que eu não poderia ter me importado menos com o que um babaquinha maldoso pensava sobre mim.

Porque Kulti tinha deixado algo claro nos minutos que havia transpassado logo antes de se oferecer para comprar meu contrato com o Pipers.

E era a coisa mais incrível, mais inesperada, mais surreal de todos os tempos.

Ele me a...

Não consegui dizer aquilo. Não consegui nem pensar que ele poderia sentir algo de verdade por mim.

Putá merda.

Obviamente, ele estava fora de si e completamente equivocado. É, ele estava louco. Só podia ser.

Eu o encarei nos minutos seguintes, ouvindo vagamente seja lá o que estivesse se passando entre os dois velhotes na sala. O que raios ele estava fazendo? No que ele estava *pensando*?

— Vou pedir para a equipe jurídica entrar em contato com você mais tarde, srta. Casillas — a voz de Cordero me tirou do transe.

Tentei me lembrar do que ele estivera dizendo antes de ir para o mundo da lua, e quase tive certeza de que ele pediria para a equipe jurídica me ligar para eu assinar o contrato que me libertaria do Pipers.

Eu ainda nem tinha um time me esperando de braços abertos.

Ah, caramba. Eu daria um jeito. Daria tudo certo.

— Vou esperar a ligação deles — eu disse, distraída, levantando-me quando o alemão também se levantou.

— Estou admirado que você tenha decidido se unir a nós ano que vem — Cordero gritou enquanto saíamos de sua sala.

Kulti não disse nada. Aquilo fez sinais de alerta soarem na minha cabeça, os quais afastei até estarmos em um lugar onde eu poderia perguntar a ele o que raios ele estava pensando quando concordou em assinar outro contrato. O silêncio foi nosso companheiro a caminho da saída do prédio. Ele não me tocou. Não me disse o quanto se importava comigo. Nem sequer disse explicitamente que gostava de mim.

Mas acho que ele já tinha feito o suficiente. Certo?

Chegamos ao meu carro e entramos antes de eu começar a falar.

Virando-me com cuidado no assento para encarar Kulti, a lateral da minha coxa direita apoiada no encosto, reuni as palavras e as organizei enquanto ele me observava o tempo todo. Tentei me encorajar um pouco e, quando me senti pronta, encontrei os olhos de Kulti.

— Olha, você é meu melhor amigo, e sou muito grata por tê-lo na minha vida, mas você não... — Eu não conseguiria dizer aquilo. Não conseguiria.

— Eu não o quê? — ele perguntou em um tom frio, aqueles olhos claros fixos.

— Você sabe o quê.

Ele piscou.

— Não sei. Me conte.

É, isso não ia rolar. Eu não conseguia nem colocar a palavra na mesma frase que o nome dele.

— Eu sei que você se importa comigo, mas não tem que fazer tudo isso. Eu posso encontrar uma alternativa. É demais.

O alemão cruzou os braços sobre o peito, sua expressão rígida.

— Não é demais, não por você.

E lá fomos nós de novo. Jesus Cristinho.

— Rey, por favor. Não diga esse tipo de coisa.

— Por quê?

— Porque passa a impressão errada para as pessoas.

Aqueles olhos que pareciam pedras preciosas semicerraram em fendas.

— E que impressão é essa?

— Você sabe a impressão que passa.

— Não sei.

— Você sabe. — Bom Deus, se essa amizade fosse continuar, eu provavelmente sofreria perda de cabelo prematura em breve.

— Não é uma impressão. Eu não poderia me importar menos com o que todo mundo pensa ser a verdade.

Ah, droga.

— Rey, pare com isso. Só... pare.

— Não. — Sua expressão era determinada. — Você é a melhor coisa e a mais honesta que já tive. Não vou negar isso a ninguém.

Meu Deus. Pânico inundou minha barriga.

— Eu sou sua amiga — falei, tímida, quase em pânico.

A testa dele estava lisa como sempre. Kulti parecia mais calmo e controlado do que nunca. Não havia qualquer traço de raiva ou frustração ali.

Estava sério, calado e apavorante.

— Não. Você é muito mais do que isso para mim, e sabe disso.

Abri e fechei a boca. De repente, eu não podia mais ficar naquele carro pequeno com Kulti. Eu precisava sair. Sair dali. Naquela hora. Naquele instante. Eu tinha que sair. Ar fresco, eu precisava de ar fresco.

Então foi o que eu fiz. Saí do carro e bati a porta com tudo atrás de mim. Eu me agachei no chão com a cabeça nas mãos. Estava prestes a ter um ataque de pânico, ou uma diarreia; não consegui decidir qual. Meu coração martelava milhares de vezes por segundo, e eu estava simplesmente agachada, tentando me convencer a não morrer por causa de um ataque cardíaco repentino aos 27 anos.

Aquilo era como o melhor sonho e o pior pesadelo, tudo envolto em uma linda embalagem.

Curvei-me ainda mais e pressionei as palmas das mãos nos olhos.

O som da porta do passageiro se abrindo e fechando me avisou de que minha paz temporária estava prestes a acabar. Segundos depois, senti o homem — o motivo de eu estar perdendo a cabeça — abaixar-se na minha frente. Seus joelhos atingiram os meus enquanto as mãos repousavam nos meus ombros, dando-lhes um aperto de leve.

— Por que você está me dizendo isso agora, do nada? — resmunguei.

Suas mãos acariciaram o comprimento dos meus antebraços e pararam nos cotovelos.

— Eu não vou ser a razão para sua carreira acabar manchada — ele explicou.

A razão para minha carreira acabar manchada?

Ah. Ah. Era eu quem dizia isso desde o começo: não importava o que mais ninguém pensasse desde que nós dois soubéssemos que não havíamos feito nada. Eu poderia ser enterrada sabendo que não tinha “confraternizado” com o treinador. Ah, meu Deus.

— Eu queria esperar até a temporada acabar. Eu não queria te apressar. Alguns meses não são nada comparados ao resto da minha vida, *schnecke*. — Kulti assentiu, as sobrancelhas subindo meio centímetro quando a compreensão me atingiu. — Você não faz ideia do que o dia da sua concussão fez comigo.

O rosto dele se inclinou para baixo enquanto a expressão se tornava solene.

— Pensei que você tivesse quebrado o pescoço. Foi a coisa mais assustadora pela qual já passei. Franz me ligou e me perguntou como minha *schnecke* estava. *Minha schnecke*. Minha lesmazinha, sabia que é isso o que significa? É um apelido carinhoso no meu país. Meu amor. Minha lesma. Eu não quero mais perder tempo. Eu não tenho nada a esconder, nem você.

Inclinei a cabeça para trás, minha garganta completamente exposta enquanto eu suspirava de desespero.

— Por favor, não diga esse tipo de coisa.

— É a verdade.

— Não, não é. Somos amigos. Você disse que eu era sua melhor amiga, lembra? Você pode me amar, mas não pode estar apa... — Eu não conseguia falar. Fechei a boca e dei a ele um olhar exasperado.

— Eu posso e estou. Quando se ama algo, fazemos tudo o que podemos para protegê-lo, não é mesmo? — Ele inclinou a cabeça para baixo, certificando-se de que nossos olhos se encontrassem.

Tudo o que pude fazer foi encará-lo e hiperventilar.

Ele assentiu, suas mãos grandes massageando meus braços.

— Você deveria dizer: “Ah, sim”.

Senti meu lábio inferior tremer enquanto os seus dedos alisavam a parte macia na dobra do meu cotovelo.

— Você está delirando.

— Não estou. — Kulti baixou ainda mais a cabeça, cara a cara, assim como estivera quando acordei da concussão. — Entenda, eu esperaria por você o tempo que fosse preciso, mas tenho esperança de que não me peça para aguardar além do fim desta temporada.

Pânico apertou minha garganta. Aquilo tudo era demais.

— Eu tenho o direito de escolher. Eu não sei...

— Você sabe, Sal. É por isso que brigamos e fazemos as pazes. Porque sempre vamos brigar e fazer as pazes. Foi você quem disse que briga com as pessoas que mais ama, lembra? Você e eu brigamos o tempo todo, entende?

Aquelas mãos grandes soltaram meus braços e, antes que eu pudesse

imaginar aonde estavam indo, pousaram nas bochechas. Em um milésimo de segundo, ele inclinou minha cabeça só um pouquinho para baixo, e nossos olhos se encontraram, sua respiração no meu rosto. Aqueles olhos castanhos incríveis estavam mais perto do que nunca.

Então, ele me beijou. Inesperadamente, do nada, tão repentino quanto um ataque cardíaco.

O sonho da Sal adolescente e da Sal de 27 anos tornou-se um.

Reiner Kulti, meu alemão, meu pão de centeio, pressionou os lábios contra os meus. Os mesmos lábios que eu havia beijado pelo menos umas cinquenta vezes nos pôsteres que, um dia, estiveram na minha parede. Sua boca era quente e casta, urgente, dando um, dois, três, quatro beijos. Ele beijou um canto da minha boca, depois o outro.

Santa Mãe de Deus, eu era doida por aqueles beijos no canto da boca.

Abri a boca só um tantinho e retribuí. Nossos beijos com a boca um pouco mais aberta do que antes. Cinco, seis, sete, oito vezes ele me deixou pressionar os lábios nos dele. Deixou que fosse eu a responsável por beijá-lo de volta. Nove, dez, onze vezes, logo abaixo de seus lábios, em um queixo que não entendia que havia sido barbeado naquela manhã.

A respiração dele ficou pesada no peito. E Kulti se afastou, olhos fechados, boca firme e tensa.

Meu coração acelerava e acelerava. Sem pensar muito, coloquei a mão em seu peito e senti. Senti o bater furioso sob todos aqueles músculos e ossos, igual ao meu. Animado, acelerado, disparado, tentando vencer como sempre.

Eu amava aquele homem.

É claro, isso fazia de mim uma idiota, e amá-lo não necessariamente significava algo, ainda mais eu não tendo certeza se Kulti estava drogado, mas...

Bem, dane-se. A vida era se arriscar. Ir atrás do que a gente queria para que não envelhecesse e tivesse uma lista de arrependimentos. Às vezes, ganhávamos e, às vezes, perdíamos, por mais que eu odiasse isso.

Seus dedos mergulharam no local macio entre minha mandíbula e orelha, dando mais um beijo simples e doce na minha bochecha que senti até debaixo da pele.

— Mais dois jogos.

Mais dois jogos.

As palavras fizeram com que eu me afastasse. O que eu estava fazendo? *O que diabos eu estava fazendo na droga do estacionamento do Pipers?*

Por sorte, ele decidiu dar um passo para trás bem naquela hora. Seus lábios estavam rosados, e seus olhos, brilhantes. As narinas dilataram enquanto ele me observava com atenção.

— Vamos embora, pode ser? Todo dia fica mais difícil.

Assenti, tentando me livrar do estupor que havia me dominado. *Controle-se.*

Entramos no carro, e eu esfreguei as mãos pelo rosto antes de ligá-lo.

Foco. O que eu precisava era de foco.



— Onde está o treinador Kulti? — Ouvi uma das garotas perguntar no vestiário naquela noite enquanto nos preparávamos para entrar em campo e dar início ao jogo da semifinal.

— Não faço ideia — outra pessoa respondeu.

Mantive a cabeça baixa e continuei me alongando. Além de Gardner, eu provavelmente era a única que fazia qualquer ideia de que Kulti estava sentado na arquibancada sem dar na vista. Ele havia tomado a decisão sábia de dispensar o gorro que sempre usava e optado por um boné branco do Corona que eu havia tirado da caminhonete do meu pai anos atrás.

Com uma camiseta lisa, jeans e tênis, fiquei bem confiante de que ninguém faria ideia alguma de quem ele era. Quando chegamos ao estádio, ele não pareceu preocupado em ter que se sentar sozinho, rodeado por pessoas que mais do que provavelmente causariam um tumulto se soubessem quem ele era.

Fomos ao estádio com o carro e o motorista dele porque Kulti havia insistido. Ele deveria pegar um ingresso que alguém havia arranjado para ele no portão principal. Logo antes de eu começar a andar na direção da entrada das jogadoras, ele perguntou: — Seus pais estão aqui?

Como se meu pai pudesse perder um jogo de semifinal. Rá.

Assim que cheguei ao vestiário, Gardner olhou para as garotas.

— Prestem atenção, uma mudança de última hora na escalação: Sal, você vai jogar. Sandy, você vai ficar de fora hoje! — ele gritou.

Não deixei de notar o resmungo horrível que saiu da boca da outra jogadora. Com certeza absoluta mantive o rosto neutro, um talento que eu havia aprendido com o mestre, Kulti. A verdade era que eu não havia me acalmado nem um pouco.

Aqueles babacas teriam me deixado no banco por malditas “razões políticas”. É claro que era um saco para Sandy que, agora, não jogaria, mas aquilo sem dúvida não era problema meu. Com a exceção das duas vezes que fui deixada no banco e tudo o que havia acontecido com as minhas costelas e a concussão, eu havia jogado todos os jogos do começo ao fim. Eu tinha conquistado meu lugar. Além disso, eu não era a única atacante que Sandy poderia substituir. Eu tinha me esforçado para conseguir o que eu tinha, no campo e fora dele. Aliás, ela tinha só 22 anos. Havia muitas coisas pelas quais eu havia me permitido sentir culpada, mas jogar em uma semifinal no lugar de Sandy não era uma delas.

Do outro lado do vestiário, vi Jenny olhando na minha direção, mas, ainda assim, não alterei minha expressão facial. Gardner repassou alguns detalhes e jogadas que ele queria que mantivéssemos em mente ao enfrentarmos o Arrows de Nova York.

Uma ideia prevaleceu: eu preferiria fazer mais uma dúzia de coletivas de imprensa e me mudar para o Brasil a ser mandada para Nova York.

Poderiam até ser coletivas de imprensa como aquela que eu fiz no começo da temporada.

O que, por fim, fez com que eu percebesse, depois de todos aqueles meses, que... Sheena não tinha dito mais nada sobre a coletiva nem sobre o vídeo que planejava liberar depois da coletiva do inferno. O que será que havia acontecido com a gravação? Eu me preocuparia mais tarde, por ora todo meu foco estava no Arrows de Nova York e em sua capitã idiota, Amber.

Eu nem tive a oportunidade de começar a temê-la com tudo o mais que estava acontecendo. Mesmo agora, quando finalmente me lembrei, eu ainda não dava a mínima. Se eu podia dizer alguma coisa, aquilo me deixava ainda mais motivada para esfregar o coração perverso e reclamá-la no gramado.

Eu conseguiria.

Fechei os olhos e relaxei. Todos tinham sua maneira de se preparar mentalmente para os jogos. Eu tinha o dom de me desligar e esvaziar a cabeça. Não precisava de música para me animar. Eu simplesmente visualizava nossa partida e relaxava.

— Está na hora, Sally. — Harlow tocou meu cotovelo.

Abri os olhos e sorri para ela, dando um tapinha no que deveria ser um dos traseiros mais firmes do mundo, e caminhei ao seu lado até o campo.

— Você tem que contar mais tarde como conseguiu voltar para o time — ela sussurrou no meu ouvido.

Dei outro tapinha em sua bunda, mas foi mais porque fiquei muito impressionada com o quanto era musculosa do que por qualquer outra razão.

— Mágica.

Mágica seria a melhor forma de descrever como o jogo correu.

“Aniquilação total e completa” também funcionaria.

No momento em que pisamos no campo, senti algo nas veias e na pele. Eu poderia jurar que havia algo no ar. Havia mais pessoas nas arquibancadas do que nunca. Lá no campo, estava o time de Nova York. Fizemos mais alguns alongamentos de última hora, Gardner nos chamou para mais algumas conversas motivacionais, e entramos em campo.

Nos primeiros cinco minutos, Grace marcou um gol.

Três minutos mais tarde, com uma cabeçada fortíssima de uma das garotas que não dizia nada para mim há mais de um mês, eu me joguei no ar e dei uma bicicleta na porcaria da bola, pés muito acima da cabeça. Foi Harlow vindo com tudo na minha direção que me disse que a bola tinha atingido a rede e marcado um gol. Assim que fiquei de pé, ela enrolou os braços ao redor dos meus joelhos e me ergueu no ar, pulando para cima e para baixo.

Eu ainda estava em seus braços quando os vi na primeira fileira. Estavam de pé, gritando, o boné Corona branco tinha arranjado um assento com vista para o meio do campo, e um homem, logo ao seu lado, que me pareceu familiar, vestia uma camisa do time com o meu número. Ao lado daquela camisa estava outra minha, menor e de cor diferente. Kulti, meu pai e minha mãe.

Aquela segunda onda de adrenalina encheu meu peito. Eu não sabia como ele tinha conseguido — eu realmente não fazia ideia de como ele tinha conseguido arranjar aqueles assentos, e parte de mim não queria saber. Mas estavam juntos. Três das pessoas que eu mais amava no mundo estavam agindo como se tivessem ganhado um bilhão de dólares. Sem qualquer sombra de dúvida, eu sabia que Marc e Simon também estavam ali em algum

lugar torcendo por mim.

No segundo tempo, o Nova York marcou um gol logo no começo.

Uma jogadora do Pipers marcou outro logo depois, elevando a pontuação para 3x1. Por algum milagre insano, avancei furtivamente pelo canto do campo e peguei um passe de Genevieve. Eu não entendi sequer como a bola chegou até mim, mas acertei um chute com tanta força quanto pude. Minha raiva foi alimentada pelo empurrão e pelo insulto de “vadia” que Amber tinha me feito um minuto antes. Estávamos arrasando, então ela poderia me chamar de vadia o quanto quisesse.

Terminamos o jogo com mais um gol no último segundo, tirando nossos fãs dos assentos ao comemorarem como loucos. É claro, o estádio não estava lotado como no jogo dos homens, mas não importava. Os fãs que tínhamos eram muito dedicados, o que mais do que compensava.

A hora seguinte passou em um borrão de abraços e congratulações, com Gardner tagarelando tanto sobre o que tínhamos feito de bom como de ruim naqueles 95 minutos. Tomei um banho e dei o fora o mais rápido possível, nem um pouco a fim de lidar com ninguém, exceto com aquelas três pessoas na torcida.

Saí do campo com diversos “toca aqui!” e tapinhas no traseiro de algumas das jogadoras a caminho da saída. Havia equipes de filmagem e jornalistas preparados, luzes brilhando, microfones a postos.

— Sal!

— Sal!

Calcei as Meias de Garota Crescida.

— Oi — cumprimentei todos eles com um sorriso ansioso, dando um passo para trás quando quatro microfones foram enfiados no meu rosto.

— Parabéns pela vitória. Poderia nos contar como o Pipers conseguiu ganhar?

Resumi para eles: trabalho em equipe, uma defesa ótima e raciocínio rápido.

Houve mais e mais perguntas. O que eu pensava sobre uma coisa e outra.

Então...

— Onde está o auxiliar técnico de vocês esta noite?

— Não me disseram — respondi.

— O rumor sobre um relacionamento inapropriado entre vocês dois está afetando sua habilidade em campo? — outra pessoa perguntou.

Eu me ericei toda por dentro, mas consegui sorrir.

— Eu estaria distraída se houvesse algo me distraindo, mas meu único foco nesta temporada, como em todas as outras, tem sido ganhar. Só isso.

— Então está negando que há algo acontecendo entre você e Kulti?

Estou apaixonada por ele, e ele acha que sente algo por mim, pensei comigo mesma; em vez disso, falei: — Ele é meu melhor amigo e meu treinador. É a única coisa que vou confirmar.

Tudo o que recebi em resposta foram os rostos inexpressivos das pessoas que esperavam algo mais dramático. Se apenas estivessem por perto mais cedo, quando troquei os beijos mais doces de todo o mundo com o homem em questão...

— Obrigada por virem — eu disse e saí, passando pelos outros familiares e fãs que esperavam perto da imprensa. Apertei algumas mãos, dei alguns abraços e acenei para quem reconheci.

Foi a droga daquele boné do Corona que vi primeiro, tão longe da imprensa quanto possível; ao seu lado estavam meus pais, Marc e Simon. Foi meu pai quem primeiro me viu chegando. Veio correndo na minha direção, seu rosto radiante. Meu pai me espremeu em um abraço e disse as palavras que usava toda vez que eu o deixava excepcionalmente orgulhoso: — Você poderia ter marcado pelo menos mais dois gols.

— Da próxima vez — concordei, abraçando-o de volta.

Minha mãe foi a próxima.

— Você não está jogando com a guarda aberta como antes. Bom trabalho.

Por fim, depois que minha mãe me soltou, Kulti deu um passo em frente antes que Marc ou Simon pudessem fazê-lo. Colocou a mão no meu ombro, olhos focados nos meus, e só a menor das indicações de um sorriso na boca.

— Sim, ó sábio senhor? Quais conselhos você tem para mim?

Aquele pequeno sorriso floresceu.

— Seus pais disseram tudo.



— *Buenas noches, amores* — minha mãe desejou boa noite tanto para meu pai quanto para mim antes de desaparecer no quarto. Eles passariam a noite na minha casa.

Meu pai se reclinou no sofá e tomou um gole da cerveja que havia comprado a caminho dali. Nosso grupo de seis pessoas tinha saído e jantado logo depois do jogo. Ele esperou até a porta do quarto fechar com um estralo antes de dizer: — Agora, pode me contar por que Kulti não esteve em campo hoje?

O fato de que ele tinha conseguido enfrentar quase cinco horas antes de ceder e perguntar o motivo de o alemão ter se sentado na arquibancada foi incrível. Eu teria que lhe dar os parabéns por ter guardado a pergunta por tanto tempo, sendo que aquilo deveria estar corroendo-o por dentro.

— Posso.

Ele exalou, e tive que lutar contra a vontade de tirar a garrafa dele e tomar um gole.

— Ele ficou de fora hoje para que eu pudesse jogar. Também vai ficar de fora da final para que eu possa jogar — expliquei devagarinho. — As outras garotas estavam reclamando sobre ele ter favoritas, então... — O último mês da minha vida, de repente, desmoronou nos meus ombros de novo, e tudo o que eu pude fazer foi sacudi-los, desamparada.

Meu pai me encarou e, então, encarou um pouco mais. Uma de suas pálpebras começou a tremer um pouco.

— Me conte o que aconteceu.

Contei. Contei sobre como me permitiram jogar, mas que, inicialmente, tinham dito que eu ficaria no banco.

Meu pai engoliu metade da cerveja em resposta. Ele parecia prestes a explodir. Se havia alguém que entendia a magnitude do significado das ações de Kulti, era ele.

— Sal...

— Sim?

— O que você vai fazer?

— Eu não sei.

Ele me lançou um olhar.

— Você sabe o que precisa fazer.

— Eu não sei.

— Você sabe.

Meu Deus, era assim que as pessoas se sentiam falando comigo?

— Pai... eu... eu não sei. Não sei nem o que pensar sobre tudo isso. Estamos em níveis completamente diferentes. Eu sou eu; ele é ele. Nunca daria certo.

Ele assentiu, seriamente.

— Eu sei. Você é boa demais para ele, mas pensei tê-la ensinado a não ser tão convencida.

Ah, Deus. Por que eu ainda tentava? Caí no riso.

— Não é isso o que eu quis dizer, e você sabe muito bem. Jesus.

Ele sorriu e pressionou o vidro gelado da garrafa de cerveja no meu joelho.

— Ele sabe da sua pequena obsessão?

Lancei a ele um olhar de “você só pode estar brincando”, o que o fez rir em resposta.

— Eu quero ver.

— Ver o quê?

— Suas asinhas de frangota — ele disse, na lata.

Resmunguei.

Ele levou aquilo para outro nível quando começou a cacarejar.

— Eu sempre soube que você era maluco.

Meu pai bufou.

— Pensei que você fosse uma tigresa, *hija mia*.

E ali estava. Sempre dava para contar com meu pai trazendo à tona exatamente o que me preocupava. Eu tinha mesmo perdido a coragem?

— Não sei como contar para ele. Não sei nem por que ele acha que também sente algo por mim, pai. O que eu deveria fazer? Ele está fazendo e dizendo tantas coisas, sendo que nunca me passou a impressão de que pensa em mim como mais do que uma amiga. O que eu devo fazer?

Ele me lançou um olhar que dizia que não estava impressionado comigo pedindo sua opinião.

— Você realmente quer que eu diga?

Assenti.

— Quando conheci sua mãe, eu sabia exatamente quem ela era. Todo mundo sabia quem ela era. Eu já te contei, eu não dei o primeiro passo quando ela me procurou. — Meu pai exibiu um sorriso suave com a lembrança. — Eu não tinha nada para oferecer a ela. Eu não tinha nem terminado o ensino médio, e sua mãe era filha do *La Culebra*. Não importou quantas vezes eu tenha dito que ela poderia encontrar alguém melhor; ela nunca foi embora. Se não importava para ela que nunca seríamos ricos, então por que eu deveria afastá-la? Eu a amava e ela me amava, e quando temos amor, encontramos uma maneira de fazer as coisas funcionarem. — Ele pressionou a garrafa no meu joelho outra vez. — *Você* pode ter tudo o que quiser no mundo. Tudo o que sempre quis, você trabalhou para ter, e sei que sabe disso. “Eu posso e eu vou”, lembra? E vou dizer outra coisa: eu sabia que havia alguma coisa acontecendo quando você apareceu em casa com ele. Nenhum homem vai visitar sua família porque está entediado. Ninguém passa tanto tempo com alguém se não quer nada, e meu aniversário foi há meses, Salomé. — Ele apontou para o próprio coração. — Pense com seu coração, não sua cabeça. Nunca vi você deixar de aproveitar toda e qualquer oportunidade que aparecesse na sua frente. Não comece a ignorá-las agora.



— Onde está o treinador Kulti?

— Está de licença até o fim da temporada — Gardner respondeu antes de sair andando.

Estiquei os braços sobre a cabeça para dar uma boa alongada nos músculos do ombro que estavam sempre me incomodando. Tudo enquanto eu fingia não ouvir o grupinho falando a uns seis metros de distância.

— Ele esteve durante toda a temporada, e decidiu tirar férias *agora*?

— Não estou surpresa.

— Eu não acredito.

— Sério mesmo?

— Aposto que a Sal sabe o que está acontecendo.

— Dã, ela sabe. Tenho certeza de que eles passaram a noite juntos.

Duas das minhas colegas de time sorriram e riram. Babacas.

— Sabe, ouvi dizer que ela foi parar no escritório do Cordero e que ele deu um ultimato a ela: pare de vê-lo ou vamos te trocar.

— Não pode ser! E o que ela disse?

— Ah, não faço ideia, mas acho que é por isso que estavam planejando deixá-la no banco na semifinal. Se tivesse sido eu, se tivessem me dito que eu não estaria na escalação inicial, eu nem tenho ideia do que eu teria feito. Mas a Sal não, ela simplesmente ficou parada lá. Não a vi mover sequer um músculo.

— Caramba. Ela nunca está chateada; acho que ela não sente nada. Só sei que nunca a vi chorar.

Pois é, continuei sem olhar para elas.

— Nem eu. A vida toda dela gira ao redor dos jogos. Ela é um robô ou algo assim.

E aquela foi minha deixa para ignorar o grupo. Para ignorar toda garota que, em algum momento ou outro, eu tinha ajudado, incluindo Genevieve.

Um robô. Elas pensavam que eu era um robô.

Respirei fundo.

Estava tudo bem.

Só tinha mais uma partida pela frente. Só isso. Mais cinco treinos aos quais sobreviver antes do fim da temporada.

O que eu estava dizendo? Quando a vida nos dava limões, tínhamos que ir até uma barraquinha de taco.



Quando entrei no estacionamento naquele dia, havia uma bicicleta na lateral, e, ao lado dela, o alemão. Não havia sinal do Audi.

— Eu não sabia que você estava aqui — eu disse, descendo. — Já fiz uma aula de ioga na academia; se não, teria vindo para casa e obrigado você a praticar um pouco comigo. — Eu não estava nem brincando. O traseiro dele na postura do cachorro olhando para baixo... Deus tenha piedade de mim. Aquela parecia ser uma das poucas coisas que conseguiam me animar ultimamente.

Kulti tirou a poeira do tal traseiro redondo ao se levantar.

— Faz só uma hora que estou aqui.

Vindo de qualquer outra pessoa, aquele comentário o teria feito parecer impaciente, mas Kulti não parecia nem um pouco ansioso.

— Você veio de bicicleta até aqui? — perguntei, dando uma olhada na bicicleta preta que eu nunca tinha visto.

— Sim — ele falou, pegando a bolsa da minha mão. — Comprei hoje cedo.

Eu o segui escada acima e entreguei a ele as chaves para abrir a porta. Kulti deixou minha bolsa no exato lugar onde eu geralmente a deixava e colocou o boné do meu pai no gancho de sempre. Meu pai dissera que eu nunca teria permissão para lavar aquela droga de boné do Corona.

— Vou tomar um banho. Já volto.

Rapidinho, entrei e saí. Quando voltei, Kulti estava no sofá assistindo à televisão. Peguei uma barrinha de cereais e me sentei na outra ponta.

Ele inclinou a cabeça e desceu o olhar do meu rosto para baixo, e para baixo e ainda mais para baixo, pousando-o na regata branca que eu havia vestido sobre um top esportivo limpo, então seguiu queimando uma trilha visual até minhas coxas. Ele deu uma inspirada tão rápida que quase não notei. Aqueles olhos cor de âmbar deslizaram de volta ao meu rosto.

— O que foi? — Franzi a cara, esperando o pior.

— Essas sardas estão por toda parte?

Ele estava falando das sardas no meu peito, e meus mamilos idiotas reagiram como se ele lhes tivesse dado uma chamada de atenção.

— Humm...

Um tendão em seu pescoço se flexionou, e Kulti me deu o que poderia ser considerado um sorriso tenso.

— Vou me comportar. — Um suspiro trêmulo saiu de seu peito e veio direto até o meu. — Preciso te contar o que a minha advogada falou.

— São notícias ruins? — Com minha sorte ultimamente, eu não deveria esperar outra coisa.

— Não. Ela deu uma olhada no seu contrato, fez a minuta do nosso e vai enviá-lo para Cordero amanhã com um cheque para comprar sua saída.

Havia tantas palavras importantes naquela única frase... Eu iria mesmo sair do Pipers. Jesus Cristo.

— Só isso?

— Só.

Tudo acabaria logo. O lembrete de que Kulti estava pagando para me tirar do Pipers deixou meu estômago só um pouquinho esquisito. Estava mesmo acontecendo. Ah, cara.

— Eu...

— Não diga nada sobre seu contrato. — Ele me lançou um olhar controlado. — Eu não fazia ideia de quanto valia, e, sinceramente, achei um insulto quando ela me disse o valor.

Para ele, deveria ter parecido uma ninharia. Bem, para a maioria dos atletas profissionais, com certeza, pareceria nada. Mas o que eu poderia fazer? Eu gostava de jogar, e conseguia pagar as contas com o que eu ganhava trabalhando com Marc. Não era um problema. Eu não precisava de um carro luxuoso, de uma casa enorme ou de coisas de marca para ser feliz.

Mas foi o que ele disse sobre eu fazer o mesmo por ele se os papéis estivessem invertidos que me impediu de fazer um escândalo. Ele tinha razão. Eu compraria sua saída se ele estivesse no meu lugar, então eu não agiria como uma hipócrita. Talvez eu pudesse compensá-lo de alguma forma mais tarde.

— Sua agente teve notícias de algum dos times? — ele quis saber.

Balancei a cabeça.

— Não. Ela me disse para ser paciente. É provável que eu não receba nenhuma oferta até o fim da temporada, então veremos. — Dei a ele um sorriso cheio de coragem que só senti parcialmente. — Vou tentar não me preocupar com isso. Se for para ser, vai ser. Se não, então... Vou dar um jeito. Não é o fim do mundo.

— Não é mesmo — ele concordou.

Suspirei e decidi mudar de assunto.

— Todo mundo perguntou onde você estava hoje.

Kulti fez uma careta.

— Fiquei muito decepcionado por não ter estado lá — ele disse na lata, o que me fez rir.

— Sei, até parece. O que você fez no tempo livre?

— Comprei uma bicicleta e fui dar uma longa volta — Kulti explicou.

Aquilo desencadeou uma memória, e de repente me lembrei do que eu estava querendo perguntar.

— Ei, eu vivo me esquecendo de te perguntar, mas onde você foi naqueles dois dias que faltou ao treino? Quando eu te mandei mensagens, e você não respondeu. Muito obrigada por isso, já que tocamos no assunto.

— Eu fiquei em casa. — Kulti ergueu os olhos até o teto.

— Então você estava simplesmente ignorando minhas mensagens? — O fato de que ele nem sequer tentou mentir me fez respeitá-lo um pouco mais.

Ele baixou os olhos para me encarar de soslaio.

— Eu estava furioso com você.

Se minha memória estivesse boa, eu tinha feito a mesma coisa quando fiquei brava com ele por ter agido de maneira esquisita na frente de Franz e Alejandro. Aff. Estiquei a mão e dei um tapinha em seu joelho.

— Bem, como eu falei na mensagem, desculpa pelo que eu disse naquele dia. Eu estava frustrada, e não foi a minha intenção.

— Eu sei disso agora. — Ele piscou. — Você não é de desistir. E, de qualquer maneira, eu não deixaria você dar o fora.

Falar sobre aquelas conversas quase seguidas fez meu olho tremer.

— Não seja um babaca e não me acuse de dormir com seu amigo, então.

Kulti fez uma cara que quase pareceu arrependida. Quase.

— Eu estava... nervoso. Não gostei da ideia de você estar passando tempo com ele em segredo. Aquilo me incomodou.

Não sei por que levei tanto tempo para compreender o que o havia chateado, por que Franz e eu treinando o incomodava tanto. Aquilo era mesmo real? Se Kulti não estivesse simplesmente falando baboseiras, então muitas coisas, por fim, faziam sentido. Porque ele tinha sido tão inflexível quanto a não termos encontros com outras pessoas quando Sheena havia sugerido. Sua expressão quando contei a ele sobre meu ex.

— Eu não gosto da ideia de você com outro homem.

Não vou sorrir. Não vou sorrir.

— Eu também não gostaria da ideia de você passar um tempo com outra mulher e não me contar. — Pronto, falei. Fui direto ao ponto e falei. Certo. Pigarreei, mordi os dois lábios ao mesmo tempo e dei de ombros. — Não tem nada de errado com isso. Pensei que você só estivesse sendo um babaca com o Franz. Eu, sem dúvida alguma, não gosto de pensar em você ao lado de outra mulher; não gosto nem de ser lembrada da sua ex-esposa, se é que tenho o direito de dizer isso. Sei que não pareço com as mulheres pelas quais você geralmente se interessa, nem me visto como as mulheres com quem você costuma sair, mas você sabe disso e continua aqui. Isso deve contar para alguma coisa — falei com honestidade.

— Eu não vou a lugar algum — ele alegou.

— Pode repetir isso quantas vezes quiser, mas você me disse que é do jeito que é e que nunca vai mudar, então vou te dizer a mesma coisa: eu sou do jeito que sou e nunca vou mudar. Não fui feita para lidar com drama por todo lado, Rey. Tudo o que está acontecendo agora... É isso. Estou no limite. E quero uma vida equilibrada, estável. Quando me comprometo com algo, vou até o fim. Eu não compartilho, nem mesmo brinco com a ideia de

infidelidade. Você é meu amigo agora, mas não quero que algo aconteça que me faça querer seguir em frente com a vida. Eu não quero ser forçada a fingir que os últimos meses não aconteceram. Você é importante demais para mim.

Talvez eu estivesse esperando que ele ficasse todo convencido com o que eu tinha falado, mas não ficou. Em vez disso, aquela expressão intensa que geralmente habitava seu rosto atingiu um outro nível. Ele me deu um daqueles olhares que faziam os pelinhos no meu braço se eriçarem.

— Você diz isso como se houvesse outra pessoa no mundo que eu desejasse. Você não faz ideia do que eu sinto por você. — Ele piscou e disse algo que eu jamais teria esperado: — Não tenho dúvida alguma quando se trata de você. Eu também não compartilho, e não espero nada menos de você.

Eu... O que raios se respondia àquilo? O quê? O que alguém poderia dizer? Era psicótico, é claro, mas não me incomodou. Eu tinha sido a adolescente que desenhava bigodes nos rostos das ex-namoradas dele por meses quando fotos apareciam nas revistas que eu folheava.

Engoli em seco e encarei aquele rosto com algumas poucas rugas, seu pé de galinha e as linhas sob os olhos. Ele era o homem mais lindo que eu já tinha visto. Simples assim.

— Você nunca disse nem fez nada que demonstrasse que você me via como mais do que amiga — expliquei, certificando-me de olhá-lo nos olhos.

O alemão não pareceu muito satisfeito com minha observação. Ele umedeceu os lábios e se reclinou no sofá, encarando-me com uma expressão que era parte irritação e parte alguma outra coisa.

— O que você teria feito se eu tivesse dito alguma coisa?

Como assim?

— Eu não teria acreditado. — Por que eu acreditaria? Sempre agimos na base do puxa-empurra; nunca compreendi o que diabos se passava na cabeça dele.

Kulti ergueu as sobrancelhas, e assenti.

— Exatamente. O que eu ganharia te contando a verdade logo que percebi que você estava destinada a ser minha? Nada. Devemos proteger o que amamos, Sal. Você me ensinou isso. Eu não acordei um dia e soube que não queria mais viver sem o seu temperamento horrível. No começo, vi muito de mim mesmo em você, mas você não é nada parecida comigo. Você é você, e

terão que passar por cima do meu cadáver antes que eu deixe alguém mudar qualquer parte sua. Sei disso sem nenhuma sombra de dúvida. *Isto*. — Ele apontou entre nós. — Isto é o que importa. Você é meu presente, minha segunda chance, e eu vou cuidar de você e do seu sonho. Vou proteger vocês dois. Eu estive esperando, e continuarei esperando até ser a hora certa. Você é minha igual, minha parceira, minha colega de time, minha melhor amiga. Eu fiz muitas coisas idiotas das quais você fez com que eu me arrependesse, coisas que espero que você me perdoe e veja além delas, mas *isto*, esperar mais um pouquinho pelo amor da minha vida, eu posso fazer.

“Você é a pessoa mais honesta, acolhedora e amorosa que eu conheço. Sua lealdade e sua amizade me surpreendem todos os dias. Eu nunca quis tanto algo na minha vida quanto quero seu amor, e não quero dividi-lo com ninguém. Eu não fiz nada na minha vida para merecê-la, *schnecke*, mas nunca vou desistir de você, e não vou deixá-la desistir de mim.”

E não era esse o grande problema?

Uma pessoa poderia te dizer todos os dias que te amava, mas ainda assim mentir e trair. Ou poderiam nunca dizer aquelas três palavras, mas estar ali por você todos os dias e ser mais do que você um dia quis ou sonhou. Ele não era caloroso nem carinhoso, discreto nem particularmente gentil com os outros, mas era gentil comigo, e no meu coração eu sabia que estaria ao meu lado sempre que eu precisasse dele.

Quando Kulti foi embora um pouco depois, eu me deitei na cama e derramei duas lágrimas. Apenas isso; porque tudo parecia bom demais para ser verdade e havia coisas que eu não tinha contado a ele e que poderiam mudar o que sentia por mim.

O que eu faria se ele mudasse de ideia?



O jogo final do Pipers contra o Blazers de Ohio tinha finalmente chegado, e eu estava nervosa pra cacete.

— Você vai ganhar, pare de se preocupar.

Soltei um suspiro alto do meu lado do carro. Ele ofereceu que seu motorista nos levasse até o estádio naquela tarde. Ele não tinha que ir tão cedo assim, os portões não abririam por pelo menos mais uma hora, mas Kulti fazia o que Kulti queria e, por alguma razão, ele queria ir comigo.

Você vai ganhar.

Eu era tão sortuda de ter alguém na minha vida que se importava tanto com a minha carreira. A maioria das garotas só poderia sonhar ser tão sortuda assim.

Mas esse era o problema.

Enquanto os dias passavam até a grande final, eu ficava mais e mais nervosa. Kulti não havia agido nem um pouco diferente. Não tentava me beijar desde aquela tarde ao lado do meu carro. Quando ele vinha até minha casa, fazíamos o mesmo de sempre e, no meio da sua visita, ele me perguntava como o treino tinha sido. Duas vezes saímos e chutamos um pouco de bola entre nós, mas nada mais. Exceto por aquela noite quando ele me disse certas coisas que eu jamais poderia ter sonhado, continuou sendo o homem que não abria a boca, aquele com quem eu estava acostumada a passar meu tempo. Antes de ele ir embora, tinha prometido me dar tempo e espaço para pensar e focar no que mais importava: o jogo final.

Ainda assim, não consegui evitar me questionar o que aconteceria depois do jogo. E se eu não entrasse em outro time? E se eu me machucasse hoje? E se eu estourasse o joelho no intervalo das temporadas? Ou na próxima temporada?

O que eu faria, então?

Minha parte lógica sabia que eu estava surtando por nada, o que não era incomum. Quando eu ficava ansiosa em situações como aquela, minha mente criava um monte de outras porcarias para me estressar ainda mais. É claro, aquela coisa entre mim e Kulti estava no topo da lista.

Tudo pesava no meu peito como uma maldita bomba-relógio.

E se.

E se.

E se.

Ele empurrou minha coxa, brincando, com as costas da mão fechada em punho.

— Pare de se preocupar.

— Eu não estou preocupada, só estou pensando nas coisas.

— Mentira.

Lancei um olhar a ele e me encostei no assento, pensando e me

estressando.

Ele soltou um suspiro profundo.

— Conte-me qual é o problema.

Mordi os lábios e assimilei aquele vinco suave entre suas sobrancelhas, a cor de seus olhos, a forma como as rugas que enquadravam a boca se aprofundavam com a preocupação. Como eu poderia voltar para minha vida se a situação entre nós não desse certo? Eu era jovem e cheia de raiva quando tive uma queda enorme pelo homem que só conhecia pelas revistas e televisão. Não tinha sido real. Mas isso, agora, era. Esse Rey era real e gentil quando não estava sendo um grandessíssimo pé no saco.

Eu não conseguia me livrar do bolo de apreensão formando um cocô no meu estômago. Não era um “e se” com o qual eu queria lidar. Então que se danasse. Talvez a melhor coisa a fazer fosse superar a preocupação antes do jogo.

— O que vai acontecer quando eu não puder mais jogar? — perguntei a ele, enfiando as mãos entre as coxas para que Kulti não pudesse vê-las tremer.

Eu o ouvi se remexendo no assento. O couro rangeu e, então, continuou rangendo enquanto Kulti se ajeitava.

— Do que você está falando?

— O que você vai fazer quando eu não puder mais jogar? Talvez meu joelho só aguente mais alguns anos. O que vai acontecer, então? — perguntei, meus olhos se voltando para o teto do carro, porque de jeito nenhum eu suportaria o rosto dele naquela hora.

— É isso o que está deixando você estressada? — A voz dele soou baixa e calma demais.

— É. Em grande parte. Mais do que as outras coisas.

— Sal, olhe para mim. — Deixei a cabeça cair de lado para que eu pudesse olhar para ele enquanto falava. Com uma camiseta branca e simples com uma marca de risco curvado nela, jeans gastos que lhe caíam muito bem e seu tênis preferido preto e verde, ele parecia quase surreal, o que fez minha pergunta soar ainda pior.

Eu estava sentada no banco traseiro de um carro com Reiner, “O Rei”, Kulti, a caminho do jogo final da Liga Profissional Feminina, perguntando se

ele ainda me amaria quando eu não pudesse mais jogar. Meu Deus. Eu estava realmente trazendo isso à tona numa hora daquelas? Mudei de ideia. Ainda não queria saber.

Eu jamais iria querer saber quais eram nossos limites.

— Sal.

O carro desacelerou até parar. Atrás da cabeça de Kulti, a janela mostrava a silhueta da entrada pela qual eu deveria passar.

— Estou estressada, desculpa. Conversaremos mais tarde, tudo bem?

Ele me encarou pelo que pareceu um longo tempo, mas que, provavelmente, foram apenas alguns segundos antes de, por fim, assentir seriamente e me retirar do buraco que eu mesma havia cavado.

Eu não conseguia respirar, mas precisava focar. Minhas mãos ainda tremiam, e eu estava mais nervosa do que quando eu era adolescente jogando minha primeira partida no sub-17. A vida continuaria independentemente do que acontecesse, lembrei a mim mesma. Engolindo em seco, sorri para o alemão.

— Deseje-me sorte.

— Você não precisa — ele respondeu, seu rosto ainda muitíssimo sério.

Controle-se, Sal. Foco, foco, foco.

— Nos vemos depois do jogo? — perguntei.

— Sim. — Ele disse uma palavra em alemão que pensei significar “sempre”, mas não quis pensar naquilo.

Dei a ele um sorriso e saí do carro. Assim que eu estava prestes a fechar a porta, Kulti disse: — Foco!



Havia alguns jogos que, quando acabavam, eu me sentava e lembrava de tudo como se fosse uma torcedora na arquibancada observando a partida.

A primeira metade foi devagar e ninguém pontuou. Não houve nada memorável nela.

Na segunda metade, uma chama queimava sob os traseiros dos dois times. Na defensiva e na ofensiva, era como os dois times jogavam. A partida deu uma guinada para a violência quando o quarto cartão amarelo foi dado; um tinha sido para Harlow e outro para mim. Nós nos empenhamos e suamos.

Corremos e lutamos contra o Blazers.

E, nos últimos quinze minutos do segundo tempo, um dos times marcou.

Não fomos nós.

Não conseguimos segurar a bola por muito tempo em mais nenhum outro momento depois.

E perdemos. Simples assim.

Nós perdemos, droga.

Foi como se o cachorro tivesse comido nossa lição de casa. Perder me fazia lembrar de quando estávamos digitando algo em um documento e, então, o computador resolvia reiniciar sozinho. Ou de quando assávamos um bolo, e ele não crescia.

Usar a palavra “aniquilar” talvez fosse um pouco extremo, mas era verdade. Para mim, pelo menos. Eu tinha sido aniquilada.

Observar o outro time gritando e comemorando, trocando abraços...

Sinceramente, eu queria socar cada uma delas no rosto e, logo depois, dar uma boa chorada. Não era sempre que se ganhava, o que era verdade para tudo na vida, mas...

Nós perdemos.



Pressionei os punhos fechados acima das sobrancelhas depois que o tempo acabou. Olhei para a arquibancada; a decepção aparente no rosto de muitas pessoas. Tive que desviar os olhos, porque observar nossos fãs revirou meu estômago. As Pipers estavam espalhadas por todo o campo, parecendo tão atordoadas quanto eu. Ninguém acreditava no que tinha acabado de acontecer. Eu, com certeza, não acreditava.

Engoli em seco e percebi que era a última vez em que eu estaria naquele campo.

Engasguei.

Eu havia perdido. Nós havíamos perdido.

Minha família estava na torcida. Marc e Simon estavam em algum lugar naquela multidão. Meu alemão também.

Pressão espremeu meus pulmões quando obriguei os pés a se moverem. Levaram-me para longe das oponentes que comemoravam, alheias ao inferno

que eu enfrentava por dentro. A derrota deixou um gosto amargo na minha boca e, com certeza, na minha alma. Apertei algumas mãos, abracei umas duas garotas do time de Ohio e as parabeneizei pela vitória.

Mas, Jesus, como foi difícil.

Todos lidavam com a derrota de forma diferente. Alguns precisavam ser consolados, outros ficavam com raiva, e outros só queriam ficar sozinhos, caramba. Eu era do tipo que precisava de espaço.

Se eu apenas tivesse sido mais rápida, ou chegado aonde eu precisava, em vez de me ocupar em descontar minha frustração em uma jogadora que havia tropeçado em mim...

Vi Harlow com as mãos entrelaçadas atrás da cabeça, xingando baixinho. Ela ainda estava no mesmo lugar em que estivera quando o tempo acabou. Jenny se encontrava ainda mais longe, abraçando outra jogadora que parecia estar chorando.

Nós havíamos perdido.

E aquela derrota borbulhou na minha garganta.

— Sal!

Coei a bochecha e me virei para ver uma das oponentes vindo na minha direção. Era uma garota mais nova que tinha ficado o tempo todo em cima de mim durante a partida, com seus pés rápidos e criativos. Dei um sorriso para ela, desacelerando meu refúgio em um estado de luto completo.

— Ei, você se importa de trocar de camisa comigo? — ela perguntou com um sorriso meigo.

Sim, eu era má perdedora, mas não era babaca.

— Não, é claro — eu disse, puxando a camisa pela cabeça.

— Espero que isso não me faça soar como uma completa idiota... — ela falou, tirando a camisa. — Mas eu te amo.

Eu tinha acabado de tirar a peça suada quando ela disse aquilo, e não consegui evitar dar um sorrisinho.

A outra jogadora estava com as mãos sobre a cabeça, o tecido ao redor dos pulsos quando parou de se mover.

— Isso soou estranho. Você é uma grande inspiração para mim. Eu só queria que você soubesse. Acompanho sua carreira desde que você estava no sub-17.

Aquela garota era mais nova do que eu, mas também não parecia nenhuma adolescente. Ouvir que eu a inspirava... bem, aquilo fez com que eu me sentisse bem. Não fiquei nem um pouco menos frustrada nem decepcionada por termos perdido, mas acho que sua fala deixou tudo um pouco mais suportável.

Só um pouco.

— Muito obrigada. — Entreguei a ela a camisa do Pipers. — Ei, você tem um jogo de pés ótimo, não pense que não notei.

Ela corou e entregou sua camisa vermelha e preta.

— Obrigada. — Alguém gritou algo, e ela olhou para trás, erguendo a mão em um gesto de “me dê um minutinho”. — Eu tenho mesmo que ir, mas, é sério, foi um jogo muito bom. Vejo você na próxima temporada.

Na próxima temporada. Aff.

— Sim, ótimo jogo. Se cuida.

A melancolia me atingiu com muita, muita força. *Não chore. Não chore. Não chore.*

Eu não choraria, caramba. Eu nunca chorava quando perdíamos, pelo menos não desde quando eu era garotinha.

— Sal! — A voz do meu pai se destacou dentre centenas de outras.

Com duas rápidas olhadelas ao redor e diversos outros gritos de “para a direita!” dele, encontrei minha família. O tronco do meu pai pendia sobre a barreira, mãos espalmadas para impedi-lo de cair no campo enquanto gritava. Minha mãe e irmã estavam paradas atrás dele, Ceci parecia envergonhada.

Funguei e caminhei até lá, guardando um sorriso que só poderia ser dado a eles. Havia outras pessoas gritando meu nome, e acenei para elas, mas andei o mais rápido possível em direção à minha família, necessitando sair do campo antes que a entrega da taça do campeonato começasse.

Agarrando as traves mais baixas da barreira, icei-me para apoiar os pés na base de concreto e me levantei, sendo envolvida por um abraço no instante que me ergui.

— Você não poderia ter se saído melhor — meu pai disse em espanhol, bem no meu ouvido.

Não chore.

— Obrigada, *pa*.

— Você vai ser sempre a melhor jogadora para mim — ele adicionou ao se afastar, mãos nos meus ombros. Seu sorriso ficou triste por um momento antes de apertar meus ombros e fazer uma careta. — Você tem malhado mais? Seus ombros estão maiores do que os meus.

Aquilo só serviu para me fazer querer chorar ainda mais, e o barulho que saiu da minha boca avisou meu pai de como aquele momento estava sendo difícil para mim.

Por fim, minha mãe o empurrou para o lado com um bufo.

— Você jogou muito bem — ela falou em espanhol, beijando minha bochecha. Seus olhos estavam cheios de lágrimas, e não consegui nem começar a imaginar o que se passava pela cabeça dela. Minha mãe nunca dizia nada, mas eu sabia que jogos importantes como aquele eram sempre difíceis para ela. O relacionamento com meu avô era como uma ferida aberta que eu não sabia se algum dia cicatrizaria.

— *Gracias, mami.* — Eu beijei a bochecha dela em resposta.

Ela acariciou meu rosto e deu um passo para trás.

Minha irmãzinha, por outro lado, simplesmente ficou parada com aquele sorriso sabichão no rosto, sacudindo os ombros magrelos.

— Sinto muito por você ter perdido.

Vindo de Ceci, eu aceitaria o que ela estivesse disposta a dar.

— Obrigada por ter vindo, Ceci. — Dei a ela o melhor sorriso que pude enquanto tentava lidar com o fato de que eu havia decepcionado todo mundo.

Os barulhos em campo estavam ficando mais altos, e eu sabia que precisava dar o fora daquele gramado o quanto antes.

— Tenho que ir antes que comecem. Vejo vocês amanhã, tudo bem?

Eles me conheciam bem o bastante para saber que eu precisaria da noite para desestressar e superar aquilo. Uma noite. Eu me daria uma noite para ficar com raiva.

Meu pai concordou e me deu outro abraço antes de eu descer outra vez no campo e me apressar em direção à saída que levava aos vestiários. Havia outras Pipers paradas perto da porta. Algumas chorando, outras se confortando, mas eram as garotas que haviam falado de mim nas últimas semanas. Não estando no clima para lidar com os problemas das minhas colegas de time, continuei andando e passei por elas, ignorando seus olhares

tanto quanto elas vinham me ignorando ultimamente.

— O que foi que eu te falei? Ela é a porcaria de um robô, cara. — A voz de Genevieve reverberou pelas paredes de concreto.

Nós tínhamos perdido e eu não tinha sentimentos. Caramba. Fantástico.

Não chore.

Os seguranças e outros funcionários estavam espalhados pelo corredor. Apertei a mão de alguns deles e os deixei me dar tapinhas nas costas. Funguei comigo mesma, deixando a decepção me consumir de novo. Eu sabia que ficaria bem. Aquele não era o primeiro grande jogo que eu havia perdido. Infelizmente, era um que exigira meses de trabalho com diversos obstáculos ao longo do caminho, e tendo Kulti tão predominante no processo, tudo pareceu muito mais doloroso do que o normal.

Se eu apenas tivesse me saído melhor. Tivesse sido a jogadora que todos esperavam que eu fosse.

— *Schnecke.*

Parei de repente e olhei para cima. Caminhando na minha direção, vindo do lado oposto do corredor, estava o corpo alto e esbelto que eu não tinha certeza se queria ver naquela hora. Havia outras jogadoras andando na minha frente, e Kulti as ignorou quando tentaram falar com ele. Ele nem mesmo olhou para elas duas vezes, o que foi inacreditavelmente rude, mas aquilo me fez balançar a cabeça enquanto lutava pela minha dignidade. Não consegui nem calçar minhas Meias de Garota Crescida.

Kulti parou assim que chegou a um passo de distância. Seu grande corpo sólido e imóvel, e seu rosto, uma máscara perfeita e cuidadosamente controlada que não me deu pista alguma do que se passava naquela sua enorme cabeça alemã. Aquilo tudo só me deixou ainda mais desconfortável, mais incerta, mais frustrada por não termos ganhado.

Apoiando suas mãos nos quadris, puxando a camisa e a deixando justíssima contra os músculos do peitoral, ele piscou.

— Você tem duas opções — Kulti explicou, olhando-me de cima a baixo. — Você quer quebrar alguma coisa, ou quer um abraço? — ele perguntou em um tom completamente sério.

Pisquei para ele e, então, umedeci os lábios antes de pressioná-los um contra o outro. Havíamos perdido, e ali estava ele me perguntando se eu

precisava quebrar algo, ou se eu precisava da porcaria de um abraço. Lágrimas se acumularam nos meus olhos, e pisquei mais e mais enquanto sentia minha garganta se fechar.

— Os dois?

A expressão dele não mudou.

— Eu não tenho nada que você possa quebrar agora, mas quando nós formos embora...

Foi o “nós” que me pegou de jeito.

Foi o “nós” que me convenceu a jogar os braços ao redor da cintura dele e abraçá-lo tão forte que, mais tarde, eu me perguntaria como tinha conseguido respirar. Ele nem mesmo hesitou ao enrolar os braços acima dos meus ombros, sua cabeça se inclinando de forma que a boca ficasse bem ao lado da minha orelha.

— Não chore.

As lágrimas simplesmente transbordaram. Minha frustração, minha decepção, minha vergonha, estava tudo ali. Toda insegurança estava presente.

— Desculpa — eu disse a ele com a voz molhada.

— Pelo quê?

Ah, meu Deus, meu nariz escorria mais rápido do que eu conseguia mantê-lo sob controle. Meu coração partido estava exposto.

— Por te decepcionar — obriguei-me a dizer, meus ombros tremendo com os soluços suprimidos.

A cabeça dele se moveu, a boca se aproximando ainda mais da minha orelha. Aqueles braços grandes e musculosos me apertaram ainda mais.

— Você nunca poderia me decepcionar. — A voz dele soou estranha, ou eu estava imaginando coisas? — Não nesta vida, Sal.

É, aquilo não ajudou em nada. Jesus Cristo. Meu nariz se transformou em uma torneira aberta.

— Isto é real? Você é real? Eu vou acordar amanhã e descobrir que a temporada nem sequer começou e que os últimos quatro meses foram um sonho? — perguntei a ele.

— Isto é muito real — ele disse naquela mesma voz estranha.

Mas que coisa maravilhosa e profundamente triste, tudo ao mesmo tempo.

Ouvi passos cada vez mais altos ao nosso redor ecoando pelo corredor, mas não tive forças para dar a mínima para quem estivesse se aproximando e para o que pensariam.

— Eu queria muito ter ganhado.

A resposta dele foi acariciar minhas costas, seus dedos deslizando sob as tiras grossas do meu top esportivo.

— Eu odeio perder — falei, como se ele não me compreendesse, pressionando o rosto ainda mais fundo entre seus peitorais. — E elas acham que eu não ligo de termos perdido. Por que alguém acharia que sou um robô?

Kulti simplesmente continuou me acariciando, dedos frios e ásperos na minha pele úmida.

Funguei.

— E agora você está preso aqui, e eu nem sequer ganhei. Sinto muito, Rey.

Seus dedos se enterraram ainda mais fundo sob meu top, as costuras esticando em protesto contra o que ele fazia enquanto a palma se mantinha encostada na minha pele.

— Você não vai a lugar nenhum sem mim.

Como assim? Inclinei a cabeça para trás apenas o bastante para olhá-lo no rosto, não ligando para o desastre que deveria estar minha aparência.

— Mas você disse que...

O rosto de Kulti pareceu gentil. Seus olhos brilhando mais do que nunca.

— Eu tenho tanto para te ensinar, Taco — ele disse, sacudindo as sobranças. — A não ser que você tenha algo por escrito, nunca vai ter prova de acordo nenhum.

Aquele merdinha impiedoso. Eu deveria ter ficado chocada com o fato de ele ter mentido para Cordero, mas não fiquei. Nem um pouco. Eu ri, mas foi um daqueles risos que se soltava para não continuar chorando.

— Você é um babaca. — Só que eu o amava mesmo assim.

A boca dele subiu, mas só um pouquinho.

— Pronta para ir embora?

Assenti, limpando a garganta inundada, e dei um passo para trás.

— Só me deixa pegar minhas coisas antes. Não quero ter de voltar aqui.

Hesitei por um segundo quando nós nos viramos e encontramos algumas das garotas nos encarando. Deveria ser o mesmo grupo que tinha acabado de passar. Um grande bolo de determinação se formou na minha barriga, e deslizei os dedos pelos de Kulti.

Dane-se. A temporada tinha acabado. Eu estava cansada, tinha desistido. Segurei a mão dele, e ele sorriu.

Tínhamos dado uns oito passos quando ele perguntou: — Quem foi que chamou você de robô? — Sua voz foi tão doce e sincera que seria fácil acreditar que era uma pergunta casual.

Mas eu o conhecia bem demais e, àquela altura, eu já não ligava.

— Não importa.

— Importa, sim — ele respondeu naquele mesmo tom. — Foi a mesma jogadora que contou ao Cordero sobre você me chamar de linguição?

Parei de andar tão abruptamente que levou um passo para ele perceber.

— Você sabe quem contou para ele?

— A enxerida. Gwenivere — ele respondeu.

— Genevieve? — bufei.

— Ela mesma.

Meu olho. Meu olho tremeu. A babaca da Genevieve?

— Sua agente te contou?

Ele fez que sim.

Engoli em seco. Inacreditável. Que piranha traidora. Puta merda.

— Seu rosto diz o bastante — ele comentou, me puxando para continuarmos andando. — Vou esperar por você aqui fora.

Sorri para o pequeno grupo e dei um apertão rápido na mão dele antes de desaparecer ao entrar no vestiário quase vazio. Eu deveria ter ficado, ouvido Gardner falar sobre a temporada, mas não consegui. Peguei todas as minhas coisas, enfiei-as na bolsa esportiva e fui embora. No dia seguinte, eu voltaria e devolveria o que não fosse meu. Eu também poderia ver Jenny e Harlow antes de voltarem para casa.

Encontrei Kulti encostado na parede dando a Genevieve e outras garotas paradas na porta um olhar que poderia ter cozido e soltado qualquer pele do osso. Eu não fazia perguntas. Ergui as sobrancelhas para ele, e logo antes de

sairmos, sorri para as mulheres, optando por apenas uma única palavra.

— Tchau.

Tenham uma boa vida, adicionei na minha mente. Minhas esperanças eram grandes de que eu teria.

— Vamos — Kulti murmurou, conduzindo-me através de um grupo de repórteres que se apinhava na saída.

Ele os tirou do caminho com o ombro. Continuei andando e não dando a mínima que eu deveria ter dito algo a eles. Pareceu levar um ano para chegarmos ao carro de Kulti.

Entrei primeiro, observando-o me seguir, pressionando aquele corpo longo e muscular contra o meu. Seu braço deslizou sobre o meu ombro enquanto se acomodava em mim, sufocando-me com aquele peitoral amplo. Isso foi tudo o que ele fez. Não me falou para não continuar decepcionada nem brava. Kulti não me disse que tudo ficaria bem. Simplesmente continuou me abraçando até chegarmos à minha casa.

Sem dizer nada, subimos a escada, e ele destrancou a porta. Deixou minha bolsa no lugar de sempre. Eu disse que ia tomar um banho. Os minutos seguintes pareceram um sonho borrado, e levei muito mais tempo do que o normal. Quando terminei, estava orgulhosa de mim mesma por não ter chorado mais do que acabei chorando. Quero dizer, homens adultos choravam no futebol quando perdiam, então não haveria problema algum se eu também choramingasse...

Se eu fosse um bebê.

Eu tinha chorado o bastante no estádio.

Não era o fim do mundo. Não mesmo. Eu continuaria repetindo aquilo para mim mesma até eu ter superado.

Kulti esperava na cozinha quando, por fim, saí do banheiro. Ele me lançou um olhar sobre o ombro enquanto raspava algo de uma frigideira em dois pratos.

— Sente-se.

Sentando-me em um dos dois bancos ao balcão, ele deslizou o prato com uma mistura de vegetais, salsicha picada e arroz para mim. Nenhum de nós disse muito enquanto comíamos sentados juntos. Eu me senti um pouco melancólica e depressiva, e imaginei que ele estivesse só me dando espaço

para me lamentar um pouco. Eu teria que perguntar, algum outro dia, como ele lidava com aquelas coisas.

Assim que terminamos, pegou nossos pratos e os colocou na pia com um pequeno sorriso tenso. Ele foi e se sentou no sofá, deixando-me sozinha na cozinha. Não sei quanto tempo fiquei lá, mas depois de me sentir infeliz o bastante, por fim me levantei e me encaminhei até a sala para vê-lo sentado no meio, folheando um dos livretos de Sudoku da loja de um dólar. Assim que me notou, colocou-o de lado.

Kulti me puxou até seu colo.

Aconteceu tão rápido que não consegui focar em mais nada. A boca dele caiu sobre a minha, que estivera aberta em expectativa.

Aquele milésimo de segundo de expectativa não foi nada quando comparado com a ação em si. Sua boca era quente e macia, desejosa e exigente ao arrastar a língua pelo meu lábio inferior. Fiz o que qualquer outra pessoa sensata faria: abri a boca. Quando roçou a minha, sua língua tinha o gosto suave da hortelã que mastigava de vez em quando: uma, duas vezes, de novo e de novo, sedenta e necessitada. Ele me espremia contra o corpo enquanto nossos beijos se aprofundavam, se agitavam, quase nos machucando. Devoradores.

Putá merda, amei.

O jogo e a derrota se transformaram em memória e preocupação para outra hora.

Minhas mãos se esticaram até suas laterais, acariciando as costelas antes de escorregarem até a cintura. As mãos de Kulti tinham consciência própria, uma indo direto até minha nuca, enterrando-se fundo no cabelo espesso e molhado que eu havia prendido em um coque. A outra, na minha mandíbula, embalando-a. Eu me demorei sugando sua língua, gananciosa e egoísta. Era demais, mas não o suficiente.

Eu não era a única que pensava assim. Kulti usou seus braços para me segurar contra o corpo. As mãos desesperadas, como se quisesse se rastejar para dentro de mim. Algo grande e duro roçou meu quadril enquanto ele me abraçava. Ah, meu Deus. Ah, meu Deus.

Anos tinham se passado desde meu último namorado. Fazia muitos, muitos anos desde que eu tinha dado um tempo nos relacionamentos para

focar na carreira. Então aquilo era... Não pensei nem duas vezes antes de mergulhar os dedos sob o colarinho da camisa, meus dedos acariciando a pele macia ali.

E o que foi que ele fez? Afastou-se de mim, só alguns poucos centímetros, tirando a camiseta pela cabeça e colocando minhas mãos outra vez em suas laterais. Subi-as pelas costelas, pelas costas e ombros, sentindo, sentindo, sentindo tudo. Caramba, como ele era musculoso. Seu corpo ondulava sob meu toque.

— Você tem cheiro de aveia, limpa e adocicada... — ele rosnou, sugando o lóbulo da minha orelha.

Não importava que tecnicamente ele ainda fosse meu treinador até... o quê? Meia-noite? Nem que ele era meio que uma celebridade cujos fãs me enviavam e-mails maldosos. Tudo o que importava era que, acima de tudo, ele era meu amigo, e ele fazia meu sangue ferver como nenhuma outra pessoa no mundo tinha feito algum dia. Eu não conseguia me saciar.

Kulti pressionou o peito no meu com um grunhido selvagem, seus dedos beliscando o tecido fino da minha regata em frustração. Em um movimento sobre o qual eu não queria pensar, porque foi natural demais, Kulti arrancou minha camiseta e meu top esportivo pela cabeça, jogando-os de lado.

Ah, caramba. Ah, caramba. Consegui beijar sua garganta e aquele pedacinho macio onde o ombro encontrava o pescoço antes de ele me afastar o suficiente para encarar meus seios. Sua respiração ficou ainda mais dissonante do que antes, o que dizia algo sobre um homem que costumava correr de um lado ao outro do gramado para ganhar a vida. Ele engoliu em seco, lábios entreabertos, e posso jurar que a saliência sob meu quadril pulou.

O alemão me moveu com aquelas mãos grandes, ajeitando-me para montar em seu colo, enquanto a boca mergulhava para capturar um mamilo entre os lábios. Ele sugou a pele. Santo Deus, ele sugou com força. Eu gemi. Gemi e me arqueei contra ele, esfregando-me contra o eixo duro e grosso aninhado entre minhas pernas.

Ele xingou baixinho com seu sotaque alemão antes de se afastar o suficiente para beijar minhas sardas que sumiam logo acima dos mamilos. Eu não conseguia parar de olhar. Não conseguia. Era *excitante* demais. Eu estava arfando, ele estava arfando. Suas mãos tentaram circular minha cintura, trazer-me para ainda mais perto da boca.

Algo louco, ilusório e tentador atravessou meu corpo, e me deixei levar. Dane-se. Meus dedos tatearam sua cintura, o botão do jeans, querendo-o naquele instante. Eu havia passado a maior parte da vida tentando ser uma boa garota, aceitando que eu não tinha sido criada para nada que não valesse a pena. Enquanto mergulhava os joelhos nas almofadas do sofá em cada lado dos quadris de Kulti, tentando fazê-lo me ajudar para que eu conseguisse abrir sua calça, ele resmungou e impulsionou os quadris para cima. E logo se afastaram, o domo amplo da ereção espreitando sob o elástico da cueca.

O resmungo que saiu de sua boca se misturou com minha súplica feroz. Meu “por favor” que soou como um choramingo foi o que antecedeu os braços de Kulti se enrolando ao meu redor e me puxando para perto. Os pelos curtos em seu peito roçaram meus mamilos.

— Por favor — implorei a ele de novo.

Sua resposta foi se afastar outra vez e mergulhar a cabeça baixo o suficiente para que pudesse tomar tanto quanto pudesse de um dos meus seios em sua boca. Deslizou a mão até a parte de trás do meu short e calcinha, pele contra pele, palma contra nádega. Os dedos longos desceram pela fenda do meu traseiro, roçando levemente um lugar que me fez pular em seu colo antes mesmo de ele atingir onde eu o queria sentir. A ponta dos dedos escorregou sobre os dois lábios encharcados, e soltei um barulho terrível e maravilhoso com a garganta.

— Do que você precisa, *schnecke*? — ele perguntou, esfregando um dedo na curva entre meu traseiro e coxa. — Você está tão molhada. Você quer meus dedos em você?

Eu estava prestes a morrer, caramba.

— Fala. Você quer meus dedos na sua boceta quente? — ele me perguntou, encarando-me com seus olhos arregalados e brilhantes que se demoraram no meu rosto enquanto tocava a pele sensível.

Eu implorei duas vezes antes de Kulti, por fim, deslizar um dedo para dentro de mim.

Ele mergulhou de forma tão lenta que achei que eu fosse desmaiar antes de ele recuar. Comecei a gemer, girando os quadris enquanto seu ritmo acelerava de maneira constante. Seu outro braço envolveu a parte inferior das minhas costas, mantendo-me perto. Nossas bocas se encontraram, e nos beijamos e beijamos ainda mais, e Kulti moveu os dedos de novo e de novo.

Aquela foi a coisa mais sensual que algum dia eu vivi. Tudo o que eu podia sentir era o calor de seu peito no meu, o braço ao meu redor, sua boca pressionada na minha, o dedo dentro de mim. Embalei os quadris e, então, balancei-os com mais força, minha respiração falhando, desmoronando, enquanto eu me perdia cada vez mais.

Afastando sua boca da minha, ele tracejou minha mandíbula com beijos molhados. Seus lábios estavam na minha orelha, o dedão circulando meu clitóris.

— Você é minha.

O arrepio que subiu pela minha espinha foi o único aviso que recebi do orgasmo que chegava.

Eu gozei. Eu gozei e gozei e gozei.

Minhas pernas estremeceram e os músculos da minha barriga saltaram. O tempo todo, o alemão beijou meus ombros e meu pescoço. Ele me segurou, beijou e passou a mão pelas minhas costas.

O que pareceu ser meia hora mais tarde, mas provavelmente foram apenas alguns minutos, devagarinho, me acomodei e apoiei a bunda no colo de Kulti, respirando fundo algumas vezes para me acalmar. Sua mão havia deslizado para fora da minha calcinha e, em algum momento, ele havia começado a segurar minha bunda. Inclinei-me para a frente e pressionei a testa no seu pescoço, sentindo o pulso trovejar. Agarrei suas laterais e permiti que meus dedos subissem e descessem pelas costelas, a ereção orgulhosa aninhada bem entre nós, uma cabeça roxa me encarando, lacrimejando.

Deslizei uma das mãos para baixo pelos músculos marcados no seu abdômen e, com a parte de trás dos dedos, fiz uma linha pela parte inferior do pau debaixo do tecido de algodão da cueca boxer. Ele inspirou rapidamente, os quadris empinando sob os meus. Olhei para o rosto dele quando repeti o movimento, desta vez para cima e para baixo, o músculo saltando sob meu toque. A boca de Kulti estava entreaberta, um rubor intenso nas bochechas e pescoço.

Puxei o cós da cueca na minha direção e escorreguei a mão para dentro, enrolando meus dedos ao redor da carne quente. O que recebi em resposta foi um gemido, e Kulti jogou a cabeça para trás ao exhibir a expressão mais sensual na história da escala de sensualidade. Inclinei-me para a frente e

mordi a parte de sua garganta entre o pomo de adão e o queixo. Ele emitia um som erótico e rouco com a garganta.

Ele era mais grosso do que eu esperava, mais comprido do que eu poderia ter imaginado. Macio, duro e quente. Kulti parecia perfeito na minha mão. Mais do que perfeito. E movi a mão para cima e para baixo pelo comprimento que me encarava bem em frente a uns cinquenta centímetros de distância. Apertei-o enquanto o afagava.

Foi mais a memória visual das centenas de filmes eróticos que eu via de vez em quando, tarde da noite, nos canais por assinatura que me lembrou do que fazer.

— Está bom assim? — perguntei a ele, deslizando meu traseiro um pouco mais para trás em suas pernas.

— Você não faz ideia — ele resmungou, o pescoço ficando tenso enquanto eu fechava a mão ao redor de sua base.

Quero dizer, eu meio que fazia ideia, mas que seja. Não era hora para discutir.

Com o coração quase saindo pela boca, mantive uma das mãos ao seu redor enquanto deslizava para longe de suas pernas. Ele me observou com aqueles olhos cor de âmbar e pálpebras pesadas, a respiração cada vez mais cansada até arfar quando usei a boca para envolver a ponta rosa-arroxeadada de sua cabeça.

— Sal! — ele gritou.

Com um toque de língua no frênuo e mais uma sugada rápida, Kulti soltou um gemido profundo e devastador do qual eu me lembraria para sempre, jorrando pela minha garganta abaixo.

Putá merda.

Sentei-me outra vez, passando um braço ao redor dos meus seios enquanto me acomodava, estudando aquele rosto ofegante e bonito quase vinte anos depois que eu havia me apaixonado por ele. O sol, o tempo e a vida o tinham deixado ainda mais charmoso.

Pensar naquilo fez minha consciência pesar.

Kulti acariciou meu braço com uma das mãos.

— Fazia muito tempo — ele se desculpou, tracejando um padrão que só ele via na minha pele. — E você é bonita demais.

Enruguei o rosto e dei uma bufada, não me deixando pensar em todas as mulheres deslumbrantes com quem ele estivera ao longo dos anos.

Ele deslizou o indicador bem entre minhas clavículas, uma expressão pensativa em seus traços que não me fez sentir nem um pouco melhor. Estaria ele relembrando de todos os seios incríveis que tinha visto na vida? Eca.

— No que você está pensando? — ele perguntou, a pontinha do dedo se curvando sobre ossos, tendões e cicatrizes.

— Em todos os seios que você já viu antes — disse a ele com honestidade, minha garganta se enchendo com uma raiva que eu não tinha direito algum de sentir.

Ele ergueu os olhos mais rápido do que eu pensava ser possível, a boca tensa nos cantos em uma carranca.

— Eu sei que não tenho direito de falar nada sobre o que aconteceu antes de nós nos conhecermos, mas é um pouco difícil para mim. Se algo não estiver à altura, pense no meu chute de bicicleta. Alguns caras já me falaram que isso os deixa com tesão — ofereci, sorrindo.

A carranca em seu rosto se dissolveu na mesma hora.

— Sal.

— Estou brincando. Em grande parte. — Suspirei e dei de ombros. O que eu estava fazendo? Eu precisava contar a ele a verdade.

Suspirando, eu me levantei e vesti o sutiã.

Dedos tocaram a parte inferior das minhas costas.

— Qual é o problema?

Qual era o problema? Aff. Por que eu ainda não tinha contado a ele? Ele precisava saber. Aquilo me fazia sentir uma farsa depois de tudo o que havia acontecido.

— Eu preciso te contar uma coisa.

— O quê?

Comecei a esticar o braço em direção à minha camiseta quando ele tirou as pernas de cima do sofá e me impediu com uma das mãos no meu braço.

Endireitando a postura, preendi as mãos entre as coxas, cotovelos grudados nas laterais, e fixei o olhar nos joelhos. Tentei pensar nas palavras que eu havia planejado desde que meu pai me acusara de ser covarde. Não falar

como alguém obcecada era muito mais difícil do que parecia, ainda mais quando eu ainda podia sentir seu gosto na minha boca.

E se...

Nada de “e se”. Eu tinha que fazer aquilo. Eu *realmente* tinha que fazer aquilo.

— Eu tinha uma queda enorme por você quando era criança — comecei, preparando-o. — Até os meus dezessete anos, havia pôsteres seus por todo o meu quarto. — Bem, quem saía na chuva era para se molhar. Certo. Eu conseguiria. Era importante ser honesta. — Eu estava apaixonada por você. Eu disse para todo mundo que me casaria com você algum dia. Você era meu ídolo, Rey. Continuei jogando futebol por sua causa.

Esfreguei a mão na sobrancelha, ainda mantendo o olhar focado adiante na mesinha de centro. Não era como se eu estivesse contando a ele algo insano. Toda garota que eu tinha conhecido teve uma quedinha por alguma celebridade em algum momento, mas... eu tinha acabado de colocar o pênis dele na minha boca. Eu deveria ter contado antes. Eu deveria ter contado há muito tempo.

Pressionando as sobrancelhas, continuei: — Eu deveria ter contado a você antes, mas não quis. Levei tempo demais para conversar com você, e quando consegui fazer isso como uma pessoa normal e não como uma fã doida, eu não quis. Não quis que você me olhasse de forma diferente. Não *quero* que você faça isso. Desculpa. Foi há muito tempo, e eu era só uma criança.

Houve silêncio. Silêncio absoluto.

Então pensei comigo mesma, *é o fim*. Nossa amizade acabou. Qualquer esperança que tive de... bem, aquilo também havia acabado. Mas o que eu poderia fazer? Nada. Eu não poderia voltar atrás. Quando pequena, eu não fazia ideia de que algum dia conheceria Reiner Kulti, muito menos de que me tornaria sua amiga. Com certeza, não fazia ideia de que me apaixonaria pela versão humana dele, pelo homem de verdade. Infelizmente, não é possível voltar no tempo e mudar o passado.

Mas, pensando melhor, será que eu queria? Cheguei até onde cheguei porque o idolatrava, porque havia desejado ser ele. O que mais eu estaria fazendo se não fosse por ele naquela maldita Copa Altus quando eu tinha sete anos?

Arrepios subiram pelos braços quando me sentei ereta e avancei para pegar a camiseta outra vez, vestindo-a enquanto o alemão se ajeitava no assento ao meu lado.

Eu tinha acabado de puxá-la sobre a barriga quando ele enfiou seu celular na minha mão com uma única ordem.

— Olhe.

Calçando as Meias de Garota Crescida, dei só uma olhada no rosto dele, mas ele ainda exibia aquela mesma expressão neutra, indiferente. Olhei para o que ele estava me mostrando na tela. Era a foto de algo.

— Olhe mais de perto.

Peguei o celular e levei-o até o rosto, ampliando a imagem para ver o que ele queria me mostrar. Era a imagem de uma imagem. Bem, de um desenho, para ser mais exata. Era um pedaço de cartolina laranja com palavras grandes e pretas em uma caligrafia infantil.

Espere um segundo.

Olhei ainda mais de perto, ampliando a imagem.

Era a versão infantil da minha caligrafia.

Querido sr. Kulti,
Você é meu jogador favorito.
Eu jogo futebol tbm mais
naum sou boa como você.
Ainda. Eu treino o tempo todo
pra 1 dia ser que nem você ou
mais melhor. Assisto todos os
seus jogos então naum erre.
Sua fã número 1,
Sal
<3 <3 <3
P.S.: Vc tem namorada?
P.P.S.: Porque vc naum corta
o cabelo?

— Eu tinha dezenove anos quando isso chegou na sede do time. Foi minha terceira carta de fã na vida. As outras duas foram fotos sem sutiã — ele disse naquela voz baixa e equilibrada. — Guardei sua carta em todos os armários que usei nos dez anos seguintes. Era a primeira coisa para a qual eu olhava antes dos jogos, e a primeira coisa que eu via depois de jogar. Coloquei-a em uma moldura na minha casa em Meissen quando a tinta começou a sumir. Ainda está lá, na parede do meu quarto.

Ah, meu Deus.

— Você não colocou o endereço do remetente no envelope, sabia? Só tinha o nome da sua rua e Texas. Nunca consegui mandar uma resposta porque nunca teria chegado, mas eu teria respondido, Sal — ele continuou.

Olhar para aquela foto me fez lembrar claramente de quando eu tinha escrito aquilo há muitos anos.

Ele a tinha guardado.

— E ainda tenho as outras três que você mandou.

Se eu fosse alguém que desmaiava, ou seja lá que tipo de coisa acontecia com as pessoas quando ficavam em choque, era o que teria acontecido comigo. Isso era... Não havia palavra para descrever.

— Você sabia que era eu quando aceitou a vaga aqui? — perguntei, ainda olhando para a foto.

— Não. Não percebi até você se apresentar na sala do Gardner. Não pude acreditar. Eu sabia seu sobrenome por causa dos seus vídeos jogando, mas não seu primeiro nome — ele explicou. — Só lembrei do seu primeiro nome por causa das cartas.

Santo Deus.

— Então você sempre soube? — Minha voz falhou um pouquinho na última palavra.

— Que você, um dia, tinha sido minha fã número um? — Kulti perguntou, cutucando minha costela com força o bastante para que eu olhasse para ele. Uma expressão gentil substituiu os traços geralmente duros e taciturnos. — Sim, eu sabia. Se eu tivesse prestado atenção no primeiro dia de treino, teria percebido antes. Mas, então, você me xingou...

— Eu não xinguei você.

— ... e eu entendi que você tinha crescido. — Kulti acariciou a parte inferior das minhas costas. — Eu me orgulho muito por saber que você se tornou essa jogadora porque se inspirou em mim, Sal. É o melhor elogio que já me fizeram.

Aff.

Ele continuou falando, alheio ao meu coração que soltava fogos de artifício.

— Já me deparei com pessoas o bastante na vida para reconhecer quem quer me conhecer pela razão certa ou pela errada. Eu tenho problemas de confiança, você sabe. Levei um tempo, mas não tanto assim, para descobrir que você era alguém em quem eu poderia confiar. Eu te conheço. Sei que alguém que defende o pai e arrisca perder a carreira é alguém em quem posso confiar, alguém que posso respeitar. Lealdade é uma das coisas mais preciosas que já encontrei. Você não sabe do que as pessoas são capazes de fazer para passarem na frente, e aposto minha vida que você nunca daria as costas para alguém que precisa de você.

“Tudo o que já aconteceu na minha vida me trouxe até aqui, Sal. O destino é uma escada, uma série de degraus que nos leva até onde temos que ir. Eu sou o homem que sou, e fiz as coisas que fiz, para que eu pudesse chegar até você.”

O que se dizia em resposta a uma coisa dessas? Em resposta a um homem que tinha guardado uma carta da sua infância por metade da vida e que havia mencionado seu nome e destino na mesma frase?

Mordi a parte interna da bochecha e lancei um olhar a ele.

— Você tem certeza de que não se importa? Eu tinha o costume de beijar seus pôsteres. Pensando melhor agora, estou bem surpresa por ninguém da minha família ter dado com a língua nos dentes e dito alguma coisa.

Rey encostou a palma no meu rosto.

— Nem um pouco.



— Fiquei muito triste quando soube que vocês, meninas, perderam ontem à noite — o funcionário da recepção disse ao me entregar um passe de visitante.

Eu teria que me dar um tapinha nas costas mais tarde por não ter nem estremecido com a lembrança. De alguma forma, consegui dar de ombros, prendendo o passe na bainha da camiseta. Aquele maldito mural do Pipers e do Wreckers acima da mesa estava me provocando.

— Eu também.

— Tenho certeza de que vão ganhar ano que vem, não se preocupe — sugeriu o homem simpático, enquanto eu apoiava a bolsa no ombro para passar pela segurança e pegar o elevador.

— Espero que sim. Obrigada — eu disse a ele antes de lhe dar outro sorriso e continuar a subir a escada.

Era verdade, eu esperava mesmo que o Pipers ganhasse a próxima temporada. Isso seria ótimo para elas.

Certo, eu ficaria bem se não ganhassem, mas não ficaria chateada se ganhassem.

Pensei muito depois de conversar com Rey na noite anterior, e apesar de eu querer vomitar com a insegurança do momento atual da minha vida, percebi que eu realmente estava fazendo o que era melhor para mim ao deixar a Liga Profissional Feminina. Se dependesse de Cordero e do resto dos treinadores que não haviam pensado duas vezes em mim, eu nunca jogaria outra Copa Altus.

Ou, dane-se, nem jogaria em nada que valesse uma medalha de ouro. Por que não?

Se eu me mudasse, jogasse em outro lugar e conseguisse uma

nacionalidade...

Por que não?

Se eu me mudasse. Mas eu não me preocuparia nem perderia muito tempo pensando naquilo. As coisas aconteciam se eram para acontecer. Se não, eu pensaria em outra coisa.

O que eu estava fazendo, agora, era seguir em frente com a minha vida, e eu estava surpreendentemente mais do que tranquila com isso.

Encontrei a sala da gestora de equipamentos na metade do corredor no andar do Pipers. Ela estava lá dentro e pareceu um pouco surpresa ao me ver, mas pegou minhas coisas e disse que me veria mais tarde. Pelo visto, a notícia de que eu tinha saído não havia se espalhado.

Sem problema. Só havia mais uma pessoa que eu queria ver antes de partir, e o escritório dela ficava a duas portas dali. Sem dúvida alguma, não era Cordero. Eu não tinha interesse algum em ver aquele homem miserável de novo. Além disso, não tinha certeza se ele sabia ou não que Rey havia mentido sobre voltar ao time, e eu não queria falar sobre isso. Seu papel na minha vida tinha acabado. O alemão já me assegurara mais de uma vez que eu não precisava me preocupar. Seu dinheiro lhe dava direito a uma equipe jurídica excelente, era o que ele dizia.

Equipe jurídica. Cristo. Era nisso que eu havia me metido. Ele não tinha apenas um advogado, mas toda uma equipe jurídica. Deus.

Só se vivia uma vez, certo?

Gardner estava em sua sala com a porta aberta quando cheguei. Bati duas vezes. Ele só parecia um pouco exausto enquanto digitava no teclado. Franziu a testa quando me viu.

— Sal. Entre. — Ele acenou para que eu avançasse. — Feche a porta.

Obedeci e me sentei de frente para ele, mãos nos joelhos.

— Onde você estava ontem à noite? — ele perguntou, antes de tudo.

— Fui embora depois da partida. Desculpa. É que eu não estava no clima — expliquei, sendo honesta e analisando seus traços cansados. — Você está bem?

Ele revirou os olhos.

— A mesma ladainha de sempre do Cordero, não é nada que eu não esperasse. E você? Espere aí, o que você está fazendo aqui?

Dei um sorrisinho a ele.

— Vim deixar minhas coisas com a gestora de equipamento e me despedir.

Gardner se inclinou para a frente.

— Para onde você vai?

Aquela era a razão de eu estar ali. Eu gostava muito de Gardner, mas não queria me transformar em um caos de lágrimas.

— Vou sair do time. Meu contrato foi comprado há alguns dias. A partir da meia-noite, estou livre.

O homem, que havia me treinado nos últimos quatro anos e que em 98% do tempo tinha sido justo e compreensivo, fez parecer que eu tinha lhe dado um soco no estômago. É claro, ele tentara me deixar no banco na semifinal, mas eu sabia que não tinha sido ideia sua. Eu não me esqueceria dos quatro anos de amizade com Gardner por causa de um instante.

— Eu não entendo. Você ainda tinha um ano com a gente. Ficou com tanta raiva assim por causa da semifinal que comprou seu contrato?

Ele sabia muito bem que eu não tinha condições de comprar minha saída.

— Não estou saindo por sua causa, G. Eu juro. — Eu já tinha decidido não contar a ele sobre Cordero ter tentado me trocar, já que, sinceramente, de que adiantaria? Aquilo não importava. — É só que chegou a hora de mudar um pouco de ritmo. Cordero me odeia mais do que nunca, e metade das garotas no time... — A palavra robô ricocheteou pela minha cabeça por um segundo antes de eu pensar na nova oportunidade que eu tinha com os olhos verde-acastanhados. — Faz um tempinho que não tem sido fácil. Não posso ficar, sendo que não me respeitam.

— Caramba, Sal. — Suas mãos espalmaram a mesa. — Você não está brincando?

— Não.

Ele levou um bom tempo para finalmente dizer algo.

— Você sabe o que vai fazer agora?

Eu teria amado dizer a ele que já havia assinado com outro time. Eu teria adorado. Mas o fato era que eu não tinha. Eu não tinha ideia alguma do que faria.

— Não sei ainda, mas não é o fim. Só quis dar uma passada e agradecer

por tudo. Vamos manter contato. Boa sorte. Amei trabalhar com você, e te acho uma ótima pessoa. — Ergui os ombros e deixei-os cair. — Prometa que vai me enviar e-mails nem que seja só para reclamar das garotas?

Mais tarde, eu me daria conta de que Gardner havia aceitado tudo aquilo tão bem quanto Marc, ou seja, mal pra cacete. Foi assim mesmo que ele aceitou as notícias: nem um pouco bem.

Ele prometeu manter contato e me desejou o melhor como sempre. Foi a última coisa que dissemos um ao outro antes de eu sair da sala dele.

Dei dez passos antes de uma voz feminina gritar: — Sal! — E Sheena saiu correndo da sala do auxiliar técnico onde estivera um segundo antes.

— Oi, Sheena — cumprimentei-a.

— Ei, oi. Desculpa ter vindo correndo, mas queria falar com você antes de você ir embora. Está indo embora, não está? — Assenti, não sabendo se ela estava falando sobre ir embora do time ou do prédio. — Então não vou tomar muito do seu tempo, mas essas fotos apareceram ontem à noite, suas e do sr. Kulti depois do jogo. Não são nada boas...

— Desculpa, Sheena. Não quero interrompê-la, mas — dei um sorriso tenso a ela — não importa. As fotos não importam.

— Não são nada boas, Sal. Eu conheço a liga, e logo vão ligar para Cordero e reclamar, se já não tiverem feito isso — ela explicou. — É muito provável que vão querer uma declaração sua se desculpando...

Me desculpando? Balancei a cabeça.

— Não. Eu não vou fazer isso, e eles não podem me obrigar.

— Mas...

— Não. — Meu Deus, eu estava parecendo Rey. — Não vou me desculpar. — Logo ela descobriria o porquê. Enquanto isso... — Tenho uma pergunta rápida para fazer. O que aconteceu com aquele vídeo da coletiva de imprensa que você ia publicar? Você nunca me disse mais nada sobre aquilo.

Pela expressão dela, parecia que queria continuar falando sobre as fotos de nós dois, mas, em vez disso, decidiu responder à minha pergunta: — Nós não publicamos. O sr. Kulti tinha a palavra final, e ele nos mandou arquivá-lo. Ele disse que seria humilhante para você, então não quis publicar. Achei que você soubesse. Ele comprou a gravação dos canais de notícia para que

ninguém pudesse fazer nada.



Trecho da transcrição da coletiva de imprensa [Abril passado]

REPÓRTER DA KCNB: Srta. Casillas, como se sente tendo um jogador como Reiner Kulti treinando seu time nesta temporada?

CASILLAS: Eu acho ótimo. Ele é o melhor jogador de futebol do mundo. A forma como lida com a bola é fantástica, seus passes improvisados são inacreditáveis, a força por trás dos chutes é incomparável, e ele é um ótimo penetrador. Temos muitas garotas no time que poderiam... Eu acabei de falar penetrador?

REPÓRTER DA KSXN: Falou.

CASILLAS: [silêncio] Isso é permitido na televisão? Essa palavra? Eu posso falar isso?

REPÓRTER DA KCNB: Acho que não podemos usá-la.

CASILLAS: Eu sinto muito. Mesmo. Acho que nunca usei essa palavra na minha vida. Talvez eu tenha levado boladas demais na cara... caralho, eu acabei de... Ah, meu Deus. Usei um palavrão e disse que levei um monte de boladas na cara na mesma frase. Eu não...

GARDNER: [caindo no riso] Sal...

CASILLAS: Eu vou calar a boca agora.



— Vamos tomar café pela manhã? — meu pai perguntou. Tínhamos acabado de sair para jantar bem tarde, depois de uma tarde na minha casa.

Assenti.

— Sim. Prometo.

Meu pai me olhou seriamente.

— Você me liga se ficar sabendo de algo pela sua agente?

Eram dez horas da noite. Eu duvidava muito de que ela me ligaria antes da manhã seguinte, mas fiquei de boca fechada. Meu pai parecia mais nervoso do que eu em relação a tudo, agora que a temporada tinha acabado, e eu não quis colocar lenha na fogueira. Um de nós com indigestão já era ruim o bastante.

— Prometo.

— Tudo bem. — Ele me deu um sorriso. — Vejo você pela manhã, então. — Mais um abraço e ele assobiou para onde Rey estava parado ao lado do carro deles, conversando com a minha mãe enquanto Ceci esperava lá dentro, o brilho do celular iluminando seu rosto. — *Amor, ¿estás lista?*

Minha mãe teve que revirar os olhos, considerando que era ela quem tinha passado os últimos cinco minutos esperando por ele no carro.

— *Ya vamonos. Salomé, dame un abrazo.*

Rindo baixinho, caminhei até ela e lhe dei o abraço que tinha acabado de exigir, batendo na janela para acenar para Ceci. Pude ver minha mãe e meu pai discutindo lá dentro e, um segundo depois, a janela do lado do motorista desceu talvez dois centímetros. Tenho quase certeza de que as palavras “Tchau, Kulti” foram murmuradas um segundo antes de a janela ser fechada de novo e meu pai tirar o carro do estacionamento.

— Acho que meu pai disse tchau para você — falei, rindo.

O alemão exibia um sorrisinho no rosto.

— Acredito que sim.

Meu pai não lhe dissera palavra alguma durante o jantar, usando-me como pombo-correio para lhe fazer perguntas. Ele era doido, caramba.

— Neste ritmo, ele vai apertar sua mão daqui a uns seis meses e perguntar como você está daqui a um ano.

— Não estou com pressa — ele disse, dando-me um empurrãozinho.

Empurrei-o de volta.

— *¿Listo?* — perguntei, em espanhol, se ele estava pronto. O Audi estava estacionado a duas fileiras dali.

— *Sí.* — Ele assentiu, pegando minha mão.

Ele falando espanhol... Santo Deus. Eu nunca me cansaria daquilo.

Caminhamos até o carro e entramos na parte de trás. O motorista devia tê-lo ligado assim que saímos do restaurante, porque ali dentro estava fresco e confortável. Rey deslizou logo depois de mim, apoiando um braço ao redor do meu ombro. Inclinei a cabeça para sussurrar: — Estou curiosa, quando você pode entrar com um pedido para recuperar a habilitação?

— Daqui a dois meses — ele respondeu, olhando para mim.

— Você vai tirar uma nova?

Rey ergueu só um ombro.

— Se estivermos aqui.

Se estivermos aqui. A união em sua frase fez um arrepio percorrer minha espinha. Duas semanas antes, eu teria dado risada se alguém me dissesse que eu estaria sentada na parte de trás do Audi de Rey com o braço dele ao meu redor, conversando sobre ele ir comigo para outro país. Mas ali estávamos, e tudo aquilo me fazia me sentir tão descrente que não encontrei forças para continuar lutando.

— Você vai mesmo comigo? — perguntei. — Mesmo se eu acabar na Polônia?

— Você não vai acabar na Polônia, mas, se acabasse, sim, eu ainda iria com você. — Ele me deu um empurrãozinho.

— E o que você vai fazer? Não quero que fique entediado nem que me odeie...

— Posso fazer o que eu quiser. Aproveitei a minha carreira e nada me deixaria mais feliz do que te ver aproveitar a sua. Entendido? — Rey ergueu as sobrancelhas grossas e castanhas para mim, enquanto a mão deslizava para baixo até alcançar minha coxa exposta. — Não sei como eu ficaria entediado se vou ter que te impedir de arranjar brigas o tempo todo.

— Ah, faça-me o favor. — Eu ri.

— Você é uma encenqueira, *schnecke*. — Ele sorriu. Os calos ásperos na ponta dos dedos roçaram meus joelhos quando Kulti se acomodou no assento para ter um alcance melhor.

Revirando os olhos, balancei a cabeça.

— Tanto faz. Eu só quero que você seja feliz. Acho que vou conseguir lidar com seus problemas...

— Você pode e vai — ele me interrompeu, desenhando uma linha pela minha canela com a ponta dos dedos. Todo o corpo dele estava angulado na minha direção.

Eu mal consegui me impedir de revirar os olhos.

— Mas quero ter certeza de que você consiga lidar com os meus.

Aqueles olhos cor de pântano pareceram me engolir por completo. Seus dedos foram parar na minha panturrilha, apertando o músculo de leve. Sua grande mão massageou minha panturrilha mais uma vez.

— Não tem nada que eu não esteja disposto a fazer por você.

De repente, fiquei muito grata por ter vestido um dos meus shorts mais arrumadinhos em vez de uma calça jeans. Estremeci, arqueando as costas sem nem perceber. Era Kulti quem deixava meu peito apertado. Era dele o rosto que parecia tanto me fazer gritar de raiva quanto, dentro de dias, fazer com que eu estivesse vivendo um sonho.

— Sal — ele falou devagar em um ruído baixo, tirando-me da minha admiração silenciosa. Sua mão subiu pela minha perna outra vez direto até a coxa, erguendo devagarinho o tecido do short para acariciar a pele. Kulti apertou a parte carnuda e musculosa do meu tendão antes de me girar para a frente no assento para que seus dedos pudessem deslizar ainda mais fundo nos confins da minha parte íntima.

Sibilei quando as pontas dos dedos passaram pelo meu traseiro, mergulhando sob o algodão encharcado da calcinha.

— Rey, espere.

— Não — ele disse, brincando com o cós. — Esperei tempo o bastante.

— Seu motorista pode nos ouvir — sussurrei, consciente demais do homem sentado a um metro de distância.

Ele soltou um resmungo que interpretei como aceitação até sua boca cobrir a minha, um gemido profundo ressoando em seu peito. Lábios quentes e úmidos deslizaram pelos meus entreabertos enquanto ele agarrava minha perna com força. Não tinha fim. Sua boca era o Oceano Pacífico — enorme, escura, ampla e muito, muito fácil de se perder ali. Os barulhinhos satisfeitos que ele fazia me puxavam para ainda mais fundo dentro de seu oceano.

Ele se afastou por um momento, passando a língua quente no meu lábio, e usou a mão para segurar a largura da minha coxa, afastando as pernas.

— Ele está de fone de ouvido — Kulti falou na minha pele, pressionando aqueles dentes perfeitos e retos contra mim. Escorregou os dentes pela curva da minha mandíbula e pela coluna da minha garganta, onde ele fez uma pausa e deu uma mordidinha de leve.

Inspirei fundo e me afastei um pouquinho, consciente do motorista que parecia estar cuidando da própria vida, mas...

— Rey, eu só tomei banho hoje cedo. Provavelmente estou fedendo.

Ele me deu uma cheirada rápida que me deixou arrepiada, a ponta de seu nariz roçando meu pescoço.

— Não está, não. — Eu poderia jurar que a ponta da sua língua havia tocado a minha pele.

Ah, caramba.

Meus quadris se moveram sozinhos para a frente no assento, em busca de sua mão, sua virilha, tudo e qualquer coisa, enquanto Kulti descia para morder onde meu pescoço e ombro se encontravam.

— Eu preciso de você, Sal.

Jesus Cristo. Santo Deus, que droga. Não consegui evitar e dei uma olhada no motorista.

Rey deu uma mordida no meu lóbulo.

— Ele não está escutando. — A mão que estivera na minha coxa deslizou para cima e debaixo do meu short tão rápido que não tive nem chance de me preparar mentalmente para o dedão acariciando minha fenda através da

calcinha. Sua boca cobriu a minha de novo, sugando meu lábio inferior entre os seus enquanto um dedo esfregava o tecido que cobria o clitóris. Rey emitiu um barulho com a garganta ao deslizar um dedo sob a calcinha e roçar aqueles lábios com a parte de trás do dedo. Fez aquilo uma, duas, três vezes. Eu sabia que estava excitada, muitíssimo excitada, apesar de ter completa noção de onde estávamos.

Ele acariciou meus lábios inferiores uma última vez, deslizando o dedo para fora da calcinha. Com os olhos nos meus, Rey levou os dedos até a boca. Aqueles olhos castanho-esverdeados estavam focados nos meus enquanto ele lambia os dedos indicador e médio sem pressa. Um sorriso se arrastou pelo seu rosto.

— Vou ter que provar de novo. — Ele lambeu os dedos outra vez.

Eu estava prestes a ter um ataque cardíaco.

O carro chegou à minha garagem, e, assim que estacionou, Rey colocou minhas roupas de volta no lugar, logo antes de entrelaçar os dedos nos meus e me puxar para fora. Minhas chaves foram entregues a ele para destrancar a porta. Mal tínhamos entrado quando ele se inclinou para fundir seus lábios macios no meu, beijando-me com delicadeza. Ele se elevava sobre mim. As mãos agarravam meus quadris ligeiramente, dedões pressionando meus ossos.

— Eu te quero — ele murmurou contra minha boca. — Mais do que jamais quis algo... — Ele beijou a beira dos meus lábios. — Você tem certeza de que quer isso? — perguntou, pressionando os lábios outra vez no meu pescoço.

Se eu tinha certeza de que era mulher? Ou de que gostava de dias ensolarados e de morangos cobertos com muito chocolate?

Arqueei o corpo contra ele.

— Tenho.

— Mesmo? Você entende no que está se metendo? — Ele deu outra mordida no meu pescoço que me fez estremecer em seus braços.

Se eu entendia que nada jamais seria igual? Que eu provavelmente estava abrindo mão da minha privacidade e da vida que eu conhecia se aquilo — nós — não entrasse em combustão?

Sim, eu sabia. Mas sabia que o amava, e eu não entregava meu coração

aos outros levianamente. Como ele tinha dito, a vida dera um jeito de nos trazer até ali. Então por que eu deveria, agora, começar a contagem regressiva?

Mais importante do que isso, eu sabia que ele tinha feito tudo o que eu poderia querer de alguém que eu amava. Ele me protegia, me apoiava, entregava-se e esforçava-se. Era leal. Não se jogava fora algo assim, mesmo se não fosse perfeito nem fácil. Por mais cafona que soasse, as melhores coisas não eram baratas nem descomplicadas. Eu não comia *fast-food* porque eu sabia que, em vez disso, poderia ir para casa e fazer uma refeição nutritiva. Eu poderia fazer apenas exercícios de cárdio, mas queria que meu corpo estivesse sempre na melhor forma possível, então eu variava nos treinos. Por que não seria o mesmo com o amor?

— Eu sei, Rey — disse, enrolando os braços ao seu redor.

Ele se endireitou e me deu o olhar mais intenso que recebi na vida.

— Isso não é temporário.

Ah, caramba.

Algumas pessoas não achavam possessividade atraente. Meu último namorado tinha sido o cara mais confiável e sereno que eu já tinha conhecido. Mas as palavras que saíam da boca de Rey... Era como se eu estivesse entregando parte da minha alma para aquele homem que estava reivindicando tudo e nada.

No que pareceu meio segundo depois, estávamos no meu quarto, e ele puxava minha camiseta para cima.

— Me deixa tomar um banho antes — eu pedi.

Ele balançou a cabeça, já passando a língua e os dentes pelo volume dos meus seios. Ele sugou os mamilos sobre o tecido macio do sutiã normal que eu tinha vestido enquanto sua mão empurrava meu short e minha calcinha até os joelhos. Rey me tocou entre as pernas, gemendo profundamente enquanto abria o fecho do sutiã para soltá-lo, expondo meus seios.

— Você está tão molhada. — Seus dedos deslizaram pelos meus lábios íntimos antes de abri-los com delicadeza. Rey gemeu, levando-nos até a poltrona grande que eu tinha no canto do quarto. Ele se sentou primeiro, então, acomodou-me em seu colo com as costas viradas para seu peito. Terminou de chutar a parte inferior da minha roupa para baixo e para longe,

jogando cada uma das minhas pernas sobre os próprios joelhos abertos. Beijos salpicaram meu pescoço, intercalados com carícias de sua língua. — Minha Sal — ele murmurou, escorregando as mãos ásperas pela parte interna das minhas coxas. Cada vez indo mais longe, mais devagar, lembrando-me de que eu estava toda exposta ao frio do ar-condicionado. Os movimentos simples e calmos de suas mãos foram o bastante para me deixar excitada a ponto de arfar com ansiedade. O fato de que ele não estava apressando as coisas era como eletricidade pura nas minhas veias.

Minha voz estava a milhões de quilômetros de distância, perdida em uma galáxia que ainda não tinha sido descoberta.

Rey emitiu um barulho suave na minha orelha ao passar as mãos de novo e de novo sobre minhas coxas. Uma, duas. Cada passada alternando entre mais perto e mais longe de onde eu mais o desejava. Então, ele foi em frente. Com uma passada elevada da mão direita, desviou para escorregar a parte carnuda da palma sobre o conjunto sensível de nervos entre minhas pernas e deslizou o dedo médio fundo dentro de mim.

— Rey!

Sua resposta foi um gemido bem na minha orelha, seu hálito quente soprando na lateral do meu rosto. Aquele dedo entrou e saiu devagar, deixando a palma me pressionar com força a cada movimento para baixo. Seus lábios sugaram a pele fina do meu pescoço, fazendo meu traseiro empinar. Seus dedos se curvaram dentro de mim, e eu gemi.

Rey deslizou outro dedo para uni-lo ao primeiro, pressionando tão fundo quanto podia. Curvou os dedos de novo e tocou algo que fez minhas pernas tremerem.

— Está gostando?

— Sim, sim. — Meus quadris se contorciam para acompanhar o movimento. Era demais, mas eu ainda queria mais, e pelos sons que ele estava fazendo, Kulti também queria.

— Você está escorrendo nos meus dedos, Sal. Encharcando minha calça — ele gemeu.

Tentei afastar os quadris, mas ele rapidamente enrolou um braço ao redor da minha cintura e me segurou contra si, sua ereção orgulhosa e impressionante como uma tora contra meu traseiro e costas.

— Não, fique. Estou amando. — Sua pélvis se ergueu contra mim, dizendo-me exatamente o quanto estava amando. Depois de mais algumas passadas lentas, sua mão começou a me golpear rapidamente, os dedos pressionados naquele lugarzinho mágico com tanta força que tive dificuldade para respirar. — Assim mesmo. Eu quero você exatamente assim.

— Ah, meu Deus!

— Está bom? — ele perguntou, ganhando um aceno breve. O som molhado de Kultu entrando e saindo de mim rapidamente preencheu o cômodo. Ele gemeu, movendo os dedos ainda mais rápido, fazendo-me gritar ainda mais alto com a sensação estranha e eufórica que crescia no centro do meu corpo. — Eu quero você por toda a minha mão. Eu sei que você consegue — ele disse, sugando o lóbulo da minha orelha.

Eu não conseguia recuperar o fôlego. Eu corria quilômetros e mais quilômetros todos os dias desde criança. Minha resistência era algo de que eu me gabava, mas com os movimentos dos dedos dele e a maneira como pressionava meu ponto G, não consegui nem pensar se aquilo era o paraíso ou não. Quando o formigamento aumentou, arqueei-me contra ele e arfei.

Do nada, o orgasmo mais explosivo e delicioso da minha vida assumiu o controle, me deixando cega, fazendo-me gritar com a voz rouca algo que era blasfemo em uma dezena de religiões.

Rey gemia atrás de mim, esfregando os quadris magros contra meu corpo. Ele arrulhou algo muito, muito melodioso em alemão ao aconchegar o nariz no meu pescoço.

Eu arfava, meu interior latejando quase de maneira violenta ao redor de seus dedos. A porcária do meu abdômen se contraía, e tive câimbras.

— Ah!

Ele emitiu um “Humm” com a garganta antes de fechar nossas pernas em um único movimento. Seus dedos deslizaram para fora antes de mover meu corpo para que eu ficasse toda mole e deitada de lado em seu colo. Pude ouvi-lo respirar alto enquanto a boca descia sobre a minha, beijando-me docemente nos lábios. Sua língua explorou cuidadosamente o interior da minha boca. A mão segurou meu ombro antes de enfiar os dedos sob a alça frouxa do sutiã, nossos beijos só se desmanchando por tempo o suficiente para ele tirar a peça toda.

Os beijos lentos e profundos de língua contra língua consumiram o tempo. Ternos e sem pressa, pareciam não ter fim; suas mãos acariciavam e desenhavam círculos preguiçosos nas minhas costas nuas. Quase na mesma hora, sua respiração acalmou, a boca se afastando da minha. Aqueles lindos olhos pesados estavam em mim, estudando meu rosto, meu pescoço e, então, desceram até o peito, barriga e quadris expostos. Rey balançou a cabeça enquanto lambia os lábios. Sua mão acariciou meu ombro antes de ir até meu seio e mamilo. Ele cantarolou, roçando a parte de trás do dedo sobre meu mamilo outra vez.

— Estava esperando isso há uma eternidade.

— Eu te amo muito. — As palavras saíram da minha boca, firmes e determinadas. E verdadeiras. Eram muito, muito verdadeiras.

Senti meu rosto esquentar sob seu olhar intenso. As palavras de Kulti eram ouro, e não me importei de ele não ter dito nada em resposta. Em vez disso, seus olhos eram como lasers, escaneando cada centímetro da minha pele exposta — tudo. Suas mãos eram gentis e lentas ao me acariciarem, roçando as diversas e diminutas cicatrizes, quase invisíveis, que eu tinha nas coxas e nos joelhos por causa dos anos jogando futebol e simplesmente sendo criança.

Ele devia ter compreendido, porque me acariciou com ainda mais respeito, espremendo minhas coxas em suas mãos grandes, palavras impensadas em sua língua materna escapando-lhe da boca. Deslizou as mãos pelos meus quadríceps e sobre o osso do quadril. Roçou os dedos pela minha barriga, meu umbigo. Sua palma subiu para envolver meu seio, levando-o até seu rosto, e, em um piscar de olhos, seus lábios bruscamente sugaram meu mamilo outra vez. A outra mão massageava meu quadril.

Tudo meio que ardeu em chamas naquela hora. Comecei a me esfregar contra sua coxa dura, e, em algum momento, ele me ergueu sem esforço e me colocou no meio da minha cama queen size. Deitou-se sobre mim enquanto eu tirava sua camisa rudemente e a jogava de lado. Reiner Kulti sem camisa era provavelmente a coisa mais magnífica que eu já tinha visto, mas Reiner Kulti sem camiseta e em cima de mim era o bastante para me fazer ovular na mesma hora. Sua pele estava rígida e quente enquanto eu deslizava a palma pelos seus peitorais e ele mordiscava meu pescoço. Minhas mãos se moviam como se tivessem desafivelado e desabotoado centenas de cintos no passado.

Em um piscar de olhos, empurramos a calça dele para longe dos quadris, e eu segurei sua ereção enorme através do tecido fino da cueca boxer cor de jade. A boca molhada de Rey fez uma trilha de beijos pelo meu peito enquanto chutava a cueca das pernas.

Seu pau comprido balançou quando ele se ajoelhou sobre mim, um tom fascinante e profundo de rosa, vermelho e roxo. Em toda sua glória, Rey era linhas de músculo, um pau duro e grosso, coxas fortes e musculosas que me contavam a história a respeito de qual tinha sido seu segredo para se tornar um dos melhores jogadores do mundo.

Ele era perfeito.

— Você toma anticoncepcional, não é? — ele sussurrou antes de se apoiar nos cotovelos para me prender entre os bíceps largos.

Pressionei a boca contra a dele, sugando aquele lábio inferior volumoso que eu havia observado inúmeras vezes no passado.

— Sim.

Ele gemeu, beijando-me com vigor, movendo a boca um segundo depois para sugar meu lóbulo. Sua ereção pesava na parte interna da minha perna, aquela cabeça contundente e molhada empurrando meus lábios inferiores.

— Não faço isso desde que parei de beber — ele disse, baixinho.

Um ano? Eu era uma pessoa muitíssimo possessiva. Não queria pensar nele com mais ninguém, nunca, mas acho que eu não poderia reclamar sobre sua inatividade. Acho. Mas um ano? Era quase difícil de acreditar — quase. Se fosse qualquer outra pessoa me dizendo aquilo, talvez eu não acreditasse, mas eu sabia que Rey não mentiria para mim.

Eu também entendia o que ele estava me dizendo. Todos nós éramos testados para todas as doenças possíveis quando a temporada começava, inclusive os treinadores. Além disso, Deus era testemunha de que não havia nada com o que Kulti se preocupar.

Seus quadris dispararam para cima, esfregando o comprimento pela abertura da minha fenda. Também me arqueei, amando a sensação de sua pele quente e macia. Enrolar as pernas frouxamente ao redor de suas coxas deve ter sido uma resposta boa o suficiente, porque ele sorriu ao descer os quadris estreitos entre os meus.

Rey me beijou profundamente, sua língua contra a minha enquanto ele se

alinhava. Centímetro a centímetro, pressionou-se para dentro, o pau grosso distendendo o caminho pela frente. Ele gemeu mais alto do que eu, tendo que se empenhar para entrar fundo em mim.

— Sal, Cristo — ele resmungou, olhando para baixo na direção onde estávamos conectados.

Não pude evitar e também olhei para nós. A faixa de pelo escura, um tom mais escuro do que o cabelo, colidiu contra mim; do escuro ao macio, a base grossa de seu pau quase imperceptível ao me penetrar. Rey avançou para a frente, beijando-me com delicadeza ao deslizar até o fim. Gemi em sua boca enquanto ele saía completamente antes de ir fundo outra vez.

Sua mão segurou minha bochecha, tocando-a de um jeito quase rude. Aqueles olhos castanho-esverdeados estavam cheios de algo que não consegui reconhecer. Seus quadris ondulavam pesados, o peso pressionando-o com força contra mim, golpeando, preenchendo; o som da nossa pele se encontrando era o som mais erótico do mundo. Os olhos de Rey estavam constantemente nos meus, sua mandíbula tensionando a cada impulso.

Aqueles seus golpes desesperados, nada refinados, dentro de mim continuaram, mais e mais rápidos. Carne dura atingindo pele molhada. Ele começou a suar, as costas úmidas sob meus dedos. Percorri as mãos pelas suas costas e pelo traseiro pelo qual eu sempre tinha sido obcecada, apertando-o, agarrando-o e puxando-o para dentro, mesmo não havendo mais espaço para ele se mover. Seus pelos pubianos eram viçosos contra mim ao mover os quadris, fazendo-me gemer.

Eu o queria todo. Cada centímetro de comprimento, cada centímetro de largura, sua circunferência e seu calor. Eu queria cada golpe forte que tentava trazê-lo para dentro de mim.

Então, gozei. Gemi tão alto que tenho certeza de que se alguém estivesse parado do lado de fora, teria me ouvido. Rey mordia o lábio e gemia enquanto um orgasmo percorria minha espinha e a parte inferior do corpo, espremendo seu longo comprimento.

— Eu preciso gozar — ele arfou.

Quem era eu para discutir? Arqueei-me para cima e beijei-o, e continuei beijando-o enquanto os impulsos se tornaram frenéticos e rasos, até que, então, ele entrou até o fim e ficou lá, pulsando e gemendo alto contra minha boca.

Ficamos daquele jeito por uma eternidade, ele por cima, dentro de mim, seu corpo quente, suado e perfeito. Levei uma eternidade para recuperar o fôlego, mas acariciei todos os músculos definidos e perfeitos naquele meio-tempo. Pressionei os lábios contra as partes de seus ombros que eu conseguia alcançar e massageei suas costas. Assim que a respiração dele se estabilizou, eu estaria mentindo se dissesse que não fiquei surpresa com o quão cansado Kulti estava. Enrolei os braços ao seu redor e lhe dei um abraço. Ele ergueu a cabeça apenas o bastante para me dar alguns selinhos na boca e na bochecha, mas não foi até ele se afastar ainda mais que meu coração alçou voo. Ele estava dando o maior sorriso que vi na vida, e aquilo me tocou profundamente.

Meu pobre coração não sabia que era capaz de amar tanto. Eu não deixaria meus medos levarem a melhor. Eu tinha apenas uma vida, e se não a aproveitasse ao máximo, então qual seria o sentido? Eu havia recebido um punhado de coisas boas pelas quais era grata, e não desperdiçaria aquele novo presente. Eu nunca havia me considerado uma pessoa ingrata.

Então disse a ele as palavras que pareceram mais reais do que tudo enquanto acariciava a parte inferior de suas costas, repetindo o que eu tinha dito momentos antes: — Eu te amo, Reninha.

Aquele sorriso do tamanho do sistema solar se manteve firme, mas a emoção em seus olhos quadruplicou.

— Eu sei.

Babaca arrogante.

— Sabe?

Ele beijou o cantinho da minha boca.

— *Ja*. — Rey beijou o outro lado. — Você sempre amou.

Bufei.

— Você não tem como afirmar que *sempre*...

— Não. Sempre — ele insistiu.

— Você nem sempre se importou comigo, e posso viver com isso.

— Você é uma pessoa melhor do que eu, e nunca amei nada do jeito que te amo, *schnecke*. Eu diria que estamos conectados — ele argumentou. Seu sorriso era suave, e a pele, brilhante e corada. — Esperei todos os dias da

minha vida por você. Sua honestidade, sua lealdade — ele pontuou cada uma das minhas características com um beijo em uma parte diferente do rosto, o que me fez sorrir como a porcaria de uma idiota. — Sua competitividade, sua impetuosidade, sua bondade e este corpo... Eu faria qualquer coisa por você. Mentir, trair e roubar. Não há nada que eu não faria. Entende?

Eu não entendia. Pelo menos, não completamente. Não tinha muitos problemas de autoestima, eu me aceitava, o que não era algo ruim, imaginei. Nunca quis virar uma babaca arrogante.

Eu poderia amar um babaca arrogante, mas não queria ser uma.

— Mais ou menos — respondi com honestidade. — Você não vai mesmo ficar no Pipers na próxima temporada?

— De jeito nenhum. Vou ficar com você.

— Mas você nem sabe para onde eu vou — lembrei-o de novo com a menor quantidade de pânico que consegui.

— Não importa. Você vai a algum lugar, e não vai sozinha — ele me assegurou.

Soltei um longo suspiro e curvei os dedos do pé contra o pelo de suas pernas, fazendo-o pular.

— E a sua casa aqui?

Rey me deu outro beijo, ignorando o que eu estava fazendo.

— Vou vendê-la.

Soltei um ar trêmulo que não consegui esconder no seu pescoço.

— Estou um pouco assustada.

— Não fique.

— Não consigo evitar.

— Lembra-se daquela pergunta idiota que você me fez no carro? Sobre o que aconteceria quando você não pudesse mais jogar futebol? — Ele não esperou nenhuma resposta. — Nada aconteceria. Teríamos uma aventura diferente pela frente. Você é minha melhor amiga, meu amor, minha colega de time e minha parceira. Você sempre vai fazer parte do meu time onde estivermos, não importa o que estejamos jogando.

Para um homem que não falava muito, ele realmente mergulhava de cabeça quando tentava. Jesus Cristo. Lágrimas surgiram nos meus olhos, e não consegui nem me importar em piscar para afastá-las.

— Acho que vamos dar um jeito em tudo, não é?

Ele assentiu.

— Não vou te deixar desistir.

Sorri para ele logo antes de puxar o pelo de sua perna novamente, conquistando um resmungo dessa vez.

— Eu nunca desisti de nada. Não planejo começar agora.

EPÍLOGO

News

KULTI ANUNCIA APOSENTADORIA

A atacante Salomé Casillas Kulti anunciou sua aposentadoria na última quarta-feira. Depois de seis anos na Liga Feminina de Futebol Europeu, três títulos e uma Copa Altus conquistada com a Alemanha, a capitã e atacante do CS Frankfurt vai pendurar as chuteiras de vez.

"Está na hora", a expatriada de 34 anos explicou. "Fiz o que eu queria ter feito, e estou pronta para dar o próximo passo na minha vida."

Especulações sobre sua possível aposentadoria cresceram depois do último título do CS Frankfurt, quando ela foi vista saindo de campo mancando. Suas lesões foram muito bem documentadas ao longo da carreira, mas ela sempre conseguiu se recuperar. Antes de entrar para a LFFE, jogou pela

seleção nacional americana e passou quatro anos no Pipers, time da Liga Profissional Feminina, em Houston, dando ao time um título. Casillas Kulti é conhecida não só pelas suas habilidades no futebol como também pelo seu relacionamento com o ícone aposentado do futebol mundial, Reiner Kulti. Casados há cinco anos, o casal nunca fez segredo quanto a se apoiarem. É notável a assiduidade perfeita de "O Rei" em todos os jogos dela, e sempre é visto vestindo a camisa da esposa. É o segundo casamento de Reiner Kulti e o primeiro de Casillas Kulti. Desejamos aos dois tudo de melhor com seus planos de começar uma família.

OBRIGADA!

Muito obrigada por ler!

*Se você gostou de Kulti, por favor,
considere deixar uma resenha na Amazon.*

*Por favor, também comente com seus amigos,
recomende este livro ou escreva uma resenha em
seu blog, Facebook e Twitter.*

AGRADECIMENTOS

Eu não poderia terminar este livro de outra maneira, se não agradecendo a todos que tornaram *Kulti* possível.

Aos meus leitores, eu queria dar um abraço enorme em todos vocês pelo incentivo e pela quantidade gigantesca de amor que dão a mim e a minha escrita. Vocês me inspiram a ser melhor todos os dias, principalmente quando olho para um documento e me pergunto o que diabos estou fazendo. Sou eternamente grata. Obrigada pelo seu tempo.

O “obrigada” mais especial do mundo vai para Amanda Brink, por seu amor, amizade, apoio e olhos de águia. Não sei nem por onde começar a dizer o quanto sou grata por tudo o que você faz por mim, então espero que você já tenha alguma noção. *Kulti* não seria *Kulti* sem você. Grace Borg, Gabriella West e Dell Wilson, obrigada por tudo. Jasmine Green, que fez o design da capa original, você sempre acerta em cheio o que imagino. Jeff Senter, da Indie Formatting Services, muito obrigada por aceitar meu livro no último segundo.

Também agradeço a Jane Dystel, Rachel Stout e Lauren Abramo, da Dystel & Goderish, por todo seu trabalho me ajudando a ter sonhos que nunca havia considerado antes.

Para minha família Zapata, Navarro e Letchford, obrigada a todos por sempre me apoiarem tanto e por se gabarem para todos seus amigos sobre minha escrita, ha ha. Vocês são as melhores famílias que uma garota poderia querer.

Meu Ursinho: tudo sempre volta a você. Eu não sei onde eu estaria agora se não fosse pelas suas palavras infames: “Simplesmente peça demissão e escreva”. Você é meu maior apoiador (meus pais talvez briguem com você pelo título), meu melhor amigo, meu agente, meu colega de time e meu consultor em todos os assuntos. “Obrigada por me manter viva.”

Por último, mas não menos importante, aos meus dois melhores amigos no mundo, Dorian e Kaiser. Nenhum personagem jamais amará outro personagem tanto quanto amo vocês dois.



Se alguém perguntasse a Jasmine Santos como ela descreveria os últimos anos de sua vida em uma única palavra, ela, definitivamente, usaria uma com quatro letras. Depois de dezessete anos e incontáveis promessas e ossos quebrados, ela sabe que as portas para competir na patinação artística estão começando a se fechar. Mas a oferta mais incrível de sua vida surge por meio de

um cara arrogante e idiota que ela passou a última década desejando poder lançar na direção de um ônibus em movimento. Então, Jasmine compreende que precisará reconsiderar tudo.

Inclusive Ivan Lukov.



Vanessa Mazur sabe que está fazendo a coisa certa. Não deveria se sentir mal por pedir demissão. Trabalhar como assistente/governanta/fada madrinha do melhor ponta defensivo da Organização Nacional de Futebol Americano sempre foi algo temporário. Ela tinha planos, e nenhum deles incluía lavar cuecas extragrandes por mais tempo do que o necessário.

Mas, quando Aiden Graves aparece à sua porta querendo que ela volte, Vanessa fica completamente chocada.

Por dois anos, o homem conhecido como a Muralha de Winnipeg não se deu ao trabalho de lhe desejar bom dia ou lhe dar os parabéns no seu aniversário. Agora? Agora ele estava pedindo o impensável.

O que se diz para um homem que está acostumado a conseguir tudo o que quer?



Se alguém já disse alguma vez que ser adulto é fácil, não é um adulto há tempo suficiente.

Diana Casillas admite: durante metade do tempo, ela não sabe o que diabos está fazendo.

Ter conseguido passar pelos últimos dois anos sem matar alguém não foi nada menos que um milagre. Ser adulta não deveria ser tão difícil assim.

Com uma casa nova, dois garotinhos que herdou da maneira mais dolorosa possível, um cachorro gigante, um emprego que ela geralmente adora, mais família que o suficiente, e amigos, ela tem quase tudo que poderia pedir. Exceto um namorado.

Ou marido.

Mas quem precisa de um ou de outro?

Top 10 mais vendidos da Amazon
Finalista do Goodreads Choice Awards 2017 na
categoria Romance

Editora Charme

Entre em nosso site e viaje no nosso mundo literário.

Lá você vai encontrar todos os nossos
títulos, autores, lançamentos e novidades.

Acesse [Loja Editora Charme](#)

Além do site, você pode nos encontrar em nossas redes
sociais.

[Facebook](#)

[Twitter](#)

[Instagram](#)

[Tik Tok](#)